

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



MARIA
ROSA MYSTICA.
EXCELLENCIAS, PODERES,
E MARAVILHAS DO SEU ROSARIO:

COMPENDIADAS

EM TRINTA SERMOENS ASCETICOS, E PANEGYRICOS,
fobre os dous Evangelhos desta Solennidade, Novo, & Antigo:

O F F E R E C I D O S

A' SOBERANA MAGESTADE DA MESMA

SENHORA,

Pelo P. ANTONIO VIEIRA,
DA COMPANHIA DE JESU, EM CUMPRIMENTO
de hum Voto, feito, & repetido em grandes perigos da Vida, de
que por sna immensa Benignidade, & poderosissima Inter-
cessão sempre sahio livre.

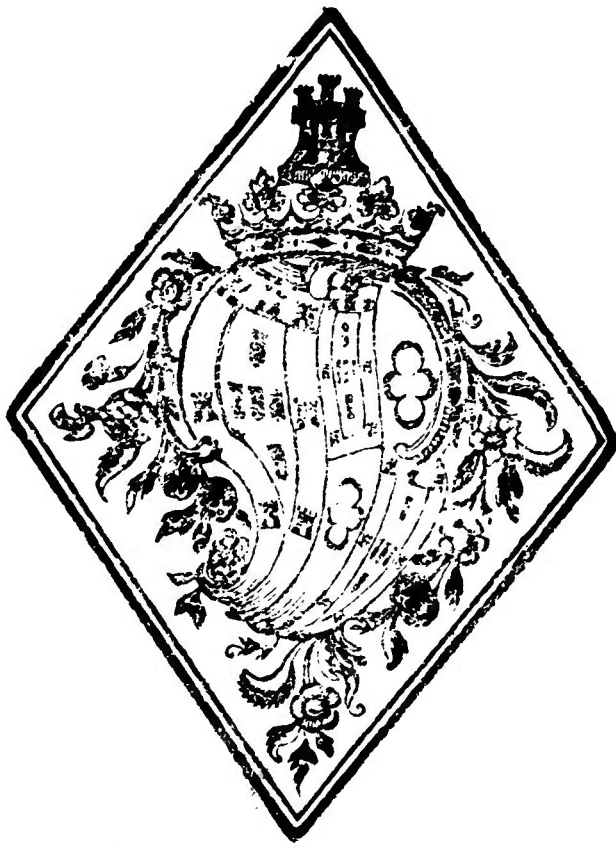
II. PARTE.

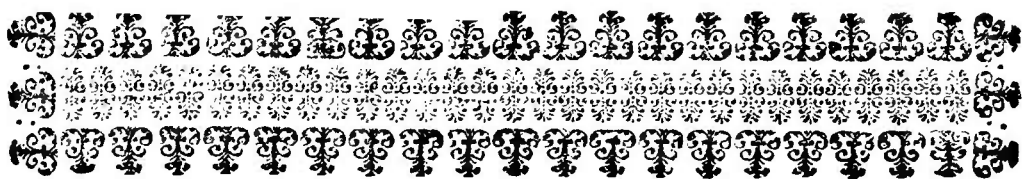


Antonio Vieira

L I S B O A.

Na Impressão Craesbeeckiana. Anno M. DC. LXXXVIII.
A' custa de Antonio Leyte Pereyra, Mercador de Livros,
Com todas as Licenças, & Privilegio Real.





Censura do M.R.P.M.Frey Thomè da Conceyção, da Sagrada Ordem do Carmo, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

LI este Livro, que se intitula, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, compendiadas em trinta Sermões pelo Padre Antonio Vieira, da Sagrada Religiaõ da Companhia de Jesu, & Prègador de Sua Magestade. Já o Author desta Obra sahio a luz com a Primeira Parte, q̃ contém quinze Sermões, & nesta Segunda, que se intenta dar tambem à estampa, vem outros quinze. Lios, não huma sò vez, mas duas: a primeira por obediencia, a segunda por gosto, ambas com admiração. Se não teméra fazer injuria à igualdade da sutileza, com que este Insigne Prègador discursou estes Sermões, pudera dizer, que nesta Segunda Parte se excede a sy mesmo na Primeira; mas a mina, que gera este ouro, he tam igualmente fecunda nas veas, por onde o communica, que mal se pòde descobrir maioria nos seus quilates: sendo as Idéas destes Sermões tam novamente fabricadas, todas acho fundadas no Senti do Litteral, ou Mystico dos Evangelhos, donde este Grande Prègador as defentranhou com sua agudeza, sem em cousa algũa das que diz se desviar da obrigação de Orador Evangelico. Com estes Sermões tem satisfeito o seu Voto, & terá sem duvida mais devotos o Rosario da Senhora. Isto he o que me parece. Lisboa no Convento do Carmo em 10. de Dezembro de 1686.

Fr. Thomè da Conceyção.

EMINENTISSIMO SENHOR.

Vo Livro, que tem por titulo, *Maria Rosa Mystica, Excellencias, Poderes, & Maravilhas do seu Rosario*, composto pelo Padre Mestre Antonio Vieira, Religioso da Sagrada Companhia de Jesu, & Prégador de Sua Magestade Consta este Livro (que he a Segunda Parte) de quinze Sermões, que bem parecem Frutos do singular Engenho de tam Insigne Prégador, no agudo, facundo, & elegante de locução tam estremada, & selecta, agora Frutos mais bem sazonados cõ o tempo, no espiritual, docil, & util de tam exemplar, & milagrosa doutrina: doutrina para todos proveitosa; porque a dá o Author em methodo tam claro, ainda no que trata mais profundo, como Theologo Especulativo, Mystico, & Expositivo, que o douto se achará cõvencido, & o indouto ficará ensinado; & todos suave, & efficazmête arrebatados no leguimêto mais fervoroso da devoção dos Mysterios da Rosa Mystica: ficando por este respeito o Voto, de que faz menção o Author, satisfeito com vantagem; pois a Maria Santissima, Senhora nossa, não sò offerrece gratas Flores em as Maravilhas de Sermões, para mais florido adorno do seu Rosario; mas tambem em Flores lhe tributa ventajosamente Frutos nas perpetuas devações, que docemête rende para mais grato obsequio de tam Divina Flora. Com o que, se os Sermões são para quem cõ tam rara eloquência os afeitou, Flores de muita honra, são juntamente Frutos no admiravel da doutrina; & tudo para maior gloria do Mysterioso Rosario da Mãe de Deos. Ao que se pòde alludir, o que se diz no Ecclesiastico Capitulo Vinte & quatro: *Flores mei fructus honoris, &c.* E tendo em fim Sermões tam floridos, & frutuozos, tudo nelles ajultado recende à pureza de nossa Santa Fé, tudo nelles frutifica conforme a limpeza de bons costumes: & assim me parece será beneficio commum, conceder a licença, que se pede, para dar os taes Sermões à Imprensa. Lisboa Convento de S. Francisco da Cidade em 24. de Fevereiro de 1687.

Fr. Antonio de Santo Thomàs,

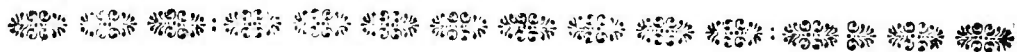
S E N H O R.

VOSSA Magestade me mandou, que visse a Segunda Parte dos Sermões do Rosario, que compoz o Padre Antonio Vieira, da Sagrada Companhia de Jesu, Prégador de Sua Magestade, como já me mandou ver a Primeira. E se Eu estivera em idade de aprender, persuadirame a que a Providencia Divina, que particularmente assiste aos Principes, me repetia estas Lições, para Eu nellas aprender a prégar. Continha a Primeira Parte quinze Sermões, & esta Segunda contém outros quinze. Estes são como aquelles, & todos como de seu Author. Trinta Sermões, & taes Sermões, sobre o mesmo Assump-to, he o melhor Assumpto para os louvores deste grande Prégador. Trinta Sermões para quinze Mysterios do Rosario, são dous Sermões por cada Mysterio; porque estes Mysterios, para serem bem rezados, haõ de ser repetidos: repetidos cada dia, & sempre que se rezarem, ha de repetir exteriormente a voz, o que interiormente meditar o juizo, & abraçar o affecto. (Em tudo são mysteriosos estes Sermões: Bem parece, q̃ esta Luz se acendéo na Tocha, & na Estrella do primeiro Prégador do Rosario, o Glorioso Patriarcha São Domingos: de cujos exemplos, & doutrina se val tanto nestes Sermões São Domingos para prégar do Rosario acédéo a sua Tocha naquella Luz grande, ainda a respeito daquella, a que sò reconhecéo maioria: *Duo Luminaria magna: luminare maius, luminare minus*: & a sua Estrella bebéo a Luz daquella Lua sempre tam cheia, que em nenhũ instante padecéo minguate, & tam luzida, que em nenhum padecéo sembra. E este Insigne Prégador para prégar do Rosario tambem participou a Luz desta fermosa Luz por aquella Estrella, & por aquella Tocha. A cada hum dos Santos Patriarchas poz Deos, Senhor nosso, por Tocha para allumiar particularmente os de sua Casa, & Familia: *Ut luceat omnibus, qui in domo sunt*: mas a Tocha de São Domingos para os louvores do Rosario allumiou os da sua Casa, & Familia, & tãbem os das outras, como no nosso caso a hũ Filho de Santo Ignacio. A Tocha de São Domingos allumiou hũ Filho de São Ignacio para fazer trinta

Ser-

Sermões em louvor do Rosario: & hum Filho de Santo Ignacio com trinta Sermões accrescentou os louvores do Rosario, que S. Domingos prègou, & deixou encommendado a seus Filhos. Os Santos Patriarchas assim com o no Ceo se communicão nas Glorias, de sorte que a gloria de huns o he accidental dos outros: assim querem, que as suas Familias na terra se communicem nas Glorias, como communicão nos Privilegios. A communicação dos Privilegios lhe concedem os Summos Pontifices na terra: a communicação das Glorias lhes encõ-mendaõ os seus Santos Patriarchas do Ceo. Parecerá Senhor, que não tenho satisfeito ao q̃ Vossa Magestade me mandou: que visse estes Sermões, & informasse com o meu parecer. E Eu cuido, que tudo tenho dito: que os vi. E me parece, que esta Segunda Parte he tam digna de se imprimir, como a Primeira; pois não contém cousa algũa cõtra o Reyno, antes muito para a sua refórma por meyo da devaçãõ do Santo Rosario, que persuade com tanta efficacia. Vossa Magestade mandará o que for servido. Lisboa, Congregaçãõ do Oratorio 5. de Mayo de 1687.

Bertholomeu do Quental.



LICENÇA DA RELIGIAM.

EU Alexandre de Gusmaõ, da Companhia de Jesu, Provincial da Provincia do Brasil, por commissaõ especial, que tenho de N. M. R. P. Carolo de Noyelle, Preposito Géral, dou licença, que se possa imprimir este Livro da Segunda Parte de Sermões de Nossa Senhora do Rosario do Padre Antonio Vieira, da mesma Companhia, Prègador de Sua Magestade. O qual foi revisto, examinado, & approvado por Religiosos doutos della, por Nós deputados para isso. E em testemunho da verdade, dei esta subscripta com o meu Sinal, & sellada cõ o Sello do meu Officio. Dada na Bahia aos 13. de Julho de 1686.

Alexandre de Gusmaõ.

Do Santo Officio.

Vistas as informações, pòde se imprimir a Segunda Parte dos Sermões do Rosario, compostos pelo Padre Antonio Vieira, da Com-

Companhia de Jezu:& depois de impresso tornarà para se conferir,& dar licença que corra:& sem ella não correrà. Lisboa 25. de Fevereiro de 1687.

Ieronymo Soares. *O Bispo Fr. Manoel Pereyra.*
Pedro de Atayde de Castro. *Fr. Vicente de Santo Thomàs.*

Do Ordinario.

P Ode se imprimir a Segunda Parte dos Sermões do Rosario, composta pelo Reverendo Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jezu:& depois tornarão, para se conferirem,& se dar licença para correrem: & sem ella não correrão. Lisboa 3. de Março de 1687.
Serraõ.

Do Paço.

Q ue se possa imprimir, vistas as licenças do São Officio,& Ordinario:& depois de impresso, tornarà a esta esta Mesa para se taxar: & sem isso não correrà. Lisboa 6. de Mayo de 1687.
Roxas. *Lamprea.* *Marchaõ* *Azevedo.* *Ribeyro.*

C oncorda com seu original. Lisboa no Convento do Carmo 30. de Janeiro de 1688.
Fr. Thomè da Conceyção.

V isto estar conforme com seu original pòde correr. Lisboa 30. de Janeiro de 1688.
Ierenymo Soares. *João da Costa Pirienta.*
Bento de Beja de Noronha. *Pedro de Atayde de Castro.*
Fr. Vicente de Santo Thomàs.

P Ode correr. Lisboa 4. de Fevereiro de 1688.
Serraõ.

T aixão este Livro em doze tostões. Lisboa 31. de Janeiro de 1688.
Roxas. *Lamprea.* *Marchaõ.* *Ribeiro.*



S E R M A M X V I.



Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

I.

Om razão cõ-
parou o seu E-
vangelho a Di-
vina Sabidoria
de Christo a hum thesouro
escondido no campo. Hũa
coufa he a que todos vem na
superficie, outra a que se oc-
ulta no interior da terra : &
onde menos se imaginã as
riquezas, alli estaõ deposita-
das, & escõdidas. Naõ as des-
cobre, quem mais cava, só
as achou, quem teve maior
ventura : & isso he o que me
acontecéo (de que dou as
graças à Virgem Santissima)
com o presente Evangelho
hoje. A occasiã porque fo-
raõ ditas as palavras, q̃ pro-
puz, foi aquelle famoso mi-
Tom. 6,

lagre, vulgarmente chamado
do Demonio mudo : & neste
caso, ao parecer tam diverso,
nos deixou escrita o Evange-
lista toda a Historia do Ro-
fario, & seus progressos, &
naõ por allegorias, ou meta-
foras, senãõ propria, & lite-
ralmente. Alli temos literal-
mente a primeira origem de
ste soberano invento : alli a
guerra obstinada, q̃ logo lhe
intentou fazer o Demonio :
alli as vitorias que por meyo
delle alcançamos contra o
inferno : & alli finalmente o
panegirico, & louvores, que
devemos a Christo, & sua
bem dita Mãy, como Autora
de tam grande obra : *Beatus* *Ibid.*
venter, qui te portavit.

2 No principio pois des-
te Evangelho [que he o Ca-
A pitulo

Ibid.
v. 1. &
seqq.

Luc 1.
28.

pitulo onze de S. Lucas) pe-
dirão os Discipulos a Chris-
to Senhor nosso, que os ensi-
nasse a orar: *Domine, doce nos
orare.* E o modo de orar, que
o Divino Mestre lhes ensi-
nou, foi a Oração do Padre
nosso: *Et ait illis: cum oratis,
dicite: Pater, sanctificetur no-
men tuum: Adveniat Regnum
tuum, &c.* Não he esta a pri-
meira oração, que dizemos,
quando rezamos o Rosario?
Sim. Pois esta mesma, & nes-
te mesmo dia, em que Chris-
to a ensinou, foi a segunda,
& ultima, com que se acabou
de aperfeiçoar o Rosario. O
Rosario começou na Ave
Maria, quando o Anjo saú-
dou a Virgem, dizendo: *Ave
gratia plena: Dominus tecum.*
E quando Christo ensinou o
Padre-nosso, dizendo: *Pater,
sanctificetur nomen tuum: Ad-
veniat Regnum tuum:* então
acabou de se aperfeiçoar o
mesmo Rosario: porque o
Rosario não he outra cousa,
senão hum modo de orar cõ-
posto de Padre-nossos, & Ave
Marias. Lançados pois estes
dous fundamentos do Rosa-
rio, & aperfeiçoada nestas
duas Orações a materia, a q̃

a Rainha dos Anjos, & Máy
do mesmo Christo depois
deu a fórma: que he o que
succedeo no mesmo ponto?
Caso verdadeiramente ma-
ravilhoso, & mysterio profú-
dissimo, mas não occulto, se-
não manifesto. No mesmo
ponto, em que o Evangelista
S. Lucas acabou de referir
a Oração, que Christo ensi-
nára, sem entrepor palavra
algũa, continúa, dizendo: *Et
erat Iesus eiciens Dæmoniū,
& illud erat mutum:* que esta-
va Christo lançando de hum
homê endemoninhado hum
Demonio mudo: o qual De-
monio se chama mudo, por-
que tinha emmudecido, &
tolhido a falla ao homem.
Pois quando Christo acaba
de ensinar o Padre-nosso:
quando Christo acaba de fũ-
dar o Rosario; então (& só
 neste caso, & em nenhum ou-
tro) então (& no mesmo pō-
to sem meter tẽpo em meyo):
então trata o Demonio de
emmudecer o homem? Sim.
Então. E com consequencia
não só misteriosa, senão lite-
ral. Porq̃ então se vio o De-
monio perdido, reconhecẽ-
do os poderes da oração, &
de-

Luc.
114

devaçãõ do Rosario. Por isso quando Christo acaba de nos ensinar a orar; começa elle a se empenhar em nos emmudecer: Christo ensinandonos a rezar o Rosario, & o Demonio tolhendonos a falla, para que o não rezemos.

3 Porque cuidais, Senhores, que ha no mundo tantos homens com nome de Christãos, que não rézaõ o Rosario? Porque assim como o Demonio emmudecéo a quelle homem, assim os emmudece a elles. *Mutus est, qui in Dei laudes labia sua aperire nescit:* diz aqui Eusebio Emiseno. Todas as nossas oraçõs teme muito, & aborrece o Demonio; mas nenhuma persegue cõ tanto odio, como o Rosario. Lede as Historias Ecclesiasticas, & não tãõ vereis quanto o Demonio perseguiu sempre o Rosario, & o procurou tirar do mundo por meyo dos Hereges de todo genero, antigos, & modernos; mas entre os mesmos Catholicos achareis estupendos, & temerosos exemplos das traças, dos empenhos, das promessas, & da applicaçãõ de todo seu saber,

& poder, com que o Demonio tem apertado a muytos deste celettial exercicio. A quãtos desesperados pelapobreza offerecéo, & descobriu thesouros, mas com condiçãõ, de que não haviaõ de rezar o Rosario? A quãtos cegos do appetite sensual promettéo o fim de seus deshonestos amores, mas com condiçãõ, de que as Contas do Rosario, que levavaõ occultamente consigo as haviaõ de lançar fóra? A quãtos assegurou a vingança de seus inimigos, & que nos perigos da guerra, & das batalhas sahiriaõ com vida, & sem ferida, mas com condiçãõ, que primeiro se haviaõ de deixar desarmar daquella mesma insignia, que he o balteo da milicia do Ceo? Ha Autor grave, o qual afirma, q̃ para o Demonio servir, a quem d'elle se quer valer, o pacto tacito, ou expresso, de q̃ usa, tãõ aquellas palavras de Sara: *Ejice ancillam, & filium e-* Galat. 4.20. entendendo por ancilla, a Virgem na Ave Maria, & por seu Filho, a Christo no Padre-nosso. Atè os mesmos devotos da Senhora, quando

Euseb. Emisif.

Auct. Encycloph.

Galat. 4.20.

os não pôde apartar da sua devação, ao menos procura, que deixem o Rosario, & o troquem por outras orações, ou mais novas, ou menos vulgares, como muitos fazem. Finalmente (& este he o maior ardil, & teração de todas) faz, que os que rézaõ o Rosario, o rezem divertidos, & sem attençaõ: que he outro modo de emmudecer mais injurioso a Deos, como diz São Agustinho; porque em vez de fallarem com Deos, fallão com seus vaõs pensamentos.

*Aug.
de orã.
do Deo.*

4. E como os empenhos do Demonio em emmudecer os homês, maes neste genero de oração, que em nenhũa outra, se armão de todas suas artes, de todas suas astucias & de todos seus poderes; essa he a razão, & o mysterio, porq̃ Christo no mesmo tempo, em que acabava de lançar os primeiros fûdamentos do Rosario, não se diz que lançou fóra o Demonio mudo, senão que o estava lançando: *Erat ejiciens Dæmoniũ,* & *illud erat mutum.* Nota a opposição de hum *erat* contra outro *erat*: *Erat ejiciens,*

*ubi
supra.*

& erat mutum. Tanta era a rebeldia, tanta a resiltencia, tanta a obstinação do Demonio, em se não querer render à omnipotencia de Christo, & teimar em não desempedir a lingua do homem, que tinha emmudecido. E se o mesmo Christo multiplicando huns impulsos sobre outros se deteve tão em obrar este milagre; não he muito, que nós tambem multipliquemos Sermões, & Discursos, pois impugnamos o mesmo Demonio, & tratamos de farar os mesmos mudos. O mudo do Evangelho finalmente fallou com grãde admiração dos circunstantes: *Luc. 11.14. Loquutus est mutus, & admirate sunt turbae:* & eu espero, que neste Sermão se ouvirá tambem fallar o mudo, não só com igual admiração, mas com assombro, & pasmo. Aquelle mudo fallou, mas não refere o Evãgelista o q̃ disse: este ha de fallar, & dizer o q̃ nunca ouvistes. Elle he o que ha de prégar, & não Eu. E porque não he capaz de Graça, não a peçamos para elle, senão para nós.

Ave Maria &c.

5 **S**uspêtos vos confidero na expectação do novo Prêgador, que haveis de ouvir hoje: & agora acrescento, que he o mais sabio, o mais experimentado, & o mais eloquente, que nunca ouvistes. Os pontos, que ha de tratar, sãõ tres, sobre outras tantas questões, mas não levantas por elle, senãõ por outro Prêgador, tambem grande, & pelo qual Deos nesta occasião obrou outro milagre tambẽ do Demonio mudo, mas maior q̃ o do mesmo Christo.

6 Huma das mais notaveis promessas, que Christo fez aos que o seguiaõ, & lhe haviaõ de succeder neste mundo, foi, que não só haviaõ de fazer obras tam grandes, & tam maravilhosas como as suas, senãõ ainda maiores:

Ioan. *Opera, quæ ego facio, faciet, &*
14.12 *maiora faciet.* Tam generosa, & tam confiada como isto he a verdadeira, & soberana grandeza. Quem em tudo quer parecer maior, não he grande. Assim o prometeo o Senhor, & assim se cõ-

Tom. 6.

prio: porque deixando outros exemplos, S. Pedro dava saude aos enfermos só cõ a sombra; o que Christo nunca fez: & convertendo Christo em tres annos só quinhentas Almas, S. Pedro em hũ só Sermaõ converteo cinco mil. Mas o que faz mais admiravel esta disposiçãõ da Providencia de Christo, he a razãõ della, que o mesmo Senhor declarou: *Maiores faciet: quia ego ad Patrem vado.* Faraõ (diz) maiores obras que as minhas, porq̃ eu vou para o Padre. Christo, Redemptor nosso, tam poderoso era em quanto viveo na terra, como depois de subir ao Ceo, & estar assentado à dextra do Padre: pois se havia de conceder este tão grande privilegio aos homẽs, depois de se ausentar delles, & estar no Ceo; porque lho não concedeo, quando vivia neste mundo? A razãõ em summa he; porque esta prerogativa tam singular, & relevante, de haverem de fazer os homẽs maiores obras que as do mesmo Christo, havianos de ser concedida em virtude dos Mysterios, & Oraçõens do

Ibid.

Rosario. E estas duas condições, nem da parte de Christo, nem da nossa, se podiaõ cumprir, nem ter effeyto, antes de o mesmo Senhor por meyo da morte, & resurreiçãõ ir deste mûdo ao Padre: *Et maiora faciet: quia ad Patrem vado.*

7 Ouçamos ao Cardeal Caietano, que mais resumida, & mais nervosamête que todos declarou a energia deste Porque: *Mirabilis apparet promissio, sed cessabit admiratio libratis subsequētib; conditionibus adjunctis.* Se vos parece admiravel huma taõ grãde, & extraordinaria promessa; ponderai as condições seguintes, que o mesmo Senhor ajuntou, & logo cessará a admiraçãõ. E quaes são estas condições? A primeira he a morte, & glorificaçãõ de Christo, significadas nas palavras, *Quia ad Patrem vado. Clauditur efficacia mortis eius, dicendo, Vado: per mortē enim ibat ad Patrem: & clauditur etiam glorificatio eius, dicendo, Ad Patrem: transire enim Iesum ex hoc mundo ad Patrem, est de statu mortali, & humili ad statum immorta-*

litatis, gloriæ, & Regni ire. Hinc & meritum mortis eius, & tempus glorificationis eius significatur in causa, quod credentes in ipsum facerent hæc, & maiora. De sorte que para os homens fazerem maiores obras que as de Christo, a primeira condiçãõ, q̃ necessariamente havia de preceder, era o merecimento de sua morte, & o tempo da sua glorificaçãõ: & estas mesmas eraõ a segunda, & terceira parte dos Mysterios do Rosario, que ainda faltavaõ para complemêto delle. Em quãto Christo vivia neste mûdo, não estava ainda cumprida, & inteirada mais que a primeira parte dos Mysterios do Rosario, que eraõ os Gozosos; faltavaõ os Dolorosos, q̃ se cûpriraõ na morte; & faltavaõ os Gloriosos, q̃ se cumpriraõ na Ascensãõ. E como Christo havia de cõceder este tam extraordinario privilegio aos homens por meyo dos Mysterios do Rosario, por isso o não podia conceder nesta vida, & neste mundo, senãõ depois que morresse, & subisse ao Padre: *Maiora faciet, quia ad Patrē vado.*

Esta.

8 Esta he a primeira cõdição da parte de Christo, q̃ são os Mysterios: a segunda qual he? He a outra da nossa parte, que são as Orações do mesmo Rosario. Assim continua, & estende a sua razão o mesmo Christo sobre o mesmo Porque: *Quia ad Patrem vado. Et quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam*: porque eu subo ao Padre. E porque elle vos ha de cõceder tudo o que em meu nome pedirdes. Excelentemente o já allegado Caetano: *Explicatur amplissima facultas impetrandi, non aliquid, sed omne, quod petierint. Ubi diligentius cerne, & nota conjunctionem, Et, jungentem hanc causæ partem præcedenti. Ita quòd continentur hæc verba sub illa conjunctiõne causali. Quia. Et significatur clare per hoc, quòd ut credens in Iesum faciat hæc, & maiora, concurrunt ut causa, non solum quòd ego vado ad Patrem, sed quòd vos petatis. Quer dizer, q̃ debaixo do mesmo *Quia*, & do mesmo Porque, ajuntou Christo a segunda parte da razão, porq̃ os homẽs haviaõ de fazer maiores cou-*

las do que elle tinha obrado: & deste modo vê a concluir o Senhor, que a dita razão, ou causa se cõpoem de duas condições, huma da parte do mesmo Christo, que são os Mysterios do Rosario, para cujo complemẽto foi necessario, que elle morresse, & subisse ao Padre: *Quia vado ad Patrem*: & outra da parte nossa, que são as Orações do mesmo Rosario, por meyo das quaes impetramos, & alcançamos do Padre, debaixo do nome de seu Filho, tudo o que pedimos: *Et quodcumque petieritis Patrẽ in nomine meo, hoc faciam*. Demaneira, que os Mysterios, & as Orações do Rosario, são as duas partes, de que se cõpoem o motivo, & razão total porque Christo concedeo aos homẽs o privilegio nunca imaginado de poderẽ fazer o que elle fez, & mais do que fez: conservando porẽm nisto mesmo a soberania propria, & a differença de Senhor a servos; porque Christo, como Senhor, obrava mandando, & os homẽs, como servos, haviaõ de obrar pedindo: *Et cum hoc declaratur e-*

tam modus facienti, nam ipse fecit imperando, credentibus autē in eum promittitur, quòd facient hæc, & maiora, supplicando.

9. Supp. sto pois que aos Mysterios, & Oraçoens do Rosario foi particularmente concedida esta tam admiravel prerogativa; em que Pessoa, ou em que materia a podemos ver mais propriamente praticada, que na Pessoa do Grande Patriarcha S. Domingos, & no caso de outro Demonio tãbem mudo. Na Pessoa de S. Domingos, digo, que depois da Virgem Maria foi o primeiro Fundador, & o maior Propagador do Rosario: & no caso de outro Demonio mudo, o qual, não só procurou de emmudecer hum homem, mas com effeito tinha posto perpetuo silencio a muitos, para q̃ nam só não rezassem o Rosario, mas o desestimassem, & blasfemassem, O milagre, que brou Christo no Demonio mudo, foi muito grande; mas o que obrou São Domingos, em cumprimento da sua mesma promessa, foi muito maior

Lá fallou o mudo: *Loquutus est mutus*: mas não fallou o Demonio: cà fallou o mesmo Demonio, & não só hum Demonio, mas muitos Demonios. Là não refere o Evangelista o que disse o mudo; sem devida porque fallando não disse cousa de importancia: cà disserão os Demonios cousas tam importâtes, & de tanto pezo, que nenhū homem as podia saber, nem dizer semelhantes. Là disse o mudo o que quiz: cà disserão os Demonios obrigados o q̃ não querião. Là laindo o Demonio de hum, entrou em muitos, que foraõ os Escribas, & Fariseos, que blasfemãraõ o milagre: cà antes de sahirem de hum corpo, muitos homens os lançaõ de suas Almas. Là finalmēte admirados os circunstantes, sô hūa mulher exclamou: *Extollens vocem quædam mulier*: cà não só admirados, mas attonitos, & pasmados todos, foraõ muitos mil os que com vozes, que chegavaõ ao Ceo, louvavaõ, & engrandeciaõ a virtude, & poderes da Mãe de Deos, & de todo o coração se convertiaõ a elle. Mas

vamos já ao caso, & ouçamos o novo Prégador, com a attenção que elle faberá merecer.

III.

RO PRégando em Catalona, Cidade de França o Glorioso São Domingos, & prégando, como sempre costumava, a devação do Rosário, trouxerá-lhe hum endemoninhado furiosissimo, o qual se despedaçava a sy mesmo; & posto q̄ vinha atado com cadeas de ferro, não havia quem o podesse domar, nem ter mão. Mas o Santo tinha outra cadea mais forte, & mais poderosa, que era o Rosário. Lançou o seu Rosário ao pescoço do miseravel homem, & o Demonio com grandes repugnancias, & vizagens, em que mostrava a nova força, de que se sentia opprimir, ficou domado. Agora entenderão os Doutos hũa boa interpretação daquelle Anjo do Apocalypse, sobre que os Expositores antigos, & modernos se dividem em tantas opiniões. Diz S. João, que vio descer do Ceo hum An-

jo, o qual trazia na mão hũa grande cadea, & que com ella prendéo, & atou aquella antiga Serpente, que enganou o genero humano, o qual por hum nome se chama Demonio, & por outro, Satanás: *Vi-
di Angelum descendentem de
caelo, habentem :: catenam
magnam in manu sua, & ap-
prehēdit Draconem, Serpentē
antiquum, qui est Diabolus, &
Satanas, & ligavit eum.* As outras palavras, que acrescēta o Texto, pōde fer que nos sirvaõ, & as expliquemos depois; o que só digo de presente, he, que este Anjo descido do Ceo, he o Apostolo da Virgem Maria S. Domingos, Varaõ por todas suas virtudes Angelico, & que a grande cadea, que do mesmo Ceo trouxe na mão, & com que prendéo a Serpente, & atou o Demonio, he o Rosário. Das mesmas Chronicas de S. Domingos, que em semelhantes casos são os melhores Expositores, o provo-

II Em hũa Povo da Ilha de Evisa exorcizava hum filho do mesmo São hũa mulher endemoninhada, & era o Demonio tam protervo, tam

rebelde, & tam obstinado, q̃ a nenhuns elconjuros, nem orações se rendia: rendeo-se porèm finalmente à invocação do Santissimo nome de Maria, & aos poderes insuperaveis do seu Rosario; mas com hũa circumstancia muito notavel, a qual eu só pondèro em prova do que digo. Quando lançáraõ o Rosario ao pescoço da afflita mulher, começou a gritar o Demonio: Tiremme essa cadea, que me abraza: Tiremme essa cadea, que me abraza. Já temos, que o Rosario he cadea, que ata o Demonio. Mas que seja cadea, q̃ o abraza como pôde ser? Assim como os Anjos, quando estão na terra, trazê comsigo a sua gloria, assim os Demonios trazem tambem comsigo o seu inferno. Os Anjos trazem comsigo a sua gloria, porque em qualquer parte estão vendo a Deos; & os Demonios trazem comsigo o seu inferno, porque em qualquer parte estão ardêdo naquelles incendios eternos. Pois se este Demonio estava ardendo em fogo, & em tal fogo, qual he o do inferno, como diz, que o abrazava a

cadea do Rosario? Pòde haver fogo mais penetrante, mais forte, & mais abraçador, q̃ o do inferno? Sim. E estas novas chamas, & labaredas, são para os Demonios as Orações dos Christãos. Assim o cõfessaraõ já antigamente os melmos Demonios, & o refere Minucio Felix naquella sua famosa Apologia contra os Gentios: *Hec omnia sciunt plerique vestrum, ipsos Dæmones de semetipsis confiteri, quoties à nobis, & meritis verborum, & orationum incendis è corporibus exiguntur.* De sorte, que mais queimaõ, & mais abração aos Demonios as Orações do Rosario, que o mesmo fogo do inferno. E a razão natural he, porque do fogo do inferno vingaõse, & aliviaõse com blasfemar de Deos: porèm nas Orações do Rosario cresce outro fogo maior, porque ouvem nellas os louvores de Deos. No inferno ouvê dizer: Maldito seja Christo, & sua Mãy: no Rosario ouvem pelo contrario: *Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui:* & este he o fogo sobre fogo, &

Mi-
nus. Fe-
lix in
Apol.
contra
Gent.

& o incendio sobre incendio, que intoleravelmente os abraza. Assim como S. Miguel lançou no inferno aos Demonios, dizendo: *Quis sicut Deus?* assim S. Gabriel acrescentou, & acrefcêta cada dia o inferno aos mesmos Demonios, dizendo: *Ave gratia plena.* Estes são pois os fuzis de maior, & mais penetrante fogo, de q se fórma a cadeia do Rosário: & esta he a cadeia, que S. Domingos trouxe do Ceo: & esta a com q domou o Demonio, que lhe presentárao, que rompia, & desfazia todas as outras.

III.

12 **S** Offegado pois o Demonio, & reduzido a estado de responder com este primeiro imperio do Rosário, que foy como exordio do Sermao; começou S. Domingos a levatar as questões, & o Demonio ponto por ponto a responder a ellas. Era ral o ruido, que dentro no endemoninhado se ouvia de varias linguas, & confusas, & espantosas vozes, que bem mostravao, não ser hum só

Demonio, o que alli residia. Perguntoulhe pois o Santo, quantos erao, & qual tinha sido a causa porque entrarao naquelle homem? Estou certo, que ninguem espera, nem imagina qual podia ser a resposta. Respondeo, que elles erao quinze mil Demonios, & que todos por mandado de Deos atormentavao aquelle mão homem, por ser inimig capital do Rosário de Maria, & desprezar & desacreditar os Sermoões, em q o prégava Frey Domingos, & com teu exemplo, & falias exhortações perluadir o mesmo desprezo a muitos, & impedir com isso sua conversão. Instou o Santo, & perguntou, porque erao quinze mil precisamente, nem mais, né menos? Respondeo, que em reverencia dos quinze Mysterios do Rosário, & em vingança, & castigo da grande injuria, & afronta de Deos, com que aquelle homem os blasphemava: acrefcêtao os mesmos Demonios, que tinhao entrado nelle muito contra sua vontade, & conveniencia; por ser hum dos maiores Ministros do infer-

no, & q̄ mais favorecia suas partes, & os ajudava, sendo já muitas as Almas, que por seu meyo se tinhaõ condemnado. Este foi o primeiro ponto do Sermão, attonitos, affombados, & temerosamente compungidos dentro em sy mesmos, todos os que taes coufas ouviaõ.

13 Não he maravilha, que tanta multidaõ de Demonios coubesse em tam estreita morada, como a de hũ corpo humano, porque sãõ espiritos, & não occupaõ lugar; mas para atormentar hũ só homem quinze mil Demonios? Se os homens foraõ quinze mil, hum Demonio fobejava, não só para os maltratar, mas para os matar a todos. Não tinha maiores forças naturaes, o que no exercito de Senacherib matou em hũa noite cento, & oitenta & cinco mil homês. A que fim logo tanto estrondo, tanto aparato, tantas levas de Espiritos infernaes? Job, que bê lhe tinha tomado o pulso aos braços, diz, que não ha poder no mundo, que se lhe possa comparar: *Non est super terram potestas, quæ com-*

4 Reg.
19 35

Job.

41.24

paretur ei. Hum só Demonio era, o que teve licença, não absoluta, mas limitada, para provar com elle as forças, & depois dos estragos, que lhe fez nos gados, nos criados, nos filhos, na casa, olhai para o mesmo Job, & ouvi o que dizia. O corpo desde o pé até a cabeça era hũa chaga viva, asquerosa, hedionda, & por fóra, & por dêtro, sem entrar nelle o demonio, eraõ tam agudas, taõ insuportaveis, & taõ cõtinuas de dia, & de noite as dores, que obrigavaõ ao mesmo exemplar da paciencia a chamar pela morte, & amaldiçoar a hora, em q̄ nascéra. Tempo virá (que ainda não está cumprido) em que se desfatem aquelles quatro Demonios, que S. João vio no Apocalypse: *Quibus datũ est nocere terræ, & mari.* E se para resolver todo o globo do mar, & da terra, & meter em confusaõ, & ruina tudo quãto nelle vive, bastaõ quatro Demonios, que fariaõ em tam estreito anfiteatro quinze mil Leoês desfutados, que assim lhe chama S. Pedro, mais fero cada hum que todas as feras? Se era para vingar

Apoc.
7.2.

gar

gar a injuria cometida contra os quinze Myfterios do Rosario nos quinze Padre-nossos, não bastavaõ quinze Demonios? Se para defraõtar as cento & sincoõta Saudações Angelicas, impugnadas, & desprezadas nas cento & sincoenta Ave Marias, não bastava, que elles tambẽ fossem cento & sincoõta?

14. A nós parecemosha q̃ sim, mas não o julgou, nẽ o sentenciou assim Deos. Quiz, q̃ nos defaggravos do Rosario fosse tam excessivo o numero dos ministros de sua justiça; para que na mesma multidaõ dos executores se manifestasse tanto a grãdeza da offensa, como a dignidade do offẽdido. Chegou Deos (vede o q̃ digo), hegou Deos a fazer em def. nsa da honra do Rosario, o que nunca fez, nem faria para defender a sua. E atrevome a dizer, o que não faria; porque o que Christo faria no maior perigo da sua honra, & vida, para a defender, elle mesmo o declarou, & não he tanto. Quando S. Pedro quiz defender a Christo no Horto, mandoulhe o Senhor que en. bai-

nhasse a espada: & a razão, cõ q̃ o sossegou, foi esta: *Sin putas, quia non possum rogare* Matt. 26.53 *Patrem meum, & exhibebit mihi modò plusquam duodecim Legiones Angelorũ?* Não sabes, que se eu me quizesse defender, posso pedir soccorro a meu Padre, & elle me mandaria logo mais de doze Legioes de Anjos? Reparai neste numero, que he muito digno de reparo. Assim como o Senhor disse doze Legioes de Anjos, assim poderá dizer, doze mil Legioes, porq̃ os Anjos são innumeraveis: pois porque disse doze Legioes determinadamente? Porque com este numero de Espiritos Angelicos ficava largamente encarecido o grande empenho, que o Padre faria para defender a hõra, & vida de seu Filho, & o mesmo Filho a sua. A Cohorte de Soldados Romanos, que vieraõ prender a Christo, cõstava de mil Soldados: & que partido podiaõ ter, diz S. Chrysoston o, contra doze Legioes de Anjos mil honrẽs? *Quid facerent duodecim Legiones Angelorum in* Chryf. ibi. *mille viros?* Bastavaõ sobre todo

todo o encarecimento doze Anjos, quanto mais doze Legioës. Computaime agora o numero das doze Legioës dos Anjos naquelle caso, com o dos quinze mil Demonios no nosso. Cada Legião Romana contava de seis mil, seis centos, & sessenta, & seis Soldados: com que doze Legioës de Anjos vem a montar oitenta mil Anjos: os quaes repartidos, & contrapostos aos mil Soldados, q̄ vieraõ prēder a Christo, vem a caber oitenta Anjos para cada homem. E quando na mais encarecida supposiçãõ tudo o que o Eterno Padre faria para defender a honra, & vida de seu Filho, & Christo para defender a sua, era oppor a cada homem oitenta Anjos; o que fez o mesmo Padre, & o mesmo Filho para defender a honra, & estabelecer a cōservaçãõ do Rosario, foi meter dentro em hum só homem quinze mil Demonios.

15 As forças, & poder natural dos Demonios, he igual ao dos Anjos: mas porque foraõ neste caso, naõ Anjos, senaõ Demonios, os que

armou, & mandou Deos em defesa do Rosario? Porque assim como quiz acreditar o Rosario no desagravo de suas injurias, assi n quiz atemorizar os homēs no castigo de suas offensas. Quando Dathan, & Abiron fizeraõ scisma no Povo, & se rebelláraõ contra Moysés pela instituiçãõ, & publicaçaõ do Summo Sacerdocio; fallou o mesmo Moysés ao Povo desta maneira: Se o castigo, com q̄ Deos castigar estes rebeldes, for algum dos castigos, com que ordinariamente costuma castigar os homēs, naõ me deis credito: *Sin autem novam rem fecerit Dominus, ut aperiens terra os suum, deglutiat eos :: descendentque viventes in infernum; scietis, quòd blasphemaverint Dominum*: porèm se Deos executar nelles hum castigo extraordinario, & tam prodigioso, que a terra os trague, & desçaõ vivos ao inferno, entaõ entendereis sem duvida, que blasfemáraõ a Deos no que disseraõ. O mesmo succedéo no nosso caso. Rebellou se contra a pregaçaõ de S. Domingos aquelle Herege, disse

Num. 16.30

mui-

muitas blasfemias contra a devação do Rosário, fez scilicet no Povo, levou a poz sy grande parte delle: & esta foi a culpa porque Deos o castigou com hum tam extraordinario, & temeroso castigo, não o entregando a hum só Demonio, mas com prodigio nũa visto, a quinze mil. Tendo comettido hũ Christão da Primitiva Igreja hũ peccado enorme, consultou S. Paulo a Congregação dos Corinthios, donde elle era, sobre o modo, com que devia ser castigado exemplarmente para terror dos demais; & qual vos parece, que seria o castigo? Não o condenou à morte, como S. Pedro a Ananias, & Safira; mas com a authoridade suprema, que tinha de Christo, julgou que fosse entregue a hũ Demonio, para que vivo o atormentasse: *Congregatis vobis,*

1. Cor.
5.3.4.
5.

& meo spiritu, cū virtute Domini nostri Iesu, iudicavi tradere huiusmodi Satanae. E se para atemorizar toda a Igreja cō o castigo mais exēplar, & tremendo, não se achou outro algoz mais cruel, nem se inventou outro tormento

mais temeroso, que entregar hum homem a hum Demonio: q̄ temor, & horror causarã agora este, entregue por sentença do mesmo Christão a quinze mil Demonios? A circumstancia mais prodigiosa no castigo de Dathan, & Abiron, foi, que a ordem do inferno se trocasse nelles, & q̄ descesse ao inferno vivos, onde os outros homẽs não vão senão depois de mortos. E a mesma circumstancia de rigor, por outro modo não menos temeroso, executou a Justiça Divina neste inimigo, & perseguidor do Rosário; porque o não mandou a elle ao inferno, senão que todo o inferno entrasse nelle. Que cousa era hum homem com quinze mil Demonios dentro em sy, senão hum inferno vivo, não occulto, & invisivel no centro, senão publico, & manifesto sobre a face da terra? He provavel, q̄ no inferno a cada condenado atormenta sómente o seu Demonio tentador, a quem obedeceo, & servio na vida. Hũ homem porém condenado a que o atormentassem quinze mil Demonios, vede, que inferno

ferido feria o seu? Se os Demônios, que não estavaõ ocultos, repartírao entre sy aquelle corpo, que feriaõ os tormentos, que padeceria em cada um na parte? E se todos o atormentavaõ todo, que n'poderã conceber, nem imaginar a imenidade de hum tormento diablico, & infernal, quinze mil vezes duplicado? Mas assim castiga Deos á vista de todo o mundo hum inimigo do Rosario, para que conheçaõ o meu estado, & temaõ, & tremaõ do seu perigo, os que o não rezão, que são os mudos.

16 Estou vendo porém, que o mesmo Demônio mudo os anima, & consola, & ainda desculpa: & que estão dizendo dentro em sy: Eu, posto que não seja devoto do Rosario, não o persigo, nem sou seu inimigo. Enganaifvos. A devação do Rosario não admite neutralidades: se rezais, sois amigo; se o não rezais, inimigo. He doutrina, & sentença, não menos q̃ do mesmo Christo neste mesmo Evangelho: *Qui non est*

Eue, mecum, contra me est: todo o

11.23

que não está comigo, he con-

tra mim. Como pôde ser amigo de Christo, quem não quer meditar seus Mysterios? E como pôde ser devoto de sua Mãe, quem a não quer saudar muytas vezes? Mas passemos ao segundo ponto.

V.

17 **A** Segunda questão que levãtous. Domingos, & a outra pergunta, que fez aos Demonios, foi esta. Quaes eraõ entre todos os Christãos, os que mais se cõdenavaõ? E se dos seus companheiros, & dos de seu Irmão Francisco havia també alguns no inferno? Quanto à primeira parte responderão a multidaõ dos Demonios na voz de hum, que fallava por todos, desta maneira: Dos nobres, dos poderoso, dos ricos, & regalados, assim homens, como mulheres, temos grande numero: porque a soberba, a ambição, a enveja, a vaidade, o luxo, os deleites da carne, & os outros vicios, que cõ estes se acompanhaõ, em que continuaõ sem arrependimento, ne n'emenda até a morte, & os danos, que

fa-

fazem cõ seu poder aos pequeninos, que raramente, ou nunca restituê, os levaõ quasi todos ao inferno. Porém da gente popular, & humil Je. & dos rusticos do campo em respeito deste grande numero, saõ muito poucos os que se condenaõ; porque aindaq̃ não sejaõ Sãtos, a sua pobreza, & o trabalho de suas mãos, com que sustentaõ a vida, & lhe leva todo o cuidado, os livraõ de muitos peccados, & dos mais graves, em que he facil a penitencia. E quãto aos teus Cõpanheiros, & de teu Irmão Franciscõ, confessamos, que atẽgora nenhum temos com nosco, mas esperamos, por meyo de nossas industrias, que pouco a pouco se iraõ esquecendo de suas obrigações alguns delles, & virãõ, como os demais, a nossas mãos. Com esta clareza fallãraõ os Demõnios para grande confusão minha, & de outros, que sobem a este lugar, a quem tambem tenta, & engana o Demõnio mudo, pois calamos (não sei porque) o que só deveramos dizer, & bradar: *Ve*

Isai. 6. mihi, quia tacui, quia vir pol-
5. Tom. 6.

lutus labijs ego sum.

18 Em summa, Senhores Christãos, que os grandes, os nobres, os ricos, os poderosos, não entre os Genticos, lenaõ entre nõs, saõ os que mais se condenaõ. Já nos não podemos queixar, como o Rico Avarento, de q̃ não viesse a este mudo hum Prẽgador do inferno, q̃ referis-le o que là passa, pois Deos mãdou nesta occasiã quinze mil Prẽgadores do inferno, em confirmação do que prẽgava hum Prẽgador da terra. Oh cegueira! Oh miseria! Oh frieza, & esquecimento da Fẽ! De sorte, q̃ as grãdezas, as nobrezas, as riquezas, que tanto procuraõ, os que saõ, ou dezejaõ ser poderosos, & o fim porque dezejaõ os mesmos poderes, estes saõ os meyo certos, por onde nogoceaõ, & sollicitaõ sua condenação, os que neste mundo se tem por maiores, & melhores que os demais. Os outros requerem diante delles, & elles saõ perpetuos requerentes do seu proprio inferno, & quanto mais bem despachados, tanto mais mo-

finos. Tam cegos porẽm cõ

B o fu-

o fumo desta vaidade, & tam faboreados deste enganoso veneno, que não só vivem alegres, & contêtes na sua miseria, & dão graças à sua fortuna; mas desprezão, & tem por vil a dos que elles com a falsa voz do mundo chamão gente de baixa condiçãõ: lendo estes, aquelles verdadeiramente Bemaventurados, a quem Christo promettéo o Reyno do Ceo. Isto mesmo, que aqui prégáraõ os Demônios, he o que prégou, & ensinou Jesu Christo. Não chamou Bemaveturados os grãdes, senão os pequenos: não os ricos, senão os pobres: não os que rim, senão os que choraõ: não os abundantes, & fartos, senão os famintos: não os que passaõ a vida em prazeres, & delicias, senão os que padecem: não os estimados, & adorados, senão os desprezados, & perseguidos. Que muito logo, que dos que em tudo seguem, amão, estimão, professaõ, & idolátraõ o contrario, esteja cheio o inferno, & façãõ muito poucos os que se salvaõ? Já que não fomos Christãos pela Fé de Christo, porque o não lere-

mos ao menos pelos defen- ganos do Demonio?

19 Ouçamos a S. Paulo, & se queremos entender bem este ponto, entendamos, que falla comnosco: *Videte vocationem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potetes, non multi nobiles.* Escrevia S. Paulo aos Corinthios, cuja Republica na sciencia politica, na grandeza, na nobreza, na riqueza, & no luxo, & fausto dos Poderosos, competia cõ Roma, & se chamava a Rõma da Grecia: & para que esta pompa exterior da fortuna os não enganasse, & desvanecesse, como costuma; mandalhe o Apostolo, que abraõ os olhos, & que os ponhaõ: em que? Não na inconstancia, & pouca duraçãõ de tudo o que resplandece, & parece grande no mundo, senão na sua vocaçãõ: *Videte Ibi. vocationem vestram.* A vocaçãõ dos Corinthios era a da Fè, & do Christianismo, a q̃ Deos os tinha chamado, & elles tinhaõ recebido. E nesta vocaçãõ, que he o que haviaõ de advertir, & notar? Causa admiravel! Que não cha-

chamara Deos a ella, nem a muitos sabios segundo a carne, que saõ os politicos, nem a muitos poderosos, nem a muitos nobres: *Quia non multi sapientes secundum carnem, non multi potentes, non multi nobiles.* Gloriete agora laõ os poderosos, & os nobres, & desprezem os qõo naõ saõ De todos os homens saõ muitos os chamados, & poucos os escolhidos: dos nobres, & poderosos naõ só saõ poucos os escolhidos, senaõ poucos os chamados: *Videte vocatorem vestram, non multi potentes, non multi nobiles.* Quereis saber quam poucos saõ? Christo, Senhor nosso, como já dissemos, convertèõ neste mundo quinhentos Discipulos, poucos mais: assim o diz, & os conta nesta mesma Epistola o mesmo S. Paulo: *Visus est plusquam quingentis fratribus:* & destes quinhentos convertidos, que seguiaõ a Escola de Christo, quantos eraõ os nobres, & poderosos? Couza mais admiravel ainda. Apenas achareis hum para cada cento. Hum Capitaõ qõ era Joseph: hum Senhor, que era Nicodemus: hum Fidal-

go, qõ era Lazaro: hum Regulo, que era o Cafarnaite: & para chegar a encher o numero, he necessario que entre tambem Zachèõ com o seu dinheiro, que ainda naquelle tempo naõ era fidalguia. De maneira, que da nobreza tam desvanecida, de cada cento, hum; & da plebe humilde, & desprezada, de cada cento, noventa & nove.

20 E qual he a razãõ desta differença? A primeira, & mais visivel, he a qõ deraõ os Demonios. Porque os grandes, & poderosos tem muita materia, & muita liberdade para os vicios; os pequenos, & qõ pouco podem, ou pouca, ou nenhũa. Donde se segue, que os grandes vão ao inferno, porque podem; & os pequenos vão ao Ceo, a mais não poder; porque se elles poderaõ, tambem haviãõ de fazer como os demais. Poder fazer mal, & não o fazer, he milagre da Graça, qõ ella faz poucas vezes: *Qui potuit transgredi, & non est transgressus; & facere mala, & non fecit.* *Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua.* Assim, que os

Ibi-
dem.1. Cor
15. 6.Eo-
cles.
31.
91.

grâdes vaõ ao inferno, pelas acções do que podem, & os pequenos ao Ceo, pelas omissões do que não podem. Esta he arazão mais publica. A mais occulta, & mais alta, he porque esta mesma impotencia dos pequenos, & populares, he effeito da sua predestinaçõ.

21 Seguia todo o Povo a Christo: & para impedir estes concursos, & applausos, mal soffridos de seus emulos, os Principes dos Sacerdotes, mandáraõ elles bom numero de Ministros, que fossem prender ao Senhor: foraõ, mas com successo tam encõtrado, que em vez de prenderem, ficáraõ prezos. Tornando pois sem a dezejada preza; pergütáraõ lhe os Põtifices, & Fariseos: *Quare non adduxistis illum?* Porque o não prendestes? *Responderunt ministri: Nunquam sic loquutus est homo: não o piédemos, porque o ouvimos: & nunca ouve homẽ, que fallasse como este. Bemdito seja Deos, que já ouve Ministros, q̃ perdoassem a hum Prégador por fallar bem! Mas eraõ Ministros inferiores. Ouçan. os a-*

Ioan. 7
46.

gora o que instáraõ, & repli-
cáraõ os Supremos: *Nunquid Ibid.
& vos seducti estis? Nunquid 47.
ex Principibus aliquis credi- 48.
dit in eum, aut ex Phariseis?
Sed turba hæc, quæ non novit
Legem.* B. Esta, q̃ tambem vòs
vos deixais enganar? Por vè-
tura a esse homem seguio al-
gum dos Principes, & dos
Grandes? Naõ. Os que o se-
guem, & crem nelle, he a gẽ-
te do Povo, baixa, & rude.
Logo esse homem não he o
Messias. Assim argumenta-
vaõ, & inferiaõ cõtra Chris-
to, como emulos, & inimi-
gos, devendo inferir contra
sy, desenganarse como pru-
dentes. Em semelhante caso
de huns, que repudiáraõ a
Christo, & outros que abra-
çáraõ a sua Fè, diz S. Lucas:
Et crediderunt, quotquot erant *Ab.*
præordinati ad vitam æternã: 13.
& criáraõ nelle, todos os que *48.*
eraõ predestinados para a vi-
da eterna. Esta he a verda-
deira consequencia, que de-
viã inferir os Principes, &
Grâdes da Synagoga. Nòs os
Principes, & Grandes, não a-
ceitamos a doutrina de Chri-
sto, nem o seguimos, & o Po-
vo sim. Logo o Povo he o
pre-

pre destinado, & nós não.

22 Esta Theologia não será muito agradavel aos ouvidos costumados às lizonjas alheias, & tambem à propria; mas he o mero espirito do Evangelho, & a summa de toda a doutrina de Christo. Não porque sempre, & necessariamente haja de ser assim; mas porque as mais vezes, & pelo cômum da Providencia Divina, he effeito, & final da predestinação, fazer Deos pequenos, & de humilde condição, & não Grãdes, & Poderosos, aos q̄ quer salvar. E se quereis ver com os olhos a razão fundamental, & divina desta Providencia, olhai para a vida de Christo. Christo he a causa exemplar de todos os predestinados: *Quos præscivit, & prædestinavit conformes fieri imaginis Filij sui.* E qual foi o estado, q̄ Christo escolheo neste mundo? O de pobre, o de humilde, o da condição infima, & plebea, querendo o Filho de Deos ser reputado por Filho de hum official *Fabri filius*: & ajudando o ganhar o pão com o trabalho de suas mãos, & o suor do seu

rosto: Logo o que veste a farras no monte, o que rompe a terra com o arado no campo, o que maneja a ferra, ou outro instrumento mecano no povoado, esta gente humilde, & popular, são os que Deos commumente predestinou para no Ceo lhe trocar a fortuna. Vedeo nas acções, ou affectos deste mesmo Evangelho. Ouve quem admirou, ouve quem louvou; ouve quem blasfemou o milagre: mas quæes foraõ hũs, & outros? Os que blasfemáraõ, foraõ só os Grandes, & Poderosos, os Escribas, & Fariséos: os que admiráraõ, & louváraõ, todos foraõ do Povo. Os que admiráraõ, do Povo: *Admiratæ sunt turbæ*: os que louváraõ, ou a que louvou, do Povo: *Extollens vocem quædam mulier de turba.*

23 Oh quanto se enganou no que esperou, ou presumio de nós S. Joã Bautista. Não estranheis a palavra. Os Profetas eraõ Profetas, & Prêgadores juntamente: como Profetas diziaõ o que haviaõ de fer; como Prêgadores diziaõ o que era bem que

Rom.
8. 29.

Mat
th 13.
55.

fosse: & no successo disto se podiaõ enganar. Assim se enganou comnosco o Bautista. Cuidou, que tâto que os homens vissem a Deos feito pequeno, não havia de haver quem quizesse ser grande, & que haviaõ de contender a quem havia de ser menor q̄ todos, assim como hoje contendem a qual ha de ser maior: *Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur.* Tanto que Deos apparecer no mûdo taõ pequeno como hum Cordeiro, como eu o hey de mostrar com o dedo, os montes, & os oiteiros se haõ de abater, & derubar por sy mesmos, & encher os valles, & não ha de haver altos, & baixos na terra, tuõ ha de ser igual. E q̄ montes, & oiteiros saõ estes? Os montes saõ os da primeira nobreza, & do primeiro poder; os oiteiros saõ os da segunda. E posto q̄ na Chriftandade temos exemplos de alguns, que voluntariamente se abaterãõ, os demais estaõ tam fóra disto, & os mesmos valles tambem: que os valles aspiraõ a ser oiteiros, & os oiteiros a ser montes, &

os montes a ser Olimpos, & exceder as nuvens. Mas nem por isso estaõ mais perto do Ceo, senaõ muito mais longe. O Bautista disse: *Omnis mons, & collis*: fallando de todos: & por isso se enganou nas suas esperanças.

VI.

Luc.
3.5.

24 **A** Terceira, & ultima que estaõ, q̄ excitou S Domingos, foi perguntar, & mãdar aos Demonios, que dissessem publicamente, se tudo o que elle prégava de devaçãõ do Rosario era verdade: & qual era no Ceo o Santo, a quem elles mais temessem, & a quem os homens mais se deviaõ encõmentar, glorificar, amar, & honrar. Ouvindo esta pergũta todos os quinze mil Demonios, levantãõ taes clamores, & fizeãõ taes allaridos, que muitos dos circunstantes assombrados cahiraõ em terra de pavor, & espanto. Mas não foi esta só a demonstraçaõ da sua grande repugnancia, & sentimento. Lançaõ-se aos pès do Santo, & rogaõlhe, q̄ se contente, de que lhe descubraõ

cupraõ aquellas cousas à parte, & só a elle em segredo, mas de nenhum modo em publico, & em presença de tanta multidão de gente. Vêcêo porèm esta grande resistência a Oração de S. Domingos, & por imperio da mesma Mãe de Deos foraõ constrangidos os Demonios a responder, & confessar a verdade publicamente, & em altas vozes, que fossem ouvidas de todos.

25 Primeiramente raiando, & mordendo muitas vezes a lingua do endemoninhado, disserão, que a maior, & mais poderosa inimiga, q̃ tinhaõ no Ceo, era Maria a Mãe de Deos, que de là os lançára. Ella he (dizem) a que como luz desfaz as trevas de nossos enganõs: ella a que destrue, & converte em nada todas as nossas machinas, & intentos: & senaõ fora pela protecção, vigilancia, & dominio, com q̃ reprime nossa potêcia, & desbarata nossas traças; já tiveramos destruido a Christandade, & enganado, & prevenido a maior parte dos Estados da Igreja. Val mais hum suspiro,

hum aceno, & qualquer significação de sua vôtade diante do trono de Deos, que as orações, & petições de todas as Gerachias dos Anjos, & todos os Santos juntos. E pois fomos forçados muito a nosso pesar a vos descobrir este segredo, sabei, Christãos, que nenhum dos que perseveraõ fielmente na devação, & serviço desta Senhora, se condena: porque, ou antes da morte lhe alcança verdadeira contrição, & arrependimento de seus peccados, ou ainda depois de mortos, & quando já os temos em nossas mãos, podendo mais a sua valia que o nosso direito, os livra por varios modos deitê ao inferno. Assim que tudo o que vos prêga, & ensina Frey Domingos, he verdade: & pela experiencia, que já temos, vos seja notorio a todos, que nenhum devoto do Rosario, que continuar, & perseverar firmemente nesta devação da Mãe de Deos, se condenará.

26 Isto he o que disse a hũa voz toda aquella multidão de Demonios; os quaes, posto que sejaõ pays da mentira, & não mereçaõ credito;

quando porèm fallaõ mandados, & obrigados por Deos (como neste caso) não dizem o que voluntaria, & maliciosamente fingiriaõ, senão o q̄ certa, & verdadeiramente he, como instrumento, posto q̄ forçados, da Verdade Divina. Quanto mais, que tudo o q̄ aqui affirmáraõ, ou prégáraõ os Demonios, he conforme a Sagrada Escritura, & doutrina dos Santos. Differaõ, que a maior inimiga, que tinhaõ, he a Virgem Maria: & esta verdade he parte da mesma sentença, que ouviraõ da boca de Deos, quando por boca da Serpente enganáraõ os primeiros homẽs: *Inimicitias ponam inter te, & mulierem*: Porei inimizades entre ti, & a mulher. Para a sentença ser mais rigorosa, & a execuçaõ della mais tenida, parece q̄ não havia de dizer, entre ti, & a mulher; senão, entre ti, & o homem. Porque não diz logo Deos, que porã as inimizades entre a Serpente, & o homem, senão entre a Serpente, & a mulher: *Inter te, & mulierem*? Porq̄ esta mulher era, & havia de ser, Maria; & Maria, a Mãe de Deos, he a

maior, & mais poderosa inimiga, que tem, & temem os Demonios, como elles mesmos confessaõ. Se a mulher, de que fallava, fora outra, então diria Deos: porei as inimizades entre ti, & o homẽ; porque os homens saõ, os q̄ matãõ as serpẽtes, & as molheres fogem dellas. Mas esta mulher mais, que homem, era tam diferente das outra & havia de ser tam temida das serpentes, & dos Demonios, como na segunda parte da sentença lhe notificou o mesmo Deos: *Tu insidiaberis calcaneo ejus. Ipsa conteret caput tuum*. Serã tam grande o medo, q̄ terás desta mulher, que já mais te atreverás contra ella de rosto a rosto. Isso quer dizer: *Insidiaberis calcaneo ejus*. Aa traiçaõ, & por si-lada, abrirás, quando muito, contra ella a boca, como fazes pelas dos Heresges, mas nunca a poderás morder: tuas serão as traições, mas suas as vitorias: tu machinarás na cabeça astuta como serpente; mas ella te meterã a cabeça debaixo dos pês: *Ipsa conteret caput tuum*. Vede, se falláraõ verdade, & verdade canonica

Genej.
3. 15.

Ibid.

nonica, os Demonios?

27. **Differaõ mais, que basta qualquer significação da vontade de Maria, para q̄ Deos faça prontamente quãto ella quer. Não fora Deos seu Filho, se assim o não fizera. Por isso a poz como Rainha do Ceo, da terra, & do inferno, à sua mão direita:**

Psalms

44. *Astitit Regina à dextris tuis.*

10. **Entrou em Palacio Bersabè, mãy del Rey Salamaõ, & diz o Texto Sagrado, que descêdese o Rey do seu trono, a sahio a receber com grande reverencia, & lhe mãdou pôr outro trono á mão direita, em que se assentasse: *Surrexit***

3. *Reg. Rex in occursum ejus, adoravitque eam: positusque est thronus matri Regis, quæ sedit ad dexteram ejus.* Toda esta,

2. **nem mais, nem menos, he a historia da Mãy de Deos no magestoso recebimento, com q̄ entrou no Ceo, & no trono, & supremo lugar, que lâ tem à mão direita de seu Filho. E como Bersabè disseffe a Salamaõ, que tinha hũa petição que lhe fazer: que respôderia o Sapiêntissimo Rey?**

Ibid. Pete, mater mea. neque enim

20. *fas est, ut avertam faciem tuã.*

Pedi, mãy minha; porq̄ não he licito, que eu vos negue cousa algũa, q̄ me pedirdes. Não he licito, disse o Rey mais Sabio, & maior Jurisconsulto do mundo: porque negar hum filho a sua mãy o que lhe pedisse, seria contra a Ley natural, da qual não estão izentas as maiores Magestades. E depois que Deos teve Mãy, tem tambem lugar esta regra em Deos? També, diz S. Gregorio Nicomediẽ-

Greg. se, fallando com a mesma Nicomediẽ-

Senhora: Tuam enim gloriam Creator existimans esse propriam, & tanquam Filius ea exultans, quasi solvens debitũ implet petitiones. Não se izenta a suprema soberania do

Criador depagar este tributo de obsequio a sua Mãy, antes se preza, & gloria tanto defazer quanto lhe pede como Filho, que não despacha as suas petições como graça, senão como divida: *Quasi solvens debitum implet petitiones.* Alta, & verdadeiramente ditto! Quando Deos despacha as petições dos outros Santos, he graça, porque faz o que pôde, porq̄ quer: quãdo despacha as de sua Mãy,

he

he justiça, porque faz o que não pôde deixar de querer, porque paga o que deve. E daqui infere o mesmo Santo, que os rogos de Maria para com Deos, são imperios, as petições são decretos, as execuções obediencias: *Nihil tuæ resistit potentia, nihil repugnat tuis viribus, omnia cedunt tuo jussui, omnia tuo obediunt imperio omnia tuæ potestati serviunt.* Isto he o q̄ dizem os Santos, & isto o q̄ confessãraõ os Demonios.

28 Só huma cousa das q̄ differaõ, parece difficultosa: & he, affirmarem com tanta asseveraçaõ, que nenhum devoto da Virgê Maria, se perfevera na sua devaçaõ, se condena. Se nos queresã os Demonios enganar com esta grande confiança? He certo, & certissimo, segundo o insaciavel dezejo q̄ temde nossa perdiçaõ, que assim o fariaõ; se podessem; mas como fallavaõ obrigados, & constrangidos por Deos, differaõ muito a seu pesar, o que não podêraõ negar. Ouçamos purificado pela boca dos Santos, o mesmo que as venenozas dos Demonios vomitãraõ

forçadas. São Anselmo, tam *Ansel.* devoto da Senhora, como allumiado do Ceo, diz esta sentença notavel, mas recebida, & approvada de todos os Theologos: *Sicut, ò Beatissima Virgo, omnis à te aversus, & despectus, necesse est, ut intereat: ita omnis ad te conversus, & à te respectus, impossibile est, ut pereat.* Quer dizer. Assim como todo aquelle, que se aparta de vós, ò Beatissima Virgê, & por isso se faz indigno de vossa protecçaõ, & amparo, necessariamente se condena: assim todo aquelle, que se converte a vós, & se faz digno de q̄ ponhais nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he que se perca. O mesmo dizem fallando pelos mesmos termos de salvação, & condemnaçaõ, entre os Padres Gregos, S. Germano, S. Efrem, S. Epifanio, & entre os Latinos, S. Pedro Damiaõ, S. Boaventura, S. Bernardo: o qual declara o modo destes dous impossiveis, com hũa, não só comparaçaõ, mas figura da mesma Senhora, tam elegante, como evidête: *Arca Noe significavit*

*D. Ger-
man.*

*D. E-
frem.*

*D. Epi-
phan.*

*D. Pe-
tr. Da-*

mian.

*D. Bo-
navêr.*

*D. Ber-
nard.*

*in Psal-
ex-*

Qui *excellentiã Mariæ. Illam*
 habi- *Noë, ut diluuium evaderet,*
 tat. ci- *fabricavit: istam Christus, ut*
 tat. à *humanum genus redimeret,*
Salme præparavit. Per illam octo
rone tantum animæ salvantur: per
tom. 6. istam omnes ad æternam vitã
trãst. vocantur. Na Arca de Noè
 28. foi significada a excellencia
 de Maria (diz Bernardo.)
 Aquella fabricada por Noè,
 esta por Christo : aquella pa-
 ra se salvarem entãõ os pou-
 cos , que conservãrãõ a vida
 temporal : esta para se salva-
 rem depois todos os que al-
 canção a vida eterna. Notai
 agora a propriedade da feme-
 lhança, que não pôde ser ma-
 ior, nem mais adequada. No
 diluvio de Noè todos os q̃
 estiverãõ dentro na Arca, se
 salvãrãõ, & todos os que fi-
 cãrãõ fóra, se perdãrãõ : & cõ
 tal necessidade de se salvar,
 ou perder no meyo de dous
 impossiveis ; que nem os de
 fóra podiaõ deixar de se per-
 der, nem os de dẽtro podiaõ
 deixar de se salvar ; porque
 para que huns não. podessem
 entrar, nem outros sair, tinha
 Deos por sy mesmo fechado
 a Arca. Do mesmo modo ne-
 sta tempestade universal da

vida, & do mundo, em que
 todos fluctuamos, & tantos
 naufragão. Os que estaõ den-
 tro na Arca, isto he, de baixo
 da protecção de Maria, todos
 se salvãõ : os que estãõ fóra
 della, todos se perdẽ : & hũa,
 ou outra coula tam infalli-
 velmente, de baixo desta sup-
 posição (a qual depende de
 nós) que os que se perdem,
 necessariamente se perdem :
Neçesse est, ut intereat: & os q̃
se salvãõ, impossivel he que
se não salvem : Impossibile est,
ut pereat.

29. Mas quaes, & quan-
 tos forãõ, os que se salvãrãõ
 na Arca? Bem dita seja, & in-
 finitamente bem dita a mise-
 ricordia de Deos, & de sua
 Mãy ! *Homines, & jumenta* *Psalm.*
salvabis, Domine. Quem ad *35. 7.*
modum multiplicasti miseri- *8.*
cordiam tuam. Os que se salva-
 vãrãõ na Arca, ou erãõ ho-
 mens racionaes, como Noè,
 & a sua familia, em q̃ sãõ signi-
 ficados os Justos, que vivem
 conforme a razão, & obe-
 decem, & servem a Deos : ou
 erãõ os animaes brutos de to-
 das as especies, hũs feros, lou-
 tros venenosos, outros de ra-
 pina, em que sãõ significados

os peccadores em todo o genero de vicios, q̄ vivem sempre de razão, levados só do impeto dos appetites. E todos estes se salváraõ na Arca, porq̄ debaixo da protecção de Maria (se foraõ tam venturosos, ou tam diligentes, que aouveraõ procurar) não só os Justos, senaõ tambem os peccadores, por mais, & maiores peccadores que sejaõ, todos se salvaõ. Isto he o que confessaraõ, & prégáraõ os Demonios. E se accrescêtaõ confirmando a doutrina de S. Domingos, q̄ entre todos os devotos da Senhora, os que rézaõ o seu Rosario, saõ os que gozaõ esta soberana prerogativa cõ especial assistencia do Ceo, & respeito à mesma devaçaõ: Na mesma Arca, & no mesmo diluvio temos conta por conta as do Rosario. O diluvio diz o Texto Sagrado, que durou cêto & sincoêta dias:

Genes. Obtinuerunt aquæ terram centum quinquaginta diebus: & a

Ibid. 20. 18. Quindecim cubitis altior fuit aqua super mōtes, quos operue-

*rat: porò Arca ferebatur super aquas. Desorte, que a' providência da salvaçaõ, & os numeros do Rosario se ajuláraõ de tal fórma, que o diluvio durou cento & sincoêta dias; & as aguas crelcêraõ sobre os montes quinze covados, para que a Arca não tocasse em algum delles, & se perdesse, & todos os que hiaõ nella se salvassem. E deste modo perecêraõ todos, & só os que estavaõ na Arca se salváraõ: *Cuncta, in quibus Genes. spiraculum vitæ est in terra, 7 22. mortua sunt. Remansit autem 23. solus Noe, & qui cum eo erant in Arca.**

VII.

30 **D**Epois que os Demonios falláraõ, & satisfizeraõ a todas as perguntas, & prégáraõ aquelles tres grandes defenganos a todo o concurso dos ouvintes, que no principio eraõ mais de dous mil, & sempre foi crescendo; chegase S. Domingos ao Herege endemoninhado, mandalhe imperialmente q̄ o siga em virtude do Santo Rosario. Parece-me, que estou

tou vendo, não fabulosa, mas verdadeiramente, a histotia de Hercules, quando tirou por força do inferno, & trouxe atado apoz sy o Cam Cerbero de tres cabeças. O Hercules dos Catholicos, era Domingos: o Cam Cerbero, o Herege, propriamente tri-fauce, que por tres bocas, & com tres linguas todas blasfemas ladrava contra o Santo, contra a Santissima Virgem, & contra a devação do feu Rosario: & assim como se diz de Hercules: *Cerberū traxit triplici catena*: assim levava o Santo prezo apoz sy aquelle Cam infernal, & a cadea era o Rosario, que são tres cadeas em hũa, ou huma cadea de tres ramaes: *Triplacici catena*. Posto o endemoninhado no meyo do auditorio, diz o Santo, & pede a todos, que para que Deos livre aquelle miseravel homẽ da multidaõ de Demonios, q̃ o atormentava, se ponhaõ todos de juelhos, & em alta voz rezẽ o Rosario. Oh prodigio! Oh caso inaudito! Oh maravilha propria, não só da Omnipotencia, mas da Sabedoria Divina, com que tudo

dispoem, & executa efficaz, & ordenadamente! Tanto q̃ se rezou a primeira Ave Maria, em figura de carvões aceros sahiraõ da boca do endemoninhado Cem Demonios. Rezouse a segunda, & sahiraõ outros Cento, outros Cento à terceira, outros. Cento à quarta: & saindo desta maneira Cento a Cento a cada Ave Maria, no ponto em que se acabaraõ de rezar as Cento & sincoenta Ave Marias das quinze Decadas, ficou totalmente livre o homẽ dos quinze mil Demonios, & não só livre no corpo, senaõ na Alma, já de zengana-do, já convertido, já allumiado, & reconhecido de seus erros, já devoto, & devotissimo (como todos os que se acháraõ presentes ao milagre) da purissima, & poderosissima Mãe de Deos, & do feu Rosario. Oh beditissimo Filho de Maria, quando honra-astes, & honrais a vossa Santissima Mãe, & com quantos excessos de gloria quizestes se cūprisse nesta acção a verdade daquella vossa grande promessa: *Maiora facietis*: Vòs detivestes vos, & gab-

gastastes tempo em lançar hũ só Demonio: *Erat Iesus eiciens Daemonium*: & o nome de vossa Mãe no mesmo momento, em que se pronunciava, lançava cem Demonios; dez vezes pronunciando, mil; Cento & sincoêta vezes pronunciado, quinze mil. E se o Rosario se pronunciára no inferno, ainda que sejaõ tantos milhares os Demonios, que o habitaõ, cedo ficaria despovoado.

VIII.

31 **T**enho ditto o que basta para a admiração. E que posso dizer de novo para a doutrina? A primeira cousa que digo, he, o que tâtas vezes dizia, & prègava S. Paulo. Como os Demonios saõ espiritos invisiveis, & naõ os vemos, parece q̃ nos naõ acabamos de persuadir que ha Demonios, & q̃ perpetuamête andamos cercados delles: sendo assim que porque saõ invisiveis, por isso mesmo os devemos temer muito mais. Se hum Soldado tivesse arte de se fazer invisivel, & entrar, & sair, & obrar o que quizesse, sem ser

visto; este ló se devia temer mais que os grandes exercitos: & os Demonios pelo côtrario naõ saõ hum ló contra muitos homens, senaõ muitos contra cada hum, & todos invisiveis. Isto he o que sobretudo ponderava S. Paulo: *Quoniam non est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinẽ; sed adversus Principes, & Potestates, adversus mundi Rectores tenebrarum harum, contra spiritualia nequitia, in caelestibus.* Tres coulas nota o Apostolo nestas palavras, todas muito para temer. A primeira, q̃ lutamos; com quem naõ tem corpo, & por isso com partido muito desigual; porque elles tem por onde nos pegar, & nós naõ: *Non est nobis colluctatio adversus carnem, & sanguinem.* A segunda, que nós pelejamos ás escuras, & elles cõ luz, porque elles vemnos a nòs, & vemnos por fóra, & por dentro, & nós naõ os vemos a elles: *Adversus mundi Rectores tenebrarum harum.* A terceira, que nós temos os pés na terra, & elles naõ tem pés, senaõ azas velocissimas, com que voaõ pelo ar, o qual

Ephes.
6. 11.

occupação desde a terra até o Ceo: *Contra spiritualia nequitia, in caelestibus.* E se perguntarmos a razão, porque aquella parte dos Demonios, que não estão prezos, & aferrolhados no inferno, & permittio Deos, que ficassem cá em cima para nos tentarem, o sitio, que occupação, he todo o elemento do ar, quanto se estende desde a terra até o Ceo? A razão he diz S. Bernardo, porq̃ deste modo nos quizerão cercar, & sitiá-los totalmēte, assim da parte, donde só nos podē vir, & entrar os soccorros, que he o Ceo; como da parte donde nós os podemos procurar com nossas orações, que he a terra: *In aere esse delectantur, ut dona Dei ad nos descendere, vel nostras orationes ad Deum ferri impediant.*

32 Que faremos nós logo, estando assim sitiados de tantos, & tam poderosos inimigos? Defendernos só, he pouco. O q̃ devemos fazer, he fortificarnos, & armarnos de tal sorte, q̃ não só os Demonios desesperem a victoria, mas que nos temaõ, & fujaõ de nós: & isto só o po-

demos conseguir, pondonos à sombra da torre de David, de que pendem milhares de escudos, que he a Virgē Maria, & só dentro do recinto do seu Rosario. *Quasi Platanus exaltata sum juxta a-* Eccles. 24. 19.
quam in plateis: diz a mesma Senhora fallando de sy. Cõparase ao Platano alto, fresco, copado, & sombrio, não plantado só para amenidade, & delicia dentro dos jardins, senão fóra, & no meyo das estradas, ou ruas largas: *In plateis.* Esta distincão das ruas largas às estreitas, he da Alma Sãta, quando buscava o Esposo: *Per vicus, & plateas* Cant. 3. 2.
queram illum: & a significação de hũas, & outras, he do mesmo Esposo Christo: *Ar-* Mat. 7. 13. 14.
ta via est, quæ ducit ad vitam. As ruas largas, são aquellas por onde os mãos caminhaõ ao inferno; & as estreitas, por onde os bons vão ao Ceo. E porque as ruas, & estradas largas são os lugares, onde os Demonios principalmente nos tentaõ, onde nos fazem a maior guerra, & por onde nos levaõ à perdição, esse he o motivo, & o mysterio porq̃

a Virgem Maria assiste, & se levanta como Platano nas mesmas estradas, para alli nos defender dos Demonios, & os pôr em fugida. Pois como Platano para nos defender, & como Platano para pôr em fugida os Demonios? Sim. Que essas são as virtudes, & propriedades do Platano: *Platanus quot habet folia, tot habet scuta.* O Platano, diz Hugo, tâtos escudos tem, quantas folhas; porque esta he a fórma, q̄ a natureza deu às folhas do Platano: podê Jose dizer daquella arvore, ou castello verde, o q̄ se diz da torre de David: *Mil-le clypei pendent ex ea:* & por isso figura da Virgem Sâtissima, emquanto nos defende dos Demonios. E emquanto os faz fugir, tambem Platano; porque como diz Pierio: *Platani folia arcent vesperiliones:* as mesmas folhas do Platano tem virtude de afugêtar os morcegos filhos das trevas, & inimigos da luz, & por isso feios, & funestos, símbolos dos mesmos Demonios. Dos quaes affirma por experiencia S. Bernardino, que com tal extremo te-

mem a Rainha dos Anjos, & fogem de sua presença, que a nenhum lugar, onde esta Senhora afflita, se atrevê elles a chegar, nem de muito longe: *Dæmones ne de magno spatto audēt illi appropinquare.*

33 A prova da Escritura nos darã o Principe dos mesmos Demonios, & só elle a podêra inventar, quanto he encarecida. Christo, Senhor nosso, atê a idade de trinta annos assistio sempre com sua Sâtissima Mãy, obedecendoa, & servindoa, & depois da morte de S. Joseph sustentandoa, como bom Filho, com o trabalho de suas mãos, & suor de seu rosto. Ouve em fim de sair o Divino Sol a allumiar o mundo, & para começar pelo primeiro, & mais necessario documento, ensinandonos com seu exemplo a vencer o Demonio, & suas tentações, diz o Texto Sagrado, que se retirou a hum deserto para alli ser tentado: *Ductus est Iesus in desertum, ut tentaretur à Diabolo.* Parece, que nem da parte de Christo para o exemplo, nem da parte do Demonio para a tentação, se havia ella

Hugo
Car.
din.

Cant.
4.4.

Pierius.

S. Bernard.

M. M.
sh. 4
12

ella de guardar para tam tarde. A idade mais sogeta, & ainda inclinada às tentações, & a menos forte, & mais bizonha para as resistencias, he muito antes dos trinta annos. Pois porque não tentou o Demonio a Christo, nem Christo o buscou, ou desafiou para ser tentado nos primeiros, ou ultimos verdores da adolescencia, idade q̄ nos outros homens he a mais ardente, a menos defenganada, & a mais aparelhada, & prompta para ser vencida? Respondem douta, & devotamente graves Autores, que naquella idade, & em todos os annos seguintes até os trinta assistia sépre o Senhor, & morava cõ sua Santissima Mãy, & debaixo da sua sogetação, & obediencia, como cõfita dos Evangelistas: & por isso o Demonio em todo este tẽpo não teve ousadia para o tentar, nem esperanza de o vencer; porque onde assiste, ou he assistida Maria, não só não se atrevem a chegar os Demonios, mas fogem dahi muito longe: *De longe spatium non audent appropinquare.* De muito longe, digo com S.

Tom. 6.

Bernardino, & o provo do mesmo Texto. Se o Demonio se não atrevèu a acometter a Christo, em quãto estava em casa de sua Mãy, porque o não acomettèu fóra della na Cidade de Nazareth, ou em outro visinha, nem Christo o buscou para ser tentado, se não no deserto de além do Jordão em tantas leguas de distancia? Porque conhecia o Senhor o grãde medo, que os Demonios tem ao Sagrado fortissimo de Maria, & quanto fogem, não só a presença, senão a qualquer visinhança daquella Soberana Magestade para elles tremêda. Prevendo pois que assim como o Demonio em tantos annos se não atrevèu ao tentar em sua casa; també agora não teria ousadia para acometter ainda em lugar apartado, & distante, se não fosse muito longe della, por isso se retirou àquelle deserto, onde desacompanhado de sua Mãy, & muito longe de sua presença, dèsse animo, & confiança ao Demonio de o acometter, & là podesse ser tentado, como queria: *Ductus est in desertum, ut tentaretur à Diabolo.* C Ainda

34 Ainda não está ponderado o maior encarecimento do caso. Tenta finalmente o Demonio a Christo, & as palavras, por onde começou a primeira, & segunda tentação, foraõ: *Si Filius Dei es*: Se es Filho de Deos. Não só do jejum de quarenta dias (porque também Moysés, & Elias tinhão jejuado outros quarêta) mas de todas as outras circunstâncias sobrehumanas, q̄ Christo tinha obrado no deserto, julgou o Demonio, que aquelle Homem era mais que homem, & não podia ser menos que Filho de Deos prometido nas Escrituras. A este principio attribuem muitos a noticia, que o Demonio teve da Divindade de Christo; mas o certo, & infallivel fundamento, foi a voz do Eterno Padre, quando disse sobre o Jordaõ: *Hic est Filius meus dilectus*: que o Demonio muito bem ouviu. Pois se o Demonio tenta a Christo, hũa, duas, & tres vezes, quando o reconhece Filho de Deos; como se não atreve ao tentar nem hũa só vez debaixo da sujeição de sua Mãe,

& em sua casa, quando só q̄ considerava Homem? Esta mesma pergunta, ou admiração, he o maior encarecimento, q̄ se pôde dizer, nem imaginar, de quanto o Demonio respeita, foge, & teme, não só a Pessoa, & presença daquella mulher, a que foi sentenciado, que lhe pizaria a cabeça, mas a assistência sómente, & protecção dos que vivem à sombra da mesma Senhora, & ella tem debaixo de sua logeição, & amparo. De sorte q̄ o mesmo Christo considerado só como Homem, não se atreve o Demonio ao tentar, porque o vé acompanhado, & assistido de Maria; & depois que o reconhece por Filho de Deos, porque o vé só, & desacompanhado della, não teme de o acometter, nem recea de o tentar, hũa & muitas vezes: como se fora mais formidavel ao Demonio a companhia, & assistência só daquella prodigiosa mulher, que a uniaõ, & presença da mesma Divindade. Basta, Demonio; que ao Filho de Deos, conhecido por tal, esperas tu, & presumes vencer; & ao Filho de Maria,

Mat.
th. 4.
3.

Mat.
th. 3.
17.

Maria, suppondo só que he Ho nem, em quanto está cõ ella, não te atreves tentar? Mas permittio Deos, que tu o entenlesses assim, para que nós entendamos, que debaixo da sua protecção, & emparo, nunca tu, nem todo o inferno nos poderá offender. Infinitas são as cousas, que se poderão dizer, & altísimos os pensamentos, que sobre este grande parallello se poderão levatar; mas para mim sem nenhũa outra cõsideração basta só a simples verdade, & certeza do succedido. E qual he? He certo, que em quanto Christo esteve cõ sua Mãy, não o tentou o Demonio, & he certo, que depois que se apartou della, logo o tentou.

IX.

35 **O** Que pois devemos fazer para nos defender do Demonio, & suas tentações, ou para que elle, & ellas fujaõ de nós, & nos temaõ; he, como dizia, recolhemos à sombra da Torre de David, a Virgem Senhora nossa, & dentro do recinto

do seu Rosário: porque assim fortificados, nenhum Demonio haverá nas tres Gerarchias do inferno, nem todos juntos, q̃ se chegarem a nos tentar, nos possãõ vencer. Disse nas tres Gerarchias; porque esta he a forma, em q̃ se repartem, como em tres Terços, todos os Demonios, & dividem entre sy o dia natural, para q̃ em nenhũa hora delle cesse a bateria, com que nos combaté. Os primeyros chamaõse Demonios matutinos; & a estes pertencem as horas da madrugada, & da manhã: os segūdos chamaõse Demonios meridianos; & a estes pertencem as horas do meyo dia, & de todo elle: os terceyros chamaõse Demonios vespertinos; & a estes pertencem as horas da tarde, & do resto da noite. Vede agora a singular energia, & propriedade, com que a estes tres Terços do inferno contrapoz a Senhora os tres Terços do seu Rosário, dividindo na mesma forma o dia, & respondendo horas a horas. Aos Demonios vespertinos respondem os Mystérios da Encarnação, que foi obra da

na ultima hora da tarde. Aos Demonios meridianos respondem os Mysterios da Paixaõ, que foi obrada nas horas do meyo dia: & aos Demonios matutinos respõdem os Mysterios da Resurreiçaõ, que foi obrada na primeira hora da manhãa. E para q̃ nos naõ falte a prova da Escritura cõ as mesmas tres differenças de Demonios no mesmo dia, ouçamos o Parafraze Chaldéo sobre aquellas palavras dos Cãticos: *Donec aspiret dies, & inclinentur umbrae.*

Cãt. 4.
6

36 *Omni tempore, quo Populus domus Israel tenebat manibus suis artem Patrum suorum, fugiebant nocētes Spiritus tenebricosiores, & vespertini, & matutini Dæmones de medio eorum.* Quer dizer: Em todo o tempo, em que o Povo fiel da casa de Israel trazia nas mãos a arte de seus Pais, fugiaõ delles todos os mãos Elpíritos. E que mãos Elpíritos eraõ estes: *Tenebricosiores, & vespertini, & matutini Dæmones.* Eraõ os Demonios vespertinos, & os Demonios matutinos, & os Demonios meridianos. E pa-

ra que ninguem duvide qual era o poder, de que temiaõ, & a virtude, que os fazia fugir, continúa assim o mesmo Parafraze: *Eò quòd maestas Domini resibedat in domo Sanctuarij, quæ edificata est in monte Moriah, & omnes Dæmones, & nocētes Spiritus fugiebant ab odore incensi aromaticum.* E a razão, diz, era; porque a Arca do Testamento residia na casa do Santuario, edificada no monte Moriah, & todos os mãos Elpíritos, & Demonios fugiaõ do cheiro do incenso aromático, que se offerencia, & queimava diante della. Todos sabem, que a Arca do Testamento significa a Virgem, Senhora nossa, & tambem sabê, que o incenso significa a Oraçaõ, & os aromas, de que era composto, os Mysterios, que a acompanhaõ: logo toda aquella representaçaõ no Têplo antigos, que tambem significava a Igreja, era hũa figura profetica, ou hũa profecia em figuras, de que a mesma Senhora por meyo da devaçãõ, & Orações do seu Rosario, havia de atemorizar, dissipar, & pôr em fugida os

Demonios, para que senão a-
trevaõ a tentar a seus devo-
tos, ou quando os tentem, os
não possão vencer. Aos quaes
devotos só digo, & acõselho,
que repartindo o dia na mes-
ma fórmã, em que os Demo-
nios o tem repartido, & ap-
plicãdo os Mysterios às mes-
mas horas, em q̄ foraõ obra-
dos, os da Encarnação os
meditem à noite, os da Pai-
xão no meyo dia, & os da Re-
furreição pela manhã. Af-
fim o fazia com o mesmo es-
pirito, & nas mesmas horas
D. vid: *Vesperè, & manè, &*
meridie narrabo, & annun-
tiabo, & exaudies vocẽ meam:
Eu orarei, & Deos me ouvirã,
à tarde, pela manhã, & ao
meyo dia: *Vesperè*, contra os
Demonios vespertinos: *Ma-*
nè, contra os matutinos: *Et*
meridie, cõtra os Demonios
meridianos.

37 Repartindo nesta fór-
ma o Rosario, não só trium-
faremos dos mesmos Demo-
nios, mas confundiremos os
baldões, & blasfemias, com q̄
elles calunhiaõ a Deos, lan-
çandolhe em rosto o fazerse
Homem, pela mã paga que
lhe dão os homẽs. Este he o

sentido daquelle verso tam-
encarecido, & repetido do
Profeta: *Quòd exprobrave-*
runt inimici tui, Domine, quòd
exprobraverunt commutatio-
nem Christi tui. Como se dif-
ferão os Demonios (dilcorre
S. Cypriano.) Porque nõs, õ Cy-
Deos, não approvamos o de-
creto de vos fazeres Homẽ,
nos lancastes no inferno; mas
agõra mostra bem a experiẽ-
cia, quanto mais acertado foi
o nosso parecer. E senão, o-
lhai para as cõmutaçõs do
vosso Christo, & vede o que
elle deu, & o que recebe; o
que fez, & como lhe pagão.
E para que esta differença seja
mais manifesta, comparai os
poucos, que o servem a elle,
& os muitos, que nos servem
a nós, dizem os Demonios.
Elle padecõo pobrezas, inju-
rias, afrõtas, bofetadas, açou-
tes, & a mesma morte pelos
homẽs; nõs nenhuma cousa
padecemos por elles: elle fez-
lhes infinitos beneficios, nõs
fazemos lhe todo o mal, que
podemos: elle promettelhe
logo, & de cõtado o Ceo para
a Alma, & para depois da re-
furreição també lhe assegura
a gloria do corpo; nõs affim

para a Alma, como para o corpo, o que lhe promettemos, & asseguramos, he o fogo & tormentos eternos: & comtudo a sua doutrina he desprezada, & a nossa abraçada, & seguida: elle crido, mas não amado; nós não amados, mas obedecidos: elle servido de poucos, & como forçados; nós livre, & voluntariamête de quasi todos: e le em fim tam mal pago, & tam desigualmête correspondido, que o seu amor se paga com desamor, as suas finezas com offensas, os seus beneficios com ingratições, & nós triunfado, & zombando de quanto fez pelos homens, os quaes antes querem o inferno comnosco, que o Ceo com elle. Isto he o que dizem os Demonios. E conclue S. Cypriano o seu discurso, perguntandonos a nós os Chriãos, que he o que respondemos a isto? *Quid ad hæc respondebimus, fratres charissimi?*

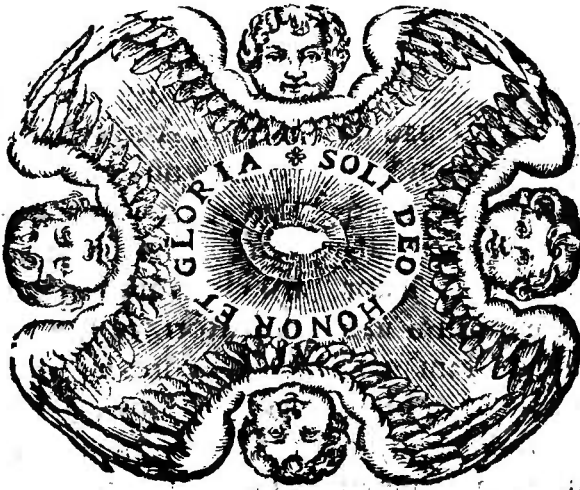
38 Não ha duvida, que muitos são obrigados a confessar, que posto que os Demonios no que arguem contra Deos, mentem impia, &

blasfemamente; no que dizem de nossas ingratições, & da má paga, que damos ao amor, aos beneficios, ao sangue, & morte de Christo, fallão n vuita verdade com grande confusão da Fé, & afronta do nome Chrião. Desta porèm nos desafrotaõ gloriosamente, & os desmentem com infinitos euges todos os devotos do Rosario em todo o mundo; porque tudo o q̄ meditaõ em seus Mysterios, & tudo o que repetem em suas Orações, são reconhecimentos, admirações, louvores, & graças, pelo q̄ o Filho de Deos feito Homem nos amou em sua Encarnação; pelo q̄ padecèõ por nós em sua Paixão; & pelo que nos promete, & assegúra em sua Ressurreiçãõ: pagandolhe desta maneira nossos entendimentos, nossos corações, & nossas linguas, não o que devem, mas com tudo o que podem. Confundaõse pois, & emmudeção as calumnias, & blasfemias do Demonio. E assim como a Oradora do Evangelho pelo Demonio mudo que fallou, levantou a voz; assim nós pelos Demonios,

monios, que tam insolentemente fallaõ, & emmudecidos; ajuntemos as nossas vozes com a sua: & digamos ao Filho de Deos em

perpetuo louvor seu, & da bemditissima Mãe, de quem nascèõ Homem: *Beatus venter, qui te portavit.*

FINIS.





S E R M A M

X V I I.

*Extollens vocem quædam mulier de turba, dixit illi:
Beatus venter, qui te portavit. Luc. 11.*

I.

39



COMO não ha comunidade tam boa, em q̄ senão ache algum mão, de que foi o maior escandalo Judas : assim não ha comunidade tam mã, em q̄ se não ache algũ bom, de que he o melhor exemplo esta boa molher, q̄ do meyo da turba levantou a voz em louvor de Christo: *Extollens vocem quædam mulier de turba.* A molher louvou o Filho pela Mãy, & a Mãy pelo Filho : porẽm a turba nem louvou o Filho, né louvou a Mãy. Assim se dividiraõ em partes contrarias, a molher,

Luc.
11.
27.

& a turba : & assim havia de ser, para que o louvor ficasse inteiro. Antes digo, que tanto louvou a turba em não louvar, como a molher louvando ; porque se a turba também louvára, ficava o louvor defautorizado, & suspeitoso. Os louvores da turba não só são turbados, mas turbulentos, que tal he o seu juizo. Quereis saber, diz Seneca, o que he, não só peor. mas pessimo neste mundo ? Vede o q̄ segue, & ouvi o q̄ diz a turba, & dahi fazei argumento: *Argumētum pessimi turba est.* Seneca. Esta he a razão, porque levantando a voz a molher discreta, não ouve hũa só lingua, que a seguisse. Ou foi, por-

porque reprovãraõ o que dizia, ou porque temeraõ de o approvar. Se porque o reprovãraõ, foi erro; se porque temeraõ, covardia: & tudo isto he ser turba, multidão sem juizo, & sem valor.

40 Mas que tem isto cõ o meu Rosario? Muito. Porque o Rosario, ou se pôde rezar com a turba; isto he, juntamente com muitos: ou se pôde rezar como a mulher; isto he, cada hum consigo, & por sy só. No caso do Evangelho ninguem ouve naquelle confuso ajuntamento, que seguisse o exemplo, & voz da devota Oradora, que publicamente a levantou sobre todos em louvor de Christo, & sua Mãy: porém hoje em todas as quatro partes do mundo vemos tam refutado aquelle erro, tam condenada aquella covardia, & tam emmendada aquella impiedade, que em toda a Monarchia de Portugal, & suas Côquistas, apenas ha Parochia, Cõvêto, ou qua'quer outro menor Lugar dedicado ao Culto Divino, em que todos os dias, em publicas, & altas vozes, se naõ cantem os louvo-

res do mesmo Filho, & da mesma Mãy, na devaçãõ do seu Rosario. Assim succedẽraõ àquella turba indevota, & impia, tantas outras turbas, ou ajuntamentos Christãos, de votos, & pios: & àquelle silencio, & murmuraçãõ infernal, tantos outros Coros celestiaes, & divinos: em que juntamente com a propagação universal da Fè se reparte no mesmo Rosario acõfissaõ dos principaes Mysterios della, não encontrados já, & discordes entre sy, a mulher, & a turba, senãõ concordes, & unidos na mesma devaçãõ as turbas com a mulher, & a mulher com as turbas.

41 Comtudo porque a devaçãõ bem entendida, & bem intencionada, não só devepõr os olhos exteriores na gloria de Deos, senãõ os interiores na sua maior gloria; Eu sobre as palavras, *Mulier quedam de turba*, determino hoje distinguir, & apartar, não a turba, & a mulher, senãõ o *Quadam*, & o *Turba*. Porei de hũa parte o *Quada*, que he hũa pessoa rezando só, & da outra o *Turba*, q̃ são

MUITOS

muitos rezando juntos : & nesta differença (que parecêdo só do mo to, pertêce muito a sustancia da Oraçãõ) disputarei em problema por hũa, & outra parte, se he mais util a nossas Almas, & mais agradavel a Senhora do Rosario, rezalo cada hum retiradamente comfigo, ou publicamente com muitos? A resoluçãõ será, a que Deos, & a mesma Senhora nos inspirarem com sua Graça.

Ave Maria : &c.

II.

Mulier quedam de turba.

42 **A** mesma questãõ, q̃ eu propuz para disputar hoje, altercou já antigamête em presêça do Emperador Constantino o Grãde Doutor da Igreja Santo Athanasio : *Quid rectius putas particulatim, & dissociatim populum sinaxes facere, an potius ut in locum unum conveniat, & unam, eandemque sine dissonantia vocem reddat?* E que resolvéo Athanasio? Resolvéo, que a Oraçãõ de muitos juntamente he a que

mais convem aos homês, & a que mais agrada a Deos : & assim o affirma, não como conclusãõ mais provavel, le-não totalmête certa: *Certe id rectius est* Antes d'elle tinha seguido esta mesma sentença Tertulliano; & antes de Tertulliano Santo Ignacio Martyr, & pelo mesmo tempo de Athanasio S. Joã Chrysostomo, & Santo Ambrosio, & depois destes muitos outros Santos, & Doutores, & entre todos o Grande Lume da Igreja Santo Thomàs, o qual não duvidou dizer, q̃ a Oraçãõ de muitos he impossivel, que não alcance de Deos tudo o que se pôde impetrar:

Multorum preces impossibile est, quod non impetrent illud, quod est impetrabile.

43 Passando dos Doutores às Escrituras Sagradas, & fazendo a comparaçãõ expressamente de hum a muitos; S. Paulo na Epistola aos Filipenses se emcomendana suas Orações, & diz, que sabe de certo, que por ellas lhe concederã Deos tudo o que mais conveniente for à sua saude, assim temporal, como espirital: *Scio quia hoc*

D.
Tho.
mas 2.
2. q.
83.

Philip.
1. 19.

mibi

Atha.
nas in
Apo-
loget.
ad Cō-
stant.

mibi proveniet ad salutem, per vestram orationem. E na Epistola segunda aos Corinthios lhes dà as graças, & pede, que elles as dê a Deos pelos grandes perigos, de que o tem livrado por suas Orações: a-crescentando, que por ellas o livrará também de outros muitos, q̄ ainda o aguardão:

2. Cor. *Qui de tantis periculis nos e-*
 1. 10. *ripuit, & eruit: in quem spera-*
 11. *mus, quoniam & adhuc eripiet,*
adjuvantibus & vobis in ora-
tione pro nobis. E na Epistola

aos Romanos os roga instantissimamente, & protesta, que por amor de Jesu Christo, & pela charidade do Espirito Santo, o ajudem diante de Deos cõ suas Orações: *Obse-*

Rom. *cro vos, fratres, per Dominum*
 15. *nostrum Iesum Christum, &*
 30. *per charitatem Sancti Spiritus,*
ut adjuvetis me in orationibus
vestris pro me ad Deum.

Estes tres Textos tam notaveis, quando não ouvera outros na Escritura Sagrada, bastavaõ, não só para fé, & credito, mas para hum singularissimo encarcimento, de quanto valem diante do acatamento divino, & quanto importaõ, não só a quaesquer

homens, senão ainda aos maiores Santos, & às mais altas, & firmes Colunas da Igreja, as Orações de muitos; pois o mesmo Vaso da eleição, o mesmo Apóstolo do terceiro Ceo, & o mesmo Paulo, por amor do qual descéo o Filho de Deos segunda vez do Ceo à terra, não le fiando só das suas Orações, as pede tam repetidamente a tantos, & a elles confessa dever quanto tem alcançado, & espera alcançar de Deos. Isto só bastava, como digo para encarcimento de quanto podem cõ Deos as Orações de muitos: mas ainda no mesmo Apóstolo temos outro encarcimento maior.

44. Pedio S. Paulo a Deos, que o livrasse de certas molestias do Demonio, que ainda não está averiguado quaes fossem, & não só pedio, mas rogou, que he mais, nem só rogou hũa vez senão muitas:

Propter quod ter Dominum 2. Cor.
rogavi: & comtudo, nem as 12. 8.
 suas petições, nem os seus rogos, nem as suas instancias alcançáraõ de Deos o que pretendia. Pois se Paulo não alcança de Deos por suas Orações

ções o que pede, porque espera de o alcançar pelas Orações dos Romanos, dos Corinthios, & dos Philippenfes, que eraõ hũs homẽs seus discipulos, que elle pouco antes tinha convertido à Fé? E se S. Paulo se fundava na experiencia das mercês, que tinha alcançado por meyo das suas Orações, como elle mesmo cõfessa, & lhe agradece, aqui se reforça muito mais a duvida. He possivel, que ouve Deos aos discipulos, & não ouve ao Mestre? Defere às Orações dos q̄ hontem eraõ Gentios; & não defere às Orações do Doutor das Gentes? Sim. E porque? Porque effes mesmos discipulos quando oravaõ em Roma, em Philippos, & em Corincho, oravaõ muito juntos; & Paulo, quando fazia aquella sua Oração, orava só. E he tanto mais poderosa diante de Deos a Oração de muitos, q̄ a Oração de hum só; que ainda que a Oração do que ora só, seja de hum S. Paulo, & a oração dos q̄ oraõ juntos seja dos que hontem eraõ Gêrios, & hoje começaõ a ser Christãos; a Oração destes alcan-

çará o que pede, porque saõ muitos, & a Oração de Paulo não, porque he só hum. O mesmo S. Paulo o declarou assim aos Corinthios, acrescentando ao Texto, que já referi, que elle era hũa só pessoa, mas elles muitas: *Ut ex multorum personis, ejus quæ in nobis est donattonis, per multos gratiæ agantur pro nobis.*

45 E porque esta razão de differença não pareça difficulosa, vejamos em outro amor, & merecimento, que só pôde competir com o de S. Paulo. Na manhã da Ressurreição quando a Madalena, debaixo dos disfarces, em que lhe tinha apparecido, reconheçõ o seu Divino Mestre, quiz se lançar aos pès, onde tambem ella tinha resuscitado, & o Senhor lhe impedio este effecto, posto q̄ tam devido, dizendo: *Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meũ;* não me toques, porque ainda não subi a meu Padre. As exposições, que deraõ a estas palvras os Santos Padres, & Interpretes, saõ quasi tâtas como os mesmos Autores: mas todas ellas padecem hũa manifesta instancia:

cia : porque dalli a poucas horas , vindo a mesma Madalena juntamente com as outras Marias , o mesmo Senhor lhes consentio , que se lâçassem a seus sagrados pés , & os abraçassem apertadamente: *Illæ autem accefferunt, & tenuerunt pedes ejus.* Pois se agora permite Christo, & concede à Madalena , & às outras Marias, que se lancem a seus pés , & lhos abracem; porque prohibio taõ severamente à mesma Madalena q̃ lhos tocasse: *Noli me tangere?* A razão , que o Senhor lhe tinha dado desta prohibiçaõ, *Nondum enim ascendi ad Patrem meum,* ainda era, & subsistia a mesma; porque Christo nem tinha subido, nem havia de subir ao Padre, senaõ dalli aquarenta dias. Pois se à Madalena se negou este favor, & por esta causa; porque razão agora subsistindo a mesma causa, 'se concede o mesmo favor a ella , & às demais tam facil, & tam liberalmente? Porque agora as devotas mulheres eraõ muitas, & dantes a Madalena, ainda que devotissima , era hũa só. A Madalena quando só, nem

era menos amante , nem menos amada de Christo (como tambem S. Paulo,) mas para o mesmo Christo conceder o que delle se espera , não importa tanto o amar, ou merecer muito , quanto o serem muitos os que o procuraõ. Por isso a mesma razaõ , que bastou para se negar o favor a hũa, depois que junta com as demais foraõ muitas, nem bastou, nem foi razaõ, nem o Senhor se valèõ della. E isto, que à Madalena succedèõ cõ os seus affectos , he o mesmo que S. Paulo experimentou, & confessou das suas Orações.

46 Mas o caso, que agora ponderarei, he sobre todos admiravel , & naõ em outrê, senaõ no mesmo Christo. Quando este Senhor se retirou ao Horto para orar a seu Eterno Padre, encommêdou muito aos tres mais amados Discipulos, q̃ daquella pouca distancia, em que se apartava delles, o acompanhasssem: *Sustinete hic, & vigilate mecum.* E porque quiz , & ordenou Christo, que indo orar ao Padre, o assistissem, & acompanhassê este Discipulos? Sem

Mat-
th. 26.
38.

duvida porq̄ quiz o Senhor confirmar com o exemplo, o que tinha ensinado com a doutrina, quando nos promet-
têo, que se dous, ou tres se unissem a pedir a Deos algũa cousa, seu Padre lha concederia infallivelmente. Dema-
neira, que atê o mesmo Filho de Deos para impetrar de seu Pay o q̄ pedia, não quiz q̄ fosse a sua Oração só sua, se-
não acompanhada de outras. Com esta prevenção come-
çou o Senhor a orar: *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste*: Se he possível, Pay meu, passe de mim este calix. E porque disse, se he possível? Agora nos devemos lembrar do que referimos de Santo Thomás, que he impossível não impetrar de Deos a Oração de muitos tudo o que he possível. E como a Oração de Christo naquelle caso era sua; & mais dos Discipulos, a quem encomendou o acompanharem nella; por isso allegou a condição do possível: *Si possibile est*: porque sendo a sua Oração de muitos, não lha podia o Padre negar tudo o que fosse possível: *Multorum pre-*

Ibid
39.

cês impossibile est, quòd non impetrent illud, quod est impetrabile.

47 Atêqui bem fundadas esperanças tinha o Senhor de impetrar o que pedia. Porém como exprimétasse, que orando hũa, duas, & tres vezes, o Pay não deferia à sua petição; quantas vezes orou, & não foi ouvido, outras rãtas se levantou da Oração, & veio ver se o acompanhavao, & assistiaõ nella os Discipulos, como lhe tinha encarregado. E porque? Porque interior o mesmo Senhor segundo a verdade da sua pro-
priedade, que supposto não deferir o Pay à sua Oração, era final que o não acompanhavao nella, os que tinha escolhido por companheiros. E assim foi; porque sempre os achou, não orando, senão dormindo: *Invenit eos dormientes.* Ibid.
Reparai agora em duas grã-
des considerações, hũa da parte de Christo, & outra da parte do Padre. Da parte de Christo, q̄ achando os Discipulos dormindo, os exhortou a que vigiassem, & orassem com elle: *Sic non petitis unq̄ barã vigilare mecum?* 43.

Vigilate, & orate. Da parte do Padre, que não obstante estas recommendações, & serem os Discipulos os q̄ mais obrigados eraõ, & mais amavaõ a seu Mestre, permitisse comtudo que todos dormissem, & não orassem. Porque razão pois faz Christo tantas diligencias, para que vigiem, & orem, os que tinha escolhido por companheiros, de sua Oração: & porque razão o Padre pelo contrario lhe sinfunde hum tal letargo: *Erant enim sculi eorum gravati*: para que não vigiem, nem orê. Assim n Christo, como o Padre, ambos obravaõ directamente ao fim cadahum de seus intentos. Christo obrou como quem dezejava, & pedia; & o Padre como quem tinha decretado de não conceder. Christo como quem dezejava, & pedia, procurava, que os Discipulos orassem juntamente com elle, tendo por certo, q̄ se a sua Oração fosse de muitos, não podia o Padre negar o que se pedia: & pelo contrario, o Padre como quem tinha decretado de não conceder, impedia, q̄ elles orassem; porque sendo

a Oração, não de muitos, senão de hũ só, ainda que fosse seu proprio Filho, lhe ficava livre o negar, como com effeito negou.

48 Pareciame a mim, que este era o maior encarecimento de quãto pôde com Deos a Oração de muitos, mas ainda em certo modo nos resta por ver outro maior. Tendo Deos concedido tantas licenças ao Demonio contra Job, disse ao mesmo Job, que já não havia de cõceder ao Demonio cousa alguma q̄ lhe pedisse, por mais bem compostas, & efficazes q̄ fossem as palavras, com que lho propuzesse: *Non parcam Job. ei, & verbis potentibus, & ad 41. 3. de precandum compositis*. Paltemos agora ao Evangelho, & acharemos, que pedindo os Demonios a Christo duas cousas, ambas lhe concedeo. Lançandoos do corpo de hũ endemoninhado, rogáraõ lhe, que os não mandasse para o inferno: *Rogabans illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent*: & o Senhor lhes concedeo, que ficassem embora neste mundo. Rogáraõ lhe mais que lhes permitisse en-

Ibid. 32. trar em grande multidão de animaes immundos, que passavaõ por aquelles campos :

Ibid. 32. *Et rogabant eum , ut permitteret eis in illos ingredi : & tã-*

ibid. 32. *bem lho concedêr :* *Et permistit illis.* Pois se Deos tinha

promettido a Job , que não havia de conceder ao Demonio cousa algũa , que lhe pedisse , como agora fazêdo lhe duas petições , lhe concede ambas ? Leamos bem todo o Texto , & acharemos a razão da differença. Pergütou Christo ao Demonio , que atromentava este endemoninhado , como se chamava ? E elle

Marc. 5.9. respondê : *Legio mihi nomen est , quia multi sumus :* chamo-

me Legião , porque não sou hum só Demonio , mas somos muitos. E como estes Demonios eraõ muitos , & o de Job era hum só , por isso ao de Job promettêo o mesmo Senhor , que lhe não havia de conceder cousa alguma , que lhe pedisse , & a estes concedêo o que pediaõ. Tanto pôdem com Deos os rogos de muitos , que ainda aos mes-

D An *tiochus* *citat à* *Cap m* *Jonam.*
mos Demonios não nega Christo o q̄ lhe pedem. *Dæmones ipsi , cum Dominum ob-*

secrant , suã petitione fraudati non sunt : disse excellentemê-

te Santo Antiocho. E se lermos attentamente a conse-

quencia de ambos os Textos , assim de S. Marcos , como de

S. Lucas , acharemos , que a confiança , que os Demonios

tiveraõ para esperar , que o Senhor Ihes havia de conce-

der o que pediaõ , foi fundada em serem muitos. S. Marcos :

Legio mihi nomen est , quia multi sumus. Et deprecaba-

tur eum. S. Lucas : *Intraverãt Dæmonia multa in eum. Et ro-*

gabant illum. E se até aos Demonios , quando saõ muitos os que o rogaõ , lhe concede

Deos suas petições : como as não concederá aos devotos

do Rosario , q̄ juntos , & cõ tanto exemplo , & piedade , o

rèzaõ nas nossas Igrejas ?

III.

49 **M**AS antes que deixemos esta primeira parte do nosso problema , & a demos por bastantemente provada , vamos às razões della. Qual he a razão , ou razões , porque tem tanto valor , & poder com Deos a

Ora-

Chry
sost.
homil.
3. de
incom
bensib.
Dei
natura.
ra.

Oração de muitos? Muitas, & varias são, as que deraõ os Santos Padres, & todas, por suas, & por sy mesmas, dignas de se não passarem em silencio. S. Joaõ Chrysofostomo fûda esta differença na mesma calidade natural da voz, & das vozes. Ainda que as vozes sejaõ igualmente intensas, se a voz he hûa só, ouve-se pouco; se são muitas, ouvem-se muito: & por isso, ainda naturalmente, ouve Deos mais as vozes, & Orações de muitos, que a voz de hû só: *Longè magis eam orationem, que ex ore multorum valere consentaneum est: plus enim nervorum in ea est, & audientia maior.* Desta razão, que parece vulgar, passa o mesmo Santo a outra muito mais alta, & encarecida, & diz assim: *Reveretur Deus multitudinem unanimem, & consentientem in precando: ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.* Sabeis porque pôde tanto com Deos a Oração de muitos? He porque à multidaõ dos que oraõ se deve tam grande respeito, que atè a mesma Magestade Divina a reverencêa: *Revere-*

tur Deus multitudinem unanimem, & consentientem in precando. E he tal a força desta reverencia em Deos, que por isso não ouza, nem se atreve a negar cousa algũa, quando são muitos os que lha pedem: tanto assim (notai, ou não noteis a palavra) tanto assim, que quando Deos o não fizera por vontade, o faria por vergonha: *Ut veluti pudore victus, non audeat illis negare.*

50 Santo Athanasio, nas ^{Atha.} palavras, que já citámos, ^{Par.} *Par ticularim, & Dissociatim,* diz, ^{supra.} que a razão he, porque a Oração, que cadahum faz em particular, vai desacompanhada, & a que faz juntamente com muitos, leva consigo o acompanhamento de todos. Cà nas Cortes da terra, se o Requerente he só, & vai só, acha grandes dificuldades em ser admittido; mas se vai com grande acompanhamento, todas as entradas té muito francas. E quasi este mesmo he o estilo do Ceo. Se a Oração vai acompanhada de muitos, sempre tem as portas abertas; mas se vai só, & desacompanhada, não acha a en-

trada tam facil. A isto aludia cortezaamente David, quando dizia a Deos hũa vez: *In-*

Psalms. 87. 3. tret in conspectu tuo oratio mea: & outra vez: *Intret po-*

Psalms. 118. stulatio mea in conspectu tuo.

170. Como se dissera: A Oraçõ, Senhor, que vos faço, he só minha: *Oratio mea:* & a petição tambem só minha: *Postulatio mea:* & como seja de hũ só, & não de muitos, o favor particular, que espero devofa piedade, & grandeza, he, q̄ sem embargo de ir só, & defacompanhada, se lhe não negue a entrada a vosso conspecto: *Intret oratio mea. Intret postulatio mea in conspectu tuo.* E isto he o que chama Santo Athanasio, *Particulatim, & Dissociatim.*

Ter. tull. de Ora- tion. Domi- ca, & in Abo- log. 51 Tertulliano à Africana vai por outro rumo. Responde aos Gentios, que estranhavaõ aos Christãos orarem juntos nas suas Cõgregações: & diz assim pomposamente: *Cõimus in cætum, & congregationem, ut Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes. Hæc vis Deo grata est.* Concorremos os Christãos, & cõgregamonos a orar todos juntos, como de

maõ armada, & deste modo fitiamos: & pomos de cerco a Deos com nossas Orações: para que apertado de todas as partes, não tenha, nem lhe fique lugar de resistir a ellas, & como obrigado por força, nos conceda quãto lhe pedimos. E sabei, que esta mesma, que parece força, & violencia, he muito aceita, & agradavel ao nosso Deos: *Hæc vis Deo grata est.*

52 Santo Thomàs, como tam singular no engenho, & na doutrina, dà outra razão tambẽ singular: *Multi enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.* Põde tanto com Deos a Oraçõ de muitos, porque ainda que cadahum dos que oraõ por sy mesmo, & por sy só, seja pequeno, quando se ajunta com os demais, fazse grande. Se não dera esta razaõ hum tam grande Theologo, & Filosofo, como Santo Thomàs, não me admirara tanto, quanto parece difficultosa de se entender. A uniãõ de muitos juntamente congregados faz numero, & multidaõ, mas não faz grandeza. Como diz logo o Doutor Angelico, q̄ jun-

juntos em Oraçãõ os pequenos, ainda que sejaõ minimos, se fazem grandes? Para se fazerem grãdes os pequenos, he necessario que cresçaõ: & como podem crescer, só porque elles se ajútaõ aos demais, ou os demais a elles? Entendo, que entendéo Santo Thomàs, que crescem *per juxta positonem*. Os homens, os brutos, as arvores crescẽ, porque tem vida vegetativa: as pedras não tem vida vegetativa, & tambem crescem: mas como? Dizem os Filosofos, que *per juxta positonem*, convertendo cada hũa em sy, & acrescentando a sy o que tem junto de sy. E isto mesmo he o que faz a uniaõ reciproca dos que oraõ, quando oraõ muitos juntos: *Multit enim minimi, dum congregantur, fiunt magni.*

53 Em hum facho composto de muitas canas, quando arde, se vê o mesmo, porque cada hũa arde com o seu fogo, & com o das outras. E esta he a razãõ, que dà S. Vicente Ferrer, para ser mais forte, & mais poderosa a Oraçãõ de muitos, & levantar ao Ceo, & a Deos mais fer-

vorosa, & maior labareda: *Ideo congregamur, ut inflammemur, & oratio ascendat ad Deum.* Finalmente, a grande misericordia de Deos he hũa multidaõ de misericordias: *Secundum magnam misericordiam tuam: & secundum multitudinem miserationum tuarum:* & para a multidaõ das misericordias se réder às nossas Orações, necessario he, q̃ tambem as Orações sejaõ da multidaõ. Quanto mais, que do mesmo Deos diz Ilaías: *Quoniam multus est ad ignoscendum.* E se Deos para perdoar, & fazer mercès, he muitos, ou muito: *Quoniam multus est:* bem se deixa ver, que só os muitos podem ter proporçãõ com o muito, & quanto valerãõ para com elle as Oraçães, & Deprecações dos muitos.

54 De tudo isto colhe por conclusãõ S. Chryso-

*Chry.
soft. ca.
14.*

mo; que concorrerẽ os Fieis à Igreja, para alli orarem juntos, como se faz no Rosario, não só he o melhor, & mais conveniente modo de orar, senãõ q̃ o contrario he grande erro: *O frigidam excusationem, quam à pluribus reddi*

D 2 **audio!**

*S. Vinc
Ferrer
Serm.
in 5.
Do-
min.
post
Trini-
tat.*

audio! Orare domi possumus. Te, Homo, decipis, & magno in errore versaris. Elcuzaõle muitos (diz o Santo) de vir orar à Igreja, dizendo, que tambem podem orar em sua casa, & esta elcusa he muito fria, & muito errada, com q̃ o Homẽ se engana a sy mesmo. E porque: *Nam etsi domi quoque detur orandi facultas, tamen fieri non potest, ut domi tam bene ores, quam in Ecclesia, ubi clamor felicitocietate excitatus ad Deum defertur:* porque ainda que cadahum possa orar em sua casa, he certo, que nem orará taõ bem, nem com tanto merecimento, & fruto; porque lhe falta a felice companhia de muitos juntos, com que as vozes da Oraçaõ de todos se excitaõ mais altamente, & sobem mais promptamente a Deos. E isto baste quanto à primeira parte da nossa questaõ.

III.

55 **E**Ntrando na segunda, seja o primeiro fundamento della o conselho do Doutor de todos os

Doutores, & do Mestre de todos os Mestres, Christo, Senhor, & Deos nosso: *Tu autẽ cum oraveris, intra in cubiculum tuum, & clauso ostio, ora Patrem tuum in abscondito:* Tu quaudò quizeres orar, entra no apozento mais retirado de tua casa, & cõ a porta cerrada ora em secreto a teu Padre. *Tu cum oraveris.* Tu, diz, & não vòs: porque o que ora, ha de ser hum só, & não muitos: *Intra in cubiculum tuum:* entra no apozẽto mais retirado; porque ainda que seja na propria casa, não hade ser em lugar publico: *Et clauso ostio:* & com a porta cerrada, para não ver, nem ser visto de quem o divirta. Finalmente, *Ora Patrẽ tuum in abscondito:* ora a Deos em segredo; porque elle ouve mais os coraçõs, que as vozes.

56 Isto he o que Christo nos ensinou de palavra, & parece que o não podia ensinar por obra, porque desdo dia, em que entrou neste mudo, não teve casa, & muito menos a apartamento retirado nella, onde se recolher a orar. Comtudo taõ, não só muitos,

tos, mas continuos os exemplos, que o mesmo Senhor nos deixou d'elle retiro, & desta soledade, orando sempre retirado, & sempre só. Os retiros de quem não tem casa, são os desertos. Não professava Christo vida eremitica; mas com tudo se nas Cidades vivia, nos desertos orava: nas Cidades tratava com os homêes, nos desertos com Deos. Depois de obrar em Cafarnaù infinitos milagres, para que não bastou o dia, senão parte da noite: *Egressus*,

Marc. *1. 35.* *sus, diz S. Marcos, abijt in deserto, ibique orabat.*

Mat. *sb. 14. 23.* *Dimissâ turbâ, diz S. Mattheos, ascendit in montem solus orare.* Antes de perguntar aos Discipulos qual fosse a opiniaõ, que d'elle tinham os homens: *Et factũ est,*

Luc. *9. 18.* *diz S. Lucas, cum solus esset orans.* E antes da Transfiguração, diz o mesmo Evangelista: *Ascendit in montem, ut oraret.* Em summa, q̃ quando

Ibid. *28.* não era algũa Oraçaõ breve, em caso publico, & forçoso, sempre Christo orava só, & sempre em lugar secre-

to, & retirado.

47 Mas isto mesmo, mais interiormente considerado, não carece de difficuldade. Porque assim o retiro do lugar, como a soledade da Pessoa, ainda em quanto Homem, parece que encontra muito as soberanas perfeições de Christo. Quando Moylès orava no monte, Josuè pelejava na campanha: quando Maria contemplava aos pès de Christo, Martha ministrava o que era necessario para a mesa: & porque? Porque segundo a limitação da natureza humana, as acções da vida activa encontram muito as attentões da contemplativa, & porque no mesmo sujeito, & no mesmo tempo muy difficulosamente se compadecem, & cõcordaõ estas duas obras, ou estes dous cuidados juntos; por isso a Oraçaõ, & as armas se dividem entre Josuè, & Moylès, & a contemplaçaõ, & a acçaõ entre Martha, & Maria. Porém em Christo não era assim. Tanto podia contemplar no meyo dos maiores concursos de Jerusaleem, como no retiro dos montes;

& na soledade dos desertos. E não só podia, mas com effeito assim obrava. Dos nossos Anjos da guarda diz o mesmo Christo, que *Sempre vident faciem Patris*. Pois He os Anjos sempre estão vendo, & contemplando a Deos, & no mesmo tempo assistindo a todas as acções dos homens: quanto mais a Alma de Christo, a qual posto que era da mesma especie que as nossas, nos dotes, & perfeições excedia com superioridade quasi infinitas as de todos os Espiritos Angelicos. Quando prégava, quando obrava os milagres, & quando padecia os trabalhos, & os tormentos sempre, & no mesmo tempo contéplava o Senhor, & orava juntamente, sem que as acções exteriores impedissem a Oração, nem a Oração as acções exteriores. Mas se isto era assim; porque se retirava aos montes, & aos desertos. & não só deixava, mas fugia da companhia dos homens para orar só: *Fugit: : : in montem ipse solus?* Porque ainda que o seu retiro não era necessario à sua Oração, a sua Oração, & o seu retiro era

necessario ao nosso exemplo. Obrava assim, para nos ensinar a obrar assim. Orava, para que orassemos, & retirava-se, para que nos retiremos: & orava retirado, & só, para que entendamos, que o orar só, & não juntamente com muitos, he o mais agradável a Deos, & o mais conveniente aos homés.

48 Nem cuide alguém, que por ser hum só, o que ora, por isso seraõ menos poderosas com Deos as suas Orações. Se as Orações de muitos, por serem muitos, cercaõ, & apertaõ a Deos, & quasi o obrigaõ por força, a que conceda quanto lhe pedem, como dizia Tertulliano: *Ut Deum quasi manu facta precationibus ambiamus orantes*: vede quanto mais apertaõ, & mais fortemente prendem ao mesmo Deos as Orações de hum só. Voltando Jacob para a patria com tam numerosa familia, que se dividia em duas grandes tropas: *Cum duabus turmis*: *Gen.* 32. 10. diz o Texto Sagrado, q̄ mandou passar diante todos os q̄ levava comfigo, & elle se deixou ficar só no deserto: *Tr-*
ductus

Ioan.
6. 15.

Ibid. *ductis omnibus, quæ ad se pertinebant, mansit solus.* Dá a razão Oleastro, & diz com a sentença commum de todos os Padres, que foi para tratar só por só com Deos, & orar sem impedimento: *Quia oratio requirit locum secretum, & qui orat, debet requirere secretiora loca, ubi nemo eum possit impedire.* Este foi o fim, porque Jacob se deixou ficar só, que he tudo o que atègora temos dito. Mas qual foi o effeito? Qual nunca já mais se vio; nem se podia imaginar: *Et ecce vir luctabatur cū eo.* No mesmo ponto, diz o Texto, appareceo Deos alli em fórma humana, & começou a lutar com Jacob. Pois porque Jacob se retira de toda a lua familia, & se deixa ficar em hum deserto para orar sem impedimento, & tratar só por só com Deos: Deos como se fora provocado a desafio, em vez de lhe lançar os braços por agradecimento da fineza, se poem a lutar com elle? Sim: & por isso mesmo. Porque a Oração de hũa batalha de abraços, em que o homem por hũa parte se abraça cõ Deos,

& por outra, luta cõ elle para o render, a que lhe conceda quanto dezeja, & pede. E neste caso foi Deos o Autor, ou Aggressor da luta, sendo elle o que lhe deu o principio: para mostrar quanto pôde com a Magestade Divina a Oração de hum homem, quando se retira de todos, & de tudo, para orar sem estorvo, & tratar só por só com Deos.

59 Mas que foi o que fez Jacob, & o que pode nesta luta? Agora se segue o que nem imaginar se podia. Pode tanto; que arcando Deos cõ elle, elle tambem arcou cõ Deos: *Luctabatur cum eo:* pode tanto; q̃ o não pode Deos derrubar, nem cançar, nem enfraquecer em hũa noite inteira: *Usque mane:* pode tanto; que obrigou ao mesmo Deos a que desenganado de o não poder rēder, lhe pedisse partido: *Dimitte me:* pode tanto; que elle Jacob como superior na batalha foi o que poz a Deos as condições da tregua: *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi:* pode tanto; que effectivamente conleguiu de Deos, & logo, &

Ibid.
29.

no mesmo lugar quanto del-
le pertendêo : *Et benedixit ei
in eodem loco.* Finalmente po-
de tanto; que com vitoria,
& triunfo nunca imaginã-
do, o mesmo Deos se confes-
sou por vencido, & a Jacob
por invencivel: *Si contra Deū*

Ibid.
28.

*fortis fuisti, quanto magis con-
tra homines prævalebis?* Que
dição agora os que tanto en-
carecem a Oração de muitos
juntos? Tudo isto, que não
poderião conseguir todos os
homês do mundo, pode hum
homem só, & só; porque sou-
be orar só, & retirado (dos
homês : *Traductus omnibus,
quæ ad se pertinebant, mansit
solus.*

60 E quanto a serem
melhor ouvidas as vozes de
muitos, a que S. Chrylsto-
mo chamou *audientia maior;*
a mesma palavra audiencia
nos abre as portas à evidente
razaõ, & differença, porque a
Oração de hum só he melhor
ouvida de Deos. Os Princi-
pes daõ dous generos de au-
diencia, hũa geral, & publi-
ca, outra particular, & secre-
ta. A geral, & publica pertê-
ce à Magestade, & à Justiça;
a particular, & secreta, he

propria da familiaridade, &
do favor: a geral, & publica
he para todos; a particular,
& secreta, he só para os pri-
vados, & validos, que gozaõ
os privilegios da graça, & laõ
participantes dos arcanos do
Principe. E tal he a grata, &
interior audiencia; em que
Deos ouve, & se communica
aosque na Oração secreta, &
retirada, trataõ só por só cõ
elle. Que valido ha, que não
possa mais com o Rey em
hũa hora do gabinete, que
todos os vassallos da Monar-
chia, ainda juntos em Cor-
tes? Joseph só, podia mais
cõ Faraó que todos os Con-
selheyros, & Ministros do E-
gypto: Daniel só, podia mais
com Dario, que todos os Sa-
trapas dos Persas, & Medos:
Aman só, & depois Mardo-
chèõ só, podiaõ mais com
Assuero, que todos as Cento
& dezasete Provincias, de q̃
era Monarcha. E não he me-
nor o poder, & valia, que tem
com a Magestade Divina to-
do aquelle, que a portas cer-
radas trata só por só cõ Deos,
não no gabinete do mesmo
Deos, senão no proprio: *In-
tra in cubiculum tuum, & ora.*

Vede,

61 Vede, vede, se comunicou Deos ja mais a alguma comunidade, & congresso de muitos os secretos de sua Providencia, & as revelações de seus decretos, como os fiou sempre de hũ só, & de hum só, excluidos os muitos. Com muitos estava Daniel, & nota elle, que depois que os muitos foraõ excluidos, & elle deixado só, entaõ lhe cõmunicou Deos a famosa revalação das Hebdomadas, & de quanto no preciso termo dellas havia

de succeder: *Ego autem relictus solus vidi visionem grandem hanc.* Tambem S. Paulo caminhava para Damasco acompanhado de muitos, quando Christo lhe appareceo a elle só, & a elle só lhe disse, o q̃ d'elle pertendia, em modo q̃ nenhum dos companheiros ouviu a vos, nem vio quem fosse o que fallava: *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum.* Assim Abraham estando só, vio no valle de Mambre os tres Anjos, que representavaõ a Trindade. Assim Jacob estando só, vio no

caminho de Mesopotamia a cascada, que chegava da terra ao Ceo. Assim Moyses estando só, vio no deserto de Madiana a Carça, que ardia, & não se queimava. Assim S. Pedro estando só, vio no terrado de Joppe o mappa de todas as feras, que havia de matar, & comer. E assim finalmente S. Joaõ estando só, vio no seu desterro, & Ilha de Pathmos os Mysterios do Apocalypse, & nelles toda a Historia do futuro até o fim do mundo.

V.

62 **E** Se perguntarmos tambem nesta segunda parte do nosso problema a razãõ, porq̃ Deos sempre evita a frequencia, & ajuntamento de muytos, & só se comunica, & manifesta aos que estaõ sós? A razãõ, emq̃ não ha opiniões, nem póde haver duvida, he, porq̃ Deos não se comunica familiarmente senãõ aos que perfectamente oraõ, & a alma da perfeita Oraçãõ he a attençaõ, a qual se não póde conservar entre muitos. A multi-
daõ

daõ por isso se chama Turba, porque perturba, inquieta, diverte: & a attençaõ divertida, inquieta, & perturbada, como pôde ser capaz de Deos, nem de ouvir, & receber seus secretos, S. Bernardino fallado da Oraçaõ Vocal, divide a attençaõ em tres partes, ou em tres attenções; a primeira às palavras, a segunda ao sentido, a terceira ao objecto: *Triples est in Oratione attentio procuranda: prima ad verbum, secunda ad sensum, tertia ad objectum.* Todas estas attenções require a Oraçaõ, & muito particularmente a nossa do Rosario. Attençaõ às palavras, que na Ave-Maria são Angelicas, & no Padre-nosso Divinas: attençaõ ao sentido dellas, para que o coração responda com os affectos ao que loa, & pronuncia a lingua: attençaõ ao objecto, porque o objecto, q se representa em cada Decada, são os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreyçaõ do Filhõ de Deos, em que a attençaõ deve ser mais firme, mais applicada, & mais attenta. Por isso accrescenta o mesmo S. Bernardino: *Bona qui-*

dem est attentio prima: melior est secunda: tertia optima reputatur: que a primeira attençaõ he boa, a segunda melhor, & a terceira em grão superlativo, optima. Se todas estas attenções concorrerem, & se ajuntaõ na nossa Oraçaõ, entãõ será ella perfeita, & digna de que Deos muito interior, & muito familiarmente se communique à Alma: mas se faltar qualquer dellas, & muito mais se faltarem todas, nem será attençaõ, nem Oraçaõ: senãõ que? Hũa grave injuria, que fazemos a Deos, com quem fallamos.

63 Ouvi a S. Bernardo: *Magnam injuriam Deo facio, cum illum precor, ut meam vocem audiat, quam ego, qui fundo, non audio: deprecor illum, ut mihi intendat, ego verò nec mihi, nec illi intendo.* Quando oro sem a devida attençaõ, faço hũa grande injuria a Deos: & porque? Porque lhe peço, que me ouça a mim, quando eu mesmo me não ouço: & porque lhe rogo, q attenda ao que digo, quando eu nem ao que digo, nem a mim, nem a elle attendo. Isto

Ber-
nar-
din. de
ora-
tin. et
attēt

Ber-
nard.
meai-
tat

cap. 8.

to he orar, ou zombar de Deos? Não só he zombar, mas despezallo, diz Santo Efrem: *Cum ad orandum te composueris, noli vagâ, aut distractâ mente esse, ne quando contemnens inueniaris.* Quando orais, orai com a devota attençaõ, & não divertido, & distraido em outros pensamentos; porque não seiais comprehendido no maior crime de lesa Magestade Divina, como despezador do mesmo Deos: *Ne quando contemnens inueniaris.* Deos diz, que está com os que orão: *Ibi sum in medio eorum.* Mas vede como argue Eusebio Emiffeno aos que orando por divertidos, & desattêtos, nem estão com Deos, nê comfigo: *Quomodo erit Deus in medio tui, si tecum ipse non fueris? Si deest ille, qui poscit, quomodo aderit ille, qui poscitur?* Como ha de estar Deos com vosco, se vós não estais em vós? E se o que roga está ausente, como ha de estar presente o que he rogado? Tam cótraria he do que pretende, & tanto desfaz o que faz; a desattençaõ de quem ora. E como a Alma, que na

Oração devia estar toda recolhida, & dentro em sy, abertas as portas dos sentidos, se fóra, & se derrama, & distrahe com outros cuidados: & a companhia dos homens, & ajuntamêto de muitos são outras tantas occasiões de divertimento, & distracçaõ, & o maior impedimento, q̄ te a attençaõ dos que orão: por isso Christo os manda encerrar no retiro mais secreto de sua casa, & elle, que a não tinha, não só hia orar aos montes, & aos desertos, mas escolhia para a Oração o silencio mais secreto das noites: *Er at Luc. 6 pernoctans in oratione Dei:* para que com a soledade do tempo, com a soledade do lugar, & com a soledade da Pessoa nos ensinasse a orar só.

64 Que dirão agora a isto os Santos, & Doutores, q̄ tanto nos encareciaõ a Oração de muitos juntos? S. João Chrysostomo, que foi o primeiro, & o ultimo, & o que mais empenhada mostrou sua eloquência pelo acompanhamento da Oração: não retratando aquellas suas razões, mas obrigado das evidencias desta, nos aconselha, que no tempo

S. E.
phrem
in il.
lud.
Attê.
de ti.
bi,
cap.
10.

Mat.
th. 18.
20.

Emis.
serius
in eum.
locum.

Luc. 6
12.

Chrys.
1. ost.
homil.
51. in
Mat.
14.

tempo, & no lugar busque-
mos as comunidades da
Oração mais quieta : acres-
cētando, que o ermo, & a so-
ledade, he sò o porto quieto,
& seguro de toda a perturba-
ção: *Tam à loco, quàm à tem-
pore tranquillitatem orandi
queramus. Trāquillitatis quip-
m mater eremus est, quietis
portus, & omnis perturbatio-
nis expultrix.* E. S. Jeronimo

*Hie-
ron. in
Epist.
ad Euz-
och.*

fallando de sy mesmo na E-
pistola a Eustochio : *Sic ubi
aspera montium, concava val-
leum, raptum prærupta cern-
bam, ibi meæ orationis locus.*
Se em algũa parte via o alpe-
ro dos montes, o concavo
dos valles, o talhado dos ro-
chedos, alli me metia, & alli
era o lugar da minha Ora-
ção. De forte, que não só bus-
cava Jeronymo os ermos, os
desertos, as soledades, senão
no ermo o mais occulto, no
deserto o mais escondido, &
na soledade o mais só. Isto
mesmo dizem S. Dionysio A-
reopagita, S. Basilio, Santo A-
gustinho, Santo Ambrosio,
Beda, & todos os Padres, en-
tre os quaes S. Gregorio Na-
zianzeno com particular re-
paro entre as acções, & Ora-

ções de Christo pondéra, q̄
para as acções buscava os
homens, & para as Orações se
retirava delles : *Iesus ipse ut
actiones multitudini, hominū-
que frequētia, ita preces que-
ti, locisque ab hominū commer-
cio semotis ferè tribuebat.*

*Nazi-
anze-
nus
Orat.
ad Ma-
xim.*

56 Mas porque a au-
thoridade da Sagrada Escri-
tura, como Divina, excede sê
comparação à de todos os
Santos, & Doutores, vejamos
o q̄ nos diz, & ensina o mes-
mo Texto Sagrado à cerca
dessa soledade, assim de Deos
para com os homens, como
dos homens para com Deos,
no trato, & commercio da
Oração, sempre só por só. No
Capitulo terceiro dos Can-
ticos declarando a soledade
do lugar, nota o retiro do de-
serto : *Quæ est ista, quæ ascen-
dit per desertum, sicut virgu-
la fumi :: : & thuris?* No
Capitulo dezoito da Sapien-
cia declarando a soledade do
tempo, nota o silencio da
meya noite : *Cum quietum
silentium contineret omnia, &
nox in suo cursu medium iter
haberet, Omnipotens Sermo
tuus :: : à regalibus sedibus
:: : profiliuit.* No Capitulo
ter-

*Can-
3.6.*

*Sap.
18.*

14.

15.

terceiro dos Threnos declarando a soledade da pessoa, nota a quietação elevada, & elevação quieta do solitario:

Thren. Sedebit solitarius, & tacebit:

3. 28. quia levavit se super se. Só no lugar, só no tempo, só na pessoa, & sempre só por só o homem cõ Deos. Finalmen-

te, o mesmo Deos querendo-se communicar muito interior, & familiarmente com hũa Alma, diz q̃ a retirará, & apartará cõsigo, & a levará a hũa soledade, para là lhe falar ao coração: *Ecce ego lactabo eam, & ducã eam in solitudinẽ: & loquar ad cor ejus.* E sendo Moysés Vice Deos na terra, quando Faraó lhe pediu q̃ fizesse Oração, para q̃ cessasse a praga dos trovões, & tempestade, q̃ destruia todo o

Egypto; respondéo, que depois que sahisse da Cidade, então oraria a Deos, & cessaria aquelle castigo: *Cùm egressus fuero de urbe, extendam palmas meas ad Dominũ, & cessabunt tonitrua, & grando non erit.* E porque não orou Moysés logo, & na Cidade, senão depois que sahio della? Porque sendo Vice-

Deos, como dizia, não teve

confiança para esperar, que o mesmo Deos, que lhe dera as suas vezes, ouviria a sua Oração, senão quando orasse só. Tanto importa ainda aos mais validos de Deos a soledade do lugar, & da pessoa, quando lhe haõ de fazer Oração.

66 De tudo o ditto se colhe por ultima conclusãõ

com S. Lourenço Justiniano, que a Oração de hum só

he mais efficaç, & mais segura, que a Oração de muitos

juntos; porque se a frequencia, & companhia de muitos

lhe acrescenta o valor, a mesma companhia, & frequencia

lhe diminue a attençaõ: *Minus vanis cogitationibus stimulatur, qui orat, ubi non est hominum frequentia, quando namque animus permixtus est turbis, non vacat soli Deo.*

Lat. rent. Just. nian. de O. rat. c. 5. & 6.

VI.

67 **T**emos disputado o nosso problema por hũa, & outra parte. E como cada hũa dellas se defende, & tem por sy grandes Textos, muitos Doutores, & efficaçes razões, ambas são provaveis.

O que agora resta, como no principio propuz, he fazer juizo de hũa, & outra, & resolver qual se deve seguir na reza do Rosario, como mais proveitosa a nossas Almas, & mais aceita a Deos, & a sua Sãtissima Mãe. Não fallo nos casos de necessidade; porq̃ntão devemos orar em qualquer tempo, em qualquer lugar, & em qualquer estado, que nos acharmos. Moysés orou na campanha, Job orou no muladar, Ezechias orou na cama, S. Paulo orou no carcere, Daniel orou no lago dos Leões, Jonas orou no ventre da Balèa, o Bom Ladrão orou na Cruz: & todos estes oração, ou só, ou entre muitos, conforme o caso o permittia. Havendo pois de orar, não por necessidade, senão por eleição, & havendo de ser a Oração, não outra, senão a do Rosario, de que particularmête tratamos: sendo muito provavel o modo de orar só, & tambem muito provavel o modo de orar juntamente com muitos: o que se pergũta agora por ultima conclusãõ, he: Qual destas partes deve seguir o devoto

do Rosario: Será melhor rezar em publico, & juntamente com muitos na Igreja, ou rezar só, & retirado em sua casa? Respondo com distincão. Aos homês digo, que rezem, ou na Igreja, ou em sua casa, onde experimentarem maior devaçãõ, & onde tiverem maior commodidade. Aas mulheres porèm absolutamente digo, que cada hũa deve rezar em sua casa, & de nenhũ modo fóra della: os homês sejaõ embora muitos, a mulher sempre hũa só. E isto he o que diz o nosso Texto: *Mulier. Quædam*. A mulher hũa. E onde ouver turba, não com ella, mas separada della: *Mulier quædam de turba*.

68 O fundamêto desta distincão não he de grãde louvor para as mulheres, mas de grãde conveniêcia, & decencia, sim. Porque? Porq̃ muitas vezes quando a mulher fae a rezar o Rosario, ou como se diz vulgarmête, o Terço; mais fae a sair, que a rezar. Quando Deos criou o homem, & a mulher, foi com grande differença, ainda nos termos com que o refere a

Elcritura. Do homem diz q̄ o formou Deos; da molher q̄ a edificou: *Edificavit :::: costam :::: in mulierem.* Não quiz o Autor da natureza, q̄ a molher se contasse entre os bens moveis. O edificio não se move do lugar, onde o puzeraõ, & assim deve ser a molher tam amiga de estar em casa, como se a casa, & a molher foraõ a mesma cousa. Mas a tua inclinação correspondêo tam pouco ao mysterio, ou documento, com q̄ fora criada, que como se vio edificio sem alicesses, o maior appetite da molher he andar, & sair. Na mesma criação de Eva, & no mesmo momento, em que foi criada, temos o exemplo. Formou Deos a Eva da costa de Adam, & depois de formada; não diz o Texto Sagrado q̄ o Senhor lha mostrou, ou que lha entregou, senão que? Couza verdadeiramente digna de grande admiração, & reparo. Diz, q̄ a trouxe Deos a Adam: *Edificavit :::: costam, quam tulerat, de Adam, in mulierem: & adduxit eam ad Adam.* Se a trouxe, final he que estava noutro lugar,

& não alli. Pois se alli tirou Deos a costa a Adam, & alli formou a Eva, porque não estava Eva alli, senão em outra parte, onde Deos a foi buscar, & a trouxe? Porque a primeira cousa, que fez Eva, no mesmo instante em que teve ser; foi, não parar no mesmo lugar hum só momento, senão sair, & andar. Para não sair dalli tinha Eva as duas mais fortes razões, que se podem imaginar: porque alli estava Deos, que acabava de a criar, & alli estava o esposo, de cujo lado fora criada. Mas he tal a inclinação, & tam impaciente na molher o appetite de sair, & andar, q̄ por sair, & andar deixou Eva o esposo, & por sair, & andar deixou a Deos. Oh quantas vezes poreste mesmo appetite vemos deixado a Deos, & os Esposos peor que deixados!

69 Mas ainda Eva depois de trazida não aquietou. Perdeose Eva a sy, & a seu marido, & a seus filhos, & a todo mundo, porque fallou com a Serpente, & a ouviu: mas como podia Eva fallar com a Serpente? Esta duvida

Ru.
fert.
lib 3.
in Ge-
nes.
cap.
29.

excitou Ruperto Abbade, tão bem fundada, como futilmente arguida. Dentro da cerca do Paraíso Terreal, q̄ depois defêdeó o Cherobim com a espada de fogo, não podiaõ entrar as Serpentes; porq̄ se as Serpentes entrassem, tambem entrariaõ os lobos, & os tigres, & todos os outros animaes, o que era contra a dignidade, limpeza, & affeio do mesmo Paraíso plátado pelas mãos de Deos, como hũ Ceo na terra. Quanto mais, q̄ ao mesmo Adam tinha Deos mandado, que o guardasse: & naquelle tempo não havia de quem o guardar, senão dos mesmos animaes: os quaes rãbem senão pòdedizer, q̄ furtivaméte entrassem no Paraíso, porque eraõ obedientes ao homem. Pois se a Serpente não entrou, nem podia entrar no Paraíso, como lhe fallou Eva, & onde? Excellentemente o mesmo Ruperto: *Libera nobis relinquatur facultas asserendi, quòd non Serpens in Paradiso fuerit. sed mulier corpore, & oculis vaga, dum incontinenter deambulat, forte prospectans qualis extra Pa-*

radisum mundus haberetur, locus datus est, & occasio, unde Serpens tentaret. Sabeis (diz Ruperto) porque teve occasiõ Eva de fallar com a Serpente, & onde lhe fallou? Não foi dentro no Paraíso, senão fóra. Dentro não; porque a Serpente não podia entrar lá: mas fóra da cerca do Paraíso sim; porque a mulher tam vagabunda nos olhos, como nos passos, teve appetite de ver qual era o mundo cà por fóra, & este foi o lugar, em que se encontrou com a Serpente, & a Serpente a tentou, & fez cair: *Dum incontinenter deambulat, prospectans qualis extra Paradisum mundus haberetur.* Se Eva se cõtivera dentro do Paraíso, que Deos lhe tinha dado por morada, & não quizera ver mais mundo, ella se livrãra dos encótroz, em que vio, & ouvió o que lhe não convinha: mas porque quiz sair, & andar por fóra; por amor do mundo, que fora melhor não ver, não só perdéo o mesmo mundo, senão tambem o Paraíso, & a sy, & a nós. E isto he o que succede cada dia às filhas de Eva.

Não

VII.

70 **N**ÃO quero dizer cõ isto, q̄ quando saem as que saem, seja sempre cõ mã tentação; mas he certo, q̄ muitas vezes começa com boa tentação, o que acaba em tentação. Peregrinando Jacob com toda sua familia, fez assento em hum lugar (q̄ entã se chamou Socoth, & depois Scythopolis) & alli, diz a Historia, que Dina filha do mesmo Jacob sahio hum dia de casa para ver as molhores daquella terra: *Egressa est autem Dina, ut videret mulieres regionis illius.* Esta foy a tenção, com que sahio da casa de seu pay aquella donzella: & qual foi o successo? O successo foi, que Sichem, Principe da mesma terra, vêdo a Dina, & agradando-se della, a tomou, ou roubou por força: & Simeaõ, & Levi, irmãos de Dina, vendo se affrontados, tiverã traça cõ que matar por tração ao mesmo Principe Sichem, & a todos os Sichimitas: & se Deos com especial providencia não guardára a Jacob,

Tom. 6.

tambem elle pereceria, & acabaria alli com todos seus doze filhos, de que nasceraõ os doze Tribus de Israel. Pois se a tenção, com que Dina sahio da casa de seu pay, não foi mais que de ver as molhores daquella terra: *Egressa est, ut videret mulieres regionis illius*: como veio a parar esta honesta tenção em tantas desgraças, a que só por milagre do Ceo se não seguiraõ outras maiores: Porque hũa molher, que sae a ver molheres, tambem sae a ser vista de homens. E se no ver não ha perigo, nem indecencia, no ser vista, periga a honra, periga a pessoa, periga a familia, & periga tal vez toda a Republica, & não só hũa, senã muitas, como neste caso. A tenção de Dina em querer sómente ver molheres, podia ser innocente, mas no rilco, & occasiã de ser vista de homens, tambem foy culpada; porque como gravemente disse Tertulliano: *Ejusdem libidinis est videre, & videri.* Por isso S. Jeronymo com o exemplo da mesma Dina, exhortava à Virgê Eustochio a nunca sair de casa;

*Ibidẽ.**Tertull.*

E casa;

Hie. ron su- gra. casa: *Cave, ne domum ex eas, & velis videre mulieres regionis alienæ: Dina egressa corrumpitur.* Atè o Poeta Gêtio notado discretamente lemelhantes saídas, disse que sahiaõ Penelopes, & tornavaõ Helenas: *Penelope venit, abut Helene.* E itto he o que succede à filha de Jacob, que sahio Dina, & tornou Indina.

Mar- tialis.

71 Nem se evitaõ estes inconvenientes com irem sobredourados com o nome de devaçãõ: porque muitas vezes as que se chamaõ devações, sãõ verdadeiramente devassidões. As Contas do Rosario tambem podem ter seus descontos, & as Rosas, suas espinhas: & assim succede, quando o rezar he sómente pretexto de sair, & de ver, & de fallar, & do que se não pôde fallar, nem ver. Não fallo por boca do vulgo malicioso, & maldizente; porque o que digo, não he murmuraçãõ, nem malicia sua, senãõ proverbio de Salamaõ expresso. Descreve elle hũa mulher inquieta, & vaã, da qual diz primeiro que tudo, que he tam amiga de sair, ou tam

impaciente de não sair, que não pôde ter os pés dentro em casa: *Quietis impatiens, nec valens in domo consistere pedibus suis* Em fim sahio de casa esta mulher, & que fez, ou que disse? O que verdadeiramente era, posto q̃ parecia outra couza. Parecia devaçãõ, & era (como dizia) devassidãõ. Encontrou se com quem a trazia inquieta, & tam fóra de sy, como de casa, & o que lhe disse, foraõ estas formaes palavras: *Victi- Ibid. mas pro salute devovi, hodie 14 reddidi vota mea. Idcirco e- 15 gressa sum in occursum tuum, desiderans te videre.* Fuy hoje à Igreja a offerecer sacrificio, & dar cumprimento a hum voto, que tinha feito a Deos: & por isso sahi a me encontrar com vosco, tendo grandes laudades, & desejos de vos ver. Notai muito aquelle, Por isso, *Idcirco.* De maneira, que o pretexto de sair à Igreja era dar cumprimento ao voto: & o verdadeiro fim, & intento, era ver a quem buscava. O voto era o pretexto de ir à Igreja: *Victimas pro salute devovi, hodie reddidi vota mea: & o devo-*

to, & o dezejo de o ver, era a verdadeira causa de sair de casa: *Idcirco egressa sum in occursum tuum, desiderans te videre.*

72 Oh quantas vezes succede isto mesmo na nossa terra, sendo o Rosario o pretexto destas hipocresias, & o Terço o terceiro destes sacrilegios! E porque não pareça que fallo de longe, em que as conjecturas são incertas; quero fechar este Discurso com o parecer, & sentença de hum grande Autor, não de outra Nação, senão Portuguez; né de outra profissão, senão dos Prêgadores do Rosario; nem de outro Convento, senão do de Lisboa; nem de outra Igreja, senão da antiquissima, & famosa de S. Domingos: onde o Terço do Rosario se reza todos os dias com tam particulares concursos, & donde esta tam louvavel devação se propagou por todo o Reyno, & Reynos de Portugal. O Autor he, Frey Jeronymo da Azambuja, mais conhecido no mundo pelo nome de Oleastro, tão pio, como douto, & doutissimo Commentador do Pentateu-

cho. E para que se veja o fundamento da sua sentença: no Capitulo trinta & quatro do Exodo mandava Deos, que tres vezes no anno fosse todos ao Templo (que naquele tempo era hum só) & apparecessem em sua presença. Mas nota a mesma Ley, que este preceito fallava só com as pessoas do genero masculino: *Tribus temporibus anni* *Exod.*
apparebit omne masculinū tuū 34.
in conspectu Omnipotentis Domini Dei Israel. Repara pois nesta limitação Oleastro, & dando a razão porq̃ a Ley obrigava os do genero masculino, & não do feminino; os homens, & não as mulheres, diz assim: *Femininum genus docet non hinc inde discurrere etiā pietatis, & religionis pretextu. Amat hoc genus exire, amat hinc inde discurrere: sed quia à viris suis sapius arcetur, causam religionis, & pietatis mentiuntur. Ut ergo licentiosum genus teneret in officio, occasiones vagandi præcludit.* Quer dizer o douto Religioso, & experimentado Commentador: que na limitação desta Ley quiz Deos ensinar a todos aquelles, a quem

quem pertence, que as mulheres não devem sair de casa, ainda cõ pretexto de piedade, & religião. Porque a gente deste genero (diz elle como testimunha ocular) he muiro amiga de sair, & de andar por fóra. E porque talvez lho prohibem, os que té o mando da casa, fingem de vações fallas, & mentirofas: *Causam religionis, & pietatis mentiuntur.* Assim que desobrigou Deos as molheres, desta Ley do Templo, para lhe tirar a occasião, não de orar, mas de sair, estimando mais o seu recolhimento, que as suas Romarias.

VIII.

73 **E** Para que saibamos sem duvida, que este recolhimento he o q̃ mais approva, & o que mais lhe agrada à mesma Senhora do Rosario, ponhamonos entre os Mysterios Dolorosos, & Gloriosos, & vejamos o que entãõ fez, ou não fez, a mais calificada piedade. Na manhaã da Resurreiçaõ foraõ as Marias com grande devaçaõ, & diligencia ao Sepul-

chro para ungir o Sagrado Corpo. Agora pergunto: E foi tambem com as outras Marias a Virgem Maria, Senhora nossa? Naõ. Pois porque não foi tambem a Senhora? Era menos devota? Amava menos a Christo? Considerava com menor dor os tormentos de sua Paixaõ, & as ausencias da sua morte? Claro estã, que o amor de Salomè, de Jacóbi, & da Madalena, em comparaçaõ dos ardentissimos affectos da Virgem, eraõ tibiezas. Pois porque não foi tambẽ a Senhora com as outras Marias? Porq̃ teve por melhor, & mais decente o seu recolhimento; & porque sabia, que era mais agradavel ao proprio Filho o contemplar seus Mysterios entre quatro paredes, que illo buscar ao Sepulchro. As Marias no Sepulchro tiveraõ grandes visões de Anjos: & se he melhor devaçaõ a de não ir onde só se vem Anjos; quanto mais onde não saõ Anjos os que se vem?

74 Em conclusãõ: A mulher? Só. *Mulier? Quada.* Só, & apartada da multidaõ, & dos concursos: *De Turba.*
Assim

Assim o faz o mesmo Christo, quando quer converter mulheres. Primeiro aparta a multidão, & as turbas, & quando ficam separadas, & sós, entra as converte. Leváraõ a Christo aquella mulher criminosa, para que a condenasse: & o Senhor, que a não quiz condenar, senão abolver, & reduzilla, de peccadora a Sãta: que fez? Pozse a escrever na terra os peccados dos accusadores: & depois q̄ todos se foraõ: *Remansit solus Iesus, & mulier in medio stans:* (diz o Evangelista) ficou Christo só, & a mulher só com Christo: & agora que estava só, lhe fallou o Senhor, & não só lhe perdoou os peccados passados, mas com suas divinas palavras lhe deu alêtos para não cometer outros: *Vade, & jam amplius noli peccare.* Chegandõ Christo ao Poço de Sichoar, fatigado do caminho, à horas do meyo dia, despedio de sy a todos os Apostolos, & mandouos, que fossem buscar de comer à Cidade. Para ir buscar de comer, bastava hum: E porque mãdou o Senhor todos? Porque havia de vir alli a Sama-

ritãna, a quem o Divino Mestre havia de converter, & revelar grandes Mysterios. E posto que a multidão dos Apostolos era de homês Santos; bastava ser multidão, para estorvar, o que só mente estando só por só, podia huma mulher ter cõfiança para perguntar, liberdade para ouvir, & capacidade, & sossego para entender. Por isso a Madalena em sua mesma casa se retirou, atè de hũa irmaã tam Santa como Martha, & se recolhèu tambem só aos pès de Christo. E por isso antes de Christo vir ao mundo, lemos da famosa Judith, que no alto do seu palacio fez hum apozento secreto, em que dentro da propria casa, & longe das inquietações della se retirava com Deos, & com si-go: *In superioribus domus sua fecit sibi secretum cubiculum.*

75 Isto he o que nos prèga o Evangelho nas palavras, *Mulier quedam.* E se esta unidade, & solidão, de hũa, & só, foi necessaria às que não eraõ Santas, para que o fossè: & depois de serem Santas, para se conservarem na perfeição, & pureza da vida, ne-

nhuma mulher haverá em qualquer estado da sua, que o não tenha por errado, se seguir o modo, ou appetite de querer orar, entre muitos. Finalmente, para que todas entendão, & se persuadão, que a devação, & Oração do Rosario, de sy mesmo, & por sy mesmo as obriga a este retiro; saibão, que assim nasceu, & começou o Rosario, & q̃ assim se deve continuar. O principio, & nascimento do

Rosario, foi no Mysterio da Encarnação: & como nasceu, & começou por este Mysterio, senão no retiro, & solidade da mesma Senhora delle? *Sola in penetralibus, sola sine comite, sola sine teste:* diz Santo Ambrosio. Assim começou o Rosario na bem-dita entre todas as mulheres, & assim deve continuar em todas, & em cada huma: *Mulier quædam.*

*D Am
br. ibi.*

FINIS.



SER-



S E R M A M

X V I I I

Mariae, de qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.

Matth. 1.

I.

76



STA he a ultima clausula do Evangelho, & esta havia de ser,

para concordar o fim com o principio. No principio tinha ditto o Evangelista, que escrevia o Livro da Geração de Jesu Christo: *Liber generationis Iesu Christi*: & depois de contar quarenta & hum Ascendentes, todos successivamente continuados de pay a filho, chegando finalmente à Virgem Maria, Senhora nossa, conclue, que de Maria nascéo Jesu, q̄ se chama Christo: *Mariae, de qua*

Matth. 1. 16.

natus est Iesus, qui vocatur Christus.

77 Entre o nome de Jesu, & o de Christo ha esta differença. Jesu, que quer dizer Salvador, he o nome da Pessoa; Christo, que quer dizer o Ungido, he o titulo da dignidade. E porque desta dignidade do Filho havemos de tirar à da Mãe, em cuja Solennidade estamos; será bem, que saibão os que o ignorão, porque se declara a dignidade do Filho de Deos, & da Virgem com o nome de Ungido. A razão brevemête he, porque na Pessoa de Christo, Senhor nosso, em quâto Homem, estiverão jûtas as duas supremas dignidades de Rey,

E 4

&

& Summos Pontifices: & era cerimonia sagrada daquelles tempos, em parte observada tambem nos nossos, que os Reys, & os Pontifices fossem ungidos. Saul, que foi o primeiro Rey, foi ungido por Samuel; & Aram, que foi o primeiro Pontifice, foi ungido por Moysès: porèm Christo, Senhor nosso, Rey sobre todos os Reys, & Pontifice sobre todos os Põtifices, não foi ungido por mão, ou ministerio de homẽs, tenão immediatamente por Deos, como diz o Profeta: *Unxit te*

Psalm. Deus, Deus tuus oleo lætitiæ
44. 8. *præ confortibus tuis.*

78 Esta he a propriedade, & correspondencia maravilhosa, com que a architectura desta primeira pagina de todos os Evangelhos, assim como as fachadas dos grandes edificios se ornaõ, & enobrecem de famosas Estatuas, assim ella se compoem dos Varões mais illustres da Profetia de Christo; & as Personagens entre elles de maior vulto, ou são Reys, de que o primeiro foi David, ou Pontifices, de que o primeiro foi Zoróbabel. E porque o or-

denou assim Deos, de quem mais que dos pays depende a successão dos filhos, & sendo Filho seu, o que nesta geração se deduzia? Para que se visse claramente, diz Santo Agustinho, na mesma descendencia natural de seus Primogenitores, que assim a unção da Coroa, como a da Tiara, assim a dignidade de Rey, como a de Pontifice, & toda a propriedade, & significação de ungido, porque se chama Christo, não só lhe competia directamente por Filho de seu Pay, senão tambem pelo nascimento de sua Mãy: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

79 Isto posto, em que não ha duvida, entraõ a gora duas questões, hũa antiga, & já tratada, outra nova, & tam nova, que hoje he a primeira vez, em que será ouvida. Pergunta a primeira questão: Se por Christo Filho da Virgẽ Maria ser Rey, & Rey universal do mundo, pertence tambem à Senhora o mesmo titulo, & dignidade Real? E posto que algũs demaziadamente espirituaes duvidarão antigamente de juntar na

Vir-

Virgem Santissima o Real cô
o Santo, a sentença affirmati-
va he hoje cômu.n de Theo-
logos, & Padres: dos quaes sô
quero allegar dous. Ruper-
to fallando da mesma Senho-
ra: *Hæc in cælis Regina Sanc-
torum, & in terris Regina Reg-
norum est: quandoquidem est
Mater Regis coronati, quem
constituit Dominus super om-
nia opera manuum suarum: ac
proinde Regina constituta totũ
possidet Filij Regnum.* E S. Ber-
nardino com a mesma cla-
reza, & sobre o mesmo fun-
damento: *Virgo Beatissima
omnem hujus mundi meruit
Principatum & Regnum, quia
Filius ejus in primo instanti
sue conceptionis Monarchiam
totius promeruit, & obtinuit
universi: sicut Propheta testa-
tur, dicens: Domini est terra,
& plenitudo ejus orbis, terra-
rum, & universi qui habitant
in eo.* De maneira, que a Vir-
gem Maria, assim no Ceo, co-
mo na terra, he Senhora, &
Rainha universal de todos os
Anjos, de todos os homês, &
de todas as creaturas, quantas
contêm, & abraça o mundo
universo. E a razão porque
lhe compete este direito, &

tem o dominio, posse, & exer-
cicio delle, he por ser Mãy
de hum Filho, Rey, & Mo-
narcha universal do mesmo
mund, que he Christo: *De
qua natus est Jesus, qui voca-
tur Christus.* E isto baste quã-
to à primeira questãõ

8o Agora se segue a seg-
unda, que he muito não en-
trasse ao menos em pensamẽ-
to depois da resoluçãõ da
primeira. Christo segundo as
duas unções, que vimos, não
só he Christo, & Rey supre-
mo, senãõ Christo, & Ponti-
fice Sũmo. Logo se em quã-
to Rey supremo, por ser Fi-
lho de Maria, communicou
a sua Mãy a dignidade Rea^l,
poderemos dizer tambem, q̃
em quanto Pontífice Summo,
por ser Filho da mesma Se-
nhora, communicou à mes-
ma Mãy a dignidade Pontifi-
cal. Esta he a nova questãõ,
que trago hoje, não para dis-
putar, senãõ para decidir. E
para que me ajudeis a pedir
efficazmente a muita Graça,
q̃ me he necessaria para hũa
decisaõ tam difficultosa; di-
go resolutamente, que antes
de a Virgem Maria ser Se-
nhora do Rosario, não se po-
dia

Ru-
pert.Ber-
nar-
din.

dia provā com effeito, que Christo seu Filho lhe tivesse communicado a dignidade Pontifical; mas depois de ser Senhora do Rosario, sim. Isto he o que haveis de ouvir.

Ave Maria, &c.

II.

81 **O** Apostolo S. Paulo definindo as obrigações da dignidade Pontifical em ordem a declarar a soberana perfeição do Pontificado de Christo, diz assim:

Hebr. Omnis Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in ijs, quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis. Sobre as quaes palavras o doutissimo Cornelio à Lapide (o qual na exposição de S. Paulo, por não dizer que exceedo a todos os Commentadores, digo q̃ se vencè a sy mesmo) dividindo esta definição do Apostolo em suas partes essenciaes, diz, que nella se cõtêm tres propriedades, ou excellencias, que constituem o perfeito Pontifice. A primeira pertence à eleição da Pessoa, as outras duas à execu-

ção do officio: & todas tres, digo eu, se achaõ com eminençia na Virgem Santissima, Senhora nossa.

82 . *Prima est, ut Pontifex ex hominibus assumatur, quasi selectus cæterisque dignior.* A primeira propriedade he, q̃ a Pessoa, que ouver de ser assumpta à dignidade Pontifical, seja escolhida entre todas, & a mais digna: isto quer dizer, *Ex hominibus assumptus.* E que Pessoa ha, ou pôde haver, ainda que a eleição se fizesse, não sò entre os homês, senão entre os Anjos, tam merecedora de ser unicamente a escolhida, & tam infinitamête digna sobre todas as criaturas, como a que merecè ser Mãe do mesmo Criador? Por isso o Espirito Santo lhe chama *Una, & electa* Cant. 6.8. *ita: hũa, & escolhida; porque na sua eleição foi unica sem controversia, unica sem opposição, sem parêlha, sem semelhança. Una, & electa, diz Ruperto, quia nec inter Angelos, nec inter homines, similè, vel primam habet, vel sequentem habitura est.* Não sei, se reparais bem na energia desta eleição, & na excellencia della.

della. A excellencia da eleição da Senhora não está em ser escolhida, senão em ser escolhida como hũa: *Una, & electa*. A eleição, ou escolha commummête diz unidade, & suppoem multidão; porque de muitos se escolhe hũa: porém quando o escolhido he tam singular, & unico, q̃ não tem opposição, a gloria da eleição he a unidade: he ser escolhido; não como hũa de muitos, senão como hum, & sô. Se no Ceo entre os Anjos se ouvera de fazer eleição; como havia de ser escolhido o Sol? Não havia de ser escolhido como comparado, senão como unico. Pois assim foi escolhida Maria: *Electa ut Sol: Una, & electa*. E como a Senhora no Ceo, & na terra, não só he a mais digna, que isso seria ter comparação, mas unica, & incomparavelmente dignissima sobre todas as criaturas; vede, se pelo merecimento da Pessoa lhe compete a dignidade Pontifical? Assim o entenderão, & disserão todos, os que ouvirão este unico, & incomparavel elogio, porque tanto q̃ o Espírito Santo lhe deu o

nome de *Unica, & electa*, logo immediatamête foi acclamada de todos por Beatissima, que he o titulo Pontifical: *Viderūt eam filia, & Beatissimam prædicaverunt eam.* Cant. 6.8. A Senhora tinha ditto de sy: *Ex hoc Beatam me dicent omnes generationes;* Luc. 1.48. mas os que do merecimento da Pessoa passárao a consideração da dignidade, que lhe era devida, não sô lhe chamárao *Beatam*, senão, *Beaustissimam*.

83 *Secunda est, ut hominum causam agat apud Deum, tanquam eorum mediator, pro eisque oret, & interpellet.* A segunda propriedade, & primeira obrigação do officio Pontifical, he ser o Pontice mediator, ou medianeiro publico entre Deos, & os homens, & diante da Divina Magestade orar, & avogar por suas causas. Isso quer dizer, *Pro hominibus constituitur in ijs, quæ sunt ad Deum.* E que mediação se pôde dezejar, nê imaginar entre Deos, & os homens, nem mais intima, nê mais efficaç, nem mais poderosa, que a daquella mesma Senhora, que dentro em suas entranhas unio a Natureza

Bernard.
Serm.
1. de
As.
sumpt.

Divina com a Humana, & do Homem, & de Deos fez hũa só Pessoa? Ouvi a S. Bernardo: *Avocatam præmisit peregrinatio nostra, quæ tanquam ludicis Mater, & Mater misericordie suppliciter, & efficaciter salutis nostræ negotia pertractabit.* Somos peregrinos na terra (diz Bernardo) mas nem por isso as nossas cousas estaõ desemparradas no Ceo; porque no Ceo temos por avogada dellas, quem as ha de tratar com tanta efficacia, & poder, como a que he Mãy do Juiz; & com tanto amor, & piedade, como a que he Mãy da misericordia. Grande razão, & singular prerogativa, que sò no Pontificado de Christo se acha semelhante. Christo foi Pontifice sobre todos os Pontifices: porque? Porque os outros Pontifices saõ sómente homens, & Christo he Homê, & Filho de Deos juntamente. Como Homem intercede pelos homê; como Filho de Deos pôde tudo com Deos. Assim o pondêra S. Paulo, sinalando a differença que ha de Pontifice a Pôtifice entre Christo, & os outros. Aos

outros fallos Deos. Pontifices como Deos: a Christo fello Deos Pontifice como Pay. Aos outros como Deos: *Necquisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur à Deo, tanquam Aaron.* A Christo como Pay: *Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: sed qui loquutus est ad eum: Filius meus es tu.* E desta differença, q̃e segue? Segue se (acrescêta logo o mesmo S. Paulo) que as suas Orações, & intercessões não saõ só ouvidas pelo beneficio da causa, ou pela authoridade do officio, senão pela reverencia da Pessoa: *Qui in diebus carnis suæ preces, supplicationesque ad eum: offerens, exauditus est pro sua reverentia.* Esta he a prerogativa singular de Christo emquanto Pontifice. E que a mesma concorra na Virgem Mãy sua, quem o pôde duvidar? Porque se Christo como Homem intercede pelos homens, como Filho de Deos pôde tudo com Deos; também a Senhora, pelo que tem de humana, intercede pelos homê, & porque he verdadeira Mãy de Deos, poderá,

rá, & pôde tudo com elle. E se as Orações, & intercessões de Christo são ouvidas de Deos pela reverencia de Filho, não menos foraõ ouvidas as da Senhora, antes em certo modo mais, pela reverencia de Mãy. Assim o conclue noutra parte o mesmo S Bernardo: *Advocatam vis habere erga ipsum? Ad Mariã recurre: nec dubius dixerim: exaudietur, & ipsa pro reverentia sua.* Se quereis ter avogada diante do Supremo Juiz, recorrei (diz) a Maria confiadamente, porque assim como o Pay ouve a Christo por reverencia de Filho, assim Christo ouve a Senhora por reverencia de Mãy. Com tanta eminencia resplandece em Maria Santissima a segunda condiçãõ, que se requer para a dignidade Pontifical.

84 *Tertia est, ut Deum peccatis, & peccatoribus iratũ placet, & reconciliet per dona, & sacrificia.* A terceira propriedade, & ultimo officio do Pontifice, he aplacar a Deos offédido dos peccados, & reconcilia-lo com os peccadores por meyo das obla-

ções, & dos sacrificios: isso quer dizer: *Ut offerat dona, & sacrificia pro peccatis.* E que Ministro Sagrado ouve já mais, nem haverá no mundo, tam apto, & tam apropriado para este soberano ministerio de aplacar a Deos offédido pelos peccados, como aquella purissima criatura, em que nunca ouve peccado? Os outros Pontifices, & Summos Sacerdotes, diz o Apostolo, primeiro offerrecẽ os sacrificios pelos seus peccados, & depois pelos do povo, porém Christo, em quem nunca ouve peccado, não tem essa necessidade: *Qui non Hebr. habet necessitatẽ::: quem ad. 7. 27. modum Sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi.* E assim como Christo só offerrecia sacrificios a Deos pelos peccados do povo, & não pelos seus, porque os não tinha, & por isso eraõ mais gratos, & mais aceitos a Deos os sacrificios de seu Filho: o mesmo devemos nós não só entender, & dizer dos de sua Mãy; mas deste altissimo principio inferir quam decentemente assentaria (na Pessoa da Virgem

ibidē
26.

puríssima a dignidade Pontifical Assim o inferior o mesmo S. Paulo : *Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, Sanctus, innocens, impollutus, segregatus a peccatoribus, & excelsior cælis factus.* As quaes palavras, ou excellencias todas, assim como se dizem do Filho, se pôdem, & devem affirmar igualmente da Mãy: Sancta, innocente, pura, immaculada, separada, & exceptuada do numero dos peccados, & levantada sobre todos os Ceos : Logo, *Talis decebat ut nobis esset Pontifex.* E para as offertas, & sacrificios : *Ut offerat dona, & sacrificia* : quem já mais presentou tal offerta a Deos, como a que a Senhora lhe offerrecò no Templo, quando lhe presentou seu proprio Filho nascido de quarenta dias? E quem já mais lhe fez tal sacrificio; como o do mesmo Filho no Monte Calvario, mais crucificado na Alma, & no coração da Mãy, que na mesma Cruz? Não chegou Abraham a ver morrer Isaac, & com tudo diz S. Pedro Chrysologo, que de tal sorte se sacrificou nelle a sy mes-

mo, que elle era o sacrificio, & o Sacerdote, elle a victima, & o Pontifice : *Abraham se immolabat in filio, ut esset idem victima, & Pontifex, sacrificium, & Sacerdos.* E se isto bastou em Abraham, porque era pay, para ser Sacerdote, & Pontifice; aquella Mãy, cuja obediencia, & charidade foi infinitamente maior que a de Abraham, & cujo Filho, & sacrificio era infinitamente maior que Isaac, quem se atreverá a lhe negar, ou a duvidar a dignidade Pontifical?

III.

85 **V**Ejo porém, que da mesma Cruz, & das palavras do mesmo Filho crucificado, se tira o argumento, com que sobre tantas prerogativas de merecimento se nega à Santissima Mãy esta dignidade. As palavras do Filho foraõ : *Mulier* ^{Joan.} *ecce filius tuus* : & este nome ^{19.} de mulher he o que se oppõe ^{26.} totalmente à dignidade Pontifical. Mas não he de tanto pezo esta instancia, que não tenha facil soluçãõ na Escriptura, nos Santos, & na razão.
No

86 No Capitulo onze do Profeta Zacharias diz Deos, que matou tres Pastores do seu Povo em hum mez: *Succidi tres Pastores in mense uno.* E postoque o Profeta não declare alli quem foraõ estes tres Pastores; S. Jeronimo, S. Remigio, Alberto Magno, Hugo Cardeal, & todos os que entenderaõ este lugar mais propria, & literalmente, dizem, que foraõ, Moysés, Aram, & Maria Profetiza, irmãa de ambos. Chamaõ-se tres Pastores, porque por meyo de todos tres livrou Deos o seu Povo do cativeiro do Egypto, & o governou, & guiou pelo deserto atè a Terra de Promissaõ, como depois lhe fez cargo pelo Profeta Michèas, nomeando todos tres na mesma fôrma: *Quia eduxi te de Terra Egypti: & misi ante faciem tuam Moysen, & Aaron, & Mariam?* E dizer Deos que os matou a todos em hum mez: *In mense uno:* he maior, & mais clara confirmação de serem estes; porque como consta do Livro dos Números, Maria morrèu em Março do anno quarenta da pe-

regrização do deserto; & neste mesmo mez succedèu a incredulidade, & desobediencia de Moysés, & Aram, em pena da qual os sentenciou Deos no mesmo acto à morte, & que não entrassem na Terra de Promissaõ, de que já estavaõ tam perto. E essa he a propriedade da palavra, *Succidi*; porque lhes cortou a vida, & mais os passòs.

Ibid.
12.

87 Mas se neste numero entrava Maria, como lhe chama Deos tres Pastores? Aram era Pastor no Espiritual, & Ecclesiastico, porque era Summo Pontifice: Moysés era Pastor no Tèporal, & Civil, porque era Governador supremo com authoridade Real: porèm Maria, que por ser molher, nem tinha, nem parece que era capaz, tanto de hũa, como de outra dignidade; como lhe attribue Deos igualmente o mesmo nome, ou titulo: E sendo os officios pastoraes sò dous, como eraõ os Pastores tres: *Succidi tres Pastores?* Eraõ os Pastores tres, sendo os officios dous (respondem os mesmos Autores) porque assim

sim

Zach.
11. 8.

Hieron
Remig.
Alber.
Hugo.

Mich.
5. 4.

Num.
10. 1.

sim Aram, como Moysès, ambos governavaõ junta-
mente com Maria, & cada-
hum a tinha por companhei-
ra, & fazia participante da
sua dignidade. Maria sobre
ser Profetiza muito alumia-
da de Deos, era tambem de
maior idade que Moysès, &
Aram, como consta hũa, &
outra cousa da Historia Sa-
grada, & por estas duas ra-
zões, posto que Moysès, &
Aram fossem sómente ir-
mãos de Maria, o respeito, &
veneraçãõ, com que a trata-
vaõ, era de Mãe, & como tal,
nem Aram no Ecclesiastico,
nem Moysès no Civil, obra-
vaõ cousa algũa, em que Ma-
ria não tivesse parte. E por-
que esta dobrada authorida-
de commum com ambos lha
tinha dado Deos; por isso
sendo dous os officios pasto-
raes, diz o mesmo Deos, que
eraõ tres os Pastores: *Succidi
tres Pastores*: & por isso fez
cargo aos Hebrèos de lhe ter
dado para a liberdade do ca-
tiveiro do Egypto, não só a
Moysès, & Aram, senão
igualmente a Maria: *Misi an-
te faciem tuam Moysen, &
Aaron, & Mariam?*

88 Ao nosso ponto a-
gora: Maria irmã de Moys-
ès, & Aram, como lemos
em S. Jeronymo, & Santo *Hie.*
Ambrosio, foi figura da Vir-*ron.*
gem Maria: & não só pela *Am.*
semelhança do nome unico *brof.*
em todo o Testamento Ve-
lho, nem só pela graça de
Profetiza, nem só pelo triu-
fo de Corredemptora do Po-
vo, mas singularmente pela
prerogativa da virgindade:
em testemunho da qual se
não lé na Escritura, nem ma-
trimonio, nem successão da
mesma Maria: & Santo Am-
brosio expressamente lhe dá
o titulo de Virgem: *In Veteri
Testamento clausum Hebræo-
rum Populum Virgo per maria
pedes duxit, in Evangelio Au-
thorem mundi, & Redempto-
rem Virgo generavit.* Sendo
logo aquella Maria Virgem;
vede se era expressa figura da
Virgem Maria? Do mesmo
modo Moysès, & Aram em
duas pessoas foraõ hũa só fi-
gura de Christo, no qual se
uniraõ as duas dignidades, a
Real, como em Moysès, &
a Pontifical, como em Aram.
E se estes dous irmãos cada-
hum communicou a sua dig-
nidade

nidade a Maria, por ser ir-
mãa, & maior; porque não
communicaria tambem am-
bas as dignidades Christo a
Maria, de quem aquella só
foi figura, sendo elle Filho,
& ella Mãy? E se lá o orde-
nou assim, approvou, & af-
firmou Deos, cà porque se ha
de negar, ou duvidar?

89 Da dignidade Real
ninguem duvida; que Christ-
to como Rey a communi-
casse a sua Mãy; & daqui in-
firo Eu com a mesma, & mui-
to maior razão, que tambem
o mesmo Christo como Pon-
tifice lhe cõmunicou a Pon-
tificial. E provo: porque a
dignidade Real não a teve
Christo por sua Mãy, & a
Pontifical sim. Não he me-
nos bem fundada esta illaçãõ,
que na Theologia de S. Pau-
lo no segundo Capitulo da
Epistola ad Hebrãos: *Quia*

tebr.
14.
5.
6.
7.

*ergo pueri communicaverunt
carni, & sanguini, & ipse simi-
luer participavit iisdem: ut
per mortem destrueret eum,
qui habebat mortis imperium:
& liberaret eos, qui timore
mortis per totam vitam obno-
xij erant servituti. Nusquam
enim Angelus apprehendit, sed*

Tom. 6.

*semen Abrahæ apprehendit.
Unde debuit per omnia fratri-
bus similari, ut misericors fie-
ret, & fidelis Pötifex ad Deū.
Dã a razaõ S. Paulo, porque
o Filho de Deos se fez Ho-
mem, & não Anjo, & diz que
foi, para que sendo Homem,
podesse ser verdadeiro, &
perfeito Pontifice, o que não
podia ser sendo Anjo. E por-
que não podia ser Pontifice,
sendo Anjo? Porque os An-
jos não tem carne, nem san-
gue, são immortaes, & não
tem peccado. E para Christo
fazer o officio de perfeito
Pontifice, havia de sacrificar
sua vida, & morrer pelos ho-
mês, & por isso era necessa-
rio ter carne, & sangue, & ser
mortal. E havia de interceder
efficazmente com Deos pe-
los peccadores, & para isso e-
ra necessario ser semelhante
a elles, não no peccado, senão
na natureza, & nas misérias,
que delle se seguiraõ: & essa
carne, esse sangue, essa mor-
talidade, essa natureza sujei-
ta, & capaz das penalidades
humanas, que era todo o ca-
bedal, & aparato necessario
para ser perfeito Pontifice:
*Ut misericors fieret, & fidelis**

E

Pon:

Pontifex ad Deum : de quem a recebeu o Filho de Deos, lenção de sua Mãy? De sorte, que a dignidade Real não a teve Christo só de sua Mãy, porque já sendo Deos era Rey : *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus*, porém a dignidade Pontifical sim; porque se não fora seu Filho, não seria Pontifice. Excellentemente S. Dionysio Alexandrino: *Inhabitavit in sancto suo tabernaculo, quod st Deipara Maria; illic enim in ipsa Rex noster, Rex gloriæ factus est Pontifex*. Habitou Deos no Tabernaculo virginal do ventre santissimo de Maria, & sendo já Rey da gloria, & Rey nosso, alli, onde o Verbo se fez carne, alli foi feito Pontifice: *Illic in ipsa factus est Pontifex*. Logo se Christo porque foi Rey (o que não recebeu de sua Mãy) lhe communicou a dignidade Real; com muito maior razão; porque foi Pontifice (o que recebeu da mesma Mãy) lhe devia comunicar a dignidade Pontifical.

90 Nem val finalmente sem contrario a objecção de ser mulher a Bemdita entre

todas as mulheres, & exceção de todas; não só porque foi Mãy, & Virgem, & por isso com dobrada authoridade de Mãy, & de Pay juntamente em respeito; de seu Filho (por onde em sentença de grandes Theologos he chamada Matripater;) mas porque se esta differença do sexo em Maria irmãa de Moyés não foi impedimento para participar com Aram a dignidade Pontifical; muito menos o deve ser em Maria Mãy de Jesu, que por isso se chamou Christo : *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus*. E para que não fique só a força desta illação no argumento da paridade, assim o disse expressa, & milagrosamente ao intento S. João Damasceno: *Tu es quippe Summa Christianorum Antistes, hinc te magna laudum contentione veneramur*. Veneramos vos, Senhora, & louvamos vos com toda a intenção de nossos affectos (diz Damasceno) porque vós sois a Summa Pontifice dos Christãos : *Summa Christianorum Antistes, Antistes*, pela dignidade Pontifical : *Summa*, & não Summo, pela

Psal.
43. 5.
Dionysius
Alex
cōtra
Paus.
lum
Samo-
lat.

Div.
Da
maje.
in Ma
neir
Gras.
die 1.
Ja-
nuar.

D. *Arneft in Mariali cap. 26.* pela differença do sexo. É Santo Arnêlto, Arcebispo Praguenfe, unindo, & distinguindo na mesma Senhora ambas as dignidades, Real, & Pontifical, nos exhorta a que recorramos a hum, & outro Tribunal de Maria, seguros de que a sentença que dêr em nosso favor, não poderá ser revogada; porque, ou como Real, ou como Papal, levará, por ser fua, a clausula, *Non obstante*, em respeito de qualquer outro juizo. *Mariam invoca, Mariam appella* (diz o Santo) *& in omni sententia, quam pro te dabit, apponet illam clausulam gloriosam, Imperialem, atque Papalem, Non obstante.*

IV.

91 **R** Emovido pois o impedimento aparente do sexo, com a authoridade dos Santos, com o exemplo da Escritura, & cõ a efficacia da razão: & demonstrado o merecimento sobreeminente da Pessoa por todas as qualidades, que require a definição de S. Paulo para o perfeito Pontifice, como

fizemos no primeiro Discurso; segue-se, que do Direito passemos ao facto, & que vejamos praticado na Senhora do Rosário, ou no Rosário da Senhora, o titulo, poder, & exercicio da dignidade Pontifical. Isto he o que agora farei: & para que a prova, & demonstração proceda cõ toda a clareza, a divido em tres partes. Em cada hũa dellas veremos a Santissima, & Beatissima Mãy, pelas prerogativas do seu Rosário, não só propria, mas singularmente Pontifice. Põtifice na ethimologia do nome: Pontifice nas insignias da dignidade: Pontifice na potestade das Chaves.

92 Marco Varro, mais *Marco Varro* antigos que Marco Tullio, & o maior, & mais erudito Mestre da Lingua Latina, declarando no Livro quarto a ethimologia donde foi tomado, & teve sua origem este nome *Pontifex*, diz, que Pontifice he o mesmo que *Pontem faciens*: o que faz Ponte: & que a occasião de chamarrem assim aos Summos Pontifices, instituidos em Roma por Numa Pompilio, foi a

Ponte Sublicia, edificada pelo Summo Pontifice Anco Marcio, obra tam celebrada naquella Seculo ainda rude, que a elle lhe deu o nome, & depois se perpetuou em seus successores. Donde tambem o tomou, com a Lingua, depois da vinda de Christo, a Igreja Romana Theodôro Studita chamou à Virgem Senhora nossa: *Pons securus Christianorum*: Ponte segura dos Christãos. Venancio Fortunato: *Pons ad penetrandos polos*: Ponte que chega, & alcança de polo a polo. S. Proclo: *Pons, per quem Deus ad homines descendit*: Ponte pela qual Deos descêo aos homens. E bastaõ estas authoridades, tam graves, & tam justamente applicadas à Senhora com o nome expresso de Ponte, & tantas vezes repetido, para prova de meu intento? Não bastaõ; porque nenhum destes Autores chega a dizer o que eu digo. Para ser Pontifice, não basta ser Ponte, he necessario fazer Ponte: *Pontem faciens*: & esta he a que a Senhora fez, quando instituiu o seu Rosario, & não só disse, que a fize-

ra, senão que a mostrou feita.

93 O primeiro, a quem a mesma Senhora communicou a idéa desta sua obra, foi o grãde Patriarcha S. Domingos, encarregandolhe, q̃ a publicasse, & prégasse, como logo começou a prègar em França com espirito, & eloquencia mais que humana: de que se seguiraõ dous effeitos, ambos notaveis, mas muito encontrados. Convertiaõse os homens a milhares, assim os Hereges à Fé Catholica, como os mãos Catholicos à Virtude, & Vida Christãa, & não poucos a deixar o mundo, & seguir a Perfeição Evangelica: & este era geralmente o primeiro effeito da prègação, & devaçaõ do Rosario. O segundo, & contrario foi, que vendo o Inimigo de genero humano as muitas Almas, que por meyo da mesma devaçaõ se livravaõ da sua tyrannia, tratou de desacreditar, & desauthorizar o Rosario por tal arte, que todos os que o rezavaõ, o desestimassem primeiro, & depois o deixassem. Para isto tomou o Demonio por instrumento, quem vos

pa:

Theod.
Stud.
in Ca-
non.
Ode 8.
Venat.
Fortun
lib 1.
de par-
tu V.
Pro-
clus
Orat.
de Na-
tivitat.
Domi-
ni.

parece? Por ventura algum daquelles Hereses mais obstinados? Por ventura algum leigo dos de consciência mais livre, & mais estragada? Por ventura algum Sacerdote, ou Religioso ordinario, emulo de S Domingos? Ainda subio mais alto, ainda fortificou mais a industria, ainda enfeitou mais a tentação. Havia naquella Provincia hum Bispo muito presumido de seu saber, mas de muito pouco zelo, & espirito. Este em lugar de agradecer ao Santo o pasto tam divino, que dava a suas ovelhas, & o ajudar na prègação, & propagação daquellas novas do Ceo, a que podemos chamar o Evangelho da Virgem Maria; começou em publico, & em particular a desfazer, & defacreditar os Sermões do grande Apóstolo: dizendo, que em vez de prègar pontos muy subidos do Evangelho, prègava aquellas vulgaridades, & em vez de levar ao pulpito estudos, & pensamentos novos, que ninguem tivesse ouvido, hia ensinar o Padre-nosso, & Ave-Maria, que os mininos sabião. Vede, quanto a pai-

xaõ he cega, & a presunção ignorante? Como se ouvera pontos mais subidos que os Mysterios da Encarnação do Verbo Eterno, & da Redempção do genero humano? Como se ouvera meditações mais Divinas que as da Vida & Morte do Filho de Deos? Como se ouvera Orações mais excellentes que o Padre-nosso, ditado por Christo, & a Ave-Maria por hum Archanjo? Como finalmente se ouvera doutrina mais Evangelica que a memoria das graças, & beneficios altissimos, que Deos em Pessoa nos veio trazer, & fazer ao mundo: a qual memoria elle no fim de sua vida nos encommendou, & encarregou sobre tudo? Nada disto via, nem considerava o cego, & ignorante Prelado: & como a natureza dos homens he mais inclinada ao mal, que ao bem, & mais à vaidade, que à verdade; se S. Domingos por huma parte fazia grande fructo, o Bispo por outra parte o desfazia, sendo muitos, principalmente dos mais prezados de entendidos (que praza a Deos não te-

nhaõ imitadores) os quaes o deixavaõ totalmente, ou para o dizer com nome mais proprio, apostatavaõ da devaçaõ do Rosario.

94 Triunfante sobre esta infernal victoria estava hũa noite dormindo , o que tam pouco vigilante Pastor era do seu rebanho , quando arrebatado em visãõ se achou subitamente no meyo de hum Rio largo, profundo, escuro, & furioso, cuja corrente a espalhos por penhascos, & rochas talhadas se despenhava estrondosa, & medonhamente. Aqui andavaõ nadando, ou mais verdadeiramente naufragando, grande multidãõ de homens, & mulheres de todos os estados: huns que fofobrados das ondas, se affogavaõ, & hiaõ logo apique: outros que mortos já de muitos dias sahiaõ a fima aboyados em horrendas figuras: outros que arrebatados da corrente eraõ arremessados com furia nos penhascos, onde se espedaçavaõ: outros que lutavaõ com toda a força, & grandes ancias com o pezo do impeto das águas: & outros que ao som dellas, onde

mais manlamente corriaõ, se deixavaõ levar brandamente: & este era o estado mais perigoso, porque quasi sem sentir se achavaõ perdidos, sendo finalmente muito raros os que com grandissimo trabalho chegavaõ á outra banda da Ribeira, & todos despídos. No meyo desta afflicçaõ já desmaiado, levãtou o Bispo os olhos ao Ceo, & vio, que á mão direita havia hũa fermola Ponte, que atravessava o Rio de parte a parte, pela qual caminhavaõ seguros outro grande concurso de gente, homẽs, mulheres, mininos, todos alegres, & cantando. E como advertisse, que adiante os hia guiando hũa Pessoa Veneravel, & pelo Habito branco, & Manto preto reconhecesse que era o mesmo Prègador, que elle perseguiu: Valeime, Santo, que já vos confesso por tal, disse a grãdes brados: Valeime, que me affogo. Pois affogarte, & chama agora pelos teus pensamẽtos subidos, que te subaõ á Ponte. Assim lhe podera dizer, & com muita razão, o Prègador das vulgaridades. Mas como os Santos

tos se vingão fazendo bem a quem lhes faz mal; elle foi o que o fubio milagrosamente, & o introduzio na Ponte, com os demais.

95. Era a fermosa Ponte, larga, & bem defendida por ambos os lados, donde se viaõ com lastima, mas sem temor, os perigos, & naufragios dos que se fiavaõ do Rio. Estava fundada sobre tres grandes Arcos de marmore, cada hum dos quaes se rematava em cinco Torres muito altas, & entre ellas repartidas de dez em dez outras cincoenta menores; que por todas faziaõ numero, as mais altas de quinze, as menores de cento & cincoenta. No fim se levantava hum Palacio de admiravel architectura, por cuja Portada igual na largura à da Ponte, eraõ admittidos todos, os que tinhaõ passado por ella, & dalli levados a hũa grande Sala interior, onde em Trono de pedras preciosas cercado de resplandores assitia assentada huma Rainha de Celestial Magestade, & fermosura, a qual todos adoravaõ. Aqui recebia cada hum da sobera-

na mão hũa Coroa de Rosas, & este era o Sinal, ou Passaporte Real, com que só se podia entrar no Jardim do mesmo Palacio, chamado o Paraiso das delicias, mais ameno, & deleitoso, que o que Deos tinha plantado, no principio do mundo. Chegou se finalmente o Bispo, quando se seguia por ordem o seu lugar, para tambem receber a Coroa; mas trocada a Magestade da Rainha em severidade, lhe disse com aspecto irado: Que atrevimento he este? Se tu es o maior inimigo, & perseguidor do meu Rosario, como tens ousadia para pertender a Coroa, que só aos devotos d'elle se concede? Apartate logo de minha presenca, & de todo este lugar, & agradece à minha piedade, não te mandar dar o castigo, que tuas culpas merecem. Estas palavras, & muito mais o semblante, com que foraõ ditas, causáraõ tal perturbação, & horror ao pobre Bispo, que tremendo, & assombrado espertou no mesmo ponto, & tornou em sy. Em sy tornou, mas tam outro do que dantes era, & tam re-

conhecido do seu erro, & ignorancia, que daquelle dia em diante foi o mais zeloso Prêgador do Rosario, & o maior apregoador de suas grandezas.

96 Esta he pois a Ponte, que traçou, & fabricou a Virgem Santissima. Os tres grandes Arcos de marmore, são as tres differenças de Mysterios, em que se funda o Rosario, Gozolos, Dolorosos, Gloriosos: os quaes se se não considerão, nem meditaõ, ainda que se rezem as Orações, he Rosario sem fundamento solido. As quinze Torres mais altas, são os quinze Padres-nossos; & as cento & sincoenta menores divididas de dez em dez entre huma, & outra, são as cento & sincoenta Ave-Marias: & todas ellas são Torres, porque todas espirital, & temporalmente nos defendem de nossos inimigos. O Rio arrebatado he o curso da vida presente, que nunca pára, cheio de tantos perigos, & precipicios: & as duas Ribeiras, a que a Ponte se estende, & sendo tam distantes, abraça, & une, são este, & o outro mundo, são os dous

Orizontes do nascer, & morrer, são o Tempo, & a Eternidade. Vede, se merece o nome de Pontifice, quem fez esta Ponte? A Igreja Grega em dous Hymnos, fallando com a Senhora lhe diz: *Pons traducens omnes de morte ad vitam*: Ponte, que passa a todos da morte à vida: *Pons homines à terra traducens in caelum*: Ponte, que passa os homens da terra ao Ceo. E esta he a Ponte do seu Rosario.

97 Desta passagem da terra ao Ceo foi figura a passagem do deserto à Terra de Promissaõ, & o Rio Jordão que se passou, figura tambem do Rio que nós passamos. E quem fez esta milagrosa passagem, senão a Virgem Senhora nossa, figurada na Arca do Testamento, a qual de tal sorte secou o Rio, o qual se não podia vadear, que homens, molheres, & mininos, sendo tantos mil, o passáraõ a pè enxuto. E não faltou nesta passagem o mysterio, & propriedade do Rosario: porque diz o Texto Sagrado, que quando os filhos de Israel passáraõ o Jordão, levavaõ os olhos em Jericò, que lhe

Iosue ficava da outra banda : *Po-*
 3.17. *pulus autem incedebat contra*
Ierichò: & Sacerdotes, qui por-
tabant Arcam, : : stabant su-
per siccam humum in medio
Jordanis. No meyo do Rio
 estava a Virgem Maria, co-
 mo verdadeira Arca do Tes-
 tamento, que teve dentro em
 sy a Dcos, fazendo d'is areias
 do fundo hũa nova Ponte, &
 immovel, por onde sem im-
 pedimêto das aguas o passas-
 sem a pè, & seguramente. E
 da outra banda da Ponte, co-
 mo no nosso caso, estava em
 Jericó a mesma Virgem co-
 mo Senhora propriamente
 do Rosario, que por isso a
 compára o Espirito Santo à
Ecclef. planta da Rosa; não em ou-
 2.4.
 18. tra parte, ou terra, senão na
 de Jericò: *Quasi plantatio Ro-*
sæ in Ierichò. É porque mais
 no terreno de Jericò, que em
 outro fertil de Rosas? Por-
 que as Rosas de Jericò entre
 todas as do mundo são com-
 postas de cento & sincoenta
 folhas, quantas são as Sau-
 dações Angelicas, com que
 veneramos, & invocamos a
 Virgem no seu Rosario. Af-
 sim cómenta o mesmo Tex-
 to Ricardo de Santo Lauren.

cio: Dicitur Maria Rosa, non
quælibet, sed Iericuntina: quia
in Ierichò crescunt Rosæ spe-
ciosissimæ, habentes centum
quinquaginta folia.

V.

98 **P**ROVADA na Virgê
 Santissima a signifi-
 cação de Pontifice pela ethi-
 mologia do nome, vejamos
 a sustancia da mesma signifi-
 cação, ou o significado do
 mesmo nome pelas insignias
 da dignidade. A insignia, que
 entre todos os que se cha-
 maõ Põtifices, distingue del-
 les, & sobre elles o Summo
 Pontificado, he a Tiâra. Co-
 roa a Tiâra huma só cabeça,
 mas compoemse de tres Co-
 roas. E porque de tres? Para
 significar que he Coroa so-
 bre Coroa, & que todas as
 do mundo lhe estão sujeitas.
 Assim o confessão, & protes-
 tação com humildade adoração
 todos os Reys Catholicos,
 beijando o pè ao Summo Pon-
 tifice. E esta he hũa differen-
 ça muito notavel, & muito
 digna de se saber entre o Pon-
 tificado de Christo, & o de
 Aram. Ouçamos a Moysés,
 &

& a S. Pedro Moysés fallando do Reyno, & Sacerdocio da Ley Velha, chamalhe, *Regnum Sacerdotale*, Reyno Sacerdotal: *Vos eritis mihi in Regnum Sacerdotali*, S. Pedro pelo contrario, fallando do Reyno, & Sacerdocio da Ley da Graça, troca as mesmas palavras de Moysés, & chamalhe, *Sacerdotium Regale*, Sacerdote Real: *Vos autem gentis electum, Regale Sacerdotium*. Pois se na Ley Velha havia Pontifices, & Reys, & na Ley da Graça ha Reys, & Pontifices; porque aquella se chama Reyno Sacerdotal, & esta, não Reyno Sacerdotal, senão Sacerdocio Real: Porque na Ley Velha a dignidade Real era superior aos Pontifices, & na Ley da Graça a dignidade Pontifical he superior aos Reys. *Quia scilicet in Synagoga Iudeorū Regnum eminebat Sacerdotio; in Ecclesia verò Christi Sacerdotium eminet Regno*: diz com Ascânio Martinengo Cornelio à Lapide.

99 Dentro na mesma Christandade temos mais expressa esta semelhança, & significação da Tiâra, & a razaõ

das tuas tres Coroas. Os Emperadores coroaõse tres vezes com tres coroas differentes: & assim como a dignidade Imperial, por ser temporalmente a suprema do mundo, se recebe por tres Coroas; assim a Pontifical, que espiritalmente he a suprema, & a summa, se compoem, & representa com outras tres. E tal he a Tiâra Pontifical, que à Virgem, Senhora nossa, lhe cõpete por Senhora do Rosario. As tres Coroas dos Emperadores, hũa he de ferro, outra de prata, outra de ouro: & as da Senhora do Rosario tambem poderãõ ser formadas dos mesmos metaes. A primeira de pratinos Mysterios Gozofos, a segunda de ferro nos Dolorofos, & a terceira de ouro nos Gloriosos. Por esta mesma ordem as contas, & distingue S. Bernardino na cabeça humana do Divino Autor dos mesmos Mysterios, sendo tão to do soberano Filho que os obrou, como [da soberana Mãe], que o acompanhou em todos: *Prima corona est carnèa, qua coronatus fuit ab utero, & hæc corona contexta fuit de*

Exod.
19.6.

1. Pe
rr. 2.
9.

Corne-
lius
ibi.
Asca-
nius
Mar-
tineg.
ab eo
relat.

Exod
19.6.

Div.
Ber-
nardin
ad il-
lud.
Apoc.
6.

Data
estei
de coro-
na

purissimis sanguinibus Virgini. A primeira Coroa (diz o Santo) he a da Encarnaçã; & esta foi formada das purissimas entranhas da Virgem Maria , com que a mesma Mãy Santissima coroou ao Filho de Deos, & *1.ª. Secunda est spinea, qua coronatus fuit à n. verca Synagoga; & contexta fuit peccatorum n. strorum aculeis :* A segunda Coroa he da Paixão; & esta foi tecida de espinhos, com que cruelmente o coroou sua madrasta a Synagoga. *Tertia fuit gemmea, qua coronatus fuit in Resurrectionis triumpho; & hæc contexta fuit ex doibus pretiosissimis sui Corporis gloriosi:* A terceira Coroa he da Resurreição; & esta foi lavrada de pedras preciosas pelos dotes celestiaes do Corpo glorioso, com que o coroou seu Eterno Padre. E quem não vê, que estas tres Coroas, hũa de gosto, outra de dor, outra de gloria, não são outras, senão as mesmas tres, de que se compoem a Tiãra Pontifical da Senhora do Rosario.

100 Cada hũa destas Coroas primeiro foi do Filho,

porq̃ o Filho obrou os Mysterios, mas depois, ou logo, foi tâbé da Mãy; porq̃ a Mãy os obrou juntamente com elle : não havendo algum em todo o Rosario, em que a Senhora não tivesse parte, & lhe fizesse companhia, & por isso participante da mesma Coroa. Conta Cesario no Livro septimo hũa visã admiravel. Estava em hum Altar huma Imagem da Virgem Maria com seu Bemdito Filho nos braços; & tanto que o Sacerdote começava a cantar o Evangelho, o Minino tirava a Coroa da cabeça da Senhora, & punha-a na sua. Vide, qual feria a admiração dos que isto viaõ, & ainda o sentimento dos devotos da Virgem? Mas tanto que o Credo chegava àquellas palavras: *Et incarnatus est de Maria Virgine: & Homo factus est :* logo o Minino tornava a tirar a Coroa da sua cabeça, & punha-a na de sua Mãy. De sorte, que a Coroa, que era de Christo, era tambem da Senhora, primeiro do Filho, & depois da Mãy, mas de ambos, não diversa, senão a mesma. E isto he o

*Cesari-
rius
lib. 7.
cap.*

47.

que

que se verifica em cada hũa das tres Coroas nos Mysterios do Rosario. A Coroa da Encarnação primeiro foi de Christo concebido, & depois da Virgem, que o concebêo em suas purissimas entranhas, & criou a seus peitos: & estes são os Mysterios Gozofos. A Coroa da Paixão primeyro foy de Christo crucificado, & morto; & depois da affligida, & piedosa Mãy, que o assistio ao pé da Cruz: & estes são os Mysterios Dolorofos. A Coroa da Ressurreição primeiro foy de Christo, que resuscitado subio ao Ceo; & depois da Senhora tambem resuscitada, que triunfante o seguiu na mesma subida: & estes são os Mysterios Gloriosos. E destas tres Coroas finalmente se compoz a Tiâra Pontifical do Rosario, transformadas, ou transfiguradas todas tres em Coroas de Rosas.

101 Não me detenho em referir, ou estêder Exemplos desta transformação (como fiz na materia do Discurso passado, & pôde ser faça no seguinte) por ser cousa vulgar em toda a Historia Ec-

clesiastica as muitas vezes que da boca dos devotos do Rosario a cada Ave-Maria, que rezavaõ, foraõ vistas sair Rosas; as quaes a Mãy de Deos com soberano agrado recolhia, & enfiadas em ouro tecia dellas Coroas. Destas Coroas pois, que nem são mais, nem menos de tres, conforme as tres partes do Rosario, se compoem, & aperfeiçoa a Tiâra Pontifical da Senhora delle. A primeyra Coroa he de Rosas encarnadas pertencente aos Mysterios da Encarnação, pela cor do Verbo feito carne: a segunda he de Rosas vermelhas pertencente aos Mysterios da Paixão, pela cor do sangue derramado na Cruz: a terceira he de Rosas brancas pertencente aos Mysterios da Ressurreição, pela cor propria da immortalidade, de q̃ apparecêraõ vestidos os Anjos naquelle dia. Mas ouçamos a Salamaõ, que vio as Coroas, a materia, o numero, & a mesma Tiâra: *Veni de Libano, Sponsa mea, veni de Libano, veni: coronaberis:* Vinde do Libano, Esposa minha, vinde do Libano, vinde: &

& fereis coroadá. Duas cou-
 sas são as fabidas nestas pa-
 lavras, & duas não. A Espôsa
 todos sabem que he a Virgê
 Maria, & quem lhe chama
 Espôsa sua, *Sponsa mea*, tam-
 bem se não ignora, que he
 Deos. Mas se Deos chama
 a Senhora para a Coroa, *Co-
 ronaberis*, porque a chama,
 não huma, nem duas, senão
 tres vezes: *Veni, veni, veni?*
 E se o Monte Libano não he
 rico de minas de ouro, ou pe-
 dras preciosas, mas fertil só-
 mente de flores, & cultivado
 dos jardins famosos de Sala-
 mão, porque se diz que do
 Libano haõ de sair as Co-
 roas: *De Libano coronaberis?*
 Assim construem o Texto, os
 que melhor o concordão. E
 tudo he o que queremos di-
 zer.

102 Chama Deos a Se-
 nhora tres vezes, quando a
 chama para ser coroadá; por-
 que a mesma Senhora foi co-
 roada tres vezes, & com tres
 Coroas. E porque estas Co-
 roas não forão de ouro, ou
 pedraria, senão de Rosas, por
 isso não sahiraõ das minas de
 outros montes, senão dos
 jardins do Libano. Mais diz

o Texto. Não só diz, que
 sahiraõ estas tres Coroas do
 Libano, senão de tres Outei-
 cos, ou Cabeços do mesmo
 Monte: *De capite Amaná, de* *ibid!*
vertice Sanir, & Hermon. E
 com que mysterio? Com to-
 dos os tres do Rosario, & sua
 distincão. Todo o Monte Li-
 bano, insigne por sua altura,
 & pela singular candidez que
 lhe deu o nome, significa to-
 da a Vida de Christo, subli-
 me, celestial, purissima: os
 tres Outeiros distintos, &
 mais eminentes do mesmo
 Monte, denotaõ os Passos, &
 Mysterios da mesma Vida de
 Christo, mais notaveis, de
 que a Virgem compoz, & di-
 vidio em tres partes o seu
 Rosario, & dos quaes trans-
 formados em Rosas se tecè-
 raõ as tres Coroas. Huma Co-
 roa, como Laureola de Vir-
 gem pelos Mysterios da En-
 carnacão: outra, como Lau-
 reola de Martyr pelos Myf-
 terios da Payxaõ: & a tercei-
 ra, como Laureola de Dou-
 tora pelos Mysterios da Re-
 surreicão. E o fundamento
 desta terceira Laureola, co-
 mo affirmaõ commummen-
 te os Santos Padres, & Dou-
 tores.

tores Sagrados, he; porque delde a Afechção de Christo até a Assumpção da Senhora (que foi o tempo dos terceiros Mysterios) ficou a Soberania May neste mundo substituindo a ausencia de seu Filho, como Mestre dos Apostolos; & de toda a Igreja, allumiada sobre todos do Espirito Santo, magisterio q̄ tambem pertence ao caracter; & officio proprio de Pontifice. Em summa, que dos tres Mysterios do Rosario se formárao as tres Coroas, não unidas, senão distintas, nem juntas, senão successivas, hũa sobre a outra: *Veni, veni, veni: coronaberis*: & destas tres Coroas pela mesma ordem se compoz, ornou, & aperfeioou a Tiara Pontifical da Senhora do Rosario. Assim o tinha Eu imaginado sem Author, quando achei, que muito antes o tinha escrito o Doutorissimo Del Rio, commentando literalmente este mesmo Texto dos Cantares. As suas palavras são estas: *Tres Coronæ de tribus lectæ Collibus unius Montis promittuntur, ne tribus virtutibus correspondeant. Unde for-*

*Del-
Rius
ibi.*

tassis, & Caput visibile Ecclesie sive Romanum Pontificem triplicis Coronæ Tiaræ exornari receptum. Promettete a Espôla tres Coroas, colhidas dos tres Outeiros do mesmo Monte, que respondem ás tres virtudes dos Mysterios referidos. E daqui, parece, diz este Eruditissimo Autor, se tomou na Igreja Romana o uso da Tiara do Summo Pontifice, composta de tres Coroas. De sorte, que quando os Pontifices de Roma pozerao sobre a cabeça a Tiara de tres Coroas, já havia mil annos, que a mesma Tiara Pontifical, & com a mesma forma estava profetizada, traçada, & destinada para a Virgem Santissima do Rosario.

VI.

103 **S**egue-se agora o que só falta para complemento do nosso Discurso, que he a potestade das Chaves. O que contém esta potestade dos Summos Pontifices, he o que declarou Christo Senhor nosso ao primeiro de todos, S. Pedro, quando lhe prometteo: *Tibi dabo cla-*

*Mat-
th 16.
19.*

ves

ves: Regni caelorum. Et quodcumque ligaveris super terram, erit ligatum & in caelis: & quodcumque solveris super terram, erit solutum & in caelis. Darthei as chaves do Reyno do Ceo na terra, com potestade tam plena, & absoluta, que tudo o que as tuas chaves abrirem, ou fecharem na terra, infallivel, & irrefragavelmente serà aberto, ou fechado no Ceo. Toda esta delegação (se bem com poder ordinario) he fundada na primeira, & suprema potestade de Christo, a qual o mesmo Senhor intimou ao mesmo S. Pedro, & aos outros Apostolos, quando os mandou prègar a sua Nova Ley a todo mundo: *Data est mihi omnis potestas in caelo, & in terra.* E como estas palavras declaratorias da potestade de Christo são tam parecidas com as das chaves, que deu a S. Pedro, perguntaõ aqui os Theologos, se deu Christo, & deixou aos Summos Pontifices todos seus poderes? E resolvem concordemente, que não. Allegaõse em prova desta limitação muitos exemplos, & casos,

em que os Pontifices não podem o que póde Christo: mas a melhor, & mais relevante exceição de todas, he a que o mesmo Christo publicou em voz no Apocalyle, & mandou a S. Joaõ, como seu Secretario, que a escrevesse autenticamente: *Ego sum primus, & novissimus, & vivus, & fui mortuus; & ecce sum vivens in saecula saeculorum, & habeo claves mortis, & inferni.* *Scribe ergo.* Contrapoem o Senhor em proprios termos chaves a chaves, & declara, que elle não tem só as chaves do Ceo, como Pedro, & seus Successores, senão tambem as chaves da morte, & do inferno, em que elles não tempoder, ou jurisdicção alguma.

10 Isto posto, pergunto Eu agora: A potestade das chaves da Senhora do Rosario qual destas he? He como a das chaves de S. Pedro, ou como a das chaves de Christo? Se he sómente como a das chaves de S. Pedro; pouco deu o Filho de Deos a sua Mãy. Esses poderes são para o Anel do Pescador, mas não para o Anel da Espoza, em

Apo-
cal. 1.
18.
19.

Mat-
th. 28.
18.

em cujo nome se lhe derão as tres Coroas da Tiara: *Veni, Sponsa mea, veni, veni: coronaberis.* Quando Christo deu a Tiara a S. Pedro exprimindo tambem as tres Coroas nas tres vezes que lhe encômmendou as suas ovelhas; successivamente lhe perguntou primeiro outras tres vezes, se o amava mais que os outros Apostolos, que estavam presentes: *Diligis me plus his?* E se a potestade das chaves, & a differença dos poderes se ha de medir com o excessõ do amor, injuria feria do amor de Mãy, se se ouvesse de remunerar como o amor de Pedro. Entrem no exame do amor de Maria, não só os Apostolos, senão os Santos de todas as tres Leys, & os Anjos de todas as tres Gerarchias. Entre na Ley da Natureza Adam com novecentos annos de rigorosa penitencia, entre Abel com todos os innocentes, entre Enõs, entre Seth, entre, & appareça o extatico, & arrebatado Enoch: entre Noé o mais justo de todo o mundo no seu tempo, & por isso reparador do mesmo mundo: entrem A-

braham, Isaac, & Jacob, dos quaes Deos se chamou singularmente Deos. E não fique de fóra Melchisedech, nem Job, que he tudo o que produzio grande a Ley da Natureza. Na Ley Escrita entre Moysés com as Taboas da mesma Ley depois de ver como Deos ama, & como se deve amar nas labaredas da Carça: entre Josué, entre Gedeão, entre Samuel, entre o homem cortado pelo coração de Deos, o devotissimo David; entrem Josias, & Ezechias, exceiçãõ de Reys; entre Elias com todo o fogo do seu carro; entrem Isaias, & Jeremias com todos os Profetas; entrem Judas, & Eleazaro com todos os Machabèos: entre tudo o que teve heroico, & notou com letras grandes a Ley Escrita. Na Ley da Graça em fim entre João o Percursor, & João o Amado, entre o mesmo S. Pedro com os demais Apostolos: entre, ou desça do terceiro Ceo o grãde Paulo, entre com toda a aljava do amor a Madalena, entrem os Basílios, os Agustinhos, os Bernardos; saiaõ dos

Joan.
21.
15.

dos delertos os Arsenios, os Antonios, & dos Cartuxas os Brunos : venhão com todos seus Etquadrões os Benetos, os Domingos, os Franciscos, & com o nome de Jesu ambos os Ignacios: venha Ines, venha Cicilia, venhão as duas Catharinas, venha Theresa, nome, & coração singular, & venhão finalmente todos, os que com a vida nos rigores, ou com a morte nos tormentos, provárao a Christo a Fé, & a verdade de seu amor: *Diligis me plus hu?*

105 Não digotal, Virgem Santissima, que não sou tam descomedido. Com o immenso de vosso amor, nenhum humano se pôde comparar, ainda que entrassem nesta conta, Annis, Joachim, & o mesmo Espofo Joleph, toda a soberana Trindade do vosso sangue. Mas subamos ao Ceo, onde todos são Espiritos. Amão muito na primeira Gerarchia os Anjos, os Archanjos, as Virtudes; amão mais na segunda Gerarchia as Potestades, os Principados, as Dominações: amão sobre todos na terceira, & suprema, os Thronos,

Tom. 6,

os Cherubins, os Serafins, chamados por antonomasia, os Fogozos, os Abrazados, os Ardentes Mas que comparação, ou semelhança tem todo esse amor cõ o amor de Maria? O Ceo, onde elles vem a Divina Essencia, chama-se Empyreo, q̄ quer dizer Ceo de fogo; porque tudo lá são incendios, tudo lhe arder em fogo de amor de Deos; mas comparado o amor dos servos com o amor da Mãe, todo esse arder he frieza, todo esse fogo he neve. Mais ama Maria em hũ só acto a Deos, doque todos os Espiritos Angelicos juntos o amão, & amarão por toda a Eternidade. E se a potestade das chaves se mede pelo excesso do amor, claro està, que a potestade Pontifical de Maria ha de ser maior que a das chaves de Pedro. Quando Christo deu as Chaves a S. Pedro, chamoulhe Barjona, filho de João: & se ao filho de João se deu tam grande potestade, qual he a que se deve dar à Mãe do Filho de Deos

106 Respondendo pois à nossa questã, digo, que a potestade Pontifical da Se-

G

ahora

nhora do Rosario não he como a de S. Pedro, senão como a de Christo. Porque não só lhe deu o mesmo Christo as chaves do Céo, como a S. Pedro, senão tambem as chaves da morte, & do inferno, que elle reservou para sy, & são somente suas: *Habeo claves mortis, & inferni*. E para que se veja, que lhe foram dadas à Senhora como Senhora particularmente do Rosario, & em razão, & a respeito dos seus Mysterios; notai o que diz immediatamente antes o mesmo Christo como

Ibia.

Autor delles. *Et vivus, & fui mortuus, & ecce sum vivens in secula seculorum*. Eu, que tenho as chaves da morte, & do inferno, fui vivo, & depois fui morto, & agora sou outra vez vivo para toda a Eternidade. Não sei se cahis já na consequencia, que não pôde ser mais propria? Que cousa são os Mysterios do Rosario, senão hũa morte de Christo entre duas vidas? A primeira vida mortal, em que nasceu, & viveo, que são os Mysterios Gozolos: a segunda vida immortal, em que resuscitou, & subio ao Céo,

& vive eternamente, que são os Mysterios Gloriosos: & no meyo destas duas vidas a morte de Cruz, em que padeo por nós, que são os Mysterios Dolorosos. Os primeiros: *Et vivus*: os segundos: *Et fui mortuus*: os terceiros: *Et ecce sum vivens in secula seculorum*. E depois de referir o Senhor estes tres Mysterios no mesmo numero; & pela mesma ordem, & todos obrados em sy mesmo, entrão diz, que tem as chaves da morte, & do inferno E se estas chaves, & esta potestade lhe foi dada a Christo emquanto Homem, porque obrou estes Mysterios; a sua Santissima Mãe, que tanta parte teve nelles, como Senhora do Rosario, porque se lhe não daria a mesma potestade, & as mesmas chaves: *Claves mortis, & inferni*? E para que ninguem o duvide, vamos ao facto.

VII.

107 **O** Uve no Reyno de Aragoã huma mulher moça, & nobre, por nome Alexandra, a qual pelas

tas pregaçãoes de S. Domingos tomou por devoção rezar todos os dias o Rosario. Estes foram os bons propósitos, mas não foi este inteiramente o effeito: porque se muitas vezes rezava, muitas vezes também deixava de o fazer, sendo a principal virtude da Oração a perseverança. Não deixava de rezar Alexandra, porque a pobreza a obrigasse a trabalhar todo o dia, & parte da noite; porque era rica: nem porque lhe levasse todo o tempo o governo da casa, & o cuidado dos filhos, & da familia, porque não era casada. Pois porque não rezava? Ainda o porque era peor que o não rezar. Era muito prezada da gentileza, & o espelho, & a janella eraõ as duas peffas da casa, que lhe occupavaõ todas as horas do dia. O espelho para se ver, & enfeitar, a janella para apparecer, & ser vista. Se ella entendera bem a devoção do Rosario, soubera, que em cada hum de seus Mysterios nos deixou Christo hum espelho. *Fecisti, Domine, de corpore tuo speculum animæ meæ.* dizia aquelle grã-

de Bispo de Ostia, o devotissimo Drogo. De seu Sacratissimo Corpo fez Christo este espelho, não para o corpo, senão para a Alma, no qual ella se vê tam disfigurada, quantas são as figuras diversas, em que o mesmo Senhor se nos representa em cada Mysterio do Rosario. Nos Mysterios Gozosos se olha a Alma para Christo em hum Presépio; naquella pobreza está vendo a sua cubiça, naquella humildade a sua soberba, naquelle desabrigo, & desamparo a sua commodidade, & o seu regalo. Nos Mysterios Dolorosos se olha a Alma para Christo atado a huma Columna, naquella Columna está vendo a tua inconstancia, naquellas cordas as suas liberdades, naquella desnudez as suas galas, naquelles cinco mil, & tantos açoures, os milhares de seus peccados. Nos Mysterios Gloriosos se olha a Alma para Christo subindo ao Ceo, naquella formosura está vendo a baldade de seus vicios, naquelles resplandores as trevas da sua cegueira, naquella agilidade o pezo de suas pai-

xões, & naquella entrar no
 Ceo o perigo de o perder pa-
 ra sempre. Se as vezes, que
 Alexandra tomava o Rosa-
 rio nas mãos, se vira nestes el-
 pelhos, Eu vos prometto, que
 ella tratára mais de parecer
 bem a Deos, que aos homês.

108. Como esta louca
 mulher apparecia tanto, não
 faháraõ homens tam loucos
 como ella, que a passeavaõ,
 & pertendiaõ. Foraõ os prin-
 cipaes pertendentes, dous
 mancebos nobres dos melho-
 res da Cidade, entre os quaes
 crefcéo a competencia, & se
 ateáraõ os ciumes com tal
 furia, que determináraõ re-
 solver a contenda pelas ar-
 mas: & assim se foraõ hum
 dia defafiados ao campo. Ti-
 raõ pelas espadas fós por fós,
 & depois de se baterem, & fe-
 rirem, não como homês, mas
 como duas feras affanhadas:
 cançados já, & envoltos em
 sangue, retiraõse ambos a-
 tráz, para se envestirem com
 maior impeto, parte hum pa-
 ra o outro, metem as espadas
 pelos mesmos fios, alcançaõ-
 se no mesmo tẽpo pelo pei-
 to esquerdo, & caem ambos
 mortos. Sabido o caso, & a

causa, ajuntáble os parentes
 para verem o que se devia fa-
 zer, & aconselhando se mais
 com a dor, que com a Ley de
 Deos, & com a razão, vaõ se
 de tropel a casa de Alexan-
 dra, resolutos a vingarem na
 tua vida as mortes dos que
 por amor della a tinhaõ per-
 dido. Lançase a triste molher
 a seus pès, pedindolhe, que
 ao menos a deixem confes-
 sar: mas hum delles, em quẽ
 a colera foi mais cruel, &
 menos Christã, pegalhe pe-
 los cabellos, & bradando A-
 lexandra, Virgem do Rosa-
 rio, valeime; com o mesmo
 golpe lhe cortou a cabeça, &
 as palavras, que hia pronun-
 ciando. Havia no pateo da
 casa hum poço, & lançada
 nelle a cabeça, se sahiraõ os
 matadores, tomando cada-
 hum o caminho, que melhor
 lhe parecéo, para escapar à
 Justiça. Nòs, que faremos?

109. Paremos hum pou-
 co à vista deste lastimoso es-
 pectaculo, & consideremos
 quam cego, quem precipita-
 do, & quam horrendo vicio
 he o da sensualidade, & quam
 grandes danos faõ, os que
 causa em hũa Republica hũa

mulher pouco honesta. Se se pegasse fogo àquella Cidade, raro podia ser o incêndio, que levasse tantas casas, como este levou. Levou a casa da mesma Alexandra: levou as casas dos dous competidores, que morrerão no desafio: levou as casas de todos os parentes, que por vingar sua morte se defferrarão para sempre das suas. A tantos levou este raio, não do Ceo, mas do inferno. E se bem advertirmos, acharemos, que a que menos mal livrou, foi a mesma Alexandra. Os seus matadores, ainda que escaparão as vidas, perdèraõ a patria, perdèraõ o descanso de suas casas, & sobre tudo perdèraõ a Graça de Deos, que he o maior de todos os bens, commettendo aquelle grande peccado. Os dous competidores perdèraõ a vida, porque se matarão; perdèraõ a Alma, porque morrerão subitamente em peccado actual, & ainda os miseraveis corpos encorrendo as penas do Duello, perdèraõ a Sepultura Ecclesiastica, & como excómungados forãõ sepultados no campo entre os bru-

cos. Alexandra ainda que perdèu a vida, porque a degolàraõ, só ella naquelle tracázo não commetteo peccado algum, que he o que mais importa, antes pediu Confissão para elles, posto que a não alcançou, que he affaz grande mal.

110 Estava ausente S. Domingos nesta occasião; mas de lá vio toda aquella tragedia, porque Deos lha revelou com todas suas circumstancias. Dahi a alguns tempos veio à mesma Cidade, perguntou pela casa de Alexandra, & a novidade da pergunta, & a memoria do caso passado, fez, que fosse apoz o Santo muito mais gente, da que por toda a parte o acompanhava, & seguia. Entra no pateo da casa, chega ao poço, & inclinando se para baixo começa a brádar: Alexandra? Alexandra? Acudião todos os que podèraõ, a ver o echo que faziaõ na profundidade do poço aquellas vozes, & a resposta, que de lá lhe davaõ; quando vem subir pelo ar huma cabeça com os cabellos estendidos, os olhos abertos, a cor do rosto

G 3 muito

muito viva; & chegando mais perto reconheceraõ todos ser a cabeça de Alexandra. Nesta prodigiosa fôrma posta sobre o bocal do poço, começou a fallar, & a primeira cousa q̄ disse, foi: Padre Frei Domingos, ouçame Vossa Reverencia de Cõfissão, que a isso venho. Não se poz de juelhos, nem batéo nos peitos a penitente, porque não tinha mãos, nem pès, mas como tinha olhos, chorava muitas lagrimas; & como tinha lingua, confessou muito miuda, & muito declaradamente todos os peccados de sua vida. Acabada a Confissão gèral, & recebida a Absolvição, mandou recado S. Domingos à Parochia, que trouxessem o Santissimo Sacramento: & veio ao poço de Alexandra aquella Senhor, que no poço de Sichar tinha convertido a Samaritana, para matar em ambas a sede, que tem de nossas Almas. Não morreo logo Alexandra (se assim se pôde chamar, a que da garganta para baixo estava convertida em cinza) porque quiz Deos, que para admiração da sua Omnipotencia,

& exemplo daquelle Povo estivesse assim dous dias, vendoa, & ouvindoa todos.

III Perguntada o que lhe succedera quando a degoláraõ, respondéo, que a Virgem Santissima em premio dos Rosarios, que rezava, posto que tam imperfeitamente, & não continuados, lhe fizera dous, estranhos, & milagrosos favores: O primeiro, que para não ir ao inferno, como por seus peccados merecia, lhe alcançara hum Acto de Contrição: O segundo, que apartandole a Alma do corpo, não morresse de todo, & se conservasse na cabeça, & na lingua, para se poder confessar. Finalmente, que pela vaidade, & incontinencia de sua mã vida, & pelos escãdalos, & males, que com ella tinha causado, estava condenada a duzentos annos de Purgatorio: porém q̄ pela Graça dos Sacramentos, que tinha recebido, & pelos Suffragios, que pedia, principalmente aos Confrades do Rosario, esperava, que aquella sentença da Divina Justiça se moderasse, & as penas lhe fossem

fossem diminuidas. Dittas estas cousas, & outras de grande edificacão, & espanto, cerrou os olhos, emmudeceo a lingua, perdeu as cores, & acabou de morrer a venturosa Alexandra. Dalli foi levada a prodigiota cabeça com extraordinaria pompa, & mais como em triumpho, que como enterro, a ajuntarse com o corpo no mesmo lugar; onde tragica, & lastimosamente fora sepultado. Fizerãose muitos Suffragios em toda a Cidade, & ao cabo de quinze dias (numero sagrado nos Mysterios do Rosario) appareceo a Alma de Alexandra vestida de Gloria a S. Domingos, dandolhe as graças de lhe haver ensinado aquelle soberano meyo, que na vida, na morte, & depois da morte, tinha sido a causa de todas as suas felicidades, & agora o era da Eterna, para onde tomandoa pela mão a levou consigo a mesma Virgem Santissima.

112 Assim exercitou a Senhora do Rosario neste caso (como em outros) a potestade das suas chaves sobre a morte, & sobre o inferno:

Claves mortis, & inferni. Sobre a morte, fazendo que Alexandra degolada, & com o corpo já sepultado, se conservasse viva: sobre o inferno, impedindo com a mesma vida, & com a Graça da Contrição, & dos Sacramentos, que não fosse condenada ao inferno, como seus peccados mereciaõ. Esta potestade Pontifical, & estas chaves sim, q̄ não são como as de Pedro, senão como as de Christo. As chaves de Pedro só tem jurdição sobre a terra: *Quid ubi quid solveris super terrā: quid supra quid ligaveris super terram:* porẽm as da Senhora do Rosario, não só sobre a terra, senão debaixo da terra. Debaxo da terra nas partes visinhas a nós, onde se abrem, & cerraõ as sepulturas, que são os carcerees da morte: *Claves mortis*: & debaixo da terra nas partes mais inferiores, & remotas do centro della, onde penaõ eternamente os condemnados, que são os carcerees do inferno: *Claves inferni.*

113 A potestade, que Deos deu ao Sol: *Solem in potestatem diei*: tem duas jurdições; a da luz, & a do calor.

lor; mas a do calor muito maior que a da luz. Porque a da luz pára na superficie da terra, onde allumia os homens; a do calor penetra as entranhas, & centro da mesma terra, onde gera, purifica, & enriquece os metaes. Essa he a energia, com que disse elegantemente David, fallan-

Psalm. do do mesmo Sol: *Nec est qui*
18.7. *se abscondat à calore ejus:*

Naõ ha quem se esconda do feu calor. Parece, que naõ havia de ser do feu calor, senaõ da sua luz; porque a luz he a que descobre tudo. Mas diz nomeadamente de feu calor, distinguindo-o da luz; porque tudo o que está debaixo da terra esconde-se à luz do Sol; porèm ao feu calor nenhuma cousa se pôde esconder, por mais que a esconda, & cubra a terra. Là se estende sua efficacia, là penetra, là obra maravilhosos effeitos. Taes, diz S. Bernardo, são os poderes da Virgem Santissima: *Cujus radius Unversum Orbem illuminat, cujus splendor, & perfulget in supernis, & inferos penetrat, nec est, qui se abscondat à calore ejus.* Naõ ha, nem sobre

a terra, nem debaixo da terra, quem se possa esconder a este soberano Sol; porque se com os raios de sua luz allumia todas as partes superiores da terra, com a efficacia de feu calor penetra até os infernos: *Perfulget in supernis, & inferos penetrat.* He verdade que o Profeta quando disse: *Nec est, qui se abscondat à calore ejus;* fallou literalmente de Christo: mas por isto mesmo pertencê os mesmos effeitos, & os mesmos poderes à Mãe, de quem he Filho. Porque se Christo, por ser unguido em supremo Rey lhe communicou a dignidade Real, tambem, por ser unguido em Pontifice Summo, lhe havia de communicar a Pontifical. Pontifical no nome, Pontifical nas insignias, Pontifical nos poderes, como deixamos provado: & naõ por outra razão, nem por outro titulo, senaõ por nascer da mesma Senhora o mesmo Jesu, que se chama Christo: *De qua natus est Iesus, qui vocatur Christus.*

VIII.

114 **D**E tudo o que ficaditto neste largo Discurso, só tiro dous documentos, contrarios aos que se costumão tirar de todos os Sermões. Nos outros Sermões exhortão os Prégadores a imitação dos exemplos, que tem prégado: Eu o que vos peço, he, que de nenhum modo os imiteis. Póde ser que esteja neste auditorio, & me ouvisse alguma Alma de tam pouco juizo, ou algum juizo de tam pouca Alma, que com o exemplo de Alexâdra diante dos olhos fizesse esta resolução. Ora Eu de hoje por diante quero rezar o Rosário, ao menos algũas vezes, & sobre esta Carta de seguro viver muito a meu gosto, & a meus gostos, como ella vivia; porque quando o mal seja muyto, ahi está a Virgem do Rosário, que na hora da morte me não faltará com hum Acto de Cõtricção. Deos nos livre de tal discursó, & de tal exemplo, porque assim como o do Bom Ladrão tem levado muitos ao inferno,

assim o fará o de Alexandra. O fructo, que devemos tirar da sua vida, & da sua felicidade, são dous conhecimentos, hum de temor, outro de estimação: conhecer, & temer o vicio da sensualidade, conhecer, & estimar a devação do Rosário. He tam grande mal o vicio da sensualidade, que todos os bens tirou a Alexandra: & he tam grande bem a devação do Rosário, que todos os bens lhe tornou a restituir, & todos os males lhe remediou. Tiroulhe todos os bens a sensualidade, porque lhe tirou a honra, infamandoa em toda a Cidade: tiroulhe a vida, sendo causa de que lhe cortassem a cabeça: tiroulhe a consciencia, porque a trouxe enredada, & perdida em tantos vicios: & quasi lhe tirou, & condenou a Alma, porque a teve pendente de hum fio tam delgado, como he hum Acto de Contricção no instante da morte, & esse por milagre. Isto fez a sensualidade. E a devação do Rosário que fez? De todos estes males a livrou, & todos estes bens lhe restituiu. Restituiu-
lhe

lhe a honra; porque de intame a fez famosa em todo o mundo: restituiolhe a vida; porque com a cabeça cortada lhe conservou a Alma naquella tam pequena parte do corpo: restituiolhe a consciencia; porque naquelle ultimo instante, em que he tam difficuloso, lhe deu a Graça, pela Contrição; & depois de morta, pelos Sacramentos: & finalmente restituiolhe a Alma; porque caminhando direita ao inferno por seus peccados, por meynos tam extraordinarios, & milagrosos a levou à Bemavêturança, que está gozando, & gozará por toda a Eternidade. Mas porque huma felicidade destas mais he para admirar, que para esperar: rezar o Rosario sim, & melhor do que Alexandra o rezava, mas guardar de viver com ella.

115 O segundo exemplo he o do Bispo presumido, que perseguia a S. Domingos, & desprezava os Sermões do Rosario. Se o mesmo fizesdes a estes meus, Eu vos perdoo, & se algum delles vos persuadir a ser devotos do Rosario, que he o fim para

que os escrevo, a Deos, & a vós darei muitas graças, & haverei o trabalho por bem empregado. O documento, que só tiro deste exemplo, he, que vos guardeis, de que o vosso entendimêto, ou a vossa prelução vos lance no Rio, & que vos pergunteis a vós mesmos, se he melhor ir pelo Rio, ou pela Ponte. Aquelle Rio largo, escuro, profundo, & furioso, he o mundo: os que se vão logo apique, são os que morrem de morte subita: os que andão aboyados em figuras disformes, são os que morrerão em tempos passados, de que temos tam lastimosos exemplos: os que vão arrebatados da corrente dar nos penhascos, são os que morrem de mortes violentas, & desletradas: os que se deixão levar das aguas, são os que vivem neste mundo sem consideração do outro, & no fim da vida se achão perdidos: os que finalmente chegaõ à Ribeira vivos, são poucos, & todos despídos: poucos; porque são raros destes os que se salvaõ: & despídos; porque de quanto cã se acquirio com

tanto

Do Rosario.

tanto trabalho , com tanto desvello, & com tantos perigos da Alma, tudo cá fica, & nenhũa cousa se leva, senão os encargos. Vede agora, se he melhor nadar forcejando sempre; quando não seja naufragar, (neste Rio; ou caminhar descansado por cima da Ponte com toda a segurança, que nos promete o ser obra daquella poderosissima, & riquissima Senhora, que para Deos remir, & salvar o mundo, lhe deu todo o preço, & cabedal; tirádo das mesmas piedosissimas entranhas, com que summamente dezeja nos salvarmos todos. Só por ser obra da Virgem Maria, & lhe dar gosto, deveramos ser muito devotos do seu Rosario: quanto mais, que não só devemos esta continua memoria aos Mysterios, q̄ nelle se representa, sobpena de sermos ingratiſsimos a Deos, & a sua Mãe; mas pondo só-

mente os olhos na nossa necessidade, & no nosso perigo, nenhum outro meyo poderemos tomar mais seguro em hũa passagem forçosa, & tam incerta, como desta para a outra vida. Entrêmos pois sem temor, & com grande confiança por esta firmissima Ponte do Rosario: sem temor; porq̄ as Torres, de que está fortificada, nos defendeirão de todos nossos inimigos: & com grande confiança; porque no fim della está com as portas abertas o fermosissimo Palacio da Rainha da Gloria, de cuja soberrana mão, se perseverarmos, receberemos a Coroa de Rosas, que he o Character, o Penhor, & o Salvo Conduto, com que sem duvida seremos admittidos ao Paraíso interior das dilicias, onde Deos se deixa ver, & gozar, & nós o veremos, & gozaremos por toda a Eternidade.

FINIS.

SER.



S E R M A M

X I X.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Beatus venter, qui te portavit. Luc. II.

I.

116



ENCERRADO, & defencerrado temos hoje a Christo, Senhor, & Redemptor nosso, no Altar, & no Evangelho. Defencerrado no Altar; porque naquelle Trono de Magestade o temos exposto a nossos olhos: & encerrado no Evangelho; porque alli se nos representa encerrado dentro do Sacratio Virginal do **Ventre Beatissimo**: *Beatus*

venter, qui te portavit. E baf-taõ estes dous Sacramentos para declarar os Myfterios, & desfazer os encontros de toda a presente Solennidade? Naõ bastaõ. Antes os mes-mos dous Sacramentos se ordenaõ hoje a outro terceiro Sacramento, que he o Rosa-rio Santissimo da Virgem Se-nhora nossa, primeiro, & principal argumento de toda a presente acção, & taõ gran-de, como difficultoso assump-to della. Demaneira, que tres saõ os Sacramentos, que concorrem neste dia, & em

Luce.

II.

271

to:

todos tres a mesma Divindade, & Humanidade de Christo diversamente sacramentada. O Sacramento do Altar, o Sacramento do Evangelho, o Sacramento do Rosario. E porque não faça duvida nestes dous ultimos, o nome que lhe dou de Sacramento, não sendo algum dos sete: Vede, com quanta propriedade lhe quadra a definição de Sacramento?

117 *Sacramentum est visibile signum invisibilis gratiae:* O Sacramento em commum (com mais declarada definição do que o tinha definido Santo Agustinho, & o definio depois d'elle Santo Thomàs) he hum sinal visivel da Graça invisivel: ou hum sinal, que se vê, da Graça, que se não vê. Daqui se segue, que assim o Sacramento do Evangelho, como o do Rosario, não fõtem grande semelhança com qualquer outro Sacramento, senão maior ainda com o maior de todos, que he o Santissimo Sacramento do Altar. Sendo todos os Sacramentos Santos, qual he a razão porque o Sacramento do Altar se chama Santissimo? A ra-

zão he; porque os outros Sacramentos, debaixo da materia visivel, tó significação a Graça santificante, que causão invisivelmente, porém o Sacramento do Altar não tó significa a Graça santificante, que causa, senão tambem o mesmo Santificador, & Autor da graça, que he Christo, o qual este Sacramento encerra dentro em sy occulto, & invisivel debaixo dos accidentes, que vemos. E tudo isto he o que causão, & contêm (cada hum por seu modo) assim o Sacramento do Evangelho, como o Sacramento do Rosario.

118 Qual he o Sacramento do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit.* He o Ventre purissimo da Virgem Maria, emquanto trouxe em sy o Verbo Eterno encarnado. Que este final fosse visivel, bem o demonstrarão as duvidas, ou admirações de S. Joseph. E que além da Graça santificante da Senhora, significasse invisivelmente o mesmo Filho de Deos, Christo concebido por virtude do Espirito Santo, & trazido em suas entranhas; bem o ensi-

Mat.
th. 1.
20.

nou o Anjo ao mesmo S. Joseph, quando depois lhe revelou, & declarou o mysterio: *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est.* Eis aqui como o Sacramento do Evangelho em tudo he parecido ao Sacramento do Altar.

119 E o Sacramento do Rosario? Tambem, & pelo mesmo modo. O Rosario, que trazeis nas mãos (vede quam puras devem ser) he o final visível deste Sacramento. O effeito invisível he a Graça santificante, que por meyo do mesmo Rosario alcançaõ, os que digna, & devotamente o rézaõ. E encerra mais alguma cousa dentro em sy o mesmo Rosario? Encerra tudo o que encerra o Sacramento do Altar, & encerra tudo o que encerrou o Ventre da Virgem, & ainda encerra mais; porque não só encerra, como o Ventre Virginal, a Christo emquanto encarnado, nem só como o Sacramento do Altar a Christo, em quanto morto, senão ao mesmo Christo emquanto encarnado, emquanto morto, emquanto resuscita-

do, & em todos os outros Mysterios Gozolos, Dolorosos, & Gloriosos do mesmo Christo.

120 Assentados pois assim estes tres Sacramentos; o que farei em dous Discursos, será combinar, & comparar entre sy os mesmos Sacramentos. No primeiro compararei o Sacramento do Altar cõ o Sacramento do Ventre Virginal, em maior louvor do Sacramento do Altar. No segundo compararei o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar, em maior louvor do Sacramento do Rosario. Como em todos tres he interessada a Senhora, não em parte, mas em tudo, não nos pôde faltar com sua Graça. *Ave Maria, &c.*

II.

Beatus venter, qui te portavit.

121 **C**OM razaõ reparou nestas palavras o Cardeal Hugo, na Púrpura, & na penna igualmente eminentissimo, & pergunta assim: *Quare non dixit mulier* Hugo.

illu-

*Cardi-illa: Beata Mater, quæ te por-
nal. tavit, potius, quam Beatus vē-
bic. ter?* Esta mulher do Evangé-
lho, por cuja boca fallou o
Espírito Santo, porque não
diffe: Bemaventurada a Mãy;
senão: Bemaventurado o Vē-
tre: Isaias quando profetizou
este Myfterio inaudito, attri-
buiu a novidade, & maravi-
lha delle à conceição, & ao

*Isai.
7.14.* concipiet, & pariet filium. O
Anjo quando trouxe a em-
baixada à Senhora, fallou pe-
los mesmos termos: *Ecce*

*Luc.
1.31.* concipies, & paries. Pois se es-
ta Oradora humilde, que tam
alto levantou a voz, quera
louvar o Filho pela Mãy, &
o ser Mãy consiste em gerar,
conceber, & parir o Filho;
porque cala a conceição, &
o parto, & o mesmo nome
da maternidade, & só louva,
apregoa, & canoniza por
Bemaventurado o Ventre, q̃

Beda. o trouxe em sy: *Beatus ven-
ter, qui te portavit?* Não fora
esta mulher figura da Igreja
Catholica, como bem notou
o Veneravel Béda: *Ecclesia
Catholica typum gessit:* se não
fallára assim. O que muito, &
muitas vezes pondera a Igre-

ja no Altissimo Myfterio da
Encarnação do Verbo, he a
capacidade immentia do Ven-
tre Sacratissimo de Maria
Tam capaz, que coube nelle
o que não cabe no Ceo:
*Quem cæli capere non poterant,
tuo gremio contulisti:* tam ca-
paz: que coube nelle o que
não cabe em todo o mundo:
*Quem totus non capit Orbis,
in tua se clausit viscera:* tam
capaz, que coube nelle o
mesmo Filho de Deos, tam
immenso, & infinito, como
seu proprio Padre: *Beata vis-
cera Mariæ, quæ portaverunt
æterni Patris Filium.* Fazerse
Deos Homem, foi o maior
invento do seu amor: nascer
de hũa Virgem, foi o maior
decóro de sua soberania: ca-
ber no Vêtre de hũa mulher,
foi o maior protento de sua
immensidade: *Beatus venter,
qui te portavit.*

122 . Aquella palavra,
Beatus, he a que só penetrou
o profundo, & encarecè o
sublime, & pôde dar o justo
pezo às outras. Tres molhe-
res chamáraõ Bemaventura-
da à Senhora neste mesmo
Myfterio, & por elle. A mo-
lher do nosso Evangelho:
Bea-

Luc.
1. 45. *Beatus venter, qui te portavit:* Santa Isabel allumiada cõ espirito de profecia: *Beata quæ credidisti:* & a mesma Virgem Santissima no seu Cantico: *Beatam me dicent omnes generationes.* E sendo huma destas tres m lheres a mesma Bemdita entre todas as molheres; a que mais encarecéc o mysterio, he a Autora do nosso Texto. Vede, se tenho razãõ? O que noto nestas tres Bemaventuranças, cõ que a Senhora foi chamada, & se chamou Bemaventurada, he, que nenhũa dellas se parece com a Bemaventurança do Ceo. Santa Isabel chamou Bemaventurada à Virgem Maria, pela Fé com que creio o que lhe disse o Anjo: *Beata quæ credidisti:* & no Ceo não ha Fé. A mesma Virgem chama-se Bemaventurada porque Deos poz nella os olhos:

Ibidẽ
48. *Quia respexit humilitatem ancillæ suæ: ecce enim ex hoc Beatam me dicent:* & a Bemaventurança do Ceo não consiste em Deos ver o Bemaventurado, senão em o Bemaventurado ver a Deos. Finalmente a molher do Evangelho chamou Bemaventurado o

Ventre da Senhora, porque foi capaz de ter, & trazer a Deos dentro em sy: *Beatus venter, qui te portavit:* & esta Bemaventurança tambem se não acha no Ceo, ainda que no numero dos Bemaventurados entre a mesma Mãe de Deos. E porque? Porque Deos por sua infinita Essencia he incomprehensivel a todo o entendimento, & conhecimento criado. E posto que o entendimento da Senhora, illustrado com lume da gloria excessivamente maior que o de todos os Bemaventurados, veja mais em Deos, que todos os Anjos, & Santos, não só divididos, mas juntos; comtudo não comprehende, nem pôde comprehender a Deos. E daqui se segue, que o Ventre da Virgem, no seu genero, he mais Bemaventurado que o entendimento da mesma Virgem: *Beatus venter, qui te portavit:* porque o seu entendimento não comprehende a Deos, & o seu Ventre sim.

123 Entre agora a auctoridade, & a maior auctoridade, sem a qual todo este Discurso ficaria duvidoso, &

vacillante. Santo Epifanio cõ
 apostrofe ao Ventre Virginal,
 exclama assim: *O Uterum*
caelo ampliore, qui Deum in-
comprehensibilem in te verè
comprehensum portasti! Oh
 Ventre purissimo de Maria;
 maior, & mais capaz que o
 Ceo, pois a Deos, que he in-
 comprehensivel, verdadeira-
 mente o comprehendeste, &
 trouxeste dentro em ti! No-
 te-se muito aquellã grande pa-
 lavra, *Verè comprehensum*. E
 Santo Athanasio, insigne Co-
 luna da Fé, & Doutor da
 Igreja, fallando com a Se-
 D. A. nhora: *Ave gratiã plena, splē-*
thanas. didum Cælum, quæ Deum in-
comprehensum angusto pouis-
simum loco in te ipsa contines.
 Deos vos salve cheia de gra-
 ça, novo Ceo, & mais resplá-
 descente, que contendes, &
 abreviais a Deos incompre-
 hensivel dentro em vós mes-
 ma; & o que he mais, em hum
 lugar tam estreito como o de
 vosso Sacratissimo Ventre. E
 S. Methodio, ainda mais an-
 tigo que ambos, encarecen-
 do a capacidade immensa do
 mesmo Ventre: *Tu incircunsp-*
ti circumscriptione, tu cuncta con-
tinens, & comprehendens

Tom. 6.

comprehensio. Vós sois, ò Ven-
 tre purissimo, o que só po-
 destes limitar o que não tem
 limite: vós sois a comprê-
 são do que tudo comprehen-
 de. Finalmente, para que a
 tam grandes authoridades a-
 juntemos, & ponhamos o sel-
 lo com outra maior; o mes-
 mo diz, & com a mesma, &
 maior admiração o Concilio
 Ephesino: *Quis vidit, quis*
audivit unquam tale? Quem
 vio, ou quem ouviu já mais
 tal cousa? *In circumscriptione*
Deus Uterum inhabitat, &
quem Cæli non capiunt, Ventre
plexus est Virginis. Deos,
 que não cabe nos Ceos, cabe
 no Ventre de hũa Virgem, &
 o que he immenso, & incom-
 prehensivel, o mesmo Ven-
 tre abraça, & comprehen-
 de. E como o Ventre Virginal
 de Maria comprehendéo
 a Deos, cuja infinita grande-
 za não pôde comprehendêr
 entendimento algum criado,
 nem ainda o da mesma Vir-
 gem; cõ razão a Oradora do
 Evangelho, como Oraculo
 do Espirito Santo, & Voz de
 toda a Igreja Catholica, o
 que louva, o que apregoa, o
 que canoniza como singular-

Hipa-
pant.
Domi-
ni.Concil.
Ephes.
cap. 7.

H mente

mente bemaventurado, não he o entendimento, com que a Senhora vê a Deos, senão o Ventre, em que o comprehendêo, & trouxe dentro em sy: *Beatus Venter, qui te portavit.*

124. Hum só entendimento ha, que comprehenda o que comprehendêo o Ventre de Maria. E qual he? Por ventura o de Christo em quanto Homem? Nem esse. Oh grandeza tambem incomprehensível do Sacratio Virginal deste segundo Sacramento! Por isso os Padres, & Concilios (se bem advertistes) todos se declarão por exclamações de admiração, de assombro, de pasmo. O entendimento, que só comprehende o que comprehendêo o Ventre de Maria, he o entendimento do Eterno Padre. A maior grandeza da Virgem, em seu genero infinita, he, que o Eterno Padre, & Maria, sejam Pay, & Mãy do mesmo Filho. E assim como a mente do Pay gerando o Eterno Verbo, & communicando he o Ser Divino, comprehende a todo Deos: assim o Ventre da Mãy gerando temporalmen-

te a Christo, & dando he o ser humano, comprehendêo dentro em sy a mesma Divindade toda. Mas se o Pay deu ao Filho o Ser Divino, & a Mãy o ser Humano; digase, que a mente do Pay comprehendêo a Divindade, & o Ventre da Mãy a Humanidade, & a Divindade não? Antes por isso mesmo. Que se assim não fora, não fora a Senhora Mãy de Deos. A Virgem Maria não gerou a Humanidade de Christo cõ subsistencia humana, como as outras mãys geraõ os outros homês; mas com subsistencia divina, unida hypostaticamente à mesma Humanidade: por meyo da qual uniaõ, o Filho no instante, em que foi concebido, ficou verdadeiro Deos, & verdadeiro Homem; & a Mãy, que deu o ser a tal Homem, verdadeira Mãy de Deos. Pois assim como a mente do Pay gerando o Verbo, comprehendêo toda a Divindade sua, & do Filho; assim o Ventre da Mãy gerando o mesmo Filho, comprehendêo toda a Divindade, não sua, mas do Verbo.

125. Declarenos esta altissima

tíssima Theologia S. Paulo por termos que a possão entender bem, ainda os que não são Theologos. Fallando S. Paulo da Divindade do Filho de Deos feito Homem; diz, que toda a enchente da Divindade habita o Corpo de Christo: *In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter*. Habitar, quer dizer estar com permanencia, & deste modo esteve desde o instante da Encarnação, & está, & ha de estar para sempre a Divindade em Christo por virtude da uniaõ hypostatica, que he de sua natureza uniaõ indissolúvel. E usou tambem o Apostolo da palavra, habitar; porque como o que habita a casa, está todo dentro na casa, & a casa o cêrca, & contém todo dentro em sy; assim a Divindade está toda dentro do Corpo de Christo, & o Corpo de Christo a cêrca, & comprehende, não só toda, mas totalmente: que he outro, & maior mysterio, que encerraõ as mesmas palavras Para significar, que toda a Divindade está no Corpo de Christo, bastava dizer:

Colof 2.9. In ipso inhabitat plenitudo Di-

unitatis: porque *Plenitudo* quer dizer, toda. Pois porque não diz o Apostolo só, *Plenitudo*, senão, *Omnis plenitudo*, que vem a ser, como se differa: Toda a Divindade toda, ou todo o todo da Divindade? Porque para comprehender a Deos, como definem os Theologos, não só basta conhecer, ou contêr a todo Deos, senão todo, & totalmente. E isto he o que quiz significar o Apostolo, não só dizendo, toda a Divindade, senão todo o todo della: *Omnis plenitudo*: para mostrar, q̃ o Corpo de Christo contém, & abraça dentro em sy a Divindade, não de qualquer modo, senão comprehensivamente, & por inteyra comprehensão: toda hũa vez emquanto *Plenitudo*, & toda outra vez emquanto *Omnis*, & por isso toda, & totalmente. Donde se seguem em ultima conclusão do nosso Discurso as duas consequencias, & semelhanças delle. A primeira, que o Ventre da Virgem cõprehendêo toda a Divindade. Porque se o Corpo de Christo comprehende immediatamente toda a Divindade, por-

que toda a Divindade está no Corpo de Christo; tambem o Ventre de Maria comprehende mediatamente toda a Divindade, porque todo o Corpo de Christo está no Ventre de Maria. E assim como (que he a segunda consequencia, & paridade) assim como a mente do Padre comprehende toda a Divindade, porque na mente do Padre está todo Deos em espirito; assim o Ventre de Maria comprehende toda a Divindade, porque no Ventre de Maria está todo Deos em Corpo.

Basilus Seleucus de Annuntiat.

Deus Verbum totum erat in Corpore, totum in Deo Patre: disse, como Eu o podéra ditar, S. Basilio de Seleucia. E este he o grande mysterio, cõ que a voz do nosso Texto não chama Bemaventurada a Mãy, senão Bemaventurado o Ventre: *Beatus venter, qui te portavit.*

III.

126 **E** Se tudo (para que do Sacramento do Evangelho passemos ao Sacramento do Altar) se tudo o que comprehende a mente

do Padre, comprehendéo o Ventre de Maria, porque te vedentro em sy todo o Corpo de Christo: *Totum in Corpore, totum in Patre*: que menos podemos nós dizer do mesmo Corpo de Christo no Santissimo Sacramento instituido pelo amor, & obrado pela Omnipotencia, não só para o adorarmos no Altar, mas para o recebermos dentro em nós mesmos? Que disse Christo, quando instituiu aquelle Divinissimo Mystério? *Accipite, & comedite. Hoc est Corpus meum*: Recebei, & cometi: Este he meu Corpo.

Mat. 26.

Todo na mente do Padre, todo no Ventre da Virgem, & todo no peito dos que o recebem; & tam inteiramente todo em todos, como todo em cadahum: *Sicut totum omnibus, quod totum singulis.* Grande maravilha he, que o Verbo Eterno, ao qual só comprehende a mente do Padre, o cõprehendesse o Ventre de huma Virgem; mas não he menor, antes igual maravilha, que esse mesmo Verbo, que está todo na mente do Padre, & todo no Ventre da Virgem, se receba, & caiba,

ba também todo no peito do homem. Na mente do Padre todo o Verbo gerado, no Ventre da Virgem todo o Verbo encarnado, no peito do homem todo o Verbo Sacramentado. Mas isso mesmo he ser Verbo, disse excellentemente, declarando, & estendendo o seu pensamêto, o mesmo S. Basilio: *Quemadmodum verbum in charta descriptum, totum est in charta, & totum in mente gignente, & totum in ijs, qui illud legunt, vel audiunt ita Deus Verbum, & multò quidem perfectius, totum erat in corpore, totum in Deo Patre, totum in celo, totum in terru, totum in universa creatura.* Que he o Verbo Eterno? He a Palavra Divina. Pois assim como a mesma palavra está toda na mente de quem a concebe, & gera, & toda no papel, onde se escreve, & toda naquelles, que a lem, ou ouvem: assim o mesmo Verbo Divino está todo na mente do Padre, que o gerou; todo no Ventre da Mãe, que o concebeo, todo naquelles accidêtes brancos, onde se imprimio, & todo no peito do homem, que o ou-

ve pela Fé, & o recebe pelo Sacramento.

127 A proporção, & a paridade, não pó se ser mais propria, nem mais igual. Mas porque Eu prometti de tal maneira comparar o Sacramento do Altar com o Sacramento do Evangelho, que seja em maior louvor do Sacramento do Altar; ouçamos agora as diferenças, ou vantagens deste segundo Sacramento sobre o primeiro. E não peço licença à Virgem Santissima para esta ventajosa comparação, pois tudo o que se differ do Santissimo Sacramento do Corpo, & Sangue de Christo, he em dobrado louvor da mesma Senhora, da qual Christo recebeu o mesmo Corpo, & Sangue. Começando pois este segundo Dicurso, por onde acabámos o primeiro; a primeira differença, ou vantagem do Sacramento do Altar sobre o Sacramento do Evangelho, he, que no Ventre Sacratissimo da Virgem de tal modo esteve todo o Corpo de Christo, que só estava todo em todo, mas não todo, senão parte em cada parte; porém no

Sacramento do Altar não só está todo em todo, & todo em qualquer parte, como muitas vezes ouvistes; mas em qualquer parte está todo, & todo totalmente. O que por ventura não tendes ouvido.

128 Nenhum corpo ha no mundo, ainda que seja tam grande como a terra; & o Ceo, ou tam pequeno, & tam minimo como hum atomo, que esteja todo em todo, & todo em qualquer parte do mesmo todo. É a razão não he outra, senão porque he corpo. Estar todo em todo, & todo em qualquer parte, he propriedade só dos Espiritos: & assim está em nós a nossa Alma. Toda em todo o corpo, toda em hum braço, toda em hũa mão, toda em hum dedo, & toda na menor parte delle. Com esta semelhança se costuma explicar o modo, com que o Corpo de Christo está na Hostia. E posto que seja hũ dos grandes milagres deste Mysterio, que sendo Corpo esteja alli cõ propriedades de Espirito; ainda a semelhança da Alma diz muito menos do que na

realidade he. A Alma ainda que está toda no braço, toda na mão, & toda no dedo; se ao corpo lhe cortarem hum dedo, não fica no dedo; se lhe cortarem a mão, ou o braço, não fica na mão, nem no braço. Pelo contrario o Corpo de Christo de tal modo está todo na Hostia, que se a Hostia se partir pelo meyo, ou em quatro partes, ou em cento, ou em mil, em qualquer parte, ou maior; ou menor, ou minima, está todo o Corpo de Christo. E qual he a razão de tamanha differença, & maravilha? A razão he (como filósa exquisitamente Theophilo) porque o ^{Theo.} Corpo de Christo em qual-^{philus}quer parte da Hostia está to-^{Rei-}do, & totalmente: & a Alma ^{nau-} em qualquer parte do corpo, ^{duis in} ainda que está toda, não está ^{Can-}totalmente. Mais claro. A ^{dela-} Alma está toda em qualquer ^{bro} parte do corpo, mas não por ^{Eu-}modo total, senão parcial; ^{shar.} porque se estivera em qual-^{cap. 8.}quer parte por modo total, ^{§ 16.} estivera reduplicada, & não hũa só vez, se não muitas vezes no mesmo corpo: porêm o Corpo de Christo em qual-
quer

quer parte da Hostia está todo, não por modo parcial, senão por modo total: & por isso está o mesmo Corpo tantas vezes reduplicado na mesma Hostia, quantas são as partes quasi infinitas, em que ella se póde dividir: & não só nas partes sensiveis, em que só se póde consagrar, mas tambem depois de consagrada, até nas partes insensiveis. A Alma de tal maneira está toda em qualquer parte do corpo, que ou ha de estar toda, ou não ha de estar: o Corpo de Christo de tal maneira está todo em qualquer parte da Hostia, que não póde deixar de estar, nem de estar todo. Todo em toda, todo em qualquer parte, & dividida essa parte em mil partes, em todas todo.

129 Oh milagre, oh prodigio, não sei, se maior da Omnipotencia, ou do Amor! A maior inclinação do amor he dar, ou dar-se todo; & a maior mortificação do mesmo amor he dar sómente parte. Ponhamos tres mesas à vista, para que se veja a soberania daquella. Assentado à mesa Elcana com toda a

lua familia, quando veio a repartir a porção, que lhe coube do Sacrificio, que tinha offerecido no Templo, diz o Texto Sagrado, que deu hũa parte a Anna, mas desconsolado, & triste, porque amandoa muito lhe dava hũa só parte: *Annæ autem dedit partem unam tristis, quia Annam diligebat.* Assim se entristece, & mortifica o amor, quando dà parte a quem quizera dar tudo. Mas desta mortificação nenhum amor se póde livrar, ainda quando o maior amor se ajunta com o maior poder. Joseph era todo poderoso no Egypto, & quando deu o banquete a seus irmãos depois de reconhecidos, postoque amava mais que a todos a Benjamin, que fez com todo esse amor, & com todo esse poder? Nota o mesmo Texto Sagrado, que na repartição dos pratos, que elle fazia por sua propria mão, a maior parte era a de Benjamin, & tanto maior, que excedia a dos outros em cinco partes: *Maior pars venit Benjamin, ita ut quinque partibus excederet.* Desorte, que podendo tudo Joseph, &

1. Reg.
1. 5.

Genes.
43.
34.

fazendo seu amor tudo , o que podia nesta repartição, o que pode dar a quem mais amava, foi huma parte maior, mas a maioria , & excesso dessa maior parte, tambem foram partes : *Maior pars : Quinque partibus.* Não assim o Divino Amor , & verdadeira Omnipotencia de Christo naquella Sagrada Mesa. Estando a ella o Senhor com seus Discipulos, disse-lhe, que tomassem o Calix , em que lhe deixava seu Sangue , & o repartissem entre sy : *Accipite , & dividite inter vos.* E entre o *Accipite* , & o *Dividite*, entre o tomar , & repartir o Calix , & o mesmo he do Paõ depois de Consagrado, ouve algũa differença? Muito grãce, & nunca vista ainda na Theologia mais estreita. Quando tomaraõ o Paõ da mão de Christo , estava o Corpo de Christo todo em todo ; tanto que o repartiraõ entre sy , estava todo em qualquer parte. O Paõ partial em partes, & o que estava debaixo do Paõ , partial em todos, ou em hum só todo ; porque todo o Corpo de Christo , & o mesmo estava na parte , que

coube a cada hum. Nem a parte de Joaõ (que era o Benjamin) foi maior parte , nem a dos outros menor ; porque o todo estava tam inteiramente nas partes , como no todo.

130 Esta foi a razão , & proporção admiravel , porque na substancia , & accidentes do Sacramento unio Christo inseparavelmente o maior Mysterio sobrenatural com o maior mysterio da natureza. Qual he o maior mysterio da natureza? He a composição do continuo, ou da quantidade , em que toda a Filosofia atè hoje mais soube passar, que definir. Porque sendo proprio da quantidade o ser divisivel, ou poderse dividir, de tal modo se compoem de partes qualquer quantidade, que por mais que se divida em infinito, em nenhuma parte se pôde dividir tam pequena , que essa mesma parte não seja divisivel , & se possa dividir em partes. E porque a propriedade da quantidade he poderse sempre dividir, & a propriedade do amor he quererse sempre dar todo ; por isso medio, & proporcionou o Senhor o todo do seu

Corp

Luc.
22.
17.

Corpo com as partes da quantidade da Hostia, para que assim como as partes se podem sempre dividir, assim o seu Corpo se podesse sempre multiplicar. A Hostia em qualquer parte sempre divisível em partes, & o Corpo debaixo de qualquer parte sempre multiplicavel em todo. Tanta he a differença nesta só consideração, com que o Sacramento do Altar, que foi a ultima obra do Amor, & Omnipotencia Divina, se exalta sobre a primeira, que foi o Sacramento do Evangelho. O mesmo Corpo de Christo, que está naquella Hostia Consagrada, he o que esteve no Sagrado Ventre da Virgem Maria. Mas no Ventre da Virgem esteve todo o Corpo em todo, & parte em parte, porém na Hostia, não só está todo em todo, & todo em qualquer parte, mas em qualquer parte todo, & totalmente. Todo, & totalmente, porque assim como qualquer parte da Hostia se póde dividir em infinito, assim o mesmo Corpo do Senhor, quantas forem mais, & mais as partes divididas, tanto estará

mais, & mais todo em todas E todo, & totalmente por modo ainda mais sublime, & admiravel; porque ainda que as partes se não dividão, basta sómente serem divisiveis em sy, para que em todas, por mais que sejaõ infinitas, esteja todo.

III.

131 **I**Nfinito seria também o nosso Discurso, se ouvessemos de ponderar hũa por hũa as outras differenças gloriosas de hum a outro Sacramento. Mas porque nem a brevidade do tempo permite a ponderação, nem a necessidade da materia se satisfaz com o silencio, contentarmehei sómente com as apontar. No Ventre da Virgem entrou Christo hũa só vez: no Sacramento entre em nós todos os dias: *Hæc* ^{*Eccles*} *quotiescumque feceritis.* ^{*in Cæ-*} ^{*non.*} No Ventre da Virgem esteve só nove mezes: no Sacramento ha mil & seis centos annos que está comnotco, & ha de estar até o fim do mundo: *Mat. Ecce ego vobiscum sum ::::* ^{*ib. 28.*} *usque ad consummationem* 20,

seculi. No Ventre da Virgem esteve em Nazareth nas montanhas, & poucas horas em Belem: no Sacramento está em todas as partes do mundo sem exceição de lugar:

Luc. 17. *Ubi cumque fuerit corpus.* No Ventre da Virgem crescia o Corpo de Christo, mas até

aquelle limite sómente, em que tam pequeno, ou tam pequenino nascéo: no Sacramento não cresce, nem póde crescer, porque está alli na idade, na grandeza, & na estatura de Varaõ perfeito: *In*

Ephes. 4 13. *mensuram ætatis plenitudinis Christi.* No Ventre da Virgem estava o Filho na Mãy,

mas a Mãy não estava no Filho: no Sacramento o mesmo Christo está em nós, & nós nelle: *In me manet, & ego in illo.* No Ventre da Virgem alimentavase o Filho dos comeres naturaes, de que se sustentava a Senhora: no Sacramento o mesmo Senhor he o nosso alimento, & o nosso sustento: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem.* No Ventre da Virgem esteve Christo em carne mortal: no Sacramento, & em nós, está em Corpo

Joan. 6. 17.

immortal, & glorioso: *Hic est panis, qui de celo descendit.* 59. No Ventre da Virgem recebeu Christo de sua Mãy a vida temporal: no Sacramento recebemos nós d'elle a vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* 59.

Ibid.

132 Em cada hũa destas differenças havia muito que dizer, muito que encarecer, muito que admirar; mas como ainda não chegámos à maior, & máis estupenda de todas, nella só me deterei mais hum pouco. E que differença he esta, digna de tam particular admiração, & reparo? He, que no Ventre da Virgem esteve o Filho de Deos, onde nunca entrou peccado: & no Santissimo Sacramento, quando entra no peito dos homês, não só está em peccadores, mas muitas vezes entre os mesmos peccados. Só quem comprehender as delicias sobrehumanas, que o segundo Adam gozava no Paraíso sempre innocente do gremio Virginal, poderá de algum modo conjecturar, ou desta differença as distancias, ou de tal fineza os extremos. Ponhamo-

nos

nos ao Paraíso terreal, & reparemos, no que não vi reparar atégora. Depois de dizer a Escritura, que Deos tinha plantado por sua mão hum Paraíso de delicias, no qual poz o Homem: *Plantaverat autem Dominus Deus Paradisum voluptatis :: in quo posuit hominem*: diz, que o lugar das delicias sahia hum Rio para regar o Paraíso: *Et fluvius egrediebatur de loco voluptatis ad irrigandum Paradisum*. Logo se do lugar das delicias sahia hum Rio para regar o Paraíso; segue-se, que o Paraíso chamado das delicias, não tinha as delicias (ao menos as maiores) em toda a parte, senão em hum só lugar, o qual propria, & particularmente se chamava o lugar das delicias: *De loco voluptatis*. Supposta pois esta distincção, & differença tam expressa no Texto, sabíamos agora, que lugar das delicias era este, o qual dava o nome a todo o Paraíso, & do qual sahia o Rio, que o regava. S. Pedro Damiaão allegorizando o passo, diz, que o lugar das delicias do Paraíso da terra he o Ventre puris-

simo da Virgem Maria, na qual Deos não só depositou, mas accumulou todas as suas delicias: & o prova com outro Texto da boca do mesmo Deos: *Locum voluptatis* P. Da. *Uterū Mariæ intelligo, in quo mian. cumlavit omnes delicias de. Serm. liciarum Dominus, de cujus de. de An- licijs Spiritus Sanctus admiratoris sermone in Cantico sic eructat: Quæ est ista, quæ ascendit de deserto delicias affluens!* O Paraíso das delicias do homem era o Paraíso de Adam, que peccou: mas as delicias das delicias de Deos, & o lugar de'las: *De loco voluptatis*: era o Ventre de Maria, em que nunca ouve peccado.

133 Já temos qual he o lugar das delicias: & o Rio, que d'elle sahia: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis*: qual he? Esta segunda duvida nos obriga a sair da terra ao Ceo, & de hum Paraíso a outro Paraíso, & de hum Ventre Sacratissimo a outro mais alto, & mais Divino. Ouvi ao mesmo Santo: *Fluvius iste est Dominus meus Iesus, qui è duobus locis voluptatis egreditur, ex Utero Patris, ex Utero*

Idem.

Vir-

Genes.
2. 8.

Ibid.
10.

Virginis. O Rio, que sahia do lugar das delicias, he o Filho de Deos, & de Maria; Christo Jesu, Senhor, & Redemptor nosso, o qual não hũa só vez, senão duas, sahio do lugar das suas delicias: no Paraíso do Ceo quando sahio do seio do Pay: *Ex Utero Patris*: no Paraíso da terra, quando sahio do Ventre da Virgem: *Ex Utero Virginis.* De sorte, q̄ o Verbo Eterno quando sahio do seio do Pay, sahio do lugar das suas delicias no Ceo, & quando entrou no Ventre da Virgem, entrou no lugar das suas delicias na terra: & a fineza que fez por nós, não esteve no entrar, esteve no sair: *Fluvius egrediebatur de loco voluptatis.* Como na Virgem Maria não havia, nem ouve nunca peccado, antes a summa perfeição de todas as virtudes, em quanto Christo esteve no Ventre de sua Mãy, alli tinha, & gozava todas as suas delicias: tanto assim, que se não fora por agradar, & obedecer a seu Pay, nunca dalli sahira, como elle mesmo disse pelo

Profeta: Tu es, qui extraxisti me de Ventre Matris meæ:

Psal. 21. 10.

Vós, Pay meu, sois o que só me pudestes tirar do Ventre de minha Mãy, & me tirastes delle quasi por força, que isso quer dizer, *Extraxisti*: ou como treslada Tertulliano, *Avalsisti.* Assim que o maior sacrificio, que Christo fez a seu Eterno Padre nascendo, foi o mesmo nascer; porque foi sair do centro do seu amor, do seu dezejo, do seu descanso, das suas delicias.

134 Destas delicias, que Christo gozava no Ventre Santissimo de sua Mãy, se vê bem a differença da fineza, com que no Santissimo Sacramento do Altar se fogeita a entrar no peito dos homens. Là estava a fineza no sair, e à está no entrar. O fim porque Christo se deixou no Sacramento, foi, para regar & fecundar nossas Almas cõ os influxos de seu Corpo, & Sangue, como Rio nascido da fonte de toda a Graça, que he a Divindade: *Et fluvius egrediebatur ad irrigandum Paradisum.* As Almas puras, & santas, que não só vivem em Fé, mas em perfeita Charidade, tam raras na corrupção, & abusos da vida, que se

Genes. 2. 10.

col-

costuma, essas são as palavras do Paraíso, que elle rega, & santifica com tanto fructo, como goſto. Mas não pára ahi. *Inde dividitur in quatuor capita* (acrescenta o mesmo Texto:) & dalli se divide como em cruz para as quatro partes do mundo, onde succede àquelle Sagrado Paó, o que ao do Semeador do Evangelho, que hum cae nas pedras, onde se séca, outro nas espinhas, onde se afoga, outro nas estradas, onde o pizaó, & pouco em terra boa, onde frutifique. Por isso com grãde myſterio sahe, & se divide em cruz, porq̃ sahe, como diz S. Paulo, para ser outra vez crucificado, & afrôta-do: *Rursum crucifigentes sibimetipsis Filium Dei, & ostentui habentes.*

Hebr.
6.6.

135 Isto he o que padece Christo Sacramêto (poſto que glorioso, & impassivel) das consciencias de todos, os que o recebem, ou totalmente impenitentes em peccados manifestos, ou com falsa contriçaó, & fingido, ou côrado arrependimento: que são os que mais ordinariamente se enganaó, ou que

rem enganar a sy mesmos; mas não enganaó a Deos. E nestas Almas sem Alma (como a de Judas) não duvidáraó a dizer Santo Anselmo, S. Paschasio, S. Cypriano, & Santo Agustinho, que padece mais Christo no Sacramento, do que padeço na Cruz. *Magis peccant*, diz Santo Agustinho, *qui tradunt Christum peccatoribus membris, quam qui tradiderunt eum crucifixoribus Judæis.* E a razão he; porq̃ os Judéos crucificáraó a Christo em hum madeiro innocente, & os q̃ o recebem em peccado, crucificaó no em sy mesmos, como notou o Apostolo: *Crucifigentes sibimetipsis Filium Dei.* Aquella Cruz, porque era Cruz sem peccado, era muito mais leve para Christo; mas esta junta com os peccados dos que o crucificaó em sy mesmos, he muito mais pezada, muito mais cruel, muyto mais insupportavel. Assim o ponderou o mesmo Christo na mesma hora, em que deu os primeiros passos para a Cruz: *Ecce appropinquavit hora, & Filius hominis tradetur in manus*

Aug.

Mat.
ib. 26.

pec. 45.

peccatorum. He chegada à hora, em que se rei entregue nas mãos dos peccadores. Dos peccadores disse, & não dos algozes, nem dos tyrannos; porque maior horror lhe fazia nas mãos dos que o crucificaraõ a circunstantia dos peccados, que a tolerancia dos tormentos. Deixo as injurias, & blasfemias, com que a Fè do Divinissimo Sacramento he negada dos Heresges: nê fallo nas violencias, & defacatos atrozes das mãos impias, & sacrilegas, com que aquelle *Sancta Sanctorum* da Divindade tem sido tantas vezes profanado; porque para prova da ventagem, que buscamos, basta a differença de dizer com peccados, ou sem peccado. Assim como huma Alma em peccado he o inferno do inferno, assim o *Ventre Virginal*, onde nunca ouve peccado, era o *Paraiso do Paraiso*. Logo não só foi maior fineza sojeitar-se Christo no Sacramento a entrar no peito dos peccadores, mas essa só foi a fineza; porque encerrar-se no *Ventre da Mãy sempre Santissima*, não foi fineza, senão delicia. No

Sacramento do Altar, adorado, mas offendido: no *Sacramento do Ventre da Mãy*, elle, & o mesmo *Ventre* sempre beatificado: *Beatus Venter, qui te portavit*.

V.

136 **C** Omparado com tanta ventagem o *Sacramento do Altar* com o *Sacramento do Evangelho*; resta comparar o *Sacramento do Rosario* com o *Sacramento do Altar*: comparação em que a ventagem parece difficultosa. Mas como he obra, em que o *Filho de Deos* poz a materia, & a *Mãy de Deos* deu a fórma, não será impossivel. Comecemos pela semelhança, que he o fundamento da comparação, & acabaremos pelas differenças, donde se poderá collegir a ventagem. He mui parecido o *Sacramento do Rosario*, com o *Sacramento do Altar*, ambos *Santissimos*. Em que? Não em outra proporção (porque não havemos de mudar a idéa) senão na mesma que ponderámos entre o *Sacramento do Altar*, & o

Sa-

Sacramento do Evangelho. Se naquelle Sagrado Myfterio está todo Christo em toda a Hostia, & todo em qualquer parte; no Rosario passa o mesmo, & não invisivel, senão invisivelmente. O Rosario, como todos sabem, consta de duas partes, huma Mental, outra Vocal: na Mental, q̄ são os Myfterios, em qualquer parte está todo Christo; na Vocal, que são as Orações, em qualquer parte está todo o Rosario.

127. Estar todo Christo em qualquer parte do Rosario Mental, he cousa tam manifestá, que a vemos os olhos. O que medita o Rosario na parte Mental, são os Myfterios da Vida, Morre, & Resurreição de Christo: & nenhum Myfterio ha de todos quinze, em q̄ Christo não esteja todo: todo na substancia, posto q̄ dividido, & diverso nos accidêtes. Divide em partes os tépos, os lugares, & os mesmos periodos da vida de Christo, & não me dareis parte algũa, em que não esteja todo. Todo no Myfterio da Encarnação (& só elle todo, porque desde o primeiro

instante foi inteiro, & perfeito Homem, o que não acontece aos demais.) Todo na Visitação, santificão o Bapuzta: todo no Presépio, aclamado de Anjos, & adorado de Reys, posto que nascido entre animaes: todo huma vez no Templo apresentado a Deos nos braços de Simeão: & todo outra vez depois de perdido, achado entre os Doutores. E porque nesta vida, ainda que seja do mesmo Deos, não ha gosto sem pezares; se destes Myfterios, que forão os Gozolos, passarmos aos Dolorosos; todo no Horto suando sangue, todo no Pretorio atado a Coluna, todo coroadado de espinhos, todo com a Cruz às costas, & todo pregado, & morto nella. Estes são os dous accidentes, de que se compoem toda a vida humana, que por isso S. Paulo os dividio sómente em Gozolos, & Dolorosos: *Gaudere cum gaudentibus, flere cum flentibus.* Mas porque o mesmo Christo cõ sua morte nos merecêo outra segunda vida, que he a immortal, tambem esta tem outros accidentes, que são os

Rom.

12.

15.

Glo-

Gloriosos, de q̄ se compoem a terceira parte do Rosario, & em todos, & qualquer parte delles temos igualmente a Christo todo. Todo resuscitado, todo subindo ao Ceo, todo mandando de là o Espirito Santo, todo recebendo em triumpho a sua Gloriosissima Mãe, & todo com toda a Santissima Trindade coroandoa em Trono de suprema Magestade por Rainha do Ceo, & da terra, & Senhora universal de Homens, & Anjos.

138 Ouçamos agora a Salamaõ, que no curso, & circulo, que faz o Sol, reconheço todos estes Mysterios, & sua variedade, como nõs tambem fazemos na volta q̄ himos dando ao circulo do Rosario: *Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur: ibique renascens, gyrat per Meridiem*: Nasce o Sol no Oriente, & morre no Occidente; mas depois de morto, & estar debaixo da terra, torna outra vez a renascer, & continuar seu curso. E que Sol he este, senão aquelle primeiro Planeta, fonte de toda a luz: *Quæ illumi-*

nat omnem hominem venientem in hunc mundum: o qual debaixo dos accidentes do Sol, que vemos, confingrou como em hum Sacramento natural o curso, os movimentos, & os Mysterios de sua primeira, & segunda vida, já nascido, já morto, já resuscitado, que são as tres Partes, ou Terços, de que se compoem o Rosario: *Oritur Sol*; a primeira: *Et occidit*; a segunda: *Et ad locum suum revertitur, ibique resnascentis*; a terceira. Não he pensamento meu, senão commento, & applicação de Olimpiodôo: *Christus velut Sol ortus est in* Olimpiodorus in *nativitate, occidit in morte,* Commen- *rursus ortus, & velut renatus est in resurrectione.* Nos Mysterios da Encarnação, & Nascimento esteve Christo como Sol cuberto de nuvens; porque a nuvem da Humanidade, encubria os raios da Divindade: nos Mysterios da Payxaõ, & da Cruz esteve como Sol eclypsado com as sombras funestas da morte, & total escuridade de sepultura: nos Mysterios da Resurreição, & da subida ao Ceo, esteve como Sol claro, &

Eccl.
1.5.6.

Ioan.
1.9.

& resplandecente no Meyodia, desfeyras totalmente as nuvens, & sumidas, & aniquiladas as sombras : mas o Rosario, & seus devotos (como a milagrosa flor do Eleuropio) que fazem? Vaõ seguindo sempre, & acompanhando ao Divino Sol em todos estes passos: & revestidos sempre (que he mais) dos mesmos accidentes. Nos Gozosos gozandose, nos Dolorosos doendose, nos Gloriosos gloriandose, & semelhantes em tudo a quem em todos se lhe deu todo.

139 Duvidaõ aqui, & disputaõ os Padres, & Expositores, se falla Salamaõ neste Texto do circulo, que faz o Sol cada dia saindo, & tornando ao Oriete : ou do curso que faz cada anno dentro dos Tropicos, visitando, & detendose em todos os Signos do Zodiaco. Os dous Gregorios, Taumaturgo, & Niffeno, entendem o lugar do circulo de cada dia: S. Jeronimo, & Theophilacto, do curso de cada anno: & hũa, & outra sentença tem por sy grandes Mathematicos. Outros Authores porèm conciliaõ,

Tom. 6,

& abraçaõ ambos estes sentidos do Texto, entendendo de hum, & outro curso do Sol. E o mesmo fazem melhor, & com mais certeza q̃ todos, os devotos do Rosario. Os devotos do Rosario? Pois como? Que tem que ver o Rosario com o Sol, ou no circulo de cada dia, ou no curso de cada anno? Muito, & por modo muito admiravel. Naõ dissemos, que debaixo dos accidentes deste Sol natural, & visível, reprezentou, & sacramentou Christo todo o curso, movimentos, & Mysterios de sua vida mortal, & gloriosa? Sim. Pois assim como o Zodiaco do Sol natural se compoem de doze Signos, assim o Sol Divino té outro Zodiaco mais alto, & mais dilatado, que se cõpoem, & reparte em quinze Signos, que são os quinze Mysterios do Rosario. E assim como o Sol corre, & visita o seu Zodiaco nos doze mezes do anno, assim Christo corrè, & aperfeiçoou o seu, dando luz, & calor ao mundo, naõ menos que em espasso de sincoenta & oito annos, que tantos se contaraõ

I

desde

desde o dia de sua Encarnação, que foi o primeiro Myfterio, até o dia da Coroação de sua Gloriosa Mãe, que foi o ultimo. E os devotos do Rosario, com maravilha, que se não vé no Ceo, conciliaõ, como dizia, todo este curso do Divino Sol, & todos os passos, & espafos deste tam dilatado Zodiaco dentro do circulo natural de hum só dia; porque o circulo do Rosario, que cada dia rézaõ, os inclue, abraça, & comprehêde a todos. E basta isto? Não basta. Porque ainda lhe falta a maior propriedade, que he estar Christo neste seu Zodiaco, não só todo em todos os Signos, que são todos os quinze Myfterios, senão todo em qualquer parte de cada hum.

140 Os Signos do Zodiaco no nosso entendimento são hũas apprehensões de figuras varias, que só consideramos mentalmente: & no Ceo são certo ajuntamento de Estrellas, de que se compoem os mesmos Signos, & porisso se chamaõ Constellações. E as Estrellas que são? São huns Espelhos do Sol, em

que o Sol, não em parte, senão todo, nem outro lenção o mesmo, de tal forte se divide, & multiplica, que em toda a Constellação está todo, & em qualquer parte, ou Estrella della todo, & todo em cada hũa allumia, & todo em cada hũa influe, obrando diferentes effeitos no mundo, segundo a diversa natureza de suas proprias calidades. Tais são no Zodiaco do Rosario os Myfterios, de que se compoem. Consideraos mentalmente o nosso entendimento apprehendendo, & representando ao mesmo Christo em diversos tempos, lugares, idades, & acções, como em diferentes figuras, tam varias, como são as de sua Infancia, Paixão, & Gloria: & não só está Christo todo em todos os Myfterios, senão todo em cada hum, & todo em cada parte delle, & todo allumiado, & todo influindo; porque segundo os diversos motivos, de gosto, de dor, & de gloria, primeiro com os raios de sua luz allumia os entendimentos, & depois com a efficacia de suas influencias move, & afeição as vontades.

des. Assim o Sol todo em todo, & todo em qualquer parte no seu Zodiaco : assim Christo todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Altar : & assim todo em todo, & todo em qualquer parte no Sacramento do Rosario.

VI.

141 **E** Se na parte Mental do Rosario, que são os Mysterios, em qualquer parte está todo Christo; vejamos agora como na parte Vocal, que são as Orações, também em qualquer parte está todo o Rosario. Primeiramente assim como no Sacramento do Altar, da Hostia, em que está o Corpo, & do Calix, em que está o Sangue de Christo, se compoem hum só Sacramento; assim no Rosario Vocal, da Oração do Padre-nosso, em que oramos a Deos, & da Oração da Ave-Maria, em que invocamos a sua Santissima Mãe, se compoem hum só Rosario: & pela mesma razão. Qual he a razão, porque a Hostia, & o Calix não compoem dous

Sacramentos, senão hum só? Porque aindaque nos accidentes, & no que mostraõ, são diversos, na substancia, & no que significaõ, são o mesmo. Quando El Rey Faraó no Egypto teve em sonhos aquellas duas visões tam sabidas, huma, das vaccas primeiro grossas, & depois macilentas, outra, das espigas primeiro gradas, & depois falidas; chamado Joseph para interpretar estas visões, ou sonhos, q̄ verdadeiramente foraõ profeticos; respondéo, que o sonho do Rey era hum só: *Somnium Regis unum est.* Mas se os sonhos tinhaõ sido dous, & as cousas, ou figuras, que o Rey vira em cada hum delles, graõ tam diversas; como diz Joseph, que era hum só sonho? Porque aindaque eraõ dous nos accidentes, era hum só na substancia; ainda que eraõ dous no que se vira, eraõ hum só no que significavaõ. Do mesmo modo no Sacramento, & também no Rosario. No Sacramento o que se vê na Hostia, & no Calix, são accidentes, & si naes diversos; mas o que esses accidentes cobrem, & esses si-

Genes.
41.
25.

naes significação, são o mesmo Corpo, & Sangue de Christo na Hostia, & o mesmo Sangue, & Corpo de Christo no Calix: & porisso não dous, senão hum só, & o mesmo Sacramento. No Rosario o que ouvimos em hũa Oração, he o Padre nosso; o que ouvimos na outra, he a Ave-Maria, & tomadas pelo q̄ soão, são duas Orações diferentes, mas entendidas pelo que significação são huma só, & a mesma. E assim como na Hostia *ex vi verborum* está o Corpo, & não está o Sangue, & no Calix *ex vi verborum* está o Sangue, & não está o Corpo; mas o Sangue leva consigo o Corpo, & o Corpo o Sangue: assim na primeira Oração do Rosario *ex vi verborum* está o Padre-nosso, & na segunda *ex vi verborum* está a Ave-Maria; mas o Padre nosso tambem leva consigo a Ave-Maria, & a Ave-Maria o Padre-nosso.

142 Se assim he, bem ditto está. Mas parece, que não he assim, & com a evidencia. No Padre nosso não ha huma palavra, que se pareça com a Ave-Maria, na Ave-Maria

naõ ha huma palavra, que se pareça com o Padre-nosso: logo como pôde ser, que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ a mesma Oração, & o Rosario nestas duas Orações tambem hum só, & o mesmo? Respondo que sim. Não *ex vi verborum*, ou por força das palavras, como já disse; mas por força, & por razão doque nellas se pede. Oorar propriamente he pedir. E quando o que se pede he o mesmo, ainda que as palavras sejaõ diversas, a Oração he a mesma. No Padre-nosso fazemos sete petições a Deos: na Ave-Maria; se bem advertis, não pedimos à Senhora couza algũa em particular, senão sómente em commum, que rogue por nós: *Ora pro nobis peccatoribus*: & como a Senhora não pôde pedir, ou querer para nós outra couza, nem melhor, nem mais necessaria, nem mais conveniente, nem mais util, senão o mesmo que Christo nos ensinou que pedissemos a Deos; o que só vimos a pedir na Ave-Maria, he, que a Mãe do mesmo Deos interceda com seu Filho, para que

nos conceda o mesmo, que nós lhe pedimos. Logo o mesmo, q̄ se pede no Padre-nosso, he tambem o que se pede na Ave-Maria, com que hũa, & outra Oraçãõ, vem a ser a mesma. E nem a intercessãõ, que se acrescenta na Ave-Maria, nem as diversas palavras, de que ella consta, bastaõ, paraque a Oraçãõ seja diferente; porque quando quem pede, & quem intercede, procuraõ, & sollicitãõ a mesma cousa, posto que õ façãõ por differentes termos, sempre a petiçãõ he a mesma.

143 Não pôde haver melhor prova, nem exemplo mais proprio desta verdade, que o successo do Centuriãõ. Como o Centuriãõ fosse Gencio, & Romano, & não Hebrèõ, como Christo; para alcançar delle a saude do moço, que alguns querem fosse seu filho, tomou por intercessores os Sacerdotes da Cidade, em que vivia, & outros seus amigos també Hebrèõs, confiando que pelo parentesco nacional, que tinhaõ com o Senhor, o obrigariaõ mais facilmente a lhe conceder o que tanto dezejava. E esta he

a mesma razaõ, porque nós na Ave-Maria, paraque a Senhora interceda efficaç, & poderosamente por nós diante de Deos, o fundamos tambem no parêtelco tam estreito, que tem com elle, dizendo: Santa Maria, Mãy de Deos, roga por nós. Mas ouçamos as palavras, com que o Centuriãõ orou a Christo, & com que os intercessores fizeram a mesma petiçãõ. O Centuriãõ disse: *Domine, non sum dignus, ut intres sub tectum meum: sed tantum dic verbo, & sanabitur puer meus.* Senhor, eu não sou digno, de que entreis em minha casa, mas basta, que deste mesmo lugar com huma só palavra vossa deis saude ao meu enfermo. E os intercessores que disserãõ? *At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicitè, dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi præstes, diligit enim gentem nostram: & Synagogam ipse edificavit nobis.* Rogãraõ ao Senhor com grãde instancia concedesse ao Centuriãõ o que lhe pedia, allegando, que era muito digno daquelle favor, por quanto sendo Romano amava mui-

Mat.
th. 8. 8

Luc. 7
4. 5.

to a Gente Hebréa, & sendo Gentio lhe tinha edificado hũa Synagoga, que era o mesmo que hũa Igreja. Póe haver palavras mais diversas em tudo, que estas dos intercessores, & aquellas do Centuriaõ? Não póde. E comtudo a petiçaõ do Centuriaõ, & a dos q̃ por elle intercediaõ, era a mesma petiçaõ; porque elle para sy, & os outros para elle, todos pediaõ a mesma cousa. A petiçaõ dos filhos do Zebedeo, & a da Mãy, não era a mesma? A mesma era, porque assim lho disse Christo, a elles: *Nescitis quid petatis*. Pois isso he o que nós fazemos sem differença, tanto no Padre-nosso, como na Ave-Maria. No Padre-nosso pedimos como filhos, dizendo: *Pater noster*: na Ave-Maria intercede a Senhora como Mãy, & porisso lhe dizemos: *Mater Dei, ora pro nobis*: mas assim nós, como a Soberana Intercessora, todos fazemos hũa só Oração, & a mesma; porque nós pedimos à Senhora, que peça; & a Senhora pede a Deos o que nós pedimos. E finalmente desta Oração dividida em duas

partes se compoem hum só, & o mesmo Rosario, e mo da Hostia, & do Calix no Altar, se compoem hum só, & o mesmo Sacramento.

VII.

144 **S**O' resta para ultima propriedade da semelhança, que assim a Oração do Padre-nosso, como a Ave-Maria, esteja tambem cada hũa toda em toda, & toda em qualquer parte: o que não parece difficultoso de persuadir, sendo hũa, & outra Oração palavras divinas. Porque se as palavras da Confagração, por serem de Christo, tem virtude para fazer, que seu Corpo esteja todo em todo, & todo em qualquer parte; as outras palavras divinas, porque não teraõ igual efficacia para obrar em sy mesmas a mesma maravilha? David fallando da Oração de cada dia, qual he a do Rosario: *In quacumque die invo Pfall. caverõ te: ecce cognovi quoniã 55. Deus meus es: diz assim: In^{10.} Deo laudabo verbum, in Domi^{11.} no laudabo sermonem. Quec dizer: que em Deos tanto louva*

Mat.

20.

22.

louva a palavra, como as palavras, tanto as poucas, como as muitas, tanto as simples, como as compostas; porque effa he a differença de *Verbum* a *Sermo*. He verdade, que na Lingua Grega, em que S. João escreveu o seu Evangelho, a mesma palavra, com que disse: *In principio erat Verbum*: igualmente significa *Verbum*, & *Sermo*: & assim o interpetrou o maior Theologo da Igreja Grega, S. Gregorio Nazianzeno, dizendo: *Editus ex illo Sermo, qui temporis expers*

Effigiem in se se Patris exprimit undique, & illi Par est naturâ.

Porém os Theologos Latinos, posto que não neguem, nem possam negar esta propriedade, attribuem com maior distincção o *Verbum* ao Filho de Deos antes da Encarnação, & o *Sermo* ao mesmo Filho depois de Encarnado; porque *Sermo* rigorosamente diz composição, a qual não ouve lenção depois da Encarnação no composto ineffavel de Christo. Supposto pois esta distincção de *Verbū* a *Sermo*; porque diz David fallando

da Oração de cada dia, que tanto louva a Deos pela palavra, como pelas palavras; tanto pelas poucas, como pelas muitas; tanto pelas simples, como pelas compostas: *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem*? Porque nas Orações compostas por Deos, tanto se contém nas muitas palavras, como nas poucas; tanto em todas, como em algumas; tanto em toda a Oração, como em qualquer parte della.

145 Vedeo na Oração do Padre-nosso composta de sete petições, nas quaes todas sete se contém em cada hũa, & cada hũa contém todas sete. Seja exemplo a primeira. Na primeira petição, *Sanctificetur nomen tuum*, pedimos a Deos, como entendem Santo Agustinho, S. Jeronimo, S. Chrysofomo, S. Cypriano, & todos os Padres, que seja Deos santificado em nós. E se Deos he santificado em mim, já o Reyno de Deos veio a mim: *Advēniat Regnum tuum*; porque *Regnum Dei intra vos est*: Se Deos he santificado em mim, já Eu faço a vontade de Deos

Joan.
1. 1.

Nazi-
anz.
Carm.
2. in
Arca-
nis.

Mat.
th. 6.

9.

Ibid.

10.

Luc.

17.

21.

Mat na terra, como no Ceo: *Qui*
7. *facit voluntatem Patris mei,*
21. *qui in caelis est* : Se Deos he
 santificado em mim, já lhe
 posso pedir o paõ nosso, co-
 mo meu; porque he paõ dos
Eccles. filhos: *Panis filiorum, non mit-*
in Miss *tendus cambus* : Se Deos he
Sacra santificado em mim, Eu per-
m. doo, & Deos me perdoa: *Di-*
Luc. *mittite, & dimittimini* : Se
6. 37. Deos he santificado em mim,
 a tentação não me vence a
1. Cor mim, senão Eu a ella: *Sed fa-*
10. *ciet etiam cum tentatione pro-*
13. *ventum* : Finalmente se Deos
 he santificado em mim, ne-
 nhum mal me póde aconte-
 cer, porque de todo estou li-
Psalm vre: *Non accedet ad te malum,*
90. E se dermos agora outra vol-
10. ta do fim do Padre-nosso pa-
 ra o principio; o mesmo cor-
 re por outro modo. Se estou
 livre de todo o mal, não pos-
 so cair em tentação; Se não
 posso cair em tentação, não
 posso deixar de perdoar, &
 ser perdoado: Se perdoar, &
 sou perdoado, não se me pó-
 de negar o Paõ do Ceo: Se
 converto em sustancia o Paõ
 do Ceo, assim como a vontade
 de Deos se fas no Ceo; assim
 a faço Eu na terra: **Se**

faço a vontade de Deos na
 terra, já o Reyno de Deos me
 pertence a mim: E se a mim
 me pertence o Reyno de
 Deos, também Deos está san-
 tificado em mim: *Sanctificetur* *Ubi*
tur nomen tuum. De sorte, que *supr.*
 de qualquer parte que tome-
 mos o Padre-nosso, & entrar-
 mos nelle como em hum ar-
 tificioso labarinto da idéa, &
 mão Divina; acharemos, que
 todas as sete petições se con-
 têm em cada hũa, & cada hũa
 em todas sete: todo em to-
 do, & todo em qualquer
 parte.

146 Dos sete Preceitos
 da segunda Taboa notou, &
 ensinou S. Paulo, que todos se
 contém em hũ só, & hũ só em
 todos: *Nam: Non adulterabis:*
Non occides: Non furaberis: Ro2
Non falsum testimonium di-
man-
ces: Non concupisces: & si quod *13. 9.*
est aliud mandatu, in hoc ver-
bo instauratur: Diliges proxi-
imum tuum sicut te ipsum. E a
 razão he, porque a mesma
 Ley, que manda em sete pre-
 ceitos não matar, não adul-
 terar, não roubar, &c. manda
 também em hum só precei-
 to, que cadahum ame a seu
 proximo, como a sy mesmo. **E**

E quem guardar este só preceito, não pôde deixar de guardar todos sete; porque elle se inclue em todos, & todos nelle: & por isso não he oitavo preceito, senão os mesmos sete encerrados em hum só. Do mesmo modo as sete petições do Padre nosso. Todas pede, quem pede hũa, se a pede com verdadeiro affecto: & quem assim pede, & alcança hũa, pede, & alcança todas; porque de tal forte se inclue cada hũa em todas, & todas em cada hũa, que não pôde estar a Oração toda em toda, sem que igualmente esteja em qualquer parte.

147 A mesma maravilha encerra tambem em sy a Ave-Maria. E porque a Virgem Senhora nossa tomou por sua conta provar este póto, são as provas tam milagrosas como suas. Quam milagrosa seja a virtude de toda a Ave-Maria, ou da Ave-Maria toda, não tem necessidade de repetição, pois todos sabem as muitas, & grandiosas mercês, que a Soberana Rainha dos Anjos tem feito, ainda àquelles devotos seus tam escasos, que hũa só

Ave-Maria lhe rezavaõ todos os dias. Mas que essa virtude da Ave-Maria toda, esteja toda em qualquer parte da mesma Ave Maria; porque parece cousa mais difficilissima, por isso he a que está mais provada. Havia em Hungria (diz S. Pedro Celestino) hũa Donzella muito devota da Virgem Senhora nossa; mas tam rude, & de tam fraca memoria, que nunca pode aprender mais que as primeiras tres clausulas da Ave-Maria: Ave-Maria; cheia de Graça, o Senhor he comigo. Isto só repetia muitas vezes; porém com tal espirito de devação, & com tamanha luz do Ceo, que as palavras se lhe convertião em resplandores, de que todos lhe viaõ cercado, & alumiado o rosto em qualquer lugar, onde rezava. Admirado de tam manifesto milagre o Bispo, & dezejeoso de que a Santa Donzella se adiantasse em maior perfeição, fez grandes diligencias, para que ao menos aprêdesse toda a Ave-Maria: & assim se conseguiu com grande trabalho. Mas qual foi o successo? Caso

prodigioso! Tanto que rezou toda a Ave-Maria, nunca mais lhe resplandecéo o rosto. Pois se aquella só parte da Ave-Maria era causa de tam milagrosos resplandores, a Ave-Maria toda porque não causava, ou maiores, ou ao menos os mesmos effeitos? Porventura na mesma Ave-Maria tem maior virtude a parte que o todo? Não. Antes quiz mostrar Deos, que se he grande virtude a que tem no todo, não he menor a que tem em qualquer parte. O Bispo imaginou, que se aquella devota rezasse toda a Ave Maria, receberia maiores favores do Ceo, do que rezando hũa parte sómente: & este pensamento quiz emendar Deos, & sua Santissima Mãe, fazendo cessar o milagre: para que entendesse elle, & todos, que na Ave Maria, como no Divino Sacramento, não só está o todo em todo, senão todo em qualquer parte: *Tantum esse sub fragmento, quantum toto tegitur.* Assim o mostrou o effeito. Porque tornando a mandar o Bispo que rezasse a devota, como dantes rezava, tornou

a resplandescer, como dantes resplandescia.

148 Não parou aqui a Senhora na prova, & confirmação desta maravilhosa verdade: & quiz, que soubessemos com a mesma evidencia, que não ha parte algũa na Ave-Maria, ou grande, ou pequena, ou menor, ou minima, em que a Ave-Maria não esteja toda. Mas como faremos nós esta demonstração? Vamos partindo a mesma Ave-Maria sempre em partes menores, & começemos pelo meyo, ou ametade della. O Veneravel Thomàs de Kempis accommettido fortemente pelo Demonio, que o queria afogar, valéose da Ave-Maria, dizendo: Ave Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo: Benta es tu entre as mulheres, & bento he o fruto do teu ventre. Mas o Demonio era tam rebelde, que não só resistio à primeira, & segunda clausula, senão tambem às duas seguintes. Só faltava de ultima o nome de Jesu: & quando Thomàs chegou ao pronunciar, aqui perdéo de todo as forças o inimigo, & fugindo desapparecéo. Isto obrou

obrou meya Ave-Maria. Vamos à outra parte menor. Santa Benevenuta rogava sempre à Virgem Maria, de quem era devotissima, lhe quizesse mostrar seu Bemdito Filho, não depois deste desterro, como todos pedimos, mas enquanto gemia, & suspirava nelle. Hum dia depois, em q̄ mais cresceraõ estes aff. ctos, veio pedir hum Minino à Santa, que lhe ensinasse a rezar a Ave-Maria. Era elle de estranha belleza; & como fossem rezando ambos: Ave-Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo: Benta es tu entre as mulheres: quando chegáraõ àquellas palavras: Benta he o fruto do teu ventre: Eu sou esse, disse o Minino: & abraçando a Santa, a deixou cheia de tanta consolação, & saudades, quaes merecia tal visita. Mas ainda esta parte da Ave-Maria foi grande. Partamos mais. Santa Getrudes estando muito enferma não podia rezar o Rosario, & só pronunciava as primeiras palavras da Ave-Maria: Ave-Maria, cheia de Graça: o Senhor he contigo. O demais supria com lagri-

mas. As quaes porèm enxugou, & pagou mui bem aos mesmos olhos o soberano objecto dellas. Aparecé. lhe a Rainha dos Anjos com toda a Magestade, que tem no Ceo, vestida de gloria, & a bordadura das roupas toda era recamada daquellas mesmas palavras, que só podia rezar, para que Getrudes as lesse mais ricamente gravadas, que nas Estrellas: & para que entendesse, que na estimação da Mãy de Deos não tinha menos valor aquella pequena parte da Ave-Maria, que toda. E esta parte tam pequena poderseha ainda partir? Ainda. Entrou na Ordem de Cister hum velho, o qual tinha estudado tam pouco em sua vida, que não sabia o Padre-nosso, nem a Ave-Maria. Ensináraõno na Religião; mas em todo o anno de noviciado sómente chegou a saber dizer, Ave-Maria, cheia de graça; sem poder já mais passar adiante. Estes eraõ os seus Psalmos, quando os Monges estavaõ no Coro; & quando não estavaõ, tambem: porque tendo tam pouca memoria para aprender,

prender, era tanta a memoria, que tinha da Virgem Santissima, que em todo o tempo, & lugar, fenaõ esquecia de a laudar, & louvar, como que sabia, & pedia, que não era pouco, pois era tudo. Morreo em fim o bõ velho, & para eterna memoria de quam aceita tinha sido à Senhora aquella pequena parte da Ave-Maria, nascéo da sua sepultura hũa arvore, em cujas folhas estava escrito com letras de ouro, Ave-Maria, cheia de graça. Já aqui parece que poderamos parar, mas como aquellas folhas se podiaõ partir, partamos nós tambem, & cheguemos até a ultima, & minima parte da Ave-Maria, q̃ he Ave-Maria sòmente. Havia huma devota mulher, devota, mas illula, como muitas vezes acontece. Transfiguravase o Demonio em Anjo de luz, apparecialhe em diferentes visões, & revelavalle Mysterios altissimos, com que ella tanto se tinha por mais Santa, quanto elle a levava mais perdida. Pedio-lhe hũa vez, tendo por verdadeiro Anjo, q̃ lhe quizesse mostrar hũa Imagem da Vir-

gem Senhora nossa, que a representalle ao vivo, porque nenhũa das que via, satisfaziaõ ao conceito, que tinha de sua estremada fermosura. Fello assim o Demonio como tam grande pintor. E que succedèõ? Vendo a simples mulher a Imagem, que era fermosissima, postrase de juelhos diante della, começa a laudar a Senhora com a Ave-Maria; & tanto que pronunciou estas duas palavras sòmente, no mesmo ponto a Imagem se desfez em fumo, o Anjo se convertèõ em hum Demonio feissimo, as visões, & revelações mostrão que eraõ engano, & a mulher sobre tudo se conheceo a sy mesma, & deu as graças à Máy de misericordia. Tanto pode só aquella parte minima de huma Ave-Maria.

149 Assim que não ha parte, ou maior, ou menor da Ave-Maria, em que para favor dos que a rezaõ, não esteja toda. Donde Eu venho a inferir, que assim como Christo partindose deste mundo, nos deixou seu Corpo no Sacramento; assim a Senhora subindo ao Ceo se deixou como

como Sacramentada comno-
co na Ave-Maria: & porisso
toda a sua assistencia em to-
da, & toda em qualquer par-
te. Sentença he muy cômum
dos Theologos, que no San-
tissimo Sacramento do Altar
se adoraõ reliquias da Virgẽ
Maria. E que estas são aquel-
las mesmas partes de Carne,
& Sangue, q̃ o Filho de Deos
encarnado recebẽo de suas
purissimas entranhas; & as
conservou sempre em hon-
ra, & reverencia sua. E assim
como aquellas reliquias es-
taõ todas em todo, & todas
em qualquer parte do Sacra-
mento; assim estas (que o são
do seu amor) estaõ todas em
toda a Ave-Maria, & todas
em qualquer parte della, com
o mesmo privilegio indivisi-
vel, que he proprio das reli-
quias, cujas Almas estaõ no
Ceo. Pensamento notavel foi
o do Rico Avarento, em pe-
dir que Lazaro o soccorresse
só com hum dedo, ou com a
parte extrema delle: *Ut in-*
tingat extremum digiti sui in
aquam. Muitos dizem, que
atè nisto se mostrou avaren-
to: mas não foi avareza, se-
não veneraçãõ, & respeito, &

Luc.
16. 24

hum reconhecimento certo
do privilegio que Lazaro já
gozava como Santo. Os San-
tos depois da morte tãta vir-
tude tem em seus corpos to-
dos, & inteiros; como em
qualquer parte delles: & co-
mo o Avarento vio a Lazaro
no seyo de Abraham en-
tre os Santos, entendẽo, que
tanto o podia soccorrer todo
Lazaro, como qualquer par-
te delle, & porisso pediu só a
parte minima de hum dedo.
He o que disse em semelhante
caso Theodoret, dando a ra-
zãõ porque muitas Cidades
repartiraõ entre sy o Corpo
de hum Martyr, & o tomaraõ
por Padroeiro: entendendo
(como na verdade era) que
tanta virtude tinha o Santo
em qualquer parte, ou reli-
quia do seu Corpo, por míni-
ma que fosse, como em todo:
Quia tennes, ac tantillæ reli-
quiae toti, nullasque in partes
dissecto parem habent virtutẽ?
E se esta prerogativa tam ma-
ravilhosa se experimenta nas
reliquias dos Santos, quanto
mais nas da Santa dos Santos?

Theo-
doret.
lib.
8. de
Mar-
tyri-
bus.

150 Nem obsta, que as
reliquias, que a Senhora tem
do Sacramento, sejaõ da mes-

ma

ma Carne, & Sangue de Christo, & as que nos deixou na Ave-Maria, sejaõ sómente palavras; porque tambem as do Padre-nosso são palavras, & o mesmo Christo fallando dellas as equipâra não menos que a sua Carne, & Sangue no Sacramento. Assim como

Ioan. 6. 57. Sangue: *In me manet, & Ego in illo*: assim diz das suas palavras: *Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint.*

E que palavras são estas? São as palavras do Padre-nosso, diz Santo Agustinho, & o provadas que logo se seguem, cõ que o mesmo Senhor cõcluiu a sua sentença: *Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis, petetis, & fiet vobis.* Se vós estiverdes em mim, & as minhas palavras, que vos ensinei na Oraçãõ do Padre-nosso, estiverem em vós, tudo quãto quizerdes, & pedirdes por ellas, vos será concedido. *Ad verba ejus pertinet oratio, quam nos docuit* (diz o Santo) *ab hujus verbis, & sensibus non recedamus in petitionibus nostris, & quidquid petimus, fiet nobis.* E se as palavras do

Padre-nosso, & Ave-Maria (que são as partes de que se compoem o Rosario Vocal) são tam parecidas à Carne, & Sangue de Christo no Sacramento, & às reliquias da mesma Carne, & Sangue, que a Senhora tem no mesmo Sacramento, que muito he, que na prerogativa de estarem todas em todas, & todas em qualquer parte, se pareça tambem o Sacramento do Rosario com o Sacramento do Altar?

VIII.

151 **A**Tèqui as semelhãças. Para declarar as vantagens, seria necessario outro mais largo Discurso. Mas pois não temos lugar de discorrer nellas, como convinha; corramos por ellas. Suppondo pois (como todos devem entender) que as vantagens só podem ser em respeito de nós, & das nossas cõveniências: primeiramête Christo no Sacramento, *Mors est malis, vita bonis*, he morte para os maõs, & vida para os bons: porèm no Rosario, para os bons, para os maõs, para

todos he vida. Os bons pela devaçaõ do Rosario se fazem Santos, & os maõs, por grandes peccadores que sejaõ, rezando, & meditando o Rosario se convertem, & se emendaõ, & ficaõ justos. Digaõno os ladrões, os homicidas, os adulteros, os blasfemos, os sacrilegos, & atè os Herèges sem numero reduzidos à Fè, & reconciliados à Graça por meyo do Rosario. Notavel differença he a com que Christo nesta vida aceitava a mesa dos homens, & agora no Sacramento nos admite à sua. Perguntáraõ hũ vez os Escribas, & Fariseos aos Discipulos de Christo, porque razãõ seu Mestre, professando tanta santidade, comia com publicanos, & peccadores? E respondéo o Senhor aquella divina, & discretissima sentença: *Non est opus valentibus Medicus, sed malè habentibus*: dizeilhe, que os enfermos sãõ os que haõ mistero Medico; & naõ os sãos. O Sacramento tambem se chama *Pharmacum immortalitatis*, medicamento da immortalidade; mas he medicamento, que se immortaliza

os sãos, mata os enfermos. Pois se Christo antes de Sacramento os sarava, como agora no Sacramento, & com o mesmo Sacramento os mata? A razãõ desta differença, & da que tem o Sacramento com o Rosario, deu S. Paulo naquellas palavras: *Iudicium sibi manducat, & bibit* No Sacramento estã Christo como ha de vir, no Rosario estã como veyo, no Sacramento estã como Juiz, no Rosario estã como Medico. Porisso no Sacramento como Juiz dà vida aos bons, & morte aos maos & no Rosario como Medico livra da morte aos maõs, & conserva a vida aos bons. Este foi o altissimo conselho, com que todos os Mysterios, de que a Virgê Senhora nossa compoz o seu Rosario, forãõ da primeira vinda de seu Filho, & nenhum da segunda. Os Mysterios do Rosario só comprehendem, o que Christo obrou, desde que sahio do Ceo, & do seio do Padre, atè que se assentou à sua dextra. E que faz o mesmo Senhor à dextra do Padre, donde ha de vir a julgar, emquanto naõ vem? *Purgationem peccatorum*

1. Cor.

11.

29.

Hebr.

1. 3.

rum

Mat.
th. 9.
12.

rum faciens, sedet ad dexteram maiestatis in excelsis: diz S. Paulo. Tudo o q̄ faz Christo à dextra do Padre applicando a efficacia de seus merecimentos, & Mysterios (que são os que se contêm neste extracto de Rosas) he purgar como Protomedico Divino a todos os peccadores, & purificarlos de seus vicios, por mais enormes que sejaõ. Ah Judas, que se depois de haver vendido a teu Mestre te lançaras aos pès da sua Cruz, dizendo: *Dimitte nobis*: como he certo, que o benignissimo Redemptor, o qual pelos mesmos, que o pregáraõ nella, disse: *Pater, dimitte illis*: te perdoaria tambem a ti? E se não tendo rosto para apparecer em sua presença, recorrerás à de sua Mãe, dizendo: *Ora pro nobis peccatoribus*: igualmente não ha duvida, q̄ alcançarias perdaõ, & te restituirias à sua Graça. E se isto obrariaõ huma só clausula do Padre-nosso, & outra da Ave-Maria, no maior peccador, q̄ fará em todos os outros o Rosario 'inteiro?

152 A esta ventagem de conveniencias (que já lhe

naõ chamo só nossas) se acrescenta a segunda, naõ menos certa. E qual he? Que muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. Quando Christo se despedio de nós, & nos deixou no Sacramento a sy mesmo, o que sómente nos pedio, foi a memoria: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*. Grande cousa deve de ser a memoria do homem, pois empenhãdofe todo Deos na dadiva, só nos pedio a memoria por desempenho. Dimas pedio a Christo a memoria, & deulhe o Paraíso: Christo pedionos a nós a memoria, & damoslhe o Rosario: mas he muito maior memoria a que lhe damos, que a que nos pedio. E se não, saibamos que memoria foi a que Christo nos pedio, & dezejou de nós no Sacramento? S. Paulo o disse expressamente: *Hoc facite in meam commemorationem. Quotiescumque enim manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Domini annuntiabitis*. Desorte, que a memoria, que Christo dezejou de nós no Sacramen-

Eccles. in Ca. non. Miss.

1. Cor. 11.25.

to, foi só a memoria de sua morte. É a memoria, q̄ lhe damos no Rosário, qual he? He a memoria da morte, & mais da vida, & não só memoria da morte, & da vida, senão da Vida, da Morte, & da Ressurreição, & Gloria do mesmo Christo. Logo muito maior memoria he a que damos a Christo no Rosário, do que elle nos pediu no Sacramento. No Sacramento pedionos a memoria de hum só Mysterio, no Rosário damos-lhe a de todos. Tanto vay de memoria a memoria: mas ainda não está pôderada. Posto que a Morte de Christo fosse mysterio de hum só dia, era merecedora de que nos lembrassemos d'elle, não só todos os dias, senão todas as horas. E he cauza digna de grande admiração, que nos não pedisse o Senhor esta memoria de sua morte para todos os dias, senão para aquelles sómente em que commungassemos. *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*: disse o mesmo Christo. E S. Paulo: *Quotiescumque manducabitis panem hunc, & calicem bibetis: mortem Do-*

mini annuntiabitis. Pois se Christo tanto dezejava a nossa memoria, porque a limitou sómente aos dias, em que commungassemos? Seria porque suppoz que haviamos de commungar todos os dias, como faziaõ os Christãos da Primitiva Igreja? Assim parece. Mas depois que a ingratição, & esquecimento dos homens foi tal, q̄ chegou a mesma Igreja a lhe pôr preceito de commungar huma vez no anno; como ficaria o Sacramento, se o não soccorresse o Rosário? Bem parece soccorro de sua Máy. No Rosário tem Christo a satisfação da memoria, com que dezejou ser lembrado, & no Rosário o reparo do esquecimento, com que fiando se de nós, se expoz a ser esquecido. E desta maneira não só igualou a memoria do Rosário, mas excedéo o memorial do mesmo Christo: pois sendo o Sacramento memorial seu de hum só dia, & hum só Mysterio; o Rosário he memoria de todos os seus Mysterios, & de todos os seus dias. Deixo, porquéimos correndo, a ventagem de o Sacra-

mento nos pedir só a memoria, & o Rosario lhe dar a memoria, & mais o entendimento: a memoria na apprehensão dos Mysterios, & o entendimento na meditação delles.

153. Daqui porèm se segue outra grande ventagem, ou maravilha, & he, que estando Christo no Sacramento encuberto, & invisivel tivesse poder, & arte o Rosario para romper aquellas paredes dos accidentes, & o descobrir, & fazer visivel. Assim o via a Espola, posto que detrás das mesmas paredes, quando disse: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras.* Christo no Sacramento venos a nós, ainda que nós o não vejamos a elle: mas de q̄ modo nos vê? Segundo a mais filosofica Theologia, não nos vê com os olhos do Corpo, por q̄ o Corpo Sacratissimo está alli por modo espirital, & indivisivel, em que as acções, que requerem extensão, não podem ter exercicio. Mas a Divindade, & a Alma do mesmo Senhor, tem naquellas mesmas paredes, abertas tres janellas, pelas

quaes nos vem muito melhor que com os olhos. Huma he a sciencia divina, com que tudo he presente, & manifesto a Deos: outra he a sciencia beatifica, com que Christo emquanto Homem, vendo a Deos, vê nelle tudo: a terceira he a sciencia infusa, que pelas proprias especies sem dependencia de outras vê também quanto quer ver. Estas são as janellas, pelas quaes diz a Espola, que estando detrás da parede a via o Divino, & Humano Esposo: *En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras.* Desta maneira nos vê Christo no Sacramento, sem ser visto de nós, ou nós o vemos com os olhos do corpo: os quaes, ainda q̄ fossẽm de lince, não podiaõ penetrar aquellas paredes. Mas o poder, & arte do Rosario he tal, que nas mesmas paredes abriu, não tres, senão tres vezes sinco janellas, pelas quaes, por mais que Christo no Sacramento esteja invisivel, o vemos: & estas são, diz S. Bernardo, a Oração Mental, & Vocal, com q̄ meditando oramos, & orando o louvamos: *Quod si pro-*

D. Bernard,

consideratione divinæ dignationis, libet animam laxare in vicem laudis, & gratiarum actionem: puto me amplissimam stanti post parietem Sponsæ januam aperire. Por este modo pois as meditações, & orações do Rosario, segundo o numero dos seus Mysterios, abrem nas paredes do Sacramento outras tantas janellas, pelas quaes vemos a Christo, & o louvamos, não só emquanto morto, senão em quanto vivo, morto, & immortal, & em todas as idades, & estados da mesma vida, morte, & immortalidade; em que os olhos da Virgem Maria o não viraõ, né os do mesmo Christo o pudéraõ, ou se pudéraõ ver juntamente, & no mesmo tempo. Pelos Mysterios Gozofos vemos a Christo encarnado, peregrino, nascido, apresentado, perdido, & achado no Templo. Pelos Mysterios Dolorosos vemos o suando sangue, cuberto de açoutes, coroado de espinhos, com a Cruz aos hombros, & pregado nella. Pelos Mysterios Gloriosos, vemos o resuscitado, subindo ao Ceo, mandando o Espirito Santo, acompa-

nhando o triumpho de sua Mãe, & pondolhe a Coroa. E tudo isto, que a mesma Senhora, & o mesmo Christo obráraõ em tantos annos, & não pudéraõ ver em menos tempo; vemos nós no breve espaço, em que se reza o Rosario, com os olhos das suas meditações, & com as vozes das suas orações o agradecemos, & louvamos. E se Christo como amante tam ancioso, não só nos dezeja ver, senão tambem ser visto de nós (como não podia deixar de ser visto de quem dizia: *En ipse stat post parietem nostrum*;) esta satisfação do seu dezejo, que impediaõ as paredes do Sacramento, lhe deu tambem nelle o Rosario, rompendo, & penetrando as mesmas paredes.

154. Finalmente o Sacramento he o Mysterio da Fé, & o Rosario he a fé, a confissão, & o louvor de todos os Mysterios, que ella professa, & ensina. No Sacramento, posto que se parta a Hostia, sempre está Christo como pão inteiro: no Rosario está como pão partido: & por isso ainda que no Sacramento se

coma, no Rosario se gosta, & se digere. O Sacramento chama-se Eucharistia, q̄ quer dizer acção de graças; mas essas graças no mesmo Sacramento estaõ mudas, & em silencio; no Rosario não só as ouyem, Deos, & os Anjos, senão tambem os homens, por q̄ se cantaõ, & publicão a vozes. O Sacramento, como diz Jeremias, he escudo do coração, *Scutum cordis*; mas escudo que não podemos trazer conosco: o Rosario trazemolo nas mãos, no peito, no cinto, & basta que o tragamos conosco materialmente, para que nos defenda dos Demonios, das feras, das balas, dos rayos, como muitas vezes se tem visto. O Sacramento não se pôde commungar senão nos lugares sagrados, onde se consagra: o Rosario pôde se tomar na boca, & meditar no coração, na Igreja, & fóra della, na casa, & no campo, no mar, & na terra, & em todo o lugar, por menos santo, & profano que seja. O Sacramento tem horas determinadas, & certas, em que só o podem receber os Fieis: o Ro-

sario pôde se rezar, & meditar pela manhã, & à tarde, antes, & depois de comer, de dia, & de noite: & não he interdito, ou cessatio à divinis, que prohiba seu exercicio, & nos prive delle. O Sacramento só se pôde commungar huma vez em hũ dia: o Rosario pôde se multiplicar, repetir, & rezar tantas vezes cada dia, como se verá neste exemplo, cõ que quero acabar.

153. Visitando os Hospitales de Anvers hum Religioso de nossa Companhia, por nome Hermano Spruit, achou entre os incuraveis hũ Soldado velho, & ethico, ao qual depois de o ouvir de Confissão, ou lhe deu em penitencia, ou lhe aconselhou, que rezasse o Rosario. Ouvindo o nome de Rosario, não o entendeo o Soldado, porque era daquelles, que tirados do arado para as armas, sempre são rusticos. Instruido porém do que continha esta devação da Virgem Maria, se lhe afeiçãoou com tal estremo, que disse ao Confessor, que se desde minino tivera aquella noticia, nenhum dia de sua larga vida havia de ter passado.

Thren.
3. 65.

do, em que não rezasse o Rosario. E que fez? Como aquelles, a quem se lhe poem o Sol, antes de acabar a jornada, apressão, & multiplicação os passos; assim elle se resolveo a rezar quãtos mais Rosarios lhe fosse possível, emquanto lhe durasse a vida. Mas não parou aqui: antes a esta boa resolução acrescentou outro maior, acompanhada de hũa nova esperança, q̃ como desconfiado dos remedios humanos, ninguem podia ter elle. Esperou, que se a Virgem Senhora nossa naquella sua debilidade lhe cõservasse os alêtos necessarios, em espasso de dous annos, podia rezar tantos Rosarios, q̃ igualassem todos os dias de sua vida, em que os dezejava ter rezado, & não soubera. Com este notavel pensamento perguntou a hum Arithmetico, quantos dias taziaõ sessenta annos, que eraõ os q̃ tinha de idade? E sendo lhe respõdido, que Vinte & hum mil & nove centos dias: perguntou mais quantos Rosarios havia de rezar cada dia para igualar este numero em espasso de dous annos? Res-

pondeo o Arithmetico com a mesma certeza, que pontualmente se repartiaõ em trinta Rosarios cada dia. Que mancebo ha tam forte, & tam robusto, que não desfaiasse ouvindo taes numeros? Mas o velho, & sobre velho incuravelmente enfermo, arrimado da poderosa mão, a quem servia, sem lugar das suas o Rosario, rezando de dia, & de noite, nenhum dia ouve, em que faltasse, nem às contas de cada Rosario, nem à conta de todos trinta. Chegou em fim (caso verdadeiramente admiravel, & de grande consolação para todos os devotos) chegou em fim o fim dos dous annos, & chegãtaõ tambem os Rosarios ao numero de Vinte & hum mil & nove centos: & tanto que se ajustou a conta dos Rosarios com a conta dos dias, que aconteceu? Sem rezar mais huma Ave-Maria, nem viver mais hũ momento; no mesmo dia acabou os seus dias o venturoso Soldado, & no mesmo dia foi receber o premio dos seus milhares de Rosarios nas Eternidades da Gloria, onde mil annos são hum dia.

156 Assim alcançou da Mãe de Deos os dous prazos, que esperou de sua benignidade : assim lhe davaõ forças para rezar os mesmos Rosarios, que rezava: & assim soube recuperar o que tinha perdido, & viver, o que não tinha vivido em toda a vida. E quem haverá à vista deste exemplo, que por occupação, ou por descuido, ou por total esquecimento de Deos, & desy, não reze o Rosario hũa vez cada dia, ou quando menos hũa parte d'elle? Não permitta Deos tal frieza de Fè, & de piedade, em Alma algũa Christãa, que não poderá ser senão precïta. Ninguem haja pois, que não frequente este terceiro Sacramento do Rosario em todos os dias de sua vida, para que se não arrependa de o não ter

rezado na hora da morte. E nós acabando este largo Discurso; por onde o começámos, louvamos, & chamemos Bemaventurada à Virgẽ Maria por todos os tres Sacramentos, em que o dividimos. Bemaventurada no Sacramento do Evangelho, pois trouxe encerrado em suas entranhas o Verbo Eterno: Bemaventurada no Sacramento do Altar, pois lhe deu a Carne, & Sangue, materia de que he composto: & Bemaventurada no Sacramento do Rosario, pois o instituio com tal fórma, que elle he a reformação do Mundo. Levãtando pois a voz, com a que excitou o Espirito Santo entre as Turbas; digamos huá, duas, & tres vezes: *Beatus Venter, Beatus Venter, Beatus Venter, qui te portavit.*

FINIS.



S E R M A M

X X.

Jacob autem genuit Iudam, & fratres ejus. Matth. 1.

II.

57



QUEM negará, que são os homens filhos de Adam? Quem negará, q̄ são filhos daquelle primeiro soberbo, o qual não reconhecendo o que era, & querendo ser o que não podia, por huma presunção vã se perdêo a sy, & a elles? Fellos Deos a todos de huma mesma massa, para que vissem unidos, & elles se desunem: fellos iguaes, & elles se desigualão: fellos irmãos, & elles se desprezaõ do parentesco: & para maior exaggeração deste esquecimento da propria natureza, baste o

exemplo, que temos presente. O Domingo passado, falando na linguagem da terra, celebráõ os Brancos a sua Festa do Rosario, & hoje, em dia, & acto apartado, festejaõ a sua os Pretos, & só os Pretos. Atè nas cousas sagradas, & que pertencem ao culto do mesmo Deos, que fez a todos iguaes, primeiro buscaõ os homens a distincção, que a piedade.

158 *Jacob autem genuit Iudam, & fratres ejus: Jacob, diz o nosso Thema, gerou a Judas, & a seus irmãos: & que irmãos eraõ estes? Huns eraõ filhos de Lia, & de Rachel, outros eraõ filhos de Bala, escrava de Rachel, & de Resa,*

Mat. I. 2

escrava de Lia. Pois se entre as mãys havia hũa differença tam grande, & tam notavel na effimzação dos homês, quanto vai de Senhoras a Escravas; como não distingue o Evangelista os filhos, & a todos sem distincão, nem differença, chama igualmente irmãos: *Et fratres ejus*: Olhai para o Livro, donde se tirou este Texto: *Liber generationis Jesu Christi*: Livro da geração de Jesu Christo. O fim porque Jesu Christo veio ao mundo, foi para reformar os erros de Adam, & seus filhos, & para os restituir à igualdade, em que os tinha criado, desfazendo totalmente; & reduzindo à primeva, & natural uniaõ, as distincões, & differenças, que a sua soberba entre elles tinha introduzido. Tanto he de Fè esta razão; como o mesmo Texto.

Ouvi a S. Paulo: *Expoliantes vos veterem hominem cum ac-*
tibus suis, & induentes novum,
qui renovatur secundum ima-
ginem ejus, qui creavit illum.
Ubi non est Barbarus, & Scy-
tha, servus, & liber, Despivos, (diz o Apostolo) do homem velho, que he Adam, com to-

dos seus abusos, & vestiyos do novo, que he Christo, o qual veio renovar, & reformar em todos os homens a imagem, a que Deos os tinha criado, na qual não ha Barbaro, ou Scythia escravo, ou livre; mas todos são iguaes. Faz menção entre os Barbaros nomeadamente dos Scythas, porque a Scythia era a Angõla dos Gregos, com quem fallava. E porque, na Ley de Christo, onde ha hum só Deos, hũa só Fé, & hum só Bautismo, como diz o mesmo S. Paulo, tambem não ha, nem deve haver distincão de Escravo a Senhor, nem de cativo a livre: por isso o Evangelista aos filhos de Lia, & Rachel, que eraõ as Senhoras, & aos de Bala, & Resfa, que eraõ as Escravas, a todos sem differença de condição, ou nascimento, igual, & indistintamente chama irmãos: *Judam, & fratres ejus.*

159 Isto he o que diz, & ensina o Evangelho; mas o que vemos na nossa Republica, não em alguns, senão em todos, he tudo o contrario. Consta esta grande Republica de tres sortes, ou tres

cores

Ibid. 1.

Collos.

3. 9.

10.

11.

cores de Gentēs : Brancos, Pretos, Pardos. E posto que todos se prezaõ, & professaõ servir a Virgem Maria, Senhora nossa, & se poderão reduzir a hũa só Irmandade como na casa de Jacob, da qual he descendente a mesma Senhora; seguindo porém todos mais a differença das cores, que a unidade da profissãõ, não só os não vemos unidos em huma Irmandade, ou divididos em duas, mas totalmente separados em tres. Os em que acho menos razãõ, são os Pardos, porque não só separãõ a Irmandade, mas mudãõ o appellido. Os Brancos, & os Pretos, sendo cores extremas, conservãõ o nome do Rosario, & os Pardos, sendo cor meya entre as duas, por mais se estremarem de ambas, deixando o do Rosario, tomãõ o da Guadalupe. Por certo, que foraõ mal aconselhados; porque a Senhora do Rosario igualmente abraça todas estas tres cores: *Quæ est ista, quæ progreditur quasi Aurora consurgens, pulchra ut Luna, electa ut Sol?* Comparase a Senhora à Aurora, à Lua, &

ao Sol: porque? Porque igualmente como Mãe, & como filhos, & irmãos, abraça com seu amor os Brancos, os Pretos, & os Pardos, & allumia com sua luz todas estas differenças de cores: como Sol aos Brancos, que são o dia; como Lua aos Pretos, que são a noite; & como Aurora aos Pardos, que são os crepusculos.

160 Bẽ poderão os Pardos aggregarse aos Pretos, pela parte materna, segundo o Texto geral: *Partus sequitur ventrem*: mas Eu não quero senãõ, que se aggregassem aos Brancos; porque entre duas partes iguaes, o nome, & a preferencia deve ser da mais nobre. Nas mesmas duas cores temos a prova. Fez Deos o dia, & a noite cõ tal igualdade, que segundo diversos tempos do anno, nẽ em hum minuto de tempo excede o dia à noite, ou a noite ao dia. E a este espasso de vinte & quatro horas, que se compoem de dia, & de noite, como lhe chamou Deos desde seu nascimento? Chamou-lhe dia: *Factum est vespere, & Geneſ. manè dies unus.* Pois se no
melmo

mesmo espafso de tempo composto de duas ameta-
des iguaes , tanta parte tem a
noite, como o dia ; porque le
chama dia , & não se chama
noite? Excellentemente S. Ba-
filio Magno : *Facta est vespere,
factum est manè , quibus
diem, noctemque significat : non
tamen diem , & noctem hæc
nuncupavit , sed præstabiliori
totam tribuit appellationem.*
Ainda que no circulo , que
faz o Sol, do Oriente ao Oc-
caso, & do Occaso ao Orien-
te , tanta parte tenha a noite,
como o dia , & o dia seja cla-
ro , & a noite escura ; comtu-
do àquelle espafso , que se
compoem destas duas par-
tes iguaes , chamalhe Deos
dia , & não lhe chama noite ;
porque o nome , & a prefer-
encia sempre deve seguir a
parte mais nobre : *Præstabili-
ori totam tribuit appellationem.*
Por esta regra , q̃naõ he me-
nos que divina , ainda que a
cor parda se cõponha igual-
mente da preta, & da brãca, se
devia aggrègar , como digo,
à branca, & não à preta. Mas
pois os Pardos se quizerão
antes distinguir de ambas , &
com tanta differença, que atè

o appellido da Senhora tro-
cáraõ, & o deixáraõ o do Ro-
sario : com tanto que o rezê,
como os outros devotos del-
le , a S. berana Virgem , que
invocada debaixo de qual-
quer nome he a mesma , le
darà por latisfeita da sua de-
vação.

161 Excluidos assim, por-
que se quizerão excluir , os
Pardos ; ficaõ só os Brancos,
& Pretos , cujas cores , ainda
q̃ extremas , se poderão mui-
to bem unir na mesma Irman-
dade. Naquelle contrato que
Jacob fez com Labaõ sobre
as rezes pretas, & brancas, &
as de cor misturada, & varia,
sempre estas ficáraõ separa-
das a hũa parte, & as brancas,
& pretas a outra : *Separavit* Genes,
varios, atque maculosos : cunc- 30.
tum autem gregem unicolore, 35.
idest, albi, & nigri velleris,
tradidit in manu filiorum suo-
rum. E por mais que este cõ-
trato se trocou dez vezes , he
couza muito notavel , que as
rezes brancas , & pretas , ou
passassem de Jacob a Labaõ,
ou de Labaõ a Jacob , sempre
andáraõ unidas. Logo bem
podéraõ tambem andar uni-
dos , & debaixo da mesma Ir-
manda-

mandade os Brancos, & os Pretos. E se quizermos tornar à metâfora do dia, & da noite, assim puzerão huns, & outros juntos no mesmo coro os Cantores de Babilonia: *Benedicite noctes, & dies Do-*

Daniel mino. Respondiaõse alternadamente os dias às noites, & as noites aos dias; & com uniformes vozes, posto que humas mais claras, & outras menos; todos juntamête louvavaõ, & bemdiziaõ a Deos. Mas aindaque esta uniaõ fora muito propria da Ley Evangelica, em que a differença das cores não dirime a irmandade, nem faz distincção entre Senhores, & Servos; cõ tudo David, como Profeta, vio isto mesmo, que nós temos diante dos olhos. Porisso fez dous coros differentes, & separados, de Brâcos, & Pretos, hum em que poz os dias, que não respondiaõ às noites,

Palm. sennaõ aos dias: *Dies diei eru-*
18. 3. *stat verbum:* & outro em que poz as noites, em que tambem não respondiaõ aos dias, sennaõ às noites: *Et nox nocti*

Ibidem indicat scientiam.

162 Supposta pois esta distincção, & separação de Ir-

mandades, hũa dos Brancos, outra dos Pretos, hũa dos Senhores, outra dos Escravos; o meu assumpto, ou questaõ, muito digna de se disputar, será hoje esta: Qual destas duas Irmandades he mais grata, & mais favorecida da Mãe de Deos: Se a dos Pretos, ou a dos Brancos, a dos Escravos, ou a dos Senhores: Hũs, & outros estaõ presentes, & a todos toca igualemente ajudaremme a pedir a Graça.

Ave Maria, &c.

II.

Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus.

163 **T**Res causas tem nesta nossa Republica, os que se chamaõ Senhores, para a grande distincção que fazementre sy, & os seus Escravos. O nome, a cor, & a fortuna. O nome de Escravos, a cor preta, & a fortuna de Cativos, mais negra que a mesma cor. Agora veremos, se são bastantes estas tres causas, para que na estimacção da Soberana Rainha dos Anjos tenhaõ melhor lugar

gar os Senhores, que os Escravos, os Brancos, que os Pretos, & a humilde fortuna desta segunda Irmandade, q̄ a Nobreza da primeira.

164. Começando pois pela comparação dos Escravos cō seus Senhores, no primeiro Patriarcha desta mesma genealogia do Evangelho, q̄ foi Abraham, tem os Escravos hum exemplo, que por todas suas circumstancias favorece pouco o seu partido. Havia naquella familia dous Escravos, hũa mãy chamada Agar, & hum filho chamado Ismael, os quaes representavaõ com grande propriedade as duas differenças dos que temos presentes. Agar, que quer dizer Peregrina, era trazida da Africa, porq̄, como diz o Texto Sagrado, era *Egyptia: Ancillam Egyptiam nomine Agar: & Ismael era nascido em casa do mesmo Abraham, como consta do mesmo Texto: Peperitque Agar Abræ filium.* Taes são hūs, & outros Escravos, os de que se compõem esta Irmandade: huns chamados Angolas, que são trazidos da Africa, outros que se chamaõ Criou-

los, & são nascidos, & criados no Brasil em casa de seus Senhores. He o q̄ tinha promettido Isaias à nova Igreja convertida da G. ntilidade, que huns filhos lhe viriaõ de longe, & outros se levantariaõ do teu lado: *Filij tui de longè Isai. venient, & filia tuae de latere surgent* Isto posto, vamos ao caso. Primeiramente diz a Escritura, que Sara molher de Abraham tratava com tanto rigor a Agar, que a obrigou a fugir, & tornando outra vez para casa não menos a padrinhada que por hum Anjo; finalmente disse a Abraham, que lançasse de casa a escrava, & a seu filho: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus: & assim se fez. Saibamos agora: E esta Sara, quem era? Dizem as Allegorias, que era figura da Virgem Maria Senhora nossa, & se confirma com o seu proprio nome; porque Sara quer dizer *Domina*, a Senhora. Logo pouco favor parece, que podem esperar da Senhora, não só alguns Escravos, senão todos, ou sejaõ os de longe, como Agar, ou os de perto, como Ismael.*

165. Nunca vistes hũa fi-
gura

Genes
16.3.

Ibid.
15.

Genes.
21.10.

gura mal pintada? Pois assim he Sara, figura da Virgem Maria. As figuras bem pintadas mostram a semelhança: as mal pintadas encarecem a differença. Quereis ver bem pintadas as nossas Senhoras no rigor, & pouca piedade, com que trata os Escravos; olhai para Sara. E se quereis ver o encarecimento de piedade, & amor, com que a Senhora das Senhoras os trata, ponde os olhos na Virgem Maria. Para prova de quanto a Virgem Maria ama, & estima os Escravos, & não despreza este nome, não tenho menos q̄ tres testemunhos, todos tres Divinos: o de Deos, o do Filho de Deos, & o da Mãe de Deos. Comecemos por este ultimo. E para que appareça melhor o encarecimento da differença, não tiremos os olhos da figura de Sara.

166 Quando o Anjo trouxe a embaixada à Senhora, depois de lhe chamar cheia de graça, & bendita entre todas as mulheres, lhe disse, que seria Mãe de hum Filho tam grande, que se chamaria Filho de Deos, & herdaria o

cenho de David seu Pay. E a Virgem, que sobre todos os ritulos estimava o de Virgem, depois de replicar o que podia fazer duvida à sua pureza, as palavras, com que aceitou a Embaixada, foraõ: *Ec. Luc. 1. 38. ce Ancilla Domini*: Eisaqui a Escrava do Senhor. Pois agora, quando pela herança do Filho, como Filho de David, lhe pertencia o Senhorio de Israel; & agora quando pela herança do mesmo Filho, como Filho de Deos, lhe pertencia o Senhorio do mundo, se chama a Virgem Maria Escrava? Sim, agora. Quando se vio Senhora do Reyno, & Senhora do mundo, entãõ se chamou Escrava: para que julguem os Senhores, & os Escravos, se estimará mais os Escravos, ou os Senhores. Sara tambem mudou o nome, mas nunca deixou o de Senhora; porque dantes chamavase Saray, que quer dizer Senhora minha, & depois chamou-se Sara, que quer dizer Senhora. E quem tam pegada estava ao nome, & dominio de Senhora, não he muito, que fosse de tam dura condiçãõ, & tam rigo-
rola

rola com os Escravos: porém Maria, que levantada sobre os dous maiores Dominios, & Senhorios da terra, & do Ceo, troca o nome de Senhora pelo de Escrava: Vede, se amará, & estimará muito aquellas, de quem tanto lhe agrada o nome?

167 Esta he a consequencia; que naturalmente se inferre de a Senhora tomar o nome de Escrava; mas ainda não está declarada a causa porque o tomou. Para a Senhora aceitar o que o Anjo lhe propunha, & para encarnar o Verbo Divino em suas entranhas, bastava dizer: *Fiat*

LUG. I
38.

mibi secundum verbum tuum: & assim foi; porque no mesmo ponto, em que pronunciou estas ultimas palavras, se obrou o mysterio da Encarnação. Pois se bastava dizer, *Fiat mibi secundum verbum tuum*; porque não só acrescentou, mas anticipou ao *Fiat*, o *Ecce Ancilla*; & antes de ser Mãy se chamou Escrava? He reparo de Santo Thomàs Arcebispo de Valença: ao qual cõ novo, & exquisito pensamento satisfaz desta

D. Tho forte: *Grandi ergo mysterio,*

altissimo noque Dicitatis instin- mas à
tu conceptura Deum sui me- Villa-
mini ancillatus, ut orientem nova
à se Filium mundi obsequio ibi in
manciparet. Sabeis porque a Serm.
Virgem Maria se reconheceo, B.V.
& confessou por Escrava antes de conceber ao Filho de Deos? A razaõ, & mysterio altissimo foi, porque o parto, segundo as Leys, não segue a condiçãõ do pay, senãõ a da mãy: *Partus sequitur ventrẽ*: & quiz a Senhora por esta declaraçãõ anticipada, que o Filho, que havia de ser seu, como Filho de Escrava, nascesse tambem Escravo nosso. Emquanto Filho de seu Pay, he Senhor dos homens; mas emquanto Filho de sua Mãy, quiz a mesma Mãy, que fosse tambem Escravo dos mesmos homens. Este foi o intento da Senhora no que disse, & no tempo, & modo, em q̃ o disse: & isto he o que significa a palavra forense *Mancipavit*, da qual se deriva *Mancipium*: *Ut orientem à se Filium mundi obsequio manciparet.*

168 Quando a Senhora disse, *Ecce Ancilla Domini*, acabava de ouvir ao Anjo, que
o Fi-

o Filho, que della havia de nacer, reynaria na casa de Jacob: *Et regnabit in domo Jacob*. E daqui se vé na materia de Escravos outra grande differença entre hũa Senhora, & outra Senhora, entre Maria, & Sara. Sara, porque Ismael he Escravo, não quer que trate com seu filho, sendo seu irmão: & Maria, porque seu Filho ha de ser irmão dos homens, para que os trate, & sirva melhor, quer que seja seu Escravo. Sara para estabelecer a casa de Abraham em Isaac, lança a Mãy Escrava, & mais o filho Escravo fóra de casa: & Maria para estabelecer a casa de Jacob em Christo, mete a Mãy Escrava, & mais o Filho Escravo dentro na mesma casa. Digo na mesma casa, porq̃ a casa de Jacob era a mesma de Abraham. E daqui podemos entender com novo pensamento, que os antigos rigores de Sara contra os Escravos, eraõ profecia dos favores, com que neste tempo os havia de admittir, & tratar a Virgem Maria. Notai as palavras: *Ejice ancillam hanc, & filium ejus*. Não diz, que

deite fóra de casa a Escrava, senão aquella Escrava: *Ancillam hanc*: porque havia de vir tempo, em que houvesse outra Ancilla, & outra Escrava, a qual tivesse outro filho tambem Escravo, os quaes se não haviaõ de lançar da casa de Abraham, senão conservar-se, & venerar-se nella; para q̃ por seu meyo se conseguissem as benções, & felicidades, que Deos ao mesmo Abraham tinha promettido. E isto baste quanto ao primeiro testemunho.

III.

169) **A** O testemunho da Mãy de Deos, segue-se o do Filho de Deos. Sendo o Filho de Deos igual a seu Eterno Padre em tudo, para mostrar que esta igualdade era propria, & não alheia, natural, & não adquirida, ou roubada: quiz por amor de nós, não fazer, senão fazer-se o que não era. E para se fazer o q̃ não era, que fórma tomaria fóra de sy mesmo? De quanto Deos tinha criado na terra, tomou o melhor, que era a natureza humana;

mana; & de quanto os homens tinhaõ inventado na mesma terra, tomou o peor, que era a condiçãõ de Escravo: *Qui*

Philip. cum in forma Dei esset, non rapinam arbiratus est esse se æqualem Deo, sed semet ipsum exinaniuit formam serui accipiens, in similitudinem hominum factus. São palavras do Apóstolo S. Paulo, nas quaes com razão encarece tanto este fazerse Deos Escravo, que lhe não chama fazerse, senão desfazerse: *Exinaniuit semetipsum.* Não porque Deos deixasse de ser o q̄ era; mas porque unio o que infinitamente era, ao que não fô infinitamente, mas mais ainda que infinitamente, distava do seu proprio ser. O ser do homem dista infinitamente do ser de Deos, & o ser, ou não ser do Escravo, de outra segunda distancia pouco menos que infinita. É quando o Filho de Deos senão desprezou de ser Escravo; quem haverà que se atreva a desprezar os Escravos?

170 Tudo o que no Escravo póle causar desprezo, coube em Deos; porq̄ quando tomou a fôrma de Escravo

vo, Formam serui accipiens, não a tomou, como dizem, *pro fôrma,* senão com todas as formalidades. No Cenaculo servindo como Escravo a homens de baixa condiçãõ no exercicio mais baixo: *Misit aquam in pelvum, & cepit lavare pedes:* na prizaõ do Horto sendo reputado por Escravo fugitivo, & ladraõ: *Tantumquam ad latronem existis comprehendere me? quotidie apud vos eram:* na traiçãõ de Judas vendido como Escravo, & por vilissimo preço: *Constituerunt ei triginta argenteos:* na remissaõ a Caifáz maniatado como Escravo, ou, como cà dizeis, amarrado: *Misit eum ligatum ad Caipham:* no Pretorio açoutado como Escravo, & cruelissimamente açoutado: *Flagellis cæsum:* nas ruas publicas de Jerusaleem como Escravo cõ a carga mais pezada, & mais afrontosa às costas: *Bajulans sibi Crucem:* no Calvario como Escravo despido: *Acceperunt vestimenta ejus:* E finalmente como Escravo, & mão Escravo, pregado, & morto em hũa Cruz, que era o supplicio proprio de Escravos. E se estes

laõ os maiores abatimentos, a que pò se chegar o estado da servidaõ. Quem haverá, se tem Fè, que se atreva a desprezar no seu Escravo o que vê no seu Deos?

171 Para remir o genero humano bastava, que o Filho de Deos se fizesse Homem: & como os homens pervertendo a igualdade da natureza a distinguiraõ com dous nomes tam oppostos, como saõ os de Senhor, & Escravo; bem podéra o Filho de Deos contentar-se com se fazer Homem do predicamento dos Senhores. E porque não quiz? Pela razão que deu S. Paulo: *Non rapinam arbitratus est esse se æqualem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens.* O Apóstolo diz, que se o Verbo senão fizesse Homem na fórma de Escravo, seria furto q̄ faria à Divindade de seu Pay: & Eu acrescento, que tambem faria furto à vótade, & exemplo de sua Mãy. Ora vede. Quem visse, que o Filho de Deos recebia a natureza humana, & se recebia com ella na fórma, & condiçaõ de Escrava, poderia bem cuidar, q̄

se cazára a furto: mas nem foi a furto do Pay, nem a furto da Mãy. Não a furto do Pay; porque do mesmo entendimento (que era do Pay, & mais do Filho) sahio o arbitrio, com que o Filho tomou a fórma de Escravo: *Non rapinam arbitratus est, formam servi accipiens.* Nem a furto da Mãy; porque assim o confirmou a Mãy, assinando o contrato com a firma de Escrava: *Ecce Ancilla Domini.* E se o Filho de Deos por arbitrio de seu Pay, por eleição de sua Mãy, & por inclinaçaõ, & vontade propria, havendo de se fazer Homem, se não fez do predicamento dos Senhores, senão da condiçaõ dos Escravos: Vejaõ lá os que ainda no serviço da Mãy de Deos, se separaõ dos Escravos, se favorecerá mais a mesma Senhora aquelles, com quem se quiz parecer seu Filho, ou aos que se desprezaõ de se parecer com elles? Grande caso he, que caben lo a fórma de Deos, & a fórma de Escravo em huma só. Pella sua, & essa Divina (*Quem in forma Dei esset, formam servi accipiens*) hum homem com

nome de Senhor, & outro cõ nome de Escravo, não caibão em hũa grande Congregação, & por isso se houvesse de separar em duas Confrarias?

IV.

172 **D**Epois do testemunho da Mãy de Deos, & do Filho de Deos, só resta o do mesmo Deos, isto he, de Deos Padre. Quiz Deos Padre, que assim como seu Filho tinha Pay, tivesse tambem Mãy, & para achar em todo o mundo, & em todos os seculos pessoa digna de tam alta, & soberana assumptão, já sabemos, que a não buscou nas Cortes dos Assyrios, Persas, Gregos, ou Romanos, entre as Princesas de sangue imperial; nem a achou na mesma Jerufalem Cabeça da verdadeira Fè naquella tempo, senão em Nazareth, povo de poucas casas, & na mais humilde delle. Alli estava escondida aos olhos do mundo aquella Donzella mais Divina que humana, que só merecêo ser digna Mãy de Deos Homem.

Mas porque motivos? Nella tinha o mesmo Deos depositado, & juntas todas as perfeições, & graças, que divididas fazem bemaventuradas no Ceo, & illustres na terra ambas as naturezas, Humana, & Angelica. Qual destas perfeições pcis, & qual destas graças foi a que mais encheo o entendimento, & cativou a vontade Divina, para que Mãria unicamente fosse a bemdita entre todas as mulheres, & entre todas a escolhesse Deos para Mãy de seu Filho? A mesma Senhora o disse: *Quia respexit humilitatem Ancillæ suæ*: porq̃ poz Deos os olhos na humildade, & baixeza de sua Escrava. Vede que differetes são os olhos de Deos dos nossos. Mas agora pergunto Eu: E poderia a Mãy de Deos desprezar o que Deos estimou, & reprovat o que Deos elegéo, & onde Deos poz os olhos, deixar ella de pôr tambem os seus? Claro está que não. Logo se Deos não poz os olhos na Magestade, & Grandeza das Senhoras, senão na humildade, & baixeza da Escrava; seguuro tem os Escravos; ainda em

Luc. 1
48.

em comparação de seus Senhores, o maior favor, & o maior agrado dos olhos da Mãe de Deos.

173 E se vos não contentais com a razão desta consequência, que todos vem; Eu vos hey de dar ainda outra, que ninguém imagina. A razão, que todos vem, he, que não podem os olhos da Senhora deixar de imitar, & seguir os olhos de Deos. E a q̄. Eu digo que ninguém imagina, qual será? He, que quando a Mãe de Deos poem os olhos, olha pelos olhos de seu Filho. He caso verdadeiramente admiravel; & de grande consolação para todos os devotos da Virgem Maria, o que agora direi. Em Delphes; Cidade de Hollanda, no dia do Nascimento da Senhora cantavaõ a Salve Regina no Coro certas Religiosas, de q̄ era hũa, Santa Getrudes; & quando chegáraõ àquellas palavras, *Illos tuos misericordes oculos ad nos converte*, em que pedimos à Mãe de Deos incline a nós seus misericordiosos olhos; vio a Santa, que tendo a Imagem da Senhora seu Bemdito Filho no braço

esquerdo, movia o direito, & applicando os dedos aos olhos, que o Minino Jesu tinha levantados, os inclinava brandamente, para que os puzesse nas Monjas, que a invocavaõ. E porque não ficasse em duvida, o que significava a vistaõ, disse a Soberana Virgem a Getrudes: *Isti sunt misericordiosissimi oculos, quos ad omnes me invocantes salubriter possum inclinare, ut & uberrimum fructum consequantur salutis eternæ*. Estes taõs misericordiosissimos olhos, q̄ Eu posso inclinar, & inclino sobre todos os que me invocação, para que por meyo de sua saudavel vista alcancem a vida eterna. Desorte, q̄ quando a Mãe de Deos poem os olhos em nós, não só imita, & segue os movimentos, & inclinações da sua vista, mas olha pelos olhos do mesmo Filho Deos. E se os olhos de Deos, como diz a mesma Senhora, não olháraõ para a nobreza, & soberania das Senhoras; senão para a humildade, & baixeza da Escrava: *Respexit humilitatem Ancille sue*: ditosa a humildade, & baixeza dos que sois Estra-

vos, pois não podem deixar de se inclinar piadosamente a ella os olhos de Deos, & de sua Mãy.

174 Só pôde ter esta verdade huma replica, não para vós, senão para os que sabem mais que vós. Diraõ, que o *Respectu humilitatem Ancilla suæ*, se entende da virtude, & excellencia da humildade, & não da humildade, & baixeza da condiçãõ. E posto que a humildade, & baixeza da condiçãõ se acha em todos os Escravos, a virtude, & excellencia da humildade, que na Mãy de Deos foi summamente perfeita, ainda nos q̃ professaõ perfeiçãõ; he muito rara. Logo ainda que sejais Escravos, como a Senhora se chamou Escrava, não basta a humildade, & baixeza da condiçãõ, que traz consigo este nome, para que os olhos de Deos, & da Mãy de Deos se ponhaõ mais benignamente em vós. Ora não vos desconsoléis, que se esta replica tem por sy muitos, & graves Autores, offentido, em que Eu vos expliquei as palavras da Senhora, he fundado no mesmo Texto, cuja authori-

dade prevalece à todas. Onde a Vulgata lê, *Humilitatē Ancilla suæ*, o Texto original té, *Exiguitatem, Parvitatē*: como verte Vatablo, *Nihilitatē*. Demaneira, que a palavra *Humilitatem* não significa humildade; em quanto he virtude da pessoa, senão humildade, em quanto he baixeza da condiçãõ pessoal, & vileza della. Assim o entendem, fundados na propriedade do Texto, o mesmo Vatablo, Isidoro Clario, Jansenio, Caietano, & todos os Expositores modernos mais literaes, como já o tinha entendido Euthimio conforme a significaçãõ natural da palavra, & Lingua Grega, em que escreveu o Evangelista S. Lucas, & a quem dictou o seu Cantico a mesma Virgem Maria. E ser esta a verdadeira intelligencia se confirma com a razãõ; porque o intento da Senhora, como summamente humilde, não foi engrandecer a sua virtude, senão abater a sua indignidade. Assim que a baixeza, & vileza propria da condiçãõ dos Escravos, essa he a que levou apez sy os olhos de

Deos.

Deos, quando a Senhora se chamou Escrava: *Quia respexit humilitatem Ancilla suae.*

175 E para que se veja finalmente o lugar, que tem na estimação da mesma Senhora os Escravos, não obstante a baixeza de sua condição, ainda comparados com o nascimento, & nome dos que se chamaõ seus Senhores; nos irmãos do nosso thema o temos, *Iudam, & fratres ejus.* Vendo Rachel, que a fecundidade de Lia lhe tinha dado quatro filhos, & que ella era esteril, para suprir este defar, que naquelle tempo era afrontoso, pediu a Jacob, que admittisse ao talamo a sua Escrava Bala, para q̄ della ao menos tivesse filhos. Assim como Rachel o traçou, assim succedéo. E como desta substituição nascessem dous filhos a Bala, hum chamado Dan, outro Nephtali, a mesma Rachel, q̄ a propósito do successo lhe tinha posto os nomes, disse estas notaveis palavras: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui*: ora graças sejaõ dadas a Deos, que me igualou com minha irmã, & eu pre-

valeci. Quem não soubesse, q̄ Lia tinha já quatro filhos, & não adoptivos, senão naturais, & proprios, faria bem diferente conceito desta, que Rachel chamou primeiro igualdade, & depois vitoria. Mas se os filhos de Lia eraõ quatro, & os de Bala só dous, como diz Rachel, que igualou a sua irmã, & que a venceu? Para igualar, era necessario que fossem tantos os filhos de Bala, como os de Lia, & para vencer, era necessario que fossem mais: pois se não eraõ mais, nem tantos, senão a metade menos, como diz Rachel, não só que igualou, senão, que venceu: *Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invalui*. O pensamento com que isto disse Rachel, ella o saberia: Eu só sei, que a mesma Rachel era figura da Virgem Maria, & que os filhos de Lia eraõ filhos de Senhora, & os de Bala filhos de Escrava: & era tal a conta, & a differença, que Rachel fazia entre os filhos da Escrava, & os filhos da Senhora; que sendo os da Senhora quatro, & os da Escrava dous, estes dous para com ella no nu-

*Ubi
supr.*

Genes. 30. 8. Dominus cum sorore mea, & invalui: ora graças sejaõ dadas a Deos, que me igualou com minha irmã, & eu pre-

mero eraõ outros tantos, & na estimaçõ muitos mais: no numero outros tantos; & porisso disse, q̃ Deos a igualára: & na estimaçõ muitos mais; & porisso disse, que ella prevalecêra. Applicai vòs, que Eu não quero fazer mais largo este primeiro Ponto.

V.

176 **O** Segundo, & segūda causa da grande distincão, que fazem entre sy, & os Escravos, os q̃ se chamaõ Senhores, he, como diziamos, a cor preta. Mas se a cor preta puzera pleito à branca, he certo, que não havia de ser tam facil de averiguar a perferência entre as cores, como a que se vê entre os homens. Entre os homẽs dominarem os Brancos aos Pretos, he força, & não razaõ, ou natureza. Bem se vê, onde não tem lugar esta força, nem a cor he vencida della. Quando os Portuguezes apparecêraõ a primeira vez na Ethiopia, admirando os Ethiopes nelles a policia Européa, diziaõ: Tudo o melhor deu Deos aos Européos, & a nós

só a cor preta. Tanto estimaõ mais que a branca a sua cor. Porisso, assim como nós pintamos aos Anjos brancos, & aos Demonios, negros; assim elles por veneraçõ aos Anjos pintaõ negros, & aos Demonios por injuria, & aborrecimento, brancos. Deixando porém os que podem parecer apaixonados; ninguem haverá, que não reconheça, & venere na cor preta duas prerogativas muito notaveis. A primeira, que ella encobre melhor os defeitos, os quaes a branca manifesta, & faz mais feios: a segunda, que só ella não se deixa tingir de outra cor, admittindo a branca a variedade de todas: & bastavaõ só estas duas virtudes para a cor preta vencer; & ainda envergonhar a branca. Mas das cores só os olhos podem ser juizes. Vejamos o que elles julgaõ, ou experimentaõ. Os Filozofos buscando propriedades radicaes, com que se distinguem estas duas cores extremas; dizem, que da cor preta he proprio unir a vista, & da branca disgregalla, & defunilla. Porisso a brancura da neve offende, & cega

cega os olhos. E não he isto mesmo o que com grande louvor dos Pretos, & isto menor affronta dos Brancos, se acha em huns, & outros? Dos Pretos he tam propria, & natural a uniaõ, que a todos os que tem a mesma cor, chamaõ Parentes: a todos os que servem na mesma casa, chamaõ Praceiros: & a todos os que se embarcãõ no mesmo navio; chamaõ Malungos. E os Brancos? Não basta andarem nove mezes juntos no mesmo ventre, como Jacob, & Esaù, para senão aborrecerem: nem basta serem filhos do mesmo pay, & da mesma mãy, como Cain, & Abel, para senão matarem. Que muito logo, que sendo tam disgregativa a cor branca, não caibaõ na mesma Congregação os Brâcos com os Pretos?

177 E para que vejamos quam differente he a distincão, que a Virgem Senhora nossa faz entre huns, & outros; ouçamos tambem neste Ponto a Deos, ao Filho de Deos, & à mesma Mãy de Deos. Havendo Deos criado o primeiro Homem, pozlhe

por nome Adam, que quer dizer, *Ruber*, Vermelho, por ser esta a cor do Barro do câmpo Damasceno, de que o formou. Tam importante he à altiveza humana a lembrança de seus humildes principios. Mas se o intento de Deos era formar lhe o nome da mesma materia, de que o tinha formado, & a materia era o Barro Vermelho, porq̃ lhe não deu o nome do Barro, senão o da cor, *Ruber*? Porque no Barro não havia perigo de se desfigalarem os homês; na cor sim. No Barro não; porque todos os filhos de Adam se haviaõ de resolver na mesma terra: na cor sim; porque huns haviaõ de ser de huma cor, & outros de outra. E não quiz Deos, que aquella cor fosse alguma das extremas, quaes são a branca, & a preta, senão outra cor meya, & mixta, que se compuzesse de ambas, qual he a vermelha; para que na mesma mistura, & uniaõ da cor se unissem tambem os homens de diversas cores, ainda que fossem tam diversas como a branca, & a preta. Porisso no mesmo nome de

Aug.
tract.
9. in
Ieann.

Adam lhe distinguio tambem Deos as terras, em que segundo a calidade de cada hũa se lhe haviaõ de variar as cores. He advertencia engenhosa de Santo Agustinho, o qual notou, que as quatro letras, de que se compoem o nome de Adam saõ as mesmas, que no Texto Grego daõ principio às quatro partes do mundo, Oriente, Occidente, Septentrião, Meyodia. E pelas os homens divididos como mesmas quatro partes do mundo, os da Europa, os da Africa, os da Asia, & os da America, conforme os diferentes climas haviaõ de nascer de diferentes cores: traçou a Sabedoria do Supremo Artifice, que assim como em todo o nome de Adam, *Ruber*, estava rubricada a memoria do Pay, & sangue commum, de que descendiaõ; assim a cada letra do mesmo nome respondessem os diversos climas do mundo, que lhe haviaõ de variar as cores: para que na variedade do cor se não perdesse a irmandade do sangue.

178. Por espasso de dous mil annos foraõ da mesma

cor todos os homens, atè que habitando as duas Ethiopias os descendentes do segundo filho de Noé, começáraõ muitos delles a ser pretos. Mas acudindo Deos à differença, que podia causar nos animos esta differença das cores, logo na Ley Escrita, & no mesmo Legislador della honrou com tal igualdade a ambas, que nem os Pretos tivessem que envejar na branca, nem os Brancos que desprezar na preta. Na Ley mandava Deos, que o Cordeiro, ou Cordeiros, que se lhe offercessem, fossem inviolavelmente immaculados. Assim se prescreve em todos os Ritos do Exodo, do Levitico, dos Numeros. E em que consistia o ser immaculado o Cordeiro? Cuidaõ muitos, que consistia em ser tam extremamente branco, que nem sinal, nem mancha alguma tivesse de preto. Mas não eraõ estas as manchas, ou maculas, q̃ Deos prohibia. Não estava a mancha na cor, se não no corpo da victima. Se a inteireza natural do corpo do Cordeiro não tinha defeito, ou deformidade alguma, ainda

ainda que fosse em huma só unha, era immaculado. E quanto à cor, ou fosse todo branco, ou todo preto, ou branco com parte de preto, ou preto com parte de branco, igualmente era aceito a Deos, & digno de seus Altares. *Immaculatus esse debebat, id est, integer, & sine vitio corporis: poterat tamen esse albus, niger, & habere maculas albas, vel nigras*: commenta o Douro ALapide. Desorte, que por ser bráco, ou preto, ou em todo, ou em parte, não deixava o Cordeiro de ser immaculado, sendo figura do mesmo Deos feito Homem: para q̄ os homens se não des-honrassem, ou tivessem por mancha em sy, o que Deos não tinha por mancha no seu retrato. Isto quanto à Ley.

179 Quanto ao Legislador, ainda foi maior o exemplo, não só da providencia, mas da severidade divina, no rigor cō que castigou o desprezo desta indiferença das cores. Não reparando nella Moysés, como homem de tam sublime juizo, cazouse com a filha de hum Rey da Ethiopia, que elle tinha ven-

cido em batalha, porisso chamada Ethiopiza. Não levádo porém bẽ este casamento Maria irmãa do mesmo Moysés, & murmurando delle com Aram, que era o irmão maior; Deos, que costuma acudir pelos q̄ não acodem por sy, como vos parece que emendaria, ou desfaria esta murmuraçã? He caso verdadeiramente notavel! Não tinha bem acabado de murmurar Maria, quando apparecêo de repente cuberta de lepra, & como leprosa, conforme a Ley, foi lançada fóra dos arraiaés. As palavras do Texto são estas: *Et ecce Maria apparuit candens leprá, quasi nix*: & subitamente Maria apparecêo cuberta de lepra branca como a neve. Reparai muito nesta brancura, & nesta neve. Bem podêra Deos castigar a murmuraçã de Maria na lingua, em mudencêoza, ou com outro castigo, & enfermidade maior, & mais perigosa que a lepra: mas porque quiz, que fosse lepra particularmente, & tal lepra, que a fizesse branca como a neve: *Candens quasi nix*? Para que respondesse a pena

Cornel
in Cap.
28.
Num.
v.8.

Num.
12.10

direitamente à culpa, & para que aprendesse Maria na sua brancura a não desprezar a pretidão da Ethiopiza. Como se differa Deos: já que nella desprezais a sua cor, olhai agora para a vossa: nella a sua pretidão he natureza, em vós a vossa brancura he lepra. Oh quantas brancuras se prezaõ de muito brancas, que são como a da irmãa de Moysés! Quanto melhor lhe fora ser negras sem lepra, que brancas, & leprosas! Assim castigou Deos naquella Maria os desprezos da Ethiopiza: & assim nos ensinou pelo contrario, quanto préza, & quanto estima a todos os Ethiopes a outra Soberana Maria, que como benditta entre todas as mulheres, nascèõ para emendar os erros de todas.

VI.

180 **D**Os exemplos de Deos, passemos aos de seu Filho, & vejamos, quanto estimou, & estima Christo os Pretos. He observação, em que por ventura não tendes reparado, a que agora direy. Digo, que estima

tanto o Filho de Deos os Pretos, que mil annos antes de tomar o nosso sangue, deu aos Pretos o seu. Vejamos primeiro a verdade do calo, & depois iremos ao computo dos tempos. O Filho de Deos tomou o nosso sangue, quando encarnou, & se fez Homê: & deu o seu aos Pretos, quando lhe deu o sangue, que elle havia de tomar, que era o de David. E foi desta maneira. Reinando Salamaõ filho de Dávid, levada da fama de sua sabedoria, veyo a vello, & ovillo a Rainha Sabá, que o era da Ethiopia. E como Salamaõ tivesse por mulheres setecentas Rainhas, recebeu tambem no numero dellas, posto que de cor preta, a mesma Rainha Sabá, de quem houve hum filho, o qual nascèõ depois na Ethiopia, & a mãy lhe poz o nome de seu avó, & se chamou David. Sendo já de vinte & dous annos este Principe, dezejeoso de ver, & tomar a benção a seu Pay, veyo a Jerusaleem, onde Salamaõ não só o reconheceo por filho, mas com todas as ceremonias, & insignias reaes o fez ungir no Templo

por

*Da: mian.
Goez.
Franc.
Alvar
Abrah
Hortel
Bar
rius.
Genebrard.
& alij.*

por Rey da Ethiopia, sendo os ministros desta solennidade, Sadoc, & Joaz, em quem estava o Summo Sacerdoeio naquelle tempo. Esta he a origem dos Emperadores da Ethiopia, mil annos, como dizia, antes da Encarnação do Filho de Deos; porque o Mysterio altissimo da Encarnação foi obrado no anno Quarenta & hum do Imperio de Augusto Cesar, quando se contavaõ. Quatro mil & cincoenta & hum annos da Criação do mundo: & a vinda da Rainha Sabá a Jerusalem tinha sido no anno Vinte & quatro do reynado de Salamaõ, quando o mesmo mundo desde sua Criação contava sómente Tres mil & cincoenta & tres annos. Desorte, que quando o Filho de Deos fazendo se Homem, tomou o sangue da geração de David, já havia mil annos, que tinha dado o mesmo sangue aos Pretos da Ethiopia no seu primeiro Rey, ou Emperador (porque até entãõ, eraõ governados pelas Rainhas:) em memoria desta descendencia por tradição antiquissima, & sempre continuada

se institua hoje o mesmo Emperador: *Filius David, filius Salomonis, filius columnæ Sion, filius de semine Iacob, filius magnus Mariae.*

181 Esta ultima clausula de grande filho de Maria acrescentáraõ os Emperadores da Ethiopia depois do nascimento de Christo, o qual tantos seculos antes tinha honrado os Ethiopes com os mesmos nomes, ou titulos, com que hoje se intitula no Livro de sua geração. Que diz S. Matheus, cu que nome da ao Livro da geração de Christo? *Liber generationis Iesu Christi filij David, filij Abraham:* Livro da geração de Jesu Christo filho de David, & filho de Abraham. E deste mesmo David, & deste mesmo Abraham, de quem Christo hoje se chama filho, por descender delles porquarenta & duas gerações; destes mesmos, & não de outros se chamavaõ tambem os Ethiopes, filhos de David, & filhos de Abraham, não por quarenta & duas gerações, senãõ por quinze sómente, que tantas cõta o mesmo S. Matheus atè Salamaõ. Filho de David;

por-

Spon-
dan in
Anna-
lib. à
Creat.
Mūdi.

Hor-
tel in
Theat.
tabul.
68.

porque todos os Ethiopes conserváraõ sempre o nome de David, como hereditario em seus Principes : & filhos de Abraham; porque todos tomáraõ d'elle a circuncisaõ.

182 E se buscarmos a razaõ, motivo, ou merecimento destes tam anticipados favores do Filho de Deos aos Ethiopes; o mesmo David o tinha já cantado, quando disse : *Ethiopia præveniet munus ejus Deo.* Onde a palavra *Præveniet*, he o mesmo que *Prima venit*; porque a Ethiopia, & os Ethiopes seriaõ os primeiros entre todos os Gentios, que receberiaõ a Fé do verdadeiro Deos. E declara o Profeta com excellente propriedade, & energia este reconhecimento, & accitação da Fé, dizendo, como se lê no Hebréo, que estenderiaõ a Deos as suas mãos, porque este he o estilo, ou acção natural, como vemos, com que os mesmos Ethiopes novamente trazidos das suas terras reconhecem o dominio dos que tem por Senhores, estendendo para elles as mãos, & batendoas. Grande prero-

gativa, & singular por certo desta nação, que quando todas as outras adoravaõ muitos Deos (chegando esta multidão em todo o mundo a numero de trinta mil, como refere Hesiodo) ella só reconhecesse a unidade em Deos, sem a qual não póde haver Divindade. E que direi da mesma Divindade unida à Humanidade em Christo, em cuja noticia, & prégação se anticipáraõ os Ethiopes aos mesmos Apostolos? Quando os Apostolos repartiãõ entre sy o mundo, coube a S. Mattheus a Ethiopia; mas quando lá chegou S. Mattheus, que foi no anno Quarenta & quatro do Nascimento de Christo, já havia nove annos q̄ o Eunucho da Rainha Candaces, Guarda mór do seu Erario, convertido, & bautizado por S. Felippe, lhe tinha levado, & mostrado os thesouros do Evangelho: sendo elle o primeiro Apostolo da sua Patria, da mesma nação, da mesma lingua, & da mesma cor, que os outros Ethiopes.

183 Mas não foi esta ainda a primeira, & mais anticipada

Hesiod.
duo re.

lat. à

Ravio
in

The:
Phil.

lib. 1.
cap. 9.

Baron.
coanno.

Psal.

67

32.

Cornel.

Act. 8.

27.

cipada diligencia , com que os Pretos se adiantáraõ a prègar a Fè , & veneraçõ de Christo , & sua Santissima Mãy. Os tres Reys Orientaes , que vieraõ adorar o Filho de Deos recém nascido em Belem , he tradiçãõ da Igreja , que hum era Preto. Mas de que terra ; ou naçãõ fosse , andou em opiniões muitos seculos , até que no anno de Mil quatrocentos & noventa & nove descobrirãõ os nossos Argonautas da India , que tinha sido o Rey de Cranganor. Este Rey pois tam preto como o pintaõ , mudando o nome que dantes tinha , se chamou Cheriperimale , que quer dizer , Terceiro , por ser elle o terceiro que seguindo a Estrella se ajuntou aos dous naquella prodigiosa viagem. Chegãrãõ , achãrãõ o Rey , que buscavaõ , & como a Rey , como a Deos , & como a Homem ; lhe offereceraõ postrados a seus pés os mysteriosos tributos. Voltãdo para suas terras , & Reynos , o q̃ fez o de Cranganor , foi , edificar logo hum Templo , & no meyo d'elle hum Capella , a que se subia

por muitos degrãos , na qual collocou huma Imagem da Virgem Maria com o Minino Deos nos braços , como refere S. Mattheus , que o achãrãõ : *Invenereunt puerum cum Maria matre ejus.* A este monumento da Religiaõ acrescentou por Ley , ou Rito perpetuamente estabelecido , que todas as vezes que se nomeasse o Santissimo nome de Maria , todos se prostrassein por terra : & assim o fizeraõ os Sacerdotes do mesmo Templo em presença do nosso Gama , & de todos os que com elles desembarcãrãõ na mesma Cidade. Agora vede , se tenho Eu razaõ , para dizer , q̃ no culto , & veneraçãõ publica de Christo ; & sua Santissima Mãy , se adiantãrãõ os Pretos aos mesmos Apostolos. O primeiro Templo , que os Apostolos levantãrãõ à Virgem Maria em sua vida , foi o do Pilar de Saragoça pelo Apostolo Santiago. Mas quando ? No anno vinte do Imperio de Tiberio , que era o anno Trinta & seis do Nascimento de Christo. De maneira , que quando o primeiro Apostolo à instancia da

mesma

Oso-
rius
lib. 5.
de gest.
Em-
man.
Na.
var.
lib. 21.
de O-
ras. &
Hor.
Canon.
Mas.
seus
lib. 2.
Hist.
Indic.

Mat.
ib. 2.

11.

Ita
Bou.
ther. in
Chron.
Hispan.
cap.
23.

mesma Mãy de Deos lhe edificou a primeira Capella em Hespanha; já o Rey Preto; cõ seus Vassallos da mesma cor, lhe tinhaõ edificado Templo na India. Para que se veja, se esta anticipada devaçãõ dos Pretos merecêo tam anticipados favores de Christo: & se à vista delles merecem ser desprezados dos que se chamaõ seus Senhores. E senão, digaõ me os mesmos Portuguezes, qual era a sua Religião naquelle tempo, & muitos annos depois? O que se acha em pedras; & inscripções antigas, he, que dedicãõ Templo a Octaviano Augusto, Templo a Trajano, & a todos os Deoses, Templo a Ius, Templo, & Estatuas a Tiberio, & sua Mãy Livia, Templo, & Estatuas a Nero, & sua Mãy Agripina. E quando os Portuguezes sem se lhe fazerem as faces vermelhas na sua brandura, reconhecirão Divindade nestes Monstros da ambição, & de todos os vicios, os Pretos nos seus Altarès adoravão o verdadeiro Filho de Deos, & a verdadeira Mãy do mesmo Filho.

Souza, & Faria ab August. usque ad Trajanum

184 **M**As ouçamos por fim a estimação, que faz da cor preta, naõ só nelles, mas em ty, a mesma Mãy de Deos: *Nigra sum, sed Cant. formosa, Filia Jerusalem, sicut 1. 5. tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.* Nestas palavras se defende a Pastora dos Cãtares, respondendo as Filhas de Jerusalem, as quaes como criadas na Corte, & ella no campo, & como prezadas de muito brancas, a notavaõ de preto. Diz pois, q̃ ainda q̃ preta, nem porisso deixa de ser fermosa: & o prova principalmente cõ as famosas Tendas de Salamaõ, quando sahindo da Corte morava no campo: *Sicut pelles Salomonis.* Assim como as pelles, que cobrem as Tendas de Salamaõ, sãõ pretas, & muito fermosas, assim pôde haver fermosura, & grande fermosura em eduros pretos. E se este dote da natureza, Filhas de Jerusalem, naõ está vinculado à cor branca, de que tanto vos prezais, notaime embora de preta, mas naõ de fea, porque ainda que sou preta

Ibid.

preta, fou fermõsa : *Nigra sum, sed formosa*. Atè aqui a que em trajo pastoril representava a Virgem Senhora nossa, a qual com as mesmas palavras confessa ser a cor preta natural da sua Patria, & tua, porque a Palestina, como vizinha ao Egypto, & à Africa, por razao do Clima mais exposto aos ardores do Sol, participa da cor, com que elle costuma tostar, & escurecer a brancura, como logo accrescentou a mesma Pastora : *No-
Ibid. 6 hite me considerare, quod fusca sum, quia decoloravit me Sol*. Assim lemos em Nicephoro, que aquelle soberano rosto, em que Dionysio Areopagita reconheceo raios de Divindade, entre as duas cores extremas, propendia mais para a preta. O mesmo diz Santo Epiphanio. E mais claramente o demonstra o Retrato natural da mesma Virgem Maria, pintada da mão de S. Lucas, que hoje se vê, & venera em Roma na Basilica de Santa Maria Maior, como hum dos mais preciosos thesouros daquella famosissimo Santuario.

185 Couza he porèm

muito digna de reparo, que neste Epitalamio, escrito pela Sabidoria de Salamaõ, nunca a Senhora se chamasse fermõsa, senão depois de se chamar preta. Catorze vezes por diversos modos, & com diversos encarecimentos celebra o Esposo a sua fermõtura, & lhe chama fermõsa : mas a Senhora não se attribuiu este louvor, de que tanto se gloriaõ, ainda as que õ não merecem, senão huma só vez, & quando juntamente disse, que era preta : *Nigra sum, sed formosa*. Seria por ventura para escurecer com estas sombras a mesma fermõsura? Não, diz Santo Ambrosio; senão para a engrandecer, & realçar mais : *Premisit nigram, ut augetet
decoram*. E se bulcarmos a razião desta consequencia, que não parece facil; na semelhança das mesmas Tendões de Salamaõ a temos excellentemente declarada. Porque sendo por fóra lavradas com todos os primores da arte na cor preta, & por isso muito fermõsas à vista; por dentro eraõ recamadas de ouro, pedrolas, & diamantes, cujos reflexos na opposição daquella

cor

cor brilhavaõ mais , & fazião hum admiravel composto de maior graça , & fermosura. E desta maneira sendo o preto esmalte do branco, & o escuro realce do claro, se pareciaõ muito vistosas, no que mostravaõ por fóra, muito mais fermosas, & preciosas eraõ, no que cobriaõ por dentro: *Præmisit nigram, ut augetet decoram.*

186 Notem isto as Pretas, & os Pretos, para que os não desconsolè, ou desanime a sua cor: & notem tambem o mesmo as Brancas, & os Brancos, para sua confusaõ, se tendo a brancura só por fóra, forem negros por dentro. Mandava Deos no Levítico, que o Cisne, como ave immunda, se lhe não sacrificasse, nem ainda se comesse. E em que defeito se fundava esta Ley, se o Cisne, cantor de suas proprias exequias, he tam branco como a mesma neve? Porque por fóra tem as pennas brancas, & por dentro a carne negra: *Cujus plumæ licet albæ sint, & molles, caro tamen est dura nervosa, & nigra.* Olhe para sy a brancura, & veja, se responde ao inte-

Levit.
11.18

Corne-
lins ibi

rior, ou se he hypocrisia. O carvaõ cuberto de neve, nem porisso deixa de ser carvaõ: antes junto della he mais negro. Porisso Christo Senhor nosso comparava os Escribas, & Fariséus às sepulturas brãqueadas: *Væ vobis Scribæ, & Pharisei hypocritæ: quia similes estis sepulchris dealbatis.* Mat: 23. E 27. em que consistia a hypocrisia daquellas sepulturas vivas? Em que a brancura de fóra lhe dava apparencias de fermosura, & por dentro estavaõ cheias de corrupçaõ, & horrores: *Quæ à foris patent hominibus speciosa, intus verò plena sunt ossibus mortuorum, & omni spurcitiâ.* Vede agora, se a Mãy de Deos para estimar mais os Brancos que os Pretos, se deixará enganar das apparencias, ou hypocrisias da cor?

Ibid.

187 Lã disse Deos a Samuel, que elle não era como os homês; porque os homens olhaõ para o rosto, & Deos para os corações: *Homo videt ea, quæ patent, Dominus autem intuetur cor.* Pois assim como nos olhos de Deos, assim tambem nos de sua Mãy, cada hũ he da cor do seu coraçãõ. E para

1 Reg.
16. 7.

para que vejamos, quam pouco importa, para maior estimação da Senhora, a cor, ou apparencia do rosto, na Historia do nosso Thema o temos. Vendô Lia, que Rachel tinha filhos da sua Escrava Bala, quiz ella tambem ter filhos da sua Escrava Raspha, & patece, q̄ sem razão. Que Rachel vendose esteril, busque esta consolação, ou alivio à sua infecundidade, perdaõ merece a sua dor: mas q̄ Lia achandose com quatro filhos legitimos de Jacob, os queira tambem ter da sua Escrava Raspha, appetite parece alheo de todo o bom juizo. Quanto mais, que as cores, & feições do rosto de Raspha eraõ tam pouco para estimar, como significa o seu proprio nome, que quer dicitur, *Contemptum oris*, desprezo do rosto. Pois de huma Escrava, que na cara, & na cor trazia o proprio desprezo, quer Lia ter filhos? Sim. Porque entendéo, & esperou, que os filhos da Escrava, posto q̄ de tam desprezada cor, podiaõ fazer mais ditosa a sua casa, que os da mesma Senhora. E assim foi. Nascéo o

primeiro filho a Raspha, & pozlhe Lia por nome Felicidade, chamandolhe Dan: *Di. Genes. xii feliciter: & appellavit nomen ejus Dan.* Nascéo o segundo filho à mesma Raspha, & pozlhe a mesma Lia por nome Bemaventurança, chamandolhe Aser: *Dixit: Hoc pro beatitudine mea: Beata tam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser.* Comparaimo agora os quatro filhos de Lia Senhora, com os dous de Raspha Escrava, & Escrava de cor, & rosto tam desprezado. Os quatro filhos de Lia Senhora, eraõ Ruben, Simeão, Levi, & Judas: & destes quatro os primeiros tres foraõ amaldiçoados de seu Pay, & privados do morgado: & os dous de Raspha Escrava nasceraõ com tam differente estrella, q̄ o primeiro a fez felice, & o segundo bemaventurada entre as mulheres: *Hoc pro beatitudine mea: Beata tam quippe me dicent mulieres.* E parou aqui o encarecimento desta grande differença? Não. O que depois d'elle se seguiu dahi a muitos seculos, he a mais forte, & apertada conclusaõ,

Arias
Montan.
Apparat.
Bibl.
Reg.

com que se pôde rematar este ponto. Porque quando a Virgem Senhora nossa no seu Cantico disse, que pelo Filho, de q' Deos a tinha feito Mãe, lhe chamariaõ todas as gerações Bemaventurada, foi tomando da boca de Lia as mesmas palavras, com que ella se chamou bemaventurada pelos filhos da sua Escrava Raspha. *Huc allusit Beata Virgo Deipara, cum cecinit: Beatam me dicent omnes generationes:* diz o doutissimo Cornelio. E se a mesma Mãe de Deos mediu os seus louvores pelos da Escrava Raspha, desprezada pelo rosto, & pela cor, bem claramente se deixa ver, se pela differença das cores estimará mais os Brancos, & menos os Pretos.

VI.

188 **S**O' resta a ultima razão, ou sem razão, porque os Senhores desprezaõ os Escravos, que he a vaidade, & miseria da sua fortuna. Oh Fortuna! E que mal considera a cegueira humana ás voltas da tua roda? Virá

tempo, & não tardará muito, em que esta roda de volter, & entãõ se verá, qual he melhor fortuna, se a vil, & desprezada dos Escravos, ou a nobre, & hõrada dos Senhores. Muitas vezes tendes ouvido a Historia daquelle Rico sem nome, & do Pobre chamado Lazaro. O Rico vivia em Palacios dourados, & Lazaro ao Sol, & à chuva jazia na rua: o Rico vestia Purpuras, & Holladas, & Lazaro, se estava cuberto, era de chagas: o Rico banqueteara se esplendidamente todos os dias, & Lazaro para matar a fome, não alcançava as migalhas; q' cahiaõ da sua mesa. Põde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavãõ, & viaõ as delicias do Rico, envejavãõ a sua felicidade, & todos os que não tinãõ asco de pôr os olhos em Lazaro, tinãõ compaixão da sua miseria. Senãõ quando chegou alli de repete a morte, deu hum pontapé na roda da Fortuna, & foi tal a volta em hum momento, que Lazaro se achou descaçado no Seio de Abraham, & o Rico ardendo no Inferno. Gloriosa

va o triste por remedio, qua-
 do já não era tempo de reme-
 dio, & pedia huma gota de
 agua, a quem não tinha dado
 hũa migalha de pão. Mas que
 resposta tiverão os seus cla-
 muros? Respondêlho A-
 braham com este ultimo de-
 fengano, & tam justa, como
 tremenda sentença: *Fili, re-
 cordare, quia recepisti bona in
 vita tua, & Lazarus similiter
 habuit: nunc autem hic consolatur,
 tu vero cruciaris: Lembrete
 filho, do outro tempo,
 & do outro mundo, & não
 estrenharás, que na tua fortu-
 na, & na de Lazaro, vejas hũa
 tam grande mudança: tu na
 tua vida gozaste os bens, &
 Lazaro padecéo os males; a-
 gora tu padeces os males, &
 elle logra os bens: *Fili, recor-
 dare.* Oh se os Ricos, & os
 Lazaros, não esperáto pela
 outra vida, para se lembrarê
 do que agora são, & do que
 podem ser depois!*

189 Digra-me os Ri-
 cos, quem for este Rico, & os
 Pobres, quem for este Lazaro?
 O Rico, foi o q' são hoje os q'
 se chamaõ Senhores: & Laza-
 ro, foi o que são hoje os Po-
 bres Escravos. Não são os

Senhores, os que vivem des-
 cançados, & em delicias, & os
 Escravos em perpetua afflic-
 ção, & trabalhos? Os Senho-
 res vestindo Holladas, & ras-
 gando sedas, & os Escravos
 nós, & despidos? O, Senhores
 em banquetes, & regatos; &
 os Escravos morrendo à fo-
 me? Qua muito logo, que a-
 cabada a Comedia desta vi-
 da, a Fortuna troque as mãos,
 & que os que neste mundo lo-
 gráto os bens, no outro pa-
 deçao os males; & os que a-
 gora padecem os males, de-
 pois tambem elles vão lograt
 os bens? E se alguém me dis-
 ser, que os Escravos, que nes-
 ta vida padecem os males,
 tambem tem peccados, & os
 Senhores, que lograt os bens,
 tambem tem boas obras? Res-
 pondo, que taes podem ser as
 boas obras de huys, & os mu-
 tos peccados dos outros, que
 huys, & outros sejaõ a ex-
 ceição desta regra. Mas gerat-
 mente fallando, a sentença de
 Abraham he fundada no que
 ordinariamente succede. Dá
 a razão muito adequada S.
 Gregorio Papa: *Mala Laetini
 purgavit ignis inopie: bona
 Danys remuneravit feditudo*

D.
 Greg.
 Homil.
 40.

com que se pôde rematar este ponto. Porque quâdo a Virgem Senhora nossa no seu Cantico disse, que pelo Filho, de q̄ Deos a tinha feito Mãy, lhe chamariaõ todas as gerações Bemaventurada, foi tomando da boca de Lia as mesmas palavras, com que ella se chamou bemaventurada pelos filhos da sua Escrava Raspha. *Huc alluſte Beata Virgo Deipara, cum cecinit: Beatam me dicent omnes generationes:* diz o doutíssimo Cornelio. E se a mesma Mãy de Deos mediu os seus louvores pelos da Escrava Raspha, desprezada pelo rosto, & pela cor, bem claramente se deixa ver, se pela differença das cores estimará mais os Brancos, & menos os Pretos.

VI.

188 **S**O' resta a ultima razão, ou sem razão, porque os Senhores desprezaõ os Escravos, que he a valdeza, & miseria da sua fortuna. Oh Fortuna! E que mal considera a cegueira humana ás voltas da tua roda? Virá

tempo, & não tardará muito, em que esta roda de volta, & entãõ se verá, qual he melhor fortuna, se a vil, & desprezada dos Escravos, ou a nobre, & hórada dos Senhores. Muitas vezes tendes ouvido a Historia daquelle Rico sem nome, & do Pobre chamado Lazaro. O Rico vivia em Palacios dourados, & Lazaro ao Sol, & à chuva jazia na rua: o Rico vestia Purpuras, & Holládas, & Lazaro, se estava cuberto, era de chagas: o Rico banqueteeava se esplendidamente todos os dias, & Lazaro para matar a fome, não alcançava as migalhas, q̄ cahiaõ da sua mesa. Pôde haver maior differença de fortunas? Todos os que passavão, & viaõ as delicias do Rico, envejavãõ a sua felicidade, & todos os que não tinhão alco de pôr os olhos em Lazaro, tinhão compaixão da sua miseria. Senãõ quando chegou alli de repête a morte, deu hum pontapé na roda da Fortuna, & foi tal a volta em hum momento, que Lazaro se achou decaçado no Seio de Abraham, & o Rico ardendo no Inferno. Glam-

va o triste por remedio, quã-
do já não era tempo do reme-
dio, & pedia huma gota de
agua, a quem não tinha dado
hũa migalha de pão. Mas que
reposta tiverão os seus cla-
mores? Respondêlho. A-
braham conhece ultimo de-
fengano, & tam justa, como
tremenda sentença: *Fili, re-
cordare, quia recepisti bona in*
Luc. 16.25. vita tua; & Lazarus similiter
mahe: ut non autem hic consolatur, tu vero cruciaris. Lem-
braste, filho, do outro tempo,
& do outro mundo; & não
escrentarás, que na tua fortu-
na, & na de Lazaro, vejas hũa
tam grande mudança: tu na
tua vida gozaste os bens, &
Lazaro padecéo os males; a-
gora tu padeces os males, &
elle logra os bens: *Fili, recor-
dare.* Oh se os Ricos, & os
Lazaros, não esperatão pela
outra vida, para se lembrarê
do que agora são, & do que
podem ser depois!

189. Digãme os Ri-
cos, quem foi este Rico, & os
Pobres, quem foi este Lazaro?
O Rico, foi o q' são hoje os q'
se chamaõ Senhores: & Laza-
ro, foi o que são hoje os Po-
bres Escravos. Não são os

Senhores, os que vivem des-
cangados, & em delicias, & os
Escravos em perpetua afflic-
ção, & trabalhos? Os Senho-
res vestindo Hollãdas, & ras-
gando sedas, & os Escravos
nús, & despídos? Os Senhores
em banquetes, & regalos; &
os Escravos morrendo à fo-
me? Que muito logo, que a-
cabada a Comedia desta vi-
da, a Fortuna troque as mãos,
& que os que neste mudo lo-
gratão os bens, no outro pa-
deção os males; & os que a-
gora padecem os males, de-
pois tambem elles vão lograr
os bens? E se alguem me dis-
ser, que os Escravos, que nes-
ta vida padecem os males,
tambem tem peccados, & os
Senhores, que logratão os bens,
tambem tem boas obras? Res-
pondo, que taes podem ser as
boas obras de hums, & os mu-
tos peccados dos outros, que
hums, & outros sejaõ a ex-
ceição desta regra. Mas geral-
mente saltando, a sentença de
Abraham he fundada no que
ordinariamente succede. Dã
a razão muito adequada S.
Gregorio Papa: *Mula. Lascivi*
purgavit. ignis. inopia: bona
Duvis remuneratim saltant

D.
Greg.
Homil.
40.

transcuntia vite. Lazaro tam-
 bem teria alguns peccados,
 como tem os Escravos; mas
 esses purgáraõse pela sua po-
 breza, pela sua miséria, p' los
 seus trabalhos: & o Rico
 tambem teria algũas boas o-
 bras, como hoje tem os Se-
 nhores; mas essas pagouõhas
 Deos com os bens, que lo-
 graõ nesta vida. Desorte, que
 os Ricos, & os Senhores tem
 nesta vida o seu Paraiso, & os
 Lazaros, & os Escravos, o seu
 Purgatorio. Ento berbeçaõse
 agora os Senhores com a sua
 fortuna, & desprezem a dos
 seus Escravos.

190 Qual destas fortu-
 nas haja de ter mais de sua
 parte o favor, & amparo da
 Virgem Senhora nossa, a mes-
 ma Senhora o declarou ca-
 nora, & canonicamente, quã-
 do disse: *Dispersit superbos*
mente cordis sui. Deposuit po-
tes de sede, & exaltavit hu-
miles. Esurientes implevit bo-
nu: & divites dimisit inanes.
 A razão manifesta desta dif-
 ferença, & que não tem tre-
 plica, he: porque a Virgem
 Maria he Mãe de Misericor-
 dia: o objecto da Misericor-
 dia he a miséria: logo para a

parte da miséria, & dos que
 a padecem, ha de propender a
 Mãe da Misericordia. Cada-
 hum dos outros dous pontos
 provámos com Deos, com
 o Filho de Deos, & com a
 mesma Mãe de Deos: & tam-
 bé o faremos neste; mas bre-
 vissimamente, pois não per-
 mitte mais o tempo.

191 Peccou o Anjo no
 Ceo, & o Homem no Parai-
 so: & que resolvéo Deos nes-
 tes dous casos tam semelhan-
 tes? Aos Homens remio, & aos
 Anjos não: Aos Homens, co-
 mo diz Zacharias, abriu as
 entranhas da sua misericor-
 dia, & com os Anjos execu-
 tou toda a severidade de sua
 justiça. Pois se os Anjos são
 as mais nobres de todas as
 criaturas, & os Homens for-
 mados de barro: os Anjos de
 tam sublime entendimento,
 & os Homens ignorantes: os
 Anjos por natureza immor-
 taes, & os Homens sujeitos a
 todas as misérias da mortali-
 dade: Porque se compadeçoõ
 Deos da cahida dos Homens,
 & não reparou a ruina dos
 Anjos: Por isso mesmo. Porq̃
 a vilteza, a ignorancia, & a mi-
 seria estava só da parte dos
 Ho-

Homens, como cà da parte dos Escravos, & para onde carregou o pezo da miseria, para alli inclinou a balança da misericordia: *Propter misericordiam inopum, & gemitũ pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.* Isto he o que fez Deos Padre sem perdoar ao Sangue de seu proprio Filho.

192 E o Filho do mesmo Deos, que fez? Elle (bemdito seja) o escreveu com a penna do Profeta Isaias: *Spiritus Domini super me, eò quòd unxerit Dominus me.* O Filho de Deos feito Homem he Christo, que quer dizer Ungido: & diz que ungió o Espirito do mesmo Deos: & para que? *Ut mederer contritiis corde, & predicarem captivis indulgentiam, ut consolarem omnes lugentes:* para remediar, para livrar, para consolar a todos os affligidos, a todos os cativos, & a todos os que choraõ suas miserias. Bem está. Mas os que não tem miserias, nem trabalhos, nem cativeiros, nẽ afflicções que chorar, não veyo o Filho de Deos ao mundo tambem para elles? Sim veyo: mas como o seu Espirito he de piedade, de cõpai-

xaõ, & de misericordia, os tristes, os affligidos, os cativos, & os miseraveis, são os q̃ mais lhe movem, & levão o coração, como se só para elles viera. E se esta he a inclinação, & propensão do Filho de Deos, qual podemos confiar, que será a da Mãy do mesmo Filho?

193 Gerson, aquelle famoso Cancellatio de Pariz, mais Santo ainda que Politico, diz, que a Mãy de Deos se chama Mãy de misericordia; porque he propriedade particular, que a Senhora tomou para sy, favorecer os miseraveis: *Maria. Miter ideo dicitur misericordie, quia quodammodo sibi proprium est misereri miseris.* E acrescenta, que a figura, que a elle lhe parece mais propria desta misericordia da Virgem Maria, he, a que pintou o Poeta Estacio na descripção do Templo, q̃ os Athenienses dedicáraõ à mesma Misericordia: *Tu ipsa es verum Templum Misericordie in Templo Misericordie figuratũ, de quo loquitur Statius Poeta.* E que diz Estacio? Diz, que naquelle Templo poz seu assento a Cle-

mencia, & que os miseraveis
são, os que lho consagraraõ:

———— *Posuit Clementia
sedem,*

Et miserificèrè sacram.

Diz mais, que de dia, & de
noite tem as portas abertas,
& que as queixas, & petições
de todos os que a elle con-
córrem, são ouvidas:

*Auditi quicumque rogant, no-
ctes que, diesque*

*Ire datum, & solis Numen pla-
care querelis.*

Diz mais, que não se vem alli
fumos de incenso, nem san-
gue de victimas, porque os sa-
crificios, que se offerecem,
são sómente lagrimas, & ge-
midos:

———— *Non thurea flama,
nec altus*

*Accipitur sanguinis, lachry-
mis altaria sudant.*

Finalmente conclue, que o
Templo da Misericordia está
sempre cheio de pobres, &
miseraveis, todos tremendo:
& que só os felices, & bem a-
fortunados não conhecem a-
quelles Altares;

*Sempre habet trepidos, semper
locus horret egenis.*

*Cæcis, ignotæ tantum felici-
bus ara.*

Oh se os que se tem por feli-
ces, & bem afortunados, repa-
rassem bem nesta ultima clau-
sula! Os miseraveis são, os q̃
consagraraõ o Templo à Mi-
sericordia: os miseraveis, os
que tem nelle sempre as por-
tas abertas: os miseraveis, os
que alli offerecem seus gemi-
dos, & sacrificiaõ suas lagri-
mas: os miseraveis, são aquel-
les, cujas queixas, & depreca-
ções sempre são ouvidas; &
só os felices, & bem afortu-
nados, os que não são admit-
tidos àquelles Altares, nem
os conhecem: *Ignotæ tantum
felicibus ara.*

194 Tal he, Senhores,
os que assim vos chamais, a
vossa fortuna, & tal a q̃ des-
prezais nos vossos Escravos:
elles por miseraveis tem sem-
pre abertas as portas da Mi-
sericordia da Mãe de Deos,
& abertos, & promptos a suas
queixas seus piedosos ouvi-
dos: & vós cõ as vossas for-
tunas, pôde ser, que nem ou-
vidos, nem conhecidos seiais
em seus Altares. E se me dis-
ferdes, que isto são encareci-
mentos poeticos; praza a
Deos, que o exprimenteis as-
sim, quando a morte der a vol-
ta

ta à roda da Fortuna. Mas Eu tenho outra figura mais verdadeira que a de Estacio, & outra applicação mais certa que a de Gerson, a qual tam admiravel, como temerosamente, concorda com ella. A passagem do Egypto para a Terra de Promissão significa a deste Mundo para o Ceo: os filhos de Israel todos eraõ Escravos dos Egyptios: Paraõ, & os Egyptios eraõ os Senhores destes Escravos: & na passagem do Mar Vermelho, qual foi o successo? Os Senhores, todos ficáraõ afogados, os Escravos, todos passáraõ a salvamento: & quem celebrou este triunfo, foi Maria irmãa de Moysés, figura da Virgem Maria. Eu confesso, q̃ não reconheço nos Escravos geralmente taes virtudes, às quaes se possa prometter hũa segunda fortuna tam notavel como esta; mas tambem sei, que he tam poderosa a misericordia da Mãe de Deos, que compadecida das miserias, que elles padecem em toda a vida, lhe pôde converter as mesmas miserias em virtudes. E para que tambem neste ultimo ponto nos não

falte a Historia do nosso Thema, ouçamos o q̃ ella nos diz.

195 O primeiro nos confirmáraõ os dous filhos de Bala Escrava de Rachel: o segundo os dous filhos de Raspha Escrava de Lia: & este ultimo nos confirmaráõ todos quatro. Chegado à hora da morte de Jacob, lançou a benção a todos os seus filhos, a qual benção juntamente foi profecia do que elles haviaõ de ser. E se bem notarmos a benção, & profecia de cada hum, acharemos, que nestes quatro filhos das Escravas reparatio Deos aquellas quatro virtudes, a que os Filosofos chamaõ Moraes, porque compõe os costumes; & os Theologos, Cardeas; porque sãõ os quatro pólos, de que depende toda a vida racional, & felicidade humana. *In his D. Greg. quatuor virtutibus tota boni operis mstructura consurgit. Moral. 9.* diz S. Gregorio Papa. A primeira he a Prudencia, & esta coube a Nephtali: *Nephtali Genes. cervus emissus, & dans eloquia pulchritudinis. 49. 21.* A segunda he a Justiça, & esta coube a Dan: *Dan judicabit. Ibid.* A terceira he Fortaleza, & esta coube a 16.

gancia: seguindo este segundo sentido mais côforme a benignidade universal da Mãe de misericórdia, que a nenhũa exclue, & a todos abraça; digo por ultima conclusãõ, que assim aos Brancos, significados no Aquilo, como aos Pretos, no Austro, a huns, & outros convida, & excita a Senhora, a que venhão ao seu jardim do Rosario, posto que de partes oppostas: & que essa mesma opposiçãõ sirva só de contenderem entre sy, a quem com maior affecto, devaçãõ, & fervor, se ha de esmerar em seu serviço. Lá disse S. Paulo, que dividio

Rom.
10.19

Deos o genero humano em dous Povos, Gentilico, & Judaico, para que o Gentio por emulaçãõ do Hebréo; & o Hebréo por emulaçãõ do Gentio, se animassem, & provocassem reciprocamente, não só a receber; & conservar a

Fé do verdadeiro Deos, mas a se vencer à profia no exercicio mais perfeito da Religiãõ, & Culto Divino. Seja este pois o fim desta separaçãõ de Irmandades entre Brancos, & Pretos. Os Brancos, & Senhores, não se deixem vencer dos Pretos, que seria grande afronta da sua devaçãõ: os Pretos & Escravos procurem de tal maneira imitar os Brancos, & os Senhores, q̃ de nenhum modo consentão ser vencidos delles. E desta sorte, procedendo todos como filhos igualmente da Mãe de Deos, posto que diferentes na cor, não só conservarãõ a Irmandade natural, em que Deos os criou, mas alcançarãõ a sobrenatural, & adoptiva de seu Filho, Herdeito emquanto Homem do Cetro de Juda: *Iudam, & fratres ejus.*

FINIS.

SER.



S E R M A M

X X I.

Beatus venter ; qui te portavit. Luc. II.

I.

198



TITULO

de que mais se gloria, & de que mais se deve gloriar a Virgem Maria Senhora nossa, he o que lhe dà a Igreja, de Mãy admiravel, *Mater admirabilis*. Assim o revelou já a mesma Senhora. E se examinarmos profundamente os fundamentos deste gloriosissimo titulo, que maior admiração huma vez, que ser húa molher Mãy, & Virgem? Que maior admiração outra vez, que ser Filho desta molher o mesmo Filho de Deos? E que maior admiração, outra, & mil ve-

zes, que o mesmo Filho, que eternamente he concebido, & gerado na Mente do Pay, seja tambem concebido temporalmente, & gerado no Ventre da Mãy? Isto he o q̄ quer dizer: *Beatus venter, qui te portavit*. E quer dizer mais alguma cousa? Sim quer, mas não póde. Descrevendo S. João Evangelista a geração eterna do Filho de Deos, he reparo digno de summa observação, que ao Filho tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca lhe chamou Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca lhe chamou Padre. Contai bem huas, & outras: *In principio erat Verbum: & Verbum erat apud Deum:*

Luc. 11.27

Joan. I.

1.

Denm: & Deus erat Verbum. Hoc erat in principio apud Deū. Pois se o Verbo he Filho de Deos Padre, & o Padre he Pay do Verbo: o Verbo porq̃ se não chama Filho, & o Padre porq̃ senão chama Pay? Aqui fica suspenſa a admiração no principio do Evangelho, mas no fim delle ainda se ſuspende mais: *Verbum caro factum est:* fez se o Verbo Homem: *Et vidimus gloriam ejus quasi Unigeniti à Patre:* & vimos a ſua gloria como de Filho Unigenito do Padre. Pois agora depois que o Verbo se fez Homem, já Deos se chama Pay, & já o Verbo se chama Filho, *Unigeniti à Patre?* Assim o escreveu, & diſpoz o Evangelista, que voou mais alto que todos. Deſorte, que antes de o Verbo ser Filho de Maria, nem o Verbo no Evangelho se chama Filho de Deos, nem Deos se chama Pay do Verbo; mas tanto que Maria foi ſua Mãy, logo o Filho se chamou Filho, & o Pay se chamou Pay: como se a geração eterna, & paſſiva do Filho, esperára pela geração da Mãy, para se denominar Filho; ou a geração eter-

na, & activa do Pay esperára pela correlação da Mãy, para se denominar Pay. Isto porém nem he, nem pô se ser. E ninguém houve até hoje q̃ alcançasse o myſterio, nem achasse o fundo ao modo tam exquisito deſta narração. O deſvellados Interpretes, o estudo dos Theologos, & a curioſa especulação dos mais agudos, & tenazes Engenhos, toda se cança, toda se ſéca, toda se ſuspende, & não tira de quanto cuida, ou diſcorre neste reparo, mais que a ſumma admiração. Mas eſta meſma admiração para comigo, ſenão he todo o myſterio, ao menos he grande parte delle, para que aſſim se conheça cõ aſſombro, quam altamente quadra à Maternidade da Virgem Maria o glorioſiſſimo titulo de Mãy admiravel. Admiravel em ſy, admiravel no Filho, & ſobre todos os limites da admiração, até no meſmo Pay; admiravel; pois antes de a Mãy de ſeu Filho ser Mãy, não quiz elle que o Evangelista lhe chamasse Pay. E já pôde ser, que eſta foi a razão porq̃ a Oradora do Evangelho no ſeu breve

breve Panegirico não disse) Bemaventurado b. Ray de (seu Filho, senão que todo o louvor do Filho referido, & applicou à Mãe de *Beatus Venter, qui te portavit*. 199. Isto he o que diz o Evangelho. Mas com dizer tanto, parece, que não diz cō o que Eu tenho obrigação de dizer. A minha obrigação hoje he pregar do Rosário, q̄ foi o segundo parto da Virgem Senhora nossa. E comparando hum parto com outro parto, que posso Eu dizer? Se posso; digo, que se a Mãe de Deos foi Mãe admiravel, porque concebéo o Verbo, não foi menos admiravel, porque concebéo o Rosário. Isto digo, se posso dizer tanto. E se posso dizer mais; digo, que mais admiravel foi a Senhora em conceber o Rosário, que em conceber o Verbo. Para examinar estas duas possibilidades, ou estes dous impossiveis, pegamos à mesma Senhora do Rosário nos aliance a Graça. *Ave Maria, &c.*

III.

200. **D**uas cousas podem parecer estranhas, & quando meods, duvidosas, não assumptos, que propuz: hũa como muito nova, & outra como totalmente impossivel. A primeira, & muito nova, chamar ao Rosário segundo parto da Virgem Senhora nossa. A segunda, & totalmente impossivel, admitir, ou pôr em questãõ, que pôde haver outro parto mais admiravel q̄ o do Verbo. Mas ambas estas supposições não sãõ as temos fundadas, senão provadas no nosso Evangelho.

201. Quando a mulher, que levãtou a voz, disse: *Beatus Venter, qui te portavit*, canonizando por Bemaventurada a Mãe, que trouxe em suas entranhas a Christo, com quem fallava; respondéo o mesmo Senhor: *Quoniam Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiant illud.* antes se digo, que mais bemaventurados sãõ, os que ouvem a palavra de Deos, & a guardaõ. Mais bemaventurados, diz Christo,

Luc.

11-28.

Christo,

Christo, & mais bemaventurados, quando se falla da Mãe, que o concebeo, & trouxe dentro em suas entranhas; *Beatus Ventri, qui se portavit.* Sim, Logo tomada a Maternidade da Virgem Santissima precisamente, em quanto como Mãe natural concebeo em suas purissimas entranhas o Verbo Eterno; bem pôde haver outra prerogativa na mesma Senhora, que seja mais excellente, & maior, & por isso mais admiravel. Assim o dizem comumente os Santos Padres, & o concedem, & enfião todos os Theologos sem discrepancia. De sorte, que aquella supposição, que parecia impossivel, não só se colhe das palavras de Christo com evidencia Theologica, mas he dogma infallivel com certeza de Fé? Quanto à outra supposição de chamar ao Rosario segundo-parto da mesma Virgem, que pela novidade, ou estranheza do nome parecia difficiltoza; examinando os mesmos Theologos a razão, & fundamento das palavras de Christo, *Quinimo beatus, qui audivit verbum Dei, re-*

solventibus causas; a primeira, que he das não exceder o Senhor a sua Mãe. A segunda, que antes lhe acrescentou outro segundo, & maior louvor, outra segunda, & maior excellencia, outra segunda, & maior bemaventurança. E qual he? He, que não só concebeo a Senhora o Verbo Eterno no Ventre, como disse a mulher do Evangelho, se não também na Mente: & conceber a Deus na Mente, foi muito maior felicidade, & muito maior bemaventurança, q̄ concebello no Ventre. *Beatus fuit Maria concipiendo Mente, quam Ventre:* diz São Augustinho, & cõ elle toda a Theologia. Demanera, que a Virgem Maria concebeo, & pario o Verbo por dous modos de conceição, & do parto, não só d'ellos, mas hum mais excellente que outro, hum corporal no Ventre, & outro intellectual na Mente: & este segundo foi o modo, com que a mesma Senhora primeiro concebeo, & depois sahio a luz com o parto do Rosario. Toda a materia do Rosario não he outra que o mesmo Verbo Encarnado, não

Augu-
stinus
ibi,

feria. Bem dize entre as ho-
 lheres *In mulieribus* Porq de
 ainda que aquella côceição,
 & aquella parto foi milagro-
 so, & o maior de todos os
 milagres, e como do como
 foi parto do Verbo, posto que
 virginal, *Ecco concipies in ute-
 ro*, sempre a Senhora ficou
 dentro da esfera das outras
 molheres, & das outras mães.
 & assim era necessario, para
 que fuisse Mãe natural, &
 verdadeira Mãe do Filho de
 Deus. E este foi o modo, como
 que a Virgem foi Mãe no My-
 stério da Encarnação do Ver-
 bo. Porém no Rosario, &
 seus Mystérios não foi Mãe
 como as outras molheres (as
 mães, não Mãe como o E-
 terno Padre he Pay, porque
 concebeo o mesmo Verbo
 Encarnado, não no Ventre,
 senão na Mente. O modo, com
 que o Eterno Padre gera o
 Verbo, & a razão porque o
 Verbo he Filho, & o Espiri-
 to Santo não, he, porque o Pa-
 dre o concebe na Mente, co-
 mo imagem de sua própria
 substancia. E assim como o
 Verbo antes, & depois de en-
 carnar, sempre he parto do
 entendimento do Pay, assim

depois de encarnado, conce-
 bido no Rosario, he parto do
 entendimento da Mãe. Na
 Encarnação como parto das
 outras mães, no Rosario co-
 mo parto do mesmo Padre.

205. Daqui se entenderá
 a razão, & o conselho altis-
 simo, porque o mesmo Padre
 antes da Encarnação do Ver-
 bo a mandou anunciar a Vir-
 gem com hũa tão solenidade
 baixada. Assim como Deus
 formou a Eva do lado de
 Adam sem consentimento
 seu, nem ainda sentimento,
 porque estava dormindo, pe-
 lo mesmo modo pudera tirar
 das purissimas entranhas da
 Virgem Maria a nova tela da
 Humanidade, de que queria
 vestir a seu Filho: & sem fa-
 zer agravo como Supremo
 Senhor a mesma Mãe, a qual
 quando a deu, se confessou
 por Escrava. Pois porque o
 não ordenou assim Deus, mas
 quiz q primário fosse a Vir-
 gem informada, não só da
 substancia da Encarnação do
 Verbo, senão de todas as cir-
 cunstancias della, & que a
 mesma Senhora antes de dar
 seu consentimento se exami-
 nasse, & inquirisse: *Quomodo*

fiat istud? A razão altíssima foi, porque quiz Deos, que a Mãe de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. E assim como a geração, & parto do Verbo se concebe na Mente do Padre; assim a Mãe antes de o conceber no Ventre, o concebesse tambem na Mente. He advertencia singular de S. Bernardino sobre as palavras *Fiat mihi secundum verbum tuum* da mesma Virgem: *Quod in aure mea factum est per Angelicam salutationem, & in Mente mea per Fidei conceptionem: fiat mihi, id est, in Utero meo, per Divini Verbi incarnationem.* De sorte, que antes de se obrar a Encarnação do Verbo no Sacratio Virginal do Ventre Santissimo; já a mesma Mãe por modo semelhante ao Pay o tinha concebido todo no interior da Mente: *In Mente mea per Fidei conceptionem.* Pois assim como a Virgem antes da Encarnação do Verbo concebêo na Mente o mesmo Verbo, & havia de encarnar, & nascer de suas entranhas, para se parecer com o Padre nasão de toda a Encarnação o concebêo tambem

Tom. 6.

na Mente já encarnado, nascido, morto, & resuscitado para formar o Rosario.

206 Oh Entendimento altissimo, ô Mente soberana de Maria, que bem disse de vossas idéas com dourada eloquencia Chrysologo: *Quantus sit Deus, satis ignorat ille, qui hujus Virginitatis Mentem non stupet, animum non miratur.* Chry.
sol.
Serm.
149.

Quer dizer, que quem não admira, & pasma do Entendimento, & Mente de Maria, não conhece bastantemente a Deos. Conhecello ha como Criador do mundo, como só era conhecido antigamente, mas não o conhece como Pay do Verbo, Filho igual a sy mesmo em tudo: o qual na Mente concebe, & na Mente gera. Porém quem chegou a conhecer, & admirar a Mente de Maria, esse conhecêo perfeitamente a Deos, não só como Criador do mundo, senão como Pay do Verbo; porque assim o Pay, como a Mãe; ambos concebem na Mente o mesmo Filho.

207 E pois fallamos em Deos como Criador, & como Pay; douz prtos reconhece a Fé em Deos, hum ad

N

intra

intra enquanto Pay, que he o Verbo, & outro *ad extra* enquanto Criador, que he o mundo. E a mesma differença de partos com verdadeira propriedade podemos, & devemos considerar na Virgem Santissima. O parto *ad intra* foi o do Verbo Encarnado, q̄ concebéo dentro em suas entranhas, & o parto *ad extra* foi o Rosario, com que depois de concebido na Mente, sahio em seu tempo à luz do mundo. E se este segúdo parto, por ser concebido na Mente; foi mais admiravel que o primeiro, tambem considero Eu, & naõ duvido dizer, que foi mais admiravel que o segúdo parto de Deos na criação do Universo. E porque? Porque na criação do Universo; Deos foi o Artifice, a materia o nada, & a fórma as criaturas: porém na instituição do Rosario, o Artifice foi a Virgem, a fórma foi o Rosario, & a materia Deos. A materia Deos, torno a dizer, porque Deos humanado em todas as suas acções, & Mystérios, laõ a materia, de que se fórma o Rosario. Naõ se póde dizer aqui, *Materiam supe-*

rabat opus: mas póde-se affirmar do Rosario, o que S. Jeronimo disse da soberana Authora d'elle: *Si formam Deite appellem, digna existis*: porque Deos he a materia, & o Rosario a fórma.

IV.

208 **A** Segunda razão; ou excellência, porque foi mais admiravel o parto do Rosario que o do Verbo, he, porque na Encarnação concebéo a Virgem o Verbo na terra, no Rosario concebéo-o no Ceo. O parto do Verbo na Encarnação foi parto de Maria cheia de graça, o parto do mesmo Verbo no Rosario foi parto de Maria cheia de gloria. Muito diz esta grande proposição, mas ainda suppoem mais do que diz. Suppoem, que a Virgem Senhora nossa ainda no Ceo gera a seu Filho: mas isto (dizão os Doutores, & Doutissimos) como póde ser? Primeiro diremos, que póde, & depois declararemos como Santo Ildefonso fallando da Encarnação, disse hũa sentença, que todos os Doutores
ad-

admiraõ, & confessaõ, que
naõ entendem. As palavras
são estas: *In præterito munda*
Deo, in præfenti plena Homi-
ne, & Deo, in futuro generans
Hominem, & Deum. No passa-
do antes da Encarnação esta-
va Maria pura para Deos:
In præterito munda Deo: no
presente da Encarnação este-
ve cheia do Homem Deos:
In præfenti plena Homine, &
Deo: & no futuro depois da
Encarnação está gerando ao
mesmo Homem, & Deos: *In*
futuro generans Hominem, &
Deum. O mesmo tinha já dit-
to Santo Athanasio, cujas pa-
lavras logo citarei. Mas co-
mo pôde isto ser? Póde ser,
& he na Mã, como sempre
foi, & he, & será no Pay: O
Eterno Padre naõ só gerou
ao Eterno Verbo seu Filho,
mas sempre o está gerando.
Assim o diz elle mesmo: *Fi-*
lius meus es tu: ego hodie genui
te: Vós sois meu Filho, ao
qual Eu hoje, & ab eterno ge-
rei, & sempre, & por toda a
Eternidade estarei gerando.
E isto q' faz, & fez sem prin-
cípio, & fará sem fim a Men-
te do Padre, isto he o que tam-
bem fez depois da Encarna-

ção, & faz hoje, & fará por to-
da a Eternidade a Mente da
Mã: *In futuro generans Deū,*
& Hominem. Agora entra-
em seu lugar as palavras, tam-
bém difficultosas, & naõ en-
tendidas, do grande Athana-
sio, o qual sobre as do An-
jo, *Virtus Altissimi obumbra-*
bit tibi, acrescenta assim:
Quam virtutem per omnia
tempora concepitus eam habuif-
se confido, & post conceptum e-
tiam retinuisse: nec enim id
temporarium in Virgine acci-
diffe opinor, sed per omnia tem-
pora hoc illi datum fuisse, quem
admodum nunc in præfentia,
& in æternam usque, habet
hec Virgo. Naõ se poderá di-
zer, nem mais clara, nem mais
illustremente. E como a Men-
te da Virgem Mã com glori-
osa emulação, & imitação
do Pay depois de concebido,
& encarnado o Verbo na ter-
ra, sempre o está concebendo,
& gerando no Ceu, desta
continuada geração foi se-
gundo, & novo, & mais ad-
mitavef parto o do Rotario,
com que depois de estar no
Ceu tantos seculos, final-
mente sahio à luz.

LUC. I
35.
Athã:
nañ.
Serm.
de Dei-
para.
Adde
Lacer-
dam E-
piscop.
Alme-
riem,
qui se-
quutus
eosdem
PP. &
Am-
brof.
Post-
quam,
inquit,
Verbū
genuit
in car-
ne: Ma-
tia, non
cessavit
gignere
mente,
& quali
repetit
eum
setum
educer
te, a.

Ildefon
sus de
Virgi
ni cap.
10.

Pfal.
2.7.

cervu-
que ef-
fecit
gemi-
tibus
vicibus
produ-
ctionis,
quod
granum
in utero
genera-
vit.

Apo-
cal. 12.

1.

Ibid.

2. & 5.

cura, & ella nos dirá como foi mais admiravel este segundo parto: *Signum magnum apparuit in celo: Mulier, amicta Sole.* Diz S. Joáo nas Revelações do seu Apocalypse, que vio hum grande final, & hum grande milagre no Ceo, o qual era huma Mulher vestida do Sol com todo o outro apparato, & ornato de luzes, que tantas vezes ouvistes. Vay por diante, & diz, que esta mesma Mulher no Ceo com grandes dores, & clamores parira hum Filho dominador do mundo: *Et in utero habens, clamabat parturiens, & cruciabat ut pariat. Et peperit filium masculinũ, qui recturus erat omnes Gentes.* Esta Mulher vestida de Sol he a Virgem Maria, o Filho dominador do mundo he Christo, de que ninguem duvida. Mas se a Senhora concebeo, & pario este Filho na terra, como vio S. Joáo tanto depois que o havia de parir, & pario no Ceo? Porque estes são os dous partos da Virgẽ Santissima, de que himos falando. Hum parto na terra, q̃ foi concebido em Nazareth, & nasceu em Belem, que he

o parto do Verbo Encarnado: & outro parto no Ceo, q̃ lá foi concebido, & de lá nascido, que he o parto do mesmo Verbo, do qual, & dos seus Mysterios se compoem o Rosario.

210 Mas como diz o mesmo Evangelista, que neste segundo parto houve dores, & clamores, effeitos ambos, ou accidentes tam alheos da Mãe Virgem, como do Ceo onde estava? Houve dores: *Cruciabatur ut pariat*: houve clamores: *Clamabat parturiens.* E notay, que as dores foram antecedentes ao parto: *Ut pariat*: & os clamores foram juntamente com elle: *Parturiens.* Que dores foram logo estas, & que clamores no segundo parto da Virgem Senhora nossa no Ceo? Tudo assim como está notado, ou difficultado, he admiravel prova, & confirmação de ser o parto do seu Rosario. Vamos à Historia Ecclesiastica, & sabamos qual foi a occasião porque, & qual o modo com que sabio a mesma Senhora com o seu Rosario ao mundo. A occasião foi a Heresia dos Albigenzes, os quaes im-

impia, & blasfemamente negavaõ a Pureza Virginal da Mãe de Deos. E daqui nascéraõ as dores, que, sem embargo de estar no Ceo, atormentavaõ a Virgem: *Cruciabatur ut pariat*: assim como se diz do mesmo Deos na occasiãõ do Diluvio: *Tactus dolore cordis intrinsecus*. E porque ninguém o duvide, não temos menos testemunha, que vinda do mesmo Ceo. Quando Santo Ildelfo n'õ defendeo a Pureza Virginal da mesma Senhora, & convencéo os Heresjes, que em seu tempo a negavaõ, descéo do Ceo Santa Leocádia, & saindo da sepultura, lhe disse publicamente na Sé de Toledo: *Ildelfonse, per te vivit Domina mea, quæ cæli culmina tenet*: Ildelfonso, por vós vive a minha Senhora, que tem o mais alto trono do Ceo. De maneira, que teve tanta occasiãõ de dor, & lhe doeu tanto à Soberana Virgem aquella blasfemia, como se os que lhe negavaõ a Pureza Virginal, lhe tiráraõ a vida. E estas toraõ as dores, que deraõ occasiãõ, & apreláraõ o parto, como diz o Texto: *Cruciabatur ut pariat*.

E os clamores quaes toraõ: *Clamabat parturiens*? Foraõ as vozes dos Prégadores, diz Alcaçar, que prégáraõ pelo mundo o mesmo parto: *Idoneè referuntur clamores ad clamores prædicationis*. E assim foi, não no seu, senãõ no nosso sentido. Porq̃ ensinãdo, & ditãdo a Senhora o seu Rosário a S. Domingos, elle, & os Prégadores Apostolicos de toda a sua Religiãõ, o publicáraõ, & apregoáraõ pelo mundo, confutando principalmente aquella heresia, & fazendo emmudecer as linguas blasfemas dos que a seguiaõ. Em summa, que as dores como disposiçaõ, & motivo, precederaõ ao parto: *Cruciabatur ut pariat*: & as vozes, & clamores sabiraõ, & se ouviraõ juntamente com elle: *Clamabat parturiens*: porque entãõ nascéo, & se manifestou no mundo o Rosário.

211 Finalmente, que este segundo parto da Virgem Maria no Ceo, seja mais admiravel que o primeiro do Verbo Encarnado na terra; o mesmo Texto o diz na primeira palavra: *Signum magnum apparuit in celo*. E senãõ,

combinemos este Texto com o mais expresso da Encarnação do Verbo. O mais expresso Texto da Encarnação do Verbo he o do Profeta

Isai 7. *14.* *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium, & vocabitur nomen eius Emmanuel:* que huma

Virgem conceberia, & pariria hum filho, o qual seria Deos. E com que prefação entra os mais eloquente de todos os Profetas a anunciar ao mundo esta nunca vista, nem imaginada novidade? *Propter hoc dabit Dominus ipse*

Ibid. *se vobis signum: Ecce, Virgo concipiet: &c.* Notay agora a differença, com que hum, & outro Profeta falla em hum, & outro parto. Ao primeiro parto da Virgê na terra chame Isaias sómente *Signum: Dabit Dominus ipse vobis signum:* ao segundo parto da mesma Virgem no Ceo chame S. João, *Signum magnum: Signum magnum apparuit in caelo. Signum* quer dizer sinal, prodigio, milagre: *Signum magnum:* Sinal grande, prodigio grande, milagre grande. Pois porque razão o parto, com que a Virgem concebéo o Verbo na Encar-

nação, se chama sómente milagre; & o parto, com que concebéo o mesmo Verbo no Rosario, se chama milagre grande: *Signū magnum?* Porque mais admiravel foi este segundo parto da Virgem, q o primeiro. O parto da Encarnação foi obrado na terra, o do Rosario no Ceo: o parto da Encarnação formado em nove mezes, o do Rosario em doze seculos: o da Encarnação com quatorze annos de Graça, o do Rosario com mil & duzentos annos de Gloria: o da Encarnação lê merecimento de Christo; porque a não mereçeo, nem podia merecer, o do Rosario com todos os merecimentos de sua vida, & morte: emfim, na Encarnação concebido o mesmo Christo Minino, no Rosario concebido Varão, & em todas as idades.

V.

212 **E** Porque nesta ultima differença se encerraõ todos os Mysterios do Rosario, justo será, q nos detenhamos hum pouco na ponderação della, & seja esta
a ter:

a terceira excellencia, que faz este legundo parto mais admiravel. Outra vez temos encontrado a Isaias, não já cõ S. Joã, Profeta da Ley da Graça, mas com Jeremias, Profeta tambem da Ley Escrita. Isaias acabando de falar do parto do Verbo Encarnado, logo lhe chama Minino: *Antequam sciat puer*

Isai. 7. reprobare malum, & eligere bonum. E depois de encarnado fallando do mesmo Verbo já nascido, outra vez lhe torna a chamar Minino: *Par-*

Isai. 9. vultus natus est nobis, & filius datus est nobis. Pelo contrario, o Profeta Jeremias dalli a muitos annos profetizando da mesma Mãy, & do mesmo Filho, diz: *Creavit Do-*

Jerem. 31. 22. minus novum super terram. Fœmina circumdabit virum. que viria tempo, em que Deos cria hã cousa nova sobre a terra, & hã Mother cercaria hum Varão. Que falle este Profeta da mesma Virgem Maria, & do mesmo Filho Christo como dizia, he sentença commum dos Santos, & Doutores, com discrepancia de poucos. Mas se o parto foi o mesmo, que tinha pro-

ferizado Isaias, que novidade he esta, que Jeremias tanto encarece: *Novum creavit Dominus super terram?* Isaias profetizou trezentos annos antes de Jeremias, & se a maravilha do parto era a mesma, já não era novidade, pois havia tantos seculos, que estava escrita, & celebrada. Quanto mais, que essa mesma maravilha profetizada por Isaias consistia em ser a Mãy Virgem: *Ecce, Virgo concipiet:* & Jeremias não usa do nome de Virgem, senão de Mulher: *Fœmina.* Com que mostra, que não consiste neste milagre a novidade, que elle profetiza. Em que consiste logo?

213 Consiste, em que o parto profetizado por Isaias foi de Christo em quanto Minino, & o profetizado por Jeremias foi do mesmo Christo em quanto Varão: *Fœmina circumdabit virum.* A pessoa foi a mesma, mas as idades diversas. E por isso tambem diversos os partos, diversos os tempos, & diversas as novidades. A novidade, & maravilha de Isaias consistia em ser a Mãy Virgem, & não em ser o parto Minino, que

isto não he novidade. Porem a novidade, & maravilha de Jeremias consistio em ser o parto Varaõ, que era coula nova, & inaudita: *Novum creavit Dominus super terram: Femina circundabit virum.* Christo na Encarnação precisamente não teve idade, nem dia, nem tempo, porque foi concebido em instante. Mas todos os dias, & annos, que depois teve de vida, assim mortal, como immortal, & gloriosa, & todas as idades dessa vida, ou vidas, a Infancia, a Puericia, a Adolescencia, a Juventud, & a de perfeito Varaõ, desde Nazareth até Jerusaleem, desde o Presépio até a Cruz, & desde a Sepultura até a Dextra do Padre, todas, & com todas suas acções, & Mysterios, as comprehendêo, & reproduzio a Senhora com mais admiravel parto no circulo do seu Rosario. Porisso Jeremias não disse como Isaias, *Concipies, senão, Circundabit:* & com tão to maior sentido, como energia: *Femina circundabit virum.*

Toda a vida de Christo, como bem notou David, foi hũ *psalm.* 48. 7. perfeitissimo circulo: A sum-

mo caelo egressio ejus, & occur-
sus ejus usque ad summum e-
jus: sahio do mais alto do Ceo, vivéo na baixeza desta mundo, & tornou ao mesmo lugar do Ceo, donde tinha sahido. O mesmo Profeta declara este circulo com a comparação do Sol: *In Sole posuit tabernaculum suum.* Assim como o Sol sahe no Oriente do Ceo, dá volta ao mundo allumiando, & torna a apparecer no mesmo lugar do Oriente: assim Christo sahio do Ceo pela Encarnação, vivéo na terra obrando, ensinando, padecendo, allumiando, remindo, & depois pela Ascensão tornou para o mesmo trono do Ceo, donde sahira, onde tambem coroou a sua Mãy. E a mesma Mãy, que fez? Assim como o Filho começando Minino, & chegando a idade de Varaõ, fez hum circulo de toda sua vida: assim a Senhora fez outro circulo, que foi o do seu Rosario, em que comprehendêo toda essa vida, & cercou esse mesmo circulo: *Gyrum caeli Eccles*
circuivisela: diz a mesma Se- 24. 8.
 nhora: Circulo de Ceo a Ceo. E desta maneira meten-
 do

do hum circulo dentro de outro circulo, & o circulo da Vida do Filho dentro do circulo do Rosario, assim verificou gloriosamente o novo, & prodigioso parto da Mulher, que havia de cercar o Varão: *Femina circumdabit virum.*

214 E posto que esta exposição do Texto de Jeremias he tam medida com todas as circumstancias delle; combinemos, para maior evidencia, o mesmo Texto com as palavras antecedentes, que segundo a doutrina de Santo Agostinho, & de todos os Theologos, he a prova mais segura, & mais certa do sentido das Escrituras. Quando o Profeta disse: *Quia creavit Dominus novum super terram: Femina circumdabit virum:* as palavras immediatamente antecedentes, q̄ le atão com a-

Jerem. 31.22 quelle *Quia*, são estas *Usquequò delicijs dissolveris, filia vaga?* Atè quando, ò Natureza humana (chamalhe Deos filha, porq̄ a criou, & porq̄ a ama, & porque a quer trazer a sy) atè quando, ò Natureza humana, ha de durar a tua dissolução nas delicias? A-

tè quando has de seguir os errados caminhos da Heresia? Isto quer dizer *Filia vaga*: como a filha viciosa, que deixa a casa, & doutrina do pay, & anda vagabunda por outras. Assim o declarou a mesma filha, temerosa do q̄ lhe podia acontecer, quando disse: *Indica mihi, ubi pascas in meridie, ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum.* Can. 1.7. Pede ao Supremo, & Verdadeiro Pastor, lhe mostre onde assiste com a luz clara da Fé, porque vagando desencaminhada não siga os rebanhos dos Pastores falsos, que ensinão doutrina heretica, & com nome de companheiros, & Christãos, são inimigos de Christo. Isto he o que significa, *Ne vagari incipiam post greges sodalium tuorum:* como declaraõ S. Bernardo, Santo Anselmo, Cassiodoro, & todos: & como já muito antes delles o tinha ensinado S. Paulo: *Ut non circumferamur omni vento doctrinae.* Ephes. 4. 14. Deserte, que naquelle novo invento, com que Deos havia de sair ao mundo: *Novum creavit Dominus super terram:* não teve a Providencia Divi-

na hum só fim, senão dous juntamente. O primeiro reformar a dissolução das delicias: *Usquequò delicijs dissolveris?* O segundo reduzir à verdade, & firmeza da Fé os erros da heresia sempre errada, & sempre errante: *Filia vaga*. E estes dous fins (Causa verdadeiramente maravilhosa!) estes dous fins, pontualmente os mesmos, foraõ os q̃ Deos teve na instituição do Rosário de sua Mãe. Assim o refere na Bulla da Canonização de S. Domingos o Papa Gregorio Nono pelas mesmas palavras: *Dominico sagittante delicias carnis* (Eis aqui as delicias) *& fulgurante mentes lapideas impiorum; omnis Hereticorum secta contremuit.* (Eis aqui as Heresias.) Logo não só de todas as circumstancias do Texto de Jeremias, que nenhũa discrepa, mas das mesmas palavras antecedentes, & dos fins pot̃ que foi concebido nas idéas de Deos, & de sua Mãe este novo parto, & finalmente dos efeitos maravilhosos, que produzio no mundo, consta ser elle claramente o do Rosário.

215 Acrelcento para maior confirmação (como em matéria tam grave, & tam nova) a Versão dos Setenta Interpretes, a qual parecendo totalmente diversa, declara com novas propriedades. quanto temos ditto sobre o mesmo Texto. O seu he este: *Creavit te Dominus salutem LXX in plantationem novam, in salute tua circuibunt homines.* Quer dizer, que para a saúde da Alma criará Deos huma planta nova, & que os homẽs para conseguirem esta saúde, haõ de fazer circulos. E que planta nova he esta, que Deos havia de criar, & que circulos saõ estes, que os homẽs haviaõ de fazer? Nem o nome, nem a fórma do Rosário se poderá pintar, ou descrever melhor. A planta nova he a das Rosas; que deraõ o nome ao Rosário: *In plantationem novam*: & os circulos, q̃ haviaõ de fazer os homẽs, saõ os circulos, que fazem os que rézaõ o Rosário, quando vaõ repassando as Contas, tornando a acabar onde começáraõ: *In salute circuibunt homines.* O primeiro circulo fello a Senhora, quando formou,

mou, & ensinou o Rosario: *Femina circumdabit virum*: Os outros circulos fazemos os homens, porq̃ para a salude de suas Almas foi o mesmo Rosario instituido: *In salute circumbunt homines*. E como nestes circulos se abraça, & comprehêde, não só o Mysterio da Encarnação do Verbo, senão todos os Mysterios da Vida, & idades de Christo; bem se vê, quanto mais admiravel foi a Mãe do mesmo Senhor neste segundo, & tam numeroso parto. No primeiro concebéo sómente o Verbo humanado, no segundo concebéo-o humanado na Encarnação, peregrino na Visitação, nascido no Presépio, apresentado no Templo, & no mesmo Templo perdido, & achado. No segundo outra vez concebéo-o no Horto suando sangue, no Pretorio cuberto de açoutes, & coroadado de espinhos, nas ruas de Jerusalem com a Cruz aos hombros, & no Calvario crucificado, & morto, No segundo terceira vez concebéo-o no Sepulchro resuscitado, no Monte Olivete subindo ao Ceo, no Ceo mandando de

lá o Espirito Santo, no Valle de Jozafat levando em triumpho a sua Mãe, & no trono da Gloria coroandoa por Rainha, dos Anjos. Em fim, na Encarnação concebida huma vez, & no Rosario quinze vezes.

IV.

216 **A** Tègora temos visto o parto do Rosario mais maravilhoso em sy por tres respeitos: agora o veremos mais maravilhoso fóra de sy por outros tres. Mais maravilhoso atègora em sy, por ser mental, & não corporeo, por ser no Ceo, & não na terra, por ser, não de hum só Mysterio, ou idade de Christo, senão de todos seus Mysterios, & idades. Agora o veremos mais maravilhoso tambem fóra de sy: & como? Para com Deos, para conosco, & para com nossos inimigos: para com Deos, pelo maior agrado: para conosco, pela maior efficacia: para com nossos inimigos, pelo maior poder.

217 Quanto ao maior agrado do Deos, parece, que
pot

por comprehender o Rosario todos os Mysterios de Christo, nem por isso lhe podem agradar mais todos juntos, que o da Encarnação do Verbo por sy só. Porqu: onde o valor, & preço he infinito, tanto encerra em sy hum só Mysterio, como todos: & posto que em todos cresça o numero, não cresce a razão de agradar mais. Comtudo digo, que esta mesma razão de estarem juntos no Rosario todos os Mysterios de Christo, he hũa tal circumstancia, que ainda onde não cabe mais, acrescenta muito. E esta he a quarta maravilha do segũdo parto da Virgem, que o faz mais admiravel que o primeiro. Vede, se se prova bem?

218 Criou Deos esta grande, & fermosa machina do Universo em seis dias; & a cada obra, que hia saindo de suas poderosas mãos, ou da voz de sua Divina Sabedoria, diz a Escritura Sagrada, que olhava o Senhor para ella, & que via que era boa: *Genes. Vidit Deus quòd esse bonum.* 2.25. Com estas repetidas acções, & approvações do Supremo

Artificez foi crescendo a fabrica cadadia mais vistosa, mais ornada, & mais povoada de variedade de criaturas, até que acabada já, & posta em sua perfeição no ultimo dia, diz o mesmo Texto, que olhando Deos para todas as cousas, que fizera, todas lhe parecêraõ muito boas: *Vidit Ibid. Deus cuncta, quæ fecerat, & e-31. rari valde bona.* Neste Valde reparou muito Santo Agostinho, & depois d'elle todos. E com muita razão. As cousas, que Deos vio do dia ultimo, eraõ as mesmas, que tinha feito, & visto em cada hũ dos outros dias: pois se entãõ lhe parecêraõ sómente boas: *Vidit Deus quòd esset bonum:* como agora, não só lhe parecem boas, senãõ muito boas: *Valde bona?* Este Valde, & este muito, donde lheveyo? Por ventura acrescentoulhe Deos no ultimo dia alguma perfeição, ou esmalte, que dantes não tivessem? Não. A Luz do primeira dia era a mesma sem augmento de outra calidade: o Firmamento do segundo dia tinha a mesma sutileza, & o Mar a mesma grandeza, & vastidão: as Plantas do

do terceiro, nem estavaõ mais verdes, nem mais floridas, nem mais carregadas de frutos: O Sol, a Lua, & as Estrellas do quarto não resplandeciaõ agora mais; os Peixes, & as Aves do quinto, nem estavaõ armados de mais prateadas escamas, nem vestidas de mais pintadas pennas: finalmente os Animaes terrestres nem tinhaõ recebido novas fórmas, nem maiores forças, nem mais engenhosas habilidades. Pois se todas estas criaturas eraõ as mesmas, & com a mesma bondade que dantes, porque razaõ nos olhos de Deos, que se não cegaõ, nem enganaõ, dantes só pareciaõ boas, & agora muito boas: *Valde bonae*. Se não tinhaõ nada demais, donde lhe acrescéo este muito?

219 He, que dantes forãõ vistas cada uma por sy, agora estavaõ todas juntas. O mesmo Santo Agustinho: *Cũ de singulis ageret, dicebat tantum, Vidit Deus quã bonum est: cũ autem de omnibus diceretur, parum fuit dicere bona, nisi adderetur, Et valde*. Quando Deos olhava para cada hũa das tuas obras por

sy, sómente a louvava por boa: mas quando as via todas juntas, não lhe chamou só boas, senão muito boas; porque lhẽs daria menor approvaçãõ do que mereciaõ, se ao louvor de boas não acrescẽtasse o de muito. E se perguntarmos ao grande Doutor, donde lhe veyo este muito, se não tinhaõ recebido nada demais? Respõde, q̃ da uniaõ: *Tanta est vis, & potentia integritatis, & unitatis, ut quæ bona sunt, tunc multum etiam placeant tibi in univèrsam aliquod conveniunt, atque concurrunt*. Porque he tal a força, & virtude da uniaõ, que as mesmas cousas, que divididas são boas, se se ajuntaõ, & unem entre sy para compor algum todo, este todo, sem accrescer maior bondade às partes, fica muito melhor que cada uma dellas. Porisso quando divididas, são boas: *Vidit quod esset bonum*: mas quando juntas, muito boas: *Et erant valde bona*. Tal he o todo do Rosário composto dos Mysterios de Christo comparado com cada hum dellas. Cada hum dos Mysterios, que são as partes, de que se compoem este todo,

Aug. in Quaestioni- bus sup Genes.

todo, he tam divina, & infinitamente perfeita, que não admite maior perfeição: mas foi tal o artificio da Virgem Senhora, nossa nessa maravilha fabrica, que onde não cabia o mais, soube introduzir o muito. Divididos os mesmos Mysterios, não cabia o mais na perfeição de cada hum, mas juntos, & unidos entre sy, como estão no Rosario, coube o muito na união de todos. Cadahum por sy: *Vidit Deus quod esset bonum*: todos juntos, ainda nos olhos do Deos: *Erant valde bona*.

202. Santo Thomàs declarando theologicamente este ver, & approvar de Deos: *Vidit Deus quod esset bonum*: diz, que significa a complacencia divina em cada hũa de suas obras, segunda a perfeição dellas. E assim como esta complacencia, & agrado do Deos he proporcionado à perfeição de cada hũa de suas criaturas, ao mesmo modo, mas em grão infinitamente superior, se agrada de cada hum dos Mysterios, & soberanas acções de seu Filho. Isto quiz significar no Mysterio da Transfiguração a voz

do Padre, dizendo: *Hic est ^{Mat.} Filius meus dilectus, in quo ^{ib.} mihi bene complacui*. Mas se 5. na vista de hum só Mysterio de Christo, diz a complacencia divina: *Bene complacui*: segue se, que na vista, & representação de todos juntos, não só ha de dizer *Bene*; mas, *Valde bene*. E esta he a cõplacencia, & agrado (ou se chame maior, ou muito) com que Deos aceita da nossa memoria, & affecto a meditação dos mesmos Mysterios, quando juntos no Rosario thos offercemos. E para que hum privilegio tam sublime deste mesmo offercimento não ficasse duvidoso na conjectura do nosso discurso sómente; o mesmo Deos se dignou de o declarar assim, & nos exhorta a que lhe façamos este obsequio no Rosario, não só com a declaração de bom, como em cada hũa das obras da criação, mas de bom, & muito bom, como na união de todas. Ho Texto milagroso.

221 No Capitulo trinta & nove do Ecclesiastico *Ecclef. 39. 17. n/que* diz assim. o Espirito Santo: *Obandite me divini fructus*: 215

& quasi Rosa plantata super
 rivos aquarum fructificate.
 Quasi Libanus odorem suavita-
 tatis habete. Florète flores,
 quasi liliū & date odorem, &
 frondete in gratiam, & col-
 laudate canticum, & benedi-
 cite Dominum in operibus suis.
 Date nomini ejus magnificen-
 tiam, & confitemini illi in vo-
 ce labiorum vestrorū, & in can-
 tibus labiorum, & citharis: & sic
 dicetis in confessione: Opera
 Domini univēsa bona valde.
 O Texto he dilatado, mas
 não se podia dizer tudo em
 poucas palavras. Em summa,
 exhorta Deos aos homens á
 devaçã do Rosario com o
 mesmo nome de Rosa: *Quasi
 Rosa plantata supra rivos aqua-
 rum fructificate.* E não só ex-
 horta, mas manda por obe-
 diencia: *Obaudite me.* Logo
 passando aos Mysterios, que
 o Rosario comprehende, &
 medita, sendo a Rosa huma só
 flor, diz, que elles haõ de ser
 muitos, igualando na varie-
 dade, & no cheiro os de todo
 o monte Libano, famoso pe-
 los Jardins de Salamaõ: *Quasi
 Libanus odorem suavitatis
 habete.* E para que se não du-
 vidasse, que estes Mysterios

são de Christo; o qual entre
 as flores tomou o nome de
 Lirio: *Ego flos campi, & lilium* Cant.
convallium: declara, que a
 graça, & a fragancia deste Li-
 rio, he a que haõ de exhalar
 as Rosas: *Florète flores quasi
 liliū, & date odorem, & frons-
 dete in gratiam.* Finalmente
 porque o Rosario não só cõ-
 sta de Mysterios meditados,
 mas de orações pronũciadas
 com a boca, duas vezes
 faz mençaõ dellas. Hũa vez:
*Collaudate canticum, & benedi-
 cite Dominum:* & outra vez:
*Confitemini illi in voce labio-
 rum vestrorum.* E de tudo isto
 que conclusãõ tira, cu-
 nos manda tirar o Texto: Cõ-
 razãõ lhe chamaei milagroso,
 porque he admiravel ao in-
 tento: *Sic dicetis in confes-
 sione: Opera Domini univēsa
 bona valde.* Haveis de cõfes-
 tar, & dizer a Deos (como se
 diz delle quando vio junta-
 mente tudo o que tinha cria-
 do) que todas as suas obras,
 não só são boas, senãõ muito
 boas: *Univēsa bona valde.*

222 Todos os Exposi-
 tores, & a mesma Sagrada Bi-
 blia à margem, nota, que es-
 tas são as mesmas palavras, q̃
 se

te dizem de Deos: depois da criação do mundo, quando olhou, & viu juntas todas as cousas, que tinha criado. Pois se agora falla tam claramente do Rosario (como tambem tem advertido alguns Autores) porque diz, que no Rosario havemos de fazer o mesmo conceito do juizo, & complacencia de Deos, qual foi o que elle teve nas obras da criação? Porque assim como Deos nas obras da criação teve maior complacencia, & se agradou mais de todas juntas, que de cada hum por sy, sem haver nellas de novo mais que uniaõ; assim na criação do Rosario, obra de sua Santissima Mãe, ainda que cada hum dos Mysterios seja perfectissimo em sy, antes infinitamente perfeito: unidos porém, & juntos diante dos olhos divinos, a mesma uniaõ, que não pô de dar mais a cada hum, accrescentou muito a todos. Cada hum pela sua propria bondade infinitamente bom; mas todos juntos, porque juntos, não só bons, mas muito bons: *Universa bona valde*. Julgue agora, ou a rigorosa censura, ou quan-

do menos a devaçãõ, & a piedade; se foi mais admiravel Mãe a Virgem neste segundo parto, em que unio todos os Mysterios do Verbo Encarnado, ou na Encarnaçãõ do primeiro. Li disse em boa filosofia Seneca, que aquella só merece o nome de perfeita formosura, que sendo cada hum das partes, de que se compoem, admiravel, o todo lhe tira a admiraçãõ: *Cujus universa facies admirationem singulis partibus admittit.* Admiravel foi aquelle primeiro Mysterio, & admiravel cada hum dos que a elle se seguirãõ em toda a vida de Christo; mas a uniaõ de todos estas Mysterios juntos, sem acrescentar nada a cada hum; foi tam multiplicadamente admiravel no mesmo todo, q delles se compoz, que se não tirou a admiraçãõ a cada hũa das partes, ao menos por multiplicada as venceu. E isto basta (quando não sobeje) para que tambem nesta circumstancia a Authora deste soberano invento, & a Mãe deste novo parto fosse nelle mais admiravel.

VII.

213 **D**Esta uniaõ dos Mysterios de Christo no Rosario se segue a quinta differença, ou prerogativa, que he a de sua maior efficacia, com que obra em nós os excellentes effeitos, para que foi instituido. Vulgar he já na experiencia aquelle antigo axioma da Filosofia, que a virtude das mesmas causas, posto que iguaes, unida obra mais fortemente. Tam togo he huma faisca, como hũ incendio: mas hũa faisca não pôde queimar hũa pedra, hũ incendio abraza Cidades inteiras, & no fim ha de abraçar todo o mûdo. O mesmo succede por nossa dureza aos Mysterios de Christo, ou separados cadahum por sy ou juntos como no Rosario.

224 He prova singular desta efficia hum Texto celebre dos Cantares, muitas vezes ponderado, mas posso dizer confiadamente, q̃ nunca atègora bastantemente entendido. *Fasciculus myrrhæ*

Cant.

1.13.

Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur. O meu

Tom. 6.

Amado (diz a Alma Santa) he hum ramallete, ou hum feizezinho de myrrha, o qual Eu sempre hey de trazer entre os meus peitos. Este Amado he aquelle, que só o deve ser, Christo Senhor, & unico bem nosso! Comparese à myrrha, preservativa da corrupção da morte, porque a immortalidade, que perdemos pelo primeiro Adam, pelo segundo a recuperamos. Mas porque não compara a Esposa o seu Amado simplesmente à myrrha, senão a hum ramallete, ou feizezinho della? O ramallete compoemse de muitas flores, & o feixe de muitos lenhos atados: & neste atado consiste a energia da comparação, como exprime os dous Originæes, Hebraico, & Grego, dizendo: *Alligamentũ myrrhæ*. Pois se Christo he hum só, que atou a Esposa nelle, ou de que compoz este seu atado? Não ha duvida, que dos Mysterios do mesmo Christo, o qual nelles, sendo hum, se considera como muitos. Christo encarnado, Christo nascido, Christo morto, Christo resuscitado, & assim dos outros

O

My,

Myfterios. É a razão porque os atou, & ajuntou a Espoſa, he, porque a myrrha (diz Origenes) ainda que dividida té o meſmo cheiro, & virtude: unida obra mais fortemente, & com maior efficacia: *Non diffuſam, neque ut libet diſperſam, ſed colligatam, & conſerictam, quòd ſcilicet odor ſuus denſior reddatur, & vehemētiſſim.* Aſſim tambem cada Myſterio de Chriſto, ou Chriſto em cada Myſterio, tem a meſma, & igual virtude, mas unida eſta virtude, & unidos eſtes Myſterios, como eſtaõ no Roſario, não tendo maior virtude de cadahum divididos, he muito maior a força de todos juntos para tender, & penetrar corações.

225 O meſmo Chriſto diz por Iſaias, que elle he a Setta eſcolhida, que Deos meteo na ſua aljava: *Posuit me ſicut ſagittam electam: in pharetra ſua abſcondit me.* Demaneira, que não he Chriſto o que nos atira as ſettas, mas elle he a Setta, com que Deos nos atira. Pois na aljava de Deos não ha mais q̄ huma ſetta eſcolhida? Huma ſó, mas tantas vezes multiplicada, &

de tantos modos armada, quantos ſão os Myſterios da Vida, da Morte, & da Reſurreiçãõ do meſmo Chriſto. Nos Myſterios Gozofos armada de brandura, nos Doloroſos armada de temor, nos Glorioſos armada de eſperança. Quando pois conſideramos cadahum deſtes Myſterios divididos, atiranos Deos ſetta a ſetta, & poriſſo he reſiſtimos; mas ſe bem, & verdadeiramente os conſiderarmos juntos, como eſtaõ no Roſario, entãõ não ha coraçãõ, que reſiſta; porque deſtarrega Deos nelle toda a aljava: *Sagittas meas com-plebo in eu.*

216 E ſe buſcarmos a razão deſta efficacia; os tres Padres de Theodoreto a de- raõ, excitando, & reſpon- dendo à meſma queſtaõ da myrrha, não deſunida, mas junta; *Quid eſt quòd Dilectum ſuum Spõſa, non myrrham, ſed fasciculũ myrrhæ nominat: niſi quòd dum Sancta mens, Chriſti vitam ex omni parte conſiderat, contra omnia vitia ex e- jus imitatione repugnãtes vir- tutes congregat.* A razão por- que a Espoſa comparou a

Chriſto

Orige-
nes in
com-
ment,
hujus
loci.

Dent.
32.23

Tres
P.P. ibi
dem.

Iſai.
49. 2.

Christo à myrrha, não desunida, & solta, senão atada; foi, porque cõsiderando a Alma, a Vida, & Mysterios de Christo, não divididos, & por partes, senão todos juntos, nenhuma virtude ha, que não possa achar nelles para imitar, senão todas, & em grão perfectissimo, para impugnar, & vencer todos os vicios cõtra nós. Assim o desígnio o Triunvirato dos Padres Gregos com tam alto, como solido fundamento. E qual he, A Theologia o ensina. Porque ainda que Christo desde o instante de sua conceição teve todas as virtudes infusas em grão perfectissimo, & heroico, não teve comtudo o exercicio, & actos de todas em todos os Passos, & Mysterios de sua Vida; senão aquellas, que eraõ convenientes, & proporcionadas aos mesmos Mysterios. Logo para q̃ a nossa imitação tivesse em Christo hum exemplar commum, & adequado, ou hum exemplo, universal de todas as virtudes, & seus actos, não bastava hum só Mysterio, ou cada hum delles sómente, senão todos juntos. Isto he: *Dñ*

Christi vitam ex omni parte considerat, contra omnia vitia ex ejus imitatione repugnantes virtutes congregat. Notemse muito as palavras, *Christi vitam ex omni parte*. Não bastava considerar a Vida de Christo em hũa só parte, ou em hum só Mysterio, senão em todas as partes, & em todos os Mysterios, *Ex omni parte*: & porisso a Esposa os ajuntou todos no seu Rosario.

227 E digo no seu Rosario; porque isso quer dizer: *Fasciculus myrrhæ Dilectus meus mihi, intra ubera mea commorabitur.* Bem sey, que o não disseraõ os mais diligentes Expositores deste Texto, devendo reparar muito em huma grãde difficuldade d'elle. A myrrha, como diz Plinio; & os outros Autores da Historia Natural, são hũas gottas odoríferas, as quaes na Arabia, ou espontaneamente sua, ou picada, lança de sy a arvore do mesmo nome. Porisso os Setenta Interpretes em lugar de *Fasciculus myrrhæ*, vertéraõ, *Alligamentum guttæ*. Mas se a myrrha eraõ gottas; como se podia fazer

de gottas este fexezinho, ou este atado: *Alligamentum*? As gottas por ventura podem se atar? Parece que não. E se acaso podem: de que modo? Eu o direy. As gottas depois de congeladas, & solidas, quaes aquellas eraõ, podem se atar enfiandole, como se enfião as Contas do Rosario. Este he pois o modo, com q̃ a Esposa dizia, que havia de atar as gottas da myrrha: *Alligamentum myrrhæ*: & assim como as mulheres Catholicas lançaõ o Rosario ao pescosso, & o trazem entre os peitos: assim dizia ella, que havia de fazer: *Inter ubera mea commorabitur*.

228 Nesta fórma explicava Eu a difficuldade deste Texto vulgar, não sem recéo da novidade, quando fui achar, que o pensamento não era novo, nem meu, senão do grande S. Gregorio Niseno na Homilia terceira sobre os Canticos: *Fraternus meus est Alligamentum guttæ, quod è collo suspendo supra pectus*. O meu Amado he hũ atado, ou ajuntamêto de gottas de myrrha, q̃ qual pendente do pescosso trago so-

bre o peito. 'Póde haver explicação mais natural, mais propria, & mais expressa? Não póde. E o exemplo, & exemplos a confirmaõ muito mais. Tambem o balfamo, & o alambre, saõ gottas suadas das arvores, & assim como de hũ, & outro se fazem Rosarios, assim fez o seu a Esposa, das gottas da myrrha. Mas se este era o seu Rosario, como diz a mesma Esposa, que este mesmo Rosario he o seu Amado: *Fasciculus myrrhæ, alligamentum guttæ, Dilectus meus mihi*? Só isto faltava à sua elegancia para fechar com chave de ouro o conceito. O seu Amado he Christo, & diz, que o seu Rosario he o seu mesmo Amado, porque o Rosario, & toda a materia do Rosario, não he outra, senão o mesmo Christo. Christo multiplicado nos seus Mysterios, & os Mysterios de Christo ordenados no Rosario.

VIII.

229 **D** Aqui se segue à ultima excellencia, ou maravilha, com que a

Vir-

Virgem Senhora nossa foi mais admiravel no partodo Rosario, que no da Encarnação do Verbo. E porque? Porque o Myſterio da Encarnação, ſendo hum ſó, não podia ter diviſão, nem ordem: porèm os Myſterios do meſmo Chriſto multiplicados no Rosario, como nelle eſtão repartidos, & ordenados, eſta meſma diſpoſição, & ordem, os arma de maiores forças, & de maior, & mais invencivel poder contra noſſos inimigos. Ainda eſtamos nos Canticos de Salamaõ, onde a principal Eſpoſa he a Virgem Maria, a qual fallando do meſmo Amado (que para todas he Chriſto) diz aſſim:

Dilectus meus descendit in hortum suum ad arelulam aromaticum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat. O meu Amado deſcéo ao ſeu jardim dos aromas, para nos jardins ſe recrear, ou apascetar do cheiro, & colher Roſas. Roſas quer dizer a palavra, *Lilia*, como noutra parte provamos largamente. Mas ſe o Amado deſcéo a hũ ſó jardim: *Descendit in hortum suum*: como diz a Senhora, que foi

a colher Roſas nos jardins: *Ut pascatur in hortis, & lilia colligat*? Era hum jardim, & Greg. muitos jardins? Sim: diz S. Gregorio, de quem he o reparo. E daõ a ração literal, Simmacho, & Pagnino, tresladando, *Areolas, & lineas sulcorum*: porque o meſmo jardim por ſuas linhas eſtava repartido em diverſas quadras, & cada hũa dellas em outras menores com proporcionada correspondencia, & ordem. Aſſim havia de ſer, pois era o jardim das Roſas, ſegundo o dezenho, & arte, com que a Senhora traçou o ſeu Rosario, com tantas repartições, & diviſões, todas tam medidas, & ajuſtadas. E por iſſo o Amado em hum ſó jardim, qual he o Rosario, achou ſem implicação muitos jardins, em que paſſear, & ſe recrear, & de todos colher Roſas: *Descendit in hortum suum, ut pascatur in hortis, & lilia colligat.*

230 Vio pois Chriſto eſtes jardins de Roſas reduzidos a hum ſó jardim do Rosario, podendo ſe entã dizer do meſmo Senhor com muita propriedade: *Cũ eſtaque mifer*

Ovidius in Nar.

denou o Rosario. E estes progressos assim distintos, & ordenados, são os que os Anjos admirão na Virgem Maria, quando dizem admirados: *Quæ est ista, quæ progreditur?* Porque entendêraõ, que mais admiravel foi a Senhora no parto, em que sahio à luz com o Rosario, que no do mesmo Verbo.

232 E parou aqui a admiração dos Espiritos Angelicos? Não: porque ainda restavaõ os effeitos, & poderes do mesmo Rosario, como exercito bem ordenado, formidavel, & terrivel contra os inimigos. Os Inimigos da nossa Alma, que tambem se pudêraõ chamar do corpo, são tres: o Mundo, a Carne, o Demonio. E vede, como os tres Terços do Rosario neste Exercito bem ordenado se ordenaõ forte, & poderosamente contra elles. Foraõ estes tres Inimigos figurados nos tres Capitães, cada hum de sincoenta Soldados, que o perfido Rey Ochosias mandou armados contra o Profeta Elias, sobre dous dos quaes elle fez descer fogo do Ceo, que os abraçou, & a todos os

seus, 'dizendo: *Si Homo Dei sum, descendat ignis de celo, & devoret te, & quinquaginta tuos: Se sou Homem de Deos, como tu me chamas, desca fogo do Ceo, que te abraze a ti, & aos teus sincoenta.* Contra estes tres Inimigos pois, igualando numero a numero, ordenou a Senhora os tres Terços do seu Rosario, composto tambem de sincoenta, como outros tantos rayos, não só para abraçar dous delles, como o Homem de Deos, senão todos tres, como Máy de Deos. Os Mysterios Gozofos são ordenados contra o Mundo; porque a Humildade de Nazareth, a Aspereza das montanhas, o Desemparo de Belem, a Pobreza das Offertas no Templo, & o Cuidado ancioso pelo Minino Deos perdido: que outra cousa contrariãõ, & confundem, senão as Soberbas, as Vaidades, o Luxo, & Pompas do Múdo, cõ perpetuo descuido de perder a Deos, nem dor de o ter perdido? Os Mysterios Dolorosos são ordenados contra a Carne; porque os Suores de sangue no Horto, os Açoutes

contados a milhares no Pretorio, a Purpura vil, & Coroa de espinhos, o Pezo de Cruz, os Cravos, o Fel, & a Morte nella: que outra cousa contrariaõ, & abominaõ, senão os Gostos, os Regalos, as Delicias, & Intéperanças da Carne, inimiga da mortificação dos sentidos, & totalmente esquecida da penitencia? Finalméte os Mysterios Gloriosos são ordenados contra o Demonio; porque a Resurreiçaõ, & Ascençaõ do Filho de Deos, o Trono que tem à dextra do Padre, & Assumpçaõ, & Coroaçaõ de sua Mãy sobre todas as Gerarchias: que outra cousa contrariaõ, & estão fulminando desde o Ceo, senão o Demonio, que cahio por hum só peccado, & as Tentações de peccar, cõ que nos incita, & engana, a que por hum momento de appetite percamos tambem, como elle, a Eternidade da Gloria? Assim he terrivel, & formidavel ao Mundo, Carne, & Demonio o Exercito do Rosário: & assim distinguio, & ordenou a Soberana Autora delle todos os Mysterios da Divindade, & Humana

vidade de seu Filho, repartidos, & oppostos de frente a frente; cõtra o poder sempre forte, & armado dos tres Inimigos communs. E porque esta repartiçaõ, & ordem, como tenho ditto, não cabia em hum só Mysterio, qual foi o da Encarnaçaõ; porisso, a juizo dos mesmos Anjos, foi mais admiravel o parto do Rosário cõcebido na Mente da Virgem, que o do mesmo Verbo Eterno concebido em seu sacratissimo Ventre: *Beatus Venter qui te portavit.*

IX.

233 **T**enho concluido; se me não engano, & feito provavel o que parecia impossivel; & claro, & manifesto, o que se representava difficul'toso no meu argumento. Delle quizera por fim, que não tirassemos só admirações, senão doutrina, & exémplo. Se a ordem, & disposiçaõ do Rosário para os Anjos he admiravel, para nós seja terrivel: *Terribilis ut castrorum acies ordinata.* Com tal ordem dispoz a Mãy de Deos

Deos os tres Terços deste seu Exercito do Rosario, que na Vanguarda poz os Gozofos, na Batalha os Dolorofos, & na Retaguarda os Gloriosos. Para que entendamos, que todos os goitos vem a parar em penas, & que só depois das penas se seguem as glorias. Oh que terrivel ordem, & que temerosa consideração! Se os goitos purissimos, & santissimos do Filho de Deos, & de sua Mãy, vem a parar nesta vida em penas, & dores: & se a gloria, que era propria do Filho, & tam merecida da Mãy, a não alcançã na outra vida, senão depois de tantas dores, & tormentos: Que será, ou que esperança podem ter, os que tanto fogem das penas, & com tanta ancia buscaõ só os goitos falsos, & glorias vãs deste mundo?

234 Virgem Santissima, Mãy sempre admiravel, hũa vez Mãy admiravel no parto do Verbo, quinze vezes Mãy admiravel no parto do Rosario, & Mãy admiravel sem conto, nas maravilhas que obras, & mercês que fazeis, aos que nelle, & com elle vos

venerab, & servem. Allumiay, Mãy admiravel, a admiravel cegueira, desfazey o admiravel engano, espertay o admiravel descuido, & esquecimento da salvação, & refulcitay a Fé morta, em q̄ vivemos. Sendo tantos os titulos, pelos quaes o nome de Mãy admiravel vos he devido, ainda vos hey de allegar outro mais admiravel. Se sois Mãy admiravel por Mãy de Deos, muito mais admiravel Mãy sois, porque sendo Mãy de Deos, vos não dignais de ser Mãy de Pecadores. Não sejam pois parte nossos peccados, ò Mãy mais que admiravel, para q̄ aparteis delles vossos misericordiosos olhos. Alcançaynos para os passados perdão, para os presentes arrependimento, & para os futuros preservação, & cautella: de tal modo, que perseverando na Graça de vosso Filho, vos mereçamos ver com elle eternamente no Ceo, onde o louvemos, & vos louvemos sem fim na perpetua admiração da sua, & vossa Gloria. *Amen.*

SER-



S E R M A M

X X I I.

Extollens vocem quaedam mulier de turba, dixit illi: Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quae suxisti. Luc. 11.

I.

235



SSIM exclamou em louvor de Christo, & tua

Mãe, levantando a voz em lingua vulgar hũa molher do vulgo: *Quaedam mulier de turba.* E he para mim singular maravilha, que não tenha bastado esta dobrada vulgaridade, para que despreze as mesmas palavras a altiveza de certos Espiritos, que até nas materias da Religião, & Culto Divino, se não querem parecer com o vulgo. Altiveza chamey a este abuso, & mais propriamente lhe deve-

ra chamar fraqueza, porque he proprio do sexo mais fraco. Não cabe aqui o *De turba*, porque he vicio das melhores calidades; nem o *Quaedam*, porque he de muitas; mas o *Mulier* sim, & muito em seu proprio lugar, porque he mais proprio das filhas de Eva, que dos filhos de Adam. Vejamos huma, & outra cousa em dous exemplos encontrados no mesmo caso; & na mesma casa: mas o forte em hum homem; & o fraco em hũa molher, posto que ambos igualmente illustísimos.

236 Quando foi tresladada a Arca do Testamento,

&

& levada com solennissima procissão desde a casa de Obbededon para a Cidade de David; ao som de varios instrumentos hia o Povo muito festival, & alegre, dançando diante da Arca. E que fez então o mesmo David? Não esquecido de ser Rey, mas lembrado, & reconhecido de que o Deos, que adorava na Arca, lhe tinha dado a Coroa, despido da Purpura, & das Insignias Reaes, se meteo entre os do Povo, & não só dançava como os demais, senão que o fazia, como nota a Escritura, com todas as suas forças: *Et David saltabat totus viribus ante Dominum.*

Chegada pois a procissão à Cidade, estava em hũa janela de Palacio Michol, filha d'El Rey Saul, & mulher do mesmo David: & vendo, que elle hia dançando diante da Arca de mistura com o vulgo, como vos parece que ficaria edificada? Parecêolhe grãde defauthoridade aquella, & indigna da Magestade de hum Rey; & logo então, diz o Texto o desprezou, & se desprezou delle: *Despexit eum in corde suo:* & depois lhe

entranhou muito a acção com palavras do mesmo sentimento, & desprezo; & do baixo conceito, em que por ella o tivera: *Quam glariosus fuit hodie Rex Israel, discooperiens se quasi unus de scurris.*

237 O resto, & conclusão de toda a historia, fique entre tanto para seu lugar; agora só notó a differença de David a Michol, David como homem religioso, & se-zudo, não duvidou de festejar; & celebrar a Arca de Deos com as mesmas demonstrações do Povo, metendose entre elles, & como qualquer delles; porque entendia, que diante de Deos o maior, & o menor, todos são iguaes, & q̃ nas materias do Obsequio, & Culto Divino, o exercicio mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde. Isto he o que fez, & julgou David, como homem, & tam grande homem: porèm Michol, como mulher vã, & altiva, tinha metido no pensamento, que era defauthoridade da Pessoa seguir a devação popular, & que a soberania da dignidade, ou sangue illustre, se deslustrava, & abatia, se a-

inda

inda diante de Deos; & nas cousas de seu culto não deixasse o vulgar ao vulgo, & se distinguisse tanto delle nos actos de Religião, como no demais. Assim o entendeo, assim o disse, & assim o ostentou a presunção daquella mulher, que por seu pay, & por seu marido tantas obrigações devia a Deos. E provêra ao mesmo Deos, que não tivera tantas imitadoras no mundo. Perdoemme as Senhoras da nossa terra, não todas (q̃ as mais são dignas de grande veneração) mas algũas: nas quaes não só se tem introduzido o abuso dos trajos tam alheos da antiga modestia, & compostura; mas he tal a reformação do novo Ceremonial da Fidalguia, que o terem Christãs, como suas avós, já toca em defauthoridade.

238. *O tempora! O mores!*
Antigamente o maior lustre das Igrejas, & a parte mais authorizada dos concursos, eraõ as Senhoras Portuguezas, onde vinhaõ adorar a Deos com todo o rosto descuberto. Na Igreja se confessavaõ, na Igreja commun-

gavaõ, na Igreja ouviaõ Missa, & Sermaõ. Mas o que entãõ só se permittia à extrema enfermidade, se concede hoje à extrema vaidade. Ha de ir o Confessor a suas casas (perdoe Deos aos que vão) lá se cõfessaõ, lá ouvem Missa, lá commungão. Vede, se he maior defauthoridade quere-rem que vã Deos a suas casas, ou viremno buscar à sua. Se a Igreja pudêra là ir, tambem haviaõ de esperar que fosse; mas porque não pôde ir a Igreja, querem que vão os Sacramentos. O demais, ou o de menos, he para as mulheres do vulgo. Com grande providencia ordenou o Autor dos mesmos Sacramentos, Christo, que a materia delles fosse certa, & determinada; porque doutra forte nem os filhos se haviaõ de bautizar em agua, nem as mãys commungar debaixo de especies de paõ. Mas estas, & outras Fidalguias, fiquem para os Prégadores de mais perto, & para aquelles (se ha algum) a quem os ares da Corte não tiverem pegado o contagio.

239. Eu recolhendome ao meu Rosário, só me quei-

x) por parte delle, que tambem tem perdido se não muito grandes devotas, muitas devotas grandes. Entre as Senhoras mais illustres, mais sabias, & de maior idade (em que he mais perigoso o exemplo) se tem introduzido em lugar do Rosario a Reza do Officio Divino, como nas Cathedraes: sendo já a Estançe, & o Breviario, huma das alfayas do estrado, como se fora do Coro. E sou Eu por ventura tam apaixonado do Rosario, que por elle haja de reprovar hum uso, posto que novo, tam pio, tam calificado, tam universal de toda a Igreja, & tam proprio da Cabeçadella? Não he este o meu intento, nem o meu caso. Eu não fallo com o Breviario, senão com as devotas delle, & que pela sua devaçõ deixão a do Rosario. Se nesta troca, & eleição fazem acertadamente, ou se enganaõ, será a nova, & ainda não disputada controversia, que hoje determino tratar. E porque nem por hũa hora, que pôde durar o Discurso, quero que esteja duvidosa a resoluçã: a que havemos de ouvir, será

esta. Que assim como a mulher do Evangelho, sendo ella do vulgo, & vulgar a lingua, em que fallava, levantou a voz sobre todos: *Existens vocem quaedam mulier de turba*: assim todas as molheres, que rezarem o Rosario, posto que elle seja tam vulgar, & vulgar tambem a lingua, em q̃ o rezarem: os seus Padre nossos, & Ave-Marias, serão mais bem ouvidos de Deos na Lingua Portugueza, que todo o Officio Ecclesiastico na Latina. Bem vejo; que o Assumpto me arrisca a perder a Illustrissima Graça das interessadas, mas Eu a darey por bem perdida, se me ajudardes a alcançar a da Senhora das Senhoras.

Ave Maria, &c.

II.

240 **Q**uedam mulier de turba. Começamos pelo fim da historia de David, & Michol, cujo remate deixey reservado para este lugar. A Arca do Testamento, que metido entre o vulgo festejava David, foi figura da Virgê Senhora nessa, &c

& no mesmo estado, em que a considerou a Oradora do nosso Evangelho, porque assim como a Arca levava dentro em sy a Deos, assim a Virgem em suas entranhas: *Beatus venter, qui te portavit.*

David saltando diante da Arca foi figura do Bautista, que visitado da mesma Senhora, & do Filho Deos, que levava dentro em sy, tambem celebrou, & festejou sua vinda a saltos: *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* Finalmente Michol desprezando a devaçã, & obsequios de David, por serem semelhantes aos do vulgo, he figura das que estimaõ menos o exercicio do Rosario por vulgar, & lhe antepoem, ou preferem outros, como menos autorizados. Naõ deixarey porẽm de caminho de referir a pena, com que Deos castigou a altiveza deste baixo conceito, a qual soy de perpetua esterilidade, & que Michol já mais

Reg. 23. non est natus filius usque in diem mortis suæ. Vemos em Portugal tantas casas illustres sem herdeiros: & se se corter a folha às que pudẽraõ

ser mãys, naõ ley se se achãraõ culpadas contra o Rosario. O certo he que naõ tendo herdeiro a Rainha de França Dona Branca, S. Domingos lhe aconselhou, q rezasse o Rosario, & logo teve hum tal filho, como S. Luis.

241 Vindo pois ao nosso intento, para proceder cõ maior clareza, he necessario distinguir nelle dous casos. As pessoas do genero em que fallamos, ou antepoem, & preferem o Officio Ecclesiastico ao Rosario, por estimaçã, & authoridade propria, ou por pura, & sincera devaçã: por estimaçã, & authoridade propria, tendo aquelle exercicio por mais nobre, & levantado, como de nenhũ modo vulgar: ou por pura, & sincera devaçã, entendendo que aquellas Preces, & Orações; como saõ mais varias, & dilatadas, seraõ tambem mais gratas, & aceitas a Deos. E em qualquer destes casos, ou supposições, o que digo resolutamente, he, que sempre deve preferir o Rosario.

242 Quanto ao primeiro caso (de que me expedirey muito brevemente) he cer-

to, & bem, que se advirta, & suba; q̄ se na eleição, & preferencia do Offi cio Ecclesiastico entra a presunção; & auctoridade propria, posto que tacita, & occulta, não pôde ser sem peccado, q̄ destrua a mesma oração. No Psalmo Cêto & oito fallando o Profeta de Judas, como declara o Apostolo S. Pedro, diz, que a sua oração se converteria em peccado: *Oratio ejus fiat in peccatum*. E que oração de Judas foi esta tam enganosa, & tam enganada como elle? Em todo o Texto Sagrado não lemos outras palavras de Judas, que possão ter nome de oração, senão aquellas, com q̄ saudou a Christo no Horto, dizendo: *Ave Rabbi* Assim como nós saudando a Virgem Senhora nossa no Rosario, dizemos: *Ave Maria*: assim Judas saudando a Christo, disse: *Ave Rabbi*. E posto que estas palavras eraõ santas, & usadas dos outros Apostolos, quando saudavaõ reverentemente a seu Divino Mestre, viciadas porém com a occulta tentação de Judas, vinhaõ a ser peccado, & gravissimo peccado: *Oratio ejus fiat in*

peccatum. Não quero dizer com isto, que o peccado da presunção, ou jactancia, que se mistura com as orações, ou eleição dellas, seja tam grave como a falsa laudação de Judas; mas quanto Deos se ofenda, & desagrade de seme. lhãte presunção nas orações; do que o mesmo Christo ensinou, o entenderemos.

245. Foraõ dous homens orar ao Templo, diz Christo, hum delles Religioso de profissão, & outro Publicano. Este com grande humildade sem se atrever a levantar os olhos ao Ceo, pedia perdaõ de seus peccados. E o outro, que fazia, ou dizia? *Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut cæteri hominum*: Senhor, douvos muitas graças; porq̄ não sou como os outros homẽs. Não orava, diz Santo Agostinho, para rogar a Deos, senão para se engrandecer a ty, & se antepor aos outros: *Ascendens orare, noluit Deum rogare, sed se laudare*. E isto mesmo he o que fazem as presumidas do seu modo de orar. O outro dizia dentro em sy (*Apud se*:) Senhor, douvos muitas graças: porq̄ não sou como

Psal.
108 7

Mat.
23 16.
49.

Luc.
18. 11

D.
Aug.
ibi.

como os outros homens : & ellas, tambem dentro em sy, estaõ dizendo com a sua prefunção: Senhor, douvos muitas graças, porque não sou como as outras molheres. Ellas rézaõ pelas Contas, Eu rezo pelo Breviario: ellas rézaõ Padre-nossos, & Ave-Marias, Eu rezo Hymnos, & Psalmos : ellas com o vulgo rézaõ em linguagem, & Eu rezo em Latim : & em tam bõ Latim, & tambem pronunciado, que melhor pudéram dzer, que rézaõ em Grego. Mas como sabião das suas orações os deus, Oradores? O q̄ rogou por seus peccados, sahio com perdaõ delles : & o que se quiz estremar dos outros, & levantar-se sobre todos, sahio com hum peccado de mais, que foi o da sua prefunção, & altiveza. Miséria verdadeiramente grande, que sendo a oração o meyo de aplacar, & conciliar a Deos, se cõverta em motivo de o desagradar, & offender ; & em vez de diminuir os peccados, os acrecente: *Oratio ejus fiet in peccatum.*

244. A este peccado, que queira Deos seja hum só, a-

Tom. 6.

junta a prefunção no posso caso outros dous erros, hum contra a virtude, outro contra a verdade. Os que estimaõ menos o Rosario, fundaõ este seu conceito em ser huma devação vulgar em sy, vulgar na Lingua, & vulgar no exercicio, & uso commum. E este erro he tam contrario à virtude da Oração, como a soberba à humildade. Senhora era, & grande Senhora, Judith, & o motivo, que allegou a Deos para que a ouvisse, & ajudasse em huma empresa tam difficiliosa, como a que intentava, foi a humildade da sua oração: *Nec superbi ab initio placuerunt tibi: sed humilium, & mansuetorum semper tibi placuit deprecatio.* Quer dizer: que Deos nunca se agradou de orações misturadas com soberba, & que a oração, que só estima, & ouve, he a dos humildes, & q̄ se accomodaõ aos demais, & não se querem preferir aos outros, que isso he o que significa, *Humilium, & mansuetorum.* Tambem era grande Senhora Lia, molher do Patriarcha Jacob, & mãy de seis Patriarchas: & vede o q̄ disse,

Judith.
9. 16.

P

&

& os nomes, que poz ao primeiro, & segundo filho, quando Deos lhes deu. Ao primeiro poz por nome Ruben, dizendo, que Deos vira a sua humildade: *Vocavit nomen ejus Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam:* & ao segundo poz por nome Simeon, dizendo, que ouvira Deos a sua oração: *Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen ejus Simeon.* E por q̄ diz Lia, que primeiro vio Deos, & depois ouviu: & primeiro vio a sua humildade, & depois ouviu a sua oração? Porque para nossas orações chegarem aos ouvidos de Deos, primeiro haõ de ser registadas no Tribunal de seus olhos: Se os olhos de Deos vem, que levaõ algũa mistura de altiveza, ou soberba, alli paraõ, & naõ saõ admittidas; nem passaõ ao Tribunal dos seus ouvidos: porẽm se vè, & consta, que saõ humildes, entraõ he que as ouve, & as despacha, & concede quanto lhe pedimos. Primeiro, *Vidit humilitatem meam*, & depois, *Audivit me Dominus*. Para q̄ vejaõ as que orão, ou rezão com algũa mistura de jactan-

cia, ou menos humildade, se pôde Deos ouvir suas orações, nem olhar para ellas.

245. Tudo isto se entende, ou devia entender, quando as orações do Rosario pela vulgaridade da Lingua, & do uso merecessem nome de vulgares: mas este he o segundo erro, que dizia, contra a verdade; porque verdadeiramente naõ ha orações mais altas, mais levantadas, mais sublimes; assim nas palavras, como no sentido; que as do Rosario. Da sagrada Escri-tura disse discretissimamente S. Gergorio Papa, que he hũ Rio muito plaino, & muito alto: tam plaino, que o pôde vadear hum Cordeiro; tam alto, que naõ toma nelle pé hum Elefante: *Est fluvius plannus, & altus: in quo & Agnus ambulet, & Elephas natet.* Tal he a alturachaã, & a profundidade altissima das orações do Rosario: para os Cordeiros pequenos, & simples, faceis de entender; mas para os Elefantes grandes, & sabios, naõ só difficultosas, mas impossiveis de vadear. O primeiro, que se engolfou neste pègo commentando a primeira

Div.
Gre-
gor.
praf. in
Lib.
Ma-
ral.
cap. 4.

meira Oração do Rosário, o Padre-nosso, foi Tertulliano o segundo, S. Cypriano, ambos em Livros particulares, & depois delles Santo Agustinho em quatro Tratados diversos. Tertulliano, Cypriano, & Agustinho, todos tres erão Elefantes Africanos; mas posto que passáráo felizmente o Rio, todos nadárao, nenhum chegou a lhe achar fundo. He a Oração do Padre-nosso como seu Autor, que até os mininos o conhecem, mas nem os Serafins o comprehendem. E contentáráo-se por ventura os que vierao depois, com ler, & admirar o que estas tam insignes pennas tinhao escrito? De nenhum modo. Todos os Padres, todos os Theologos, todos os Expositores, trabalhárao depois, & trabalháo ainda hoje por descobrir, & descobrindo o que elles não alcançárao. Dos Santos Padres, assim Gregos, como Latinos, S. Gregorio Nisseno, S. Cyrillo, S. Joáo Chrysostomo, S. Pedro Chrysologo, Cassiano, Theofilacto, Euthimio: Dos Theologos depois de Santo Thomás, os Caieta-

nos, os Albertos Magnos, os Canisios, os Soares, os Belarminos: Dos Expositores, os Carthusianos, os Hugos, os Abulenses, os Maldonados, os Toledos, os dou Cornelios: & finalmente todos. E verdadeiramente sendo esta primeira Oração do Rosário o Assumpto dos maiores homens, que tem tido a Igreja de Deus em Mil & seiscentos annos; presunção he mais que monstruosa haver molheres na nossa idade, que como vulgar a deixem para o vulgo, & para se estentarem, & distinguirem delle, troquem o Rosário pelo Breviário.

246 Mas para que conheçao o seu Breviário qual deve ser, de todos os Autores, que citey, ouçao o primeiro. Fallando Tertulliano do Padre-nosso, diz assim: *Quantum substringitur verbis, tantum diffunditur sensibus. Neque enim propria tantum orationis officia complenda est, venerationem Dei, aut hominis petitionem: sed omnem penè sermonem Domini, omnem commemorationem disciplinæ, ut re vera in oratione Breviarii*

Totius Evangelij comprehen-
datur. Para quem réza, pelo
 Breviario, parece, que não era
 necessario romãceat estas pa-
 lavras; mas porque me não
 fio, tanto da sua Grammati-
 ca, o que querem dizer em
 Portuguez, he isto: Que a O-
 ração do Padre-nosso, ainda-
 que breve, & estreita em pa-
 lavras, he muito larga, & di-
 latada em sentidos: porque
 não só abraça as duas partes
 da Oração, que consiste em
 venerar a Deos, & lhe repre-
 sentar nossas petições; mas
 comprehende juntamente to-
 da a doutrina, que a Sabedo-
 ria de Deos veyo do Ceo en-
 sinar ao mundo. & he hum
 Breviario de todo o Evange-
 lho: *Totius Evangelij Brevia-*
rium. Querem saber as Se-
 nhoras, & não Senhoras, qual
 he, & deve ser o Breviario das
 moherès? O Padre-nosso
 muito bem rezado: adver-
 tindo, q̃ o outro Breviario o
 rézaõ quãdo muito huã vez
 ao anno, & este Breviario no
 Rosario quinze vezes cada-
 dia. E se querem parecer dou-
 tas, ou Doutororas, o mesmo
 documento tem na Ave Ma-
 ria. Sendo minino Santo Tho-

mas, tinha nas mãos hum pa-
 pel, em que estava escrita a
 Ave-Maria: & como lho
 quizessem tirar das mãos, o
 minino com instineto do Ceo
 o meteo na boca, & o masti-
 gou, & o ingulio. Mastiguem
 bem no Rosario a Ave-Ma-
 ria, & serão tam Doutororas
 como Santo Thomás.

III.

147 **T**udo o que atéqui
 tenho ditto, se en-
 tende fo de algum delvaneci-
 mento feminino, se por ven-
 tura o houvesse em quem por
 presunção, authoridade, ou
 jactancia antepuzesse o Bre-
 viario ao Rosario. Mas porq̃
 esta supposição offende mui-
 to a Piedade, & Christandade
 de Portugueza, & mais na-
 quellas illustres calidades,
 em que a devação he tam pu-
 ra, sincera, & exemplar, pas-
 sando ao segundo, & verda-
 deiro caso, ponhamos na
 mais recta, & fiel balança de
 huma parte o Breviario, & da
 outra o Rosario, & vejamos,
 qual deve ser preferido.

248 Huã muito impor-
 tante doutrina de Christo,
 Mestre

Mestre Divino; & Senhor
nosso, he aquella breve sen-
tença; *Qui legit, intelligat:*

Mat- sb. 24. 15. Quem lê, entenda. Muitos
não entendem o que lem, &
ler sem entender, he como se
não léraõ. O titulo da Cruz
de Christo foi escrito nas tres
Linguas principais do mun-
do, Hebraica, Grega, & Lati-
na: *Erat scriptum Hebraicè,*
Græcè, & Latine. E porque ra-
zaõ em tantas Linguas? Para q̃
todos entendessem o que liaõ
no titulo da Cruz: Se estives-
se só escrito em Hebraico, en-
tendelo hiaõ os Hebréos, mas
não o entenderiaõ os Gregos,
nem os Latinos: se só em Gre-
go, entendelo hiaõ os Gre-
gos, mas não os Latinos, né
os Hebréos: se só em Latim
entendelo hiaõ os Latinos,
mas não os Hebréos, nem os
Gregos. Pois para que todos
entendaõ o que lerem, esteja
escrito na Lingua propria, &
natural de cada hum. Isto sup-
posto: pergunto agora às nos-
sas Matronas Portuguezas, se
quando lem o Breviario en-
tendem o que lem, ou não?
Póde ser que haja muitas, q̃
digaõ que sim o entendem. E
não será maravilha, que on-

de os entendimentos se enga-
naõ com o espelho, se enga-
nem tambem com o Brevia-
rio.

249 Mas contra esta re-
posta está muito à flor da ter-
ra a instancia, que os da terra,
& patria de Christo oppuze-
raõ às suas letras. Quando
Christo começou a prègar, &
allegar, & interpretar Escri-
turas, diziaõ os de Nazareth,
que o tinhaõ conhecido de
de Minino: *Quomodo hic lite-*
ras fecit, cum non didicerit? Se
este nosso patricio nunca el-
tudou, nem aprendeo, como
sabe letras? Com a mesma ad-
miraçõ podemos nós dizer
das nossas devotas do Brevia-
rio: Se ellas não estudaraõ,
nem aprenderaõ, & o mais q̃
chegaraõ a saber, he ler por
letra redonda, dóde lhe veyo
esta Latinidade, & estas letras?
Christo, além de outros prin-
cipios mais altos, sabia o que
fallava, por sciehcia infusa:
mas estas infusões de letras
não as costuma Deos cõ mu-
nicar a molheres, a homens
sim. Sára ao principio cha-
mavase Saray, & Abraham
chamavase Abram: & que
fez Deos em ambos? A Sára

Ioan. 7

153

tiroulhe hũa letra do nome, & a Abraham acrescentoulhe outra: porque aos homẽs acrescenta Deos as letras, às mulheres não lhas acrescenta, antes lhas tira. A razão desta differença he a mesma, porque o Espirito Santo infundio a sciencia das Linguas aos Discipulos de Christo, & não às Discipulas: & porque? Porque àquelles homens fellos Mestres do mundo, & às motheres prohibiolhe que o fossem: *Docere autem mulieri non permitto.* Mas dado, & concedido sem controversia, que ou por infusão do Ceo, ou por diligencia, & estudo proprio haja mulheres, que tenhaõ tal pratica da Lingua Latina, que entendaõ o Breviario, estas ficaõ fóra da nossa questaõ: & louvando & venerando a sua sciencia, só fallamos com as que a não tem.

1. Ti-
moth.
12.

250 Supposto pois que as que lem (bem, ou mal) o Breviario, não entendem os Psalmos, nem os Hymnos, né as Lições do Verbo, & Novo Testamento, nem as Lendas, & Vidas dos Santos, nem as Exposições dos Padres, nem as Antifonas, Versos, Ora-

ções, & todas as outras partes, de que o Officio Ecclesiastico he composto: quem pôde negar, nem duvidar, q̃ seja me'hor conselho, & exercicio mais grato a Deos, rezar no Rosario os Padrenossos & Ave-Marias na Lingua vulgar, & Portugueza, que todos entendem, & não o Breviario na Latina, em q̃ não sabem o que dizem? Se alguẽ neste mundo era mais interessado, & pudera ser mais apaixonado pelo Officio Ecclesiastico, era David, por duas grandes razões: a primeira, porque a principal materia do Officio Ecclesiastico são os Psalmos do mesmo David: a segunda, porque a fórma do mesmo Officio dividido nas Sete Horas Canonicas, tambem foi tomada d'elle, & à sua imitação (co. *Psalm.* confessõ Baronio:) *Sep. 118. ties in die laudem dixi tibi. 164.* Porisso tambem o Psalterio de David se divide, & reparte todo pelos sete dias da Semana. E comtudo o mesmo David no *Psalmo Quarenta & seis* (como observão *Ruffino, Hugo, Hugo Cardeal, Ludolpho, & outros*) nos exhorta a que *sal-*

*Ruffin.
Hugo.
Lu-*

*dolph;
sal-*

Pſalm. 46. 7. 8. *psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite. Quoniam Rex omnis terræ Deus: psallite sapienter.* Pois se David salmeava sete vezes no dia, & no Officio Ecclesiástico se repetem os mesmos Psalms sete vezes, & em sete Horas distintas. Que rezaõ teve o mesmo Profeta, para neste Psalmo variar o numero, & o trocar de sete em cinco.

251. Já dissemos muitas vezes, que o Psalterio antigamente era hum, & depois foraõ dous. O antigo, he o Psalterio de David; o moderno, he o Psalterio da Virgem Senhora nossa: que este foi o primeiro nome, que teve o seu Rosário. Saibamos agora, qual he a materia deste Psalmo Quarenta & seis, em que o Profeta fez hũa tan grande mudança. A primeira, & principal materia do ditto Psalmo, he a Subida de Christo ao Ceo, que foi o cõplemento dos Mysterios do Rosário: *Ascendit Deus in iubilò, & Dominus in voce tubæ. Psallite Deo nostro, psallite: psallite Regi nostro, psallite: a*

segunda, foi a Fé, & Christianidade universal, & o Reyno do mesmo Christo em todo o mundo: *Quoniam Rex omnis ubi terræ Deus: psallite sapienter. supra.* Na Ley Antiga, ainda q̄ Deos era Deos, & Rey de toda a terra, por dominio; por Fé só era Deos, & Rey da terra de Judéa, & de Jacob: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus. Psal. qui mandas salutes Iacob: 43. 5.* porèm na Ley da Graça, em que a Fé se prégou a todo o mundo, & a todas as Nações: *Euntes in mundum universum, prædicate omni creaturæ: &* *Marc. 16. 15* depois que Christo se assentou à dextra do Padre, como diz o mesmo Psalmo: *Deus sedet super sedem sanctam suam: entã ficou Deos, &* *Pſal. 46. 9.* Rey de toda a terra: *Quoniam Rex omnis terræ Deus.* Neste diferente tempo pois, & neste diferente estado, exhorta particularmente David a que se salmee, & reze cinco vezes, que he o numero, em que se dividem as orações do Rosário, segundo a repartição dos seus Mysterios: & porque rezaõ? Elle mesmo o diz nas ultimas palavras: *Psallite sapienter: salmeay sabendo, &*

entendendo o que dizeis: assim está mais claro no mesmo Original Hebréo, em que fallou o Profeta: *Pfallite in intelligentia*: salmeay, & rezay com intelligencia. Porque no Psalterio da Virgem, como se réza em vulgar, & na Lingua propria, he muito facil a intelligencia do que se diz, & no Psalterio de David, não; como elle mesmo advertio, & quiz que advertissemos.

252 (C) *Psalmo Sincoenta* & quatro tem por titulo, *In carminibus intellectus David*: Nos versos de David entendimento. O mesmo titulo se refere em muitos outros *Psalmos*, advertindonos David em todos, que a sua intelligencia não he facil, mas muito difficultosa. E se isto se verifica, & exprimenta nos que sabem a Lingua Hebré, em que foram escritos, & a Grega, & Latina, em que estão traduzidos: Que concerto farão os que só os pronunciam, & verdadeiramente não chegam a dizellos, por ignorancia da Lingua? Logo muita razão teve David, depois que conhecéo como Profeta

os *Mysterios de Christo*, & q̄ sobre elles se havia de fundar outro *Psalterio* differente do seu: muita razão teve, digo, não para estimar menos o *Officio Ecclesiastico*, em que o seu *Psalterio* se repete, & reparte nas Sete Horas *Canonicas*, mas para que este se trocasse pelo *Psalterio da Virgem*, cujos *Psalmos*, que são as orações, de que consta, se repetem, & repartem de cinco em cinco, conforme a divisaõ dos *Mysterios*: sendo todo, ou o principal motivo de o preferir, a intelligência d'elle: *Pfallite in intelligentia*.

253 Eu não quero, nem posso negar, que as Sete Horas *Canonicas*, em que se reparte o *Psalterio de David*, sejam muito mais dilatadas, & que por isso dem mais tempo a Deos, que as cinco *Decadas de orações*, em que se reparte o *Psalterio*, ou *Rolario da Senhora*: mas reduzindo este mesmo numero, não a *Decadas*, ou orações inteiras, senão a palavras sómente; digo, que bastão só cinco palavras das orações do *Rosario rezadas com intelligencia do*
que

que significação, para serem preferidas a todo o Officio Ecclesiastico sem ella. Ouçamos neste mesmo calo, não a outro Autor, ou Autores, senão ao Apostolo S. Paulo, cujas definições são de Fé. No tempo da Primitiva Igreja, em que era muy frequente o dom das Linguas, nem todos os que as fallavaõ, as entendiaõ. Assim o notáraõ, & ensinãõ, Santo Augustinho, Santo Thomã, Santo Ambrosio, S. Chrysoftomo, & outros Padres, & o declara Caietano com o exemplõ da Jumenta de Balam. E como alguns dethes, que fallavãõ em Linguas estranhas sem as entender, te prezassem de orar nas mesmas Linguas; reprovando S. Paulo este abuso, & allegando consigo mesmo, diz assim: *In Ecclesia volo quinque verba sensu meo loqui: quam decem millia verborum in lingua: id est, peregrina.* Antes quero dizer só cinco palavras no sentido que Eu entendo, & me entendem, que dez mil no que não entendo. Notay a differença incomparavel, & a desproporção sem medida, com que o Apostolo ante-

poem cinco palavras, na Lingua que se entende, a dez mil na que se não entende: *Quinque verba in sensu meo, quam decem millia in lingua: id est, peregrina.* No Breviario he verdade que rezais, ou pronunciais dez mil palavras; mas tambem he verdade, que as não entendeis: logo melhor he no Rosario não só rezar cinco Decadas, ou cinco orações inteiras, mas cinco palavras sómente do Padrenosso, & Ave Maria; porque he na vossa Lingua, em que entendeis o q̄ dizeis a Deos.

IV.

254 **P** Ara que se conheça pois quanto importa esta intelligencia da Lingua propria em quem reza, & quanto se perde, & impede por falta della, vejamos as razões de utilidade, que na mesma intelligencia se encerraõ, as quaes Eu para maior brevidade, & comprehensão reduzo a tres: & são estas. Primeira, porque assim se reza com maior gosto: segunda, com maior fruto: terceira, com maior merecimen-

to, & agrado de Deos.

255 Quanto ao gosto, ainda sensivelmente, he sem duvida, porque o sabôr de quem falla, ou reza, he saber o que diz. Porisso o nome de sabedoria se derivou do sabôr, & hũa, & outra cousa he *Sápere*. Tanto assim, que S. Basilio, S. Bernardo, Dionysio Carthusiano, & outros graves Autores, declarando as palavras de David: *Psallete sapienter*: dizem, que aquelle *Sapienter* val o mesmo que *Sápide*, laborosamente.

E fundase esta interpretação no mesmo Original Hebréo, *Psallete in intelligentia*; porq̃tô quem ora com intelligencia dõ que diz, ora com sabôr. As palavras de S. Basilio são estas: *Si quis ad vim verbi cujusque animo etiam ita afficiatur, quemadmodum gustatu ad qualitatem cujusq. cibi, prorsus hic mandato illi satisfacit, Psallete sapienter.* Aquelle que rezando entende as palavras que pronuncia, & percebe o sabôr de cada hũa dellas, assim como o sentido do gosto o sabôr do que come; este tal he sómête o que satisfaz ao preceito de

David, *Psallete sapienter*; porque ora laborosamente. Até aqui o grande Basilio.

256 E que diz S. Bernardo como Doutor sempre melifluo? *Cibus in ore, Psalmus in corde sapit: mel in cera, devotio in litera est.* O comer sabe na boca, o Psalmo, & a oraçãõ não tem o sabôr na boca, em que se pronunciaõ as palavras, senãõ no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. Porisso a David lhe eraõ mais doces que hum favo de mel: *Et dulciora super mel, & favum.* Considera pois S. Bernardo, que no favo ha mel, & cera, & com a differença desta comparaçãõ distingue a oraçãõ sabõrosa da que não tem sabôr. *Mel in cera, devotio in litera est*: assim como o mel está na cera, assim a devotaçãõ está na letra: se entendes a letra do que rezais, gostais o mel; se a não entendes, mastigais a cera. Isto he o que succede às que rézaõ o Breviario, na Lingua que não entendem: mastigaõ a cera sem nenhum sabôr, quando puderaõ gostar o mal, rezando na sua Lingua.

Ou;

Ber-
nard.
Diony-
sius.

Basi-
lius in
Regu-
lis bre-
vior
Respõs
276.

257 Ouçãõ so mesmo Christo, o qual tambem fallava com molher, quando disse: *Favus distillans labia tua, Sponsa: mel, & lac sub lingua tua.* A vossa boca, Espoza minha, he hũ favo, não seco, que entãõ seria sòmente cera, mas cheo, & redundante de suavissimo licor, q̃ debaixo da vossa lingua he mel, & leite. O leite no nosso caso he a parte de suavidade, que acrescenta às orações do Rosario a meditaçãõ dos Mysterios de Christo, & da Beatissima Mãe, que o trouxe em suas entranhas, & alimentou nos seus peitos: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera quæ suxisti.* Mas porque razãõ esta doçura não diz o Espozo, que estava na lingua, senãõ debaixo da lingua: *Sub lingua tua?* Porque o sabõr da oraçãõ não está no q̃ se pronuncia com a lingua, senãõ no sentido, & significaçãõ do que se pronuncia: não está no que soãõ as palavras, senãõ no que se entende debaixo dellas: *Sub lingua tua.* E se fizermos particular reflexãõ no *Tua*, acharemos hũa nova energia, ou discreto equivo-

co, com que o Espozo quiz significar à Espoza, que a doçura, & suavidade do que se diz, não pôde sentir, nem gostar hũa molher orando na Lingua estranha, senãõ na sua: *Sub lingua tua.*

258 O mesmo se entende dos homens, que rézãõ o Breviario, se para elles for estranha a Lingua Latina. Ao Profeta Ezechiel, que era homem & grande homem, appareceo a mão de hum Anjo com hum livro, mandando-lhe que o comesse: *Comede* Ezech.
volumen istud: comeu o elle, 3. 1.
& diz que o achou na boca tam doce como o mel: *Comedi:* Ibid.
& *factum est in ore meo sicut mel dulce.* 3. Se o Texto parára aqui, & não declarára mais, bastava dizer que o Profeta achára doce o livro, para se collegir, que estava escrito em Lingua, que elle entendia, porque se a não entendera, não lhe havia de achar sabõr. Mas assim o declarou logo o Anjo, dizendo: *Non enim ad populum ignota* Ibid.
linguae tu mitieris. E como o 5.
livro não era de Lingua estranha, senãõ sabida, & a propria, & vulgar da sua Naçãõ,

por-

Exod.
16.15

po' isso o achau doce como o mel. Soube-lhe ao que sabia, porque entendia o que significava. Tal he o Breviario para os que o entendem. E para as que o não entendê, como será? Parece-me a mim, que será como o Maná antes de gostado. Quando a primeira vez chovêo o Maná, começaram a dizer os que não sabião o q' aquillo era, *Manhú? Quid est hoc?* Que he isto? Gostado, era Maná, não gostado, era Manhú. Para os que o entendem, & o gostãõ, he o Breviario hum Maná do Ceo, que tem todos os sabôres: para os que o não entendem, nê podem gostar, he hum perpetuo Manhú; porque a quãto lem, estaõ dizendo: *Quid est hoc?* Que he isto? Porque não sabem o que quer dizer. Rezem logo pelo Rosario, cujas Orações entendem, & são muito sabôrosas, que o de mais he huma devação muito sem sabôr.

V.

259 **E** Se rezar sem entender he orar se gosto, ainda he pior deficit

o segundo, que he orar sem fruto. Não sou Eu o que digo, senão o Apostolo S. Paulo, impugnando, & condenando (como a sima disse) aos que em seu tempo oravaõ em Lingua, q' não entendiaõ: *Si orant lingua, spiritus meus* 1. Cor. *orat, mens autem mea sine fru.* 14. 14. *Et u est.* Se Eu orar em Lingua, que não entendo, o meu Espirito he o que ora, & a minha Alma fica sem fruto. Estas palavras não só têm dado occasião a varias interpretações, mas parece, que entendidas assim como são, contém huma implicação manifesta. O Espirito, & a Alma he a mesma cousa: & se tem algũa differença, he que a palavra Espirito significa a parte superior da mesma Alma. Pois se quando S. Paulo orasse em Lingua estranha, confessasse que ora o seu Espirito: *Si orant lingua, spiritus meus orat*: como diz, que orando deste modo, a sua Alma fica sem fruto: *Mens autem mea sine fructu est?* Bem apertada estava a instancia, & bem se seguia a implicação, se a palavra Espirito significasse neste lugar a parte superior da Alma,

Alma, como quando a Virgê Senhora nossa disse: *Mag-*
Luc. 1.46. nificat anima mea Dominum,
& exultavit Spiritus meus in
Deo salutari meo. Porém *Spi-*
ritus nest' Texto significa o
 ar da respiração, com que a
 lingua faz a voz, & a fórma
 palavra, & he o mesmo que
Halitus. Spiritus hic sermo in-
Prima telligendus est; diz Primasio:
lus & Cornelio ainda mais pro-
Corne- priamente: Spiritus meus,
lius. id est, vox mea spiritu vitali,
& vocali prolata. Desorte, que
 fallou aqui S. Paulo como
 altissimo Filosofo, & eloquê-
 tissimo Orador: como Filo-
 sofo, porque segundo a de-
 finição de Aristoteles, a voz
 não he mais que o ar da res-
 piração movido, com a lin-
Aristo gua: Vox est istus aeris respi-
seles. ratione attracti: & como elo-
 quentissimo Orador, porque
 para atenuar o pouco que
 são, & valê as palavras, quan-
 do quem as pronuncia, não
 entende o sentido dellas, nem
 lhe quiz chamar vozes, nem
 palavras, senão hum pouco
 de ar. É assim vem a ser a sen-
 tença do Apostolo esta: Se Eu
 oro (ou orasse) em Lingua, q̄
 não entendo: *Si orem lingua;*

quem ora não tal casta, não he
 a minha Alma, senão hum
 pouço de vento, porque he o
 ar da minha respiração: *Spi-*
ritus meus orat: & como a
 minha Alma não he a q̄ ora,
 porisso fica sem fructo: *Mens*
autem mea sine fructu est. O
 exemplo, com que confirma
 esta sua doutrina o Apосто-
 lo, he muito como seu: *Nunc*
autem, fratres, si venero ad
vos linguis loquens: Quid vo-
bis prodero? Pergunto, meus
 Irmãos (diz Paulo) se Eu tr-
 stando do dō de Linguas, q̄ te-
 nho, vos prégar em Lingua,
 que não entendeis, aprovey-
 tarvosheis, ou farey algum
 fruto em vós? Claro está que
 não. Pois assim como Eu pré-
 gando em Lingua, que não
 entendeis, vos não posso a-
 proveitar a vós; assim també
 se orar em Lingua, q̄ Eu não
 entendo, não me posso apro-
 veitar a mim: *Mens autem*
mea sine fructu est.

260 E qual he a razão,
 porque as palavras, com que
 oramos, e não entendemos o
 que significão, ainda que são
 feitos tam Santos como S.
 Paulo, não produzem fructo?
 A razão he, porque o fructo

da Oração consiste nos affectos da nossa Alma para com Deos, & para conosco, & as palavras, cujo sentido não entendemos, não podem excitar, nem produzir estes affectos. O mesmo S. Paulo o declarou em outro lugar, como se fallasse finalmente com os que rezas o Breviario: *Ephe. 5. 19. in Psalmis, & Hymnis, & Canticis spiritualibus, cantantes, & psallentes in cordibus vestris Domino.* Quando rezais Hymnos, & Psalmos, & Canticos (que he o que se faz no Breviario) ha de ser de maneira, que em as palavras vos falleis a vós mesmos, & com o coração louveis a Deos: cõ as palavras a vós mesmos: *Loquentes vobis metipsis: & com o coração a Deos: In cordibus vestris Domino.* Mas quando Eu não entendo o q̃ diz o Hymno, nem o Psalmo, nem o Cantico, como pôde esse Hymno, esse Psalmo, & esse Cantico excitar em mim os affectos, que significação as suas palavras, se para mim, que somente as pronuncio com a lingua, são hum mero som formado no

ar sem significação alguma? Ore Eu em Lingua, q̃ entendo (& melhor, se for na propria) & logo o sentido das palavras se fará sentir nos affectos, & a mesma lingua, como se fosse de fogo, o pegará ao coração. Não affirmo, q̃ isto quizesse dizer David, mas querendo, ou não querendo, as suas palavras o dizê: *Concaluit cor meum intra me: & in meditatione mea exardescet ignis. Locutus sum in lingua mea.* O meu coração concebêo tal calor dentro em mim, que na minha oração se a brazou em fogo. E donde lhe vierão tão coração tam ardentes affectos? *Locutus sum in lingua mea:* porque ha ley na minha Lingua. Se isto quiz dizer David, basta que elle o diga, & se não foi esse o seu pensamento, seja a prova a vossa experiencia. Vós, que não entendeis o Breviario pôr ser em outra Lingua, rezay o Rosario na vossa, & vede, se ha palavra nas suas orações, que da lingua ao coração não excite ardentissimos affectos? *261.* Se digo, Padre-nosso, esta palavra me excita a amar hum Deos, que me criou,

Psal.
38.
45.

& de nada me dego sen, que tenho, & a não degerar de filho de um soberano Pay. Se digo que estás no Ceo, esta palavra me lembra, q̃ o Ceo, & não a terra, he a minha patria, & que viva na passagem deste mundo, como quem ha de viver là eternamente. Se digo, Sãtificado seja o teu nome, esta palavra me ensina a veneraçã, com que devo tomar na boca o nome de Deos, & a verdade, com que, sendo necessario, hey de jurar por elle. Se digo, Venha a nós o teu Reyno, esta palavra verdadeiramente faudoza me amoesta do fim, para que fui criado, & que se agora sirvo neste cativoiro entre os homens, he para depois reynar entre os Anjos. Se digo, Seja feita a tua vontade, assim na terra, como no Ceo, esta palavra conforma a minha vontade com a divina, para q̃ querendo o que elle quer, tudo o que se faz, ou succede, seja tambem o que Eu quero. Se digo, O pão nosso de cada dia nos dá hoje, nesta palavra me livro de todos os cuidados da vida, & com os feuguros thesouros de não dezer-

jar o superfluo, sou mais rico que todos os ambiciosos do mundo. Se digo, Perdoamos as nossas dividas assim como nós perdoamos, com este pequeno cabedal de perdoar o pouco que me devem, pago as infinitas dividas de quanto devo a Deos, pelo que d'elle recebi, & o tenho offendido. Se digo, Não nos deixes cair em tentaçã, nesta palavra reconheço, para a cautella, a própria fraqueza, & me ponho naquellas poderosas mãos, de quem só me pôde ter mão, para que não caya. Se digo finalmente, Mas livranos de mal, nesta ultima palavra confesso, que muitos dos que tenho por bens, verdadeiramente são males, & que só me pôde livrar delles, quem só os antevé, & conhece.

262 As palavras da Ave-Maria não são menos excellentes os affectos a que nos excitaõ. Se digo Ave Maria, nesta palavra faudo aquella Senhora, que o he de toda a faude, & sem cujo patrocinio ninguem alcançou a eterna. Se digo, Chea de Graça, nesta palavra me persuado, que a Graça

Graça foi a sua maior felicidade, & que todas as felicidades sem Graça são a summa miséria. Se digo, O Senhor he comigo, esta palavra me anima a estar sempre com Deos por amor, & obediencia, & já mais por nenhum caso me apartar d'elle. Se digo, Benta es tu entre as mulheres, esta palavra me traz à memoria a maldição de Eva, & a de quantos por causa de suas filhas tem sido malditos. Se digo, Benta he o fruto do teu ventre, JESU, esta palavra me avisa, que assim como aquelle fruto bemdito foi o Salvador, assim o de todas as minhas obras deve ser a salvação. Se digo, Santa Maria Mãe de Deos, esta palavra fiado em sua benignidade me presta a seus soberanos pês para perpetuo escravo de tal Senhora, & filho de tal Mãe. Se digo, Roga por nós peccadores, esta palavra me préga, que o que sobre tudo devo procurar com maior ansia, & com maior contrição, he o perdão dos peccados. E se finalmente digo, Agora, & na hora da nossa morte, esta palavra acaba de me desenga-

nar, que despreze, & não faça caso de quanto acaba com a vida, & que a minha vida seja tal, como quizera ter vivido na morte, & que esta pôde ser nesta mesma hora. Estes são parte dos affectos, a que nos excitão as orações, & palavras do Rolario, por serem rezadas, & entédidas na nossa lingua vulgar: para q' veião as devotas do Breviario, se são tantos, & tam proveitosos, os q' d'elle tiraõ em Latim, como estes em Portuguez.

263 Oh queira Deos, q' isto que parece devação, não seja castigo! Quiz Deos castigar severamente os filhos de Israel, & o castigo, que fulminou contra elles, foi, que lendo as Escrituras, não as entêdessem. Denunciou ao Povo esta sentença de Deos o Profeta Isaias, & para lha dar bẽ a entender, foi com este exemplo. Se mostrarem hum livro fechado a hum homem, que sabe ler, & lhe perguntarem o que diz aquelle livro, responderá, que não sabe, porque está fechado. E se mostrarem o mesmo livro aberto a outro homem, que não saiba

saiba ler, perguntado do mesmo modo, que diz o livro, respôderá, que não sabe, porque não aprendeu letras. Pois desta mesma sorte (diz o Profeta) te castigará Deos, o Povo cego, porque ou lendo, ou não lendo as Escrituras, não entenderás o que dizem:

Isai.
291. 1
12.
Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati: quem cum dederint scienti literas, dicent: Lege istum: & respondebit: Non possum, signatus est enim. Et dabitur liber nescienti literas, diceturque ei: Lege: & respondebit: Nescio literas.
Em summa, que o castigo, que Deos mandou àquelle Povo, foi, que ou abrissem, ou não abrissem o livro das Escrituras, ou o lessem, ou o não lessem, não o entenderião. É tal he o Breviario para quem o não entende. Se não entendeis o que diz, ou o leais, ou não leais, ou rezeis, ou não rezeis, tanto importa o vosso Breviario, fechado, como aberto. Deixay agora o **Rosario** por esse livro.

VI.

264 **E** PARA que vejais o pouco que Deos se agrada de semelhantes leituras, lidas, mas não entendidas (que era o terceiro defeito;) consideray, que assim como Deos se agrada muito da oração que he oração, assim se não pôde agradar da que o não he. Não sou Eu o que lhe nego este attributo, senão o mesmo Mestre Divino da Oração, Christo Senhor nosso, em humas notaveis palavras: *Quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis: 11. 24*
tudo o que pedirdes a Deos orando, crede que o recebereis. Orar, he pedir a Deos: pois como distingue Christo o pedir orando do pedir não orando? Porque o pedir orando, ou não orando, são duas cousas tam distintas, como pedir entendendo, ou não entendendo o que peço. Por isso *Div.*
S. João Damasceno, a quem *Da-*
seguem todos os Theologos, *masce-*
definio a Oração, *Ascensio nus*
mentis in Deum: o orar he le- lib. 3.
vantar a Mente a Deos: & diz *de Fi-*
a **Mente**; porque esta he na *de cap.* 24.

Q

Alma

Alma a parte intellectual, & com que entendemos. Se entendendo o que peço, o meu pedir he orar; & se não entendendo o que peço, nem o meu pedir he orar, nem o meu orar he pedir. Como pôde logo Deos agradar-se de hûas vozes vaãs, & sem alma, que só tem nome de orações, & não são oração.

265 Direis, que ainda que não entendais o que dizeis, Deos, com quem fallais, o entende: que menos entendem as suas vozes as aves, & comtudo louvaõ a Deos com seu canto: que até o som dos instrumentos mortos, & sem sentido, lhe he tam aceito, & agradavel, como bem significou David cõ aquelle seu *Laudate* tam inculcado, & repetido: *Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara. Laudate eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo. Laudate eum in cymbalis benesonantibus, laudate eum in cymbalis jubilationis.* Logo injustamente se desaprovão as vozes humanas, & racionais, por não serem entendidas de quem as pronuncia, se até as

sensitivas, & insensíveis louvãõ, & gloriaõ a Deos. Respondendo em gèral, que tam fõra estaõ todas estas replicas, ou contraditas, de provar o contrario do que vou dizendo, que antes são novas razões, que mais o confirmão. E assim as irey desfazendo por huma parte, & por outra estabelecendo esta mesma proposição, em que estamos.

266 Primeiramente, dizer que Deos entende o que vòs rezais, quando vòs o não entendeis, he falso. Ouvi ao mesmo David, que acabastes de allegar: *Verba mea attribus percipe, Domine: intellige clamorem meum: percebe,* Senhor (diz David) as minhas palavras, & entendey os meus clamores. Por certo, que se outrem fizera esta petição, não só pareceria escuzada, mas muito indiscreta. Deos tudo percebe, tudo entende, & não pôde deixar de o entender, ainda que nós queiramos, & lho roguemos. Pois como pede David a Deos neste Psalmo, que entenda as suas palavras? Porque assim este Psalmo, como os demais, não o fez David só para sy, senão

psal.
150.3
4.5.

Psal.
5.2.

senão geralmente para todos os que o haviaõ de rezar: & entre elles havia de haver alguns, cujas palavras Deos não havia de entender, posto que fossem as mesmas. E quem são estes, cujas palavras Deos não havia de entender? São aquelles, que as dizem sem elles entender o que significão. A razão he manifesta, & fundada na mesma excellencia do Entendimento Divino. Porque Deos não entende, nem pôde entender as cousas, senão como ellas são. E como as palavras são significativas dos conceitos, & Eu, quando pronuncio as palavras, que não entendo, não faço conceito do que ellas significão: como pôde Deos entender o que lhe digo, se Eu lho não digo? Dizêy, & bradaya a Deos quanto quizerdes, que elle nem ha de entender as vossas palavras, nem os vossos clamores, porque quanto vós dizéis & bradais, também vós o não entendeis. Entêdey primeiro o que lhe quereis dizer, & entãõ entenderá elle o que vós lhe differdes. Notay finalmente o que notou a-

gudamente Asterio neste mesmo verso de David, advertindo que não disse, *Sermo meum*, senão, *Verba mea*; porque palavras desatadas não fazem oração, nem tem sentido. E taes são todas as do Breviario, para quem as não entende, que neste caso não he só o que réza, senão também Deos.

267 E porque esta filosofia por muito delgada não pareça menos solida, ouvi a S. Paulo escrevendo aos Filipenses: *In omni oratione, & obsecratione cum gratiarum actione petitiones vestrae innotescant apud Deum.* Quando orais, seja de tal modo, que em toda a vossa oração, & em todos os actos della, cheguem as vossas petições à noticia de Deos. A' noticia de Deos? *Innotescant apud Deum?* E pôde haver orações, que não cheguem à noticia de Deos, que tudo conhece, tudo entende, tudo sabe, & nada se lhe esconde? Sim: diz o maior Letrado de todos os Apostolos, ou assim o suppoem. E posto que os Interpretes declarando estas mesmas palavras, apontaõ varios modos,

em que nas orações humanas se verifica o não chegarem à noticia de Deos; nenhum he mais proprio, & rigoroso que o do nosso caso, quando que faz oração a Deos, não entende o q̄ lhe diz. Logo mal fundada he a vossa replica, em dizer, que se vós não entendeis o que rezais, basta q̄ Deos o entenda. Accommodayvos pois a trocar o Breviario pelo Rosario, & em lugar dos tres Nocturnos, q̄ são muito escuros, rezay os tres Terços, que são muito claros, & em lugar das Sete Horas Canonicas, as Sete Petições do Padre-nosso.

268 A outra replica era, que se as vozes das aves, que ellas não entendem, louvaõ a Deos, quanto mais as racionais, & humanas? Tambem esta supposição he falsa; porq̄ as vozes, que o homem pronuncia, & não entende, rigorosamente não são humanas, posto que o pareçaõ. Porisso Caietano comparou às do Animal de Balam as dos Corinthios, que S. Paulo reprehendéo, porque oravaõ em Lingua, que não entendiaõ. As vozes, que a Natureza

deu aos animaes, todas tem suas significações; porque de hum modo declarão a fome, doutro modo a ira, doutro modo a dor, & assim das outras paixões, appetites, ou instinctos, ainda que irracionais, & brutos. E se estas significações do seu mugir, ballar, rinchar, uyvar, & bramir, se achão nos animaes sem razão; não he grande afronta dos que tem uso della, fallarem sem entender o que dizem? O exemplo do canto das aves, posto q̄ tenha mais harmonia, não he menos ignominioso. Porque me hey de contentar de louvar a Deos como hum Rouxinol, se o posso louvar como hum Anjo? Porque me hey de contentar de lhe dar a alvorada como hum Canario, ou Pintacilgo, se o posso fazer como hum Serafim? Ainda posso voar mais alto rezando o Rosario se digo, Ave-Maria, fallo como S. Gabriel: se digo, Padre-nosso, fallo como Christo. E porque a censura desta replica não seja só minha, ouvi a de S. Boaventura: *Qui sola voce precatur si*

D. Bo-
naven;

ne méris applicatione, nesciens curra-

quid

quid dicat, quis non videt, hunc Psitaco similem esse? Aquelle q̄ ora, ou cuyda que ora, sem entender, nem saber o que diz, quem não vé, que he semelhante ao Papagayo? Só quem tiver o juizo tam verde como elles, não verá a verdade desta semelhança, & muito mais a deformidade della.

269 Só resta a replica dos instrumentos, a qual, para melhor vos côfutar, vos concedo. Nem vós entendeis o que dizeis, nem elles o que soaõ: & he muito honrada consolação, que tomeis o Breviario nas mãos para louvar a Deos como as harpas, como os orgãos, & como os sinos. Mas destes mesmos instrumentos intensíveis fórma hum valentissimo argumento o tantas vezes allegado S.

1. Cor. 14. 7. Quæ sine anima sunt vocem dantia, sive tibia, sive cithara: nisi distinctionem sonituum dederit, quomodo scietur id, quod canitur, aut quod citharizatur? Os instrumentos, que não tem alma, & tem voz, se não distinguirem os sons, como se ha de entender o que significaõ? Desorte, q̄ até nos instrumentos inani-

mados são necessarias tres cousas: o som, a significação do que soaõ, & a intelligencia do que significaõ; porque se faltar esta significação, & esta intelligencia, os instrumentos por sy lós de nada fervem. Poem o exemplo o mesmo Apóstolo na trombeta: *Etenim si incertam vocem det tuba: quis se parabit ad bellum?* A trombeta toca a marcha, a fazer alto, a acometer, a retirar, & a todos os outros movimentos militares: mas estas distincções, & intelligencias, não as faz a trombeta, senão o Trombeta. O homem que a governa, he o que a anima; porque a voz do instrumento he voz sem alma: *Sine anima sunt vocem dantia.* E como a alma da voz he a significação, & a intelligencia, ainda nos instrumentos, com que se allegava: bem se prova dellas, & com elles, quam pouco val o som das vozes em quem ora, se lhe faltar a intelligencia do que significaõ.

270 Nem o Texto, ou Textos de David citados, persuadem o contrario, antes declaraõ, & confirmaõ mais

esta mesma verdade. Nenhum daquelles Textos (cousa muito digna de se notar) diz, que os instrumentos louvem a Deos, senão, que os homêes louvem a Deos com elles.

P/psl.
150.
3.

Laudate eum in sono tubæ: laudate eum in psalterio, & cithara: Não diz, que louvem a Deos as trombetas, os psalterios, & as citharas, senão, q os homens o louvem com as citharas, com os psalterios, & com as trombetas. *Laudate*

Ibid. 4. eum in tympano, & choro: laudate eum in chordis, & organo: Não diz, que louvem a Deos os atabales, as cordas, & os orgãos; senão, que os homens o louvem com os orgãos, com as cordas, & com os atabales. *Laudate eum in cymbalis bene sonantibus: laudate eum*

Ibid. 5 in cymbalis jubilationis: Não diz, que louvem a Deos os finos bemsonantes, nem os repiques alegres; senão, que os homens o louvem com o som dos finos, & dos repiques. E porque não diz David, que louvem os instrumentos a Deos, senão, que louvem a Deos os homens cõ os instrumentos? Porque nos instrumentos estaõ as vozes, nos

homêes está a intelligencia: & os louvores de Deos não se compoem só das vozes sem intelligencia, que estaõ nos instrumentos; senão, da intelligencia junta com as vozes, que está nos homens.

VII.

271. **D**E tudo o que a-rêqui temos disputado, & discurrido, parece, que já fica resoluta, & fóra de controvérsia a nossa (que estaõ dentro dos termos, em que a propuzemos: não entre o Breviario, & o Rolario absolutamente, & para todos; mas em respeito daquellas pessoas sómente, a quem falta a noticia, & practica da Lingua Latina, bastante a entender o Officio Ecclesiastico. E para que o devoto femineo lexo conheça quam recta, & desinteressada he a tençaõ, cõ que tenho avogado pela justiça desta causa: & não pareça, que dissimulo, & passo em silencio o argumento, & exemplo, que mais favorece a sua parte; quero acabar, pondo em campo por ella, vestidas de differêtes habitos, & insignias,

nias, todas as Religioſas de todas as Nações Catholicas, as quaes tambem geralmente não ſabem mais q̃ a ſua Lingua, & comtudo uſaõ do Breviario Romano, & rezaõ o Officio Eccleſiaſtico na Lingua Latina: Logo ſe por preceito da Igreja univerſal, & pelos Eſtatutos particulares das ſuas Religiões ſaõ obrigadas às meſmas Horas Canonicas na meſma Lingua Latina, que não entendem (& não ſe pôde dizer que eſte uſo não ſeja muito ſanto, ou cõtenha algũa imperfeiçãõ:) ſegueſe, que õ meſmo podem fazer, & tam louvavelmente como ellas, todas as que não ſaõ Regulares. A conſequeſcia parece forçõſa, mas reſpondo, que nem ſe ſegue, nem ſeria tam louvavel.

272 As muitas razões, que a Igreja Catholica tem, & teve deſde ſeu principio, para no Officio Eccleſiaſtico, como tambem nas Eſcrituras Divinas, na Miſſa, & nas Fórmãs dos Sacramentos não uſar das Linguas vulgares, ſe não da Latina, ſe reduzem principalmente a duas. A primeira, pela mageſtade das

couſas Sagradas, & Culto Divino, que nos ouvidos, & entendimentos dos rudes podia perder parte da reverencia, & eſtimaçãõ, & ficar expoſto a muitas interpretações, não ſó indignas, mas erradas. A ſegunda; porque ſendo a Igreja Catholica hũa ſó, tambem convinha, que a Lingua, de q̃ nſaſſe em todas as partes do mundo, foſſe aſſim meſmo hũa, & eſſa a mais commum, & univerſal, qual he a Latina. E poſto que no Officio Eccleſiaſtico tenhaõ obrigaçãõ de a ſaber os homens, a quem he mais facil, & não as mulheres; comtudo, para que em todos os Coros publicos ſe guardaffe a meſma uniformidade, foi mais conveniente, q̃ tambem ellas rezaffeſſem na meſma Lingua. De nenhũ modo porẽm ſe ſegue, que ſeria igualmente louvavel eſte uſo nas que não ſaõ Regulares. Porque eſta hẽ a differença, que ha entre as couſas, que ſe fazem por obrigaçãõ, & preceito em que o Legislador attende ao bem commum, ou por eleiçãõ propria, & livre; em que cadahum deve attende ao bem & con-

Bel.

veniencia particular. E desta mesma differença se conclue, que nunca as que não são Regulares rezando o mesmo Officio igualariaõ o merecimen- todas Regulares, porque nestas supre a obrigação, & obediencia, o que naquellas perde a propria vontade, & eleição, quando he melhor o que deixaõ, que o que escolhem.

273 He doutrina de S. Paulo, que sempre se deve escolher o melhor: *Emulamini charismata meliora*. E não era necessario para isso a sua authoridade, porque assim o ensina a prudencia, & ditame natural da razaõ. Quando a escolha he entre o mal, & o bem hase de escolher o bem, & deixar-se o mal: mas quando he entre o bem, & o melhor (como a nossa) hase de escolher o melhor, & deixar-se o bom. Esta verdade ditada pela Natureza, & canonizada pela Fé, he a que Eu pretendi persuadir em todo este Discurso. Rezar o Breviario, ainda que senão entenda, sempre he bom, porque he acto de Religiaõ, & Culto Divino, & modo gèral de honrar,

venerar, & louvar a Deos: Rezar porèm o mesmo Breviario entendendo, he melhor, & muito melhor, porq̃ além deste Culto gèral, logra as ventagens do sabòr, do fructo, & dos affectos particulares, que estaõ encerrados na intelligencia das palavras, a que Santo Thomás, & todos os Theologos, assim Escolasticos, como Asceticos, chamaõ Pasto Espiritual da Alma, do qual em proprios termos dizia David: *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabit os meum*. E como entre o bom, & melhor do Breviario rezado cõ intelligencia, ou sem ella, ha tam grande differença: que fará hũa molher, que o não entende, para conseguir o melhor? Aqui se vem os grandes privilegios da Religiaõ. Se he Religiosa não pòde deixar o Breviario, nem o deve trocar: mas se não he Religiosa, deveo deixar, & trocalle pelo Rosario. E porque? Porq̃ na Religiosa o que por ty he sòmente bom, por virtude da obediencia sobe a ser o melhor: & na que não he Reli-
giosa

Bsal.
62.6.

giosa, que obra por propria eleição, & não por obediencia, o que he sómente bem, não pôde passar a ser melhor, senão trocando-se. E a troca deve ser do Breviario em Rosario, porque he trocar o que não entende pelo que entende, como tam largamente deixamos provado.

274 Por fim, pôde haver algũa devota tam devota, que reze, ou queira rezar hũa, & outra cousa, o Breviario, & mais o Rosario. Mas tambem não aprovo esta concordata, porque seria abarcar muito, & apertar pouco. He o improprio, que o Profeta Aggeó lançava em rosto aos que de grande seára colhem pouco graõ: *Seminastis*

Aggei multum, & intulistis parum.

3.6. Hum só Mysterio de Christo, & hũa só clausula do Padrenosso basta para meditar toda a vida, quanto mais o Rosario inteiro. Em nossos dias houve dous Varões Santos, hum Secular, outro Religioso, nesta America: hum, que gastou tres annos em dizer a cada respiraçõ, *Fiat voluntas tua*: & outro, que Eu conheci, & tratey, o qual desde

a Meyã noite até o sair do Sol, tinha seis horas de Oraçãõ de juelhos, meditando em hũa só Chaga de Christo crucificado.

275 E se o meu pouco espirito não tem bastado para mostrar bem este melhor, & persuadir esta troca; espero por fim, que baste a authoridade da mesma Senhora do Rosario, & que não haverá devaçãõ algũa tam pertinãz, ou juizo tam teimoso, que se atreva a resistir à forza de suas divinas palavras. O segundo Prégador depois do Patriarcha S. Domingos, escolhido pela mesma Virgem Santissima para Restaurador da devaçãõ do seu Rosario, que, como todas as cousas boas, com o tempo se hia esfriando, & diminuindo; foi o Beato Alano, tam filho do mesmo Santo Patriarcha no espirito como imitador do zelo. Apareceólhe pois a Soberana Rainha dos Anjos, & encarregãdolhe, que para remedio, & reformaçãõ do mundo tornasse de novo a prégar, & promulgar o Rosario, as razões, que acrescetuou por sua boca Saeratissima,

Grego-
zio Lo-
pes. Se-
cular
em Ma-
xico.
João
Adria-
no, Re-
ligioso

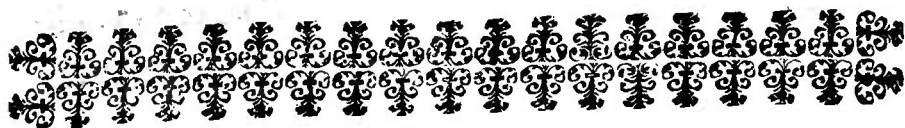
fini, para que elle em seu nome as inculcasse a todos, fóraõ estas: *Siquidem hoc genus orandi promptum, ac facile, est mihi gratissimum, ad impetrandam Divinam misericordiam accommodatissimum, populis salutare, & contra quævis adversa præsens auxilium.* Porque este genero de orar prompto, & facil, he para mim (diza Senhora) o mais agradavel de todos, para alcançar a misericordia Divina o mais accommodado, & para os Povos o mais util, & saudavel, porque nelle tem o mais efficaz remedio, & socorro contra todas as adversidades. Todas estas prerogativas da devaçãõ do Rosario, & pronunciadas por tam Divino Oraculo, a fazem digna de summa estimaçãõ. Mas a que no nosso caso se deve pôderar, & venerar sobre todas, he dizer a mesma Senhora do Rosario, que este modo de orar, por ser prompto, & facil, lhe he, não só agradavel, mas em grão superlativo

gravissimo: *Siquidem hoc genus orandi promptum, & facile, est mihi gratissimum.* Que quer dizer, *Promptum, & facile*, lenaõ, ordinario, vulgar, & de grande facilidade, sem machina de rubricas para o ordenar, & acertar, nem outra Lingua mais q̃ a propria para o entender? Isto he o que nota, & préza a Senhora das Senhoras no seu Rosario, para q̃ se emendem do seu juizo, & da sua eleiçãõ, as que por ordinario, & vulgar, trocãõ este genero de orar por outro. Não sejaõ como Naaman Syro, que sobrelevado da sua qualidade, & grandeza, desprezou o remedio do Jordãõ, por facil, & vulgar a todos. E se querem agradar à Rainha do Ceo, como affectaõ às da terra, conformem-se com o modo de orar, que lhe he gratissimo: repetindo muitas vezes em vulgar, *Ave Maria cheia de Graça*, como a Oradora do Evangelho lhe disse tambem em vulgar: *Beatus venter, qui te portavit.*

4. Reg.
5. 11.
& seq.

FINIS.

SER.



S E R M A M

X X I I I.

COM O SANTISSIMO

SACRAMENTO EXPOSTO.

Booz autem genuit Obed ex Ruth. Matth. 1.

I.

276



VIRGEM

Maria, Senhora nossa, no seu Divi-

no Cantico da Magnificat affirma de presente, & profetiza de futuro, que aos pobres enche Deos de bens, & aos ricos deixa vafios: *Esurientes implevit bonis: & divites dimisit inanes.* Na roda do hortellaõ, & nos vafios de barro, que com ella vaõ dando a mesma volta, não vedes, como os vafios descem, & os

cheos sobem, & logo os vafios se enchem, & os cheos ficam vafios? Pois isto mesmo he o que faz (diz a Senhora) não a Roda, que vós chamais da Fortuna, mas a constante Disposição da Providencia Divina: *Esurientes implevit: Ibid. Divites dimisit inanes.*

277 Em muitos exemplos dos seus Ascendentes nos pudéra provar a Virgem Maria a variedade, ou providencia desta mesma Roda, mas em nenhum melhor que na historia de Ruth, que to-

mey por Thema: *Booz autem* *Matth. 1. 5.*
ge-

Luc. 1. 53.

genuit Obed ex Ruth. Era Ruth nora de Noemi (não cuys deis que o digo por equivo-co) & assim como Noemi *Ruth.* disse de sy: *Egressa sum plena,* 1. 21. *& vacuam reduxit me Dominus:* que he o *Divites dimisit manes:* assim Ruth com os termos, & a Fortuna trocada estando pobre, & faminta, & verdadeiramente *Vacua,* Deos a enché o de tantos bês, & de tanta abundancia, & fatura, que com maior verdade se pôde chamar *Plena:* *Esurientes implevit bonu.*

278 Os bens, de que falla neste lugar a Soberana Rainha, como Máy de misericordia, são os bens temporaes, & da terra, necessarios ao sustento da vida humana. E destes, como remedio da pobreza, & fatura dos que padecem fome, determino Eu tratar hoje: para que se não queixe, ou cuyde o corpo, q̄ sô sobre os espirituaes, & da Alma, tem virtude, & poder o Rosario.

279 Quando a Providência, & Benignidade Divina lança a bẽção sobre a terra, & he fertil, & abũlante a novidade, chama David à fertilidade

dos cápos Coroa do anno: *Benedices Coronæ anni benignitatis tuæ: & campi tui replebuntur ubertate.* He a mesma figura, com que os Poetas elegantemente pintaõ a Primavera coroadada de flores, & o Veraõ coroadado de espigas. Assim pintou estas duas partes do anno, o mais engenhoso de todos os Poetas na descripção do Palacio do Sol. O Veraõ coroadado de espigas:

Stabat nuda Æstas, & spica ferta gerebat: a Primavera coroadada de flores:

Verque novum stabat circum florente corona.

E estas duas coroas, com que o anno se coroa em diferentes mezes, temos hoje juntas em o mesmo dia. No Evangelho com Ruth coroadada de espigas: na Festa com o Rosario coroadado de flores.

280 E não he isto mesmo a Solennidade da Senhora do Rosario com o Santissimo Sacramento exposto? Sim he. No dia, em q̄ Christo nasceu em Belem (q̄ quer dizer Casa de pão) appareceu no Ceo hum Sol coroadado de Espigas: & no dia, em que a

Vir-

Virgem Santíssima o concebéo em Nazareth (que quer dizer Florida) apparecéo a Aurora do mesmo Sol coroada de Rosas. Tudo isto se vio entáo dentro naquelle mesmo anno, em que a benignidade do Ceo mais que nunca chovéo benções sobre a terra: *Benedices coronæ anni benignitatis tuæ*: & tudo (porque tudo també era profecia) se vé junto hoje nos dous Mysterios Santíssimos, em que se encerraõ tantos Mysterios, o Rosario, & o Sacramento.

281 E se agora me perguntais, ou esperais ver o fim desta tam natural combinaçãõ daquelle anno com este dia; digo, que não he para o fim géral da correspondencia de ambos os Mysterios, que por tantos modos temos declarados, & ainda declararemos mais. Mas, como disse ao principio, para remedio da necessidade dos pobres, & para fartura dos que padecem fome. Ruth antes de ser molher de Boóz recolhendo as espigas, que cahiaõ das mãos aos seus segadores, foi a pobre, & a faminta: & a mesma

Ruth depois de tam altas, & tam opulentas vodas, por beneficio das mesmas espigas, não só se coroou a ty, mas deu coroas a seus descendentes: *Booz autem genuit Obed ex Ruth. Obed autem genuit Iesse. Iesse autem genuit David Regem.* *Mat-
th. 1. 5*

282 Comparando pois as Rosas do Rosario com as Espigas de Ruth: o que havemos de ver, he: que assim como Ruth em figura remediou a sua pobreza pela devaçãõ do Sacramento; assim todos os que forem pobres, remediarão em realidade as suas pela devaçãõ do Rosario. E sendo certo, como nos ensinou a Mãe de Deos, que a misericordia do mesmo Deos: *Esurientes implevit bonis*: & a sua justiça; *Divites dimisit inanes*: não só pertence esta virtude do Rosario aos pobres, senão também aos ricos. Aos pobres, porque são pobres; & aos ricos, porque o podem ser. Não peço attençaõ para este Discurso, porque sendo dos bens temporaes, he materia a que todos sempre estaõ muy attentos. *Ave Maria, &c.*

II.

283 **N**O Palacio d'El-Rey Dario, emquanto elle dormia, tres Guardas móres da Pessoa Real, q̄ lhe vigiavaõ o Sono, filosofando, ao que parece, sobre o sossego, com que descansava aquelle grande Monarcha, sem o desvelar o governo de Cento & dezoito Reynos, de que era Senhor, excitáraõ entre sy aquella famosa questãõ, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa cousa do mundo? Despertou o Rey, & lendo a questãõ, q̄ os mesmos Autores della lhe tinhaõ posto escrita debaixo dos travesteiros, promettéo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Hum disse, que a mais poderosa cousa do mundo he o Rey; porque os Reys podem quanto querem, & ainda que queiraõ o que não podem, ninguem ha que lhe resista, tudo executaõ, & conseguem. Outro disse, q̄ mais poderoso he o Vinho; porq̄ a força saborosa deste licor se rendem muitas cabeças coroadas: & o pudéra provar

com a de Noé, da qual fiou Deos o governo, & restauração do mundo, & não areando na maior tempestade, que foi a do Diluvio, o Vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse, que mais poderosa he a Molher, & o provou com hum notavel exêplo de certa molher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foi o de Eva. Mas não contente com esta resolução, em que manifestamente vencéo as dos companheiros, acrescentou, & concluiu, que a mais poderosa cousa do mundo he a Verdade: *Veritas magna, & fortior præ omnibus.*

284 Esta ultima sentença approvou o Rey: esta foy applaudida de todos com publicas aclamações: *Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt. Magna est Veritas, & prævalet*: & esta segui Eu, & tive por certa muitos annos; porque com este grande conceito da verdade na cabeça me nasceraõ, & cresceraõ nella as cans em todas as partes da Europa. Porèm depois q̄ passando a este Múdo Novo

veja

3. Es-
dra 4.
35.

Ibid.
41.

vejo de mais lonje o Velho; tenho achado por experiêcia, q̃ muitas vezes mais poderoſa he a mentira que a verdade. Não ſe pôde iſto dizer ſem eſcandalo da ração, & horror da meſma natureza; mas não ſe pôde negar. E porque? Porque a mentira he crida, & acreditada, & a verdade não tem fé, nem credito: a mentira eſcuſa os culpados, & a verdade não pôde defender os innocentes: a mentira he abſolta ſobre ſua palavra, & a verdade condenada ſem ſer ouvida: a mentira profana ſacrilegamente a Religião, & o Sacerdocio, & à verdade não lhe val Sagrado: em fim, a mentira, que devêra ſer pizada, traz debaixo dos pès a verdade; & a verdade, de que ſe diz que nada ſobre tudo, ſe vê tam ſoſſobrada, & afogada da violencia, que nem respirar pôde. E poſto que os Juizes ſejão rectos, ou o queiraõ parecer, he tal o enredo dos reſtimunhos falſos, induzidos, & ſobornados, ou com o dinheiro, ou com o odio, ou com o temor, ou com a dependencia, ou com a lizonja, ou com tudo, que a mentira

he a que vence, & a falſidade a que triunfa. Affim que muitas vezes a mentira hoje no mûdo he mais poderoſa que a verdade: Affumpto que Eu pudêra provar com exquisitos, & formidaveis exemplos, ſe não fora outro o meu intento.

285 Suppoſto pois que na noſſa experiencia, por abuſo, ſeja mais poderoſa a mentira que a verdade; & na ſentença de Zorobabel, por ração, ſeja mais poderoſa a verdade que todo outro poder: ſegueſe por ventura daqui, q̃ a couſa mais poderoſa do mundo, ou bem, ou mal governado, ſeja qualquer dellas? Não. Porque ainda ha no mundo outra couſa mais poderoſa. E qual he? A Neceſſidade. A neceſſidade, a pobreza, a fome, a falta do neceſſario para o ſuſtento da vida, he o mais forte, o mais poderoſo, o mais abſoluto imperio, que deſpoticamente domina ſobre todos os que vivem. Não ha couſa tam diſcultoſa, tam ardua, tam repugnante à natureza, a que a não obrigue, a que a não renda, a que a não ſogeeite,
 não

nao por vontade, mas por força, & violencia, a durissima, & inviolavel Ley da Necessidade. A necessidade he que leva o Soldado à guerra, & a escallar as muralhas, onde vendo cair huns a ferro, & voar outros a fogo, avança cõ tudo, & não desmaya. A necessidade he a que engolfa o Marinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios à vista, & elle com tal ousadia, que metido dentro em quatro taboas, se atreve a pelejar, não só com os Ventos, & Tempestades, mas cõ todos os Elementos. A necessidade he a q̃ mete, ou precipita o Mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, & sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre sy, cayaõ, & o sepultem, elle lhe vay cavando as raizes, & sangrando as veas. Finalmente com mais ordinario, & géral desprezo da vida, & da saude, quem faz que o Lavrador não tema os regélos do Inverno, nem o Segador as calmas ardentes do Estio, né o Pastor os dentes do Lobo, & do Ufso, & em muitas partes as unhas do Leão, & do

Tigre, senão a necessidade? E posto que huns, & outros tantas vezes perecem em taõ conhecidos perigos; a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação, he a que para sustentar a vida os obriga a perder a mesma vida. Atè o pobre, & atrevido Ladram, q̃ desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pè della lhe perguntaõ, quem o trouxe a tam miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sob e todos, a razão he, diz o Proverbio, porque todos os outros poderes são sojeitos às Leys, & só a Necessidade não té Ley: *Necessitas caret lege.*

286 Assim como os Sabios dos Persas, & Médos deraõ o principado do poder à Verdade, assim os Gregos, & Latinos, mais sabios que elles, sobre a mesma controversia, o deraõ ao Amor. Estes disseraõ: *Omnia vincit Amor*: & não houve Nação tam dura, & barbara, que se

naõ

naõ affinasse, ou alistasse de-
baixo desta sentença. Mas se
no mesmo caso concorrer o
amor, & a necessidade, quem
vos parece, que ha de ven-
cer? Claudiano disse:

Clau- *Paupertas me sæva premit,*
dian. *blandusque Cupido:*

de *Sed toleranda fames, non to-*
Pan- *lerandus amor.*

per *Quer dizer, que apertado hũ*
amãe. *homem por hũa parte da fo-*
me, & por outra do amor, cõ
a fome ser cruel, & o amor
brando, a fome he toleravel,
o amor naõ. Eu creyo, que
quando este Poeta isto elcre-
véo, devia de ter bem comi-
do, & tambem bebido. Em
dizer, Sed toleranda fames,
non tolerandus amor, naõ sou-
be o que disse. Havia de di-
zer pelo contrario, Sed tole-
randus amor, non toleranda
fames. Porque quando con-
correm juntos o amor, & a
fome, a fome triunfa do a-
mor, & vence o que tudo vè-
ce. E senaõ; ponhamos am-
bos em campo, & vejamos,
qual leva a vitoria.

287 *Padecia se grãde fo-*
me nas terras de Canaan,
quando Jacob para remedio
della, de onze filhos, que ti-

Tom. 6.

na, mandou os dez ao E-
gypto. Trouxeraõ paõ para
alguns dias, mas com obri-
gação de levarem tambem o
filho undecimo, que era Ben-
jamin, quando fossem buscar
mais. Era Benjamin o mimo,
& amor de Jacob: & naõ se
podem crer os extremos, que
elle fez, para naõ apartar de
sy o filho, que unicamente a-
mava. Instavaõ os Irmãos, &
a todas as instancias respon-
dia, & satisfazia o Pay: atè q̃
finalmente o apertaraõ com
hũa, a que naõ teve soluçãõ,
nem reposta, & se deu por vè-
cido. E qual foi esta? A da
necessidade. Emquanto du-
rou o paõ, esteve forte Jacob:
mas tanto que se foi acaban-
do aquelle fiador da vida, &
lhes differaõ os filhos, que el-
les, & seus netos morreriãõ
todos à fome, se naõ levassẽ
a Benjamin; cedéo o amor à
necessidade, & vencéo a ne-
cessidade o amor. Assim o
disse em proprios termos o
mesmo Jacob: *Si sic necesse* *Genej.*
est, facite quod vultis: já que *43.*
assim o pede a necessidade, *11.*
faze o que quizerdes. O que
quizerdes, diz, & naõ o que
eu quero; porque eu naõ qui-

R zera

III.

zera apartar de mim o unico filho; que tanto amo: mas a minha vontade, & o meu amor, he força, que se deixe vencer da necessidade. He ponderação de S. João Chrysofotomo, o qual nos encomenda, que reparemos nella: *Vide nunc, quomodo necessitas patris amorem vincit*: Reparay neste caso, & vede, como a necessidade vence o amor de pay. O amor dos pays he o mais forte de todos: & nenhum pay amou mais que Jacob, nem houve filho mais amado que Benjamin. Porém à vista da necessidade, & da fome, apartese o pay do filho, & o filho do pay, rompaõse os corações de ambos com dor, chore a ausencia, suspiram as laudades, rendase violentado o amor, & a necessidade triunfe: *Si sic necesse est, facite quod vultis*. Mas que

2. Reg. me de Canaan, se na fome de 6. 25. Samaria, & de Jerusalem, véo tanto a necessidade o amor das mãys, que chegáõ a comer seus proprios filhos?

288 **E** S T E S ultimos exemplos poucas vezes vistos, são o que cõ maior horror da natureza encarecem o poder, & violencia da necessidade: mas os que cada dia acontecem, não são menos feyos, menos tristes, nem menos para temer. O primeiro effeito, ou consequencia da necessidade, he o desprezo da honra, o legũdo a destruição da virtude. E ponho em segundo lugar a destruição da virtude; porq̃ o muro da virtude he a honra, & derrubado este muro, a virtude, que elle defendia, facilmente se rende, Quem se não envergonha dos homẽs, que vé, facilmente perde o respeito a Deos, que não vê. Os Romanos, para a emulação, de tal sorte edificáõ os Templos da Honra, & da Virtude, que pelo da Virtude se entrava ao da Honra: & o Demonio, para a tetação, primeiro bate o da Honra, para derrubar o da Virtude. Por isso sendo todo o peccado offensa de Deos, & crime de

Lesa

D.
Chry-
sot.
166.

2. Reg.
6. 25.
& 169.
Thre-
uor. 2.
20.

Leſa Mageſtade Divina; introduzio o meſmo Demonio no mundo, que alguns peccados não foſſem infames, para que tirado o temor da deſhonra, ficaffe facilitado a precipicio da culpa. Aberta pois a primeira brecha no muro da Honra, apenas ſe acha virtude tam conſtante, q̄ ſitiada da neceſſidade, & apertada da fome, pela triſte condiçãõ ſõmente de ter com que ſuſtentar a vida, não renda a conſciencia, & a Alma a tam infame partido. Eſta he a ração, conhecida até dos Gentios, porque Virgilio, quando deſcrevéo o Portico, & Entrada do Inferno, adornado ſeamente daquelles Monſtros horrendos, collocou tambem entre elles a Pobreza, & a Fome:

———— *Maleſuada Fa-*
mes, & turpis Egeſtas.

Virg.
6 E
uid. A' Fome chamou, *Maleſuada*, & à Pobreza, *Turpis*; porque não ha vicio, nem maldade, que a Fome não perſuada, nem torpeza, ou infamia, que a Neceſſidade, & Pobreza não facilite.

289 Vamos à Eſcritura Sagrada, em que no Ve-

lho, & Novo Teſtamento, deſta meſma Fome, & deſta meſma Pobreza temos dous admiraveis reparos, & ambos em dous deſcendêtes da noſſa Ruth, David, & o Filho de David, Chriſto. Jejuou Chriſto no Deſerto quarenta dias, & em todo eſte tempo não o tentou o Demonio. No fim do jejum teve o Senhor fome: *Poſtea eſurijt*: & no meſmo ponto diz o Evangeliſta, *Mat. 4.2* que o Demonio ſe chegou a elle, & o tentou: *Et accedens* *ibid. 3* *tentator*. Pois ſe o tentador, que não ſó era o Demonio, ſe não o maior de todos os Demonios, em quarenta dias ſe não atrevéo a chegar a Chriſto, antes o temia, & fugia del- le, & retirado, eſtava obſervando ſõmente a prodigioſa abſtinencia daquelle Homẽ: como agora, & logo no meſmo ponto, em que reconhe- cêo, que tinha fome, ſe atrevéo ao accõmetter, & tentar? Porque he tam natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que até hum Santo tam forte, tam conſtante, & tam milagroſo, que pode paſſar ſem comer quarenta dias entendéo o Demonio, que a-

pertado da fome não poderia resistir à tentação. S. Basilio: *Sentiens Diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, agreditur ad tentandum.* Fez o Demonio, diz S Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tempo de tentar este Homem, posto que tam milagroso; porq̃ se a fome o tem meyo rendimento, a tentação o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o Demonio; mas hum homem com fome, & sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo Demonio, ha-o de aceitar.

290 Assim animado o tentador, fez descubertamente o tiro, & o q̃ disse a Christo, foi: *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant.* Com muita razão argue aqui S. Pedro Chryfologo ao Demonio, de que quiz tentar, & não soube: *Cupis tentare, sed nescis.* A primeira couza, que o Demonio disse, foi a primeira que havia de callar. Vê cá, Demonio ignorante, que res render, & derrubar a este mesmo Homem, a quem tentas, & trazes-lhe à memoria o

ser Filho de Deos: *Si Filius Dei es?* Não sabes, que o maior brio, & o maior empenho de hum homem de alto nascimento, para não cometer indignidades, nã villezas, he lembrar-se da nobreza de seus pays, & não querer pôr mancha na sua geração? Assim he (diz o Demonio) mas isso se entende, quando o filho de bons pays tem que comer. Porém quando está com fome, & se vé apertado da necessidade, nem faz caso de pays, nem se lembra de gerações, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito, & reputação da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com q̃ sustentar a boca. Assim o cuidou o Demonio de Christo: & se nelle se enganou, não se enganou em Esaù, nem em Jonatas, nem no Prodigio, & infinitos outros. A regra geral he: *Ubi fames, ibi imbecillitas*: & assim como à fome se segue a fraqueza, assim à fome de muitos dias, muitas fraquezas.

291 O outro descendente, & mais chegado de Ruth, foi David. E que nos dirá de

D Ba-
lio: *Sentiens Diabolus, quia ubi fames, ibi imbecillitas, agreditur ad tentandum.* Fez o Demonio, diz S Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tempo de tentar este Homem, posto que tam milagroso; porq̃ se a fome o tem meyo rendimento, a tentação o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o Demonio; mas hum homem com fome, & sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo Demonio, ha-o de aceitar.

Mat.
th 4.3

Chry-
sol.
Serm.
de Ten-
tat. 11

fy aquella valenté de Deos, que com as mãos defarmadas espedaçava Leões, & com hũa pedra derrubava Gigantes? Diz, o que ninguem pudéra imaginar, porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt*: na minha pobreza enfraquecéose a minha virtude: & chegou a fraqueza a tanto, que até os melmos ossos me derrocou. Quê pudéra imaginar de David duas taes cousas, pobreza, & fraqueza? Nem a pobreza diz bem com hum Rey, nem a fraqueza com hum homem tam valente. Mas com tudo fallou David como quem bẽ se conhecia como homem, & muito melhor ainda como Rey. Sò estranhará o nome de pobreza nos Reys, quem não sabe, q̃ os Reys são mais pobres que os vassallos. Não he mais pobre quẽ tem menos, senão quem necessita de mais. E ninguem tem mais necessidade, nem maiores necessidades, que os Reys. Necessidade de fabricar Armadas, necessidade de fornecer Exercitos, necessidade de fortificar Praças, & presidiar Fortale-

zas, necessidade de salarcar Ministros nos Reynos proprios, necessidade de manter, & authorizar Embaixadores nos estranhos, necessidade de sustentar com decencia, apparato, & magnificencia Real a propria Magestade, & mil necessidades outras publicas, & occultas, das quaes pedia o mesmo Rey a Deos o livrasse: *De necessitatibus meis erue me*: & cercada, antes oprimida de tantas, & tam forçozas necessidades a falsa potencia, & verdadeira pobreza dos Reys: Vede a quantas quebras de consciencia, & a quantas fraquezas de virtude estará exposta: *Infirmata est in paupertate virtus mea?* Fraqueza nos mesmos tributos, & subsidios necessarios, tolerando que carreguem sobre os pequenos, & miseraveis, & fique izentos os grãdes: fraqueza nas doações inofficiosas, & individas, não se pagando no mesmo tempo, o que se deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a lograõ de perto, esquecidos os que servem, & trabalhaõ ao lon-

ge: fraqueza na observancia, & dissimulação das Leys cõ os poderosos: fraqueza na igualdade da justiça: fraqueza no verdadeiro, & desinteressado exame das causas: fraqueza na attenção ao luxo, & regalo, para que tudo subjeja: fraqueza no descuido da conservação do que se perde, para que tudo falta: & tantas outras fraquezas de virtude, que ainda nos Reys, que parecem timoratos, mais se podem chorar, que dizer.

292 Isto confessava David de sy no tempo em que era Rey. Mas antes de cingir a Coroa, & depois que seu proprio filho lha tirou da cabeça, em que a sua pobreza foi mais manifesta; tambem não saltáraõ fraquezas à sua virtude. No tempo em que servia a El Rey Achis saltando à fé da hospitalidade, roubava os vassallos do mesmo Rey, & para que se não soubesse, matava a todos; o que não podia fazer licitamente, porque a sua authoridade ainda era privada. No tempo, em que andava escondido de Saul, porque Nabal Carmello, lavrador grosso, o não quiz

soccorrer, deliberou, & jurou, que a elle, & a todos os de sua casa havia de tirar a vida, & pôr o fogo a quanto possuia. No tempo em que fugia de Absalaõ, por hum presente, com que Siba criado do Principe Isbozeth lhe sahio ao caminho, sem mais informação que a sua, lhe deu todos os bens de seu Senhor. E o peor, & mais he, que depois de lhe constar da innocencia de Isbozeth, devendo mandar enforçar a Siba como ladraõ, & falsario, para não emendar de todo o que tinha feito, mandou, que o ladraõ, & o roubado, partilhem entre sy os bens. Não consta das Escrituras a restituição desta injustiça, mas como notaõ todos os Theologos, & Expositores, he certo, que depois a fez David; porq̃ doutro modo não se salvaria. Tanta razão, & tantas razões teve este Heroe, por tantas outras qualidades grande, para dizer, & confessar, que na sua pobreza enfraquecêra a sua virtude: *Infirmata est in paupertate virtus mea.*

1. Reg.
27. 8.
& seg.

1 Reg
25 22

2. Reg.
16. 1.
& seg.
& 2.
Reg.
19. 27
& seg.

IV.

293 **E** Se a força da necessidade, & da pobreza, como acrescenta o mesmo David, lhe quebrantou, & derrocou até os ossos: *Et ossa mea conturbata sunt*: se os ossos, que são a parte mais dura, & mais forte do corpo, não podem resistir à força da necessidade, sem que ella os quebrante, & descomponha: que se pôde esperar da carne fraca? Se hum homem tam valente como David, & tam forte, como significa o seu proprio nome, opprimido da pobreza, & apertado da necessidade, cae em tantas, & taes fraqueza: que fará a triste molherzinha, que confessando as suas com infinitas lagrimas, & desculpando miserias com miserias, juntamente se accusa a sy, & a sua pobreza? Que fará (digo outra vez) a triste molher, que perdida a honra, & a consciencia, & amoestada do perigo da sua Alma, & reconhecida delle, protesta, que dezeja levantar-se do lodo, em que está cahida; mas que não tem remedio, porque opezo da ne-

cessidade lho não permite? Isto dizem as mãys, isto as filhas, & sô lhes falta dizer cõ Cassiodôro, que a mãy de todas as culpas he a necessidade: *Mater criminum necessitas*. *Cassiod*
Tambem ha homens, & não poucos, que indigna, & covardemente se valem da mesma desculpa. Mas esta, que homens, & molheres chamaõ falta de remedio, não he falta de remedio, se não de Fé. *Iustus meus ex fide vivit*. Diz *Hebr.*
o Espirito Santo: Tende Fé, 10.38
& não vos faltará com que viver. Nos mesmos Mysterios da Fé, em que a Providência Divina nos deu os meios para conseguir a vida eterna, nos deixou tambem os remedios para sustentar a temporal. Oução agora os pobres, & as pobres, os necessitados, & as necessitadas: & assim como viraõ os effeitos da pobreza, & da necessidade (que porisso me detive tanto em os ponderar) assim verãõ a efficacia, & facilidade dos remedios, & que não por falta, ou difficuldade delles, mas por falta de Fé, & por sua culpa, padecem a pobreza, a necessidade, & a

fome, com que se desculpaõ. E que remedios são estes? Já disse, & prometti no principio, que eraõ o Sacramento, & o Rosario. Isto he o que agora havemos de ver; & de novo peço a Deos, & à Virgem Santissima, me assistaõ cõ sua Graça, não tanto para declarar esta verdade tam certa, & tam importante, quanto para a persuadir.

V.

294 **O** Primeiro remedio pois da pobreza, da necessidade, & da fome, he o Divinissimo Sacramento, que temos presente, o qual tambem porisso se expoem aos nossos olhos de baixo de especies de paõ. Para abundantissima prova desta verdade nos deixou o mesmo Christo o primeiro exemplo em Ruth, avó de David, de quem se dignou tomar a mesma carne, & sangue, com que nos sustenta no Sacramento. Ruth quer dizer, *Satiata*, a Farta. E se lermos o principio da sua historia, antes parece, que se havia de chamar a Faminta. Era tam pobre

Ruth, que não tendo com q̄ sustentar a vida, & como dizemos, com que matar a fome, quando os segadores de Booz hiaõ segando a sua seára, ella os seguia detrás recolhendo as espigas, que ficavaõ; porque era Ley de Deos, que as podessem tomar para sy os pobres. E que espigas eraõ estas, ou que significavaõ? Os Expositores allegoricos dizem, que eraõ figura do Santissimo Sacramento. E para que ninguẽ duvide da exposiçaõ, o mesmo Christo quiz ser o Expositor, & a declarou milagrosamente. No anno de nossa Redempçaõ de Quinhentos & treze, durava ainda em algũas partes o uso da Primitiva Igreja, em que os Christãos levavaõ para casa o Santissimo Sacramento, & otinhaõ, ou publica, ou occultamente, nos seus Otorios, para se encommendar a elle, & o commungarem. E como hum Catholico criado de hũ Herege deixasse assim encerradas as Sagradas particulas; indo o Herege, ou com mã tençaõ, ou só por curiosidade, a reconhecer o que o criado adora-

va : *Invenit* (diz o Cardeal Baronio) *omnes illas species in spicas, & aristas triticeas germinasse* : achou , que todas aquellas especies se tinhaõ convertido em espigas de trigo, com que tambem o Herege se convertéo. Elle mesmo deu conta do milagre ao Bispo, & foraõ levadas as milagrosas espigas em procissão como Triunfo da Fé, com mil vivas, & applausos dos Catholicos, affombro, & confusão dos Hereges, que naquelle tempo eraõ os Severianos.

295 Taes foraõ em figura as espigas, que colhia a pobre Ruth. Espigas, que naõ tocadas da fouce, nem das mãos dos legadores, & tomadas nas suas, representavão maravilhosamente o mysterio, & segredo altissimo, com que Christo se deixou no Sacramento. A mesma Ruth, se bem se penetra o que disse, o declarou com notavel propriedade. Quando ella pedio licença a sua sogra Noemê, para ir recolher as espigas, o que disse com frase particular, & estranha, foi: *Et colligam spicas, quæ fugerint manus metentium* : & colherey as espi-

gas, que fugirẽ das mãos dos legadores. Demaneira, que sendo a seára a mesma, a messe a mesma, & o trigo o mesmo, hũas espigas ficáraõ fogueitas à fouce, & às mãos dos legadores, & as outras fugiraõ das suas mãos : *Quæ fugerint manus metentium*. Vamos agora à propriedade do Mysterio, que he admiravel. Christo Senhor nosso, como notou, & ponderou S. Paulo, na mesma noite, em que se entregou a seus inimigos, intituiu o Santissimo Sacramento, & debaixo das especies de paõ se deu a seus Discipulos : *In qua nocte tradebatur, accepit panem : & gratias agens, fregit, & dixit : Accipite, & manducate. Hoc est corpus meum*. E com o mesmo reparo, & advertencia, quando o Senhor disse: *Hoc est corpus meum* : acrescentou : *Quod pro vobis tradetur* : o qual será entregue por vòs : declarando, que o corpo, que lhe dava a comer encuberto com as especies de paõ, era o mesmo que naquella mesma noite havia de entregar nas mãos de seus inimigos. E porque foi necessaria esta declaração

feita

Baro-
nius
anno
513.

Ruth.
2. 2.

1 Cor.
11. 23
24.

feira por S. Paulo a nós, & por Christo aos Discipulos? Para que el es, & nós, subefitemos, que o mesmo corpo natural, & visível, que o Senhor havia de entregar nas mãos de seus inimigos, esse mesmo sacramentado, & invisível, escondendo debaixo das especies de pão, o livrava juntamente de suas mãos. Em summa, que o mesmo Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio delles. Entregou-se, quando no Horto dizendo: *Ego sum*: se metéo voluntariamente nas suas mãos: *Et manus iniecerunt in Iesum*: & fugio delles, & de suas mãos na Cea, quando escondendose debaixo das especies de pão, se poz em estado de o não poderem ver, nem prender. E como o corpo de Christo sacramentado, & sacramentando-se debaixo das especies de pão, por este modo se escondéo, & fugio das mãos de seus inimigos; estas são as espigas, que Ruth colhéo da seára, dizendo, que recolheria sómente as que fugissem das mãos dos segadores: *Quae fugerint manus mentium*: sendo propriíssima-

mente os segadores aquelles q̄ no corpo natural do mesmo Christo, começando pelo abraço de Judas, lhe cortárao a vida.

296 Provado pois, que estas primeiras, & poucas espigas, que recolhéo Ruth, foraõ figura tam própria, & tam expressa do Santissimo Sacramento; vejamos como a ellas se seguiu naturalmente o augmento do pão, & teve logo a pobre, & faminta Ruth, com q̄ remediar, sem outra diligencia, a sua pobreza, & satisfazer abundantemente à fome. Acodio ella à messe pela manhaã (que são as horas, em que se recebe o Santissimo Sacramento) & não eraõ chegadas as do Meyodia, quando Booz, Senhor da seára, veyo visitar os seus segadores. E que succedéo; Vio a modestia, & cõpostura (como refere Lyrano) com que Ruth recolhia aquellas poucas espigas, & movido, não só de piedade, mas de respeito, & affeição natural, disse aos segadores, q̄ de industria deixassem ficar, & cair outras das q̄ já tinhaõ segado, & levavaõ nas mãos,

para

Joan.
18. 5.

Mat
th 26.
50.

Ruth. 2. 16. para que ella sem pejo as podesse colher : *De vestris quo- que manipulis projecit de industria, ut absque rubore colligat.* Oh admiravel efficacia daquella Divino Paõ ainda em sombras ! De sorte, que para foccorrer abundantemente a pobreza, & fartar a fome dos que o buscaõ, naõ espera o nosso trabalho, nem a nossa industria, mas sendo a necessidade propria, a supre com a industria alhea : *Projecit de industria, ut absque rubore colligat.* Reparay muito tambem no *Absque rubore.* Aos outros pobres sustentaos a Providencia Divina, mas com aquella dura pensãõ, que traz consigo o pejo natural de chegar a pedir. Mas aos pobres, que se valê das migalhas daquella Soberana Mesa, tambem desta pensãõ os livra, & lhe dá o paõ sem ella : *Ut absque rubore colligat.* Chegou em fim a tarde, naõ de outro, senaõ do mesmo dia, batéo Ruth, & alimpou, das arestas o grão, que tinha colhido; & medido, eraõ tres alqueires daquella terra : *Collegit ergo usque ad vesperam: & invenit tres modios.* Quem

cuidára o qué nem a mesma Ruth imaginou, que o paõ naõ semeado havia de crescer tanto em hum só dia, que a mesma pobre, & faminta, que pela manhaã o colhia espiga a espiga, à tarde o medisse aos alqueires. Mas assim cresce, & se augmenta o paõ da terra, a quem se val do Paõ do Ceo.

VI.

297 **C**Om muita razão se chamou esta molher Ruth (que, como já dissemos ; quer dizer, *Satiata*, a Farta) sendo este nome tam contrario à sua pobreza, & à sua fome ; porque assim como ella achou a fartura, & a abundancia na sombra, & figura sómente daquelle Divino Paõ ; assim profetizou Isaias trezêtos annos depois, que a teriaõ mais certa, & mais abundante, na Ley da Graça, os que recorressem, naõ só à realidade, mas à Realeza do liberalissimo Autor de todos os bens, que naquella mesma figura se representava. No Capitulo trinta diz duas cousas notaveis o Profe-

Profe-

Profeta Iaias, & tam difficê-
tes, & oppostas, que ou elle,
ou ellas, parece, se contradi-
zem. A primeira he, que na
Ley da Graça nos daria Deos
o pão muito estreito, & aper-
tado: *Dabit vobis Dominus pa-*
nem arctum: a segunda, & que
logo se segue, que o pão se-
ria abundantissimo, & ferti-
lissimo: *Et panis frugum ter-*
ræ erit uberrimus, & pinguis.
Pois se da mesma mão de
Deos nos havia de vir este
pão duas vezes promettido:
Como o primeiro, que se nos
promette, he tam estreito, &
apertado, & o segundo, tam
largo, & abundante? Porque
o primeiro pão, he o Pão do
Ceo, que Christo nos deu pa-
ra alimento das Almas; & o
segundo, he o pão da terra, q̃
o mesmo Senhor nos dá para
remedio, & sustento dos cor-
pos. Porisso este segundo se
chama nomeadamênte pão da
terra, & o primeiro não: *Et*
panis frugum terræ erit uber-
rimus. Mas se o Pão do Ceo
he tão largo, que toda a libe-
ralidade Divina na sua maior
largueza não tem mais q̃ dar:
se a sua esfera he tam am-
pla, & tam capaz, que com-

prehende, & encerra em sy
toda a immensidade de Deos:
Como se chama pão estreito,
& apertado: *Panem arctum*?
Porisso mesmo. Porque co-
mo todo Deos (que he o que
se come no Sacramento) sen-
do infinito; & immenso, está
reduzido àquelle breve Cir-
culo de Pão, & a qualquer
parte d'elle; só alli está Deos
estreitado, & coarctado, &
porisso: *Panem arctum Panis*
arctus est Eucharistia, vel
Christus in ea: diz Cornelio.
Não he logo contradicção de
hũa, & outra promessa, senão
consequencia natural, & cf-
feito proprio da primeira, que
depois de Deos nos promet-
ter a estreiteza do primeiro
pão, nos assegura logo a lar-
gueza do segũdo. Não he ma-
ior maravilha estreitar Deos
a sua immensidade, que alar-
gar a sua liberalidade? Pois
esta he a abundancia do pão
da terra, que Deos nos pro-
mette, depois que nos deu o
Pão do Ceo: para que todos
os que padecem necessidade,
pobreza, & fome, recorrão a
buscar a fartura, onde o Pão
está convertido em Deos, &
Deos não mostra aos olhos
mais q̃ Pão, Deos

Isai.

30. 20

Ibid.

23.

Corne;
lius
ibi.

298 Deos no Sacramento dáse igualmente a pobres, & ricos; mas aos pobres com hũa grãde dfferença; porque aos ricos dáse debaixo dos accidentes de paõ sómente: porèm aos pobres, não só se dá debaixo dos accidentes de paõ, mas dálhe tambem a substancia, senão em sy, nos effectos. Excellentemente conhecéo, & declarou esta differença o Real Profeta no Psalmo Vinte & hum, que todo he de Christo (& não só o mesmo Psalmo, senão tambem esta intelligencia delle he de Fé) fallando o Profeta do mesmo Senhor em quanto sacramentado, diz, que os ricos o coméraõ, & adoráraõ: *Manducaverunt, & adoraverunt omnes pingues terræ*: & que os pobres o comeráõ, & se fartaráõ: *Edent pauperes, & saturabuntur*. A differença não pôde ser mais clara, nem tambem a duvida. Se os ricos, & os pobres comem o mesmo Christo sacramentado debaixo dos accidentes de paõ: porque diz, que os ricos coméraõ, & adoráraõ, & q os pobres comeráõ, & se fartaráõ, o que não

diz dos ricos? A razão he, porque os ricos com é a Christo no Sacramento com huma fome, & os pobres com duas. Os ricos levaõ só a fome da Graça, & não a fome do paõ, porque são ricos: os pobres, não só levaõ a fome da Graça, senão tambem a fome do paõ, porque são pobres: & como a fome da Graça, que he espiritual, se satisfaz com a mesma Graça, & a fome do paõ, que he corporal, se não satisfaz só cõ a Graça, senão tambem com a fartura; por isso se diz só dos pobres, que se fartaráõ, & não dos ricos: *Edent pauperes, & saturabuntur*. Não he a explicação minha, senão da agudeza de Santo Agustinho em outro lugar dos mesmos Psalms.

299 Diz alli o Profeta, que Deos dá de comer a todos os que tem fome: *Qui Psalms dat escam esurientibus*. E re- 147, para muito na generalidade 7. desta proposição Santo Agustinho; porque a Providencia Divina, pôsto que geral para todos, he recta, & justa, & segundo esta justiça, sendo o merecimento dos homês tam differente, tambem o deve ser

Psal.
21. 30

Ibid.
27.

Aug.
in eod.
Psal.

o comer, com que Deos os sustenta. Assim he, responde o Santo, & se quereis saber a differença do sustento, olhay para a differença da fome: *Si habent aliam famem, habent & aliam escam: quæramus famem ipsorum, & inueniemus escam ipsorum.* Assim como a Providência Divina tem diferentes remedios para diferentes necessidades, assim tem diferente pão para diferentes fomes: reconhecey pois a fome de cada hum, diz Agustinho, & conhecereis o pão, com que Deos a farta. Se a fome he só do Ceo, farta a Deos com o Pão do Ceo, que he o Sacramento, por sy mesmo: & se a fome he juntamente do pão da terra, farta a Deos tambem com o pão da terra, que he segundo effeito do mesmo Sacramento: *Si habent aliam famem, habent & aliam escam.*

300 Daqui se entenderá hũa bem advertida difficuldade de S. Pedro Chrysologo, fundada sobre dous passos do Evangelho, hum da Oraçãõ do Padre-nosso, & outro do famoso Sermão da Providencia. No Sermão da

Providencia diz Christo, que não tenhamos, ou não nos dé cuidado o que havemos de comer: *Nolite solliciti esse Mat. in crastinum, quid manducetis: 1b. 6.* & logo na Oraçãõ do Padre-nosso ensina o mesmo Mestre Divino, que peçamos a Deos como Pay o pão de cada dia: *Panem nostrum quotidianum da nobis.* Insta agora elegantemente Chrysologo: *Tam bonus, tam pius, tam largus Pater, panem filijs non nisi postulatibus indulget? He possível, que hum Pay tam bom, tam piedoso tam rico, & tam liberal, para dar o pão aos filhos, ha de esperar que lho peçaõ? Et ubi est illud, Nolite solliciti esse in crastinum, quid manducetis? E onde está agora, ou como concorda com este Texto o outro, em que o mesmo Senhor nos manda, q̃ não tenhamos cuidado do que havemos de comer? Mais apertadamente ainda. Hoc petere jubet, quod prohibet cogitare? Basta, que nos manda Christo pedir aquillo mesmo, em que nos prohibe o cuidar? Sim, & não: diz divinamente Chrysologo. Porq̃ o pão, que nos manda pedir, he o Pão*

o Pão sobrenatural do Sacramento: o pão, em q̃ nos prohi-
be o cuidar, he o pão natu-
ral, necessario ao sustêto hu-
mano: & quem alcança o pri-
meiro, não tem necessidade
de cuidar no segundo, porq̃
o tem seguro: *Hoc petere ju-
bet, quod prohibet postulare,
quatenus Cælestis Pater, Cæles-
tem Panem, Cælestes filij ut
postulemus, hortatur.* O Pay,
a quem pedimos, he o Pay
Celestial, o pão, que pedimos,
he o Pão Celestial, os filhos,
que o pedimos, tambem de-
vemos ser Celestiaes: & quem
pede, & alcança o Pão espiri-
tual, & do Ceo, não lhe pôde
faltar o corporal, & da terra.

301 Oh se não foramos
tam da terra, & se tiveramos
viva Fé, que he o que nos
falta, como todo o nosso cui-
dado, todo o nosso dezejo, &
toda a nossa fome se havia de
empregar naquelle Divino
Pão, seguros, & sem receo, de
que o Pão da vida eterna, nos
não faltaria com o da vida
temporal, que tam pouco ha
mister, & tam pouco dura!
Que pôde negar Deos, a quẽ
deu seu proprio Filho, dizia
S. Paulo: & que pôde negar o

Filho de Deos, a quem se dá
a sy mesmo? Dános o Corpo,
dános o Sangue, dános a Al-
ma, dános a divindade, &
negarnos ha o pão? Oh me-
do, & covardia, indigna de
quem tem Fé! Ainda Deos
senaõ tinha dado em manjar,
& só tinha revelado este Mys-
terio ao mesmo David, que
tanto tinha fraqueado nas
suas pobrezaas, quando elle
zombando de todas, disse por
nós, o que nós não sabemos
dizer. E que disse? *Dominus
pascit me, & nihil mihi de-* *Psal.*
erit. Assim se lê no Texto ori- *22. 1.*
ginal. Deos he o meu susten-
to: *Dominus pascit me.* Logo
nenhũa cousa me pôde fal-
tar: *Nihil mihi deerit.* Faltar-
á aos ricos, que poem a lua
confiança nos bens inconstã-
tes, que hoje se possuem, à
manhaã se perdem: mas o po-
bre, que chega àquelle Sen-
hor, que he Senhor de tudo,
tudo lhe ha de sobejar, co-
mo diz o mesmo Profeta: *Di-* *Psal.*
vites eguerunt, & esurverūt: in- *3. 11.*
*quirentes autem Dominum non
minuētur omni bono.* Notay a
palavra, *Non minuētur*; por-
que os bens, que vem da mão
de Deos, não diminuem, mas
cres-

3. Reg. 17. 14. & 16. Joann. 6. 11. & 13. crescerão. Assim cresceu o punhado de farinha da Sareptana : assim crescerão os cinco Pães do Deserto : & assim cresceu o de Ruth , não tão como vimos , mas muito mais.

VII.

302 **V**istes aquella pobre Ruth , que recolhia as espigas , que acaso escapavaõ da fouce , & depois as que de industria deixavaõ cair os segadores? Pois esta mesma dentro em poucos dias foi Senhora de toda a feára. Era o Senhor della Booz , homem muito poderoso , & de grandes riquezas , como diz o Texto Sagrado: *Homo petens , & magnarum opum , nomine Booz* : & de todas estas riquezas veyo a ser Senhora , & Herdeira Ruth , recebendoa Booz por mulher. Tudo o que podia dificultar a uniaõ deste parentesco concorria entre os dous contrahentes ; porque Booz era muito rico , & Ruth extremamente pobre: Booz era Hebréo , natural de Belem , & Ruth Gentia , & Moabita :

Ruth.
2. 1.

Booz era do Tribu , & Sangue Real de Juda , & Ruth de geração humilde , & desprezada. Mas como Ruth nesta Comedia , ou Acto Sacramental , fazia a figura dos que na sua necessidade , na sua pobreza , & na sua fome , se foccorrem à Mesa franca do Santissimo Sacramento ; não só na primeira jornada teve logo o remedio necessario , mas na ultima , & em poucos dias com tantos augmentos , que chegou a ser opulencia.

303 Os dous effeitos , ou consequencias , que fazem a necessidade mais miseravel , & mais para temer , são como ao principio dissemos , que a pobreza , & a fome , primeiro desprezaõ a honra , & depois destruem a virtude , perdendose no mesmo naufragio a fama , & a consciencia , que são os maiores bens desta , & de outra vida. Mas vede a facilidade , & felicidade , com que Ruth salvou a ambos , conservando a virtude , & augmentando a honra pelo mesmo meyo , com que remediou a fome. O meyo , com que Ruth remediou a fome , bem vemos , que foi recolher como

pobre as espigās mysterioſas, que fugiaõ às mãos dos ſegadores. Continuou aſſim em todo o tempo da meſſe : *Do- Ruth. nec horrea, & triticum in hor- 2. 23. reis conderentur* : & conheci- dos já ſeus procedimentos ; ouvi as palavras, que lhe diſſe Booz, que não podem ſer mais proprias do intento, que *Ruth. ſeguimos* : *Benedicta es à Do- 3. 10. mino, filia* : vós, filha, ſois a- bendiçoada de Deos. E por- que? *Ibid. Quia non es ſequuta ju- uvenes pauperes, ſive divites* : porq̃ não ſeguites, nem vos arrimaſtes aos moços da vol- ſtidade, pobres, ou ricos (q̃ he o que fazem as que ſe vem em pobreza :) *Scit enim om- nis populus, qui habitat intra portas urbis meæ, mulierem te eſſe virtutis* : & porque ſabe todo o Povo, & toda a Cida- de, que ſois molher de virtu- de. Eiſaqui quam contrarias foraõ em Ruth as conſequen- cias, & effeitos da ſua pobre- za, & da ſua fome. As outras perdem a honra, & a virtude, porque bulcaõ o remedio da pobreza, & da fome no arri- mo dos homens, que he o que não fez Ruth : *Quia non es ſequuta iuvenes pauperes, ſive*

divites : & Ruth conſervou a virtude, & a honra, a cõſciencia, & a fama, ſendo famoſa por ſua virtude: *Scit enim om- nis Populus, mulierem te eſſe virtutis*; porque pobre, & fa- minta, só ſe valéo do paõ, que podia comer em graça, & cõ a bençaõ de Deos, & em ſi- gura recorreo mais altamen- te ao Paõ, em que Deos tem depositado todas as ſuas gra- ças, & todas as ſuas bençoës: *Benedicta es à Domino, filia.*

VIII.

304 **J**A' temos a Ruth coroadada de Eſpigas, porque na ſua po- breza, & na ſua fo- me recorreo, & ſe acolheo às ſombras do Sacramento. Ve- jamos agora coroadas de Rosas, as que na meſma, ou maior neceſſidade, ſe valéraõ da devaçãõ do Rosario. A prova não ha de ſer tirada de ſemelhanças, ou metáforas, q̃ podem ſer diferente inter- pretaçãõ, mas da experiencia manifeſta, publica, & viſta cõ oſolhos. Refere o caſo o Biſ- po Monopolitano, Eſcritor de grande authoridade: & foi

desta maneira. Inviovou (diz elle) hũa Molher, mais illustre que nobre, & no dia, em que enterrou a seu marido, sepultou juntamête com elle todo o remedio da sua casa, a qual por carcere de bens patri moniaes; só se sustentava na sua vida, & com sua presêça, & industria. Deixou por sua morte duas Filhas, tam ricas dos dotes, & graças da natureza, quam pobres dos bens da fortuna: & por estes dous motivos (que juntos são mais perigosos) havia muitas pessoas poderosas, que tratavaõ, & esperavaõ de cõquistar sua honestidade. Trabalhavaõ as pobres Donzellas sobre a sua almofada todo o dia, & grande parte da noite, & o que ganhavaõ era tam pouco, que apenas bastava para o pão da boca, & de nenhũ modo chegava a lhe dar com que se vestir. Bem se deixa ver, qual seria neste aperto a afflicção, & pena de hũa Mãy, & Mãy, q̃ nascêra cõ obrigações de honrada. Via a necessidade extrema, que padeciaõ suas Filhas; via o pouco, que montava o trabalho de suas mãos; via, que cada-

dia hiaõ crescendo em idade; & não tinha com que lhe dar estado; via, que os ardís do Demonio são muy sutis, & as violencias dos homens muito profiadas; via, que a maior firmeza de huma molher nunca he segura, & que a pobreza, & necessidade, quando não haja outras tentações, ella por sy he a maior tentação. Lá diz a Escritura Sagrada, que a pobreza, quando a cõmette, he como hum salteador armado: *Veniet tibi Provi. quasi viator egestas, & pauperes quasi vir armatus.* E que constancia ha tam varonil, não digo já de molher, que com o punhal nos peitos se atreva a resistir, & se não rendada?

305 No meyo desta perplexidade, & afflicção, que faria a pobre Mãy? Determinou descerte hum' pouco dos brios, com que nascêra, & esquecerse do sangue, ou vaidade de seus avós (que muitas vezes he necessario este esquecimento, para que os homens, & molheres, não deixem de sy muito differentes memorias:) & resolveose a pôr suas Filhas em casa de alguma

Senhora, a quem servissem, & procurassem ganhar a vontade, & debaixo de cuja sombra vivessem honestamente, & esperassem depois de algũs annos, o estado de vida, que permittia sua pouca fortuna. Não tinha bem consentido neste pensamento quando subitamente, como voando, se sentio arrebatado a outro mais alto, o qual lhe estava dizendo ao coração estas palavras: Se queres, que tuas filhas sirvaõ a hũa Senhora: que Senhora ha, nem pôde haver no mundo, de cujo poder, & de cuja piedade possas fiar melhor o seu remedio, que daquelle, que he Senhora do Ceo, & da terra, dos homẽs, & dos Anjos? Não disse mais este segundo pensamento. E conformandose com elle a prudente Mãy, pede dous mantos emprestados para as Filhas, levaas consigo à Igreja na tarde do mesmo dia: poemmas junto a sy diante do Altar da Virgẽ Senhora nossa do Rosario, & com lagrimas disse assim: Senhora, Deos me fez Mãy destas duas criaturas, que aqui estaõ a vossos santissimos pès. E co-

mo Eu não tenho, com que lhe acodir conforme as obrigações de Mãy, delde esta hora me dispido deste nome, & não quero, que tenhaõ mais o de Filhas minhas, senão o de Criadas, & Escravas vossas. De hoje pordiante, Senhora, será todo o seu cuidado servirvos, venerarvos, & procurar fazer vossa vontade em tudo: & o seu sustento, & remedio, correrá tambem, Senhora, por conta de vossa providencia, & piedade. Isto disse a Mãy: & as Filhas cõ grãde affecto, & humildade fizeram de sy o mesmo offercimento à Senhora, que daquelle hora por diante tomáraõ por sua.

306 Oh Virgem Santissima do Rosario, que apressadas saõ as vossas misericordias, & que seguro tem o remedio da sua pobreza, todos os que devotamente recorrẽ aos thesouros de vossa piedade! No mesmo lugar do Ecclesiastico, em q̃ a Senhora se compara à Rosa de Jericó: *Quasi plantatio Rosae in Jericho: exhorta a todos, os que* ^{Eccies.} ^{24.18} quizerem ser seus devotos, se passem a seu patrocinio: *Trã-*

ibid.
17.

site ad me omnes, qui concupiscitis me. E que podem esperar deste soberano patrocínio, os que a elle se passarê? A mesma Senhora o promete, & declara, dizendo, que de tudo o que houverem mister, seraõ providos, & cheos abundantemente: *Transite ad me: &c. & à generationibus meis implamini.* Reparay muito nas palavras, *Agenerationibus meis.* Parece, que havia de dizer a Senhora: Passayvos a meu patrocínio, & sereis providos dos meus thesouros. E não diz, dos meus thesouros, senão, das minhas gerações; como se fallára no nosso caso, & differa: As vossas gerações, porq̃ são fundadas nas inconstancias do mundo, & nas variedades da que lá se chama *Fortuna*, muitas vezes de illustres, & ricas caem em pobreza, & miseria: porêm as minhas, cujos bens são eternos, & firmes, não padecem esses defeitos: pelo que, se quereis remedio, passayvos a mim, & achaloheis seguro, & maior que vossos meimos desejos. Assim lhe succedéo às duas Irmaãs. Tornáraõ para casa cheas sómente então de

grande confiança na Mãe de Deos: continuárão o trabalho de suas mãos, tirando delletodos os dias hũa hora, a qual gastavaõ em rezar o Rosario com grãde devaçãõ: & desde o mesmo dia foraõ crescendo, ou nascendo os bês naquella casa com tal abundancia, sem saberem, as que dantes eraõ tam pobres, donde lhe vinhaõ; que não só se sustentavaõ com muita largueza, nem só tiveraõ com q̃ se vestir, & ornar, conforme a sua antiga calidade, mas com o lustre, & authoridade do seu novo estado, como Criadas de tam grãde Senhora, & Damas de tam Soberana Rainha.

307 Comestes vestidos começáraõ a sair de casa, & vir à Igreja, & quando o Povo, que conhecia sua passada pobreza, visse esta novidade, já vedes o que se diria. Ninguem havia, que duvidasse serem aquellas galas preço da honestidade das duas Irmaãs, & só se punha em duvida, quem haveria na Cidade de tam grãde cabedal, & prodigalidade, que gasta-se com ellas tanto. Em fim, diziale

lá,

lã, o que cá se ouve cadadia. Grande penção por certo, & grande desgraça desta nossa terra, que não possa hum homem melhorar da capa, nem húa mulher de manto, sem q o pague a sua honra! Fizestes hum vestido de melhor estofa q o de vosso visinho; pois havos de custar mais que o vosso dinheiro. Se sois homé, logo sois ladraõ; se sois mulher, logo sois mã mulher. Onde furtaria aquillo fulano? Quem daria aquillo a fulana? E não lho daria Deos? Não o ganharia com o seu trabalh? Por força lho havia de dar o Diabo? Verdadeiramente vos está o Diabo em grande obrigação, pois à força quereis, que seja mais liberal que Deos. Oh malditas, & infirnaes linguas! Vendo-se assim afrontadas as duas Donzellas, socorreraõse outra vez à mesma Senhora, & representarólhe a afronta, em que viviaõ. Quam largaméte remediastes, Senhora, a nossa pobreza, bem o dizem estes vestidos; mas se elles nos haviaõ de tirar a honra, melhor nos estava o nosso antigo encerramento, & melhor nos

cobriaõ os nossos remendos. Se com despir as galas, se remediára esta mancha, de boa vontade as trocamos outra vez pelos trajos da nossa pobreza. Mas a fama humavez perdida nas linguas dos homens, he mal, que não tem remedio, & dor, de que já mais teremos consolação. Sò nos fica o alivio de a havermos perdido em vosso serviço, & por beneficios, & mercés vossas. Sobre estas palavras acrescétaraõ muitas lagrimas, & tornáraõ ao seu lavor, & ao seu Rosario, que a prosperidade, em que se viaõ, nem as fez ociosas, nem menos devotas.

308 Amanhecéo nesta occasiõ o dia oitavo de Dezembro; & como era a primeira, & mais estimada Festa da sua Rainha, não pudéram de deixar de assistir as Damas, & com a gala mais luzida. Entráraõ pela Igreja diante da Mãy as duas Irmaãs, & como era maior o concurso da gente tambem foi maior que nunca a murmuração. Não se olhava para outra parte, nem se fallava em outra cousa por toda a Igreja.

Ellas porèm postas de juelhos diante da Imagem da Senhora calavaõ, & oravaõ, bem alhea a sua innocencia, & a sua a-fróta, de que pudesse em u-decer as linguas de seus calumniadores. Mas a Mãe de Deos, que tam liberalmente as provéo do sustento, arre-verame Eu a jurar da sua bondade, que não havia de consentir, que fosse com perda da honra, nem descredito da virtude. Começou a se entoar o Evangelho, quando subitamênte apparecêraõ no ar duas fermosas Coroas de Rosas. A novidade das Rosas, por ter no maior rigor do Inverno, & o estarem as Coroas no ar suspensas por sy mesmas, provava com evidencia serẽ mandadas do Ceo. Admirados todos de tam prodigiosa maravilha, & não sabendo o que Deos quizesse significar com ella; começáraõ a deseer as Coroas pouco a pouco, & aqui se dobrou a admiração, & o alvoroço, na duvida, & expectação do lugar onde iriaõ parar. Chegáraõ em fim aonde vinhaõ encaminhadas, & as mãos dos Anjos, de que invisívelmen-

te eraõ movidas, as puzeraõ (Onde vos parece?) sobre as cabeças das duas Irmaãs. Oh pasmo! Oh affombro, não tanto do milagre publico, & manifesto, quanto da soberana, & fiel providencia da Virgem Santissima, & dos poderes do seu Rosario! Com este testemunho do Ceo tam evidente, se trocaraõ em hum momento os enganados juizes de toda aquella multidão errada, & temeraria. As murmurações se convertêraõ em louvores, as calumnias em applausos, os escandalos em venerações. Todos davaõ as graças a Deos, todos o parabem à Mãe, todos chamavaõ Santas às Filhas. Tam honradas, & estimadas, as que pouco antes eraõ a fabula, & desprezo de toda a Cidade: que no mesmo ponto, & sem sair da Igreja, os dous mais nobres, & bem herdados mãcebos della, as pediraõ por molheres, & se tiveraõ por muy venturosos de tam honrada sorte. Assim se renovou, & dobrou neste caso a mudança da fortuna de Ruth: ella coroada de Espigas em profecia do Sacramento, & ellas

coroadas de Rosas pela devação do Rosário. E por este meyo tam extraordinario, & tam proprio da Mãy da Omnipotencia, as que eraõ tam pobres, ficáraõ ricas, as que se fogueitavaõ a servir, ficáraõ Senhoras, & as que estavaõ desesperadas de conseguir hũ mediano estado, alcançáraõ o mais nobre, & o mais rico de toda a sua patria.

IX.

309 **Q**UE dirá agora, ou que escusa pôde ter a Fé daquella mãy, & daquellas filhas, que debayxo do falso, & infernal pretexto de não terem, com que sustentar a vida, entregaõ a honestidade, infamaõ a honra, & não só perdem a Alma, mas corrompem, & desbarataõ a mesma vida, & primeiro saõ cadaveres feos, & asquerosos da torpeza, que a terra os acaba de consumir na infame sepultura. Dize, Criatura vil, mais irracional que os brutos: Aquelle Deos (como pôdéra David) que sustenta os corvos, & os filhos dos corvos: aquelle Deos, que suste-

ta as serpentes, & às filhas das serpentes, não te sustentará tambem a ti, & às tuas filhas? Se es tam cruel mãy para ellas, & tam indigna da piedade deste nome, porque as não ensinas a recorrer à Mãy de Deos? Porq te retiradas dos olhos do mũ lo as não fogueitas a servir a esta poderosissima Senhora, invocando todos os dias no seu Rosário? Parecete, q̄ pôde faltar o sustento à boca, que tantas vezes pronuncia o docissimo nome de Maria? Ouve o que diz, & promete a mesma Senhora a todos os devotos do seu Rosário: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Queres honestidade? Queres honra? Queres vida? Pois tu do isso te darão as minhas flores: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis.* Não se pudéra pintar, nem fingir hũ clausula, que tam adequadamente fechasse tudo o que temos ditto: *Flores mei*: as minhas flores. As flores da Virgem Santissima, não há duvida, que saõ as Rosas do seu Rosário, & porisso muito differentes das outras. As outras Rosas saõ flores, que não

Eccles
24.23

daõ fruto; porèm as Rolas do Rosario, não só daõ fruto, mas são frutos: *Flores mei, fructus*. E que frutos? Frutos, que sustentão a vida, & frutos, que conservaõ a honra, & a honestidade: *Fruetus honoris, & honestatis*. Vede, como responde este epilogo, & satisfaz a tudo o que a pouca Fé toma por escusa. A vossa pobreza, a vossa necessidade, a vossa fome, porque empenha a honestidade, & perde a honra? Dizeis, que para ter cõ que sustentar a vida. Pois tudo isso, diz a Senhora, que tẽdes nas flores do seu Rosario: *Flores mei, fructus honoris, & honestatis*: as flores do meu Rosario são frutos, porque sustentão a vida: & são frutos de honra, & de honestidade; porque não sustentão a vida à custa da honestidade, & da honra, senão conservãdo a honestidade, & conservando, & augmẽtando a honra, tam abundante, & tam illustremente, como acabamos de ver.

310 Seguros pois os temores da pobreza, & os apertos da necessidade, & da fome, com os refens, & pe-

nhores de hũa experiẽcia tam prodigiosa, manifesta aos Olhos de todos, & mais seguros ainda com a palavra, & promessa da mesma Mãe de Deos; já supponho, que não haverá Fè tam apoucada, & tam incredula, que na mais rigorosa, & apertada pobreza, prostrada humildemente aos pès da Virgem Santissima, & invocando cõ o Rosario nas mãos a sua piedade, se não fie de seus poderes. E porque he certo, & infallivel, que no tal caso, por mais perigoso, & desesperado que pareça, não só vos não ha de faltar o socorro, mas crescer, & sobrejar o remedio com grande largueza, & abundancia: quero acabar este Discurso, que foi do remedio das faltas, com hum novo documento, de como haveis de empregar os sobrejos. Hum Homem, que tinha sido muito rico, veyo a cair em tal miseria, que pedia esmola pelas portas. Pedio a huma vez ao Beato Alão de Rupe, famoso Prégador do Rosario. E como lhe respondeu com S. Pedro: *Argentum, & aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do.* *Act. 3. 6.*
Ihe

lhe o Santo, que rezasse o Rosario todos os dias, & que a Virgê Senhora nosse o soccorria. Fello assim: & a Senhora desempenhou a palavra do seu Prégador, com tanta largueza, que o que pouco antes pedia esmolla, se vio quasi de repente com tanta abundancia de bens, que dependendo em esmolas, o que lhe sobejava, elle era o remedio de todos os pobres daquella terra. Este he o segundo conselho, com que acabo: no qual tambem nos não falta o exemplo da nossa Ruth. Diz o Texto Sagrado, que no mesmo dia, em que Ruth se applicou a remediar a sua fome, pelo modo que só lhe era licito, com a confiança posta em Deos, teve de comer tam abundantemente, que do que lhe sobejou, pode sustentar a sua sogra Noemi, que era tam pobre como ella. Notay as palavras da Escritura, que são dignas de toda a ponderação: *Insuper protulit, & dedit ei de reliquijs cibi sui, quo saturata fuerat.* Aqui se começou a cumprir a profecia do nome de Ruth, que quer dizer, *Saturata.* Far-

ouse: digamolo assim, pois que assim o diz a Escritura: *Quo saturata fuerat*: para que não entendessemos, que para levar de comer a sua sogra, & remediar a sua pobreza, tirára, ou defraudára algũa parte do que lhe pedia a propria fome; mas para que saibamos, que no mesmo dia lhe fez Deos o prato com tanta largueza, que satisfeita a mais não querer a propria fome, pode remediar a pobreza alhea.

311 E este foi finalmente o glorioso fim, com que as duas Coroas de Espigas, & de Rosas, não tanto se compeçtirão, & emulárão, quanto se enlaçárão, & tecerão no mesmo triunfo: o Sacramento em Ruth, coroado de Espigas, & o Rosario nas duas Irmaãs coroado de Rosas: pois a estas por serem devotas do Rosario, remediada primeiro a sua pobreza, & conservada a honestidade, & a honra, as dotou a Soberana Rainha sua Senhora com os dous mais nobres, & mais ricos casamentos daquelle terra: assim como a Ruth figura das que recorrem à

Mesa,

Mesa, que temos exposta,
do Santissimo Sacramento,
remediada tambem a sua po-
breza, & conservada a hon-
ra, & a virtude, a levantou

o mesmo Senhor à nobre-
za, & a opulencia, das vodas,
& geração de Booz : *Booz
autem genuit Obed ex Ruth.*

FINIS.



SER-



S E R M A M

X X I V.

Joram autem genuit Oziam. Matth. i.

I.

312 **M**UITAS vezes, & por muitos modos, tenho prégado neste dia as Excelencias do Rosario, assim pela parte Mental, no que medita, como pela Vocal, no que reza. Mas porque estas mesmas meditações tem o seu numero diverso, & as mesmas orações o seu, ambos certos, & determinados: assim como declarey os Mysterios das orações, & os Mysterios das Meditações, assim hey de declarar hoje os Mysterios dos numeros. Atègora vimos o Rosario sem Contas, agora veremos propria-

mente as Contas do Rosario. De quam mysteriosas sejaõ estas contas, & estes numeros, & de quanta conta faça Deos dos grandes Mysterios, que nelles se encerrão, a maior, & mais encarecida prova, que pôde haver, he, a que nos dá o Evangelho nas palavras, que propuz.

313 *Joram autem genuit Oziam: Joram gerou a Ozias. Mat.* Esta breve proposição de S. *th. 1. 8* Mattheos contém huma das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada. Entre Joram, & Ozias, como consta do Primeiro, & Segundo Livro do Paralipomènon, <sup>1. Pa-
ralip.</sup> ^{3. 11.} houve outros tres Reys: porque Joram gerou a Ochozias: <sup>2. Pa-
ralip.</sup> ^{22.} Ochozias gerou a Joáz: ^{22.} Joáz gerou ^{3. seq.}

lou o mesmo Espirito Santo na penna de S. Paulo toda a sua genealogia, & disse, q̄ não tinha pay, nem mãy: *Melchisedech sine patre, sine matre, sine genealogia*. E porque? Porque Melchisedech era figura de Christo, o qual assim como no Ceo não teve Mãy, assim na terra não teve Pay. Que muito logo, que S. Mattheos na genealogia do mesmo Christo attendesse mais aos Mysterios do numero, q̄ ao numero dos Ascendentes? O numero natural dos Ascendentes constava da historia do Testamento Velho: o numero mysterioso, & o mysterio do mesmo numero, segundo a conta, & exclusão divina, só podia constar do Testamento Novo. E isto he o que fez o Evangelista.

*Aug.
lib. 2
de Doctrin.
Christiana.*

315 Santo Agostinho, como tam grande Mestre, no Livro segundo de Doctrina Christiana, ensina, que muitos mysterios, que estão encerrados na Sagrada Escritura, se não entendem por ignorancia do que significaõ os numeros: *Numerorum imperitia multa facit non intelligi translate, & mysticè posita us*

Scriptura. E depois de propor, & ponderar hum bom exemplo, acrescenta o mesmo Santo, que este, & semelhantes nós, lo com a sciencia dos numeros se podê desatar: *Cujus actionis figuratus quidam nodus, nisi hujus numeri cognitione, & consideratione non solvitur*. Tanto importa saber, & especular os mysterios dos numeros nas contas de Deos. E isto he o q̄ nós faremos hoje. O nõ, que propuzemos, do Evangelho, he tam apartado, como vimos; mas com o conhecimento dos mysterios dos numeros o soltaremos primeiro nas contas do mesmo Evangelho, & depois nas do Rosario. Sendo pois a materia tam mysteriosa, tam alta, & tam secreta, recorramos à Soberana Inventora do mesmo Rosario, para que assistidos da sua Graça acertemos a dar boa conta dos numeros, & mysterios destas Contas: *Ave Maria, &c.*

II.

316 **N**ÃO he facil dar boa conta, nem ainda

ainda contar o que não tem conto. A Abraham, primeiro trôco desta mesma genealogia, disse Deos, fallando della: *Numeras stellas: si potes:* conta as Estrellas, se podes. Se podes, disse, porque nem Abraham, nem algum outro homem as pôde contar. Os Astrologos com Prolomeo chegáão a contar mil & vinte duas Estrellas; mas as que elles não contaõ, são em tanto numero, que só Deos as conta, & conhece. Assim o cantou David como exceiçãõ propria da Sabedoria Divina: *Qui numerat multitudinem stellarum: & omnibus eis nomina vocat.* E logo acrescenta: *Magnus Dominus noster, & magna virtus ejus: & sapientiæ ejus non est numerus:* porque só quem tem sabedoria sem numero pôde contar o numero das Estrellas. O mesmo digo do numero dos mysterios, que a materia do Rosario encerra em sy, verdadeiramente innumeravel. S. Joãõ vio a Senhora coroadã de Estrellas, & contou, que eraõ doze: *Et in capite ejus corona stellarum duodecim.* Podeas contar, porque eraõ

as que sobre a cabeça da Virgem se mostravaõ por fóra; mas se vira as que a coroaõ por dentro nas idéas do seu Rosario, não lhe havia de achar numero. As Estrellas, q̄ daõ materia à Coroa do Rosario, são os Mysterios de Christo, & sua Mãy: & ninguém pôde duvidar serem innumeraveis, pois Jelu, & Maria, são a principal descendência de Abraham, da qual disse Deos, quando lhe mostrou as Estrellas: *Sic erit semen tuum.*

Genes.
15. 5.

317 Sendo pois innumeravel o numero das Estrellas, que na Coroa do Rosario com hum circulo infinito se comprehendem: porq̄ razaõ as reduzio a Senhora, assim vocal, como mentalmente, ao numero certo, & determinado, com que as cõtamos nas nossas Contas: Por duas razões. A primeira, para que reduzidas, & determinadas a certos numeros, as podesse comprehender a curta capacidade do nosso entendimento. A segunda, & propria do meu Assumpto, para que conhecidos os Mysterios dos mesmos numeros, entendessemos

Genes.
16. 1.

Psal.
146. 4

Ibid.
5.

Apoc.
12. 1.

dessemos

dessemos quãta necessaria, & importante he a todos, os que fomos criados para o Ceo, a devaçãõ do Rosario. Vamos ao Evangelho, & nos mysterios dos seus numeros veremos, como todos em commum nos ensinaõ esta mesma verdade.

318 O numero das gerações, que se conté n neste Evangelho, por isso chamado *Liber generationis Iesu Christi*, como já notou, & poderou S. Mattheos, foraõ tres vezes quatorze. Teve esta descendencia, como todas as cousas humanas, o seu augmento, o seu estado, & a sua declinaçãõ. O augmento foi, de Abraham até David antes de o Povo de Israel ser Reyno: o estado, sendo já Reyno, foi desde David até a Transmigraçãõ de Babilonia: a declinaçãõ, depois que deixou de ser Reyno, foi, desde a Transmigraçãõ de Babilonia até Christo. E he cousa verdadeiramente admiravel, & mysteriosa, que no augmento fossem quatorze as gerações, no estado, quatorze, & na declinaçãõ tambem quatorze. Mas com

que mysterio, ou mysterios? Agora o veremos.

319 Estes quatorze, ou se podem considerar partidos, ou inteiros, ou multiplicados: & em qualquer cõsideraçãõ significa o mesmo numero a nossa Bemaventurança por meyo de Christo. Tres vezes quatorze partidos fazem seis vezes sete. E o numero de seis, & de sete, que significa? O de seis, diz S. Jeronimo, significa os trabalhos desta vida, porque em seis dias fabricou Deos o mundo: o de sete, significa o descanso da outra; porque ao septimo dia descansou Deos: *Requievit die septimo. Ita ab initio mundi diebus conditis* (diz o Santo) *ut omnes labores, & molestie s primo numero conquiescant.* De maneira, que Christo, Senhor nosso, como Deos que era antes de ser Homem, ordenou, que a sua geraçãõ temporal se repartisse por estes intervallos, de seis, & de sete, até chegar ao mesmo Christo; porque elle, & a sua Ley, he sò aquella, em que se acha o descanso de todos os trabalhos: *Venite ad me omnes, qui laboratis, &*

Genes.
2. 2.
D.

Hieron.
lib. 2.
in A.
mos.

Mat.
th. 11.
28.

29.

inve-

invenietis requiem animabus vestris. Nem obita, serem os dias do trabalho seis, & o do descanso, hum só; porque os dias do trabalho são dias do tempo, que duraõ poucas horas, & o dia do descanso he o dia da Eternidade, que assim como não tem noite, não ha de ter fim. Este he o felicissimo sete, em que se desfataõ os quatorze partidos.

320 Tomados porèm inteiros, como os tomou, ou somou o Evangelista, també descobrem por outro modo; não outro, senão o mesmo mysterio. O numero quatorzeno he critico, & nas enfermidades agudas o mais perigoso, em que para bem, ou para mal, faz termo. Assim succedéo ao corpo da Republica Hebréa nos tres estados do seu governo, primeiro governada por Juizes, depois por Reys, & ultimamente por Sacerdotes. No primeiro quatorzeno, que se terminou em David, ficou a Republica coroada, mas enferma: no segundo quatorzeno, que se terminou na Transmigração de Babylonia, ficou cativa, mas não de todo morta: por Tom. 6.

1ém no terceiro quatorzeno, que se terminou em Jesu, que quer dizer Salvador; entãõ conseguiu a mesma Republica como cativa a perfeita liberdade, & como enferma a inteira saude, que he a da salvaçãõ. *Ergo congruè ad naturam hominis, decima quarta quaque generatione una Republica ægrotante, ac deficiente, optima per Christum subrogata est, quæ triplicis præcedentis defectus, & infirmitates sanaret:* diz, depois de Maldonado, Cornelio.

321 E se esta foi a significação do numero quatorze, ou partido, ou inteiro, não he menos mysteriosa, nem cõ differença mysterio, a do mesmo numero multiplicado. Multiplicado tres vezes o numero de quatorze gerações, faz quarenta & duas. E que nos quer significar o Evangelho, em q̄ viesse Christo ao mundo por quarenta & duas gerações, como por outros tantos degrãos? Origenes, a quem segue S. Jeronimo, declarou o mysterio com grande propriedade: *Intuere mysterij rationem. Constat numerus descensionis Christi per*

Maldonat. & Cornel. ibi.

Ori-gen. Homil. 27. sup. Nis-mer.

T

qua-

*quadraginta duos Partes secū-
dum carnem, veluti per qua-
draginta duas mansiones des-
cendentis usque ad nos: & per
totidem mansiones ascensus fi-
liorum Israel usque ad hære-
ditatis promissæ principium.*

Quando os filhos de Israel partiraõ do Egypto, fizeraõ quarenta & duas jornadas atè a Terra de Promissão. E he muito de notar, que assim a Terra de Promissão, como a geraçãõ de Christo, hũa, & outra foraõ promettidas por Deos ao mesmo Abraham. Pois assim como os filhos de Israel chegãõ à Terra de Promissão com quarenta & duas jornadas; assim Christo veyo ao mundo cerrandose nelle quarenta & duas gerações: para que entendesse-mos na dilaçãõ de hum, & outro caminho, & na proporçãõ de hum, & outro numero, que só por meyo de Christo podiamos chegar à verdadeira Terra de Promissão, que he a Patria do Ceo.

322 Bem sey, que S. Lucas descrevendo a mesma genealogia (a qual não deduz de Abraham atè Christo, senão de Christo atè Adam,

& atè Deos) variou este numero, & não poem quarenta & duas gerações, senão setenta & sete. Mas esta variedade de numero não muda, nem en-côtra o mysterio, antes o cõ-firma, & declara mais. A razaõ he, porque o numero setenta & sete, como notãõ S. Cypriano, & S. Gregorio, Cy: significa o perdaõ universal^{prian.} dos peccados, sem o qual se^{Serm.} não pôde ir ao Ceo. Funda^{de Sp-} esta significaçãõ na reposta^{riu S.} de Christo a S. Pedro, quando^{Greg.} lhe perguntou, se perdoaria^{lib. 32.} os peccados atè sete vezes: & ^{Moral} o Senhor lhe respondéo, que^{cap.} não sò sete, senão setenta ve-^{12.} zes sete: *Non dico tibi usque* ^{Mat.} *septies: sed usque septuagies* ^{th. 18.} *septies.* E pois estamos em 12. Sermão de contas, & nume-ros, se alguem, me perguntar curiosamente, que proporçãõ tem o numero setenta & sete com os peccados, & perdaõ ^{Aug.} universal delles; Santo Agu-^{Serm.} stinho a descobrio sutilissi-^{15 de} mamente. O peccado he trãf-^{v Do-} gressão da Ley: a Ley confis-^{minis.} te no numero dez, porque os preceitos sãõ dez: logo a trãf-gressão da Ley cõsiste no numero onze, porque o numero

onze he o que passa àlem dos dez. E porque o mesmo numero onze, sete vezes multiplicados fíz setenta & sete; porisso Christo significou o perdaõ universal dos peccados com o mesmo numero: *Usque septuagies septies*. Sendo pois certo, que ninguem pòde entrar na Terra de Promissaõ do Ceo sem o perdaõ universal dos peccadores, significado no numero da genealogia de S. Lucas; essa he a razãõ, porq̃ no numero da genealogia de S. Mattheos, cõ admiravel correspondencia, se significaõ as jornadas da Terra de Promissaõ, porque sãõ por meyo de Christo podemos chegar à Patria Bemaventurada. Em summa, que tomado o mesmo numero de tres vezes quatorze, ou partido, ou inteiro, ou multiplicado: partido significa o descanço; inteiro significa a salvaçaõ, multiplicado significa a Patria; & sempre, & de todos os modos, a Gloria, & Bemaventurança do Ceo, para que fomos criados.

III.

323 **I**STO he o que nos diz, & significa o Evangelho em commum no mysterio dos seus numeros, tam exactamente contados, & repartidos. Segue-se agora ver, como o Rosario nos significa, & promete o mesmo nos Mysterios das suas Contas. E para que seja com maior distincãõ, & clareza, discorreremos em particular por todos, & cadahum dos numeros, de que ellas se cõpoem. Os numeros das Contas do Rosario sãõ, hum, tres, cinco, dez, quinze, cincoenta, & cento & cincoenta, em q̃ se resume todo. Reduzindo pois todos estes numeros a tres pontos, ou questões: na primeira veremos, porque he o Rosario hum, & se divide em tres partes, ou em tres Terços? Na segunda, porque sãõ os Mysterios quinze, & os Padre-nossos quinze, & se repartem de cinco em cinco? Na terceira, porque sãõ cento & cincoenta as Ave-Marias, & se dividem em tres vezes cincoenta, & cada cincoenta

de dez em dez? Esta he toda a fabrica, & artificio do Rosario, que todos meditaõ, todos rezão, & todos trazem nas mãos, & nem todos a entendem. Mas agora com nova Graça da mesma Senhora, que assim repartio estas Contas, as entenderão todos.

IV.

324 **O** Primeiro ponto, ou questãõ era: Porque sendo o Rosario hũ: se divide em tres partes, ou, como vulgarmente dizemos, em tres Terços? Respondo, que consistindo a Bemaventurança do Ceo na visãõ, ou vista clara de Deos, o qual he Hum em Essencia, & Trino em Pessoas; para que o meyo fosse proporcionado ao fim, pedia a conveniencia, & a razãõ, que o Rosario, o qual nos encaminha, & leva à mesma vista de Deos, fosse tambem Hum, & Trino. Hũa das cousas mais notaveis na Escritura Sagrada, como bẽ advertio S. Joã Chrysofomo com outros Padres, he, que em todo o Pentateucho, em que se contém a Ley Escrita,

senão prometta o Ceo aos q̃ a guardarem. Premios temporaes, como abundancia de frutos; riquezas, larga vida, propagação, & posteridade de filhos, & netos, vitoria contra os inimigos, & outros deste genero, sim; mas todos da terra. Pois se Deos promette tantos bens temporaes, & da terra, aos observadores daquella Ley, porque lhe não promettèõ tambẽ os do Cec, & eternos? A primeira razãõ, & geral, foi, porque aquella Ley, ainda q̃ dada por Deos, não tinha virtude para levar os homens ao Ceo, & porisso os bons, & melhores della, hiaõ todos ao Limbo. Assim o ensina S. Paulo, & com elle todos os Theologos. Mas a segunda razãõ, & mais alta, he, porque na mesma Ley só estava promulgada a Fé da Unidade de Deos, como consta do mesmo Pentateucho no Capitulo sexto do Deuteronomio: *Audi Israel: Dominus Deus noster, Dominus unus est; ter. 6. Diliges Dominum Deum tuum 4. 5. ex toto corde tuo: &c.* E porq̃ a abertura das portas do Ceo estava reservada para a Fé da Santissima Trindade, não era justo,

justo, quão Ceo se promet-
tesse, senão na Ley da Graça,
na qual delte o Baulmo, a-
inda antes de poder fallar,
professingos, que Deos não
só he Hum, mas Hum, &
Trino.

325 Daqui se entende-
rá huma grãde differença, cõ
que o Ceo se mostrou anti-
gamente a Jacob, & depois a
S. Joãõ no seu Apocalypse.
Jacob vio em sonhos aquella
escada, que chegava da terra
ao Ceo, mas ainda que vio a
escada, não vio a porta. He
verdade, que depois, acordã-
do, disse: *Non est hic aliud,*

Genes. 28. 17. nisi domus Dei. & porta cæli:

arguindo por discurso, que
on se estava a escada, allj de-
via de estar a porta: porém a
porta não se lhe mostrou na
visão, de qual sómente diz o

*Ibid. 12. 1. Texto: Vidit scalam stantem
super terram, & cacumen il-
lius tangens cælum.* Pelo con-
trario a S. Joãõ mostroulhe

Apocal. 21. 13 Deos também o Ceo, mas to-
do aberto em portas: *Ab Ori-
ente, portæ tres: & ab Aquilone,
portæ tres: & ab Austro,
portæ tres: & ab Occasu portæ
tres:* para o Oriente tres por-
tas, para o Occidente tres

portas, para o Setentrião tres
portas, para o Meyodia tres
portas. Pois se a Jacob quan-
do se lhe mostra o Ceo, não
se lhe mostra nê hũ só por-
ta: a S. Joãõ porque se lhe
mostra com tãtas portas, não
só para hũ parte do mundo,
senão para todas? Porque Ja-
cob era do tempo, em que
geralmente só se conhecia a
Unidade de Deos; & no tem-
po de S. Joãõ já se cria em to-
do o mundo não só a Uni-
dade, senão também a Triun-
dade: & porque naquelle tẽ-
po estava o Ceo fechado, &
neste tempo está aberto a to-
dos; porisso no tempo, em q̃
Deos só se conhecia como
Hum, nem huma só porta de
Ceo se mostrou a Jacob, & no
tempo, em que se conhece co-
mo Hum, & Triunq, se mostra
a S. Joãõ com tantas portas.
No numero das mesmas
portas está declarado o myf-
terio. Tres portas para o O-
riente, tres para o Occiden-
te, tres para o Sententrião,
tres para o Meyodia, & sem-
pre tres, & sómente tres para
todas as partes, donde se des-
cobre o Ceo: porq̃? Porque
no numero de tres estava sig-
nificado

nificado o Myſterio da Trin-
dade, ſem o qual ſe não en-
tra no Céu. *Ideo tres portæ:
Hæc in ſiæ Trinitatis recipi-
untur ad Gloriam æternam.*
diz Lyranô. O meſmo diz, &
é um maior expreſſão, S. Bor-
nardo; mas Eu quiz citar an-
tes o Lyranô, cujo testi-
mô, como Interreſſado por
haſtamento, & por Fé, em hũa
& outra Ley, he mais ſem ſu-
peita.

326 Mas tornemos a
Jacob, para mais apertar a
ponderação. Baſta, Senhor, q̃
moſtrais a Jacob a eſcada do
Céu, & não lhe moſtrais a
porta? Moſtrais lhe a eſcada,
& não lhe mandais que ſubã?
Moſtrais lhe a eſcada, & não
lhe moſtrais nella hum ho-
mem, ſenaõ ſómente Anjos:

*Angêlos aſcendentes, & deſce-
dentes?* Mais ainda. O que
Deos prometteo naquella
occaſião a Jacob, foi, que lhe
daria toda aquella terra, em
que dormia, que era a terra
de Canaan: *Terram, in qua
dormis, tibi dabo. & ſemin-
abo.* E como diz eſta promeſſa
com a viſão? Na viſão moſ-
tra-lhe Deos o Céu, & na pro-
meſſa dá-lhe a terra? Sim. Por-

que em quanto Deos era co-
nhecido ſó como Hum, &
não como Trino, ſó podia
dar os bens da terra, & não os
do Céu; aindaque os homẽs
ſeſſem tam ſantos como Ja-
cob. Por iſſo na eſcada ſó ap-
parecêrão Anjos, & no Céu
não aparecia porta, porque
ſó no Myſterio da Trindade
ſe abrião as portas do Céu
aos homẽs. No Evangelho
temos manifeſto todo o my-
ſterio, & com todas ſuas cir-
cunſtancias. Se algum hora
ſe manifeſtou a Santiffima
Trindade, não ſó a Fé, ſenaõ
ainda aos ſentidos, foi no
Baunifmo de Chriſto, em que
ſe ouviu a voz do Padre, & ſe
vio o Eſpirito Santo em figu-
ra de Pomba. Deſorte, que
na Voz ſe manifeſtou o Pa-
dre, em Chriſto o Filho, &
na Pomba o Eſpirito Santo.
E que ſucedêo entãõ? *Aper-*

*Min-
is ſunt celi:* Abrião ſe os *ib. 3.*
Céus. Porque aindaque ſó 16.
Deos pôde abrir as portas do
Céu, não as abre conhecido
ſó como Hum, ſenaõ como
Trino.

327 **C**OM grande razão, logo, & com grande proporção o Rosario, sendo hum, se divide em três partes, ou em tres Terços, para que na Unidade, & Trindade destes mesmos numeros, nos signifique, & declarar o mysterio, com que elle meditando a Christo, ou Christo meditado nelle, não doutto modo, mas como Hú, & Trino, nos abre as portas do Ceo. Christo, sendo hum, quando para nos levar ao Ceo descéo à terra, não só nos ensinou o altissimo Mysterio da Unidade, & Trindade Divina, mas o trouxe, & representou em sy mesmo, como excellentemente notou S. Bernardo por estas palavras: *Sicut in ulla singulari Divinitate Trinitas est in Personis, Unitas in substantia; sic in ista speciali commixtione Trinitas est in substantia, & in Persona Unitas.* Assim como em Deos ha Unidade na substancia, & Triadade nas Pessoas, assim em Christo ha Unidade na Pessoa, & Trin-

dade nas substancias. E de que modo? *Verbum enim, anima, & caro, in unam convenere Personam.* Porque no composto ineffavel de Christo, a Divindade, a Alma, & o Corpo, que são as partes, de que se compoem, são tres substancias diversas, & a Pessoa, em que todas subsistem, & estão suppositadas, que he a Pessoa do Verbo, he huma só, & a mesma. E desta maneira o mesmo Christo sendo Hum, he Trino, & sendo Trino, he Hum: *Et hæc Tris Unum, & hoc Unum Tris.* Esta segunda Trindade pois (conclue o Santo) foi a obra mais admiravel de Deos, & a mais singular, não só entre todas as suas obras, senão sobre todas: *Summa illa Trinitas hæc nobis exhibuit Trinitatem, opus mirabile, opus singulare inter omnia, & super omnia opera sua.*

328 Mas sendo tam admiravel esta segunda Trindade, que Deos fez na Encarnação do Verbo, ainda he mais admiravel a terceira Trindade, q̃a Mãe do mesmo Deos fez no seu Rosario. E porque? Porque repartir-

Reverend. Serm. 3. de Vigilia Nativit.

do o mesmo Rosario em tres Terços, & ao mesmo Christo, de quem elle se compoem, em tres estados; hum da Vida, & Mysterios Gozofos, outro da Morte, & Mysterios Dolorofos, & o terceiro, da Resurreição, & Mysterios Gloriosos; muito melhor representa o mesmo Christo a Trindade de Deos nesta nova composição do Rosario, que nos tres substancias diversas, de que he composto. A razão, & differença he manifesta. Porque a perfeição da Trindade Divina consiste, em que sendo Hum só Deos, & tres Pessoas, todo Deos está na Pessoa do Padre, todo Deos na do Filho, & todo Deos na do Espirito Santo: o que se não acha nas tres substancias, ou partes, de q̄ Christo he composto. Porque ainda que na Divindade, na Alma, & no Corpo, tomadas juntamente todas estas tres partes, está todo Christo; em cada hũa dellas não está todo. No Corpo não está todo Christo, na Alma não está todo Christo, nem na mesma Divindade todo Christo. Porém nas partes, de que

se compoem o Rosario, ou juntas, ou divididas, em todas, & em cada hũa dellas está todo. Todo Christo nos Mysterios Gozofos, todo Christo nos Dolorofos, & todo Christo nos Gloriosos, assim como todo Deos no Padre, todo no Filho, & todo no Espirito Santo. Finalmente, assim como Christo no Rosario he Hum, & Trino em sy mesmo, assim he Hum, & Trino no mesmo Rosario, em quanto porta, & portas, por onde entramos à Bemaventurança do Ceo.

329 Christo Senhor nosso, diz, que elle he a porta, pela qual todos os que entraõ, se salvaõ, & ninguem se pôde salvar, senão entrando, por ella: *Ego sum ostium: Per me si quis introierit, salvabitur.* ^{Joan. 10 9.} E porque o mesmo Senhor diz, que a porta do Ceo he estreita, a Senhora a abriu, & dividio no seu Rosario em tres portas, como as que vio S. João no Ceo; huma de gosto nos primeiros Mysterios, outra de compaixão nos segundos, & a terceira de gloria nos ultimos: para que todos (cõforme são diversos os affectos

feitos dos homens, y entrem
lem horror por ellas. Por es-
tas portas suspirava David,

Psal. 117. quando dizia: *Aperite mihi*
portas iustitie, ingressus in eas
conspicbor Domino: Abtimeas

19. portas de justiça, para que
entrando por ellas, louve e-
terramente a Deos. E q̄ por-
tas são estas? O mesmo Pro-
pheta o declara, e digo: *Hac*

20. *porta Domini, iusti intrabunt*
in eam. Estas portas são hũa

só porta, pela qual entraõ os
justos, que he Christo, de que
jáy fallando. Pois se são mui-
tas portas: *Aperite mihi por-*

tas: como são hũa só porta:
Hac porta Domini? Porque o
mesmo Christo, he hũa porta,
& he muitas portas, as quaes
se chamãõ *Portas iustitie,*

portas da justiça, porquero-
da a justiça, que tem os jul-
tos para entrar no Ceo, he
fundada nos merecimentos
de Christo: *Hac porta Domini,*

iusti intrabunt in eam. Ouça-
mos ao Abade Ansberto:
Cum prius plur. ali. numero por-
tas sibi aperiri postulat, de inde
numero singulari unam portam
se vidisse testatur; quia quis-
quis per illas ingreditur, per
unam, que principalis, & sin-

gularis est omnium, imò que
in omnibus una, & singularis
est, ingreditur. Notay, & pe-
zay bem estas ultimas pala-
vras: *In omnibus una & singu-*

lari. Porque ainda que as
portas do Ceo para qualquer
parte do mundo, como as
vlo S. Joãõ, sejaõ tres; em to-
das estas tres portas não ha

mais que hũa porta, que he
Christo: *In omnibus una, &*
singulari. Assim tambem no
Rosário. Dividido Christo

em tres partes, & em tres por-
tas, mas em todas tres hum
só Christo: Hum, & Trino
em sy mesmo, & Hum, & Tri-
no em quanto porta do Ceo.

E assim como Christo he Hũ,
& Trino no Rosário, assim o
Rosário he Hum, & Trino
em Christo, & porisso, sendo
Hũ, dividido em tres partes,
& em tres Terços.

o mes. d. p. VI. p. 1000

330 **O** Segundo ponto,
ou questão, era:
Porq̄ os Mysterios, que me-
ditamos, & os Padre-nossos,
que rezamos no Rosário, são
determinadamente quinze, &
esses quinze tambem dividi-

dos de cinco em cinco? Respondendo, que o mysterio, & significação deste numero quinze, assim inteiro, como dividido, he o mesmo que promettemos, & impo, seguindo, porque, tambem, deste numero nos promete Deos, & a Sabedora Authora do Rosario a Bemaventurança do Ceo. No Capitulo onze do Ecclesiastes diz assim Salomão profundamente: *Da parte sem septem, nec non de octo: quia ignoras quid futurum sit mala super terram.* He bem, que não sabes os males, que se seguirão estaõ apparellados a ti, & ao mundo, da a Deos os sete, & mais os oito. E nãgma temos, & nãgmo facil. S. Jacopo, S. Bento, S. Agostinho, & os mais Padres, communmente dizem, q' estes sete, & oito, se haõ de tomar juntos, com que fazem o numero de quinze. E não era necessaria tanta sciencia como a sua: menos arithmetica bastava para esta soma. Mas que proporção, ou que virtude tem o sete, & o oito, ou o numero quinze composto destas duas partes, para livrar ao homẽ dos males futuros,

& o levar aos bens eternos, que he o fim, que aqui se promette, como bem declara S. Gregorio: *Ut per hoc ad bona eterna veniamus.* As exposições deste Texto, são quasi tantas, como os Auctores. Mas calculada a proporção do numero quinze com a Bemaventurança do Ceo, que nelle se promete, & nãgmo declarando o Texto, que quinze ha de ser este, ou que se usas sejaõ, as que havemos de dar, ou offerrecer a Deos dentro no mesmo numero de quinze. Eu digo, que são os quinze Mysterios do Rosario. A razão, que tento para assim o dizer, creyo, que he bem fundada. Porque se em cada hum destes quinze Mysterios nos merecõo Christo, o Senhor nosso, não só hũa, são infinitas vezes a mesma Bemaventurança que muito he, que a prometta hũa vez aos que quinze vezes cada dia lhos agradezem com a memoria, & lhos offercem com oração. He David querendo agradecer, & pagar a Deos a gloria, que lhe tinha preparado Ceo, não achou ou-

Ecclesi.
11. 2.

Hiero
nym.
Aug.

D.
Greg.
Hornit
6. in
2. de

1. 10
2. 5

1. 10

cro

tro preço proporcionado, & equivalente, senão offerecer a Deus na oração o mesmo Sangue, com que elle no la comprou: *Quid retribuam Domino, pro omnibus que retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam: Et nomen Domini invocabo.* Não say o *Retribuam*, & o *Quid retribuam*. De sorte, que neste calo havia duas retribuições: hũa da parte de Deus, com que Deus havia de premiar a David, & outra da parte de David, com que David havia de pagar a Deus. E não achou David, allumia-do pelo mesmo Deus, outro preço mais proporcionado, & equivalente em paga da gloria, que certamente havia de receber. (que por isso diz *Retribuam*, como te já a tivera recebido.) Não achou, digo, outro preço mais proporcionado, que offerecer a Deus na oração o mesmo Sangue, com que Deus tinha comprado a mesma gloria, que lhe havia de dar. *Calicem salutaris accipiam*: Eisahi o preço do mesmo Sangue. *Et nomen Domini invocabo*: Eisahi o offorecimento d'elle na oração. Lançay agora o discurso por

quãtas cousas se podem imaginar, & vede, se ha na terra, nem no Ceo, alguma, que se possa dar, ou offerecer a Deus, mais proporcionada a Bemaventurança; que nos promette pelo que lhe dermos em numero de quinze, senão os quinze Mysterios do Rosário? Tanto o damos, que dermos, ou offerecermos a Deus pela Bemaventurança, he infinitamente menos q' o preço, porque elle he comprado. Logo os quinze, a que promette a mesma Bemaventurança, não podem ser outros; senão os quinze Mysterios de sua Vida, de sua Morte, & de sua Resurreição, que no Rosário lhe offerecemos: *Da partem septem, nec non & octo*: quia ignoras quid futurum sit. Todos ignoramos o que hade ser de nos: todos ignoramos este grande, & incerto futuro, se havemos de ser Bemaventurados; ou não: pois para segurar esta tam importante incerteza, demos outra vez a Deus o que elle nos deu, & offereçamos lhe no Rosário os quinze Mysterios de nossa mesma Redempção: *Da partem septem, nec non & octo.* MAS

septem, nec non & octo. Assim conclue o Doutor Maximo, & Eu o provo, & demostro com o effeito. *Sabbathū*, quer dizer descanso, & isto só conseguiaõ os da Ley Velha, por Santos que fossem, que por isso hiaõ descansar ao Seyo de Abraham. Porém esses mesmos não conseguiraõ a Bemaventurança, senão depois q̄ ajuntandose o oito ao sete, se perfeioou o numero de quinze. Esse foi o Mysterio porque Christo morieo, & remio o mundo ao decimo quinto da Lua, celebrandose a Redempçaõ do Egypto ao decimo quarto. E como naquelle dia ao sete se ajuntou o oito, & se cerrou o numero de quinze: logo aos que até entãõ descansavaõ às escuras, lhes amanhecéo a nova luz, cõ q̄ começaraõ a ser Bemaventurados na Gloria.

333 Sendo pois tam natural a proporçaõ; que tem este sagrado numero de quinze com a Bemaventurança, ordenada a mesma proporçaõ por aquelle Supremo Autor da Natureza, & da Graça, que tudo fez em numero, pezo, & medida: não

he muito, que junto o mesmo numero aos Mysterios de sua Vida, Morte, & Resurreiçaõ tenha, a virtude, & efficacia de nos fazer Bemaventurados, concorrendo de nossa parte as meditações, & orações, com que hum por hum os meditamos, & em todos, & cadahum louvamos ao mesmo Senhor. Tudo assim, como Eu o digo, estava já pintado, & cantado muito antes de haver Rosario, sendo o Pintor Ezechiel, & o Musico David. No Templo de Jerusalem além do Atrio, chamado dos Gentios, havia outros dous, em que só entravaõ os fieis, hum, que se chamava Atrio exterior, outro, interior. Ao Atrio exterior, diz Ezechiel, que se subia por sete degrãos; *Et septem gradibus erat ascensus ejus*: porém ao interior, que se seguia depois deste, & ficava mais dentro, & mais acima, diz, q̄ os degrãos, porque se subia, eraõ oito: *Et in octo gradibus ascensus ejus*. E porque não eraõ, hums, & outros degrãos, sete; ou hums, & outros, oito? Porq̄ esta differença dos degrãos fazia a proporçaõ do numero, &

*Eze-
ch. 40.
22.*

*Ibid.
37.*

inteirava o mysterio, conformando tudo com o que acabamos de dizer. Demaneira, que os que subião pelas sete degrãos ao Atrio exterior, ficavão ainda defõra: porém os que subião tambem pelos oito do Atrio interior, em q se cerrava o numero de quinze degrãos, estes só entravão no Templo, & chegavão ao Sancta Sanctorum. O Templo significava o Ceo, o Sancta Sanctorum, em que Deos assistia sobre azas de Cherubins, significava a Gloria, os quinze degrãos, porque se subia, significavão os quinze Mysterios da Humanidade, & Divindade de Christo, & os que subião por elles, os que meditação no Rosario os mesmos Mysterios. E falta ainda mais algũa propriedade? Sim. Porque os que subião por aquelles degrãos, não subião mudos, senão cantando, ou rezando em cada degrão hũ Psalmo. Estes erão os quinze Psalmos, a que David chamou Graduaes; porque em cada degrão dos quinze se rezava hum, assim como nõs no Rosario a cada Mysterio rezamos hum Padre nosso,

& huma decada de Ave-Marias. E a significação de tudo o que naquella famosa figura se via, & ouvia, era, diz S. Jeronimo, que por quinze degrãos, & por quinze orações em que se contem os louvores divinos, sobem os Justos ao Ceo; & a Deos, para lá o louvarem eternamente: *Quin. Hier. decim sunt carmina in Psalterio, & quindecim gradus in Ezechiele, per quos ad canendum Deo, & in Atrijs ejus consistendum, justus ascendit. Quem tam claramente descreveo o Rosario, tambem o nomearia, senão escrevera mil annos antes.*

VIII.

334 **F**inalmente, estes quinze Mysterios, ou degrãos, os dividio a Virgem, Senhora nossa, de cinco em cinco (que hé a segunda parte deste pôto:) & aqui, parece, se encontra a architectura do Rosario com a do Templo de Ezequiel, em que com tanta propriedade o vimos retratado atégora. Os degrãos, que lá erão quinze, sómente se dividiaõ em duas partes:

partes : pois se os mesmos quinze degrãos eraõ figura dos quinze Mysterios do Rosario : porque os divide a Senhora, não em duas partes, senão em tres : & não em partes desiguaes, como lá estavaõ repartidos, senão todas iguaes, & do mesmo numero, cada hũa de cinco em cinco? Confesso, que quando aqui cheguey, me entristecéo muito esta desproporção, vêdo, que as contas me sahiaõ tam erradas. Mas a mesma Virgem, que não pôde faltar a quem a serve, & mais em causa sua, em cumprimento da verdade, com que diz de sy : *Ego eruditissimum cogitationibus* : me acudiu com hũa erudição, não nova, mas muito antiga, & me ensinou a grande correspondencia desta sua repartição de cinco em cinco, a qual Eu na lição de muitos livros não tinha alcançado. A erudição, que digo, he do insigne Commentador dos Psalmos chamado o Incognito, o qual no primeiro dos Graduaes diz assim : *Per quindessim gradus ascendebatur ad Templum, qui gradus erant dis-*

tingente per quinque ter : Os degrãos, por onde se subia ao Templo, eraõ quinze, mas esses quinze divididos em tres vezes cinco : *Per quinque ter*. Mais elegantemente se pudéra dizer, mas não com maior clareza. Vay por diante o mesmo Autor, & diz, q̃ no fim de cada cinco degrãos havia hum espaço maior, porque alli paravaõ, & se detinhão, os que subião, rezando a cada cinco Psalmos algũas outras oraçoões, & que isto fazião no quinto degrão, no decimo, & no decimo quinto : *In capite quinque graduum erat maius spatium : & quando erant in quinto gradu, aliqualem moram ibi faciendo, post quintum Psalmum dicebant aliquas orationes, consimiliter in decimo, & in decimo quinto*. E esta erudição, ou tradição, he tam certa, & tam antiga, que porisso a Igreja divide os mesmos Psalmos Graduaes em tres partes, com pausa, & oração diversa a cada cinco. Assim que em dividir os quinze Mysterios da Rosario de cinco em cinco, não se apartou a Senhora de architectura do Templo, ou
para

Prov.
8.12.

Incog.
nis.

para o dizer com maior certeza, não se apartou a architectura do Templo do dezenho da mesma Senhora.

335. E a que fim esta re-
 peticão de cinco em cinco?
 Ao mesmo fim de todos os
 outros numeros, & Contas do
 Rosario. E he com altissima
 providencia, para que o pe-
 zo da nossa fraqueza, & á
 guerra, que nos faz o De-
 monio pelas portas dos cinco
 sentidos, nos não impedissem
 a subida do Ceo. Pergunta
 Santo Agustinho, porque razião
 na Parábola das Virgens
 se introduzem finalmente
 cinco prudentes, que en-
 trarão ás bodas, & cinco ne-
 cessas, que ficaram defóra? E
 responde, que o numero de
 cinco significa os cinco senti-
 dos, os quaes, ou com a con-
 tinencia nos levão á Gloria,
 ou com a corrupçãõ nos im-

pedem a subida: *In quinario*
numero intelligitur continen-
tia quinque sensuum carnis: ab-
his quinque januis corruptio-
nis quicumque se continent,
sunt quinque Virgines sapien-
tes, &c. São os cinco sentidos
 os cinco Talentos, que entre-
 gou Deos a nossas Almas pa-
 ra negociarem o Ceo: mas
 pelo não uso dellas, elles vñ
 azer os maiores inimigos de
 nossa salvaçãõ. Elles são os
 cinco Reys Amorthéos, que
 na cõquista da Terra de Pro-
 missãõ resistirão, & fizeram
 guerra a Josué. Elles são os
 cinco Sarraps dos Philistéos,
 com que Deos prohibio aos
 filhos de Israel, que não tives-
 sem commercio, & porque o
 tiverão, idolatrarão. Elles são
 os cinco Adulteros da Sama-
 ritana, que depois de todos a
 perderem, todos a desprezã-
 rão. Elles são os cinco Irmãos
 do Rico Avarento, que ain-
 da ardendo no Inferno, ou os
 amava, ou tinha memoria
 dellas. E elles em fim são as
 cinco Juntas de animaes gros-
 seiros, com que o rustico, &
 descortez Lavrador, se escu-
 sou de ir ao Banquete do Rey.
 E cõ muita propriedade (co-
 mo bem notou Salmeirão) se
 chamaõ os sentidos juntas,
 porque andão atados de dous
 em dous. Dous olhos para a
 vista, dous ouvidos para ou-
 vir, duas mãos para o tacto,
 duas entradas para o olfacto,
 & duas, que são a boca, & a
 lingua, para o gosto. *Quinque*
juga

Mat.
 25.
 2.

Aug.

in Psal.

49.

Ser.
 23.

de

Do-

mi.

Mat.

25.

15.

hinc
 10.5.

Indic.
 3.3.

Joan.
 4.
 18.

Luc.
 16.
 28.

Luc.
 14.
 19.

Salmer. *juga bonum sunt quinque sen-*
sus, qui omnes geminati sunt.

1071 I. *Prolo-*
gomen.
19. 336. Repartio pois a Senhora os cinco Mysterios do seu Rosario de cinco em cinco: para que nos Gozozos, se os sentidos se deixassem levar do appetite do gosto; ou nos Dolorozos, se se retirassem pelo tempo da pena, ou nos Gloriosos, se se movesse o desejo da gloria vã: em todos tivesse a Alma cinco Castellos fortes, com que podesse resistir às suggestões dos mesmos sentidos: ou cinco remedios presentissimos, com que curaras fraquezas, em que tivessem cahido. Se a Alma se vé tentada do Deminio, *1. Reg.* aquelles cinco Mysterios são *17 40* as cinco Pedras de David, com que destrubou o Gigante. Se se vé enferma, elles são os *Joan.* *5* cinco Porticos da Piscina, em *2.* que se curou o Paralitico, não podendo dizer: *Hominē* *Ibid.* *7.* *non habeo*: porque em todos tem a Deos feito Homem. Se se vé cativa, elles são os cinco *Levit.* *27. 6.* Sicios, com que os Primogénitos se resgaravão no Têplo. Se se vé culpada, & delinquente, elles são as cinco *Iosue* *21. 37.* *Et ali-* *bi.* Cidades de refugio, aonde se
Tom. 6.

acolhiaõ os criminosos, & logravaõ immuidade. Se se vé emendada, mas receosa da recaida, elles são as cinco Colunas do Tabernaculo de materia incorruptivel, & bazes de bronze. Se finalmente pelos erros da vida passada se vé desconfiada de perdiaõ, eõ que alcançar a eterna, elles são as cinco Palavras, com que Christo disse ao Ladrão: *Hic. Luc.* *die mecum eris in Paradiso.* *23. 43.*

IX.

337 **O** Terceiro ponto, & ultima duvida, ou questãõ, era: Porque são cento & cincoenta as Ave-Marias, que rezamos no Rosario, & porque estas se dividê em tres vezes cincoenta, & cada cincoenta de dez em dez? A resposta já se sabe, que ha de ser a mesma. E he, que todos estes numeros, & cadahum delles, significavaõ por diverso mysterio os modos, com que o mesmo Rosario nos dispoem nesta vida para a Bemaventurança, & no fim nos leva a ella. O maior numero pois do Rosario, & o ultimo, em que todas a
V Sauda-

Saudações Angelicas, ou Ave-Marias, se resumem, he o de cento & sincoenta. E que significa este numero? O Psalterio de David tambem se cõpoem de cento & sincoenta Psalmos: & porque não ha Psalmo, que não esteja cheio de grandes mysterios, nem verso de cada Psalmo, ou palavra de cada verso, que não seja mysteriosa: do mysterio, com que o Espirito Santo, Autor dos mesmos Psalmos, ordenou, que fossem cento & sincoenta, nem em maior, nẽ em menor numero, tiraremos a significação do nosso. Cassiodoro, aquelle famoso Secretario d'El Rey Theodorico, doutissimo em todas as Letras, & depois de deixar a Corte, & se fazer Mõje, illustre Expositor das Divinas, cõbina os cento & sincoenta Psalmos com os cento & sincoenta dias, em que esteve alagado o mundo com o Diluvio, & affirmando, que o mysterio mais evidẽte de hũ, & outro numero he o mes-

ducto criminibus suis terra diluta est: sic & hi Psalmi tali numero producti genus humanum peccatis suis pollutum convenienter reddunt absolutum. Assim como o mundo alagado cento & sincoenta dias cõ o Diluvio ficou purificado dos peccados, que merecẽraõ aquelle castigo; assim ordenou o Espirito Santo (diz Cassiodoro) que o Psalterio se compuzesse de cẽto & sincoenta Psalmos, para que com elle como com hum segundo Diluvio da Graça se purificasse de seus peccados todo o genero humano. Já distemos em outras occasiões, que o Rosario desde seu principio pela semelhãça do numero se chamou Psalterio da Virgem: & se ao Psalterio de David se concedeo esta graça universal de purificar as Almas: quanto mais ao Psalterio da Mãe de Deos, cõposto por isso mesmo, & ensinado ao mundo depois do de David? As razões desta ventagem, que sãõ muito mais evidentes, daremos no Sermão seguinte. Agora só basta dizer, que não podendo as Almas entrar à Bemaventura

Cassiodor. in Prologo. dragm̃ta diebus diluvio super-

rança, senão absoltas, & purificadas de todo peccado:

Sapient. *Nihil inquinatum in eam in-*
 7. 25. *currit*: esta he a ultima dis-
 posição, com que o Rosa-
 rio nesta vida nos habilita
 para a eterna: a qual conse-
 guem sem exceição, todos os
 que dignamente se valem, &
 aproveitão d'elle: & assim es-
 taõ significados no mesmo
 numero de cento & sincoëta.

338 Depois da Resur-
 reição de Christo foi S. Pe-
 dro pescar com outros Dis-
 cipulos, & por toda a noite,
 como já outra vez lhe tinha
 acontecido, nenhũa cousa to-
 máraõ. Ao amanhecer appa-
 recêo o Senhor na praya, dis-
 felhes, que lançassem a rede
 para a parte direita, & foi tam-
 venturoso o lanço, que sem
 se romper a rede, trouxeraõ
 a terra cento & sincoenta &
 tres peixes, todos grandes:

Ioan. *Ascendit Simon Petrus, &*
 21. 11 *traxit rete in terram, plenum*
magnis piscibus, centum quin-
quagintatribus. Et cum tanti
essent, non est scissum rete.
 O mysterio dos tres, pondera-
 remos depois; vamos agora
 aos cento & sincoenta. Santo
 Agustinho, & S. Gregorio, &

commummête os Padres, di-
 zem, que neste numero fo-
 raõ sòmente significados os
 escolhidos, & que se salvaõ:
 & que essa he a razaõ, porque
 Christo agora mandou aos
 Apostolos, que lançassem a
 rede à maõ direita, aõnde
 haõ de estar sò os bons no dia
 do Juizo: o que o mesmo Se-
 nhor lhe naõ disse noutra oc-
 casiaõ, em que os mandou
 pescar, & tomáraõ bons, &
 mãos. Santo Agustinho: *Si*
in dexteram dixeret, solos bo-
nos significaret, si in sinistram,
solos malos: ubi autem tacetur
dextera, & sinistra, mixti ca-
piuntur, boni, & mali. E para
 que se conheça, que este pri-
 vilegio he proprio do Rosa-
 rio: saybamos, qual era a re-
 de, & em que tempo se lan-
 çou ao mar? A rede, diz San-
 to Ambrosio, que he a ora-
 çãõ: *Quæ sunt autem quæ la-*
sari jubentur retia, nisi ver-
borum complexiones, & quasi
quidam orationes sinus. Naõ se
 pudêra melhor descrever o
 Rosario entre todas as ora-
 ções. Na tecedura he compo-
 sto de palavras todas iguaes,
 & da mesma proporçaõ: *Ver-*
borum complexiones: & na fi-

D.
 Aug.
 ibid.

D.
 Am-
 brof.
 ibid.
 lib. 4.
 in Lu-
 cam.

gura lhe estendido, & volta-
da em fôrma circular, com
que se faz o feyo, & cerco da
rede: *Et quasi quidem oratio-
nis fines.*

339. E basta isto para a
propriedade da semelhança?

Não: que ainda lhe falta a
maior de todas, que he o tẽ-
po, em que se aperfeiçoou, &
se lançou ao mar a rede do
Rosario. Ouçamos a S. Gre-
gorio Papa: *Prusquam Re-*

*demptor noster pateretur, &
resurgeret, multi quidem retia
ad piscandum jubet, sed utrum
in dexteram, an sinistram non
jubet. Quis verò nesciat bonos*

*dexterâ, & malos sinistrâ figu-
rari? Hæc autem piscatio post
Domini resurrectionem facta,
in solam dexteram missa est,
quia ad videndam claritatis
gloriam sola Ecclesia electorum
pertingit.* Antes de Christo
morrer, & resuscitar, não
mandava, que a rede se lan-
çasse à mão direita, ou es-
querda, & porisso colhia bõs,
& máos; porém depois que
morréo, & resuscitou, então
mandou, que se lançasse só à
mão direita, porque só os da
mão direita são os bons, &
os que pertencem ao nume-

ro dos escolhidos. Ainda me
parece, que não cahis de todo
no mysterio. A culpa tem, a
pouca, & viciosa Rhetorica,
dos que para dizerem alguma
cousa, sempre a difficultão
primeiro, & depois a resolvê,
com que sem pergunta, & re-
posta, não ha conceito, nem
os ouvintes pelo costume
percebem o que se diz. Sup-
posto isto, pergunto o que já
está ditto. Se Christo antes de
morrer, & resuscitar, não
mandava lançar a rede à mão
direita, nem esquerda, com q̃
ella tomava bons, & máos:
porque razaõ depois de mor-
to, & resuscitado, manda
lançar só à mão direita, com
que recolhe só os bons? Isto
he o que disse sem perguntar
S. Gregorio, & este he mani-
festamente o mysterio do tẽ-
po, em que a rede se aperfei-
çoou, & lançou ao mar. An-
tes de Christo padecer, & re-
suscitar: *Prusquam pateretur,
& resurgeret:* ainda a rede do
Rosario não estava feita, por-
que lhe faltavaõ os Myste-
rios Dolorosos, & os Glo-
riosos; porém depois q̃ Chri-
sto morréo, & resuscitou, en-
tão se aperfeiçoou a rede, en-
tão

taõ se lançou só à mão direita, & entã sem haver que lançar fóra, recolheo só os escolhidos: *Hæc autem piscatio in solam dexteram missa est, quia ad videndam claritatis gloriam sola pertingit.*

X.

340 **E**STE he no Rosario o mysterio do numero cento & sincoenta, ao qual se ajuntou o de tres dos peixes, que recolheo a rede: *Centum quinquaginta tribus*: mas naõ para variar o mesmo numero, senã para o repartir em tres vezes sincoenta, como ensina São Agostinho, & se faz no Rosario: *Numerus centum quinquaginta tria ter habet quinquagenarium: & insuper ipsa tria propter Mysterium Trinitatis: quinquagenarius autem est Jubilæus.* Os tres, que se acrescentã ao numero cento & sincoenta, significã, diz São Agostinho, o Mysterio da Sãtissima Trindade (que por isso mostrãmos ao principio, que o Rosario he Hum, & Trino:) & juntamente denotã a divisaõ dos mesmos cẽ-

to & sincoenta em tres vezes sincoenta, porq̃ o numero de sincoenta he o numero do Jubiléo. Saybamos agora o que era Jubiléo. Jubiléo, como conta de todo o Capitulo vinte & sinco do Levitico, era hum anno famosissimo no Testamento Velho, o qual vinha, & se celebrava de sincoenta em sincoenta annos: & por outro nome se chamava o Anno da Remissãõ; porq̃ nelle naõ só concedia Deos grandes remissões, mas mandava, & obrigava, a que sem exceiçaõ da pessoa as observassem, & lograssem todos. A primeira, era, que naquelle anno naõ se arava, nem semeava, nem se cultivavaõ os campos, & cessava tolo o trabalho. A segunda, que todas as herdades, ainda que se tivessem vendido, & alienado muitas vezes, tornassem a seus primeiros possuidores. A terceira, que se perdoassem todas as dividas. A quarta, q̃ todos os Escravos se libertassem. Põde haver mais fermoso, & mais felice anno? Pois isto he o que aquelle numero de sincoenta significava entã nas cousas temporaes,

Levit. 25 per tot.

que logo se mudavaõ, & hoje nas espirituaes, & eternas, q̄ duraõ para sempre. As sincoenta Ave-Marias do Rosario, dividido em tres Terços, nos negoceaõ o descanso eterno do Ceo, onde se não âra, né cava a terra, mas se come em sua propria sustentancia o Mannã, sem nenhum trabalho. Ellas nos restituem a herdade, & herança do Paraíso, perdido primeiro pela culpa de Adam, & depois tântas vezes vendida pelas nossas. E porque para esta inteira restitução he necessario, que se ajunte, ou preceda o perdaõ das dividas, & a liberdade do cativeyro; estas são as duas petições, que no Rosario fazemos a Deos nas ultimas do Padre-nosso. O perdaõ das dividas dos peccados: *Dimitte nobis debita nostra*: & a liberdade do cativeyro do Demonio: *Sed libera nos à malo*. Vede, se nos despachará Deos estas duas petições do Padre-nosso, quando nas sincoenta Ave-Marias de cada Terço rogamos à Mãy do mesmo Deos, que rogue por nós peccadores. E para q̄ se conheça a grande propor-

Mat.
6. 12.

Ibid,
13.

ção, & correspondencia, que tem estas sincoenta Ave-Marias com o Padre-nosso, contay as palavras do mesmo Padre-nosso, & achareis, que desde o *Pater* até o *Amen* são pontualmête sincoenta. Tam^{Ibid. 9} medidas, & tam contadas estaõ no Rosario as consonancias do numero, & tam sagrado, & mysterioso he o de sincoenta. & 13:

341 O que este numero promettia na Ley Velha, cūprio na Ley da Graça a vinda do Espirito Santo, enchendo de todas as graças ao dia sincoenta, por ser este o numero determinado na Ley para a remissaõ universal. Assim o conta, & canta a Igreja: *Sacro dierum circulo, quo Lege sit remissio*. Mas esta conta parece, que não está certa, nem proporcionada, nem propria: & que o Espirito Santo não havia de descer ao dia sincoenta, senão ao dia quarenta & nove. As graças, & doens do Espirito Santo são sete, & sete multiplicados por sete, ou sete vezes sete fazem quarenta & nove: logo no dia quarenta & nove parece, que havia de vir o Espirito Santo, & não

Eccleij
in
Hymn.

naõ no dia sincoenta? Assim se representa à primeira vista. Mas ainda deixada a correspondencia da figura, & do Jubiléo da Ley Antiga, naõ podia, nem devia ser a vinda do Espírito Santo ao dia quarenta & nove, por hum grande mysterio dos numeros, q̃ aqui está escondido. O numero de quarenta sempre he significativo de afflicção, & de pena, diz S. Jeronimo, & o prova com muitos exemplos da Escritura, que deixo por brevidade: *Quadragesimus numerus semper afflictionis, & pænæ est.* Daqui se segue, q̃ o numero quarenta & nove, naõ só he significativo de afflicção, & pena, senaõ da ultima, & summa afflicção, & da ultima, & summa pena, a q̃ se põe chegar; porque o numero quarenta só chega, & se estende a quarenta & nove, & naõ pôde passar dahi: logo trazendo o Jubiléo do Espírito Santo a remissão universal dos peccados, & a indulgencia de todas as penas merecidas por elles, & sobre isso os doens, & penhores de sua graça, com que se nos assegura o descanso eterno, &

Bemaventurança da Gloria^d naõ podia, nem devia vir, se naõ no dia, em que se fechasse o circulo de sincoenta: *Sacro dierum circulo, quo Leges remissio.*

342 Isto mesmo faz o circulo do Rosario, naõ hũa, senaõ tres vezes em cada hũa das sincoenta Ave-Marias, q̃ nella contamos. E saybaõ aqui os devotos, o que muitos naõ sabem, & he bem, que conste a todos, que as Indulgencias, que os Summos Pontifeces concedem aos que rézaõ o Rosario, naõ só se entendem dos que o rézaõ inteiro com cento & sincoenta Ave-Marias, senaõ tambem dos que rézaõ sómente o que chamamos Terço, com as sincoenta que lhe pertencem, & assim o tem declarado nas suas Bullas os mesmos Pontifeces. Vejamos agora em hum fermoso, & temeroso retrato, o que diziamos. Para que fossem lançados no fogo os Mininos de Babylonia, mandou o Rey barbaro, que a fornalha se acendesse quanto mais fosse possivel, & diz o Texto Sagrado, que a labarêda subia quarenta & no-

ve covados : *Et effundebatur flamma super fornacem cubitis quadraginta novem.* Bem se vê, que lô Deos, que o refere, podia tomar estas medidas ao fogo, & que o numero de quarenta & nove era mysterioso, & significava o maior fogo de todos. Lançados pois os Mininos na fornalha, confidemos o q̄ lhe succedéo, quantos eraó, o que faziaó, & quem os assistia. O que lhe succedéo, foi, que sustentandose o fogo do aereo, & do humido, como bem filosofa Santo Agustinho, o aereo se convertéo em viração, & o humido em orvalho, que os recreava: *Quasi ventum roris flantem.* O q̄ faziaó; era louvar a Deos, chamandolhe muitas vezes bemditto: *Benedictus es Domine Deus Pater nostrorum.* E por que eraó tres, todos tres repetiaó o mesmo sem mudar hũa só palavra: *Hi tres quasi ex uno ore laudabant, & glorificabant, & benediciebant Deum.* Finalmête, quem os assistia, era hũ semelhante ao Filho de Deos: *Et species quarti similis Filio Dei.* E naó he isto hũa excellente representaçáo dos q̄ louvaó a

Deos com o Rosario, & das mercês, que Deos lhe faz por esta devaçáo? As vozes saó tres, porq̄ saó repartidas em tres Terços: & o q̄ se ouve em hũ sem mudar palavra, he o q̄ se diz, & repete no outro. Elles repetiaó em todas as clausulas: *Benedictus Deus: & nós em todas as Ave-Marias: Benedicta tu in mulieribus, & benedictus fructus ventris tui.* A elles assistiaos em tudo hũ semelhante ao Filho de Deos, antes de o Filho de Deos encarnar, & se fazer visível, & nós em todos os Mystérios do Rosario o temos presente. Finalmente o effeito da parte de Deos, que principalmête pertendemos mostrar, he, que assim como Deos lhe convertéo o fogo, & labarédas da fornalha em hum Paraíso de delicias, assim nos livra Deos das penas do Inferno, significadas nos quarta & nove covados das labarédas, como elles mesmos disseraó: *Quia eruit nos de inferno: & para nos levar ao descanso, & delicias da Bemaventurança, nos concede a remissaó universal de todos os peccados, significada no*

Levit. numero sincoenta: Sanctifi-
25. 10 cabis annum quinquagesimum,
& vocabis remissionem cunctis
habitoribus terræ tuæ.

IX.

343. **S**O' resta o mysterio do numero dez, repetido em todas as decadas do Rosario, o qual melhor q' todos cerra as contas, & aperfeiçoa quanto temos ditto. Philo, chamado o Plataõ dos Hebréos, fallando deste numero, diz assim: *Denarius inter omnia est perfectissimus: completitur enim cunctas numerorum differentias: item proportiones arithmeticas, & geometricas: quin etiam rerum genera, quæ prædicamenta dicuntur, denario numero comprehenduntur.* Quer dizer: q' o numero de dez he o mais perfeito de todos; por q' comprehende todas as differenças dos numeros, & todas as proporções arithmeticas, & geometricas, & até os generos de todas as cousas, que os Filósofos reduzem ao numero de dez. Perfeito he aquillo, a que nada se pôde acrescentar, & tal he a perfeição deste nu-

Philo.
parte
lib. de
De.
chal.

mero. Pòdeser repetir, mas acrescentar não se pôde: por q' o numero de vinte, de trinta, & os demais, que se podem multiplicar infinitamête, não são, nê signifição outra cousa, senão o mesmo dez, muitas vezes repetido. Porisso depois q' o lume natural se escurecêo pelo peccado, querendo Deos restituir o Homê: à perfeição original, em que o tinha criado no Paraíso, & darlhe outro Paraíso melhor; todos os preceitos desta reformação reduzio a Divina Sabedoria ao numero de dez. Neste numero de dez se continha virtualmente a Ley da Natureza, nelle se promulgou expressamente a Escrita, & nelle se continuou, & durará para sempre a da Graça: não só tomando do mesmo numero de dez o nome de Decalogo, mas ficando tam estreitamente atada a elle a salvação dos homens, que nê os homê: a possão conseguir, nem o mesmo Deos lha possa dar, senão dentro no mesmo numero. He caso admiravel, o q' agora merecia larga ponderação, se o tempo a permittira.

Man.

344 Mandou Deos a dous Anjos, que fossem pôr fogo à Cidade de Pentapolis, mais conhecida pela infamia de outro nome: & Abraham, q̄ tinha a Deos por seu hospede naquella occasião, parte rogando, & parte perguntando, quiz saber do mesmo Senhor por quantos justos perdoaria aquelle castigo. Começou pelo numero de sincoenta: *Si fuerint quinquaginta iusti in civitate*: & como Deos respondesse, que por sincoenta justos perdoaria, quatro vezes foi diminuindo Abraham o mesmo numero, achando sempre propicia a Divina Misericordia. Chegou finalmente ao numero de dez: & respondendo Deos, que tambem por dez cõcederia o perdão: *Non delebo propter decem*: no mesmo ponto, sem querer mais ouvir, desapparecêo: *Abijt-que Dominus*. O mysterio porque Abraham começou pelo numero sincoenta, já está ditto: & he, porque elle pedia perdão & misericordia para aquella Cidade, & o numero de sincoenta significa indulgencia, & remissão. Mas se tã-

bem achou propicia a Misericordia Divina em quatro numeros menores; & Deos esperou, & ouviu até o numero de dez: porque razão não aguardou, nem quiz ouvir mais, & tanto que respondeu, que perdoaria por dez, desapparecêo: Excellentemente Salmeiraõ: *Usque ad decem justos descendit remissio, quia Deus paratus erat parcere Sodomitis usque ad servantes precepta Decalogi*. Chegou Abraham até o numero dez, quando pedia perdão para a Cidade condemnada, porque no numero dez se entende a observancia da Ley, a qual consta de dez preceitos, & por serem dez, se chama Decalogo: & porque abaixo deste numero nem os homẽs podem conseguir o perdão final, com que se salvaõ, nem Deos o pòde conceder; porisso Abraham o não pediu, & Deos desapparecêo.

345 Bem está. Mas qual he a razão, porque o perdão final, & a salvaçãõ dos homẽs a tem Deos tam determinada ao numero dez, & tam vinculada, & atada a elle, que nẽ o mesmo Deos a pòde conceder

Genes.
18.24

Ibid.
32.

Ibid.
33.

Salme
ron
1^o m I:
Prolo-
gom.
20.

der abaixo deste numero? A razão he: porque entre o merecimento, & o premio, ha de haver proporção igual, & como o merecimento, que he o Decalogo, consiste no numero dez, & nada menos; também o premio, que he a salvação, & a gloria, senão pôde conceder, senão no mesmo numero, & sem diminuição, nem abatimento d'elle. A prova he manifesta. Chamados os operarios à Vinha do Pay de familias, huns vieraõ mais cedo, outros mais tarde; huns trabalháraõ mais, outros menos; & no fim do dia o Pay de familias, que representava a Deos, mandou pagar a todos, & a todos se deu a mesma moeda. Chamavase esta moeda Denario, com o nome derivado do numero dez, porq̃ no pezo, & no preço, continha o valor de dez moedas menores. Pois se huns vieraõ à Vinha cedo, & outros tarde, se huns trabalháraõ muito, & outros pouco, porque paga Deos a todos igualmente com a mesma moeda, & com o mesmo Denario? Porque o Denario significa a gloria essencial, que nesta Pa-

rabola se declara pela proporção numerica. É posto q̃ na mesma gloria, os que trabalháraõ mais, ou menos, a teraõ maior, ou menor, quanto ao grão, sempre he necessario, que todos a recebaõ igual; quanto ao numero. A razão he, como dizia: porque o premio deve ser proporcionado ao merecimento: & como o merecimento não pôde ser menor que o de todo o Decalogo, também o premio não pôde ser menor que o de todo o Denario. Mas como no mesmo Decalogo pôde ser mais, ou menos perfeita a observancia, assim no mesmo Denario pôde ser mais, ou menos perfeito o grão da gloria. Sempre porém he igual em todos o numero de dez no Denario, porque sempre ha de ser igual em todos o numero de dez no Decalogo: *Usque ad servantes præcepta Decalogi.*

346 Sobre este fundamento tam solido, passemos agora ao nosso intento, & veremos, como dentro no mesmo numero de dez assim como ao Decalogo dos preceitos se promette o Denario da gloria

Mat.
th. 20.
1. &
seqq.

gloria, assim está prometido o mesmo Denario da gloria às decadas do Rosario. Em cada decada do Rosario pedimos dez vezes à Virgem, Senhora nossa, rogue por nós peccadores, agora, & na hora da nossa morte. E no Psalmo trinta & hum promete Deos o perdaõ final dos peccados, & a Gloria, & Bemaventurança, que a elle se segue: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates, & quorum testata sunt peccata.* Onde muito se deve reparar naquella palavra, *Testata*, que significa protecção; porque a Bemaventurança, & remissão dos peccados, que aqui se promete: *Beati quorum remissæ sunt iniquitates*: quer Deos que se attribua, não só à sua misericordia, mas à protecção de quem a alcança, qual he no nosso caso a da Mãe do mesmo Deos, que em cada dez Ave-Marias imploramos. E porque não pareça cousa duvidosa, & alheia da Divina Justiça, que a mesma Bemaventurança, que he devída à observancia dos dez preceitos do Decalogo, se conceda a dez orações tam breves: foi notar Cassiodoro, q̃

Psal.
31. 1.

neste mesmo Psalmo, o qual se compoem, & consta de onze versos, nos primeiros dez fallaõ os homens com Deos, & contêm outras tantas preces, & no ultimo, & undecimo, responde Deos aos homens, & lhes concede a todos a indulgencia dos peccados, que no principio lhe pedirão; & com nome de justos a graça, de q̃ he premio a Gloria: *Letamini in Domino, & exultate justi, & gloriamini omnes recti corde.* E que infere deste seu computo o mesmo Cassiodoro? Infere, que as dez preces, posto q̃ tam breves, daquella decada, tem diante de Deos a mesma virtude dos dez preceitos do Decalogo, com tanto que sejaõ rezadas de todo coração. *Consideremus modò (diz elle) virtutem Psalmi hujus, quòd decem versibus supplicando, divinum meruerit sine aliqua dilatione responsum: fortè Decalogi commonens operationem; ut sicut ille custodit us vocat ad premium, ita & hæc compuncto corde fusa precatio, ad indulgentiæ nos vota perducatur.*

Ibid.
11:

Cassio.
ibid.

347 Já bastava; para boa prova do q̃ digo, a paridade destes

Pjal.
32. 1.
2. 3.

destes dez versos, computada com as dez Ave-Marias de cada decada do Rosaio. Mas não se contentou com isso o Profeta; & cōtinuando o mesmo Psalmo na segunda parte delle (que he o seguinte) diz desta maneira: *Exultate justi in Domino: nectos decet collaudatio. Confitemini Domino in cithara: in Psalterio dace chordarum psalite illi. Cantate ei canticum novum.* Não se podia declarar mais expressamente o Rosario, & muito em particular as decadas, em que se divide. Diz o Profeta, que se alegrem os justos, & louvem a Deos: & que o modo de o louvar seja com hum cantico novo ao som do Psalterio de dez cordas, & da viola, que he de cinco. Primeiramente chamase o Rosario cantico novo, isto he: *Canticum Novi Testamenti*: (como notáraõ Hugo, Carthusiano, & Caietano.) Porque o Rosario, assim mental, como vocalmente, he instituto, & modo de orar proprio do Testamento Novo. Mentalmente, porque no Testamento Velho, como o Verbo ainda não tinha encarna-

do, nem mortêra, nem resuscitára, ainda entãõ não havia Mysterios de Christo, nẽ Gozosos, nem Dolorosos, nem Gloriosos. E vocalmente; porque no Testamento Velho rezavaõ Psalms, & outras orações, mas não se rezavaõ Padre-nossos, nem Ave-Marias, havendo começado a Ave-Maria na embaixada do Anjo Gabriel, & o Padre-nosso dahi a trinta & dous annos, quando o ensinou o mesmo Christo. Acrescenta o Profeta, q̃ estes louvores de Deos se haviaõ de cantar ao som, ou ao descante do Psalterio de dez cordas, & da viola de cinco; porque os Mysterios se haviaõ de meditar de cinco em cinco, & as orações se haviaõ de rezar, de dez em dez: *Incubara, & Psalterio decem chordarũ.* E pãra só na propriedade de s numeros, a harmonia destes dous instrumentos? Não. S. Jeronymo declarando qual fosse a fôrma do Plalterio, *ron.* diz, que era totalmente diversa da viola; porque a viola tem o oco, ou concavidade, onde se fôrma o som, na parte inferior; porẽm o Psalterio

Aug:
Cassiod
& alij.

na parte de cima. E tal he a harmonia do Rosario, assim na parte Mental, como na Vocal. Na Mental, porque os Mysterios, que o Rosario medita, obrou os Deos descendo elle do Ceo à terra: & na Vocal, porque as orações, que o Rosario reza, ouveas Deos subindo ellas da terra ao Ceo.: os Mysterios fazem a harmonia cá embaixo, & as Orações lá em cima: *In cubera, & Psalterio*. Aquelles pois, que deste modo orarem, & louvarem a Deos, & ao som destes dous instrumentos lhe cantarem o cantico proprio do Testamento Novo, que são os que meditaõ, & rézaõ o Rosario; a estes em fim diz o Profeta, que se alegrem como justos, & a estes chama Bemaventurados pela remissão dos peccados, & Bemaventurados pela protecção da Graça: *Beati quorum remissa sunt iniquitates, & quorum teta sunt peccata.*

XII.

348 **T**enho acabado o meu Discurso, & declarado, como prometti, o

que significaõ mysteriosamente todos, & cadahum dos numeros, de que se compoem as Contas do Rosario. E que he o que havemos de colher de todos estes numeros? Cada hum colherá o que lhe ditar a sua devação, & o seu juizo. O que amim me acõselha o meu, & o que Eu quizer persuadir a todos, he; q de todos estes numeros tiremos huma firme resolução de ser do numero dos Predestinados. Mas antes de declarar o meyo, & o modo, importa, que se entenda primeiro como isto he possivel. A Predeterminação de todos, & cadahum de nós, está decretada abæterno, & conhecida na Prescincia Divina, que he immutavel: logo parece, que, ainda que nós queiramos, nos não podemos fazer do numero dos Predestinados? Digo, que sim podemos. A Theologia mais certa, & mais bem fundada em todas as Escrituras Sagradas, he, que Deos nos predestinou *post prævisa merita*: quer dizer este termo proprio das Escollas, que previo Deos desde sua Eternidade os merecimentos, & obras de

Ubi supra.

de cadahum , & conforme as mesmas obras , que são as que agora fazemos , & fizermos até a morte , ou as boas feitas com sua Graça , ou as más feitas sem ella por nosso livre alvedrio , decretou o mesmo Deos a salvação de huns , & a cõdenação de outros. Isto he o que definio S. Pedro , quando disse : *Satagite , ut per bona opera certam vestram vocationem faciatis* : procuray com todo o cuidado de fazer certa a vossa vocação por meyo das boas obras. É como a nossa Predestinação se funda nas obras de nossa vida : daqui se segue , que emquanto vivemos , se quizermos , nos podemos fazer do numero dos Predẽstina- dos. Nem encontra esta possibilidade a preciecia infallivel , que Deos tem dos mesmos Predẽstina- dos , & numero delles ; porque as nossas obras não são boas , porque Deos sabe , que nos havemos de salvar ; mas sabe Deos , que nos havemos de salvar , porq̃ as nossas obras , cooperando com sua Graça , hão de ser boas , & dignas de salvação. Esta Theologia , como dizia,

he a mais bem fundada , & revellada nas Escrituras Divinas , as quaes reservo para outra occasiã , em que de proposito hey de tratar esta materia. Por agora baste saber , q̃ assim o ensinaõ , Vasquez , Molina , Valença , & outros gravissimos Theologos , cuja doutrina resume o Doutissimo Cornelio A Lapide nesta breve , & clarissima conclusãõ : *Hac ergo ratione in cuiusque fidelis potestate , & arbitrio est , facere , ut sit prædestinatus , vel non sit.*

349 Mas ouçamos a toda a Igreja Catholica , Coluna da Fé , & da Verdade , a qual no principio da Quaresma , em que nos exhorta à penitencia , faz a Deos esta notavel oração : *Deus , cui soli cognitus est numerus electorum in Superna Felicitate locãdus : tribue , quæsumus , ut omnium Fidelium nomina beatæ Prædestinationis Liber adscripta retineat.* Deos , a quem só he conhecido o numero dos escolhidos , que hão de gozar a Eterna Felicidade : concedeynos , como vos pedimos , que o Livro da bemaventurada Predestinação retenha ,

Vasquez ,
Molina ,
&
Vatet.
citati
a Cor-
ncl. in
locum
Epist.
D Pe-
tri.

& conferve em sy os nomes de todos os Fieis, que nelle estão escritos. Até aqui a Igreja Catholica, a qual nestas palavras suppoem huma cousa, & pede outra. Suppoé, que só Deos conhece o numero dos Predestinados, que he a Presciencia Divina immutavel, & infallivel, com q̄ só a Deos, como diziamos, he reservado o conhecimento, & numero dos que se hão de salvar. Mas o que pede, não obstante este conhecimento, he, que os que estão escritos no Livro da Predestinação, se não mudem, nem riscuem, & sejaõ conservados nelle. Pois se já estão escritos no Livro da Predestinação, como se podem mudar, ou riscar, ou tirar do mesmo Livro? Porque as letras, com q̄ os Fieis se escrevem no Livro da Predestinação, são as nossas boas obras. É porque os q̄ hoje obramos bem, à manhaã podemos obrar mal, & os que hoje estamos em Graça, à manhaã podemos cair della: porisso assim como as boas obras, & a Graça, nos escrevem naquella Livro, assim as más obras, & os peccados,

nos riscão delle. Hé o que disse admiravelmente David, fallando dos que obraõ mal: *Deleantur de Libro viventium: Psal. 68.2* & cum justis non scribantur: sejaõ riscados do Livro da vida, & não sejaõ escritos com os justos. Porisso muitos Theologos doutamente distinguem o mesmo Livro da Predestinação em duas partes, huma da Predestinação inchoada, que consiste nas boas obras, & Graça presente, & outra da Predestinação perfeita, & consummada, q̄ consiste nas boas obras, & Graça perseverante até o fim.

350 E que Christão haverá tam sem Fé, & sem juizo, que estando na sua mão o estar, & perseverar escrito no Livro dos Predestinados, por sua propria vontade, & por não querer cooperar com a Graça Divina, que sempre está prompta, queira ser riscado delle? Que razão, que motivo, que interesse, ha neste mundo, ou em mil mundos, q̄ Deos criára, pelo qual se houvesse de fogueitar, nem arriscar hum homem a ouvir de sy aquella tremenda voz? *Deleatur de Libro viventium:*

Reys foraõ, & grandes Monarchas, aquelles tres, que reynáraõ entre Joram, & Ozias: mas que lhe aproveitou o reynar, que lhe aproveitou o Cetro, & a Coroa, que lhe aproveitou o Imperio, & adoraçaõ dos vassallos, & a reverencia, & temor dos estranhos, que lhe aproveitou a grandeza, a Magestade, a riqueza, a potencia, os exercitos, as vitorias: se no cabo todos tres foraõ riscados dos Livros de Deos, & lançados fóra como reprobos: *Joram autem genuit Oziam?*

XIII.

351 **B** Em creyo, que ninguém haverá dos presentes, que não tema ser riscado dos mesmos Livros, & não dezeje sobre tudo estar, & perseverar escrito nelles, & ser do numero dos Predestinados. Só faltava saber o modo, & meyo efficaz para fermos admittidos, & contados neste bemaventurado numero: mas este foi o emprego de todo o nosso Discurso, & isto nos mostráraõ, & proyáraõ, assim em commum,

Tom. 6.

como em particular, todos os numeros, de que se compoem o Rosario; pois todos elles, sendo tantos, & tam varios, se uniráõ em hũ só fim, q̃ foi promettermos a Bemaventurança. E posto que os fundamentos foraõ tam diversos, como as significações dos mesmos numeros; nesta peroraçaõ, ou epilogo, como quem no fim das contas tira a soma dellas, acabo com dizer, que todas as do Rosario se resumem a dous sinaes da Predestinaçaõ, os maiores, & mais calificados, que pòde haver, para quantos quizerem ser do numero dos Predestinados.

352 O primeiro sinal da Predestinaçaõ, he a primeira parte do mesmo Rosario, que consiste nos Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçaõ do Filho de Deos, que meditamos. He fundado, & tirado este sinal da mesma formalidade intrinseca da Predestinaçaõ. Como predestinou Deos a todos os homens? O mesmo Deos o revellou a S. Paulo, & S. Paulo à Igreja: *Quos prescivit, & predestinavit conformes fieri imaginis*

X

Filijs

Rom.
8.29.

Filij sui. Todos os que Deos predestinou, foraõ aquelles, que antevio aboeterno, que se haviaõ de conformar com a imagem de seu Filho, & fazerse semelhantes a elle como exemplar da mesma Predestinação. Porisso a Soberana Mãy do mesmo Filho, como tam allumiada em todos os arcanos divinos, & como aquella, que disse de sy: *Cum*

Prov. 20 eram cuncta componens: a 8. 30. primeira cousa, que fez na composição do Rosario, foi pôrnos diante dos olhos, naõ hũa, senão quinze imagens do mesmo Filho de Deos, cinco nos Mysterios Gozosos, cinco nos Dolorosos, & cinco nos Gloriosos: para que contemplandoo em tam diversas figuras, nos retrataffemos por aquella, a que mais se inclinasse o nosso affecto, & imitandoo na Vida, & na Morte, o seguiffemos na Subida ao Ceo, que he o fim glorioso de todos os Predestinados. Là dissemos, que estes quinze Mysterios se representavaõ nos quinze degrãos do Templo, onde se cantavaõ os quinze Psalmos, porisso chamados Graduaes. Agora

denovo se deve advertir, que o Texto Grego lhe chama *Gradus ascensionum*; mas com hum tal nome, que significa grãos de subir, & naõ de descer. A escada de Jacob tinha degrãos, por onde se subia, & descia: *Ascendentes, & descendentes*: porẽm esta he hũa escada, por onde só se sobe, & naõ se desce, felicidade só propria dos perfeitamẽte predestinados para a Bemaventurança. *Illa enim ascendentes habuit, & descendentes; in istis vero gradibus Beatorum solus ascensus est*: diz, sobre o mesmo Texto Grego, Cassiodoro.

Ubi supra.

Cassiodorus ibi.

353. O segundo final da Predestinação he a segunda parte do mesmo Rosario, em que tantas vezes, quantas repetimos as mesmas orações, laudamos, & louvamos a chea de Graça, & nos metemos debaixo de sua poderosissima protecção. Ser esta protecção da Virgem, Senhora nossa, hum dos mais certos sinais da Predestinação, cousa seria infinita citar os Autores, que assim o affirmam, & os lugares da Escriptura, com que o provaõ.

Entre

Entre todos são insignemênte mysteriosas aquellas palavras do Ecclesiastico, em que Deos fallando com sua Mãy, lhe diz, que lance raizes nos seus

Ecclesi. Predestinados: In electis meis
24.13 *mitte radices.* O lançar rai-

zes, he propriedade tômente das plantas. E q̄ planta he, ou pôde ser aquella, por meyo da qual a Mãy de Deos lança raizes nos Predestinados, senão a plâta da Rosa: *Quali plantatio Rosæ in Iericho:* A

Ibid.
18.

Rosa não tem raizes, a Roseira, & o Rosal sim. E o Rosario não tomou o nome da Rosa, senão do Rosal, que isto quer dizer, *Rosarium*: não tomou o nome da flor, senão da planta, que he a que lança as raizes: *In electis meis mitte radices.* Tam sabido, como celebre, he o milagre daquella planta, que nascendo em hũa sepultura mostrava escrito em todas as folhas com letras de ouro, *Ave gratia plena.* Caváraõ para ver donde nalcia, & acháraõ, que tinha as raizes na boca de hũ defunto, o qual havia sido Soldado, tam rude, & de pouca memoria, que nunca soube dizer mais que, Ave Maria

chea de graça, saudando, lo com estas poucas palavras, mas muito frequentemente, a Rainha dos Anjos. E se quatro palavras de Ave Maria lançaõ tam fortes, & maravilhosas raizes: Vede o que faraõ cento & sincoêta Ave-Marias plantadas todos os dias, & todos os dias regadas com a graça da chea de graça. Ditosos, & Bemaventurados aquellos, que tam certas, & tam bem fundadas prendas tem de sua Predestinação, & Salvação.

354 Nunca se perdéraõ mais homêes, nem se salváraõ menos, que no Diluvio. E elles poucos, que se salváraõ, onde tiveraõ segura a salvação? Na Arca de Noé, a que se recolhéraõ. Pois assim como Noé edificou a Arca, para que se salvassem todos, os que a ella se acolhessem: assim a Providencia, & Misericordia de Christo nos deu a Maria, figurada na mesma Arca, diz S. Bernardo, para que todos, os que se valerem de seu amparo, se salvem: *Ar-*

Bern.

ca Noe significavit excellentiam Mariæ, sicut enim per illam omnes evaserunt Diluvium,

sic per istam peccati naufragium. Nesta palavra *Naufragium* reparo muito. Para os que se embarcãõ se livrarem dos naufragios, não basta, q̃ a não seja grande, forte, & poderosa. E nenhuma não houve no mundo mais arriscada a naufragar, q̃ a Arca de Noè; porque o mar, em que navegava, era sem comparaçãõ maior que o Oceano, a tempestade não durou hum só dia, ou tres, ou nove, como costumaõ, senãõ quarenta dias continuos de dia, & de noite, & os baxios, em que podia topar, & fazerle pedaços, eraõ quantos montes, & terras havia em todo o mundo. Sendo pois tantos os perigos, que ameaçavaõ naufragio à Arca, porque se salváraõ, todos os que nella se recolhéraõ? Porque a Arca no Diluvio, não só significava a Virgem, Senhora nossa, senãõ a mesma Virgem Senhora com os Mysterios, & numeros do seu Rosario. Sobre todos os montes, onde podia perigar, ou naufragar a Arca, diz o Texto Sagrado, que a agua se levantou quinze covados a cima: *Quinde-*

cum cubitis altior fuit aqua super montes, quos operuerat. E 7. 20. quando à Arca, que, como vimos, he a Virgem, Senhora nossa, se ajútaõ os Mysterios, & numeros do seu Rosario, ainda que o mundo todo perigue, & se affogue, todos os que se acolhem a ella, se salvaõ; porque todos por este meyo se fazem do numero dos Predestinados.

355 Não deyxarey comtudo de advertir por fim, que para que a Senhora do Rosario nos alcance, & segure esta graça, he necessario, q̃ nós rezemos, & meditemos o mesmo Rosario com aquella attençaõ, & applicaçãõ, que elle, & a mesma Senhora requerem. Lã deixamos ditto com Santo Ambrosio, & S. Gregorio, que aquella rede, que se lançou à mão direita, & recolhéo sómente os escolhidos, & predestinados, era o Rosario. Mas diz, & nota o Texto, o que entãõ não ponderey, & reservey para agora, que sendo tantos, & tam grandes os peixes, a rede não se rompéo: *Cum tanti essent, non est scissum rete.* A rede rota 21. 11. não pesca. Se o Rosario, ou

no que se reza, ou no que se medita, se rompe, ou interrompe com a vagueação de outros pensamentos, & outros cuidados, & tal vez com a irreverencia de outras conversações: que se pôde esperar de tal devação, que antes offende, do que agrada ao mesmo Senhor, & à mesma Senhora, a quem pedimos, & de quem esperamos a salvação? Rezemos pois o Rosario, & meditemos seus Sobe-

ranos Mysterios com a attenção, applicação, & devação, que he devida a ambas as Magestades, com que fallamos. E deste modo teremos sem duvida do numero dos Predistimados, & se escreverão nossos nomes nos Livros de Deos, sem perigo de já mais ser riscados delles; como foraõ os dos tres excluidos, que infelizmente reynarão entre Joram, & Ozias: *Joram autem genuit Oziam.*

FINIS.





S E R M A M

X X V.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera, que
suxisti. Luc. 11.*

I.

356



UM dos ti-
tulos mara-
vilhosos, cõ
que nas Sa-

gradas Letras se nomea, & celebra a Magestade Divina, he o de Deos das vinganças:

Deus ultionum. E porque se chama Deos das vinganças, o que he Pay das misericordias, & fonte de todos os bens?

Chamase Deos das vinganças, porque a vingança he Regalia propria da Divindade: & quem se quer vingar por sy mesmo, toma a Deos a jurdição, que he sua: *Mea*

est iustio. Chamase Deos das

vinganças, porque as injurias,

que os poderosos fazem aos pequenos, de que elles se não podem defender, Deos tem tomado por sua conta o vingallas: *Mihi vindicta: Ego retribuam.* Chamase finalmente Deos das vinganças, porq̃ os homês, quando se vingão, chegaõ, quando muito, a tirar a vida: & as vinganças de Deos duraõ por toda a Eternidade, como o mesmo Deos: *Quia fortis ultor Do-*

minus.

Chamase Deos das vinganças, porque a vingança he Regalia propria da Divindade: & quem se quer vingar por sy mesmo, toma a Deos a jurdição, que he sua: *Mea est iustio.* Chamase Deos das

vinganças, porque as injurias,

que os poderosos fazem aos pequenos, de que elles se não podem defender, Deos tem tomado por sua conta o vingallas: *Mihi vindicta: Ego retribuam.* Chamase finalmente Deos das vinganças, porq̃ os homês, quando se vingão, chegaõ, quando muito, a tirar a vida: & as vinganças de Deos duraõ por toda a Eternidade, como o mesmo Deos: *Quia fortis ultor Do-*

minus.

357 Isto he o que communmente dizem os Interpretes. Mas Eu combinando a Festa presente com o Evangelho, que nella nos propoem a Igreja, acho outro novo, & maior titulo, & mais proprio da

da

Psal.
93. 1.

Dent.
32-35

Rom.
12. 19

Jerem.
51. 56

da Divindade, & Magestade de Deos, porque elle se quiz chamar Deos das vinganças. E qual he? Ser Deos tam encosadamente vingativo, que quando as blasfemias dos homês levantaõ falsos testemunhos contra elle, elle em certo modo faz verdadeiros os mesmos falsos testemunhos em beneficio dos mesmos homês, para assim se vingar de seus calumniadores. Isto sim, que he ser Deos das vinganças; porque taes vinganças só se podem achar em Deos. Chamáraõ os homens a Christo Samaritano: & Christo com que se vingou desta injuria? Fazendose Samaritano seu. *Samaritanus*, quer dizer *Custos*, o Guardador: & havendo nas ovelhas tal roinha, Christo se fez guardador dellas. Desprezavaõ os homês a Christo, chamando-lhe Carpinteiro, & filho de outro: & Christo, Filho do Supremo Artifice do Universo, como se vingou deste desprezo? Com lavrar em toda a sua vida o lenho da Cruz, & se deixar pregar nelle para os remir. Murmuravaõ os homens de Christo co-

mer, & beber cõ os peccadores, condenando este modo de os ganhar com os nomes da mais vil intemperãça: *Homo vorax, & potator vini*: & como se vingõu Christo desta afronta? Com lhes dar a comer seu Corpo, & a beber seu Sangue. Assim provava Christo ser Deos com se vingar assim. E o mesmo temos no Evangelho, & celebridade de hoje com maior, & mais admiravel exemplo.

358 Vendo os Escribas, & Faritéos, o famoso milagre do Demonio mudo, chamáraõ a Christo Mago, & Feiticeiro: dizendo, que por Arte Magica, & pacto, que tinha com os Demonios, os lançava dos corpos: *In Beelzebub Principe Dem mor ã ejicit Dæmonia*. E quando os homês tratáraõ a Christo de Mago, & Feiticeiro: cõ q se vingou o Senhor desta tam sacrilega, & blasfema calumnia? Vingouse, como costumava, cõ a fazer verdadeira. Mas de q modo? Fazendo, como Divino Encãtador, q acodisse, & refutasse a mesma calumnia, huma boa, & animosa mulher, q se achava naquelle

Mat.
th. 11,
19.

Luc.
11.
25.

ajuntamento, & levantou a voz, dizendo: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti*: Bemaventurada a Mãy, que trouxe em seu ventre a tal Filho, & o criou a seus peitos. E que seria, se Eu agora dissesse, que esta mulher, & nestas mesmas palavras, foi a que deu principio ao Rosario? De quando começasse esta soberana devação, ha duas opinioes entre os Historiadores Ecclesiasticos. A primeira, & mais commum, refere seu principio aos tempos de S. Domingos: a segunda, & mais antiga, aos da Primitiva Igreja. Mas a minha, que não chamo terceira, por não ser opiniaõ, senão evidencia, he, que começou o Rosario nas palavras desta mulher. Naquelle tẽpo, como Christo ainda não morrera, nẽ resuscitara, ainda não havia os Mysterios Dolorosos da Morte, nem os Gloriosos da Resurreiçãõ do Senhor. Sõ havia os Gozosos da sua Infancia: & estes são, os que a devota mulher comprehendẽ nas suas palavras: no *Beatus venter* o da Encarnaçãõ, & *Visitaçãõ*: & no *Ubera, quæ suxi-*

sti, o do Nascimento, & *Prese*ntaçãõ do Templo. E ajuntou com grande propriedade a mesma Oradora os louvores da Mãy com os do Filho, & os do Filho com os da Mãy; porque esta he a tece-dura reciproca, de que se cõ-poem o Rosario. Desorte, que quando os calumniadores de Christo lhe chamaõ Mago, & Feiticeiro, & quando o Senhor se quer vingar desta injuria com a fazer verdadeira, & lhe mostrar que o era: entãõ, & no mesmo ponto, se deu principio ao Rosario. E porque razaõ, ou com que mysterio? Porque o mesmo Rosario havia de ser a Arte, & Instrumento Magico, com que Christo havia de enfeitigar, & encantar aos homens: & com que os mesmos homẽs depois enfeitiganos, o haviaõ de enfeitigar tã-bem a elle, & a sua Mãy. Está ditto em poucas palavras, o que hey de provar em muitas.
Ave Maria, &c.

II.

359 **N**ÃO ha mentira tam falsa, que se a que-

a quèrem fazer apparente, ou verosimil, se não funde em alguma supposição verdadeira. Tal foi a calumnia, com que os Escribas, & Fariséos do nosso Evangelho blasfemárao o milagre de Christo, dizendo, que lançara o Demonio mudo em virtude, & com poder de Beelzebub Princepe dos Demonios: *In Beelzebub Principe Demoniorum eiecit Demonia.* Suppunhaõ, q̃huns Demonios são mais poderosos que outros: & esta supposição he verdadeira; porque como os Demonios, que seguiráo a rebelliáo de Lucifer, tinhaõ sido Anjos de todas as Gerarchias, assim como os Anjos de Gerarchias superiores são mais poderosos que os outros Anjos, assim os Demonios das mesmas Gerarchias são mais poderosos que os outros Demonios. Daqui se segue o que os mesmos Escribas, & Fariséos, igualmente quizeráo inferir: que se ha hús Demonios mais poderosos que outros Demonios, também ha hús Feiticeiros mais poderosos q̃ outros Feiticeiros. Assim se vio antigamente em muitos

Theatros, principalmente da Germania, onde os Feiticeiros, & Magos (como as feiras, ou Gladiadores no Amphitheatro de Roma) sahiao a se competir, & ostentar os poderes da sua Arte, & com invenções, não só estupendas, mais jocosas, hús triunfavaõ com aclamações, & applausos, & outros ficavaõ vencidos. E a razaõ desta tam notavel differença, não era outra senáo, a maior, ou menor sabedoria, & sutileza, & o maior, ou menor poder dos Demonios, com que os mesmos Feiticeiros tinhaõ pacto, & dos quaes eraõ instruidos, & governados. Mas se houvesse hum Feiticeiro, hū Mago, & hum Encantador, o qual se governasse, & obrasse por mais alta sabedoria, & mais absoluto poder, que o de todos os Anjos, & o de todos os Demonios, não ha duvida, que este Feiticeiro venceria a todos os Feiticeiros, este Mago a todos os Magos, & este Encantador a todos os Encantadores.

360 Isto supposto, pergunto agora. E ha no mundo este tal Mago, & este tal Encantador,

cantador, cujos feitiços ven-
gão os de todos os Feiticeiros,
& cujos encantos os de todos os Encantadores? Sim
ha, diz Santo Ambrosio. E
quem he? O mesmo Christo,
Deos, & Homem, a quem os
Escribas, & Fariseos calu-
mniaraõ de Feiticeiro, & Ma-
go. As palavras do grande
Doutor da Igreja são estas:

*Multi tentant Ecclesiam, sed
Magicae Artis carmina ei nocere
non possunt. Nihil Incantatores
valent, ubi Christi canticum
quotidie decantatur. Habet
Incantatorem suum Dominum
Iesum, per quem Magorum
incantantium carmina, &
serpētum venena vacuarit, &
ipse sicut Serpes exaltatus de-
voret colubros Aegyptiorum.*
Cuydais, que só nas Synago-
gas do Demonio, que são as
Escollas da Arte Magica, ha
Feiticeiros, & Encantadores!
Enganaivos, diz Ambrosio,
porque tambem a Igreja tem
o seu Encantador, que he
Christo Jesu, contra o qual
nenhũa coula valem todas as
Artes Magicas, & Encantos.

Exod.
7. 12.
& 8. 3
18. 19

Bem sabeis o que fez Moysés
no Egypto. Pois assim como
Moysés não somente venceu

as serpentes dos Feiticeiros,
& Magos de Faraó; mas en-
cantou aos mesmos Encanta-
dores, tirandolhe toda a arte,
& toda força: assim o nosso
Divino Encantador Christo
com mais poderosos, & in-
venciveis encantos, não só
desfaz todos os feitiços, mas
enfeitiça; & encanta os mes-
mos Encantadores.

361 Em prova destes
encantos contra encantos, &
destes feitiços cõtra feitiços,
he tam raro, como proprijs-
simo caso, o que refere S. *Nazi-*
Gregorio Nazianzeno. Justi- *anz.*
na, Virgẽ consagrada a Deos, *Orat.*
foi solicitada para as vodas *18. in*
por hum Mancebo rico, & *landē*
nobre, ao qual como não a- *S. Cypri*
proveitasse nada todos a *Adver-*
quelles meyo, & extremos, *tar Le-*
de que o amor ardentemen- *ctor,*
te empenhado se costuma va- *Cypria-*
ler, comprou a hum insigne *num il-*
Mago, chamado Cypriano, *lum nō*
para que com os mais pode- *esse illū*
rosos, & efficazes feitiços o a- *Car-*
judasse a conquistar a vontade, *thagi-*
que não podia render Fel- *nentem*
lo assim Cypriano, tomam- *Episco-*
do por instrumento, não al- *pum,*
guma velha (diz o Santo) que *quan-*
costumaõ ser as mais destrus *vis id*
ex falsa
historia
suppo-
natur,
sed Ma-
gum e-
iusdem
nomi-
nis.

neste

nesto exercicio; mas hum Demonio dos que tem a seu cargo, & por officio, exercitar nos corações o amor profano, o mais industrioso, & astuto de todo o Inferno. Sentio a innocente Virgem o infernal incendio, & não bastando para o apagar, os jejuns, as penitencias, & as outras armas da Milicia Espiritua, com q̃ a rebeldia dos appetites se sujeita ao imperio da razaõ: que faria? Invoca por ultimo remedio o soccorro de seu Esposo Christo, & da Virgem Maria Defensora da Castidade: mas com que successo? Com o mais admiravel, & exquisito, que nem imaginar se podia. Desfeita subitamente por virtude de Christo a força dos feitiços, & desencantados os encantos, o Demonio, que asoprava o fogo, não só fugio, & deixou livre a Justina, mas entrando no mesmo Mago Cypriano, que o chamára; & atormentandoo fortemente, se vingava nelle da empreza, em que o tinha metido. E já temos encantado o Encantador.

362 Falta agora, que o amor do inferno, que o Ma-

go queria acender em Justina, se transforme em amor do Ceo, que abraze a elle: & que o fogo, que havia de queimar a innocente, queime as mesmas Artes Magicas, que eraõ as culpadas. E tudo succedeb assim. Reconhecendo Cypriano, que havia outro Encantador mais poderoso, & que este era o Deos dos Christãos, assim como Saul se valia de David, & da sua harpa contra o Demonio, que o infestava: assim elle (prosegue Nazianzeno) se valéo de Christo, & de sua Santissima Mãe contra o mesmo Demonio, que tinha invocado, & agora o atormentava: o qual tambem logo fugio d'elle: & elle pondo o fogo a todos os livros, & instrumentos da Arte Magica; trocou o amor, para que o tinhaõ comprado, em amor do mesmo Christo, & ficou tam enfeitado dos seus encantos, que não só reebéo a sua Fé, fazendo se Christão, mas deu por elle a vida, sendo Martyr. Até aqui o grande Doutor, entre todos os da Igreja por antonomasia o Theologo, em hũa eloquentissima Oração, em que conclue

1. Reg.
16.23

clue toda a narração do caso com esta sentença : *Divina enim Sapiencia contraria per contraria procurare novit , ut maiorem sui admirationē mortalibus excitet* : porque Deos para maior admiração de sua sabedoria mostra , que sabe curar huns contrarios com outros contrarios ; isto he , huns feitiços com outros feitiços , huns encantos com outros encantos , & hũa arte cõ outra arte. *Ut ars arte , veneficium veneficio , & incantatio incantatione vinceretur* : comenta hum douto Expositor do mesmo Nazianzeno.

III.

363 **E**M summa , que por sentença , & autoridade dos deus grandes Doutores da Igreja , Ambrosio da Latina , & Nazianzeno da Grega , não só temos a Christo no nome , & no exercicio Encantador , como lhe chamáraõ os Escribas , & Fariséos , mas tam sabio , tam poderoso , & tam excellente Encantador , que com seus feitiços desfaz todos os feitiços da Arte Magica , & com

os seus encantos enfeitiça , & encanta os mesmos Encantadores. Segue-se agora ver , quaes sejaõ os instrumentos , de que o mesmo Encantador Soberano se ajuda , ou mais verdadeiramente se serve , para assim enfeitiçar os que enfeitiça , & encantar os que encanta. E posto que os mesmos Sãtos não pudéao dizer nomeadamente que he o Rosario , porque ainda em seu tempo o não havia ; das suas mesmas palavras se colhe , não só sem violencia , mas com grande propriedade , & clareza.

364 Santo Ambrosio diz , que Christo foi figurado Encantador em Moysés , quando venceu , & confundio os Magos do Egypto , S. Gregorio Nazianzeno , que foy figurado em David , quando lançava o Demonio do corpo de Saul. E quaes foraõ os instrumentos , com que Moysés , & David , alcançaraõ estas victorias contra a Arte Magica , & contra o Autor della ? O instrumento de Moysés foi a Vara , o de David foi a Harpa : & em hum , & outro instrumento , maravilhosamente se representáraõ as duas partes.

Velasquez
in Maria
Ad vocata
nostra
lib. 4.
adnot.
8.

Ubi
supra.

partes, de que he composto o Rosario. A Vara, era instrumento mudo; a Harpa era instrumento com vozes : & tal he propriissimamente o Rosario nas partes, Mental, & Vocal, de que se compoem. Na parte Mental he instrumento mudo, porque mudamente meditamos os Mysterios : na parte Vocal he instrumento com vozes, porque com vozes rezamos as orações. Mais disserão ambos os mesmos Doutores. Ambrosio diz: *Nihil Incantatores valent, ubi Christi canticum quotidie decantatur* : nenhuma cousa valem os feitiços de todos os Encantadores, quando todos os dias se canta o cantico de Christo. É que cantico de Christo he este, que se canta todos os dias, senão o Rosario? Cantico de Christo; porque todo he formado, & composto dos Mysterios de Christo: & cantico de todos os dias; porque todos os dias se reza, & se repete sem mudança, nem variedade, o mesmo. Nazianzeno diz: *Contraria per contraria procurare novit* : que os instrumentos, de que usa o Divino En-

cantador Christo, são totalmente contrarios aos encantos dos Magos: & não ha instrumento mais contrario, nê mais oppolto, ou contrapolto em tudo às superstições da Arte Magica; que o mesmo Rosario, assim na sustancia, como no modo.

365 Quanto à sustancia. Os Magicos, & Feiticeiros (para o Demonio, que os governa, melhor enganar aos homens, & mais offender a Deos) a materia, de que costumão usar em seus encantos, são commumente cousas sagradas, & palavras santas. Quantas vezes se tem visto, q̄ instigados do mesmo Demonio tem chegado a roubar occultamente Hostias consagradas, para abusarem dellas em seus encantos: permitindo Deos estes horrendos sacrilegios, não sóem castigo dos grandes peccados, que a Divina Justiça costuma castigar com a permissão de outros maiores; mas para que o mesmo Demonio ensine aos Hereges, que os commettem, que debaixo daquelles accidentes se occulta o verdadeiro Corpo de Christo, a quem

os Demonios tem tanto odio, que antes quizeraõ cair do Ceo, que adoralo. E que palavras são, as que se tem, ou não entendem nos carecteres, ou Hebraicos, ou Gregos, ou Latinos, das suas invocações Magicas, senão as palavras, ou sentenças mais sagradas, & divinas, ou expressas da Escritura, ou compostas della? E como a materia, de que a Arte Magica usa em seus encantos, são cousas no exterior, & palavras santas; para q̃ o artificio do Rosario fosse com toda a proporção contrario, & opposto, contrapondo cousas a cousas, & palavras a palavras (mas hũas, & outras de superior, & invencivel virtude;) nem as cousas podiaõ ser mais sagradas, que os Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçãõ de Christo, nẽ as palavras mais santas, & as invocações mais poderosas, que as do Padre nosso, & Saõtação Angelica. Isto quãto à sustancia.

366 Quanto ao modo. He preceito inviolavel, & superstição propria da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus encantos,

seja sempre em numero desigual. Balaam, como lhe chama a Escritura, era Feiticeiro: *Balaam filium Beor ariolũ.* ^{Nu. mer. 22.5.} Peitou o Rey Barac, para q̃ com seus feitiços, & encantos, enfraquecesse as forças do exercito de Isarel, que tinha à vista: & elle ordenou primeiramente, que se levantassem sete altares, & logo que para o sacrificio se lhe tivessẽ preparados sete bezeros, & outros tantos carneiros, nomeadamente do mesmo numero: *Edifica mihi hic septem aras, & para totidem vitulos, eisdemque numeri arietes.* ^{Nu. mer. 23.29}

Neste numero, finalado sempre o mesmo, declarou bem o Feiticeiro, quanto importava para o effeito dos feitiços o mysterio, ou superstição do numero. Sete altares; sete bezeros, sete carneiros: & porque não seis, nem oito; senão sete? Porque a Arte Magica de nenhum modo se serve de numeros iguaes, ou pares, senão sempre de numero desigual, ou impar. Assim o vemos em Ovidio nos feitiços ^{Ovi.} de Medea, em Lucano nos ^{Lucanus.} feitiços de Erictho, & em ^{Virg.} Virgilio nos de Maga, q̃ enfeitiçou

feitizou a Daphnis. Dã a razão o mesmo Príncipe dos Poetas, dizendo:

Virgilius E. clog. 8. *Terna tibi hæc primùm triplici diversa colore*

Licia circumdo: terque hæc altaria circum

Effigiem duco. Numero Deus impare gaudet.

Onde debaixo do nome, Deus, se entendia o mesmo Autor desta superstição, o Demônio, a quem os Genticos adoravaõ como Deos nos simulacros dos Ido'os. E era tanta a fé, que todos tinhaõ nesta desigualdade do numero, parã conseguir o que dezejavaõ, que naõ só os Pastores nos rebanhos observaõ, que as rezes nunca fossem partes; mas até os Soldados, como refere Vegecio, quando abriãõ o fosso aos muros, ou trincheiras dos arrayaes, segundo o maior, ou menor numero dos inimigos, ou o faziãõ de nove pés, ou de onze, ou de treze, ou de dezafete: *Fossam aperiant latam, aut nouem, aut undecim, aut tredecim pedibus; vel, si maior aduersariorum numerus meluitur, pedibus decem & septem: imparem enim nu-*

merum observare moris est. Sendo pois a superstição do numero desigual tam propria da Arte Magica, & o Rosario o instrumento, com q̃ o Divino Encantador Christo a havia de destruir; para que tambem de numero a numero fosse proporcionada a opposição de hum feitiço a outro feitiço, & de hum encanto a outro encanto; esta he a propriedade maravilhosa, cõ que foi, naõ só conveniente, mas necessario, que tambem o Rosario, assim nos Mysterios, como nas orações, de q̃ he cõposto, guardasse a mesma desigualdade dos numeros. As partes, em que se divide; tres; os Mysterios, naõ quatorze, nem dezafeis, senaõ quinze: & desses Mysterios os Gozosos sinco, os Dolorosos sinco, os Gloriosos sinco: & que até às decadas das Ave-Marias se acrescentasse hũ Padre nosso, para que as orações fossem onze.

367 Nem deve parecer esta observação demaziadamente especulativa, ou nova, ou inventada livremente; porque antes seria defeituoso o artificio do Rosario, se a arte

te do segundo Encantador se não oppuzesse em tudo à do primeiro. O primeiro Encantador, que houve no mundo, foi o Demonio, transformado primeiro na Serpente, para encantar a Eva, & depois transformado em Eva para encantar a Adam. E que fez o segundo Encantador Christo, para desfazer o que tinha feito, ou enfeitigado o primeiro? Notou tudo, & decretou consigo, não de o vencer de poder a poder (q̄ fora pouca gloria) mas de o enganar, & encantar de arte a arte.

Ecclef. Assim o cáta a Igreja: *Mutiformis proditoris ars ut artem falleret.* Pois assim como Christo se figurou na Serpente do Deserto para cõtrapor Serpente a Serpente: & assim como morréo em huma Cruz para contrapor arvore a arvore: & assim como foi pregado nella ao meyo dia para contrapor hora a hora (porque ao meyo dia foi vencido Adam, como se colhe do Texto: *De ambulantis in paradiso ad auram post meridiem*: assim foi conveniente, & necessario, q̄ no ultimo instrumento, & encanto universal do Rosario,

ordenado para desfazer todos os feitiços do Demonio, o numero tambem se contrapuzesse ao numero, & o desigual ao desigual, & por este modo se correspondessem, & contrariassem em tudo huma arte com outra arte: *Ars ut artem falleret.*

IV.

368 **T**Emos visto em commum, não só a Christo Soberano Encantador; mas quam proprias são, segundo a arte, assim na materia, como na disposiçãõ, to las as proporções, que cõcorrem no Rosario para ler o instrumento dos seus encantos. Agora vejamos em particular por todos os Mysterios do mesmo Rosario, quam maravilhoso he o mesmo Encantador na pratica, & exercicio delles, & quam effcaz, & poderosamente enfeitiga, & encanta.

369 Começando pelos Mysterios Gozofos, que são os da Infancia de Christo, fallando da mesma Infancia o Profeta Isaias, diz assim: *Delectabitur Infans ab ubere su-* *Isai*
11. 8.
per

Ibid. 1
per foramine aspidis. Não he duvida, que falla o Profeta do Nascimento de Christo, como se vé claramente de todo o Texto, que começa: *Egredietur virga de radice Iesse: &* diz, que o bello Infante desde os peitos de sua Mãy meterá a mão nas covas, & cavernas dos aspides, & os domará, & fará tam mansos, que brincarà com elles. Quam proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amansar as serpentes, não he necessario citar Autores, pois nenhum ha, q̄ o não diga. Mas porque razão neste caso entre todas as serpentes faz menção Isaias do aspid, mais que de outra: *Delectabitur Infans super foramine aspidis?* Porque he o maior encarecimento, cō que podia exagerar quam grande Encantador he Christo Minino sobre todos os Encantadores mais sabios. David lhe tinha dado o argumento, quando disse: *Sicut aspidis surdæ, & obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, & venefici incantantis sapienter.* Todos os Santos, & Expositores, segundo a tradiçã cõmum,
 Tom. 6.

que val mais que a autoridade de Plinio, & Eliano, dizem, que alludio o Profeta nesta sentença ao instinto natural do aspid, o qual presentindo a efficacia das palavras magicas, com que os Feiticeiros encantaõ, & amansã as serpentes; elle achandose sem mãos com que tapar os ouvidos (como os Compañheiros de Ulysses contra o encanto das Seréas) prega fortemente hum ouvido na terra, & cerra o outro com a pōta da cauda, & fazendose por este modo totalmēte surdo, vence com a sua arte natural a Arte Magica do Feiticeiro, & se livra dos seus encantos. Porisso diz David, q̄ por muito sabio que seja o Encantador, não pôde encantar o aspid: *Sicut aspidis surdæ, & obturantis aures suas, quæ non exaudiet vocem venefici incantantis sapienter.* De sorte, que os Encantadores muito sabios sabem, & podē encantar as outras serpentes: o aspid para não ser encantado, sabe, & pôde mais que os Encantadores: porẽm o nosso Minino Encantador, sabe, & pôde mais que os aspides:

des: *Delectabitur Insans super foramine aspidis.* O que para os outros Encantadores he impossivell, para o nosso Encantador he jogo.

370 Já agora senão admirará o mundo de ver apear ao Portal de Belem os tres Reys Magos com todas as suas tropas, adorando no Presépio, & entre as palhas, o Divino Encantador recém nascido. Santo Agustinho, S. Hieron. Jeronimo, S. Chrystomo, S. Chrys. Santo Ambrosio, & Santo Amb. Santo Thomàs, dizem, que estes Thom. Magos, não só eraõ Astrologos, senão verdadeiramente Feiticeiros, & Encantadores. Mas muito mais sabio, & muito mais poderoso Encantador he que elles, o que mundo, & sem fallar palavra, por hũa Estrella tambem muda, os trouxe desde o Oriente, & os poz a seus pès rēdidos. Esta foi a razão, porque o Evā-
2. D. gelista, sendo Reys, lhe não chamou Reys, senão Magos; porque maior glória foi para Christo Infante a victoria da sua Arte, que a sojeição das suas Coroas.

371 Passando aos Mysterios Dolorosos. Disse Chri-

sto em sua vida, que quando fosse levantado na Cruz at-
to. 2. teahuria tudo a sy: *Si exalta- 2. 33*
tus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. Esta he outra grande maravilha dos poderes da Arte Magica, com q̃ Amphion, famoso Mago, deu tam celebrada materia às Fabulas dos Poetas. Dizem el-
Textor. les, que com a consonancia, in Offic. & harmonia dos versos, que tom. 2. cantava, levava apoz sy os verb. penhascos, & os bosques. A Vene. verdade he, que Amphion fici.
arrancava de seu lugar as arvores, & abalava, & movia as pedras; porém não era como Musico com as vozes do seu canto, senão como valentissimo Feiticeiro com a força dos seus encantos. Mas que tem isto que ver com os do nosso Encantador crucificado, ou exaltado na Cruz? Tudo disse, que entãõ havia de attrahir a sy: *Omnia traham ad me ipsum.* E assim foi, diz Ruperto: porque trouxe a sy o Ceo, trouxe a sy a Terra, Rupert & trouxe a sy o Interno. O Mat-
Geo, ecclipsandose, & vestin- th. 27. dose de luto o Sol, & cobrin- 45. 51 do o mundo de trevas: o In- 52. 53 ferno, saindo do Seyo de Abraham

braham muitos dos que la esperavaõ aquelle dia, & apparecendo resuscitados em Jerusalems: a Terra, tremendo toda, & quebrandose de dor as partes mais insensiveis, & duras della, que saõ as pedras. Mas não foi isto só o q trouxe, ou attrahio a sy, como bẽ ponderaõ Santo Agustinho, & S. Cyrillo. Com as quatro pontas, ou cabos da Cruz, desde o Oriente ao Poente, & desde o Septentrião ao Meyodia, trouxe a sy as quatro partes do mundo: & com os caracteres Hebraicos, Gregos, & Latinos do Titulo, trouxe a sy todas as Linguas, todas as Nações, & todas as Gentes do Universo.

372. Com outro intento lhe puzeraõ de hum, & outro lado na Cruz outros dous Crucificados: mas este mesmo foy hum novo mysterio, & o maior dos seus encantos. Circe, famosa Encantadora, transformava os homẽs em brutos: & estes effeitos, posto que apparentes, bem mostravaõ ser da arte do Demonio, que assim o tinha feito no primeiro Homem: *Hom.*

paratus est jumentis, & simi-
lm factus est illis. Porém o nosso Divino Encantador quiz morrer entre dous homẽs, havendo nascido entre dous brutos, para que conhecessemos, que os seus encantos, & transformações, não eraõ para fazer de homẽs brutos, senão de brutos homẽs. Nabucodonozor, primeiro transformado em bruto, & depois reformado em homem, foi obra da mesma mão, primeiro justa, & depois piedosamente Omnipotente: mas no genero humano não foi assim. O Homem transformado em bruto, foi obra da Magica do Demonio, & bruto reformado em Homem, victoria dos encantos de Christo.

373. Estes saõ os feitiços da sua Cruz, & de todos os outros instrumentos dos Mysterios Dolorosos. Lembra-me'a este proposito, que accusado de Feiticeiro hum Lavrador Romano, pela excessiva fertilidade com que as suas lavouras se aventajavaõ às de todos, confessou elle ingenuamente o crime em presença do Senado:

Ang.
Cyrill.

Dim. 4
30. &
legg.

Homer
Odyss.
lib. 10.

Psal.
48. 13.

mo cum in honore esset, com-

& perguntado, quaes eraõ os seus feitiços, pedio de espaço aquella noite para responder. Ao outro dia appareceo no mesmo lugar; carregado de arados, de grades, de enfi-nhos, de enxadas, de podões, de fouces, & de todos os outros instrumentos rusticos, & lançãdoos diante dos Senado-

Plin. Secūd. Histōr Mund lib. 18. cap. 6. disse: *Veneficia mea, Quis- rites, hæc sunt*: Padres Conf-criptos, estes saõ os meus feitiços. Isto mesmo faz o Ro-fario nos Mysterios Doloro-fos. Poemnos diante dos o-lhos a Christo carregado com a Cruz, com a Coluna, com a Lança, com os Açoutes, cõ os Cravos, com os Espinhos, & com todos os outros in-strumentos, & tormentos de sua Paixaõ: & dizendonos o mesmo Senhor com a boca amargada de fel, & o cora-ção aberto: *Veneficia mea hæc sunt*: estes saõ os meus feiti-ços: Que coraçaõ haverá tam duro, & tam de aspid, que se não deixe enfeitiçar, & en-cantar delles?

374 Finalmente, os My-sterios Gloriosos, em que ve-mos a Christo subindo ao Ceo, a quem não arrebatã-

rão, & darão azas. Os Feiti- ceiros, quando querem voar, tem certos unguentos, com que le untaõ, & voaõ. Assim voou à vista de toda Roma Simaõ o Mago Samaritano: assi n voou, & desappareceo em presença do Emperador Domiciano Apolonio Tya- néo, que succedéo na Arte, & na Escola a Simaõ: assim voou de Thessalia para Athe- nas, & de Athenas para Asia a antiga Medéa: & assim voaõ as modernas mais cul- padas, & indignas de perdaõ na fé do tempo presente, pois aprendem a Arte do Encan- tador do Inferno, quando pu- déraõ seguir o do Ceo. *Trabe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum*: dizia a Christo a Esposa dos Cantar- es. E quando o disse? S. Ber- nardo: *Anima Sancta contem- plans Christum in Cælum ascē- dentem, clamat: Trabe me post te: tu tecum è valle lachryma- rum in montes æternitatis, & æterna voluptatis ascendam.* Quando Christo subio ao Ceo, contemplando a Espos- a Santa sua Ascençaõ glorio- sa, entãõ he que lhe pedio, que a levasse apoz sy, para q̃ ella

Histōr Pōisic Part. 1 cap. 3. pag. 20 vers. Text. in Of- fic. 10m 2 verb. Venefi- ci, & verb. Magi.

Cant. 1. 3.

Ber- nard. ibi.

ella tambem subisse deste valle de lagrimas aos montes eternos da Gloria. Mas porq̄ faz menção a Christo dos seus unguentos, quando lhe pede, que a leve apoz sy ao Ceo: *Trabe me post te, curremus in odorem unguentorum tuorum?* Porque Christo como Soberano Encantador tambem na sua Divina Magia tem outros unguentos, com que ungidos os que o querem seguir, voão apoz elle, que he a Graça, & Unção do Espirito Santo, que com sua Vida, & Morte nos merecéo: diz o mesmo S. Bernardo. Assim unguido voou, & foi arrebatado S. Paulo ao terceiro Ceo: assim unguida subia a Magdalena sete vezes no dia a ouvir as musicas dos Anjos: assim ungidos os Hierotheos, os Dionysios, os Frãciscos, as Brigidas, as Getrudas, as Theresas, & tantos outros Espiritos extaticos enfeitigados das saudades, & amor do mesmo Esposo, ou nõ corpo, ou fõra do corpo, voavaõ frequentemente ao Ceo, onde mais viviaõ, que na terra. Na terra eraõ huns corpos encantados, & appa-

rentes, mais verdadeiramente mortos, que vivos, porque a sua vida não apparecia onde eraõ vistos, mas estava escondida no Ceo em Deos, & com Christo. Tudo são palavras do Apostolo S. Paulo: *Mortui estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo.* 3.3.

V.

375 **A**SSIM enfeitiga, & encanta Christo aos homens em todos os Mysterios do Rosario. Mas debaixo deste modo de enfeitigar, que todos entendem, se occultaõ nos mesmos Mysterios outros encantos mais altos, não entendidos, & por vêtura nem imaginados. Hũa enfeitigar-se tam usada, como effectiva, he tomar o Feiticeiro a imagem da pessoa, que quer enfeitigar, & ir executando na mesma imagem, tudo o que pertende, que a pessoa enfeitigada faça, ou padeça. A este modo de enfeitigar allude a Maga Virgilianna, quando diz da imagem de Daphnis, que havia de ser o enfeitigado:

———— *Terque hæc 'altaria*

Y 3

8.

Virg.
Eclog.

*taria circum.
Effigiem duco.*

Logo posto, vamos ao encânto, que com razão chamey não imaginado. Para o Demonio derrubado do Ceo se vingar de Deos (Quem tal imaginára!) intentou enfeitigar ao mesmo Deos. E que fez? Como Adam era a imagem de Deos: *Creavit Deus hominem ad imaginem, & similitudinem suam*: arca com Adam, & apertando com toda a força dos seus encantos, foraõ taes os effeitos, & se não foraõ os effeitos, foi tal o successo, que tudo o que o Demonio executou na imagem de Deos, experimentou, & padecéo Deos em sua propria Pessoa. Vedeo claramente. Assim como Adam, que no estado da innocencia era impassivel, ficou passivel: assim Deos, que era impassivel, por este mesmo successo se fez passivel. Adam, que por privilegio do seu estado era immortal, ficou mortal, & Deos, que por natureza era immortal, se fez também mortal. Adam, que tinha por Patria bemaventurada o Paraíso, foi lançado do Paraíso, &

Deos, que tinha por Corte o Ceo, desceó do Ceo, & se desferrou a este mundo. Finalmente, Adam ficou sujeito a todas estas penas, por causa do peccado, & Deos por occasião do mesmo peccado se sujeitou às mesmas penalidades, não commettedo (que não podia) o peccado, mas tomando sobre sy, & pagando por elle, como se o commetára: *Eum, qui non novet peccatum, pro nobis peccatum fecit*. Que diremos neste grande caso? Que obráraõ os feitiços do Demonio em Deos, tudo o que executou na sua imagem, & que ficou Deos verdadeiramente enfeitigado? Digo, que enfeitigado sim; mas não por força dos encantos do Demonio, senão pelos encantos do seu amor, pelo qual permittio, & dispensou em sy mesmo, tudo o que a Magica do Demonio havia de obrar, se pudera, posto que não podia. Fallo com Santo Agostinho, & com Santo Thomás.

376. Pedio El Rey Saul a hũa Feiticeira, que por Arte Magica (a qual neste caso he propriamente Nicromancia) & seqq;

2 Cor.
5. 21.

1 Reg.
28. 11

lhc

Ihe refuscitasse a Samuel, porque o queria consultar. E assim se fez. Apareceo Samuel nos mesmos trajos, em que andava neste mundo, & fallou com Saul, & satisfiz as suas duvidas. Mas, ou fosse Samuel verdadeiramente refuscitado em seu proprio corpo, ou fosse a Alma de Samuel sómente em corpo fantastico, & aparente, nenhũa destas cousas podia fazer a Arte Magica: porque nem o Demonio pôde refuscitar mortos, nem pôde tirar as Almas dos lugares, onde Deos as tem, ou prezas, ou depositadas, como a Alma de Samuel estava no Seyo de Abraham. Pois se nem a Feiticeira, nem o Demonio por nenhũa arte podiaõ fazer o q̃ intentáraõ, como succedeo tudo assim, & do mesmo modo, que ella, & elle otinha procurado por meyo de seus encantos? Porque ainda que a Feiticeira, & o Demonio não podia refuscitar a Samuel, nem tirar a sua Alma do lugar, onde estava, & trazella à presença de Saul, & có effeito nenhũa destas cousas fizeraõ, não obsta, que no

mesmo tempo, em que elles applicavaõ os seus encantos, obraffe Deos por sy mesmo, & por outros motivos, o mesmo q̃ elles não podiaõ, & haviaõ de fazer, se podersem. Assim o diz Santo Agostinho na Epistola a Simplicio: *Non est absurdum credere aliqua dispensatione permissum fuisse, ut non dominante Arte Magica, vel potentia, sed dispensatione occulta, quæ Phytomissum, & Saulem latebat, se ostenderet Spiritus justis aspectibus Regis divina eum sententia percussurus.* E Santo Thomas na Questão Cento & setenta & quatro da Secunda Secundæ: *Nec obstat, quòd arte D. Th. Dæmonum hoc dicitur factum: quia & si Dæmones animam alicujus Sancti evocare non possunt, neque cogere ad aliquid agendum: potest tamen hoc fieri divina virtute, ut dum Dæmon consulitur, ipse Deus per suum nuntium veritatem enuntiet.* Assim pois, com o o Demonio com a mesma soberba, & ignorancia, com que quiz ser como Deos, quizesse tambem enfeitizar a Deos, & succedesse com effeito em hũa das Pessoas Divinas, o q̃

elle executou na sua imagem; não toraõ com tudo artes, nem poderes do Demonio, senaõ misericordias, & finezas do mesmo Deos, que enfeitizado do seu proprio amor, quiz pelos mesmos meyoõs reformar a sua imagem, & confundir, & encantar o Encantador della.

1377 Ainda estaõ occultos maiores mysterios, & encantos nos mesmos Mysterios do Rosario. Já não he o Demonio o que quer enfeitiçar a Deos com a sua imagem humana, mas he o mesmo Deos, que quer enfeitiçar aos homens cõ sua Imagem Divina. Agora vos peço maior attençaõ. A Imagem Divina de Deos he o Verbo Eterno:

2. Cor. *Qui est imago Dei, & figura substantiæ ejus.* Encarnou o Verbo Eterno, não só
4 4.
Hebr. sojeito a todas as pensões da
1. 3. natureza, senaõ a todos os rigores da fortuna. O nascer, & morrer, foraõ pensões da natureza; o nascer em hũa mangedoura sem casa, & o morrer em hũa Cruz sem cama, foraõ rigores da fortuna, Quem o obrigou a todas estas sojeições, tam alheas de

quem era, foi seu proprio Pay: *Qui proprio Filio suo non pepercit.* Mas a que fim? Aqui *Rom.* está a profundidade do myst- 8. 23.
terio, & do encanto. A que fim, sendo o Filho imagé natural do Padre, tam immorttal, impassivel, & invisivel como elle, a fez Deos passivel, mortal, & visivel, vestindo da natureza humana? E a que fim, depois de visivel, mortal, & passivel, a tratou tam aspera, tam dura, & tam rigorosamente, assim na Vida, como na Morte? O fim foi para Deos enfeitiçar os homens, por amor dos quaes o fizera Homem. O Demonio enfeitiça o homem, pondo os feitiços na imagem do homem; porém Deos enfeitiçou o homem pondo os feitiços, não na imagem do homem, senaõ na lua. E assim como nos feitiços do Demonio tudo o que o Demonio faz, & executa na imagé, padece o enfeitizado em ty: assim neste modo de enfeitiçar tam differente, & que só podia ser invétado por Deos, o fim altissimo de sua sabedoria foi, que tudo o que elle fazia, & executava na sua
imagem,

Rom.
8. 29. imagem, fizesse tambem, & executasse o homem em ty mesmo, naõ por encanto violento, senão voluntario, conformandose a imitação humana com a Imagem Divina. Isto he o que chamou S. Paulo: *Conformes fieri imaginis Filij sui*: & isto he o que fizeraõ como homens verdadeiramente enfeitçados, & encantados, todos aquelles, que excedendo os limites da paciencia, & as façanhas do amor, imitáraõ tam forte, como amorosamente, a mesma imagem, & se conformáraõ com ella.

378 A imagem, que fez a Maga, de que já fallámos, para enfeitçar a Daphnis, naõ só foi de hũa materia, senão de duas, hũa de barro, outra de cera, & ambas com sutilissimo engenho. Poz hũa, & outra junto do fogo, & no mesmo tempo, & com o mesmo calor, a de cera derretia-se, & a de barro endurecia-se mais. E estes dous effeitos eraõ os mesmos, que com aquelle feitiço se pertendiaõ no coração de Daphnis: a saber, que para quem naõ amava se abrandasse, & para que

amava se endurecesse. Assim o diz cõ tam admiravel brevidade, como propriedade, a Poesia do grande Filosofo:

Limus ut hic durefcit, & hæc ut cera liquefcit,

Uno, eodemque igni: sic nostro Daphnis amore.

*Virg.
Eclog.
8.*

379 Ponde agora os olhos na mesma imagem de Deos, ou no Presépio, ou na Cruz. O fogo do amor he o mesmo, & a imagem a mesma; mas no Presépio derretida, & porisso abranda os corações, q̃ enfeitça: na Cruz endurecida, & porisso fortalece os que encanta. Porque cuidais, que houve tantos Santos Confessores, & ha ainda hoje tantos Varões moços, & mulheres, de heroico, & generoso Espirito, que renunciando as riquezas, & pizandando as dignidades, & ainda os Cetros, & as Coroas, ou se retiráraõ aos desertos, ou se sepultáraõ vivos em hũa covava? Sem duvida, porque a humildade, a pobreza, o desamparo, o rigor do tempo, & do lugar, & todas as outras penalidades, com que Deos no Presépio apertava, & affligia a sua imagem, enfeitçandolhe

çandolhe os entendimentos, & as vontades, & derretendo-lhe os corações, obravaõ nelles os mesmos effeitos. Para que percaõ já o nome nas Historias, & a fama nas Fabelas, as Verbenas, os Myrtos, & os Lauros Magicos, & todas as outras hervas, flores, & succos, ou nascidas no Ponto, ou colhidas na Arcadia, ou arrancadas, & espremidas do Ossa, do Pindo, & do Olimpo: pois hum Miniõ sem mãos, & sem voz, sò com humas palhinhas seccas faz tanto maiores encantos. E passando do Presépio ao Calvario: Porque cuidais, q̃ houve, & ha ainda em nossos dias, tantos Martyres de tam estranha, & invencivel fortaleza, tam duros, como se fossem de marmore, ou de bronze, contra as feras, contra o ferro, contra o fogo, & contra a ira, & rayva dos Tyrannos, mais feros que as mesmas feras: senão porque vendo as dores, & os tormentos, com que Deos martyrizava a sua Imagem encravado, & agonizante na Cruz, encantados da paciencia, & constancia, & enfeitiçados do cora-

ção, & amor, com que os padecia, a sua mesma dureza os abrandava para os abraçar, & a sua mesma brandura os endurecia para os não sentir? Pasmem pois, & emmudeçaõ tambem aqui; & fiquem já indignas de toda a admiração, & memoria, ou as espadas encantadas dos Achilles, ou as armas fabulosas forjadas nas fornalhas do Ethna, & temperadas na Lagoa Estigia, pois hum Homem com as mãos pregadas, & morto, sò com dous lenhos atravessados pode encantar, sojeitar, & dominar o mundo: *Damnit orbem, non ferro, sed Lig-no.*

380 A's duas imagens, hũa de barro, outra de cera, acrescenta Grillando a terceira, feita tambem de pedras preciosas para os melmos feitiços amatorios. *Vel ex terra* ^{Grillã.} (diz elle) *vel ex cera, vel ex* ^{duas in sua} *gemmis.* E esta he a que sò ^{Maçã} nos faltava para complemento dos tres Mysterios do Rosario. Hum de cera nos Gozofos, brando pelas ternuras da Infancia: outro de barro nos Dolorosos, duro pelos tormentos da Cruz: & o terceiro

ceiro de pedras preciosas nos Gloriosos pelos resplandores da Ressurreição : & tudo por virtude do mesmo fogo: *Uno, eodemque igne.* Porque o fim, para que Deos nos quiz enfeitigar com a sua imagem, conformandonos com ella na imitação suave da Vida, & na fôrte, & dura da Morte, que são os Mysterios Gozofos, & Dolorofos, foi para que por meyo delles o merecçessemos acompanhar eternamente nos Gloriosos, para os quaes nos tinha predestinado: *Quos præseruit, & prædestinavit, cõformes fieri imaginis Filij sui.*

IV.

381 **T**emos visto, como Christo, Soberano Encantador, nos enfeitiga, & encanta em todos os Mysterios do Rosário, não só por hum, senão por dous modos, ambos maravilhosos, mas o segundo mais alto ainda, & mais admiravel que o primeiro Agora se segue o que Plinio affirma de certos feitiços, que he tal a sua calidade, & efficacia, que aquelles, a

quem tocaõ, não só ficaõ enfeitigados, senão tambem Feiticeiros: *Tantum remanet vitæ Plin. lib. 28. nisi fuerit venena passus.* Mas ^{cap. 3.} se Christo he o que nos enfeitiga com os Mysterios do Rosário, & nós por enfeitigados ficamos tambem Feiticeiros, a quem enfeitigamos? Não menos, nem a outrem, senão ao mesmo Christo. Elle a nós com os Mysterios, & nós a elle com as orações: elle a nós na parte Mental do Rosário, como Vara de Moysés muda, & nós a elle na parte Vocal, como Harpa de David com vozes.

382 Não he cousa nova, posto que grande, que as orações dos homens tenham força de encantar a Deos. Assim o disserão os Setenta Interpretes, declarando a virtude das mesmas vozes da Harpa de David. David diz: *Præcitate Domino: & os Setenta: Psalms. 146. 7. Excantate Dominum.* Não são dous Oraculos, senão hum só, & o mesmo. Em David diz: *Oray a Deos: & nos Setenta diz: Encantay a Deos: porque Deos he tam bom, q se deixa enfeitigar, & as nos-*
(sas)

las orações tam poderofas, q̄ o enfeitigaõ. *Excantatur Dominus, quando sanctus carminibus, & precatationibus ab ira in peccatorem concepta, avellitur:* diz, commentando o mesmo verso, Genebrardo, & concordando o Texto de David com a Versaõ dos Setenta. Esta he a razãõ fundada na verdade do mesmo Deos porque quando a sua justiça decreta absolutamente algum castigo, antes de proceder à execuçaõ, prohibe primeiro a nossa oração. Ao Profeta Jeremias prohibio Deos, que não orasse pelo Povo: *Noli Jerem. orare pro populo isto.* Do mesmo modo a Loth, que não orasse pelas Cidades infames: *14. 11*
Genes. a Josué, que não orasse por *19. 21*
Iosue 7 Achan: & a Samuel, que não *20.*
1. Reg. orasse por Saul. E todas estas *16. 1.* prevenções anticipava Deos, porque no Tribunal de sua Justiça estavaõ sentenciados os castigos com decreto absoluto, & irrevocavel. Mas se os decretos eraõ absolutos, & não podiaõ deixar de se executar, que importa, que orassem, ou não orassem os homens, ou de q̄ se temia Deos? Assim difficulta o caso o

doutissimo Comentador dos Livros dos Reys Mendoga. E perguntãdo: *Cur, queso, Deus orari se prohibet?* Responde: *Plañe, quia timet excantari.* Sabeis porque prohibe Deos com tanta prevençaõ o ser orado? He, porque teme o ser encantado: *Plañe, quia timet excantari.* E se as outras orações encantaõ, & enfeitigaõ a Deos, quanto mais do Rosario?

383 Definindo Ifaias as invocações, & imprecações Magicas, com que os Encantadores enfeitigaõ, chamou-lhe em hũa palavra equipollente a duas, eloquio mystico. Assim côsta do Capitulo terceiro do mesmo Profeta: porque onde o Original Hebréo tem, *Prudentem incantatorem,* lê a nossa Vulgata; *Prudentem eloquij mystici.* Transterindo pois esta mesma definição das invocações Magicas, & applicandoa às orações Christãs, com que encantamos a Deos, a nenhũa quadra mais inteiramente, & com maior propriedade, que ao Rosario. E porque? Porq̄ toda a essencia do Rosario, por seu genero, & por sua dif-

Mendoga
 ibi in
 annot.

Ifai. 3.
 3.

differença, se cõmprehende, & declara nesta definição. Todas as outras orações são eloquio, porq̃ em todas fallamos com Deos; mas eloquio mystico, só o Rosário propriissimamente. Eloquio; porque na parte Vocal todo consta de vozes: mystico; porque na parte Métral todo cõsta de Mystérios. Assim que o verdadeiro devoto do Rosário, q̃ medita os seus Mystérios, & reza as suas orações, este he o sabio, & prudente Encantador, que encânta a Deos: *Prudentem incantatorem. Prudentem eloquij mystici.*

384 Não quero outro Expositor, senão o mesmo Profeta, & no mesmo Texto Hebréo. No Capitulo vinte & seis diz assim Isaias, fallando com Deos: *Effundunt incantationem, quando castigatio tua eis.* Quer dizer. Quando vós, Senhor, quereis castigar, ou ameaçais castigos aos homens, o que fazem os sabios, ou prudêtes do eloquio mystico, he derramar contra vós os seus encantos, para que como enfeitizado, ou encantado, vos quebrem as forlas,

& se defendão da vossa ira. Mas que encantos são estes tão poderosos com Deos, ou contra elles? O nosso Portuguez Foreyro, peritissimo na Lingua Hebréa, cuja he a Versão, o declara: *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.* Os encantos, que derramaõ contra Deos estes sabios Encantadores, são húas orações compostas por tal arte, que são aptas, & tem força para o encantar. Não chegou a dizer expressamente, & por seu proprio nome, que são as orações do Rosário. Mas que orações ha outras, por muitas, & repetidas, às quaes convenha tam naturalmente a propriedade de derramadas? Ou que Arte ha, ou pòde haver, tam sobre humana, & verdadeiramente Divina, que lhe désse energia, & forlas, para encantar a Deos: senão a Arte, com que o mesmo Rosário foi composto, & ordenado pelo Filho, & pela Mãe de mesmo Deos? *Effundunt incantationes, hoc est, orationes arte compositas, & aptè concinnatas.*

385 Está provado o encanto

canto. Mas o entendimento ainda dezeja saber duas cousas, que necessitaõ de declaração. Primeira: Em que consiste este encantamento de Deos? Segunda: Donde tem virtude o Rosario para o encantar? Quanto a primeira, respondo, que o encantamento de Deos consiste em ficar o mesmo Deos como ligado, & atado por força das nossas orações, & dominado, sojeito, & obediente a ellas, sem lhe poder resistir. Tudo disse Santo Antonino: *Oratio, ut ita dicam, valet contra Deum, quasi teneat eum ligatum: est enim fortis, & efficax, ut omnia vincat, & omnibus dominetur, etiam Deo.* Estar Deos como ligado, & atado, prova-se da oração de Moysés, a quem disse o mesmo Deos:

Exod. 32.10 *Dimitte me, ut irascatur furor meus.* E o estar dominado, sojeito, & obediente, prova-se da oração de Josué, de

Josue 10.14 quem diz a Escritura: *Obediente Domino voci hominis.* E quem vem a ser Deos ligado, Deos dominado, Deos obediente, & sojeito, senão o mesmo Deos, & o mesmo Omnipotente encantado?

386 Já deixamos provado, & resolutivo com Santo Augustinho, & Santo Thomás, q̄ *supra.* a Pythonissa, ou Maga, de que se valéo Saul; não tinha poder por forças das Artes Mágicas, nem para resuscitar a Samuel, nem para o tirar da Seyo de Abraham, onde estava. Leaõse porém as Historias Ecclesiasticas, & achar-se-hão mais de sincoenta resuscitados, q̄ depois de mortos, & alguns delles já sepultados, tornáraõ a viver pela devação do Rosario. E quasi são outros tantos exemplos, os daquelles que estando já condenados ao Inferno, por morrerem em peccado, lhe concedéo Deos novo espaço de penitencia, com que a fizeram, & se salváraõ. Desfor-te, que nem como Autor da Natureza, nem como Autor da Graça, resiste Deos aos poderes do Rosario, deixando-se vencer, & atar da força de suas orações, ou de seus encantos. Como Autor da Natureza, não; porque quebra as leys universaes de morrer o homem hũa só vez; & tambem não como Autor da Graça; porquetendose acabado

cabado o tempo de merecer, ou de merecer, ou como dizem os Theologos, estando já *extra viam*, lhe concede que tornem a ella, & emendem os mãos passos, com que a corrêraõ. E esta he a reposta da primeira duvida.

387 A segunda, & não menor pergunta: Donde tem virtude o Rosario para obrar estes encantos, & encantar a Deos? Alguns quizerão, que a tivesse *ex opere operato*. E se este privilegio se houvesse de conceder a algumas orações, nenhúas ha, que mais digna, & altamente o merecessem, que a Divina do Padre-nosso, & a Angelica da Ave-Maria. Mas porque isto não só he incerto, mas improvavel: digo, q̄ toda a virtude, que tem o Rosario para encantar a Deos, não he pela efficacia das palavras, posto que tenhaõ muita, senão pela promessa, obrigação, & fidelidade do pacto. A força dos outros feitiços, & encantos, não está nas palavras Magicas, q̄ nenhũa tem, mas he toda, & só do Demonio invocado, & do pacto, com que se obrigou a acodir a ellas, & cumprir o

que promettéo. E se esta potencialidade se exprimenta nos pactos, & promessas do Pay da Mentira, quanto mais nos de Deos, que he a Summa Verdade? Assim o declara Santo Athanasio com a mesma palavra de pacto sobre a promessa de Christo: *Ubi sūt th 18, duo, vel tres*: cuja oraçãõ de fine, que não pôde deixar de ter effeito, não por força das palavras da mesma oraçãõ, senão, *Pro ipsius Salvatoris pacto*. Este mesmo pacto allegava David a Deos, quando orava, dizendo: *Secundum eloquium tuum eripe me*: livray-me, Senhor, não segundo as minhas palavras, com que o peço, senão segundo a vossa, com que a promettestes.

388 Mas estas promessas, ou pactos do Rosario, donde constão? Todos os pactos de Deos, tantas vezes repetidos na Sagrada Escritura, constavaõ da Arca do Testamento, onde estavaõ guardados, que por isso se chamava *Arca fœderis*. E do mesmo modo constão os pactos do Rosario da verdadeira Arca do Testamento a Virgem Senhora nossa, por cuja sacra-

tissima

Valle
de In-
cãt. &
Enfal.
mis.

Mat 1
th 18,
20.
Athanas.
in
Apolog
ad Im-
perat.
Constã
tinum.

Psal.

118.

170.

Num 10.33

tíssima boca não menos vezes foraõ repetidos, & revelados. A S. Domingos, ao Beato Aláno, seu Successor, & a muitos outros Pregadores, & devotos do Rosario, promettéo a mesma Mãy da Verdade Divina humanada, tudo o que delle temos ditto: sendo os mesmos effeitos a maior, & mais segura prova deserem todos pactos expressos. Assim que ninguem pôde duvidar, que sendo Deos invocado pelos merecimentos infinitos de seu Filho, & intercessão de sua Santíssima Mãy, nas orações de ambos, que são as do Rosario, deixará o mesmo Deos de obrar por virtude extraordinaria, tudo o que lhe pedirmos, sendo elle, com novo modo de encanto, o invocado juntamente, & o encantado. Esta he a obrigação de justiça, com que David em outro lugar suppunha, que Deos invocado por elle não podia faltar a suas petições; porque o mesmo, que sem pacto seria liberalidade, em supposição do pacto já era justiça: *Invocantem exaudivit me Deus justitiam meam.* Assim declara Psello,

Psal.
6. 2.

Padre Grego, a virtude da palavra, *Cum invocarem*, argumentando das invocações Magicas para as Divinas: *Quoniam invocatio (diz e'le) est virtutis cujusdam præstantioris occulta quædam attractio, adductioque; siquidem Gentiles incantationibus, ac invocationibus quasdam ad se prætorum Spirituum virtutes attrahebant, quin & ipsis eorû personis cum iisdem conversando vim afferebant.*

VII.

389 **D**Esta maneira encantados nós por virtude do Rosario, encantamos tambem cõ elle a Christo: & só resta, como prometti, vermos igualmente encantada pelo mesmo modo a Mãy do Soberano Encantador. O primeiro caso, com q̄ isto se prova, tem tanto de admiravel, como de lepidão. Encommendavaõse a huma Imagem da Senhora do Rosario duas Molheres, huma casada, & outra amiga, ou mal amiga com o marido. Esta como culpada pedia misericordia, & a outra como offendi-
da

da pedia justiça. Continuáraõ ambas na sua oração hum anno inteiro : ao cabo do qual, fallou a Senhora por boca da sua Imagem , a que pedia justiça, & lhe disse estas notaveis palavras : *Quære alium, mulier, qui tibi iustitiam faciat: Ego nullo modo facere possum, quæ tam grata salutatio- ne, ab illa meretrice afficior.* Mulher, busca quem te faça justiça ; porque Eu de nenhũ modo te posso fazer, vendome obrigada das Saudações tam agradaveis (isto he, das Ave-Marias) com que a mesma, que ati-te offende, a mim me affeioa. Que faria com este defengano hum mulher, sobre zelosa, desesperada? Sahese da Igreja enfurecida, & encontrando na rua a mesma, contra quem tinha pedido justiça, começa a brádar, q̃ a prendaõ como Feiticeira, & Encantadora, porque com as suas Artes Magicas tinha enfeitigado a Mãy de Deos. São palavras do mesmo Autor da Historia : *Existimans*

da molher, que assim o eu-
dou, & o disse? Não por cer-
to. Com a mesma verdade,
com que as Escrituras dizem,
que as nossas orações encan-
taõ a Deos, com essa have-
mos de crer, que aquellas A-
ve-Marias da devota pecca-
dora encantáraõ a Mãy de
Deos. O effeito o mostrou;
porque os encantos, & feiti-
ços, toraõ reciprocos. Assim
como a molher enfeitigou a
Senhora com as suas orações,
assim a Senhora enfeitigada a
enfeitigou tambem a ella: cõ
as suas palavras, porque tã-
to que soube, que a Imagem
tinha ditto, que não podia fa-
zer justiça contra ella: ella no
mesmo pôto a fez em sy mes-
ma, & emendando a vida, a
sepultou para sempre em hũa
estreita cela, onde nunca ces-
sou de repetir em acção de
graças, as gratissimas Sauda-
ções do Rosario, a que tanto
devia.

390 Deixo de ponderar,
que hum dos grandes prodi-
gios, ou prestigios da Arte
Magica, he fazer fallar as Es-
tatuas, como a Imagem da
Senhora fallou no nosso ca-
so, porque passo a outros ma-
iores;

*Philip Matrem Domini delusam in-
Labb: cantationibus meretricis. E*
nõs, que diremos? Diremos,
que foi imaginação, como a

iores, & mais frequentes, em que os encantos do Rosario, não só vencem os da Magia verdadeiros, senão também os mais fabulosos. Os encantos magicos mais decantados nas Fabulas dos Poetas, he se em tam poderosos, que chegaõ a tirar a Lua do Ceo, & trazella à terra.

Carmina vel Cælo possunt deducere Lunam:

diz Virgilio: & o mesmo celebraõ Ovidio, Horacio, Tibullo, Catullo, Seneca, Lucano, Estacio, & todos, assim Latinos, como Gregos. Mas isto mesmo, que elles só foubereaõ fabular, & fingir, tẽ obrado muitas vezes verdadeiramente os encantos do Rosario em outra mais alta, & melhor Lua, que a do primeiro Ceo. Fallando o Profeta Habacue da Ascençaõ de Christo, & da Assumpçaõ de sua Gloriosissima Mãy, diz, que no dia da Ascençaõ se elevou o Sol, & no dia da

Tab. suc. 3. II. Ex. Græco. Psalm. 44. 10. Assumpçaõ se poz a seu lado a Lua: *Elevatus est Sol, & Luna stetit.* He o que tinha dito David: *Astitit Regina à dextris tuis.* Sendo pois a Rainha dos Anjos a Lua do

Ceo *Empyreõ*, vede agora quam pôderosos saõ os encantos do Rosario para a trazer do Ceo à terra: *Cælo deducere Lunam.*

391 Hum Capitão Catholico pelejando com poucos Soldados contra muitos Herejes, de q̃ se vio em grande aperto: porque era devoto do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo à câpanha: & sendo socorrido da Mãy de Deos, a mesma Senhora tomou a vã-guarda, & lhe deu vittoria. Hũa Senhora Espanhola, sendo cativa pelos Mouros de Granada, que a mãdáraõ servir em hũa cavalheriça: porque era devota do Rosario, o mesmo Rosario lhe trouxe a Lua do Ceo àquelle humilde lugar, onde no dia do nascimento de Christo pario hum filho, a quem chamou Mariano; em memoria da Virgem Maria, que a assistio no parto, & ella, & o filho se acháraõ de repente livres na Igreja de Santiago de Galiza, donde eraõ naturaes. Hum Ecclesiastico descõfiado dos Medicos, por hũa chaga na garganta, que lhe impedia a

rel-

respiraçõ: porque era de-
 voto do Rosario, o mesmo Ro-
 sario lhe trouxe a Lua do
 Ceo junto ao leito, onde ja-
 zia, & a mesma Mãe de Deos
 com hum rayo de leite de
 seus sagrados peitos, que lhe
 iustillou na boca, o farou em
 hũ instante. Hũa Mulher Por-
 tugueza cõdenuada à morte,
 & enforcada em Lisboa: por-
 que era devota do Rosario,
 o mesmo Rosario lhe trouxe
 a Lua do Ceo àquelle sitio,
 que tam indigno parecia de
 tam soberano Planeta: & ap-
 parecendolhe a Senhora na
 mesma forza, lhe sustentou a
 respiraçãõ, & a vida pormui-
 tas horas; até que levada a
 sepultura se levantou della,
 não resuscitada, mas viva. Hũ
 Religioso moço, tentado, &
 resolutõ a deixar o Habito:
 porque era devoto do Rosa-
 rio, o mesmo Rosario lhe
 trouxe a Lua do Ceo à cela,
 & mostrandolhe a Rainha
 dos Anjos com hum vestido
 meyo bordado de Ave-Ma-
 rias de ouro, lhe mandou, q̃
 perseverasse até o acabar, &
 que entãõ iria vestir o que, tã-
 bem se lhe preparava na Glo-
 ria. Huma Pastorinha pobre

estando já agonizante: por-
 que era devota do Rosario, o
 mesmo Rosario lhe trouxe a
 Lua do Ceo à sua chcupana:
 & a mesma Mãe de Deos a
 assistio até espirar, & com hũ
 luzidissimo acompanhamen-
 to de Virgês, & Coroas de An-
 jos, lhe foi dar sepultura na
 mesma Ermida, onde rezava.
 Hum Moço Francez muito
 dado a outros vícios, mas ca-
 sto: porq̃ era devoto do Rosa-
 rio, o mesmo Rosario lhe
 trouxe a Lua do Ceo a casa
 no dia das vodas, as quaes po-
 rêm lhe impedio a Soberana
 Virgẽ cõ hũ accidente mor-
 tal, dizêdolhe, q̃ por casto o
 queria por Esposo seu, & não
 de cutrê. Finalmête, porq̃ se-
 ria materia infinita, se a hou-
 vèssemos de profeguir, bastê
 os Exemplos referidos em
 todo o genero de pessoas, es-
 tados, & perigos, para que
 conste quanto mais podero-
 sos são os encantos verdadei-
 ros do Rosario, que os fabu-
 losos da Arte Magica.

392 Mas porque os Pro-
 fessores della para suas feiti-
 çarias, não só se costumãõ
 valer dos despojos dos mor-
 tos, mas muito particular-

Plin.

mente dos enforcados, como já em seu tempo notou Plinio: para que até esta propriedade não falte aos feitigos do Rosario, quero acabar com hum successo por todas suas circumstancias tam maravilhoso, como grande. No Reyno de Valença houve hum Fidalgo rico, & moço: com que já está ditto quaes seriaõ os seus pensamentos. Deu em festejar com passeos publicos hũa Senhora cazada, de igual, ou maior calidade; mas tam honesta, como illustre. Chegou a noticia ao Marido: & não sò para dissimular o seu aggravado, mas para o vingar, com pretexto de passar os calores do Estio no campo, se passou com toda a familia a hũa quinta. Andados alguns dias, entrou em hum apozento, onde estava sò a Molher, deu volta à chave, & tirando de hum punhal, lhe mandou que escrevesse o que lhe ditasse. Respondéo a Senhora, muito segura, que nem para a sua obediencia eraõ necessarios punhaes, nem para a sua innocẽcia havia temores. Escrevéo: & o que continha o papel ditado, era estranhar

ella ao Fidalgo dos passeos o descuido de a não ver naquelle retiro: avisandoo, q se era por falta de occasião, naquella noite a tinhaõ boa, por estar o Marido ausente. Que fosse sò, como o pedia o segredo: que acharia a porta do jardim aberta, & huma escada arrimada a hũa janella: que subisse por ella, & seria bem recebido.

293. Mandada, & entregue esta carta, com as cautelas necessarias, já se vé; qual seria o contentamento do Moço, tam facil de enganar, como cego. Deu o parabem à sua fortuna, vestiose da melhor galla: & tanto que foraõ horas, montando no cavallo, de que mais se fiava, se poz a caminho. Lembrouse nelle (que não foi pouco em tal occasião) que ainda naquelle dia não tinha rezado o Rosario, como costumava: & ao mesmo tempo, em que o acabava de rezar, ouviu hũa voz, q lhe dizia: Cavalleiro, pâra. Olhou, & como não visse pessoa algũa, proseguio. E a voz outra vez: Cavalleiro, pâra, chegate aqui. Era este lugar da estrada junto à forca.

força publica, donde, segundo as Leys daquelle Reyno, se não tiraõ os justigados em todo hum anno. E parecendo-lhe, que dentro do cerco estaria quem lhe fallava; apeouse, tirou pela espada, & entrou a reconhecer quem feria. Então lhe disse hum dos Enforcados, que por piedade Christãã lhe cortasse o braço. Fello assim: cahio o Enforcado em pé: & em agradecimento do beneficio, q̃ tinha recebido, lhe pediu, q̃ o tomasse nas ancas, porque o havia de acompanhar naquella jornada. Resistio o Cavalleiro, respondendo, q̃ não podia ser, por quanto lhe impo tava ir só: mas foraõ tam vivas as razões, que lhe deu o morto, que houve de condescender com ellas: & foraõ ambos.

394 Chegados ao jardim, acháraõ a porta aberta, & a escada arrimada: & indo o Fidalgo para subir, teve mão nelle o Enforcado. E pedindo-lhe a capa, & o chapeo: Eu sou, disse, o primeyro, que hey de provar esta aventura, para que se faça com toda a segurança. Subio: & não ta-

nha bem entrado pela janella, quando se ouviu o ruido das armas, com que o Marido, & os Criados, o esperavaõ de mão pósta: & foraõ tantas as estoçadas, com que o passáraõ de parte a parte, q̃ como morto, & mais q̃ morto, o lançaraõ pela mesma janella. Cahio outra vez em pé, & tornáraõ a montar ambos no mesmo cavallo. Desceraõ os de casa a enterrar secretamente o corpo, para que se não soubesse o caso: & como o não achassem, entenderaõ, que não tinha vindo só, & q̃ os criados o haviaõ retirado: & sem haver homicidio, se homiziáraõ todos. Quem viu já mais semelhantes encantos? Mas o morto, que caminhava nas ancas do vivo, lhe declarou quem era a Encantadora, & qual o instrumeto.

395 Eu, Senhor (disse o Enforcado ao Cavalleiro) sou, & estou tam morto, como vòs haveis de estar a esta hora, se a Mãe de Deos vos não livrara: & livrouvos, porque todos os dias rezaveis o seu Rosario. Esta, que em mim parece vida, & esta voz, qua ouvis, tudo he fan-

taístico: por isso me não matárao com tantas feridas, & espadas, os inimigos, que para a vossa morte estavao aparelhados. Se vòs subireis pela escada, vòs havieis de fer o morto; & não só no corpo, mas na Alma: porque a porta, que vos esperava aberta, não era só a do jardim, senão a do Inferno, donde vos não podiao livrar os passos, & tẽsaõ, que levaveis. Agradecey a vida, & a salvaçoõ, a quem a deveis, & a mim (porque já tinhao chegado ao posto da força) me restitui ao lugar, donde me tirastes. Com estas palavras nos ouvidos, & com estas declaraçoõ, do que sem o entender tinha visto, confuso, & aflombrado, se retirou o Fidalgo moço a sua casa; mas tam outro, & com tam diferente juizo, como se naquellas poucas horas se tiveraõ passado muitos annos. Deu tal volta à vida, que a todos, & a ty mesmo, mais parecia encantado, que convertido. Os que o tinhao conhecido escandalo da Cidade, palmavao de o ver o maior exemplo della: os que imaginavao, que o tinhao mor-

to, criaõ que resuscitára: & elle, que só sabia o que passára, vendose com Alma por meyo de hum cadaver, vivo por meyo de hum morto, & tirado do Inferno, por meyo de huma fantasma cahido da força, & depois pendurado nella: tudo isto, que mais pareciaõ sonhos, julgava haverem sido encantamentos. E verdadeiramente assim crão; porq̃ elle por meyo do Rosario tinha encantado a Mãe de Deos, & a Senhora pelo merecimento do mesmo Rosario o tinha transformado, & encantado a elle.

396 E haverá à vista de hum tam prodigioso acontecimento, quem não exclame com as vozes do Evangelho: *Beatus venter, qui te portavit?* Haverá, quem senão sinta enfeitigado destes encantos da Senhora do Rosario? Os Escribas, & Fariseos, que attribuiãõ o milagre a Arte Magica, diziaõ, que fora obrado: *In Beelzebub Principe Demoniorum.* E se ha tantos, q̃ se deixem enfeitigar pelo Principe dos Demonios: Não he melhor a cadahum, ser enfeitigado da Rainha dos Anjos?

jos? Desfazer huns feitiços com outros feitiços, polto que muitos Juristas o tenham por licito, he erro condemnado, & definido pelo Direito Canonico. Mas aquella Alma, que tão enfeitigada andava do amor profano, os feitiços do Rosario a desenfeitigaráo. Por isso S. João Damasceno em nome dos que assim andaõ, não a outrem, senão à Virgem Maria, pedia desenfeitigasse o seu coração: *Cor meum malefico Ser-*

pentis veneno inficionatum po- *Mani-*
senti pharmaco tuo conserva. *cis ode*
 Isto, he o que devem pedir *3. &*
 à mesma Senhora, todos os *4. de B.*
 que se sentirem inficionados *Virg.*
 do mesmo veneno: esperando da poderosissima virtude dos seus encantos, que por elles seraõ livres, não só dos perigos da vida, mas restituídos dos peccados à Graça, & perseverando na devaçãõ do seu Rosario até a morte, tresladados à Eternidade da Gloria. Amen.

Da
 masc.
 in

FINIS.



SER:



S E R M A M

X X V I.

*Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quae
suxisti. Luc. II.*

I.

397



STE Texto,
tantas vezes
repetido, &
por tãtos mo-

dos ponderado, nunca teve
mais altos, & adequado Inter-
prete, que na occasiã presen-
te. A Oradora do Evangelho
o formou antigamente com
as palavras, & o mesmo Tex-
to se commenta hoje com as
obras. Ella beatificou o Ven-
tre virginal, & os sagrados
peitos de Maria: *Beatus ven-*
ter, qui te portavit, & ubera,
quae suxisti. & o mesmo Ven-
tre, & os mesmos peitos de
Maria se canonizaraõ hoje
pela virtude, & milagres do

Luc.
II.
27.

seu Rosario; porque o Ven-
tre virginal suprio outro vé-
tre, & os peitos sagrados su-
pirãõ outros peitos.

398. He caso singular,
& por todas suas circumstan-
cias admiravel, o que agora
direy, referido pelo Beato A-
lãno de Rupe, no Livro do
Nascimento do Psalterio da
Virgem. Caminhavaõ por hũ
deserto duas Donzellas mon-
tanhezas, quando lhe sahãõ
ao encontro dous lobos fero-
cissimos, & esfaimados, os
quaes repartiraõ entre sy a
preza innocente, & sem de-
fensa. Hũã dellas era devota
do Rosario, que rezava to-
dos os dias: a outra não. A
esta se avançou hum dos lo-

bos,

bos, & lançandolhe os dentes à garganta, a degolou, & cahio morta. O que succedèò à outra, quero referir pelas palavras do mesmo Autor, q̄
Beat. Alan. de Ru. 10.
 são estas: *Quæ Rosarium Beatissimæ Virginis recitare consueverat (mira res?) lupus ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit, viscera voravit. Et adhuc triduo vixit, in quo syncère confitetur, devotè communicat, fiducialiter moritur. A Maria in extremis visitatur, & ad calorum gaudia perducitur.* Quer dizer: A à Dõzella, que rezava o Rosario, atremerèò o outro lobo, arrancoulhe os peitos, rasgoulhe o ventre, & lhe comèò, & devorou todas as entranhas. E morrèò tambem esta logo, como a compauheira? Assim havia de ser naturalmente. Mas porque era devota do Rosario, a Virgem Senhora nossa, sem coraçãõ, nem entranhas, a cõservou viva tres dias: nos quaes se confessou muito devagar, & communhou devoramente; & no cabo delles a visitou a mesma Senhora: & como se o lobo fora tyranho, & ella martyr, a levou direita ao Céo. Lembrem

monos, agora daquellas palavrás, que são o mais glorioso commento do nosso Texto: *Ejus ubera abrumpit, ventrem discerpit.* E vendo a esta Donzella sem peitos, & sem ventre, viva cõ tudo, quem haverà, q̄ não repita muitas vezes à Soberana Obradora de tam singular, & estupendo prodigio: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti?* Bemaventurado o Vêtre virginal: *Beatus venter*; porque suprio o outro ventrè: *Ventrè discerpit*: & bemaventurados os peitos sagrados: *Beata ubera*; porque suprião os outros peitos: *Ubera abrumpit.*

399 Este caso particular como commento tam proprio do Thema, que propuz, será o fundamento do meu Discurso: o qual porèm do particular se estenderà ao cõmum, para que sirva a todos. Veremos pois com a Divina Graça, que assim como a Virgem Senhora nossa em premio da devaçãõ do Rosario suprio nesta sua devota a falta do que tam necessário lhe era para esta vida, & para a outra; assim supre, & suprirá sem todos os que tiverem a mesma

mesma devação, to-la a falta do conveniente para a vida temporal, & toda a falta do importante para a eterna.

Ave Maria, &c.

II.

400 **Q**ue havia de ser deste miseravel mundo, tam defeituoso, & necessitado, depois que pelo peccado, & corrupção do primeiro Homem cahio da perfeição, & abundancia, com q̄ Deos o tinha criado, & enriquecido; se a Providencia, & Misericordia Divina o não provêsse de hum remedio igual à mesma necessidade, que fosse o suprimento universal de todas as nossas faltas? Este suprimento, Devotos, he a Virgem poderosissima, Senhora nossa, a qual não só desde seu nascimento por inclinação, & natural piedade, mas ab æterno desde sua predestinação, & por força della, foi escolhida, & destinada por Deos para este gloriosissimo fim. Perguntaõ os Theologos, no caso em que Adam não peccára, se havia de encarnar, ou não, o Filho

de Deos? E a sentença mais bem fundada nos secretos do mesmo Deos, que elle nos revellou nas Sagradas Escrituras, he, que seu Filho o Verbo Eterno no tal caso não havia de encarnar, & que por conseguinte não havia de ter Mãy, nem havia de haver no mundo a Virgem Maria. Mas como Adam peccou, ou havia de peccar; representado na previsão da Sciencia Divina aquella culpa, que justamente se chama felice: *Ofelix culpa*: esta foi a razaõ, & motivo, porque Deos predestinou a Humanidade de seu Filho, para q̄ como infinito reparador daquelle peccado dêsse justa, & adequada satisfação à Divindade ofendida.

401 Se o mesmo Verbo porém se podia fazer Homem sem ter Mãy, como Adam: porque ordenou tambẽ Deos ab æterno, que nascesse de mulher com segunda predestinação, ou segunda parte della, tambẽ não necessaria, mas livre? A razãõ foi, dizem todos os Santos, paraque assim como hũa mulher fora a que metéo no mundo a falta da obe-

obediencia, & da graça; assim fosse outra mulher e reparo, & suprimen) della : a falta por Eva , o suprimen)to por Maria. De sorte, que ab) eterno , & por força de sua propria predestinação foi concedida , escolhida, & destinada a Virgem Senhora nossa, primeiro para reparar , & suprir as faltas da primeira Mãe no Paraiso, & depois as do genero humano em todo o mundo. Tudo nos dirá a mesma Virgem antes de seu nascimento em figura : & depois de nascida , em Pessoa.

402 Quem mais desemparedado nesta vida , & mais falto de tudo o necessario para ella , que o Minino Moyses, quando seus pays, não o podendo já esconder à ira de Faraó, porque elle chorando se descobria , para o não affogarem com suas proprias mãos , o lançaraõ à corrente do Rio em huma cestinha de juncos , que só tinha de barquinha o fer calefetada. Faltavaõlhe ao Minino no Rio o pay , & a mãe, que ficavaõ em terra: faltavaõlhe na barquinha os remos, as vellas, & o piloto : faltavaõlhe sobre tu-

do o mantimento, despedido já dos peitos , que lhe davaõ o leite : finalmente faltavaõ elle a sy mesmo , porque não tinha braços para andar, nem juizo para reconhecer o seu perigo , nem voz para pedir o remedio. Assim hia navegando dentro do seu proprio naufragio , amortalhado nas faixas, & metido na cestinha de juncos o pequeno Argonauta do Nilo, quando apparece na ribeyra , Maria sua irmãa , encaminhada pelos pays à explorar o successo. Oh venturoso infante , no meyo dessa que parece a tua maior desgraça ! E Maria assiste a Moyses ? Pois ainda q) falto de tudo, ella lhe suprirá quanto lhe falta. Ninguem queira à barquinha melhor guia, nem melhor piloto, que os olhos, que Maria leva postos nella. Bem mostrou aqui, que já figurava no nome , & nas acções, aquella que depois se chamou Senhora da Guia, & da Boa Viagem. Os olhos pois de Maria (que nessa occasião verdadeiramente eraõ espias) contra a veyra , & força da corrente, foraõ alando a barquinha à praya, & to-

mou pôto o Minino, não menos q̄ nos braços da Princesa do Egypto. Buscasse uma para lhe enxugar as lagrimas; & lhe dar leite; offerecesse Maria para a ir buscar. E quem vos parece que traria? Só o engenho de quem tinha tal nome podia dar em tal traça. A que trouxe para a Mãe, foi a mesma Mãe de Moysés: a qual o entregou a Princesa com grandes recommendações de que o criasse como filho; & com promessa Real; de que lhe seria muy bem pago aquelle cuidado. Agora pergunto: Se lhe falta já a Moysés algũa de tantas cousas, quantas ainda agora lhe faltavaõ? Já tem Mãe, já tem pay, já té sustento, já tem terra, já tem vida, & já tem o que lhe não faltava, nem esperava ter, que he ser filho adoptivo do mesmo Rey do Egypto, que o tinha mãdado lançar aos Crocodillos do Nilo. Assim sabe suprir Maria as faltas dos que se encomendaõ a ella, ainda que não sejaõ elles os que se encomendem. E que será, se forem seus irmãos, como Maria era irmã de Moysés, & o são da Virgem Ma-

ria os Irmãos do seu Rosario? Mas ainda là não chegamos.

403 Passando ao Testamento Novo. Celebraraõ se em Canã de Galilèa hũas vodas, & diz o Evangelista, q̄ a Mãe de Jesu se achou alli? *Et erat Mater Jesu ibi.* Não faltar à quem estranhe; ou quando menos se admire, de que a Virgem Maria se achasse alli, & assistisse a semelhantes convites, & festas de vodas? Não como Virgem; porque o estado Virginal, post que tam sublime, não despreza, nem cõdena o do Matrimõnio; mas como Mãe do Salvador: *Mater Jesu.* Como Mãe do Salvador estava, & parecia muito bem a Senhora ao pé da Cruz: *Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus:* acompanhando seus de tempo, padecendo as mesmas dores, & cooperando à mesma redempção. Alli he que parecia muito bem a Mãe de Jesu: Mas em vodas, & banquetes: *Erat Mater Jesu ibi?* Sim. Estava, & assistia ao banquete, & às vodas; para suprir o que nellas faltasse: & onde ha, ou ha de haver falta, alli he

Joan.
2. 1.

Joan.
19.
25.

he, que não pôde faltar: a Mãy de Jelu, & alli he, que assiste: *Erat Mater Iſu ibi.* Chriſto, & ſeus Diſcipulos, tambem ſe acháraõ nas meſmas vondas; mas nota o Evangeliſta, que vieraõ convidados: *Vicatus eſt Ieſus, & Diſcipuli ejus.* Porém da Senhora não ſe diz que a convidafſem; porque ella meſma, & a ſua providencia, & a ſua obrigação, a convidou, & trouxe alli, para que ſe à pobreza, ou negligência dos deſpoſados faltaſſe algũa couſa, ella com ſua charidade, & advertencia a ſupriſſe. O effeito o moſtrou, & aſſim foi, ſuprindo milagroſamente a falta que houve:

Deficiente vino.

404. Mas ouçamos a replica de Chriſto, em que mais reſplandece eſta providência, & poderes da Soberana Mãy. Representou a Senhora a ſeu Filho, como Criador de todas as couſas, a falta, que havia: *Vinum non habent:* & o

Senhor como eſtranhando a propoſta, reſpondéo: *Quid mihi, & tibi?* E que vos pertence a vòs, nem a mim, na caſa, & na meſa alhea, o que falta?

Nendum venit hora mea: a

minha hora de fazer milagres ainda não he chegada. Mas nem por iſſo deſiſtio a Senhora de proſeguir o remedio daquella falta, dizendo aos que ſerviaõ, que fizesſem o que ſeu Filho lhe mandafſe: como ſe lhe diſſera a elle: Se a voſſa hora de fazer milagres não he chegada, o meu cuidado, & obrigação de ſuprir o que falta, não tem horas: a meſma hora, em que as couſas faltaõ, como agora, eſſa he a minha hora. Mandou em fim o Senhor, que as jarras, em que tinha faltado o vinho, ſe encheſſem de agua, a qual logo ſe converteo com abundancia, & melhora, no meſmo licor, que faltava. Deſte modo ſuprio a piadoſiſſima remediadora naquella falta, não hũa ſò, ſenaõ muitas faltas, & faltas de muitos. Ao Architeclino, ou Mordomo, ſuprio a falta da advertencia, aos deſpoſados a falta da prevençãõ, à meſa a falta de bebida, & até ao meſmo Chriſto a falta da hora, fazendo que ſe anticipaſſe a que não era chegada. Finalmente, de todos os que eſta-vaõ presentes, ſó a Senhora

ad-

advertio a falta : porque no Mordomo era para se condemnar, nos desposados para a sentir, nos convidados para a estranhar, & sò na Senhora para a suprir.

III.

405 **A**SSIM foi escolhida delde sua predestinação a Virgem Maria, & assim he propenta & applicada delde seu nascimẽto neste mundo tam defeituoso, a remediar, & suprir todas as faltas, q̃ nelle se padecẽ; mas muito mais depois da instituiçãõ do seu Rosario, em seccorro, & em premio dos devotos d'elle. Agora entra em seu proprio lugar a memoria do prodigioso caso, que representey ao principio, no qual não he facil ponderar, nem ainda comprehender, as muitas, & varias faltas, & sobre difficul-tosas, implicadas, que a Senhora alli suprio, & por modo sobre toda a admiraçãõ admiravel.

406 Suprio a vida na falta de todos os meyo, & instrumentos da mesma vi-

da : & contra todas as disposições, & causas da morte, fez, que por aquella grande porta (que he pequeno o nome de ferida) senãõ sahisse de repẽte a Alma, mas ficasse alli detida. Sò quem bem cõprehẽder a anatomia do corpo humano, a dependencia, & harmonia de todas as suas partes, & o artificio admiravel, com que occulta, & insensivelmente na officina das nossas entranhas estaõ continuamente trabalhando os instrumentos, que o sustẽtaõ (por onde disse David ao meo no Artifice Divino desta fabrica : *Mirabilis facta est scientia tua ex me:*) sò que tudo isto touber comprehender, & ponderar, poderã dignamente conhecer quantas maravilhas se encerraõ em se não separar a Alma daquelle corpo, tam desbaratado, & vasto, & se conservar nelle viva hũa molher, tendo he arrancado, & comido huma fera todo o interior das entranhas. Faltavalhe sem ellas o sangue, faltavaõlhe as veias, faltavaõlhe as arterias, faltavaõlhe os espiritos animaes, & vitales, faltavalhe sobre

bre tudo o coração, principio, & fonte da vida: & que neste estado vivesse, fallasse, entendesse, & exercitasse inteiramênte todas as operações da vida sensitiva, & racional, lembrand' se, com a memoria, de seus peccados, arrependendose delles com a vontade, & confessandoos com a lingua, & só não batendo nos peitos, porque os não tinha? Oh maravilha sobre todas as maravilhas, em que a Mãe do mesmo. Soberano Artifice, parece, que competio com elle, & o vencêo na mesma obra. Se vissemos, que rotas as rodas de hum Relogio, cahidos os pezos, & parado o movimento de todas as outras partes daquelle abreviado Laberinto, na campainha com tudo soassem regularmente as horas, & o braço por fóra as fosse apontando com o mesmo compasso, & ordem: não seria hum prodigio estupendo, & já mais visto? Pois este he o nosso caso. E tanto mais admiravel, & protentoso, quanto vay de hum Relogio artificial, que soube invêtar a industria dos homês, ao natural, & sobre-

humano; de que dependem as horas, & annos de nossa vida, que só pode traçar a Sabedoria, & fabricar a Omnipotencia de Deos.

407 E para que se veja, quam notavel maravilha fôbi, que não só descompôsta, mas perdida toda a fabrica interior daquelle corpo sem coração; nem entranhas; a Alma com tudo o não deixasse, & continuasse a obrar na falta dos mesmos instrumentos, o que fazia com elles: lembremonos dos nossos desconjuntados, que vio Ezechiel em cutro deserto. Chamou por elles o Profeta, prometendolhes, que lhes daria Alma, & vivirão: *Ecce, ego intromittam in vos spiritum, & vivetis:* mas essa Alma, quando se introduzio nelles, & quanto foi necessario, antes q' chegassem a viver? Primeiro que tudo diz Ezechiel, que os ossos se ajuntarão, & unirão cadahum em seu lugar, & à sua juntura: logo, que se atarão entre sy com os nervos: depois que se enchirão da carne com todas as differenças della: ultimamente, que se vestirão, & cobrirão de pelle:

pelle: porém, que com todas
 estas disposições de vida, ain-
 da estavaõ mortos, & não se
 lhe tinha introduzindo a Al-
 ma: *Accesserunt ossa ad ossa,*
unumquodque ad juncturam
suam. Et vidi, & ecce super ea
nervi, & carnes ascenderunt:
& extenta est in eis cutis de-
super, & spiritum non habe-
bant. Pois se aquelles cor-
 pos estavaõ já organizados,
 & perfectos, & com todas as
 disposições necessarias para a
 introducção da Alma: porque
 se lhe não introduzio logo,
 como o Profeta tinha pro-
 mettido: *Intromittam in vos*
spiritum, & vivetis? Porque
 as disposições do corpo são
 obra das causas segundas, & a
 introducção da Alma, como
 a sua criação, pertence sò à
 primeira. Porisso mandou
 Deos següda vez a Ezechiel,
 que em seu nome mandasse
 às Almas, que se introduzi-
 lem naquelles corpos: *Vaticin-*
nare ad spiritũ. & dices: Hec
dicit Dominus Deus: A qua-
tuor ventis veni spiritus: &
insuffla super interfectos istos.
Et ingressus est in ea spiritus,
& vixerunt.

Ibid.
 9.10.

entrarem 'as Almas nos cor-
 pos, não bastou, que elles ef-
 tivessem organizados, & com
 todas as disposições naturaes
 para ser animados; mas foi
 necessario, que depois dessas
 disposições Deos as criasse, &
 unisse como acção, & obra
 propria da sua Omnipotencia.
 Onde se vê hũa notavel
 differença, com que as Al-
 mas entraõ, ou saem dos cor-
 pos. Para entrar nelles, não
 basta terem as disposições:
 para sairem, basta, que lhe
 falem. E a razão desta segü-
 da parte he, porque a Alma
 se define: *Actus corporis orga-*
nici potentia vitam habentis.
 E faltando ao corpo a orga-
 nização, & instrumentos, cõ
 que a Alma exercita todas as
 suas operações vitaes, natu-
 ral, & necessariamente deve
 deixar, & apartarse do mes-
 mo corpo, porque estando
 nelle ociosa, não seria Acto.
 Esta separação pois natural-
 mente necessaria, he a que im-
 pedio no nosso caso, a pode-
 rosa mão da Senhora do Ro-
 tario, detendo aquella Alma,
 & mandando-lhe, que não
 desemparrasse o corpo, posto
 que tam desbaratado, desti-
 guido,

tuido, & falto de todas as disposições, & instrumentos necessarios às operações da mesma Alma. E se me perguntarem curiosamente os Filósofos: Se esta Alma assim impedida, & detida, ficou violentada: Digo, que não; antes mais privilegiada, & enobrecida pela mesma Senhora, q̄ não sabe fazer mercês a huns com violencia de outros. E ficou mais enobrecida, & privilegiada, como digo, porq̄ obrando sem instrumentos, onde todos faltavaõ, o que as outras Almas não podem sem elles, foi levantada a hũ grão quasi divino, como Deos, que tudo o que obra juntamente com as causas segundas, pôde obrar por sy mesmo.

IV.

409 **O** Modo, com que a Mãe do mesmo Deos suprio quanto faltava naquelle corpo quasi cadaver, mas verdadeiramente vivo, já disse, que foi sobre toda a admiração admiravel; porque não substituiu os peitos arrancados com outros

Tom. 6.

peitos; nem o coração com outro coração, nem o ventre, & entranhas, com outras; mas com a mesma privação das cousas, que lhe faltavaõ, ou com o nada dellas suprio todas. He fineza de suprimimento já mais visto, nem nas obras do mesmo Deos, desde o principio do mundo. Nos tres primeiros dias da criação, porque ainda não havia Sol, que foi criado ao quarto, suprio Deos a falta do Sol com a luz, & ella fez os dias: *Fiat lux, & facta est lux. Appellavitque lucē diem.* Genes. 1. 3.5 Depois de criada Eva, faltavalhe a Adam a costa, de que fora formada, & suprio Deos a falta da mesma costa com outra tanta carne: *Replevit carnem pro ea.* Matou Caím a 2. 21. Abel, & suprio Deos a falta daquelle filho cõ outro, chamado Seth, como ella mesma disse: *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* Genes. 4. 25. Era tartamudo Moysés, & impedido da lingua, & suprio he Deos a falta da lingua com a boca, & lingua de Aram: *Ipse loquetur pro te ad populum, & erit os tuum.* Exod. 4. 16. Exod. 16. 3. No Deserto faltou o paõ ao Povo, & suprio

Aa

Deos

Num. Deos com o Manná: faltou
 20. 2. a agua, & suprio com hũa fô-
 11. te, que os seguia : faltou a
 1. *Ad* carne, & suprioa com bandos
Corint. de aves : faltou finalmente o
 10. 4. mesmo Moyfès, & suprio
 11. 13 Deos a sua falta com Josué.
 31. 32 Desorte, que sempre Deos
Iofse 1 suprio a falta de huma cousa
 1. 2. com outra : mas suprir a falta
 cõ a mesma falta, ou a cousa
 com a privação, & o nada
 della? Esta fineza de suprir
 guardou Deos para sua Máy.

Genes. 410 Na criação do Mû-
 1. 1. do, criando Deos de nada,
 suprio o nada com o mesmo
 Mundo : & naquelle corpo
 humano (que tambem se cha-
 ma Mundo pequeno) tam
 desbaratado, suprio a Senho-
 ra o Mûdo com o nada. Mas
 este nada foi mais maravi-
 lloso, suprimdo, que o da
 criação suprido. Excíta S.
 Joã Chryfostomo hũa que-
 staõ, em materia que parece
 a naõ tem, & pergunta: Se he
 Deos mais maravilhoso nas
 obras da criação, ou da con-
 servação? Todos dizem, que
 a maravilha he igual, porque
 a obra, ou a acção he a mes-
 ma. Porém Chryfostomo fi-
 losofando mais alta, & futil-

mente, diz, que mais mara-
 villoso he Deos na conserva-
 ção das cousas, do que foi na
 criação dellas. E porq? Por-
 que o nada, de q Deos criou
 o Mundo, naõ repugnava,
 nem resistio à criação: porém
 depois das cousas criadas, co-
 mo ellas saõ corruptiveis, &
 de sua natureza propendem,
 & correm para o nada, este se-
 gundo nada repugna, & re-
 siste à conservação. As pala-
 vras de Chryfostomo, para os
 que as entendem, sãõ esta:
Siquidem cadentia, & ad ni-
hilum tendentia continet, non
minus est continere mundum,
quàm fecisse. Sed si oportet ali-
quid, quod admiretur, dicere,
adhuc amplius est: nam in fa-
ciendo quidem ex nullis extant
ad He-
tibus rerum essentiaè productaè
sunt; in continendo verò quæ
facta sunt, ne ad nihilum ve-
deant, continentur. Hæc ergo
dum reguntur, & ad invicem
compugnãtia coaptantur, mag-
num, & valdè mirabile, & plu-
rima virtutis indicium decla-
rant. Desorte, que como o
 nada, de que Deos criou to-
 das as cousas deste Mundo,
 naõ repugnava, nem resistio
 à criação dellas, & pelo con-
 trario

Div.
Chry-
ost. in
cap. 1.
ad He-
br. v. 3

trario o nada, a que ellas depois de criadas por sua natural corruptibilidade propendem, ajuda, & chama a ty a mesma corrupçãõ, & deste modo resiste a que se sustentem, & conservem: muito mais maravilhoso, & poderoso se mostra Deos hoje em fazer, que não tornem a ser nada, do que se mostrou no principio em as fazer, & criar de nada. E qual destes nadaes foi aquelle, com q̃ a Senhora do Rosario suprio na sua devota a falta de todos os instrumentos da conservaçãõ, & da vida? Não ha duvida, que foi este segundo nada, & tanto mais admiravel, quanto as partes principaes, & mais vietas do mesmo corpo, não só não estavaõ já no estado da corruptibilidade, mas tinhaõ passado ao da corrupçãõ, para que bastavaõ poucas horas, se a mesma Senhora a não impedira.

V.

411 **M**AS antes que concluamos este Discurso, & as maravilhas do caso, quero satisfazer a

hũa objecçãõ, que ha muito estou vendo tem todos no pensamento. Assim como a Senhora do Rosario por virtude do mesmo Rosario, & em premio de o rezar todos os dias, fez esta tam notavel mercê à sua devota, não era mais facil conservalla totalmente sem danno, & não consentir que o lobo lhe tocasse? Pois porque permittio, que tam cruelmente a ferisse, despedaçasse, & comesse? Se a q̃ não rezava o Rosario, a mataste, como matou, hum dos lobos, & à outra a venerassem ambos, & a deixassem livre, & intacta; parece, que entãõ campeava com maior lustre, & se manifestava melhor a virtude do Rosario, como a mesma Senhora tem feito outras vezes.

412 Dous Estudantes de Filosofia na Universidade de Lovaina, companheiros, & amigos, & nas inclinações viciosas (como ordinariamente succede) muito semelhantes, tendo passado o dia em hũa casa, ou covil da sensualidade, com todas as intemperanças da gula, & da torpeza, continuavaõ tambem a

noite. Soando porém as onze horas, hum delles, que tinha por devação rezar todos os dias o Rosario, lembrado que ainda não tinha satisfeito àquella obrigação, contra a vontade, & instancias do côpanheiro) o qual ficou, & o exhortava a ficar) se despediu d'elle, & se recolheu a sua casa, onde se poz a rezar, bẽ alheo do que no mesmo tempo succedia. Não tinha bem acabado o Rosario, quando o mesmo companheiro, de q̃ se apartára, lhe appareceu feyo, & medonho, ardendo todo em labarèdas de fogo: & lhe disse, que os peccados daquelle dia tinhaõ sido os que acabáraõ de encher a medida dos seus, & que por elles o eõdenára a Justiça Divina à morte repentina, & ao Inferno, onde já estava ardendo, & arderia por toda a Eternidade. Pois se eu (replicou attonito o amigo) se eu vos acompanhey tambem nos mesmos peccados, como me não condenou a mesma Justiça? Porque vós (respondéo) tivestes valedora, & eu não: & esse Rosario, que tendes nas mãos, & a Senhora d'elle,

vos livrou, instando, & allegando os Demonios, que tambem devieis ser condemnado. Em summa, que aqui se cumprio a predicaõ de Christo Senhor nosso: *Duo erunt in agro: unus assumetur, & alter relinquetur.* E assim como dos dous Ladrões, que o mesmo Senhor no Calvario tinha aos lados da Cruz, sendo ambos igualmente malseitores, hum porque orou, & se encommendou a elle, se salvou; & o outro, porque não fez o mesmo, se perdéo: assim sendo iguaes nos peccados estes dous companheiros, o que era devoto do Rosario, & o antepoz à continuação do depravado appetite, escapou da morte, & do Inferno, & o outro morreu improvisamente, & se condenou.

413 Poderá agora negar alguẽ, que nesta mesma differença se acreditou grandemente o Rosario à vista de dous effeitos tam encontrados, em sojeitos tam semelhantes, hum livre, & salvo, porque todos os dias offerecia este tributo à Mãe de Deos, & o outro condemnado para sempre, porque a

naõ

naõ servia com elle? Pois do mesmo modo parece, que se manifestaria mais a virtude desta soberana deyação, & a gloria da mesma Senhora, se hum dos lobos mataffe, como matou, a montanheza, q̃ naõ rezava o Rosario, & o outro se naõ atrevesse a tocar a que o rezava? Acrescento, que tambem esta abstinencia, & respeito na fereza, & voracidade do lobo, naõ seria o primeiro, nem o maior exemplo do Rosario, quando no nosso caso se exprimentasse assim. O que agora referirey, he verdadeiramente singular, & por proprio da nossa Corte, creyo, naõ será ingrato aos que o lerem. Cahio por desfastre de huma janella do Paço huma Minina da Rainha, & cahio para maior desgraça em hum pateo, onde se guardava encerrado hum Leão, em cujas garras a lamentação todos por morta, quando escapasse da quèda. Levava a Minina o seu Rosario por gala (que eraõ os collares das Senhoras naquelle tempo) & tambem o rezava, porque assim se ensinavaõ as filhas, & o faziaõ as

Damas. Acoadio logo o Mestre da Leoneira, & gente, & o que viraõ, & ouviraõ, foi, que tendo o Leão arremetido à Minina, ella lhe tinha lançado o seu Rosario ao pescoço, & corré.lolhe as mãoszinhas pela gadelha, o estava afagado, como se fora hũa cachorrinha de estrado: & lhe dizia com muita graça: Leão, naõ me comas, porque hey de ir ser Freira a Castella. O segundo Autor desta Historia he o Padre Joã Antonio Velasquez, Castelhana, & o primeiro o Padre Joã de Rho, Milanez, ambos da Companhia de Jesu, & bem conhecidos por seus doutissimos Escritos. Naõ apontaõ o tempo, em que succedee; mas dizem, que a Minina de sangue illustissima se chamava Dona Anna de Almeyda; & que em cumprimento do que tinha allegado ao Leão, fora Religiosa em Castella: correspondendo bem na santidade da vida ao milagre, com q̃ Deos lha tinha guardado. E se a virtude do Rosario pode amansar a fereza, & mitigar a voracidade de hũ Leão: claro está, que mais facilmente,

Velasquez de Maria Advocata nostra lib. 2. adnot. 29. Rha. lib. var Hist. de Vir-

te, & com menor força, & violência, faria o mesmo em hum lobo. Pois porque razão a mesma Senhora do Rosário, que não faz exceção de idades, nem calidades, permittio, que o lobo executasse tal carniceria nesta sua devota, & lhe comesse os peitos, & o coração, & lhe devotasse as entranhas.

VI.

414 **E**STE mesmo argumento fizeraõ na mente de Lazaro, os que conheceraõ quanto Christo o amava, vendo chorar sobre a sua sepultura: *Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur?* Este, que deu vista ao cego de seu nascimento, não podia fazer, que Lazaro, a quem tanto amava, não morresse? Elles diziaõ assim, porque duvida-vão do poder de Christo; & nós, que conhecemos a sua Omnipotencia sem limite de caso, nem tempo, ainda podemos apertar mais a duvida, ou a admiração. Elles diziaõ, porque lhe não impedio a morte, & Eu dando hum pas-

so mais atrás, dissera: porque lhe não impedio a enfermidade? E já que permittio a enfermidade, porque o não sarou, antes que morresse? De tudo deu a razão o mesmo Christo, dizendo, que o fim desta permissão não fora a morte de Lazaro, senão a gloria do Filho de Deos: *Infirmittas hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius Dei per eam.* E em que consistio esta gloria do Filho de Deos? Consistio em que maior, & mais estupendo milagre foi resuscitar a Lazaro morto, do que fora sarallo enfermo. *Distulit sanare, ut posset resuscitare*: diz Santo Agostinho: não o quiz sarar, para o poder resuscitar. De forte, que podendolhe impedir a morte com a vida, & a enfermidade cõ a suave, não quiz fazer o que podia, para mostrar quanto mais podia. E esta mesma razão, que teve a gloria do Filho de Deos no caso de Lazaro, he a que teve a gloria da Mãe de Deos no nosso. Não quiz fazer o que podia, impedindo que a fera tocasse a devota do seu Rosário, para mostrar quan-

to mais podia, conservando a
viva sem cotação, nem entra-
nhas: *Ut glorificetur Mater
Dei per eam.*

415 Mas onde acharey
Eu hū paralelo, que me de-
clare esta gloria, & acabe de
ponderar a estranheza de tam
estupenda maravilha? Daqui
por diante he necessario su-
bir ao Ceo, porque não ha
semelhanças na terra. Respi-
cison, & subio ao Ceo Christo
ta, Redemptor nosso, & tá-
cua cō as Chagas das mãos,
& pés, & com a do Lado, a-
bertas, & não só vivo, mas
immortal. A Chaga do La-
do, era, & he tam larga, que
cobre por ella a mão de
Thomé: *Affer manum tuam,*
& misce in lacus meum: & he
tam profunda, & penetrante,
como da de para acabar de te-
gurar a morte, em caso que
no corpo verdadeiramente
morto se escondessem ainda
alguns reliquias da vida. Té-
do pois bastado para lha tirar
as quatro Chagas dos pés, &
mãos, que agora com ellas,
& com a do Lado, tanto ma-
ior, & em partes mais vitaes,
viva, & se conserve immor-
tala sagrada Humanidade, &

assim ferida, & aberta haja de
viver sempre? Milagre he na-
tural sómente do Ceo para
admiração gloriosa, & con-
templação eterna dos renti-
dos com o Sãgue das mesmas
Chagas. Mas como este San-
gue no mesmo instante divi-
no, foi recebido do Ventre
virginal de Maria, & nutrido,
& augmentado com o leite
de seus sagrados peitos: coufa
he, se por hūa parte estupen-
da, por outra de nenhū mo-
do admiravel: que ao mesmo
Ventre virginal, & aos mes-
mos peitos sagrados com-
municasse o mesmo Sangue
tal virtude, que na terra, que
he a patria da corrupção, a hū
corpo aberto cō tantas Cha-
gas, & tam mortaes, lhe pu-
dessem conservar, & suprir a
vida, & não com outro su-
primeto (como se vé nas
Chagas de Christo) senão a
mesma Senhora por sy mes-
ma.

416 Este modo de suprir
por sy mesmo, & consigo
mesmo (para que subamos
mais alto) não o faz, ainda
no Ceo, a Humanidade sacra-
tissima, senão a Divindade do
mesmo Deos. Quando nos

pintaõ as felicidades do Ceo, ainda os Autores Canonicos, descrevem Palacios, Jardins, Banquetes, Galas, & todas as outras cousas preciosas, & agradaveis, com que se deleitaõ os nossos sentidos, & se ornaõ os nossos corpos na terra. E posto que muitos creaõ, que tudo isto ha no Ceo, o mais certo he, que sãõ sòmente metáforas, & semelhanças, accomodadas à medida da nossa curta capacidade, & que no Ceo não ha, nem fazem falta cousas tam baixas, & rasteiras, & tam inferiores à alteza daquelle sublimissimo, & incomparavel estado. Que ha logo no Ceo, & cõ que supre Deos, ou com que ha de suprir aos nossos corpos tudo isto? Só S. Paulo,

1. Cor.
15. 28

Ut sit Deus omnia in omnibus: tudo isto supre Deos em todos só por sy mesmo, & só com sy mesmo. No Ceo não ha faltas, que suprir: mas para que haja o que ha na terra, & no Ceo não faz falta, tudo isto supre, & sustitue o mesmo Deos por sy mesmo, & com sy mesmo: *Deus omnia in omnibus.* Tal foi em cõ-

clusão o modo sobre todo õ encarecimêto admiravel, cõ que a Mãy do mesmo Déos suprio no corpo da devota do seu Rosario, tudo o que lhe tinha roubado, & comido a voracidade da fera. Lêbremonos das palavras do Beato Aláno. Rompeõlhe o lobo o ventre: *Ventrem discerpit:* & por sy mesma, & com sy mesma lhe suprio a Senhora esta falta; porq̃ o Ventre virginal lhe suprio o ventre: *Beatus Venter, qui te portavit.* Arrancoulhe o lobo os peitos: *Ubera abrupit:* & por sy mesma: & com sy mesma lhe suprio tambem esta falta; porque os peitos sagrados lhe suprirãõ os peitos: *Beata ubera, qua fuxisti.*

417. E para que ninguẽ duvide, que estas maravilhas sãõ singularmente proprias da Virgem Maria, em quanto Senhora do Rosario, & pelos merecimentos do mesmo Rosario; o mesmo Filho, que trouxe no mesmo Ventre, & criou aos mesmos peitos; o celebrou, & cantou assim na sua lingua, que he a do Texto Hebréo. Fallando Christo do Sagrado Ventre de

ant. de sua Mãe, diz: *Venter tuus sicut aceruus tritici, vallatus rosis*: & fallando dos lagrados peitos, diz do mesmo modo: *Ubera tua, sicut duo hinnuli gemelli capreae, qui pascuntur in rosis*. Logo iremos às rosas. Ponderemos primeiro as duas extraordinarias comparações do Ventre, & dos peitos, que como são bucolicas, & pastoris, ambas são rústicas, & do campo. O Ventre, diz que he como na eyra o monte de trigo: *Venter tuus sicut, aceruus tritici*. A proporção, que tem o trigo com o Ventre, he que aquelle se ordena ao sustento deste: logo se o Ventre louvado he como o trigo: *Sicut aceruus tritici*: he hum Ventre, que sustêta outro ventre. E este foi o milagre do Ventre virginal, que sustentou depois de fer comido o ventre da devota Pastora. Os peitos, diz que são como dous cabritinhos môtezes gemeos, que estão mamando: *Sicut duo hinnuli gemelli, qui pascuntur*. Os peitos não são os que se sustentão do leite, senão os que sustentão com elle: logo se os peitos são co-

mo os que os mamão: *Sicut hinnuli*: são peitos, que sustentão outros peitos. E estes foram os peitos sagrados, que sustentáraõ os da mesma Pastora depois de serem pasto do lobo. Isto posto, agora entraõ as rosas. E porque diz o mesmo Texto, que as rosas são as que defendem o vêtre: *Vallatus rosis*: & as rosas, as que sustentão os peitos: *Qui pascuntur in rosis*? Porque o milagre do ventre, & peitos da Pastora (não elles sustentados nella, senão ella sustentada sem elles) tudo foi por milagre das rosas, que tambem em metâfora do campo, no nome, & na virtude representavão o Rosario.

VII.

418 **D** Este caso particular, tam prodigioso, como de tronco se seguem os frutos universaes, que Eu prometti colher delle: sendo certo, como agora veremos, que assim como a Virgem, Senhora nôssa, em premio da devaçãõ do Rosario suprio nesta sua devota a falta de quãto lha era necessario para esta

esta vida, & para a outra: assim suprirá em todos, os que tiverem a mesma devação, toda a falta do conveniente para a vida temporal, & importante para a eterna. Vão agora todos, & cada hum representando o que lhe falta, ou pôde faltar em hum, & outro genero: & Eu lhe mostrarey, como tudo supre a Senhora por meyo do seu Rosario.

419. Começando pelo temporal. Que vos falta? Faltame, o que supre todas as faltas, que he o dinheiro. Isto diz hum pobre, & o podem dizer todos. Mas Eu lhe digo, que se rezarem o Rosario todos os dias, a Mãe de Deos lhe suprirá esta falta, tam abundantemente, que não só lhe não falte o que pedem no mesmo Rosario, que he o sustento de cada dia, mas tenhaõ com que sustentar, & remediar a muitos. Houve em diferentes tempos em França hũ Homem nobre, & em Alemanha hũa Mulher de igualidade, os quaes tendo nascido muito bem herdados, vierão a cair em tam extrema pobreza, que vivião do que pediaõ de esmola. E como a

miseria depois da felicidade he maior miseria, & ha muito maior paciencia, prégando por aquellas Provincias o Beato Aláno, a ambos recitou o seu remedio universal, q̄ era a devação do Rosario. O Homẽ, & a Mulher, o fizeram assim: & foi cousa maravilhosa, que dentro em pouco tempo, sem saber como, nem por onde, se acháraõ cõ tanto cabedal de fazenda, que os que dantes pediaõ esmola, sustentavaõ com as suas a todos os pobres da terra, em q̄ viviaõ. E esta foi (notay) esta foi a segunda, & maior mercê da Rainha dos Anjos; porque não só lhe deu as riquezas, senão o bom uso dellas, sem o qual os maiores thesouros, antes são castigos, que favor do Cão.

420. Ha mais, a quem falte algũa cousa? Sim: & quem menos se cuida: os Ricos. Eu, diz algũ delles muito triste, tenho Morgados, tenho Herdades, tenho Juros, tenho Rendas, tenho Comendas: mas que importaõ todos estes chamados bens da fortuna, se me falta a successão, & não tenho a quem os deixar?

deixar? Acabar-se-á a minha casa em mim, & ficará sepultada comigo. Bem parece, q̄ ou não sois devoto da Virgẽ Maria, ou não rezais o seu Rosário. Os primeiros ascendentes desta Senhora, que foram, Abraham, Isaac, & Jacob, tambem não tinham filhos, & os alcançaram por orações. Rezay o Rosário, & Deos voos dará, tam proprios da sua mão, que vos não arrependais, como muitos, de os haver tido. Este mesmo conselho deu S. Domingos à Rainha de França, estando aquella Coroa sem Herdeiro, & a Senhora do Rosário lhe deu hum tal filho, qual foi, & he, S. Luis. Pela mesma devação alcançou outro filho hũa Senhora illustre dos Paizes de Hollanda, o qual a liberalissima Rainha do Ceo lhe deu duas vezes: porque succedendo morrer em menor idade, assim como lho tinha dado nascido pelo Rosário, assim pelo mesmo Rosário lho tornou a dar recusado.

421 Quem mais se queixa de lhe faltar o que ha mister? Hum Soldado. E porque

se queixa? Não por falta do Socorro, Farda, ou Pão de Munição, que muitas vezes tarda, ou não chega; mas pelos riscos da vida (diz elle) de que os Soldados não temos hum momento seguro, & sem perigo. Alguns trazem consigo certas Orações falsamente acreditadas, as quizes nem lhe valem contra os inimigos, nem com os mesmos Cabos, a quem obedecemos: & se houvera outras, com que seguramente se suprisse esta falta, só então se pudera ser Soldado. Ora ter de bom animo, que Eu vos inculcarey quem só a pôde suprir, & como. Rezay todos os dias o Rosário, & a Virgem, Senhora nossa, vos livrará por meyo d'elle de ambos esses perigos. Em Flandes, que na nossa Era foi o Theatro de Marte mais sanguinolêto, apertados muitas vezes poucos Soldados Catholicos de hum grande Exercito de Hereges, o remedio, de que se valerão, foi rezarem todos o Rosário, o qual trazião a tiracolo por banda, como tambem a Imagem da mesma Senhora pintada nas Bandeiras: & com este

tanteriormente. Se estais doente de febres, ou seja chronicas, ou agudas, ou seja ethicas, ou tizicas; de todas fáca a devação do Rosario. Se padecis nos olhos, nos ouvidos, na lingua, e muitos Cegos, e muitos Surdos, e muitos Mudos recuperáão o uso destes sentidos pela mesma devação. Ella he o mais presente remedio contra a Redra, contra a Gotta, contra a Hydropefia, & contra a mesma Peste geral, de que tem librado Cidades, & Reynos inteiros. Que direy de chagas encanceradas, de feridas penetrantes nas partes mais vitais, & de accidentes subitos, & apopleticos? Que direy de Mancos, Alejados, & Tolhidos, sem movimento, nem sentidos, & totalmente baldados? Que direy dos Enorgumentos, aos quaes não valéão medicamentos, nem Exorcismos, livres pela virtude deste soberano remedio, universal sem exceção? Até de doudice confirmada, de q̃ os milagres de Christo nos não deixáão exemplo, são curados, e os que pela mesma virtude se tem restituído a

perfeito juizo. Assim, que não ha falta algũa de quanto pertence a esta vida, ou seja bês da natureza, ou da fortuna, em qualquer estado, que a Senhora do Rosario por meyo del e não supra, & remedes tam liberal, & misericordiosamente, como temos visto.

IX.

418 **D**epois do que he inconveniente, & necessario à vida temporal, segue-se o que importa à eterna, q̃ he a q̃ só importa. Quatro cousas podem faltar a quem a dezeja conseguir Resistencia contra as tentações, Contrição para os peccados, Graça, & Perseverança nella. E todas estas faltas, como da maior, ou unica importancia, supre a Máy da mesma Graça pela devação do seu Rosario.

429 Quanto à resistencia das tentações, hũa Mulher, tam bem parecida, como mal intencionada, tentou em Mexico a hum moço, o qual se rendéo facilmente a consentir na tentação. E saindose ambos: por conselho della, a hum

hum lugar fóra da Cidade, accommodado à execução do que tinha concertado, a Mulher lhe disse, que primeiro havia de apartar de sy hum Rosario, que trazia ao peçoço debaixo do vestido. Admirado o Mago, de que ella visse o que trazia tam occulto, começou a suspeitar mal, tanto da vista, como da condicção, que lhe punha. & respondéo, que por nenhum acontecimento, nem por todos os interesses do mundo apartaria de sy o Rosario, q todos os dias rezava, à Mãe de Deus. Tam fortemente tinha atraigada a Alma, a devogaõ, o mesmo que tam facilmente se tinha rendido, a consentir no pecado. E que fez a Mulher, quida esta resistencia, subitamente, deixou de parecer o que parecia, & se manifestou o que era; porque debaixo daquelle disfarsce era o Demonio, o qual transformado em hum monstro de figura feissima, & horrenda, lhe disse: Esse Rosario te valha, & as muitas vezes q o tens rezado, porque se o apassas de ti, eu te havia de levar logo ao Inferno. Ficou

o Mago tam penetrado de q vira, & ouvira, & tam de len ganado, & arrepedido da fraqueza, em que tinha cahido, que por mais diligencias, que depois fez o Demonio, representandolhe em outras figuras, com que o importunava a pescar, invocando sempre o patrocinio da Senhora do Rosario, a nenhuma tentação se rendeo já mais.

430. Outro Mago em Pariz tendo sollicitado humas Mulher casada, & naõ a podendo reduzir, se valeo para isso de hums Nigromantes, os quaes, & os Demonios com elles, o ajudassem. A tão pichergaria, femeridade, furiosa do amor ego. Mas aqui se mostrou o Rosario em dous diferentes casos singularmente maravilhoso. O primeiro foi, que naõ podendo os Demonios vencer a Mulher em todos os dias, em que rezava o Rosario, fizeram taes perturbacões na casa, que hum dia o naõ pode rezar. & logo se rendeo à tentação. O segundo, que rendida já, & laindo de noite a buscar o Mago, q a perrendia, a Senhora do Rosario rogou, & trocou o co-

tancias mais prodigioso. Havia em Italia hum famoso Salteador de caminhos, o qual não só despojava aos caminhantes, mas era tam barbaro, & cruel, que tambem lhe tirava a vida. Encôtrouse com este Ladrao S. Domingos, & tendo empenhado com elle todo o seu zelo, espirito, & eloquencia, para o converter, não foi possível. Por fim lhe disse: Ao menos vos peço me concedais, & promettais huma só cousa muito facil, que he rezar todos os dias o Rosario da Virgem Senhora nossa. Aceitou elle, & rezava; mas sem nenhũa emenda na vida, continuando como dantes os mesmos roubos, & insultos. Neste estado adoeceo mortalmente sem acto algum de Christão, & os companheiros da sua quadrilha o enterarão junto a huã daquellas estradas, tam impia, & brutalmente, como tinha vivido. Dous annos havia, que estava alli sepultado, quando tornando a passar pelo mesmo caminho S. Domingos, se ouviraõ huãs vozes confusas, & lastimosas, sem se

ver donde sahiaõ, cu cujas eraõ; atè que chegando ao mesmo lugar da sepultura, se conheceo distintamente, que de dentro della sahiaõ. E o que diziaõ, era: Padre Frey Domingos, Servo de Deos, cõpadeceyvos de mim. Aberta a sepultura sahio de dentro, com affombro de todos os que acompanhavaõ o Santo, hum Homem vivo. Perguntado quem era: Eu sou (disse) Padre aquelle grande Ladrao, a quem procurastes persuadir, que se convertesse, & não quiz: & sò aceitou de vossos conselhos o rezar o Rosario. Aqui me sepultarão vivo meus companheiros, tendome por morto por occasiaõ de hum largo paracismo. Sepultado, & cuberto de terra, naturalmente havia de morrer logo, & ir padecer no Inferno as penas, a que estava condemnado por minha vida; porém a Soberana Virgem me alcançou de seu Bemdito Filho, que não morresse, & que estes dous annos, em que padeci terribilissimas penas, me servissem de Purgatorio. Isto disse em publico. E confessandose logo ao mesmo

mesmo Santo de todos seus peccados, no ponto em que recebéo a Absolvição, o corpo cahio morto, & a Alma com a Graça do Sacramento, que só lhe faltava, subio a gozar da Gloria. Assim acabou Santo, o que tinha vivido Ladrão. E tanto importa para conseguir a Graça final a devação do Rosario.

433 Sò resta para os que vivem bem a perseverança, cuja falta supre a Mãe da mesma Graça tam conaturalmente, que não são necessários exemplos, onde não ha milagre. Com ser regra géral, que a boa vida responde a boa morte, & a má morte à má vida; he tal a inconstancia, & fraqueza humana, & tam superior o poder da Graça Divina, que tambem a generalidade desta regra padece as suas exceções. Dimas vivéo mal, & morréo bem: Judas vivéo bem, & morréo mal: Dimas vivéo como Ladrão, & morréo como Apostolo: Judas vivéo como Apostolo, & morréo como Ladrão. Mas de quatro Ladrões, que concorrérao na morte de Christo, hum se salvou, &

tres se perdérao: & de doze Apóstolos, que seguiraõ ao mesmo Christo, hum só se perdéo, & onze se salvárao. Com tal differença porèm, q se esse mesmo, que se perdéo, recorresse à piedade da Soberana Mãe do mesmo Filho, que tinha vendido, não só recuperaria a Graça perdida, mas depois de recuperada, perseveraria nella até o fim, como os demais. Isto pois, que elle não soube fazer, he o meyo, que devem tomar todos, os que reconhecidos da sua fraqueza, & inconstancia, temem, que depois de alcançada a Graça lhe falte a perseverança nella. Maravilhosa cousa foi, que caminhando os filhos de Israel quarenta annos por hum Deserto seco, esteril, & falto de agua, huma pedra do mesmo Deserto lhe suprisse esta falta até entrarem na Terra de Promissão. E que Agua, & que Pedra do Deserto he esta? A Agua disse Christo à Samaritana, que era a Graça: a Pedra do Deserto diz o Profeta Isaias, que he a Virgem Maria: *Emitte agnum, Domine, dominatorem terræ, de Pe-* Isai. 16. 1.

tra deserti. Se queremos pois chegar à Terra de Promissão da Gloria, & tememos, que a Agua da Graça perleverante nos falte, recorramos à fecūdiſſima Pedra, de que naceo a Fõte da meſma Graça, & recorramos com firme, & certa confiãça, que aſſim como na Paſtora devota do Roſario ſuprio a meſma Senhora tudo o que lhe faltava para eſta vida, & para a outra;

aſſim ſuprirá em nõs por meyo do meſmo Roſario, tudo o que nos far conveniente para a vida temporal, & neceſſario para a eterna. Onde com perpetuos louvores da Mãy, & do Filho, lhe cantemos ſem fim, o que a voz do Evangelho entoou no principio: *Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ ſuxiſti.*

FINIS.



SER.



S E R M A M

X X V I I.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

Iofias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus in transmigratione Babylonis. Et post transmigrationem Babylonis, Iechonias genuit Salathiel. Matth. I.

I.

434



UMA das grandes coufas, que se vê hoje no mundo, & nós pelo costume de cada dia não admiramos, he a transmigração immentia de Gentes, & Nações Ethiopes, que da Africa continuamente estão passando a esta America. A Armada de Eneas, disse o Principe dos Poetas, que levava Troya a Italia:

Ilium in Italiam portans: Æ:
& das naos, que dos Portos *neid.* do Mar Atlantico estão successivamente entrando nestes nossos, com maior razão podemos dizer, que trazem a Ethiopia ao Brasil. Entra por esta Barra hū cardume monstruoso de Balêas, salvando com tiros, & fumos de agua as nossas Fortalezas, & cada hūa pare hum Baléato: entra hūa nao de Angôla, & desôva no mesmo dia quinhentos, seiscentos, & tal vez, mil Es-
cravos.

cravos. Os Israelitas atravessarão o Mar Vermelho, & passarão da Africa à Asia, fugindo do cativeiro : elles atravessão o Mar Oceano na sua maior largura, & passaõ da mesma Africa à America para viver, & morrer cativos.

Mas
feus.

Infelix genus hominum (disse bem delles Masséu) & *ad servitutem natum*. Os outros nascem para viver, estes para servir. Nas outras terras, do que são os homens, & do que são, & tecem as mulheres, se fazem os commercios : naquella o que geraõ os pays, & o que criaõ a seus peitos as mãys, he o que se vende, & se compra. Oh trato deshumano, em que a mercancia são homens! Oh mercancia diabolica, em que os interesses se tiraõ das Almas alheas, & os riscos são das proprias!

435 Já se depois de chegados olharmos para estes miseraveis, & para os que se chamão seus Senhores : o que se vio nos dous estados de Job, he o que aqui representa a fortuna, pondo juntas a felicidade, & a miseria no mesmo theatro. Os Senhores poucos, os Escravos muitos:

os Senhores rompendo galas, os Escravos despídos, & nus: os Senhores banqueteados, os Escravos perecendo à fome: os Senhores nadando em ouro, & prata, os Escravos carregados de ferros: os Senhores tratandooos como brutos, os Escravos adorandooos, & temendooos, como Deos: os Senhores em pè apontando para o açoute, como Estatuas da soberba, & da tyrannia, os Escravos postrados com as mãos atadas atrás como Imagens vilissimas da servidão, & Espectaculos da extrema miseria. Oh Deos! Quantas graças devemos à Fé, que nos déstes, porque ella só nos cativa o entendimento, para que à vista destas desigualdades, reconheçamos com tudo vossa justiça, & providencia. Estes homẽs não são filhos do mesmo Adam, & da mesma Eva? Estas Almas não foraõ resgatadas com o Sangue do mesmo Christo? Estes corpos não nascem, & morrem, como os nossos? Não respiraõ com o mesmo ar? Não os cobre o mesmo Ceo? Não os aquenta o mesmo Sol? Que estrella he

he logo aquella, que os domina, tam triste, tam inimiga, tam cruel?

436 E se as influencias da tua estrella são tam contrarias, & nocivas, como se não communicão ao menos aos trabalhos de suas mãos, & como maldição de Adam, às terras que cultivão? Quem pudéra cuidar, que as plantas regadas com tanto sangue innocente houvessem de medrar, nem crescer, & não produzir, senão espinhos, & abrôlhos? Mas são tam copiosas as benções de doçura, que sobre ellas derrama o Ceo; que as mesmas plantas são o fruto, & o fruto tam precioso, abundante, & suave, q̄ elle sô carrega grandes Frôtas, elle enriquece de thesouros o Brasil, & enche de delicias o mundo. Algum grande mysterio se encerra logo nesta transmigração: & mais se notarmos ser tam singularmente favorecida, & assistida de Deos, que não havendo em todo o Oceano navegação sem perigo, & contrariedade de ventos, sô a que tira de suas patrias a estas Gentes, & as traz ao exercicio do cativei-

ro, he sempre com vento à popa, & sem mudar vella.

437 Estas são as considerações, que Eu faço, & era bem, que fizessem todos, sobre os juizos occultos desta tam notavel transmigração, & seus effectos. Não ha Escravo no Brasil, & mais quando vejo os mais miseraveis, que não seja materia para mim de hũa profunda meditação. Comparo o presente com o futuro, o tempo com a eternidade, o que vejo, com o que creyo, & não o posso entender, que Deos, que criou estes homês tanto à sua imagem, & semelhança, como os demais, os predestinasse para dous Infernos, hum nesta vida, outro na outra. Mas quando hoje os vejo tam devotos, & festivaes diante dos Altares da Senhora do Rosario, todos Irmãos entre sy, como Filhos da mesma Senhora; já me persuado sem duvida, que o cativeiro da primeira transmigração he ordenado por sua misericordia para a liberdade da segunda.

438 De duas transmigrações faz menção o nosso Evangelho: hũa, em que fo-

rão

Mat. 11. 11. raõ levados os filhos de Israel da sua patria para o cativoiro de Babylonia: *In transmigratione Babylonis*: & outra em que foraõ trazidos do cativoiro de Babylonia para a sua patria: *Et post transmigrationem Babylonis*. A primeira transmigração, & do cativoiro, durou setenta annos: a segunda, & da liberdade, não teve fim, porque chegou até Christo. E como ordenou Deos a primeira transmigração para a segunda? Assim como ordenou, que de Josias nascesse Jeconias: *Josias autem genuit lechoniam, & fratres ejus*. Em todo este Evangelho, quando elle historialmente diz, que hum Patriarcha gerou outro Patriarcha, quer dizer no sentido mystico, que da significação do nome de pay nascéo a significação do nome do filho. Baste por exemplo o primeiro, que se nomea no mesmo Evangelho, q̃ he David. David diz a serie das mesmas gerações, q̃ gerou a Salamaõ: *David autem Rex genuit Salomonem*. E que quer dizer, que David gerou a Salamaõ? David significa o Guerreiro, Sa-

lamaõ significa o Pacifico: & nascer Salamaõ de David, quer dizer, que da guerra havia de nascer a paz: & assim foi. Do mesmo modo diz o Evangelho, que Josias gerou a Jeconias no cativoiro de Babylonia: *Josias autem genuit lechoniam in transmigratione Babylonis*. Saybamos agora, qual he a significação destes dous nomes, Josias do pay, & Jeconias do filho. Josias significa, *Ignis Domini*, o fogo de Deos: Jeconias significa, *Præparatio Domini*, a preparação de Deos. Diz pois o Texto, ou quer dizer, que na transmigração de Babylonia o fogo de Deos gerou a preparação de Deos. Porque? Porque o fogo queima, & allumia: & no cativoiro de Babylonia, não só queimou Deos, & castigou os Israelitas, mas também os allumiou: & porque os castigou, & allumiou no cativoiro da primeira transmigração: *In transmigratione Babylonis*: por isso, & com isso, os dispoz, & preparou para a liberdade da segunda: *Et post transmigrationem Babylonis*.

439 Eisaqui, Irmãos do
Ro:

Rosário Pretos (que só em vós se verificaõ estas significações) eis aqui o vosso presente estado, & a esperança, q̄ elle vos dá do futuro : *Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus.* Vós sois os Irmãos da preparação de Deos, & os Filhos do fogo de Deos. Filhos do fogo de Deos na transmigração presente do cativoiro, porque o fogo de Deos neste estado vos imprimio a marca de Cativos : & posto que ésta seja de oppressão ; tambem como fogo vos allumiou juntamente, porque vos trouxe à luz da Fé, & conhecimento dos Mysterios de Christo, que são os que professais no Rosário. Mas neste mesmo estado da primeira transmigração, que he a do cativoiro temporal, vos estaõ Deos, & sua Santissima Mãe, dispondo, & preparando para a segūda transmigração, que he a da liberdade eterna. Isto he o q̄ vos hey de prégar hoje para vossa consolação. E reduzido a poucas palavras, será este o meu Assumpto: Que a vossa Irmandade da Senhora do Rosário vos promete a todos hũa

Carta de Alforria: com que não só gozeis a liberdade eterna na segunda transmigração da outra vida ; mas tambem vos livraeis nesta do maior cativoiro da primeira. Em lugar das alviçaras, que vos devera pedir por esta boa nova, vos peço me ajudeis a alcançar a Graça, com que vós possa persuadir a verdade della. *Ave Maria, &c.*

II.

440 **E**M quanto desterrados filhos de Eva, todos temos, ou nos espera, hũa universal transmigração, que he de Babylonia para Jerusaleem, & do Desterro deste mundo para a Patria do Ceo. Vós porém, que vistes, ou fostes trazidos das vossas patrias para estes desterrros; além da segunda, & universal transmigração, tendes outra, que he a da Babylonia, em q̄ mais, ou menos moderada, continuais o vosso cativoiro. E para que saybais como vos deveis portar nelle, & não sejais vós mesmos, os que o acrescenteis; vos quero, primeiro q̄ tudo, explicar, qual elle

elle he; & em que consiste. Procurárey, que seja com tal clareza, que todos me entendais. Mas quando assim não succeda (porque a materia pde maior capacidade dar q' podeis ter todos) ao menos, como dizia Santo Agostinho na vossa Africa, contentar-me hey, que me entêdaõ voflos Senhores, & Senhoras: para que elles mais devagam vos enfimem, o que a vós, & tambem a elles, muito importa saber.

44. Sabey pois, todos os que sois chamados Escravos, que não he escravo tudo o q' sois. Tudo o homẽ he composto de corpo, & Alma; mas o que he, & se chama Escravo, não he todo o homem, senão só ametade d'elle. Até os Gentios, que tinhaõ pouco conhecimento das Almas, conhecêraõ esta verdade, & fizeraõ esta distincão. Homêto referido por Clemente Alexandrino, diz assim: *Altinans Iupiter viro, quem alij servire necesse est, aufert didium.* Quer dizer, que a aquellas homens, a quem Jupiter fez Escravos, os partio pelo meyo, & não lhe deixou

mais que húa ametade; que fosse sua; porque a outra ametade he do Senhor, a quem servem. E qual he esta ametade escrava; & que tem de Senhor, a qual he obrigada a servir? Não ha duvida; que he a ametade mais vil, o corpo. Excellentemente Seneca: *Errat si quis existimat servitutem in totum hominem descendere: pars melior ejus excepta est.* Quem cuida, que o que se chama Escravo, he o homem todo, erra, & não sabe o que diz: a melhor parte do homem; que he a Alma, he izenta de todo o dominio alheo; & não pôde ser cativa. O corpo, & fõmente o corpo, si m: *Corpus itaque est, quod damno fortuna tradidit. Hoc emit, hoc vendit: interior illa pars mancipio dari non potest.* Sã o corpo do Escravo (diz o grande Filosofo) he o que deu a fortuna ao Senhor: este comprou; & este he o que pôde vender. E nota sapientissimamente; que o dominio, que tem sobre o corpo, não lho deu a natureza, senão a fortuna: *Quod domno fortuna tradidit*, porque a natureza, como Mãe, desde o Rey

Ho-
merus.
Cle-
mês
Alex.
Strom.
lib 4.

Seneca.
ca. lib.
3. de
Benef.
cap.
20.

ibid.

o Rey ao Escravo, a todos fez iguaes, a todos livres. Falando S. Paulo dos Escravos, & com os Escravos diz, que obedeçaõ aos Senhores carnaes: *Obedite dominis carna-*

Ephes.
6. 5.

libus. E que Senhores carnaes são estes? Todos os Interpretes declaraõ, q̃ são os Senhores temporaes, como os vossos, aos quaes se vis por todo o tempo da vida: & chamalhe o Apostolo Senhores carnaes, porque o Escravo, como qualquer outro homẽ, he composto de carne, & espirito, & o dominio do Senhor sobre o Escravo s̃o tem jurdiçaõ sobre a carne, q̃ he o corpo, & não se estende ao espirito, que he a Alma.

Epi-
pha-
nus.

442) Esta he a razãõ, porq̃ os Escravos entre os Gregos se chamavaõ corpos. Assim o refere Santo Epiphanio, & que o uso commum de fallar entre elles era, não, que tal, ou tal Senhor, tinha tantos Escravos, senãõ, que tinha tantos corpos. O mesmo diz Seneca, que se usava entre os Romanos. E he erudiçaõ, que elle ensina a seu discipulo Lucilio: porque ainda que a noticia dos vocabulos he de

todos, saber a origem, delles he s̃o dos que sabem as causas, & mais as causas; *Quam Seneca Ep.*
do quidem dominium corpori-
bus dominatur, & non animis. 47.
propterea seruis corpora voca-
verunt, uti usum corporum os-
tenderent. Sabes, Lucilio, porq̃ os nossos Maiores chamaõ aos Escravos corpos, porque o dominio de hum homem sobre outro homem s̃o pôde ser no corpo, & não na Alma. Mas não he necessario ir tam longe como a Roma, & a Grecia. Pergunto: Neste vosso mesmo Brasil quando quereis dizer, que fulano tem muitos, ou poucos Escravos, porque dizeis, q̃ tem tantas, ou tantas Pessas? Porque os primeiros, que lhe puzerão este nome, quizerão significar sabia, & christãmente, que a sujeiçaõ, que o Escravo tem ao Senhor, & o dominio, que o Senhor tem sobre o Escravo, s̃o consiste no corpo. Os homẽs não são feitos de hũa s̃o pessa, como os Anjos, & os brutos. Os Anjos, & os brutos (para que nos expliquemos assim) são inteiricos; o Anjo, porque todo he espirito; o bruto, porque todo

todo

todo he corpo. O homem não. He feito de duas peſſas, Alma, & corpo. E porque o Senhor do Eſcravo ſó he Senhor de hũa deſtas peſſas, & a capaz de dominio, que he o corpo; por iſſo chamais aos vossos Eſcravos, Peſſas. E ſe eſta diſtincção vos não contenta: digamos, que chamais Peſſas aos vossos Eſcravos, aſſim como dizemos, hũa peſſa de ouro, hũa peſſa de prata, hũa peſſa de ſeda, ou de qual-quer outra couſa das que não tem Alma. E por eſte modo ainda fica mais claramente provado, que o nome de Peſſa não comprehendẽ a Alma do Eſcravo, & ſómente ſe entende, & ſe eſtende a ſignificar o corpo. Eſte he o que ſó ſe cativa, eſte o que ſó ſe cõpra, & vende, eſte o que ſó tẽ debaixo de ſua jurdição a fortuna, & eſte em fim o que levou de Jeruſalem a Babilonia a tranſmigração dos filhos de Iſrael, & eſte o que traz da Ethiopia ao Brazil a tranſmigração dos que aqui ſe chamaõ Eſcravos, & aqui continuão ſeu cativoiro.

III.

443 **D**E maneira, Irmãos Pretos, que o cativoiro, que padeceis, por mais duro, & aſpero que ſeja, ou vos pareça; não he cativoiro total, ou de tudo o que ſois, ſenão meyo cativoiro. Sois Cativos naquella ametade exterior, & mais vil de vós meſmos, que he o corpo; porém na outra ametade interior, & nobiliſſima, que he a Alma, principalmente no que a ella pertence, não ſois Cativos, mas livres. E ſuppoſto eſte primeiro ponto, ſegue ſe agora, que ſabais o ſegundo, & muito mais importante, & q̃ Eu vos declare, ſe eſſa parte, ou ametade livre, que he a Alma, pôde tambem por algum modo ſer cativa, & que a pôde cativar. Digopois, que tambem a vossa Alma, como as dos mais, pôde ſer cativa: & quem a pôde cativar, não ſão vossos Senhores, nem o meſmo Rey, nem outro algũ poder humano, ſenão vós meſmos, & por vossa livre vontade. Ditofos de vós, aquelles que de tal modo ſe

com-

compuzerem com a sorte do feu meyo cativeiro, que se ferva da sua propria servidaõ, & se saybaõ aproveitar do que nella, & com ella podem merecer! Mas o mal, & a miseria, que totalmente vos fará miseraveis, he, que fazêdovos a vossa fortuna Cativos sô no corpo, vós muito por vossa vontade cativeis tambem a Alma. Dous casos notaveis se viraõ na transmigração de Babylonia. Houve huns daquelles Cativos, & desterrados, que tendo licença, & liberdade para tornar para a patria, quizeraõ antes ficar no feu cativeiro: & houve outros, & quasi todos, q̄ sendo aquelle cativeiro só do corpo; elles se não contentáraõ com ser meyos cativos, mas para o ser inteira, & totalmente, cariváraõ tambem as Almas. Com grande fundamêto se pôde pôr em queitação: Se para a natureza humana se sojeitar, & precipitar os vicios, he maior tentação a liberdade, ou o cativeiro? O certo he, que nesta mesma occasião mostrou por experiencia o cativeiro, não só ter maiores forças para

tentar, senão tambem para vencer. Porque entre todos os Cativos, que foraõ muitos mil, só hum Tobias se achou, que não cativasse a sua Alma. Assim o diz, & celebra delle por grande maravilha a Escritura Sagrada: *In captivitate tamen positus, viam veritatis non deseruit.* Tam ordinaria, & universal miseria he, que os Meyocativos não sjaõ só Cativos de meyas, senão totalmente, & em hũa, & outra ametade Cativos: Cativos no corpo, & Cativos juntamente na Alma.

444 E se me perguntardes, como deveis perguntar, de que modo se cativaõ as Almas: quem saõ os q̄ as vendem, & a quem as vendem, & porque preço? Respondo, q̄ os que as vendem, he cada hum a sua: a quem as vendem, he ao Demonio: o preço porque as vendem, he o peccado. E porque a Alma he invisivel, & o Demonio tambem invisivel, & estas vendas não se vem: para que não cuideis, que saõ encarecimentos, & modos de fallar, senão verdades de Fé, sãhey, que assim está definido por Deos,

& repetido muitas vezes em todas as Escripturas Sagradas. S. Paulo, aquelle grande Apóstolo, que foi levado em vida ao Ceo, & depois tornou do Ceo à terra, para ensinar aos homens o que lá vira, & aprendera, fallando desta venda da Alma, diz assim: *Lex spiritualis est: Ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato.* Sabeis, diz S. Paulo, como os homens vendem a sua Alma? Ouvime com attençaõ, Eu volo direy: *Lex spiritualis est: a Ley he espiri-*

Rom 7. 14. *tual: Ego autem carnalis sum: & o homem he carnal. A Ley he espiritual; porque ordena o que convem ao espirito, & à Alma: o homem he carnal; porque naturalmente appetee o q̄ pede a carne, & o corpo. Da parte da Ley esta Deos mandando que seja obedecido, & promettendo que aos que aguardarem dará depois o Ceo: da parte da carne está o Demonio aconselhando, q̄ se não guarde a Ley, & promettendo ao homem, que logo, & de contado, lhe dará o gosto, ou interesse, que pede o seu appetite. Posta pois a Alma, como em leilaõ, entre*

Deos, & o Demonio, entre a Ley, & o peccado: que faz a vontade, & o livre alvedrio, que he o Senhor de todas nossas acções, & resoluções? Em vez de receber o lanço de Deos, aceita o do Demonio, & tanto que cõsentio no peccado, ficou a Alma cativa, & rematada a venda: *Venundatus sub peccato.* He o que diz Santo Agustinho na exposiçaõ deste mesmo Texto: *Unusquisque peccando, animam suam Diabolo vendit, accepta, tanguam pretio, dulcedine temporalis voluptatis.* A primeira venda, & o primeiro leilaõ de Almas, q̄ se fez neste mundo, foi no Paraíso terreal. De hũa parte estava Deos, mandando que se não comeſse da fruta vedada: da outra parte estava a Serpente instigando que se comeſse: E que succedeo? Eva, que representava a carne, inclinou à parte do Demonio; & porque Adam, que fazia as partes do alvedrio, em vez de obedecer o preceito de Deos, seguiu o appetite da carne; alli ficáraõ vendidas ao Demonio as duas primeiras Almas, & dalli trouxe sua origem a veda das demais.

Aug. *ibi.*
Genes. 2. 16.
Genes. 3. 1.
Di-

445 Dizeyme, Brancos, & Pretos, não condemnamos todos a Adam, & Eva? Não conhecemos, que foraõ ignorantes, & mais que ignorantes; loucos, & mais que loucos; cegos, & mais que cegos? Não fomos nós os mesmos, que lhe lançamos pragas, & maldições, pelo que fizeraõ? Pois porque fazemos o mesmo, & vendemos as nossas Almas, como elles as vendéraõ? Ouçaõ primeiro os Brancos hum exemplo, em que vejaõ a sua deformidade, & logo mostraremos outro aos Pretos, em que vejaõ a sua. De El Rey Achab affirmamos a Historia Sagrada; que foi o mais máo Rey que houve entre todos os de Israel, porque peccando, & para peccar, se vendéo: *Non fuit*

3. Reg. alter talis sicut Achab, qui vendatus est, ut faceret malum.

O mesmo lhe disse o Profeta Elias na cara. Perguntoulhe o Rey: *Num invenisti me inimicum tibi?* Por ventura, Elias, achaste em mim alguma cousa, pela qual tenhas para ti, que sou teu inimigo? Sim achey, respondéo o Profeta: porque achey, que es tal, que

te vendes para offender a Deos: *Inveni, eò quòd venundatus sis, ut faceres malum in conspectu Domini.* Não te queixou Elias das offensas, que lhe tinha feito Achab, mas das que fazia contra Deos: nem se queixou de não ter o Rey amigo do seu Profeta, senão de que sendo Rey, se vendia, & fazia Escravo: *Eò quòd venundatus sis, ut faceres malum.*

446 É que males, & peccados eraõ aquelles, em que Achab se vendia? Dous principalmente refere a Escritura: hum géral, com que obrigava os subditos a que adorassem os Idolos de ouro de Jeroboão, prohibindo, que não fossem ao Templo do verdadeiro Deos: & outro particular, em que naquella occasião tinha consentido, q̄ falsamente fosse condemnado à morte Naboth, para lhe confiscar, & tomar a sua vinha. Vede se he bom exemplo este para os Regulos do nosso Recôcavo. He possível, que por acrescentar mais hũa braça de terra ao Canaveal, & meya tarefa mais ao Engeenho em cada soman; haveis

de vender a vossa Alma ao Diabo? Mas a vossa, já que o he ven Jeylha, ou revendeyllha, embora. Porém as dos vossos Escravos, porque lhas haveis de vender tambem, antepoñdo a sua salvação aos Idolos de ouro, que são os vossos malditos, & sempre mallogrados interesses? Por isso os vossos Escravos não tem doutrina: por isso vivem, & morrem sem Sacramentos: & por isso, se lhe não prohibis a Igreja, com futilidade de cubiça, que só podia inventar o Diabo (para que o diga na frase do vulgo) não quereis que vão à porta da Igreja. Consentis, que os Escravos, & Escravas, andem em peccado, & não lhe permittis, que se calem, porque dizeis, que casados servem menos bem. Oh razão (quando assim fora) tam digna do vosso entendimento, como da vossa Christandade! Prevalença o meu serviço ao serviço de Deos, & com tanto, que os meus Escravos me sirvaõ melhor, vivaõ, & morraõ em serviço do Diabo. Espero Eu no mesmo Deos, que terá misericordia da sua miseria, &

das suas Almas: mas das vossas Almas, & desta vossa, que tambem he miseria, não tenho em que fundar tam boas esperanças.

447 Passemos ao exemplo mais proprio dos Escravos, os quaes por nenhum respeito devem vender a sua Alma, ainda que lhe houvesse de custar a vida. Depois q̄ ^{1 Ma} El Rey Antiocho, por sobre ^{chab. 1} nome o Illustre, faindo da ^{11.} Grecia com poderoso exercito, dominou a Jerusalem, & com ella a todas as reliquias, que tinhaõ escapado da transformação de Babylonia (que nem sempre os homens levaõ com si o cativo aos desertos, mas tal vez o mesmo cativo os vem buscar a sua casa) mandou o barbaro, & insolente Rey, que em toda Judéa se não guardasse a Ley de Deos, senão somente as suas, & que os Deoses, a q̄ se offerecessem os sacrificios, fossem os da Gentilidade, que elle adorava. Que vos parece, que fariaõ em hum tam apertado caso os miseraveis Cativos? Mal fiz em lhe chamar miseraveis indistintamente. Huns foraõ miseraveis, fracos,

fracos, & vis, outros fortes, constantes, & gloriosos. Os miseraveis, fracos, & vis, diz o Texto, que por ganhar a graça dos Senhores, obedecê-
 I. *Marão*, & fazendose Genticos, vé-
chab. I déraõ as suas Almas: *Et jū-*
 16. *Et sunt Nationibus, & venun-*
dati sunt, ut facerent malum:
 pelo contrario os fortes, constantes, & gloriosos, por não venderem as Almas, perdê-
 raõ animosamente as vidas, q̄ da graça dos Senhores nenhum caso fizeraõ. Bem se vio aqui, que os corpos sómente são os cativos, as Almas não. Eraõ os Senhores tam tyranos, que lhe cortavaõ os dedos das mãos, & dos pés: que lhe arrancavaõ os olhos, & as linguas: que os frigiaõ, & torravaõ vivos em certaãs ardentes: & com outros exquisitos tormentos lhe tiravaõ as innocentes vidas: mas elles, antes queraõ padecer, & morrer, que vender as Almas. Julgay agora vós, q̄ vos achais na mesma fortuna de Escravos, quaes destes obráraõ melhor: Se os que vé-
 deraõ as Almas para agradar aos Senhores, ou os que quizeráõ antes perder a vida, q̄

cativar a Alma? Não étais dizendo todos, que o valor, & constancia destes, he digna de eternos louvores? Sim. Pois a estes vos digo, que imiteis. Por graça, & merce grãde de Deos; ainda q̄ Escravos, & Cativos, não étais em terra, onde vossos Senhores vos hajaõ de obrigar a deixar a Fé. Mas he certo, que sem se perder, nem arriscar a Fé, se pôde perder, & vender a Alma. E no tal caso (que pôde acontecer muitas vezes) tende bê na memoria o exemplo, que acabastes de ouvir, para que não falteis à vossa obrigação. Se o Senhor mandasse ao Escravo, ou quizesse da Escrava, cousa que offenda gravemente a Alma, & a consciencia; assim como elle o não pôde querer, nem mandar, assim o Escravo he obrigado a não obedecer. Dizey constantemente, que não haveis de offender a Deos; & se por isso vos ameaçarem, & castigarem, sofrey animosa, & christãmente, ainda que seja por toda a vida, que esses castigos são martyrios.

IV.

448 **T**emos visto, que assim como o homem se compoem de duas partes, ou de duas ametades, que são corpo, & Alma, assim o cativo se divide em dous cativeiros: hum cativo do corpo, em que os corpos involuntariamente são cativos, & escravos dos homê: outro cativo da Alma, em que as Almas por propria vontade se vendem, & se fazem cativas, & escravas do Demonio. E porque Eu vos prometti, que a Virgem, Senhora nossa do Rosario, vos ha de libertar, ou forrar, como dizeis, do maior cativo; para que conheçais bem quanto deveis estimar esta alforria, importa, que saybais, & entêdais primeiro, qual destes dous cativeiros he o maior. A Alma he melhor que o corpo, o Demonio he peor Senhor que o homem, por mais tyranno que seja; o cativo dos homê he temporal, o do Demonio eterno: logo nenhum entendimêto pôde haver, tam rude; & tam ce-

go, que não conheça, que o maior, & peor cativo heo da Alma. Mas como a Alma, o Demonio, & este mesmo cativo, como já disse, são cousas, que se não vem com os olhos: Onde acharey Eu hum meyo proporcionado à vossa capacidade; com que vos faça visivel esta demonstração? Fundemola no mesmo vosso cativo, que he a cousa para vòs mais sensivel. Pergunto. Se Deos nesta mesma hora vos libertára a todos do cativo, em que estais, & de repente vos visseis todos livres, & forros: não seria huma estranha, & admiravel mercê, que Deos vos faria? Pois muito maior he, & de muito maior, & mais subido valor, a mercê, que a Senhora do Rosario vos fará, em livrar vossas Almas do cativo do Demonio, & do peccado. No nosso Evangelho o temos.

449 Faz repetida menção o Evangelho do cativo de Babilonia, & do cativo do Egypto nenhũa memoria faz. O cativo de Babilonia succedéo no tempo de Jeconias, o do Egypto

no tempo de Judas : pois assim como diz o Evangelista: *Iechoniam, & fratres ejus in trāsmigratione Babylonis*: porque não diz também: *Iudam, & fratres ejus in captivitate Egypti*? O reparo, & a resposta, he de S. Chrylostomo, por estas palavras: *Cur sicut captivitatus Babylonicæ meminit, non autem descensus in Egyptum? Quia illuc non propter peccata abducti fuerant; huc verà ob scelera translati sunt.* No tempo dos mesmos Patriarchas, que se referem na genealogia de Christo, succedéo o cativoiro do Egypto, & também o de Babylonia : & se quereis saber, porque o Evāgelista na mesma genealogia faz menção do cativoiro de Babylonia, & passa em silencio o cativoiro do Egypto. A razão he, diz Chrylostomo, porque os do cativoiro de Babylonia soraõ lá levados por peccados, em castigo das grandes maldades, que tinhaõ commettido na sua Patria : porém os do cativoiro do Egypto não soraõ ao Egypto por peccados, senaõ chamados por seu Irmão Joseph, & depois cati-

vos pela tyrannia de Farão. E como o cativoiro do Egypto foi sò temporal, & dos corpos; Cativos, não por peccados proprios, senaõ pela tyrannia alhea : & o cativoiro de Babylonia pelo contrario foi cativoiro espiritual, & das Almas, cujos peccados as tinhaõ feito escravas do mesmo peccado, & do Demonio; porisso este sò cativoiro se refere na genealogia de Christo, o qual não veyo libertar os homens do cativoiro temporal; & do corpo, senaõ do espiritual, & da Alma. Excelentemente por certo assim ponderado, como respondido.

450 E se buscarmos o principio fundamental, porque Christo sendo Redemptor do genero humano, só veyo remir, & libertar os homês do cativoiro das Almas, & não da servidaõ dos corpos, o fundamento claro, & manifesto, he, porque para libertar do cativoiro dos homês, bastavaõ homês; para libertar do cativoiro do Demonio, & do peccado, he necessario todo o poder de Deos. Estes mesmos filhos de

Israel, de que fallamos, fôraõ
 muitas outras vezes Cativos
 de diversas Nações : Cativos
 vos logo em seu nascimento
 dos Egypcios : Cativos de-
 pois dos Mesopotamios : Ca-
 tivos dos Amonitas : Cativos
 dos Cananéos : Cativos dos
 Madianitas : Cativos dos Fi-
 listéos. E de todos estes cati-
 veiros os livrou sempre Deos
 por meyo de homens. Do ca-
 tiveiro dos Egypcios por
 Moysés : do cativeiro dos
 Mesopotamios por Orthoniel :
 do cativeiro dos Amonitas
 por Aod : do cativeiro dos
 Cananéos por Barac : do ca-
 tiveiro dos Madianitas por
 Gedeão : do cativeiro dos Fi-
 listéos por Jephthe. Assim, que
 para libertar do cativeiro de
 homens, bastaõ homẽs E se me
 instardes, que os Cativos da
 transmigração da Babylonia
 não lo eraõ Cativos dos Ba-
 bylonios, senão tambem Ca-
 tivos do Demonio, & do pec-
 cado, como acabamos de
 ver, & que contudo os liber-
 tou hum homem, que foi
 El Rey Cyro; agora enten-
 teis o mysterio, por ventura
 atégora não entendido, das
 palavras de Isaias, fallando

deste mesmo cativeiro, & de-
 sta mesma liberdade.

451 *Verè tu es Deus abs-* *Isai.*
conditus, Deus Israel Salva- *45.15*
tor: Verdadeiramente, õ Rey
 Cyro, em ti está escondido
 Deos, & não só escondido co-
 mo Deos, senão como Salva-
 dor, & Libertador de Israel.
 Pois se Isaias falla da libera-
 dõ do cativeiro de Babylonia,
 & Cyro, como Rey da mes-
 ma Babylonia, foi o que li-
 bertou aos filhos de Israel
 daquelle cativeiro : porque
 diz, que Deos como Liberta-
 dor de Israel estava escondi-
 do no mesmo Cyro? Porque
 no cativeiro de Babylonia ha-
 via juntamente dous cativei-
 ros, pelos quaes os mesmos
 filhos de Israel eraõ dobrada-
 mente Escravos : hum cati-
 veiro temporal, & dos cor-
 pos, pelo qual eraõ Cativos
 d'El Rey Cyro, & outro es-
 piritual, & das Almas, pelo
 qual eraõ Cativos do Demo-
 nio, & do peccado: do cati-
 veiro dos corpos libertouos
 o Rey homem, que como ho-
 mem bastava para os libertar,
 & como Rey podia : do cati-
 veiro do Demonio, & do pec-
 cado, como os não podia li-
 bertar

bertar nenhum homem, foi necessario, que concorresse tambem Deos como Libertador: *Deus Israel Salvator*: porque só Deos os podia libertar daquelle cativoiro. E porque acrescenta o Profeta, que Deos estava escondido em Cyro: *Verè tu es Deus absconditus*? Porque assim como hum cativoiro era occulto, & o outro publico, assim foram os dous Libertadores, hã publico, outro escondido. O cativoiro dos corpos era publico, & como publico libertou Cyro os Cativos publicamente: porèm o cativoiro das Almas, & do Demonio, era occulto, & invisivel; & como occulto, & invisivel, os libertou tambem Deos occulta, & invisivelmente, & porisso escondido: *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator*.

452 Em summa, que he tal, & tam immensamête maior que toda a infelicidade o cativoiro das Almas escravas do Demonio, & do peccado, que só Deos por sy mesmo as pôde resgatar, & libertar de tal cativoiro. E isto he, como dizem Santo Agustinho,

S. Jeronimo, Santo Hilario, & os mais Padres, o que Isaías ^{Ang.} quiz ensinar historialmente ^{Hic-} no cativoiro de Babylonia, ^{ron.} & profeticamente no de todo ^{Hilar.} o genero humano; resgatado, & libertado, naõ por outrem, senaõ pelo mesmo Filho de Deos em Pessoa, quando cõ o preço infinito de seu Sangue nos remio na Cruz. Os Discipulos de Emaüs, & os outros mais rudes da Escola de Christo, cuidavaõ, q̃ a sua vinda ao mundo fôra para libertar os filhos de Israel da sujeiçaõ, & cativoiro dos Romanos: *Nos autem sperabamus, quia* ^{Luc.} *ipse esset redempturus Israel*: 24. mas porisso merecêraõ o no- ^{21.} me de homens necios, & tardo, & baixo coraçãõ: *O stulti, & tardi corde*. Por ventura para libertar os filhos de ^{Ibid.} Israel do jugo dos Romanos, ^{25.} faltavalhe a Deos huma vara de Moyés, huma queixada de Samsã, hũa funda de David, huma espada de Machabéo? Mas estas armas, & estes braços, só bastaõ para libertar do cativoiro dos corpos; porém para o cativoiro das Almas, & para as libertar do jugo do Demonio, & do peccado,

cado, sò tem forças, & poder, o mesmo Deos, & esse com ambos os braços estendidos em hũa Cruz. Vede, vede bẽ, quanto vay de cativeiro a cativeiro, de resgate a resgate, & de preço a preço. Cõ admiravel energia o ponderou S. Pedro, como se fallára com vofco, vendidos, & comprados por dinheiro.

453 *Scientes, quòd non*
 1. *Petr corruptibilibus, auro, vel argẽto*
 1. 18. *redempti estis: sed pretioso Sã-*
 19. *guine quasi agni immaculati*
Christi. Exhorta o Apostolo a todos a que tratem da salvaçaõ de suas Almas, & de as conservar em graça: & para isso diz, que consideremos, q̃ naõ fomos resgatados com ouro, nem com prata, senãõ com o preço infinito do Sangue do Filho de Deos. Nas quaes palavras he muito digno de ponderar, que naõ só nos manda S. Pedro considerar o preço, porque fomos resgatados, senãõ tambem o preço, porque naõ fomos resgatados. O preço porque naõ fomos resgatados, que he o ouro, & prata: *Non corruptibilibus, auro, vel argẽto:* & o preço porque fomos resga-

tados, que he o Sangue do Filho de Deos: *Sed pretioso Sanguine quasi agni immaculati Christi.* Pois se para tratarmos com todo o cuidado, & vigilancia, da Salvaçaõ de nossas Almas, o unico, & maior motivo he a consideraçaõ, de que Deos as resgatou com o Sangue de seu proprio Filho: porque ajunta o Apostolo na mesma consideraçaõ o preço, com que naõ foraõ resgatadas, que he o ouro, & á prata? Porque o teu principal intento nestes dous preços, que nos manda considerar, foi, para q̃ da differença dos resgates conhecessemos a differença dos cativeiros. Para resgatar do cativeiro do corpo, basta dar outro tanto ouro, ou prata, quanto custou o Escravo vendido. Mas para resgatar do cativeiro da Alma, quanto ouro, ou prata lerá bastante? Bastará hum Milhaõ? Bastaráõ dous Milhões? Bastará todo o ouro de Sofalla, & toda a prata do Potofsi? Oh vileza, & ignorancia das apprehensões humanas! Se todo o mar se convertéra em prata, & toda a terra em ouro: Se Deos criára

criára outro mundo, & mil mundos, de mais preciosa materia que o ouro, & mais subidos quilates que os diamantes; todo este preço não seria bastante para libertar do cativo do Demonio, & do peccado, hũa só Alma por hũ só momento. Porisso foi necessario, que o Filho de Deos se fizesse. Homem, & morresse em hũa Cruz, para que cõ o preço infinito de seu Sangue pudesse resgatar, & resgataste as Almas do cativo do Demonio, & do peccado. E deste cativo tam difficuloso, & tam temeroso, & tam immenso, he, que Eu vos prometto a Carta de alforria pela devaçaõ do Rosario da Mãy do mesmo Deos.

V.

454 **P**ARA prova desta Carta de alforria me perguntareis vós com razão, & tambem os que tem mais letras que vós, como pôde isto ser? Respondo, que pelo mesmo modo, com que o Filho da mesma Senhora, Christo, libertou do mesmo

cativo do Demonio, & do peccado, a todo o genero humano. E se me instardes ainda, q̃ vos diga mais declaradamente qual he este modo? Digo, que não he dando a Senhora aos Escravos a Escritura da liberdade, senão tirando das mãos do Demonio a Escritura do cativo. Ouvi hum Texto, tam grãde como o mesmo Assumpto: *Delens quod adversus nos erat Coloss. chirographum decreti, quod 2. 14. erat cõtrarium nobis, & ipsum 15. tulit de medio, affigens illud Cruci: & expolians principatus, & potestates.* São palavras de S. Paulo: nas quaes diz, q̃ quando Christo moriéo na Cruz, despojou os Demõnios, tirádo-lhe das mãos a Escritura, q̃ tinhaõ contra nõs, & que depois de apagar quanto nella estava escrito, a fixou na mesma Cruz. Agora resta saber, que Escritura era esta? E posto que os Santos Padres, & Interpretes declarãõ variamente o literal della, todos uniformemente vem a dizer, que era a Escritura de venda, pela qual o homem pelo peccado entrega a sua Alma ao Demonio, & fica

obriga-

obrigadão por ella às penas eternas, que a Justiça Divina lhe tem decretadas. E assim como paga a divida, nenhũa força, nem vigor tem já a Escritura, que o acreedor tinha em sua mão: assim Christo morrendo na Cruz, com o mesmo Sangue, com que pagou a divida do peccado, apagou juntamente a Escritura, pela qual o homem tinha vendido a sua Alma ao Demonio, & se tinha feito seu Escravo: *Delens quod adversus nos erat chirographum.* De maneira, que para Christo libertar o homem do cativo do Demonio, não deu ao homem nova Escritura de liberdade, mas tirou ao Demonio a Escritura de cativoiro, pela qual o mesmo homem se lhe tinha vendido. E isto he o que a Virgem Senhora nossa faz, como agora veremos.

1. *Joan.* 455 Os peccados, pelos
2. 16. quaes os homens se vendem ao Demonio, como notou S. João, são tres, em que se comprehendem todos: Soberba, Cubiça, Sensualidade. E em todos tres temos a prova das Escrituras de cativoiro, que

a Mãe de Deos, como seu Filho, tira das mãos do Demonio, para pôr em liberdade os que lhe vendêraõ as Almas. He famoso, & celebrado de todos os Padres Antigos, o caso de hum chamado Theofilo, o qual vendose afrontado por hum falso testemunho, & não achando meyo licito, com que se restituir à opiniaõ, & honra perdida, por intervençaõ de hũ Feiticeiro se valéo do Demonio, & depois de renegar de Deos, & da Virgem Maria, lhe passou hum escrito de sua letra, & final, em que se lhe entregava por perpetuo Escravo. Tudo pôde com os soberbos a vã estimacão da propria honra. Outro, que refere o Beato Aláno, vendose em grande miseria de pobreza, & não lhe aproveitava nenhũa industria para ser rico; co no insanamente dezejava, recorreo tambem ao Demonio, & depois da mesma cerimonia heretica, & blasfema, com que renunciou a Deos, & a sua Mãe, lhe passou na mesma fórma escrito de perpetua servidaõ. A que sacrilegios não precipita

Patr. Antiq.

Beati Al.

*Torse-
lin.* pita os animos mortaes a
excrada fome da cubica? Fi-
nalmente, outro referido por
Torselino, depois de empre-
gar, & empenhar sem effeito
na conquista de huma mulher
honestas, & constante, todos
aquelles extremos, de que se
costuma servir em semelhan-
te dezatino a cegueira, & lo-
cura do amor profano, aco-
dio por ultimo remedio, ou
por ultimo precipicio, aos
poderes do Demonio, ao
qual com as mesmas clausu-
las do seu Formulario infer-
nal, se vendeo, & cativou pa-
ra sempre. Ainda fizera mais,
se mai lhe pudera pedir hum
Escravo da sensualidade.

456. Todos estes Escra-
vos do Demonio em confir-
mação do pacto, com que se
tinhaõ vendido, conseguiraõ
o que o mesmo Demonio lhe
promettera: o Soberbo o cre-
dito perdido: o Cubicoso a
riqueza dezejada: o Sensual
a torpeza resistida. Mas de-
pois que o ardor do appetite
esteve em todos satisfeito, &
porisso já menos cego: que
fariaõ as tristes Almas ven-
dofe vendidas? Maior era a-
gora a força do arrendimẽ-

to, do que tinha sido a furia
do mesmo appetite. E não se
descuidando o Demonio em
mostrar a cadahum a sua fir-
ma, & o seu escrito, pouco
faltou, que daquelle infeli-
cissimo estado não cahissem
todos no ultimo da desespe-
ração. Recorrendo porẽm
todos por extraordinaria luz,
& mercê do Ceo, ao unico
patrocínio da Mãe de mise-
ricordia, com gemidos, lagri-
mas, penitencias, & continuas
orações: ainda assim era jus-
to, que achassem fechadas as
portas da misericordia em
Deos, & na Mãe de Deos, os
que tinhaõ negado a ambos.
Mas qual vos parece, que fe-
ria o fim, não de hum, senão
de tres casos, tam difficulto-
sos, & horrendos? De dous
Ladrões na Cruz, hum se sal-
vou para exemplo da Mise-
ricordia, & outro se conde-
nou para exemplo da Justiça.
Porẽm onde entra vossa so-
berana mão, ò Virgem pia-
dosissima, não ha essas excei-
ções, nem piedade de meyas.
A todos tres restituio a po-
derosissima Senhora as suas
Escrituras, tirandoas por for-
ça das mãos do Demonio, &
em;

entregandoas outra vez aos mesmos, que as tinhaõ escrito, para que metessem, & apagassem no fogo as letras, com que elles se tinhaõ condemnado ao fogo, que senão apaga. He o que fez Christo na Cruz: *Delens quod adversus nos erat chirographum: & he a proporção, que achou entre Christo, & sua Mãy, o antigo Geometra, quando elegantemente chamou à mesma Senhora, Spongiam nequitie nostrae adversus Diaboli Scripturam.*

Geo-
metra.

457 Este foi o modo, cõ que a Virgem Senhora nossa à imitação de seu Filho, não fazendo, senão desfazendo Escrituras, deu Carta de liberdade a estes tres Escravos do Demonio. E elles, que fizeram? Todo o resto da vida empregáraõ em louvar, & dar graças por tam singular, & extraordinario beneficio à Soberana Autora delle. O Escravo da Cubiça, que foi em tempo de S. Domingos; rezava o Rosario: o Escravo da Soberba, que foi muito antes de haver Rosario, sem essa ordem, mas com perpetuas repetições laudava a Senhora

com a Ave-Maria: o Escravo da Sensualidade, que recebeu o seu escrito na mesma casa sagrada (hoje chamada do Loreto) onde o Anjo começou a sua embaixada, dizendo: *Ave gratia plena: repetio o mesmo infinitas vezes.* Desorte, que todos tres rezavaõ o Rosario, só com hũa differença: que no primeiro era o Rosario enfiado, nos outros desenfado. E este exemplo devem tomar os Pretos, para quando a força da occupação, ou do trabalho, lhe não permittir enfiarem as suas Ave-Marias pela ordem dos Mysterios: invocando porém sempre a mesma Senhora, para que os ajude no seu trabalho. Etem mais algũa cousa que imitar? Sim, & a maior. Pela Carta de liberdade, que recebêraõ os tres Escravos do Demonio, não se tratáraõ como Forros, senão como Cativos de quem os libertou. Assim fizeram, & assim o deviaõ fazer: porque este he, não só o primor, senão a obrigação de todos aquelles, a quem De s livra do cativeiro do Demonio, & do peccado.

Quando

458 Quando Christo morréo na Cruz, já vimos como nella apagou as Escrituras de todos os que em Adam, & depois d'elle, se tinhaõ vendido ao Demonio. Agora notay, que depois de resuscitado, quando subio triunfante ao Ceo, ao modo dos Triunfadores Romanos, levou diante de sy todos os que até entãõ tinha tirado das matmorras do meſmo cativoiro. Assim o canta David, mas por termos, em que, parece, nega o que celebra, & deſdiz o que quer dizer. No Texto da Vulgata diz, que quando Christo subio ao Ceo, cativou o cativoiro: *Ascendiſti in altum, 67.19 cepiſti captivitatẽ*: na Verſãõ de S. Paulo diz, que levou os Cativos cativos: *Ascendens 4.8. in altum, captivum duxit captivitatẽ*. Pois se o Senhor não levou no ſeu triunfo, ſe não os que tinha libertado: & porque os tinha libertado, elles foraõ todo o deſpojo das ſuas vitorias, & elles a maior pompa, oſtentaçaõ, & mageſtade do meſmo triunfo: como diz David, que entãõ cativou o cativoiro, & levou diante de ſy os Cativos, não li-

vros, ſe não cativos? Porque a melma liberdade, com que Christo os libertou, foi novo cativoiro, com que os tornou a cativar: & porque os levava libertados, & livres, os levou novamente cativos. A liberdade he hum eſtado de izeñaõ, que hũa vez perdido, nunca mais ſe recupera: quẽ foi Cativo hũa vez, ſempre ficou Cativo: porque, ou o libertaõ do cativoiro, ou não: ſe o não libertaõ, continua a ſer Cativo do Tyranno, ſe o libertaõ, paſſa a ſer Cativo do libertador. E iſto he o que ſucedéo a todos os q̃ Christo libertou na Cruz apagadas as Eſcrituras do ſeu cativoiro. Antes da liberdade Cativos, & depois da liberdade tambem Cativos: antes da liberdade Cativos do Demonio, a quem ſe vendéraõ, depois da liberdade Cativos de Christo, que os reſgatou: antes da liberdade Cativos do peccado, depois da liberdade Cativos de Deos, como diz o Apõſtolo: *Liberati à peccato, ſervi autem facti Deo.*

Rom.
6. 22.

459 Deſta maneira ſe mostráraõ agradecidos à ſua
Carta

Carta de alforria, àquelles rtes Cativos, cativandose de novo, & fazendose Escravos da mesma Senhora, que os libertára. E o mesmo devem fazer todos, os que se achão ainda no cativoiro de Babilonia, & querem sair delle. Cativemse, para se libertarê, & façaõse Escravos da Senhora do Rosario, para não serem Escravos do Demônio, se ainda o são; ou para se conservarem livres; se já estaõ fóra do cativoiro. Apaguem a marca do Demônio, que he marca de Cativos, & ponhão em seu lugar a marca do Rosario, que he marca de livres. Este quereis saber, qual he a figura desta marca: digo, que hũa Rosa. Contase no Segundo Livro dos Machabéos, que aos Cativos de Jerusaleem mandou o Tyranno marcar com hũa folha de Hera, para se professarem Escravos de Deus Bacho, a que era dedicada aquella planta. E q̄ marca mais propria dos Escravos do Rosario, que hũa Rosa, não só como ferrete glorioso do seu novo cativoiro, mas como publico sinal, & sello, da sua Carta de

2. Ma
chab.
6. 7.

alforria? Os que sois, ou fostes marcados, trazeis huma marca no peito, outra no braço. Assim quer que tragais a sua marca a Senhora do Rosario: *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum.* As voltas de Contas, que trazeis nos pullos, & ao pescoço (sallo com as Pretas) sejaõ todas das Contas do Rosario. As do pescoço cahidas sobre os peitos, seraõ a marca do peito: *Pone me ut signaculum super cor tuum:* & as dos pullos como bracettes, seraõ a marca do braço: *Ut signaculum super brachium tuum:* & hũa, & outra marca, assim no coração: como nas obras, seraõ hũ testemunho, & desengano publico para todos, de que já estaõ livres vossas Almas do cativoiro do Demônio, & do peccado, para nunca mais o servir: *Est post transmigrationem Babilonis.*

Cam.
8. 6.

VI.

460 **L**ivres por este modo do maior, & mais pezado cativoiro, que he o das Almas, ainda ficais
Es

Escravos do segundo, que he o dos corpos. Mas nem por isso deveis imaginar, que he menos inteira a mercê, que a Senhora do Rosario vos faz. Que seja poderosa a Senhora do Rosario para livrar do cativo do corpo, se tem visto em innumeraveis exemplos dos que estando Cativos em terra de Infiéis por meyo da devação do Rosario se achãrão livres, & depois de offerecerem aos Altares da mesma Senhora os grilhões, & cadeas do seu cativo quebradas, como trofeos do seu poder, & misericordia, as pendurãrão nos Templos. Quando Deos descêo a libertar o seu Povo do cativo do Egypto, porque cuidais q̄ apparecêo a Moyses na Carça? Porque a Carça, como dizem todos os Santos, era figura da Virgem Senhora nossa: & quiz Deos já então fazer manifesto ao mundo, que a mesma Virgem Santissima, não só era o instrumento mais proporcionado, & efficaç, da Divina Omnipotencia, para libertar os homens do cativo das Almas (que por isso a escolheo por

Tom. 6.

Mã y, quando veyo remir o genero humano) senão tambem para os liberrar do cativo dos corpos, qual era aquelle, que parecia o Povo no Egypto debaixo do jugo de Faraõ. Assim que poderosa era a Mã y do Redemptor para vos livrar tambem deste segundo, & menor cativo. Mas he particular providencia de Deos, & sua, que vivais de presente Escravos, & Cativos, para que por meyo do mesmo cativo temporal consigais muito facilmente a liberdade eterna.

461 Somos chegados à segunda parte da Alforria, que vos prometti, & a hum ponto, no qual só vos falta o conhecimento, & bom uso do vosso estado, para serdes nelle os mais venturosos homens do mundo. Sobre esta materia só vos hey de allegar com os dous Principes dos Apostolos, S. Pedro, & S. Paulo, os quaes a tratãrão muito de proposito em varios lugares, fallando com os Escravos tam seriamente, como se fallãrão com os Emperadores de Roma, & tam alta, & profundamente, como se fal-

Dd láraõ

lãrao com os Sabios da Grecia. Paraque naõ cuidem os que desprezaõ os Escravos, q̃ este Assumpto (& mais em terra onde ha tantos) seja me- nos digno de se empregarem nelle com todas as forças da Eloquencia, & com toda a efficacia do Espirito, os maiores Prêgadores do Evangelho. Falla pois o Apostolo S. Paulo com os Escravos, & diz assim em dous lugares:

Coloss. 3.22. *Servus, obedite per omnia Do-*
23. minis carnalibus, non ad ocu-
24. lum servientes, quasi homini-
Ephes. 6.5. *bus placentes, sed in simplici-*
1299. tate cordis timentes Deum.
Quodcumque facitis, ex ani-
mo operamini sicut Domino, &
non hominibus: scientes quod
à Domino accipietis retributio-
nem hæreditatis. Domino Chri-
sto servite. Escravos (diz S. Paulo) obedecey em tudo a vossos Senhores, naõ os servindo sómente aos olhos, & quando elles vos vem, como quem serve a homens; mas muito de coraçãõ, & quando naõ sois vistos, como quem serve a Deus. Tudo o que fizerdes, naõ seja por força, senãõ por vontade: advertindo outra vez, que servis a

Deos, o qual vos ha de pagar o vosso trabalho, fazendo-vos seus herdeiros. Em fim, servi a Christo: *Domino Christo servite.*

462 Deixando esta ultima palavra para depois; só pondèro agora aquellas: *Sciētes quod à Domino accipietis retributionē hæreditatis.* Duas cousas promete Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores, ambas naõ só desuzadas, mas inauditas: que saõ paga, & herança: *Retributionem hæreditatis.* Notay muito isto. Quando servis a vossos Senhores, nem vòs sois seus herdeiros, nem elles vos pagãõ o vosso trabalho. Naõ sois seus herdeiros, porque a herança he dos filhos, & naõ dos Escravos: & não vos pagãõ o vosso trabalho, porque o Escravo serve por obrigaçãõ, & naõ por estipendio. Triste, & miseravel estado, servir sem esperança de premio em toda a vida, & trabalhar sem esperança de descansõ, senãõ na sepultura! Mas bom remedio, diz o Apostolo (& isto naõ saõ encarecimentos, senãõ Fé Catholica.)

O remedio he, que quando servis a vossos Senhores, não os sirvais, como quem serve a homens, senão como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus*: porque então não servis como Cativos, senão como livres, nem obedeceis como Escravos, senão como filhos. Não servis como Cativos, senão como livres; porque Deos vos ha de pagar o vosso trabalho: *Scientes quòd accipietis retributionem*: & não obedeceis como Escravos, senão como filhos; porque Deos, com quem vos conformais nessa fortuna, que elle vos deu, vos ha de fazer seus herdeiros: *Retributionem hæreditatis*. Dizeyme: Se servisseis a vossos Senhores por jornal, & se houvesseis de ser herdeiros da sua fazenda, não os serviríeis como grande vontade? Pois servi a esse mesmo, que chamais Senhor, servi a esse mesmo homem, como se servisseis a Deos: & nesse mesmo trabalho, que he forçoso, bastará a voluntaria applicação deste como: *Sicut Domino*: como a Deos: para que Deos vos pague como a

livres, & vos faça herdeiros como a filhos: *Scientes quòd accipietis retributionem hæreditatis*.

463 Isto diz S. Paulo. E S. Pedro, que diz? Ainda levanta, & aperta mais o ponto. E depois de fallar com os Christãos de todos os estados em geral, se dilata mais com os Escravos, & os anima a suportarem o da sua fortuna com toda esta magestade de razões: *Servi, subditi stote in omni timore Domini, non tantùm bonis, & modestis, sed etiam dyscolis*. Escravos, estay sojeitos, & obedientes em tudo a vossos Senhores, não só aos bons, & modestos, senão tambem aos más, & injustos: Esta he a summa do preceito, & conselho, que lhes dà o Principe dos Apostolos, & logo ajunta as razões, dignas de se darem aos mais nobres, & generosos Espiritos. Primeira: porque a gloria da paciencia he padecer sem culpa: *Quæ enim est gloria: si peccantes, & colaphizati sufferitis?* Segunda: porque essa he a graça, com que os homens se fazem mais aceitos a Deos: *Sed si bene*

facientes patienter sustinetis : hæc est gratia apud Deum. Terceira, & verdadeiramente estupenda; porque nesse estado, em que Deos vos poz, he a vossa vocação semelhante a da seu Filho, o qual padecèu por nós, deixando-vos o exemplo, que haveis de imitar: *In hoc enim vocati estis : quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.* Justissimamente chamey a esta razão estupenda; porque quem haverà, que não pasme à vista da baixeza dos sojeitos, com quem falla S. Pedro, & da alteza da comparação altissima, a que os levanta? Não compara a vocação dos Escravos a outro grão, ou estado da Igreja, senão ao mesmo Christo; *In hoc enim vocati estis, qui & Christus passus est.* Mais ainda. Não para aqui o Apóstolo; mas acrescenta outra nova, & maior prerogativa d's Escravos, declarando por quem padecèu Christo, & para que: *Quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum.* Sempre reparey muito na differença daquelle *Nobis*, & daquelle

Vobis. A Paixão de Christo teve dous fins: o remedio, & o exemplo. O remedio foi universal para todos nós; *Passus est pro nobis*: mas o exemplo não duvida S. Pedro afirmar, que foi particularmente para os Escravos, com quem fallava: *Vobis relinquens exemplum.* E porque? Porque nenhum estado ha entre todos mais aparelhado no que naturalmente padece, para imitar a paciencia de Christo, & para seguir as pizadas do seu exemplo: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.*

464 Oh ditozos vòs, outra, & mil vezes, como dizia, se assim como Deos vos deu a graça do Estado, vos der também o conhecimento, & bom uso delle? Sabeis, qual he o estado do vosso cativo, se usardes bem dos meyo, que elle traz comfigo, sem acrescentardes nenhum outro? He hum estado, não só de Religião, mas hum das Religiões mais aultéras de toda a Igreja. He Religião segundo o Instituto Apostolico, & Divino, porque se fazem o que sois obrigados, não servis a ho-

homens, senão a Deos, & com titulo nomeadamente de Servos de Christo: *Ut servi Christi, facientes voluntatem Dei ex animo cum bona voluntate servientes, sicut Domino, & non hominibus.* Notay muito aquella palavra, *Cum bona voluntate servientes.* Se servis por força, & de má vontade, sois apostatas da vossa Religião: mas se servis com boa vontade, conformando a vossa com a divina, sois verdadeiros Servos de Christo: *Domino Christo servite.* Assim como na Igreja ha duas Religiões da Redempção de Cativos, assim a vossa he de Cativos sem Redempção. Para que tambem lhe não faltasse a perpetuidade, que he a perfeição do estado. Húas Religiões são de Descalços, outras de Calçados: a vossa he de Descalços, & Despidos. O vosso Habito he da vossa mesma cor; porque não vos vestem as pelles das ovelhas, & camelos, como a Elias; mas aquellas, com que vos cobrio, ou descobrio, a natureza, expostos aos calores do Sol, & frios das chuvas. A vossa pobreza he mais pobre

que a dos Menores, & a vossa obediencia mais sojeita que a dos que nós chamamos Minimos. As vossas abstinencias mais merecem nome de fome, que de jejum, & as vossas vigílias não são de huma hora à meya noite, mas de toda a noite sem meyo. A vossa Regra he huma, ou muitas, porq̃ he a vontade, & vontades, de vossos Senhores. Vós estais obrigados a elles, porque não podeis deixar o seu cativoiro, & elles não estão obrigados a vós; porque vos podem vender a outro, quando quizerem. Em húa só Religião-se acha este contrato, para que tambem a vossa seja nisto singular. Nos nomes do vosso tratamento não fallo, porque não são de Reverencia, nem de Caridade; mas de Desprezo, & Afronta. Em fim, toda a Religião tem fim, & vocação, & graça particular. A graça da vossa, são Açoutes, & Castigos: *Hæc est gratia apud Deum.* A Vocação he a imitação da paciencia de Christo: *In hoc vocati estis, quia & Christus passus est: & o fim he a herança eterna por premio: *Scientes quòd accipietis retri-**

butionem hereditatis. Domino Christo servite. E como o Estado, ou Religião do vosso cativoiro, sem outras asperezas, ou penitencias, mais que as que elle traz consigo, tem seguro, por promessa do mesmo Deos, não só o premio de Bemaventurados, senão também a herança de Filhos: favor, & providencia muito particular he da Virgem Maria, que vos conserveis no mesmo estado, & grandes merecimentos delle: para que por meyo do cativoiro temporal consigais, como vos prometti, a Liberdade, ou Alforria Eterna.

VII.

465. **C**Rede, crede tudo o que vos tenho dito, que tudo, como já vos adverti, he de Fé, & sobre esta Fé levantay vossas esperanças, não só ao Ceo, senão ao que agora ouvireis, que lá vos está aparelhado. Oh que mudança de fortuna terá então a vossa, & que pazino, & confusão para os que hoje tem tam pouca humanidade, que a desprezaõ, & tam pouco

entendimentõ, que a não envejaõ! Dizeyme: Se assim como vós nesta vida servis a vossos Senhores, elles na outra vida vos houveraõ de servir a vós, não seria huma mudança muito notavel, & huma gloria para vós nunca imaginada? Pois sabey, que não ha de ser assim, porq̃ seria muito pouco. Não vos diz Deos, que quando servir a vossos Senhores, não sirvais como quem serve a homens, senão como quem serve a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus?* Pois esta grande mudança de fortuna, que digo, não ha de ser entre vós, & Deos. Os q̃ vos haõ de servir no Ceo, não haõ de ser vossos Senhores: que muito pôde ser que não vão lá: mas quem vos ha de servir, he o mesmo Deos em Pessoa. Deos he o que vos ha de servir no Ceo, porque vós o servistes na terra. Ouvi agora com attençaõ.

466. Antigamente entre os Deoses dos Gentios havia hum, que se chamava Saturno, o qual era Deos dos Escravos, & quando vinhaõ as Festas de Saturno, que por isso se

*Ma
cro-
brins
Saturn.
nal.
lib. I.*

se chamavaõ Saturnaes, huma das Solennidades era, que os Escravos naquelles dias eraõ os Senhores, que estavaõ assentados, & os Senhores os Escravos, que os serviaõ em pè. Mas acabada a Festa, tã-bem se acabava a representação daquella Comedia, & cadahum ficava como dantes era. No Ceo não he assim; porque tudo lá he eterno, & as Festas não tem fim. E quaes seraõ no Ceo as Festas dos Escravos? Muito melhores q̃ as Saturnaes. Porque todos aquelles Escravos, que neste mundo servirem a seus Senhores como a Deos, não saõ os Senhores da terra, os que os haõ de servir no Ceo, se não o mesmo Deos em Pessoa, o que os ha de servir. Quem se atrevêra a dizer, nẽ imaginar, tal cousa, se o mesmo Christo o não differa?

Luc. 12. Beati servi illi, quos, cum venerit Dominus, invenerit vigilantes: Bemaventurados aquelles Escravos, a quem o Senhor no fim da vida achar que foraõ vigilantes em fazer sua obrigação. E como lhe pagará o mesmo Senhor? Elle mesmo o diz, & affirma

com juramento: *Amen dico vobis, quòd præcinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis.* Mandará assentar os Escravos à mesa, & elle como Escravo cingirá o avental, & os servirá a ella. Por este excesso de honra declara Christo, quanto Deos ha de honrar aos Escravos no Ceo, se elles servirẽ a seus Senhores, como se servissẽ a Deos. Servistes a vossos Senhores na terra, como amim? Pois Eu, que sou o Senhor de vossos Senhores, vos servirey no Ceo, como vòs a elles. S. Pedro Chrysologo: *En pavenda conversio Petr. servitutis: quia parumper servus astitit in Domini sui expectatione succinctus: &c. cui ut Talionem redderet, dissimulat se in ipsa Divinitate Divinitas!* Oh mudança de servidaõ (diz Chrysologo) não sò admiravel, & estupenda, mas tremenda! Que porq̃ o Escravo servio, & esperou a Deos hum pouco de tempo, se dissimule a Divindade de trocẽm si mesma, & o mesmo Deos no Ceo sirva ao Escravo! Isto fiz Deos (diz elegante, & discretamente o Sã-

to) porque assim como na terra ha Ley de Taliaõ para os delitos, assim no Ceo tem Deos Ley de Taliaõ para os premios: *Ut Talionem redderet.*

467 Mas porque não pareça, que excede os termos da rigorosa Theologia, dizer que servirá Deos como Escravo no Ceo aos Escravos, que servirão a Deos na terra; ouvi ao Principe dos Theologos, Santo Thomàs, sobre este mesmo Texto do Evangelho: *Deus Omnipotens Sanctis omnibus in tantum se subjecit, quasi sit Servus emptius singularum, quilibet verò ipsorum sit Deus suus.* O Deos Omnipotente de tal maneira se sujeita a todos os que santamente o servirão, como se Deos fora Escravo comprado de cadahum, & cadahum dos que assim o servirão fora Deos do mesmo Deos. Vede, vede, se vos está melhor servir a vossos Senhores, como a Deos, ou servilos, como a homens. Depois de os servires toda a vida como a homens, o mais que podeis esperar delles na terra, he hũa esteira de Tabua por mortalha: & se os

servires como a Deos, o que haveis de alcançar delle no Ceo, he, que vos servirá, & honrará por toda a Eternidade, como se vós, aqui miseravel Escravo, fusseis seu Deos, & elle vosso Escravo comprado: *Quasi sit Servus emptius singularum, quilibet verò ipsorum sit Deus suus.*

468 E para que do mesmo, que experimentais, & gozais na terra, julgueis o que será no Ceo, ponde os olhos naquelle Altar. O mesmo benignissimo Senhor, que no detterro, & no cativeiro, vos poem consigo à mesa, que muito he que no Ceo vos sirva a ella? Foi questaõ entre os Filozofos antigos: Se era justo, & decente, que os Senhores admittissem consigo à mesa, & puzessem a ella os seus Escravos? Os Estoicos, q̄ era a Seita mais racional, & entre os Gentios a mais Christã, ensinava, que os Senhores deviaõ admittir os Escravos à sua mesa, & louvavaõ a humanidade dos que isto fazião, & se riaõ da soberba dos que se desprezavaõ de o fazer. *Servi sunt* (dizia o maior Mestre da mesma Seita.)

Servus

Div.
Tho.
mas o
puscu.
lo 63.
53.

Seneca *Servi sunt? Imò homines. Ser-*
vi sunt? Imò contubernales.
Servi sunt? Imò humiles ami-
ci. Servi sunt? Imò conserui.
Ideoque rideo istos, qui turpe
existimant cum Servo suo cæ-
nare. Todas estas razões de Seneca se reduzem a hũa, que he, serem tambem homens os que são Escravos. Se a fortuna os fez Escravos, a natureza felos homẽs: & porque ha de poder mais a desigualdade da fortuna para o desprezo, q̃ a igualdade da natureza para a estimação? Quando os desprezo a elles, mais me desprezo a mim; porque nelles desprezo o que he por desgraça, & em mim o que sou por natureza. A esta razão força em toda a parte se acrescenta outra no Brasil, q̃ convence a injustiça, & exaggera a ingratição. Quem vos sustenta no Brasil, senão os vossos Escravos? Pois se elles são, os que vos dão de comer, porque lhe haveis de negar a mesa, que mais he sua, q̃ vossa? Com tudo a magestade, ou deshumanidade da opiniaõ contraria, he a que prevalece, & não só não são admittidos os Escravos à mesa,

mas nem ainda às migalhas della, sendo melhor a fortuna dos eães, que a sua, posto que sejam tratados cõ o mesmo nome. Que importa porém, que os Senhores os não admittaõ à sua mesa, se Deos os convida, & regála com a sua? *Ores mirabilis* (exclama Santo Thomás, & com elle toda a Igreja) *Ores mirabilis, manducat Dominum pauper, servus, & h milis!* O Escravo pobre, & humilde, não só come à mesa cõ seu Senhor, mas come ao mesmo Senhor. Comparay agora mesa com mesa, & Senhor com Senhor, & ridevos com Seneca dos q̃ ainda neste ponto senão defecem da authoridade de Senhores: *Rideo istos, qui turpe existimant cum Servo suo cæ-*
nare.

469 E se Deos, sendo Escravos, vos poem à sua mesa na terra: que muito he, que tendo promettido, & estando vòs já livres do cativoiro, vos haja de servir à mesa no Ceo, sendo a mesa, não outra, senão a mesma? Todos os reparos, que podia ter esta admiração, já Christo os deixou desfeitos na Instituição

do

do mesmo Sacramento. Antes de Christo instituir o Sobrano Mysterio do Santissimo Sacramento, preparou-se a sy, & preparou os Discipulos. E quaes foraõ as preparações? Duas em huma só acção, que foi o Lavatorio dos pès. A sua, servindoos como Escravo; & a dos Discipulos, obrigandoos a que se deixassem servir como Senhores. E se Christo servio aos homens como Escravo, porque as havia de pôr à sua mesa na terra, que muito haja de servir aos Escravos já livres, quando os tiver a sua mesa no Ceo: *Faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis?* Esta he a mudança sobre toda a admiracão estupenda, com que entã véreis trocada a vossa fortuna, cã servindo aos homẽs, & lá sendo servidos do mesmo Deos. Mas o que agora importa, he, que de nenhum modo falteis à obrigacão, com que sã se promette a felicidade desta mudança à presente miseria de voss. fortuna. E qual he, senã estais bem lembrados? He, que vó, tambem mudeis a intençãõ, & troqueis os fins

do vosso mesmo trabalho, fazendoo de forçãõ voluntario, & servindo a vossos Senhores como a Christo, & debaixo dos homens a Deos: *Sicut Domino, & non hominibus. Domino Christo servite.* Desta maneira ficareis duas vezes forros, & livres: livres do cativeiro do Demonio pela liberdade das Almas, & livres do cativeiro temporal pela liberdade eterna: que saõ os dous cativeiros da primeira transmigracão de Babilonia, & as duas liberdades da segunda: *In transmigracione Babylonis. Et post transmigracionem Babylonis.*

VIII.

470 **T**enho acabado o meu Discurso, & parece-me, que não faltado ao que vos prometti. E porque esta he a ultima vez, que hey de fallar convosco, quero acabar com hum documento, tirado das mesmas palavras, se muito necessario para vós, muito mais para vossos Senhores. *Ichoniam, & fratres ejus in transmigracione Babylonis.* Este Jeconias, & estes seus

seus irmãos, quem foram Tõdos foram Reys, & filhos de Reys, & Reys do Reyno de Juda, fundado pelo mesmo Deos, & o mais famoso do mundo: & nada disto bastou, para que não fossem levados cativos a Babilonia, & lá tratados como vilissimos Escravos, hum carregado de cadeas, outro com grilhões nos pés, outro com os olhos arrancados, depois de ver com elles a matar em sua presença os proprios filhos. Em significação deste cativeiro andava o Profeta Jeremias pelas ruas, & praças de Jerusalem

Jerem.
27. 2. com hũa grossa cadeia ao peçoço. E a esta acrescentou depois outras cinco, as quaes mandou aos Reynos, & Reys confinantes, pelos seus Embaxadores, que residão naquella Corte. Hũa ao Rey de Edom, outra ao Rey de Moab, outra ao Rey de Ammon, outra ao Rey de Tyro, outra ao Rey de Sidonia, porque todos no mesmo tempo haviam de ser cativos, como foram, pelos Exercitos dos Chaldéos. Pois se os Certos, & Côrpos, não livrarão do cativeiro a tantos Reys,

& depois de adofados dos seus vassallos, se virão Escravos dos estranhos; estas voltas tam notaveis da roda da fortuna, vos devem consolar tambem na vossa. Se isto succede aos Leões, & aos Elefantes, que razão podem ter de se queixar as Formigas? Se estes nascidos em Palacios dourados, & emballados em berços de prata, se virão Cativos, & carregados de ferros: vós nascidos, & criados nas Brenhas da Ethiopia, consideray as grandes razões, que tendes, para vos compor com a vossa fortuna, tanto mais leve, & levar com bem coração os descontos della. O que haveis de fazer, he consolarvos muito com estes exemplos: sofrer com muita paciencia os trabalhos do vosso estado: dar muitas graças a Deos pela moderação do cativeiro, a que vos trouxe: & sobre tudo aproveitarvos d'elle para o trocar pela liberdade, & felicidade da outra vida, que não passa, com o esta, mas ha de durar para sempre.

471 Este foi o documento dos Escravos. E os Senhores

res terão também alguma cousa, que tirar, deste cativeiro de Babilonia? Parece q̄ não. Eu (está dizendo cada hum comsigo) eu por graça de Deos sou Branco, & não Preto: sou livre, & não Cativo: sou Senhor, & não Escravo: antes tenho muitos. E aquelles, que se virão Cativos em Babilonia, erão Pretos, ou Brancos? Eraõ Cativos, ou livres? Eraõ Escravos, ou Senhores? Nem na cor, nem na liberdade, nem no senhorio, vos eraõ inferiores. Pois se elles se virão abatidos ao cativeiro, sendo necessario para isso descer tãtos degrãos, vós, que com a mudança de hum pé vos podeis ver no mesmo estado, porque não temeis o vosso perigo? Se fous moço, muitos annos tendes para poder experimentar esta mudança, & f. velho, poucos bastão.

Ma. Introduz Macrobio em hum
crobr. dialogo dous interlocutores,
code m. hum chamado Pretextato,
lib. 1. grande desprezador dos Escravos, & outro, que os defendia, chamado Evangelo. Este pois, que só hu na letra the saltava para Evangelho, disse assim a Pretextato: Sicogita-

veru tantumdem in utroque licere fortunæ, tam tu illum videre liberum potes, quam ille te servum. Se considerares, ò Pretextato, que tanto poder tem a fortuna sobre os Escravos, como sobre os livres; acharás, que este, que tu hoje vês Escravo, à manhã o podes ver livre: & que elle, que hoje te vê livre, à manhã te pôde ver Escravo. E senão dizeme, de que idade era Hebuca, Cresso, & a Mãe de Dario, & Diogenes, & Plaraõ, quando se virão Cativos? Nescisqua etate Hecuba servire cepit, qua Cræsus, qua Darius Miter, qua Diogenes, qua Plato ipse?

472 Senhores, que hoje vos chamais assim, consideray, que para passar da liberdade ao cativeiro, não he necessaria a transmigração de Babilonia, & que na vossa mesma terra pôde succeder esta mudança, & que nenhũa ha no mundo, que mais a mereça, & esteja clamando por ella à Divina Justiça. Ouyi hum pregaõ da mesma Justiça Divina por boca do Evangelista S. Joã: *Si quis habet aurem audiat: quem ten ou-*

Apo. cal 13
vidos,

Ibidē
21.

vidos, & não he fardo aos avifos de Deos, ouça. E que ha de ouvir? Poucas palavras, mas tremendas: *Qui in captivitate duxerit, in captivitate vadet*: todo aquelle que cativar, ferà Cativo. Olhay para os dous pólos do Brasil, o do Norte, & o do Sul, & vede, se houve já mais Babilonia, nem Egypto no mundo, em que tantos milhares de Cativeiros se fizeffem, cativandose os que faz livres a Natureza, sem mais Direito, que a violencia, nem mais causa, que a cubiça, & vendendose por Escravos. Hum só homem livre cativaraõ os Irmãos de Joseph, quando o vendèraõ aos Ismaelitas para o Egypto: & em pena deste só cativeiro, cativou Deos no mesmo Egypto a toda a geração, & descendentes dos que o cativaraõ, em numero de Seis centos mil, & por espaço de quatrocentos annos. Mas para que he ir buscar os exemplos fóra de casa, & tam longe, se os temos em todas as nossas Conquistas. Pelos cativeiros da Africa cativou Deos a Mina, Santo Thomè, Angòla, & Benguella: pelos

cativeiros da Asia cativou Deos Malàca, Ceilam, Ormuz, Mascate, & Cochim: pelos cativeiros da America cativou a Bahia, o Maranhão, & debaixo do nome de Pernambuco quatro centas legoas de Costa por vinte & quatro annos. E porque os nossos cativeiros começaraõ, onde começa a Africa, alli permittio Deos a perda d' El Rey Dom Sebastião, a que se seguiu o cativeiro de sessenta annos no mesmo Reyno.

473 Bem sey, que alguns destes cativeiros são justos, os quaes só permittem as Leys, & que taes se suppoem, os q̄ no Brasil se compraõ, & vendem, não dos naturaes, senão dos trazidos de outras partes: mas que Theologia ha, ou pòde haver, que justifique a deshumanidade, & se vicia dos exorbitantes castigos, cõ que os mesmos Escravos são maltratados? Maltratados disse, mas he muito curta esta palavra para a significação do que encerra, ou encobre Tyrannizados devera dizer, ou martyrizados; porque ferem os miseraveis, pingados, la-

lacrados, retalhados, falmourados, & os outros excessos maiores, que callo, mais merecem nome de martyrios, q̄ de castigos. Pois estay certos, que vos não deveis temer menos da injustiça destas oppressões, q̄ dos mesmos cativeiros, quando são injustos: antes vos digo, que muito mais vos deveis temer dellas, porque he muito mais o que Deos as sente. Emquanto os Egypcios sómente cativavaõ os filhos de Israel, deffimulou Deos com o cativeiro; mas finalmente não pôde a Divina Justiça soffrer a sua mesma dissimulação, & depois das dez pragas, com que foraõ açoutados os mesmos Egypcios, acabou de hũa vez com elles, & os destruiu, & affolou totalmente. E porque? O mesmo Deos o disse.

474 *Vidi afflictionem populi mei in Agypto, & clamorem ejus audivi propter duritiam eorum, qui præsumunt operibus.* Vi, diz Deos, a afflicção do meu Povo, & ouvi os seus clamores pela dureza das oppressões, com que os carregão, & rigores, com que os castigão, os que presidem

às obras, em que trava'haõ. Notay duas cousas: a primeira, que se não queixa Deos de Faraó, senão dos seus Feitores: *Propter duritiam eorum, qui præsumunt operibus*: porque os Feitores muitas vezes são, os que mais cruelmente opprimem os Escravos. A segunda, que não dà por motivo da sua justiça o cativeiro, senão as oppressões, & rigores, com que sobre Cativos o affligião: *Vidi afflictionem populi mei.* E acrescenta o Senhor, que ouviu os seus clamores: *Et clamorem ejus audivi*: que he para mim hum reparo de grande lastima, & para Deos deve ser hũa circumstancia, q̄ grandemente provoque a sua ira. Estão açoutando cruelmente o miseravel Escravo, & elle gritando a cada açoute, Jesu, Maria, Jesu, Maria; sem bastar a reverencia destes dous nomes, para moverem a piedade hum homem, que se chama Christão. E como queres, que te oução na hora da morte estes dous nomes, quando chamares por elles? Mas estes clamores, que vòs não ouvis, sabey, q̄ Deos

os ouve : & já que não tem valia para com o voffo coração, a terão fem duvida fem remedio para voffo castigo.

475 Oh como temo, que o Oceano feja para vós Mar Vermelho, as voffas casas como a de Faraó, & todo o Brazil como o Egypto! Ao ultimo castigo dos Egypcios precederàõ as pragas, & as pragas já as vemos, tam repetidas hũas sobre outras, & algũas tam novas, & defufadas, quaes nunca se viraõ na clemencia deste Clima. Se ellas bastarem para nos abrandar os corações, razão teremos para esperar misericordia na emenda : mas se os corações,

como o de Faraó, se endarecerẽ mais, ainda mal, porque sobre ellas não pó de faltar o ultimo castigo. Queira Deos, que Eu me engane neste triste pensamento, q̄ sempre aqui, & na noffa Corte, os mais alegres são os mais cridos. Sabey porẽm, que he certo (& fiquevos isto na memoria) que se Jeconias, & seus Irmãos, creràõ a Jeremias, não seriaõ Cativos : mas porque deraõ mais credito aos Profetas falsos, que os adulavaõ, assim elle, como seus Irmãos, todos acabàraõ no 37. cativo de Babylonia : *Ier. 18. chomam, & fratres ejus in transmigratione Babylonia.*

FINIS.



SER.




S E R M A M

X X V I I I .

Beatus venter , qui te portavit. Luc. II.

I.

476  AVENDO pōderado por tãtos modos, & tam varios, as poucas clãufulas deſte breviſſimo Evangelho, ainda não fizemos particular advertẽcia ſobre a palavra: *Portavit*. Bem pudẽra a eloquente Oradora, como inspirada do Ceo, uſar de outra, não ſõ mais propria, mas ainda mais decente, & decorõſa. Porque a palavra *Portavit* ſignifica naturalmente levar com pezo; & aſſim o exprimentaõ todas as outras mãys: porẽm à Mãy Virgem, como diz Santo Agõſtinho: *Nulla poterat fieri gravado parturien-*

ti: de nenhum modo lhe podia ſer peſado dentro em ſuas entranhas o Filho, que ſendo ſeu, era tambem de Deos. Aſſim o enſina a razãõ, & o tinha jã moſtrado a experiencia. A experiencia, nos Levitas, que levavaõ a Arca do Testamento, os quaes nenhũ pezo ſentiaõ nella, porque era figura de Chriſto. A razãõ, porque os corpos em ſeu elemento não pezaõ, como ſe vè na agua do mar: & o Elemento de Deos he Maria Tirado pois o pezo à palavra *Portavit*, ſõ lhe fica à Mãy a ſignificaçaõ de levar, & ao Filho, a de ſer levado. Era levado o Filho, & a Mãy a que o levava: *Qui te portavit*: & eſte movimento ſõ activo

tivo na Mãy, & só passivo no Filho, he hum grande, & não advertido mysterio, em que Eu faço todo o meu repáro, & que só tem lugar no Sagrado Ventre, & só no tempo, em que Christo esteve encerrado nelle.

477 Pergũta Hugo Cardinal : porque não disse a Mulher do Evangelho, Bemaventurada a Mãy, senão, Bemaventurado o Ventre? *Quare non dixit mulier illa : Beata Mater, quæ te portavit, potius quàm, Beatus Venter?* A razão, & o mysterio foi; porq̃ no nome da Mãy era muito menor o louvor, & muito menor o sentido da palavra *Portavit*, que no nome do Ventre. A Virgem Senhora nossa tendo a Christo dentro do Sagrado Ventre, ou fóra delle, sempre era Mãy: mas levando dentro, ou fóra, como o levou em seus braços ao Egypto, & pela mão ao Templo, era com grande differença de levar a levar. Porque sendo o Filho levado dentro do Ventre, não tinha outro movimento mais que o da Mãy; & sendo levado fóra, ou mais, ou menos

Tom. 6.

crescido, sempre tinha o seu proprio movimento. Muito mais diz logo a palavra *Portavit* junta com o *Beatus Venter*, que com o *Beata Mater*; porque neste segundo caso não lhe estavaõ lojeitos todos os movimentos do Filho de Deos, & no primeiro, sim. De Deos diz o Apostolo S. Paulo por grande excellencia, que nelle tomos, nelle vivemos, & nelle nos movemos: *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus.* E tal foi a excellencia do Ventre Virginal em respeito do mesmo Deos em quanto o concebéo, & teve dentro em sy; porque nelle, *In ipso*, deu a Senhora ao mesmo Deos o ser, *Sumus*; deu ao mesmo Deos a vida, *Vivimus*; & deu ao mesmo Deos o movimento, *Movemur.*

478 Tres jornadas maiores fez a Virgem Santissima levando dentro em sy a seu Filho: de Nazareth às Montanhas, das Montanhas a Nazareth, & de Nazareth a Bêlem. Mas assim nas jornadas de mais tempo, & de maior caminho, como nos passos domesticos, & de cada dia,

Ec grande

grande prerogativa he da Virgem, que fosse tam Senhora de todos os movimentos do Filho Deos, que ella o levasse, & elle se deixasse levar sempre, para onde a mesma Senhora queria: *Qui te portavit.* Arias Montano em lugar de *Te portavit*, treslada do original, *Te portans*: reduzindo o tempo passado ao presente, ou indefinito. E com este fundamento (ou tambem sem elle) questao he digna de se examinar, & saber: Se este privilegio de levar a Senhora a seu Filho, & elle se deixar levar para onde a Mãy queria, acabou com os nove mezes, que viveo encerrado no Sagrado Ventre, ou se continuou, & continua ainda hoje no Ceo, onde o Filho está à dextra do Padre, & a Mãy à dextra do Filho? O que determino ver se posso provar, he, que a palavra *Te portavit*, que escolhi do Evangelho, não só se verificou daquelle tempo, & na terra, senão que tambem hoje tem a mesma significação no Ceo. O argumento pois do meu Discurso terá este: Que assim como entao a Se-

nhora levava a Deos, & Deos se deixava levar da Senhora para onde ella queria: assim hoje estando ambos no Ceo, ella o leva, & elle se deixa levar para onde a mesma Senhora quer. E porque já se entende, que isto ha de ser em beneficio, & gloria do seu Rosario, peçamos a Graça, *Ave Maria, &c.*

II.

Beatus Venter, qui te portavit.

479 **E**Ntre as famosas fabricas de Salamao, he celebre hum Trono portatil, chamado Ferculo, no qual o grande Monarcha costumava sair em publico, quando se queria mostrar aos vassallos com toda a ostentação de pompa, & magestade. A materia desta fabrica era dos Cedros do Libano: tinha colunas, que erao de prata; sobre as colunas docei, que era de purpura; & no espaldar cadeira, que era de ouro: *Ferculum fecit sibi Rex Salomon de lignis Libani. Columnas ejus fecit argenteas, reclinatorium aureum, ascen-* Cant.
3. 9.
10.
Syrus,
& Arab.
bicus
sum

preunt
 re-
 lumen-
 sm, seu
 clamē
 urpu-
 x ita
 deve-
 rar-
 lus Sā
 hez.
 & alii.

*sum (hoc est, velamen) purpu-
 reum.* Assim lemos no tercei-
 ro Capitulo dos Canticos. E
 porque naquelle Livro enig-
 matico, todo o material he
 metaforico, & todo o literal
 mystico : para intelligencia
 do mystério, que encerraõ as
 palavras referidas; he neces-
 sario saber duas cousas: pri-
 meira, qual era a significa-
 ção daquella fabrica: segun-
 da, porque se chamava Fer-
 culo.

480. Quanto à significa-
 ção da fabrica, assim como
 Salamaõ significava a Chris-
 to, assim a fabrica significava
 a Virgem Senhora nossa, Mãy
 do mesmo Christo, a qual el-
 le fez, & criou, dotado de to-
 das as perfeições, como quē
 a fazia para sy, & para Mãy
 sua. Este he o sentido com-
 mum de todos os Interpretes,
 o qual elles explicaõ, & ap-
 plicaõ por diferentes allego-
 rias : mas Eu o provo das
 partes da mesma fabrica, &
 argumento assim. A materia
 de toda ella, era o Cedro do
 Libano, que he o melhor de
 todos os lenhos: a do docel,
 era a purpura, que he a me-
 lhor de todas as lans, & de to-

Alber-
 tus
 Mag-
 nus,
 Hugo
 Corne-
 lius, &
 alii.

das as cores : a das colunas,
 & da cadeira, era a prata, &
 o ouro, que são os melhores
 de todos os metaes : logo o
 todo composto destas partes
 não significava, nem podia
 significar a outrem, senão a
 Virgem Maria; porque nella
 unicamente ajūtou o Supre-
 mo Artifice, não ló o melhor
 de todas as criaturas, senão o
 melhor do melhor. A mesma
 Senhora o disse assim, não
 por sy mesma, como tam hu-
 milde, mas por outra boca,
 inspirada pelo Espirito San-
 to com authoridade de Fé.

481. *Quasi Cedrus exal-
 tata sum in Libano: & quasi* *Ecclesj:*
Cyressus in monte Sion: quasi *24.17*
Palma exaltata sum in Cades, *18.19*
*& quasi plantatio Rosæ in Ie-
 richo. Quasi Oliva speciosa in
 campis, & quasi Platanus exal-
 tata sum juxta aquam in pla-
 teis.* Comparase aqui a Se-
 nhora ás arvores, & plantas
 mais insignes, & mais bem
 dotadas da natureza : ao Ce-
 dro, ao Cipreste, à Palma, à
 Rosa, à Oliveira, ao Plata-
 no: mas he muito de notar, q̃
 a todos estes nomes commū
 acrescenta, como por sobre-
 nomes, as terras, ou sitios, de

que era, ou havia de ser cada-hũa. Ao Cedro, fim; mas não a qualquer Cedro, senão ao do monte Libano: ao Cipreste, fim; mas não a qualquer Cipreste, senão ao do Monte Sion: & por este modo às demais arvores. Pois se estas arvores, & plantas, como diziamos, eraõ as mais insignes, & estimadas, & as melhores, q̄ criou a natureza: porque razão lhe acrescenta a Senhora dentro na propria especie aquella differença, ou preferencia, com que as distingue, & singulariza das outras? Porque ainda que pela primeira differença eraõ as melhores entre todas as arvores, pela segunda eraõ as melhores entre todas as melhores. O Cedro pelo incorruptivel, & odorifero, era o melhor entre todos os lenhos cheirosos, & q̄ preservão da corrupção; mas o Cedro do Libano melhor que todos os Cedros: *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano.* O Cipreste, por ser hũa piramide verde, que sobe direita ao Ceo, era melhor que todas as arvores consagradas ao Culto Divino; mas o Cipreste do

Monte Sion melhor que todos os Ciprestes: *Et quasi Cypressus in monte Sion.* A Palma pela prerogativa triumphal de seus ramos, era melhor q̄ todas as outras, de que se tecem Coroas aos vencedores; mas a Palma de Cadez melhor que todas as Palmas: *Quasi Palma exaltata sum in Cades.* A Rosa como Rainha, sem controversia era a melhor de todas as flores; mas a Rosa de Jerichó melhor que todas as Rosas: *Quasi planta ro Rose in Jericho.* A Oliveira pingue, & doce, era melhor que todas as que se destilão em oleos; mas a Oliveira, não do monte, senão dos campos, melhor que todas as Oliveiras: *Quasi Oliva speciosa in campis.* Finalmente, o Platano copado, & fresco, era melhor que todas as que fazem sombra, & defendem do calor do Sol; mas o Platano plantado nas estradas, & junto à corrente das aguas, era melhor que todos os Platanos: *Quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis.* E como as perfeições da Virgem Maria, não só são comparadas ao melhor de todas

todas as criaturas, senão ao melhor do melhor: porisso no cedro, na purpura, na prata, & no ouro, que eraõ as partes, de que se compunha o Ferculo de Salamaõ, não podia ser significada outra, senão a Mãe do verdadeiro Salamaõ, a mesma Virgem Maria.

482 Declarada a significação daquella famosa, & fermosa fabrica do Rey mais poderoso, & mais sabio: saybamos agora, porque razão elle lhe chamou Ferculo; nome, que só esta vez, & só neste lugar se lê em toda a Escritura Sagrada. Todos os Autores, Latinos, Gregos, & Hebraicos, dirivão a palavra *Ferculum* do verbo *Fero*, que significa levar. E não lhe chamou Salamaõ, ou carroça, ou liteira, ou andor, senão Ferculo; para que não só o effeito, senão o mesmo nome mostrasse, que o intento, com q̄ fora fabricado, era para o Ferculo o levar, & elle ser levado, que não tem outra differença a singularidade do nome. Ajuntando pois a propriedade desta significação com a significação da mesma

fabrica: que outra cousa vem a ser a palavra *Ferculum* dos Canticos, & a palavra *Portavit* do Evangelho, senão dous admiraveis synonymos, com que Salamaõ profetizou no *Ferculum* o sentido do *Portavit*, & o Evangelho declarou no *Portavit* o mysterio, & sentido do *Ferculum*? O sentido do *Portavit*, em quanto Christo esteve encerrado no sagrado Ventre: *Beatus Venter, qui te portavit*: era (como vimos) para que o movimento activo, & o levar, pertenceffe só à Mãe, & o movimento passivo, & o ser levado, ao Filho: & o mesmo sentido, & mysterio, como diz Alberto Magno, he o do Ferculo: *Per Ferculum signatur Uterus Virginis, qui Ferculum dicitur quasi vehiculum à Fero fers. Salomon er-*

Albert lib. 10 de Lavibus Virgini-
præparavit sibi, idest, ad honorem suum, Ferculũ, idest, Beate Virginis Uterum.

E para que não pareça cousa nova, ou menos decente em Christo o ser levado, sendo Deos; tam antigo he no mesmo Deos o ser levado, como o haver de ter Mãe, q̄ se chamasse Maria.

483 No principio da Criação do mundo diz o Texto Sagrado, que o Espirito de Deos era levado sobre as aguas: *Spiritus Dei ferebatur super aquas*: & logo diz mais, que a congregação das aguas deu o mesmo Deos por nome Mária: *Congregationes aquarum appellavit Maria*. E com que mysterio este nome? Com mysterio, & significação, diz Santo Antonino, que aquella purissima, & immensa criatura, em q̄ Deos congregasse, & ajuntasse todas as graças, se havia de chamar Maria: *Congregationes aquarum appellavit Maria: Congregationes gratiarum appellavit Maria*. Mas nas mesmas palavras do Texto *Spiritus Dei ferebatur super aquas*, da palavra *Spiritus*, & da palavra *Ferebatur*, & da palavra *Aguas*, parece, q̄ resulta hũa implicação manifesta contra a ordem da mesma natureza, que entã nascia. Porque *Spiritus* ná significação natural, quer dizer vento, & as aguas naturalmente são levadas do vento, & não o vento levado das aguas: como diz logo o Texto, que o Espiri-

Genes.
1.2.

Ibid.
10.

D. An.
20vin.

to de Deos era o levado das aguas: *Ferebatur super aquas*: Porque as aguas, como acabamos de dizer, significavaõ o Mar das graças Maria, & não em outro estado, ou tempo (como notou Santo Ambrosio) senãõ no Mysterio da Encarnação, do qual disse o Anjo: *Spiritus Sanctus superveniet in te*. E como entãõ he que Deos entrou no Ventre Virginal da Senhora, desde entãõ no mesmo Sagrado Ventre começou a ser proprio da mesma Senhora, o levar a Deos, & proprio do mesmo Filhos de Deos, o ser levado: *Qui te portavit*.

Luc. 1
35.

III.

484 **I**STO he o que passou na terra em todo aquelle tempo, em que o Filho de Deos esteve encerrado no claustro virginal do Ventre Sacratissimo, sendo a Soberana Mãe a que o levava, & elle o que era levado a qualquer parte, onde ambos hiaõ. E posto que o mesmo Senhor desde o instante de sua conceição não teve as potencias da Alma impedidas, como

como os outros recem gerados, senão perfeitissimamente livres; nunca podem quiz usar da propria vontade, sujeito em tudo à da Mãe, sendo elle o que era levado, & a Senhora a que o levava para onde queria. Mas porque o argumento, que Eu propuz, & dezejo provar, he, que estes mesmos poderes, ou privilegios, tem, & goza, a Virgem Maria no Ceo: & que assim com o nos nove mezes, que teve a Deos dentro em sy, o levava cá na terra para onde queria; assim o leva hoje no Ceo para onde quer. Esta he a grãde difficuldade desta nova, & inaudita proposição.

485 Deixando pois a terra, & pondonos no Ceo, diganos S. João o que lá vio em huma das revelações do seu Apocalypse. Chama elle ao Ceo Monte de Sion (cõforme a frase de David: *Videbitur Deus Deorum in Sion*: por q̃ s̃o no Ceo se vé a Deos) & diz, que vio no Ceo hum grande numero de Bemaventurados, os quaes tinhaõ escrito na testa o nome do Cordeiro, que he Christo, & todos lhe cantavaõ hũa letra, q̃

nenhum outro podia cantar. E declarando quem fossem estes, & que privilegio particular tinhaõ entre os demais; diz, que eraõ os Virgens, & que só elles seguaõ, o Cordeiro para qualquer parte q̃ hia: *Virgines enim sunt. Hæsequuntur Agnum quocumque ierit*. Entra agora S. Bernardo, & comparando as outras Virgens com a Virgem das Virgens, dános occasião para duvidar com grande fundamento: Se a Virgem das Virgês no Ceo tem este mesmo privilegio das outras Virgês, ou outro maior? Ter o mesmo sómente, he pouco: ter outro maior, he muito devído: mas qual he, ou póde ser? O mesmo Santo o resolve por estas excellentes palavras: *In laudibus Virginum singulariter canitur, quod sequuntur Agnum quocumque ierit: quibus verò laudibus dignam judicas, que etiam præit?* Se he grande louvor das Virgês, dizerse dellas, q̃ no Ceo seguem o Cordeiro para qualquer parte que vay: que será o louvor da Virgem das Virgês, a qual no Ceo não só segue o Cordeiro, mas

Apo. 14 4.

D. Bernard. Serm. 1. sup. Mis- sus est

o Cordeiro a segue a ella? Não te podia dizer mais, nem melhor. Deforte, que as outras Virgens no Ceo seguem o Cordeiro para onde vay o Cordeiro: mas a Virgem das Virgês no mesmo Ceo, não só segue o Cordeiro para onde vay o Cordeiro; mas o Cordeiro he o que segue a Virgem para onde vay a Virgem: *Quæ etiam præit.* Ella he a que vay diante, & o Cordeiro o que a segue.

486. Mas porque não basta, que hum privilegio tam singular se funde só na authoridade de S. Bernardo, ouçamolo da boca do mesmo Cordeiro no Ceo. Falla com elle a mesma Mãy. em figura de Pastora na parabola dos Canticos, & diz assim:

Cã. 1.
7.

Indica mihi quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie. Dizeyme, Amado meu, onde apascentais as vossas ovelhas; & descansais ao Meio dia. O Meio dia, como diz Santo Agustinho, & todos os Padres, significa o tempo sem tempo da Eternidade da Gloria, onde Deos, não já em sombras, como nesta vida, mas claramente, & com

D. Ag.
gustin.

todos os resplandores da Divindade, se mostra aos Bem-aventurados, deixando se ver como he em sy mesmo, & cõ esta mesma vista apascenta todos aquelles, que como ovelhas da mão direita predestinou para o descanso do Ceo. Deste tempo, & deste lugar, falla a pergunta da Mãy: à qual respondeo o Filho, & a resposta, tam notavel como sua, foi esta: *Si ignoras te, ubi post vestigia gregum tuorum:* Se ignorais, ou não sabeis de vós, segui as pizadas do vosso Rebanho. Com razão chamei notavel a esta resposta. Mas examinemos primeiro a pergunta, que tambem tem difficuldade naquelle *Ubi* duas vezes repetido. Deos não tem *Ubi*, ao menos duvidoso; porque por sua immensidade, nem muda, nem pôde mudar lugar. Pois se não muda, nem pôde mudar lugar, nem ha *Ubi*, ou Onde, onde não esteja: Como lhe pergûta a Senhora: *Ubi pascas, ubi cubes?* Daqui se vê claramente, que não falla com Deos, em quanto Deos, tenão cõ Christo em quanto Homem. Porque Christo no Ceo sem dei-

Ibid. 8.

xar a dextra do Padre, pôde mudar, & muda lugares: que porisso se diz do Cordeiro: *Quocumque ierit*: para qualquer parte que vâ. Pois se o Cordeiro no Ceo muda lugares, & a Mãy lhe pergunta aonde está: porque lhe responde elle: *Si ignoras te*: quando parece, que havia de dizer, *Si ignoras me?* Mas respondeu assim discretissimamente, como se differa: Se Eu no Ceo, Mãy minha, vos sigo sempre, & não vou senão para onde vós me levais, perguntareis-me agora aonde estou, mais he não saber de vós, que não saber de mim: *Si ignoras te*. E se quereis saber por outra via o que me perguntais: *Abi post vestigia gregum tuorum*: Segui as pizadas do vosso Rebanho, & logo o fareis. Mas pelas pizadas do seu Rebanho, de que modo? Porq̃ assim como o Rebanho segue a Pastora, assim o Cordeiro segue a Mãy: & como vós souberes onde está a Mãy, logo sabereis onde está o Cordeiro. Tam certo he, que não dá passo o Cordeiro, senão para onde he levado de sua Mãy: & isto não na terra,

senão no Ceo: *In Meridie*. Vede, como se correspondem bem o Meyo dia da Gloria com a manhaã da Encarnação. No primeiro Orizonte da vida, quando Deos se vestio de Encarnado, na Guardaroupa do Vêtre purissimo, a Aurora não seguia ao Sol, se não o Sol a Aurora? Pois assim como cá o Sol seguia a Aurora, assim lá o Cordeiro segue a Mãy: *Quae etiam praet.*

487 E para que se veja, que nesta confirmação das palavras de S. Bernardo me não aparto do seu pensamento; tornemos a ouvir ao mesmo S. Bernardo sobre o mesmo S. Joaõ no mesmo Apocalypse. *Signum magnum apparuit in caelo: Mulier amicta Sole*. Bem conhecido he o Texto. Aparecéo no Ceo hum sinal maravilhoso, & nunca visto: hũa Molher vestida do Sol. O Sol he Christo, a Molher he a Virgẽ Maria-Senhora nossa: & porisso mesmo parece, que não havia de estar a Molher vestida do Sol, senão o Sol vestido da Molher. He instancia bem arguida do grande Commen-

Ans-
bert.
ibi.

tador do Apocalypse An-
berto : *Fortasse magis conse-
quens fuisset dicere , non quòd
Mulier fuisset circumdata So-
le; sed quòd circum dedisset po-
tius Solem in Utero inclusum.*

Quando a Senhora trouxe a
Deos no Sagrado Ventre, en-
tao o vestio da tela de suas
proprias entranhas; dandolhe
a Humanidade; logo o Sol he
o que havia de estar vestido
da Molher, & naõ a Molher
vestida do Sol. Antes por isso
melmo, replica S. Bernardo;
porque agora o Sol, & a Mo-
lher, estavaõ no Ceo : *Signum
magnum apparuit in celo.* E es-
ta foi a justa, & condigna re-
muneraçaõ; com que o Filho
quiz pagar à Mãy no Ceo, o
que della tinha recebido na
terra : *Et vestis eum, & vesti-*

*D. Ber rã ab eo : vestis eum substantiã
nãrd. carnis, & vestit ille te gloriã
sue maiestatis.* Porque a Mo-
lher vestio ao Sol na terra,
por isso o Sol veste a Molher
no Ceo : ella na terra vestio o
com a substancia da Humani-
dade, & elle no Ceo veste a cõ
a gloria da sua propria Ma-
gestade. E isto he confirmar
S. Bernardo o seu pensamen-
to, de que o Cordeiro seguia

a sua Mãy para qualque
parte que fosse : *Quocumque
ierit ?* Sim. Porque assim co-
mo a Virgem na terra levava
a Deos para onde queria, por-
que o tinha dentro do sagra-
do Ventre ; assim agora, que
Deos está fora delle no Ceo,
quer o Senhor, que o leve tã-
bem para onde quizer; & pa-
ra isso a vestio de sy mesmo.
O vestido naõ tem outro mo-
vimento, senaõ o da pessoa a-
quem veste : & como Deos
veste no Ceo a Mãy, que o
vestio na terra ; assim como
na terra seguia os seus movi-
mentos, porque o tinha den-
tro em sy, assim naõ pòde dei-
xar de os seguir tambem no
Ceo, porq̃ está vestida delle:
Amicta Sole. E a razãõ desta
justa, & reciproca recompêsa,
he, porq̃ naõ fora a paga igual
à divida, se o privilegio, que a
Senhora tinha na terra, levã-
do a Deos para onde queria,
o naõ tivesse igualmente no
Ceo, deixando Deos tambẽ
levar para onde a Senhora
quizesse. Na terra, onde ella
o vestio, levado pela nature-
za da Maternidade ; & no
Ceo, onde elle a veste, tambẽ
levado pela gloria da Magestade:

tade : *Vestis eum substantiã carnis, & vestis ille te gloriã sue maiestatis.* E se queremos exemplo mais claro, & mais breve: Deos não só era levado na Arca, & da Arca, na peregrinação do Deserto, senão também na terra de Promissão. E porque? Porque o Deserto significava este mundo, a Terra de Promissão o Ceo, & a Arca a Virgem Maria: & Maria não só neste mundo levou a Deos, se não também no Ceo o leva, & elle he levando: *Qui te portavit.*

IV.

488 **T**emos provado em geral o nosso Assumpto, E para que se entenda o modo, cõ que Deos no mesmo Ceo, que he o Trono da sua Grandeza, & Magestade, se sojeita a ser levado de hũa criatura sua, posto que a maior de todas, para onde ella quer, ou quizer desçamos em particular às razões desta voluntaria sojeição, que não podem deixar de ser grandes. Digopois, que leva a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Se-

nhora para onde ella quer, por tres razões, ou tres modos: por amor, por obediencia, & por força. Por amor, como Esposo: por obediencia, como Mãy: por força, como (ao parecer) mais poderosa. Sêpre porém por vontade do mesmo Deos, & não só por vontade, quando elle quer, senão também por vontade, quando parecesse que não quer: que este he só o sentido, em que prégio este Discurso. Tanta he a significação daquella grande palavra, & tanto o respeito, que deve Deos áquelle, *Te portavit*, em que tudo se funda.

489 Primeiramente sojeitase Deos a ser levado da Senhora para onde ella quer, por amor, como Esposa: & o mesmo Senhor o confessa assim com este mesmo nome: *Vulnerasti cor meum, Soror mea Sponsa, vulnerasti cor meum.* Depois veremos quando se celebrarão estes desposorios, & onde: agora vejamos o q̃ diz o Esposo Deos. Diz, que a Virgem Maria sua Esposa lhe ferio duas vezes o coração: *Vulnerasti cor meum, vulnerasti cor meum.* E para que

que duas feridas? O Original Hebréo o declara profunda, & admiravelmente. O primeiro *Vulnerasti* quer dizer, *Abstulisti mihi cor*: désteme a primeira ferida para me tirar o meu coração: & o segundo *Vulnerasti*, quer dizer, *Indidisti mihi cor*: désteme a segunda ferida para me dar o vosso coração. Dem maneira, q̄ para esta troca foi necessario, que as feridas fossem duas, & ambas no mesmo tempo, porque não ficasse o Esposo sem coração: hũa ferida por onde sahisse o seu, & outra, por onde entrasse o da Esposa em seu lugar. E que se seguia desta amorosa troca? Seguiu-se que dali por diante já o Esposo não queria, o que queria pelo seu coração, senão pelo coração da Esposa: & como queria pelo coração da Esposa, não podia querer senão o que ella quizesse. Assim declara literalmente os efeitos desta troca de corações, o Doutíssimo A Lapide: *Quasi diceret: Cor tuum mihi in seruiisti, ut illud in me operetur: & Ego omne id faciam, quòd cor tuum desiderat. Tirasteme do peito o meu co-*

Corne-
lius
ibi.

ração, & introduzisteme em seu lugar o vosso, para que Eu daqui por diante não possa querer, nem fazer, senão o q̄ vòs quizerdes. Isto disse, não outrem, senão o mesmo Deos, nem a outrem, senão a sua Mãe, emquanto Esposa: *Soror mea Sponsa*. E não se podia, nem melhor explicar, né mais encarecer, quanto a Vontade Divina, não em parte, senão em tudo, se confôrma cõ a vontade da Virgem, não querendo, nem tendo coração para querer, senão o que ella quer.

490 Mas se acaso com o coração, que a Esposa tirou a Deos: *Abstulisti mihi cor*: tivesse Deos querido alguma cousa contraria à vontade da Esposa: que havíamos de dizer neste caso? O que havíamos dizer, he, que sempre se ha de fazer o que a Esposa quizer, ainda que parecesse que o Esposo o não tivesse querido, ou não quizesse. O caso he já succedido em proprios termos, & com o mesmo effeito, que digo. Quiz Isaac dar a benção, & o morgado, a seu filho Esaú, que era o Primogenito: & Rebecca, Esposa

Esposa de Isaac, queria pelo contrario, que a benção, & o morgado, fosse de Jacob, que era o filho segundo, a quem ella mais amava. Fez as diligencias tam extraordinarias, que todos sabemos: & tambẽ sabemos, que Jacob por meyo dellas effectivamente cõseguiu a benção. Mas não está aqui o reparo. O que muito se deve reparar, & admirar, he, que sendo aquella doação, não só involuntaria, & subrepticia, senão expressamente contra a tenção de Isaac, & nomeadamente dada debaixo do nome de Esaú: nẽ Isaac a revogasse, nem a tirasse a Jacob, nem a restituisse a Esaú, nem estranhasse a Rebecca as diligencias, que tinha feito, & que em tudo se conformasse com a sua vontade, & se conseguisse o que ella quiz contra o que elle queria. Santo Agostinho diz, que em toda esta historia não houve engano, senão mysterio: *Non fuit mendacium, sed mysterium.* E supposto que foi mysterio: que mysterio foi? Excellentemente S. Pedro Damiaõ: *Et illic ergo carnalis uxor (Rebecca) & hic spiri-*

tualis Sponsa (Maria) viris Seruis in sententiæ diversitate prevaluit. O mysterio foi, q²⁷. assim como a vontade de Rebecca, mulher de Isaac, prevalecêo contra a vontade de seu marido; & não se conseguiu o que queria Isaac, senão o que quiz Rebecca: assim no caso, em que a Espõsa de Deos, Maria, & o mesmo Deos, quizessem cõulas contrarias, a vontade da Espõsa (no sentido que já disse) havia de prevalecer contra a vontade do Espõso: & não se havia de cõseguir o que quizesse, ou tivesse querido Deos, senão o que quizesse Maria. Quem podia imaginar, que prevalecesse Jacob contra Esaú, tendo Esaú da sua parte a vontade do Pay? Mas como a vontade da Espõsa estava da parte de Jacob, esta he a que prevalecêo, & conseguiu quanto queria: representandose entãõ na terra entre Isaac, & Rebecca, o que hoje passa no Ceo entre Deos, & Maria. Deos como Espõso, & Maria como Espõsa: *Soror mea Spon-*

491. E agora he, que havemos

veimos de saber, como dei-
xe-y prometido, quando se ce-
lebráraõ estes desposorios, &
onde. O tempo foi o dia da
Encarnaçãõ, o lugar o tala-
mo virginal do Sagrado Vê-
tre, que he o fundamento de
quanto temos ditto, & have-
mos de dizer. Chama Deos
à Virgem Irmã, & Esposa:
Soror mea Sponsa Irmã; porq̃
entaõ tomou Deos a Nature-
za Humana: Esposa; porq̃ na
uniaõ da Natureza Humana
com a Divina consistiraõ os
desposorios: & aqui he que
fez aquella troca dos cora-
ções, & uniaõ, ou sojeiçãõ
das vontades. Qual vos pare-
ce que foi a razaõ, porque
tendo Deos decretado de u-
nir a sy a Natureza Huma-
na, & podendoa tomar dou-
tro modo, & doutra parte, a
tomou das entranhas da Vir-
gem Maria? A razaõ foi, diz

altissimamente S. Bernardo,
porque pedia a convenien-
cia, & proporçãõ natural, q̃
onde se achava a maior uniaõ
das vontades, se fizesse també
a maior uniaõ das naturezas:

*Cum Deus sit in omnibus Sãc-
tis propter concordiam volun-
tatis, specialiter tamen cum*

*Maria, cum qua utique tanta
ei consensio fuit, ut illius non
solum voluntatem, sed etiam
carnem sibi conjungeret, ac sic
de sua, Virginitateque substantia
Christum efficeret, vel potius
unus Christus fieret.* Deos es-
tã em todos os Santos por
concordia da vontade; mas
foi tam superior sobre todos
a uniaõ, que a vontade de
Deos tinha com a vontade d.
Virgem, que o fim, porque o
mesmo Deos encarnou nel-
la, & della, foi, para que assim
como da vontade de Deos, &
da vontade da Virgem, se cõ-
punha hũa só vontade, assim
da sustancia do mesmo Deos,
& da sustancia da mesma Vir-
gem, se compuzesse huma sò
Pessoa, que foi a de seu Filho.
Oh maravilha sobre todas as
maravilhas, q̃ as consequên-
cias da natureza, & vontade,
que sò se achavaõ na Divin-
dade de Deos; com hũa tro-
ca naõ menos admiravel se
achem tambem na natureza,
& vontade da Virgem! Entre
o Padre, & o Filho, porque
he hũa só a sustancia, he huma
sò a vontade: & entre Deos,
& a Virgem, porque era hũa
sò a vontade, fez elle, que

se

se unissem em huma só subsistencia. Là dous suppostos unidos em hũa só vontade, cà duas vontades unidas em hũ lò supposto. E como a uniaõ da vontade de Deos com a da Virgem he tam grande, q̃ della resultou a do mesmo Verbo, Encarnado no beatissimo Ventre: que muito he, q̃ a vontade da Virgem leve apoz sy a vôtade de Deos no Ceo, assim como levava ao mesmo Deos na terra, quando o tinha em sy: *Qui te portavit?*

V.

492 **A**O titulo de Esposa, & por amor, se segue o de Mãy, & por obediencia, naõ menos poderoso para se deixar levar delle no Ceo, aquelle Senhor, a quem no mesmo Ceo, & com nome de Deos, & de obediencia, a voz de Josué fez parar ao Sol. Bem sey o que neste ponto disputaõ os Theologos, & a distincão que fazem de jure, ou de facto: mas nõs deixadas as argucias da especulaçaõ, ouçamos o que conformemente, & sem es-

crupulo escrevéraõ, & pigáraõ todos os Santos Padres.

493 Santo Illesonfo sobre as palavras da mesma Virgem, *Fecit mihi magna qui potens est*, diz assim: *Hoc magnum fecit in Virgine, ut per hãc Deus fieret Homo, Verbum fieret caro, & Filius Dei factor omnium fieret Filius Matris, quam ipse formaverat, essetque Dominator nascendo subditus Ancille, quam ipse condiderat.* E mais brevemente noutro lugar: *Habuit Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.*

Nas quaes palavras sem clausula algũa de moderaçaõ no imperio, ou exceiçaõ na obediencia, pela activa da parte da Mãy, & pela passiva da parte do Filho, nella apregoa Illesonfo com expresso nome de Superiora a jurdiçaõ de mandar: & nelle reconhece com nome tambem expresso de subdito a sojeiçaõ de obedecer: *Ancilla Dominum in subdito, Ancillam Dominus in prælato.*

494 Toda esta jurdiçaõ, todo este poder, & todo este imperio, logra hoje no Ceo a Se-

Luc.
1. 49.
Ildes.
fons.
lib de
Virgi-
nit.
Ma-
ria
cap. 8.

a Senhora a titulo de Mãy, assim como o teve na terra, onde seu Filho não era menos Deos do que he no Ceo. E esta he a energia, com que estando hoje, como está, no Ceo, lhe canta toda a Igreja: *Monstra te esse Matrem*. Cuydamos communmente, quando repetimos este verso, que pedimos à Senhora roque por nós, assim como dizemos na Ave-Maria: *Mater Dei, ora pro nobis*. Mas como bem notou Ricardo Laurentino, não he isso o que queremos dizer, senão muito mais. *Monstra te esse Matrem*, he dizer à Senhora, que exercite a authoridade da sua jurdição, & que mostre, que he Mãy, não rogando, senão mandando a seu Filho: *Non solum potest Filio supplicare, sed etiam potest authoritate materna eisdem imperare: unde sic oramus eam, Monstrate esse Matrem*. Nos dous versos, que se seguem, *Qui pro nobis natus, tulit esse tuus*, a dureza da palavra *Tulit*, com que o seu Filho da Senhora se chama sofrimento, confirma com nova enfasi o mesmo sentido. Como se disseramos: Já que

Ri-
chard.
à Sãct.
Lau-
rent.

sofreo, & se sojeitou a ser Filho, sofra tambem, & sojeite-se a ser mandado.

495 Mas ouçamos a S. Bernardo, que nos louvores da Mãy, que a elle lhe deu o leite, sempre he singular. Cõsidera a Deos obedecendo à hũa Molher, & a hũa Molher mandando a Deos: & suspenso na comparação infinita de hum, & outro prodigio, rompe eloquentissimamente nesta apostrofe: *Mirare utrum libet, & elige, quod amplius mireris: sive Filij Dei benignissimam dignationem, sive Matris excellentissimam dignitatem. Utrinque stupor: id, quod Deus Fæminæ obtemperet, humilitas sine exemplo: & quod Deo Fæmina principetur, sublimitas sine socio*. Admiray destes dous prodigios qual quizerdes, & escolhey de ambos qual mais deveis admirar: ou do Filho de Deos a profundissima benignidade, ou da Mãy de Deos a altissima dignidade. *Utrinque stupor*: de hũa, & outra parte não ha senão pasmar: porque obedecer Deos a hũa Molher, he humildade sem exemplo: & mandar hũa Molher a Deos, he

Ber.

nard.

Serm.

2.º JM.

per.

Missus

est.

he sublimidade sem companhia.

496 Se alguma mãy pudéra fazer companhia a Senhora, era Bethsabé; & se algum filho pudéra imitar o exemplo de Deos, era Salamaõ. Mas nem elle sendo tam sabio, soube ser filho: nem ella; tendo tam obrigado, chegou à ventura de ser obedecida de tal Rey como mãy. Vindo Bethsabé a Palacio, mandoulhe pôr Salamaõ huma cadeira à sua mão direita, em que se assentasse. Entaõ lhe disse Bethsabé, que trazia hũa petição que lhe fazer: & Salamaõ respondéo, q̄ sendo sua mãy, lhe não podia negar quanto pedisse: *Pete, mater mea: neque enim fas est, ut avertam faciem tuam.* Atéqui disse bem: mas ainda pudéra dizer melhor. Havia de responder: que ella como mãy o podia mandar, & elle como filho a devia obedecer. Mas a verdade daquelles cūprimētos, posto que tam curtos, qual foi? Disse Salamaõ menos do que havia de dizer, mas não chegou a fazer o que disse: chamoulhe mãy, mas não lhe obedecéo como

filho: deulhe a cadeira, mas negoulhe a petição. Este recibimento de Salamaõ a Bethsabé em Palacio, dizem as Allegorias, q̄ foi figura do q̄ Deos fez a sua Mãy no Ceo. Mas se foi figura, foi mal representada. A cerimonia no Ceo, como terra da verdade, foi menor: mas a realidade, & a realeza, foi a que havia de ser. Foi menor a cerimonia; porque diz David, que a Senhora esteve em pé à mão direita do Filho: *Astitit Regina à dextris tuis*: mas a realidade foi, a que devia ser, ou mais do que devia. Porque se a Mãy está em pé reconhecendo a Divindade do Filho: o Filho faz tudo o que a Senhora quer, reverenceandoa como Mãy. Ella não tomou a cadeira, mas elle deulhe a vontade: ella mandao, & elle obedece.

497 Expressa, & animosamente o grande Cardeal S. Pedro Damiaõ, fallando cõ a mesma Senhora no Ceo: *Accedis ad aureum illud Divinæ Severitatis Tribunal, non rogans, sed imperans, Domina, non Ancilla.* Vós, Soberana Rainha do Ceo, quando là

Psalms
44.10

Petr. Da-
mian.

representais a Deos, vosso Filho, que faça o que vós que-
reis, chegais ao Trono de ou-
ro, & ao Tribunal tremendo,
naõ só de sua Divina Mage-
stade, mas de sua Severidade,
& alli naõ como Subdita, se-
naõ como Senhora, naõ ro-
gais, ou pedis por favor, mas
mãdais, & ordenais com im-
perio, o que quereis que se
faça: & assim se executa. E
dando a razãõ o mesmo San-
to, & Doutissimo Padre porq̃
isto he no Ceo, & naõ póde
deixar de ser; conclue com
estas invenciveis palavras:
*Quomodo enim potestati tuae
obviare potest potestas illa, quae
de tuis visceribus traxit origi-
nem*: porque naõ pôde ser,
que encontre os vossos pode-
res, aquelle poder, que de vos-
sas mesmas entranhas tomou
o ser. Grande, & forte razãõ!
Tudo póde o poder de Deos,
mas só hũa cousa, parece, naõ
póde, q̃ he deixar de seguir a
võtade de sua Mãy, l'êbrado q̃
della recebéo o ser naquellas
entranhas, nas quaes o levava
entãõ para onde queria: *Qui
ta portavit.*

VI.

498 **S**omos chegados ao
ultimo titulo, &
modo, com que a Senhora
obriga a vontade de Deos, a
que naõ possa resistir à sua, q̃
he por força, como mais po-
derosa, no modo que já dis-
femos. A proposiçaõ parece
arrojada, mas tam certa, co-
mo grãde. Hũa noite inteira
lutou Jacob com Deos a bra-
ço partido, & o fim da bata-
lha foi, que Deos se confes-
sou por vencido, & que Ja-
cob pudéra mais, & prevale-
cêra contra elle: *Contra Deum
fortis fuisti.* Pois Deos todo
poderoso póde ser vencido
por força, & haver quem pos-
sa mais que elle? Naquelle
estado, sim. Deos abraçado
com Jacob, & Jacob abraça-
do com Deos, significavaõ o
mysterio, q̃ depois se obrou
no Sagrado Ventre da Virgẽ
purissima, quando a Nature-
za Divina se abraçou com a
Humana, & a Humana com a
Divina. E neste abraço foraõ
taes as forças, que os braços
de Deos communicáraõ aos
de Jacob, naõ na sua pessoa,
se-

Genes.

32.
28.

lenaõ na sua descendencia; q̃ della nascéo finalmente hũa Filha, a qual porque trouxe a Deos nos braços, lhos apertou com tanta força, que pode mais que elles. Com razão se comparaõ as forças de Deos feito Homẽ às do Rhinocrote: *Cornua Rhinocerotis cornua illius.* Emquanto o Rhinocrote andava Senhor do campo, livre, & solto, era tam formidavel, como forte mas depois que aquella animosa, & fermosissima Donzella, a Virgem, lhe apertou os laços, assim como lhe dominou as forças, lhe tirou tambem a liberdade.

499 Começou David o

Psalmo Noventa & tres, bradando, & repetido a grandes

Psalm. 93. 1. Deus ultionum Domini: Deus ultionum liberè egit.

Homẽs, que não temeis a Deos, adverti hũa, & outra vez, que Deos he o Senhor dos castigos: *Deus ultionum Dominus: Deus ultionum: & sabei,* que o mesmo Deos obra livremente, sem haver quem o possa impedir, quando quer castigar: *Deus ultionum liberè egit.* E de que dũvida nos tira David, em dizer que Deos

obra livremente? Houve porventura alguem, que atasse a Liberdade Divina, ou podesse mais q̃ sua Omnipotencia? Não houve, mas havia de haver. David como Profeta, & o maior dos Profetas, estava vendo todos os tempos, presentes, passados, futuros: & que via? Via o Paraíso terreal perdido por hum peccado: via o mundo todo alagado, & todo o genero humano afogado no Diluvio: via a sua Nação desterrada, & cativa no Egypto; desterrada, & cativa em Babilonia; desterrada, & cativa nos Assirios: via a sua mesma Corte de Jerusalem tantas vezes sitiada, destruida, & abrazada; & infinitas outras afflições de Cidades, Reinos, Provincias, com que Deos vingava as suas injurias, & justamente se chamava Deos das vinganças. Isto he o que via David por muitos annos, & seculos, antes de chegar o tempo da Encarnação do Verbo. Mas depois que o mesmo Deos se fez Homẽ, & teve Mãe, via pelo contrario, que todos aquelles castigos extraordinarios tinhão cessado, & que já

não era Deos das vinganças, senão Pay das misericordias. Combinando pois o Profeta tempos com tempos, & ao mesmo Deos consigo mesmo, que conceito, ou juizo faria, de hũa tam notavel mudança? O conceito, & juizo, que fez, foi, q̄ antes de Deos ter Mãy, obrava livremente: *Deus ultionum liberè egit*: porém depois que teve Mãy, teve tambem quem lhe atasse as mãos, & porisso obrava já como sem liberdade, porque a tinha sojeita a outro querer. E isto he o que pôde hoje no Ceo a Mãy do todo poderoso. Tanto assim, que não duvidou dizer S. Bernardino, que a mesma Senhora por nós faz de Deos o que quer: *Cum de Deo pro nobis facias quidquid tuæ placuerit charitatis.*

Ber-
nard.

tom. 1.

Serm.

52.

cap. 2

500. Parece, que se não podia dizer mais, nem tanto. Mas Eu acrescento, ou declaro, que aquelle fazer de Deos quanto quer, não só se entende de quando Deos quer, senão tambem, de quando, a nosso parecer, repugnasse, ou não quizesse. Caso foi notavel na Bretanha, que dizem-

do Missa S. Domingos, a Imagem da Senhora, que tinha a seu Filho nos braços, lhe disse em voz, que todos ouviraõ, que fosse elle o que lançasse a benção ao Povo. Viraõ tambem todos, que o Minino Jesus retirava o braço, como quem não queria; porém a Senhora lançando-lhe a mão à sua, o obrigou a que com ella lançasse a benção. *Eadem Domina pietatis manu Filij accepta, etiam renitentis, populum signo Crucis consignavit.* São palavras do Beato Alão, referindo o caso. Onde se devê notar muito aquellas, *Etiam renitentis*. O Filho repugnava, & não queria, mas a Senhora o obrigou, como por força, a que quizesse, dobrando-lhe a mão com a sua. Considerayme agora a mão da Senhora pegada na mão do Filho: a do Filho resistindo, & a da Senhora prevalecendo: & se vos admirais da força de huma mão, & do rendimento da outra, ouvi a razão. Fez David a Deos hũa petição notavel, & foi esta: *Fiat manus tua, ut salvat Psalme*: Faça-se, Senhor, a vossa mão, para que me ajude, & 173.

Beat.
Alão.

me salva. E que mysterio, ou sentido: pôde ter, dizer a Deos que a sua mão se faça? A mão de Deos, que foi a que fez o mundo, necessitava de ser feita, ou podia se fazer? Sim podia, diz S. Gregorio; & assim foi: *Manus quippe Dei, que per Divinitatem non est facta, genita per Humanitatem facta est.* A mão de Deos quanto à Divindade não podia ser feita, porque he mão increada; porém a mão do mesmo Deos quanto à Humanidade podia ser feita, & foi feita, & quem a fez, & formou em suas entranhas, foi a Virgem Maria. E como ella foi a que fez aquella mão, por isso tinha tanta mão com ella, & tanta força sobre ella. Tanta mão com ella, que não duvidou de a querer dobrar, & tanta força sobre ella, que repugnando a trouxe ao que queria.

501 E para que se veja, que render o Filho de Deos o seu braço a esta força não era forçada, senão voluntariamente; saybamos por fim de todo o Discurso, que então tem o mesmo Filho por mais gloriosas, & mais suas as ac-

ções do seu braço, quando elle não só as governa pelos proprios movimentos, senão levado também pelos impulsos de sua Mãe. Estando para nascer de Thamar dous filhos gemeos, hū, que se chamou Zaran, outro Faréz: Zaran lançou primeiro fóra hū braço, o qual a parteira lhe atou com hum fio de escarlata. E que fez o minino vendose com o braço atado? Desistio do movimento natural, com que hia nascendo, & tornou a recolher o braço para o ventre da mãe: *Illo verò Genes. retrahente manum.* Esta foi a 38. breve, mas prodigiosa histo-

ria, em que a profecia escreveu, ou rubricou, o grande mysterio, que digo Zaran, cujo nome significa *Oriens*, foi figura do Filho de Deos, & da Virgem, de quem disse Zacharias: *Vir oriens nomen ejus.* A escarlata atada no braço, como diz S. Bernardo, denotava a obra da Redempção, da qual cantou a mesma Virgem: *Fecit potentiam in brachio suo.* E como o Filho de Deos vio empenhado o seu braço na maior empresa, que nunca houve, nem haverá no

Zach. 6. 12.

Luc. 1. 51.

Greg. Homil 2. in Eze. chiel.

mundo: tornou a recolher o braço para o mesmo Ventre, donde sahira; porque entendia, & queria, que entendessem todos, que a maior honra, & gloria das acções do seu braço, não era serem só governadas pelos proprios movimentos, senão também pelos impulsos de sua Mãy. Que muito logo, que ainda quando nos primeiros movimentos, & como naturaes, mostra Deos querer o contrario, seja tam poderosa a vontade da Soberana Virgem, que ou voluntariamente forçado, ou forçosamente voluntario, se deixe levar para onde a mesma Senhora quer, como se denovo se tivesse recolhido ao mesmo Ventre Santissimo, de que era levado: *Qui te portavit.*

VII.

503 **P**osto que atègora não tenho nomeado o Rosario, sempre falley nelle: porque assim como a Senhora levava a Deos, quando o tinha dentro do Sacratissimo Ventre, & o leva hoje para onde quer; assim nós

por meyo do Rosario levarmos a Mãy, & o Filho, para onde quizermos, fazendo nossa a sua vontade. Naquelle Texto tam repetido, *Venter tuus sicut acervus tritici, vallatus lilijs*, são certas duas cousas. A primeira, que falla literalmente do Ventre Virginal. como dizem todos os Interpretes. A segunda, que debaixo da palavra *Lilijs* se entendem Rosas, como se lê no Original do mesmo Texto, *Vallatus Rosis*. De sorte, q̃ temos aqui dous circulos, & dous cercos: o circulo do Sagrado Ventre, cõ que a Senhora cercava ao Filho Deos, q̃ tinha dentro em sy: & por fora deste circulo outro circulo de Rosas, com que as Rosas cercavaõ o mesmo Ventre: *Venter tuus vallatus Rosis*. Que o circulo das Rosas signifique o Rosario; & o circulo, de que o mesmo Rosario he formado, seria negar-lhe o nome, & a figura, se alguem se atrevesse ao negar. Sendo pois este circulo o do Rosario, qual he a razão; porque está cercado com elle o circulo do Ventre Sacratissimo? A razão he, porque faz hum

hum circulo 'o que fazia o outro. Assim como com o circulo do Sacratissimo Ventre porque cercava a Deos, q̄ tinha dentro em sy, levava a Senhora a Deos para onde queria; assim nós cõ o circulo do Rosário, de que está cercado o mesmo Ventre, levaremos a Mãy, & o Filho, para onde quizermos. Digão a mesma Mãy, que he a que melhor conhece a vontade do Filho.

503 Falla a Senhora de cadahum dos seus devotos, & diz, que estes têm cuidado de assistir cada dia fóra de suas portas: *Qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei.* O não entrar, mas estar fóra das portas, he proprio de quem cerca: & o ser esta assistencia cuidado de cada dia, *Quotidie*, tambem he proprio da devação do Rosário. E que alcançarão aquelles, de quem a Senhora se achar assim cercada, & assistida? He maravilhosa a resposta do Texto Original, o qual affirma, & promete, que certamente alcançarão de Deos quanto d'elle quizerem. Assim o dizem confor-

memente as Versões de todos. *Vatáblo: Assequetur quidquid volet à Domino.* Pagnino: *Educi quod voluerit à Domino.* Caietano: *Quidquid voluerit, à Deo facile obtinebit.* Apenas se achará em toda a Escriitura Sagrada promessa tam universal, & tam estabelecida como esta! Mas assim cõquista avontade do Filho, que priméiro ganha a da Mãy. E porque dissemos dos poderes da mesma Mãy, que não só alcançava de Deos quanto queria, quando o mesmo Deos queria, senão ainda no caso, em que elle não quizesse; vejamos o mesmo, com assombro, nos poderes do Rosário.

504 Pelo peccado da Idolatria do Bezerrõ determinou Deos acabar de hũa vez com aquelle Povo tão ingrato, & rebelde, & assim o manifestou a Moysés, promettêdolhe que o faria Governador de outro, não só melhor, mas maior. Porém Moysés, que amava tanto os subditos, como devem fazer, & não fazem, todos os que tem o mândo, & governo supremo, não só rogou a Deos instantemente, que lhe perdoasse, mas to-

mou pôr terceiros, & valedores, a Abraham, Isaac, & Jacob, dizendo: *Recordare Abraham, Isaac, & Jacob: &c.*

Exod.
32.
13.

Admirate muito neste passo Theodorèro, não da oração de Moysès, senão da intercessão, de que se valéo nella, a qual não sô parecia desnecessaria, sendo tam particular, & tam intimo o seu valimento com Deos, mas ainda muito alhea da confiança, que o mesmo Deos lhe tinha dado na comminação daquelle castigo. As palavras, que Deos lhe disse, forão: *Dimitte me, ut irascatur furor meus cõtra eos, & deleam eos.* Deixame, Moysès, para que execute nelles a minha ira, & Eu os acabe. A palavra, Deixame, bem mostrava, que era bastante Moysès para ir à mão a Deos, & ter mão na sua ira, com que não executasse o que queria.

Ibidem
10.

Pois porque não cõfia Moysès tanto da sua oração, & se val das intercessões de Abraham, Isaac, & Jacob: Porque entendeb, que para conseguir huma cousa tam grande contra o que Deos queria, & tinha determinado, não bastaria qualquer outra oração, a-

inda que fosse a sua, senão fosse acompanhada cõ a força dos Mysterios do Rosario. Ora notay.

505. Naquelles tres grandes Patriarchas estavaõ representados os Mysterios do Rosario, segundo as tres distincções, de que são compostos. Abraham, a quem Deos mandou deixar a patria, & os parentes: *Egredere de terra tua, & de cognatione tua:* representava os primeiros Mysterios, em que o Filho de Deos deixou o Ceo, & a seu Eterno Padre, & veyo peregrino, ao mundo para o remir. Isaac, a quem Deos mandou sacrificar em hũ monte: *Tolle filium tuum Isaac, & offeres eum in holocaustum super unum montem:* representava os segundos Mysterios, em q̃ o mesmo Filho de Deos levando a Cruz às costas, foi pregado, & sacrificado nella no Monte Calvario. Jacob, a quem Deos mostrou a escada, que chegava da terra ao Ceo: *Vi-*

Genes.
12.1.

Genes.
22.2.

Genes.
28.
12.

dit scalarum stantem super terram, & cacumen illius tangens caelum: representava os terceiros Mysterios, em que o mesmo Filho de Deos depois de

resuscitado sábio Glorioso ao Céu, & se assentou à dextra do Padre. Pára aqui toda a representação? Não. Ainda he mais expressa, & mais distinta. Porque os primeiros, següdos, & terceiros Mysterios do Rosario, em cada húa das suas distincões se repartem de cinco em cinco. Abraham, quando representou os primeiros, saindo peregrino da sua patria, não se chamava Abraham, senão Abram: *Egressus est itaque Abram, sicut praeceperat ei Dominus.* E como o nome de Abram he composto de cinco letras, & o nome de Isaac de cinco, & o de Jacob também de cinco, não só representarão os tres Patriarchas as tres differenças dos Mysterios do Rosario, senão os numeros de cada differença. Os cinco primeiros, & Gozofos, no nome de Abram: os cinco següdos, & Dolorofos, no nome de Isaac: & os cinco ultimos, & Gloriosos no nome de Jacob. Junta pois a oração de Moysés com a representação dos Mysterios do Rosario, tam distinta emquanto tres nos tres Patriarchas, & tam

repartida emquanto cinco, nas letras de cada nome, & tam inteira emquanto quinze, na uniaõ de todos juntos; só estaõ teve confiança Moysés para esperar, & suppor, que a vontade de Deos se renderia à sua, & que não levaria por diante o que tinha determinado: & assim foi. *Placa. Exod. tusque est Dominus, ne feceret malum, quod locutus fuerat adversus populum suum.* Rezay, rezay o Rosario, & tende firme cõfiança nos poderes seus, & da Soberana Autora delle: que assim como a Senhora, quando tinha a Deos em suas entranhas, o levava para onde queria, vòs também levareis a Mãe, & o Filho, para onde quizerdes: & não só para lhe atares as mãos com o mesmo Rosario na occasiã dos castigos, mas também para vos encher de todas as Graças.

VIII.

506. **L**ã dissemos no principio, que com o Filho Deos em suas entranhas fez a Senhora tres jornadas maiores: a primeira, de

de Nazareth às Montanhas: a segunda, das Montanhas a Nazareth: & a terceira, de Nazareth a Belem. Estes foram os tres lugares santificados com os tres primeiros Mysterios do Rosario, não em figura, ou representação, mas realmente, Em Nazareth se obrou o Mysterio da Encarnação: nas Montanhas o da Visitação: em Belem o do Nascimento. E posto que estes Mysterios não foram, não podião entã ser mais q̄ tres, nestes tres se representã as differenças de todos. Em Nazareth os Gozosos: *Exultavit Spiritus meus in Deo salutari meo*: nas Montanhas os alperos, & Dolorosos: *Abijt in montana cum festinatione*: em Belem os Celestiaes, & G'oriosos: *Gloria in altissimis Deo: & in terra pax hominibus*. Agora vede, como levando a Senhora a Deos em suas entranhas, a todos estes lugares, todos enriquecêo de extraordinarias graças. Indo de Nazareth às Montanhas, santificou nellas ao Bautista, enchêo de espirito de profecia a Isabel, restituiu a falla a Zacharias mudo, & sobre todos

Luc.
1. 47.

Ibid.
39.

Luc.
2. 14.

os corações dos Montanhêzes derramou jubilos de verdadeira alegria, & os deixou cheus de altas esperanças. Tornando das Montanhas a Nazareth, como S. Joseph dos sinaes de Máy, que via na Senhora, julgasse, que tinha concebido, alli se lhe tirou a confusão, & tristeza daquela perplexidade, alli teve a revelação do Anjo, alli conhecêo o altissimo Mysterio da Encarnação, & alli soube, o que nem imaginar podia, que era Espolo da Máy de Deos, & q̄ o mesmo Deos lhe havia de chamar Pay. Indo finalmente de Nazareth a Belem, naquella clarissima noite, em q̄ os Ceos feitos de mel chovêrao as maiores doçuras sobre a terra, mandando Anjos aos Pastores, & Estrellas aos Reys, aos grandes, & aos pequenos, aos naturaes, & aos estranhos, aos de perto, & aos de longe, a todos enchêo de luz, de consolação, de verdade, & de Espiritos de nova vida. Isto obrou maravilhosamente a Senhora do Rosario, quãdo lhe deu principio nos primeiros tres Mysterios, & nelles significação a todos,

levando sempre a Deos, & deixando-se Deos levar para onde a mesma Senhora quer; para que nós também entendamos, que por meyo do mesmo Rosario teremos a vontade do mesmo Deos, não só propicia, senão em certo modo, ou por modo certo, sojeita a quanto quizermos, & dezejar-mos.

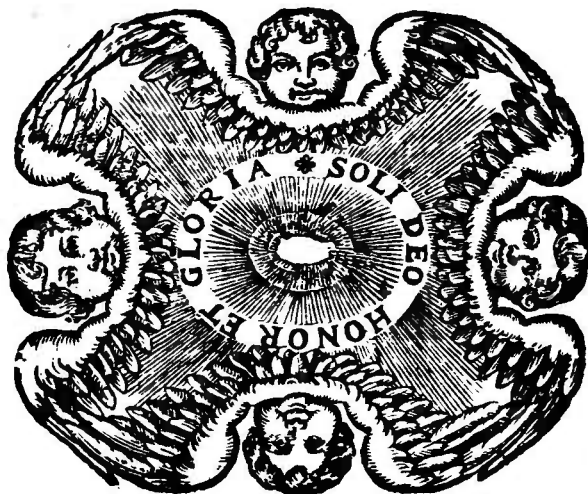
507 E que faremos, para que assim seja sem falta? Rezemos o Rosario, & digamos em cada Ave Maria à Mãe de Deos, não já que rogue, senão que dezeje por nós. Começamos a Ave-Maria por esta palavra *Ave*: & que quer dizer *Ave*? Disse-o com natural, & facil explicação, mas com altissimo pensamento, o Doutissimo Salmeirão: *De prima voce Ave advertit dici à verbo Aveo, quod est desiderare: & ita idem est dicere, Ave, ac dicere, desidera. Ave ergo, Beata Virgo, seu desidera, quia quodcumque avebas, & supra quam avebas, obtinebis.* Dezejava a Virgem Senhora nossa ardentissimamente o Mysterio da Encarnação do Filho de Deos, & que che-

gasse já o tempo, em que se cumprisse a promessa de *Isaias*: *Ecce, Virgo concipiet*: não presumindo, nem vindo ao pensamento de sua humildade, que ella era, ou podia ser, o felicissimo objecto daquelle profecia. Alludindo pois a este dezejo, começou o Anjo a sua embaixada, dizendo, *Ave*, que quer dizer, dezejay. Dezejay, ò chea de graça, dezejay: que não só tem Deos satisfeito vossos dezejos, mas tudo o que quizerdes, & muito mais do que quizerdes, alcançareis sempre d'elle. Isto disse o Anjo, dizendo, *Ave*: & por isso digo Eu, que peçamos à Mãe de Deos, não já que rogue, senão que dezeje por nós. Esta petição he a primeira, com que começamos a Ave-Maria, esta a que repetimos Cento & fincoenta vezes no Rosario: & podemos estar certos; que nem a Senhora deixará de dezejar por nós, nem o Filho, q̄ quer pelo coração da mesma Mãe, deixará de querer quanto a mesma Senhora dezejar: & assim como enchêo de tantas Graças a todos aquelles, aonde levou a Deos, quando

Sal-
meir.
om. 3.
raet.
3.

quando o trazia em seu Sa- & leva, os que della são le-
 cratissimo Ventre; assim nos vados; ao porto do Eterno
 alcançará aquella ultima, Descanço : *Qui te porta-*
 que só abre as portas do Ceo, *vii.*

FINIS.



SER.



S E R M A M

X X I X.

Et ubera, quæ suxisti. Luc. II.

I.

508



DICARDO
à Sãto Lau-
rentio (hum-
dos Autores

mais devotos, & mais bene-
meritos da Virgem Maria Se-
nhora nossa, que com igual
estudo, & engenho, applicou
a seus louvores quasi toda a
Escritura Sagrada) combi-
nando dous lugares dos Cã-
ticos, diz assim: *Christus di-
cit, Bibi vinum meum cum la-
cte meo virginali, quod totum
fuit meum, & de quo nullus al-
lus bibit. Item cum dicatur
Beatæ Virgini, Oleum effusum
nomen tuum, non tamen dici-
tur, quòd ejus ubera sint effusa.*
Quer dizer: q̃ ao leite virgi-

nal da Senhora chama Chris-
to propria, & singularmente
seu, *Cum lacte meo*; porque de
tal sorte foi sómente seu, que
nenhuma outra pessoa o gos-
tou, nem participou delle. E
que sendo comparado o no-
me da mesma Virgem ao o-
leo derramado, pela largueza
com que se communica; dos
Sacratissimos peitos da Se-
nhora não se diz tal commu-
nicação, ou effusão: *Non ta-*
men dicitur, quòd ejus ubera
sint effusa: porque tambem
não foraõ comunicados mais
q̃ ao proprio Filho de Deos,
& seu: *Et ubera, quæ suxisti.*

509) Assim o diz este
grave Autor, commumente
applaudido, & allegado de to-
dos. Porém a mim (que nos
peitos

Ri-
chard.
à S.
Lau-
rent.
ibi.

peitos da Virgem Maria considero duas fontes de misericordia, & a mesma misericordia estillada no seu leite) nã a razão, nem a Escriptura, nem a experiencia, me consente aprovar estas limitações. A razão não; porq̃ sendo propriedade do summo bem ser summamente communicavel: como podiaõ ser incommunicaveis os peitos, que criãrão o mesmo summo bem, o qual quando criou todas as cousas, a todas deu virtude de se communicarem? He certo, que com o leite se bebem juntamente as inclinações, & affectos. Donde se segue, que não só foi conveniente, & decente, mas necessario, que a segunda geração do Verbo se parecesse com a primeira, & que o mesmo Verbo criado trouxesse dos peitos da Mãy a propensão natural de se comunicar, que tinha recebido incriado do seyo do Pay. A mesma Virgem não só foi Mãy de Christo, Cabeça da Igreja, senão tambem Mãy de todos os membros do mesmo Christo, que são os Fieis: & se a Senhora nos negasse a nutrição docillima de seus

peitos, não seria Mãy inteira nossa, senão meya Mãy, como o saõ, diz S. Chryso^{st.} ^{Chry-}stostomo, as que geraõ os filhos, & os daõ a criar a outrem. Finalmente, o leite virginal dos mesmos peitos, foi aquelle, que se converteo no mesmo Sangue, o qual se derramou até a ultima gota pela salvação do genero humano: & se foi nosso, & se derramou por nós emquanto Sangue do Filho: como havia de ser só seu, & não tambem nosso, em quanto leite da Mãy.

§ 10 Passando da razão à Escriptura: a Esposa, ou Pastora principal do mesmo Livro dos Canticos allegado, he a Virgem Senhora nossa. E fallando o Divino Esposo dos peitos virginaes, que o criãrão, & alimentãrão Mimino, diz, que são semelhantes a dous cabritinhos mêtezes, filhos gemeos da mesma mãy: *Doubera tua, sicut duo hircorum capreae gemelli.* He comparação pastoril propria daquelle genero de Poesia. E com ser o Autor della Salmaõ, parece, não só pouco accommodada, senão contraria ao que quer dizer. Os

Cant.
4 5.

fi-

filhinhos são os que tomão os peitos, & os peitos como duas fontes, ou esponjas de neve, são os que docemente esprimidos se destillaõ no licor vital, com que os alimentaõ. Da parte dos peitos está o leite, & da parte dos filhos a fome, ou sede impaciente, com que tiraõ por elles. Pois se os affectos, & os effectos, assim nos peitos da mãy, como nos filhos, que delles se sustentaõ, são tão diversos, & verdadeiramente contrarios: como diz Salamaõ, que os peitos da Senhora sãõ semelhantes, não aos que dão, & communicãõ o leite, senãõ aos que o recebem, & se alimentaõ com elle? Não se pudèra encarecer com maior elegancia, & energia, a liberalidade maternal, com que os peitos da Senhora se nos communicãõ, & o dezejo, & gosto; que tem de se comunicar. Se os filhos sedentos, & famintos, correndo, & saltando (como he proprio daquelles animalinhos, mais q̃ de nenhuns outros) buscaõ os peitos da mãy com fome, & sede ardente, muito maior he a fome, & muito mais ar-

dente a sede, com que os peitos da mãy de Deos, & nestã, se communicavaõ ao Filho natural, que he Christo, & se dezejaõ communicar aos adoptivos, q̃ somos nós. Por isso nos metmos Canticos se compára a mesma Senhora a hũa fonte cerrada: *Fons signatus*: porque assim como a 4. 12.ª agua na fonte fechada está re-bentando por sair, & padece violencia, emquanto se não desafoga no manãcial da corrente: assim o leite da Virgẽ reprezado nos sagrados peitos está violento: & quando este se comunica, entãõ elles se aliviaõ, & como de hũpezo amorosamente impetuoso se descarregaõ, & descançaõ.

5.11. Atéqui a razaõ, & a Escritura; & só resta a experiencia: a qual porém se tem visto em muiros catos, & aparições milagrosas, em que a Soberana Virgem se dignou relatar visivelmente a seus devotos com o nectãr celestial de seus sagrados peitos. Quando S. Bernardo na Igreja de Espira postrado por terra entou: *Monstra te esse Matrem*: passando a Imagem da

da Senhora o Minino Jetu de hum braço para o outro, com hum rayo de leite estilado na boca melliflua de Bernardo, bem claramente lhe mostrou, que tambem era Mãy sua. Do Santo Abbade Fulberto refere Baronio, que ainda gozou de mais perto este soberano favor: porque não só lhe concedéo a Virgem, que gostasse a suavidade do leite, cõ que tinha criado a Deos, como orvalho da Aurora cahido do Ceo, mas apartando a roupa de sobre os peitos, lhe permittio, que o bebesse nas proprias fontes. Quasi espirando estava hum Sacerdote, muito devoto da mesma Rainha dos Anjos, com acerbissimas dores: & conta S. Pedro Damiaõ, que a Senhora lhe apparecèõ visivelmente, & fazendolhe o linitivo de seu proprio leite, no mesmo instante não só se abrandáraõ, mas cessáraõ totalmente as dores: & restituído à vida, de que já tinha perdido as esperanças, conservou sempre nos beiços a cor do medicamento, com que fora curado. O mesmo refere Vincencio Belvacense de outro

Baron.

Petr.
Da-
mianV Bel.
vacens

tambem Sacerdote, & tambem agonizante, não permitindo a Mãy de misericordia, que a boca, & lingua, com q̄ era louvado, a acabasse de comer o cancer, de que já estava emmudecida, & corrupta: & pagando com o leite vital de seus virgínez peitos a devação, com que o mesmo Sacerdote, todas as vezes q̄ via algũa Imagem da Senhora, a studava, dizendo: *Beatus ven'er, qui te portavit, & ubera que suxisti.* Em summa, que não só a razão, & a Escriitura, senão tambem a experiencia nos ensina, que o leite, com que a Virgem Maria, sustétou ao Filho de Deos, não he sómente seu, senão também nosso: & tambem nossas as duas fontes suavissimas de seus peitos, as quaes, quando a mesma Senhora he servida, se desfechaõ liberalmente, & manaõ para nosso remedio.

552 Mas porque este soberano favor, como mostraõ as mesmas experiencias referidas, he particular, & de poucos: o meu intento hoje será provar, que tambem pôde ser universal, & de todos; le

se nós quizermos. E não quero, que me pergunteis o como; porque já se entende, q̄ ha de ser por meyo do Rosário. Digo pois (ou direy) que a todos os devotos do Rosário communica a Virgê Senhora nossa o leite celestial de seus piadossísimos peitos, não para a vida, ou faude temporal, que he pouco, mas para a eterna. E porque? Agora vay o Assumpto em proprios termos. Porque o Rosário he hũa nova Via Láctea, a qual abrio, & regou a Senhora cõ seu proprio leite na terra, para que por ella subamos facilmente ao Ceo. A novidade, & difficuldade da proposta necessita de muita Graça.

Ave Maria, &c.

II.

§ 13 **D**A Via Láctea, famosa entre Filozofos, & Poetas, parte a Filozofia em verso, & parte a Poesia em fabula, dizem elegantemente assim:

Ovid. Meta mor- phos. I *Est via sublimis cælo manifesta sereno,*

Láctea nomen habet, candore notabilis ipso;

Tom. 6,

Hæc iter est Superis ad magni testæ Tonantis.

Vem a dizer na nossa proza: que no Ceo ha hũ Caminho claro, & manifesto, ao qual pela brancura, tomando o nome do leite, chamáraõ Via Láctea: & que esta he a Estrada, por onde os habitadores do Ceo sobem aos altos Palacios do grande Tonante: isto he gentilicamente, de Jupiter; & christãmente, de Deos. Vamos agora dividindo este pequeno, ou grandissimo Mappa, & veremos, como tudo o que delle disseraõ, Filozofos, Mathematicos, & Poetas, se verifica com admiravel propriedade no Rosário.

§ 14 Primeiramente deixando o nome de Via para seu lugar; assim como os Gregos pela cor lhe chamáraõ Galaxiã, assim todos pela figura lhe chamaõ Circulo: & com particular rezaõ. Porq̄ sendo onze os Circulos, em que os Mathematicos por varias partes, & com diferentes considerações cortaõ, & dividem o Ceo, os dez, todos saõ imaginarios, & só o Circulo Lácteo, real, & visível. E tal

Vide *Aristo- tel Co- nimbrã cens. Ric- com- & reli- quos in Met.*

Gg he

he o Rosario formado em figura circular, o qual trazemos nas mãos, não só visível, mas palpavel. Toloméo observou, que a Via Lactea não he simples, senão cõposta de duas como ametades sêsvetemente divididas, mas sempre continuadas, & uniformes. Estas são as duas partes, de q̄ tantas vezes temos ditto le compoem o Rosario, huma Vocal, outra Mental: de tal modo porêm diversas, & distintas, que sempre se acompañão; porque nem a voz sem a meditação, nem a meditação sem a voz, fazem perfeito Rosario. Theophrasto cõ opinião singular teve para sy, que a Via, ou Circulo Lacteo, he a uniaõ, com que na Esfera Celeste se ajuntão os dous Emisferios, superior, & inferior: dos quaes assim juntos, & unidos, resulta, & se faz hũ só globo. E quem não vé nesta semelhança, que tal he a materia Mental do Rosario, disposta toda, & ordenada pelos Mysterios da Vida, Morte, & Resurreiçãõ de Christo, em quem o Emisferio superior, que he a Natureza Divina, & o inferior, q̄

he a Humana, se ajuntão inefavelmente em hum só supposto. Aristoteles filosofando diversamente sobre a mesma materia, diz, que não he outra cousa senão as exhalacões da terra, que subidas, & elevadas ao alto, concebendo fogo, se acendem, & deste incendio natural, & cõtinuo, se diffunde, ou reverbêra a claridade, que vemos. E que outra cousa he com a mesma propriedade a parte Vocal do Rosario, cujas orações, se as rezamos com aquelle fervor, a que as suas mesmas palavras nos excitão, sobem ao Ceo acezas, & ardentes, qual he o estado do coração, donde devem sair? Porque se o coração está frio, se convertem em regélo, se distrahido, em fumo; & se fervoroso, em fogo. Finalmente S. Joãõ Damasceno cõ a sentença mais recebida nas Escollas, diz, que a Via Lactea he no oitavo Ceo, hum aggregado, ou multidaõ de Estrellas, hũas grandes, que se destinguem, & vem; & outras pequenas, que por sua menoridade, numero, & distancia, senão podem ver, nem contar.

Toloméus.

Theophrastus.

Aristoteles.

Damascenus.

tar.

tar. Nòs porèm no Circulo do Rosario, que vemos de mais perto, as distinguimos, & contamos; porque as grãdes, & as pequenas, se reduzem nelle a certo numero, sendo as pequenas as Ave-Marias, a que vulgarmente chamamos Contas, & as grãdes os Padre nossos, a q̄ chamamos Estremos. Desorte, q̄ quanto os Sabios disserão, ou affirmando com certeza, ou opinando com probabilidade, ou imaginando, & fantaziando sem ella, ou na materia, ou na fôrma, ou na figura da Via Lactea, tudo cõ as mesmas propriedades se verifica no Rosario.

III.

515 **P**assando agora às causas porque he Via, & porque he Lactea, em ambas veremos o mesmo Rosario, mais naturalmente ainda, & mais illustremente retratado. Alguns Filozofos da Escola de Pitagoras, como refere Aristoteles, dizem, que por aquella parte, onde hoje se mostra o Circulo Lacteo, passou antigamente hum Al-

tro, cujos vestigios ficáraõ impressos, & sinallados no Ceo, & delles, sem nunca mais se apagarem, se formou a Via, ou Estrada, que por sua brancura se chama Lactea. Não convêm porèm entre sy estes mesmos Filozofos na declaração de que Astro fosse este porque huns dizem, que foi o Sol, outros que foi nascido do mesmo Sol: & porisso deu occasiã à fabula de Faeton-te. As palavras de Aristoteles no seu melhor, & mais claro Parafraste, são estas: *Sententia est quorundam Pythagoræorum, qui dixerunt, Galaxiam esse Viam, per quam aliquando suum cursum peregit aliquod Astrum, quod suo transitu hanc cæli partem exurens, vel alio modo alterans, lacteo candore signatam reliquit. Verum isti Authores non conveniunt in explicando quodnam Astrum per hanc Viam transierit. Aliqui enim dicunt aliquod novum Astrum ortum ex Sole, quod occasionem dederit fabulæ Paethontis: alij è contrario asserunt Solem ipsum aliquando per talem Circulum transisse.*

Aristoteles apud P. Manium.

516 Demaneira, que na
Gg 2 sen-

sentença dos Pithagóricos a causa, & origem da Via Lactea, ou foi o Sol, ou o Filho do Sol, o qual passando circularmente por aquella parte, & deixando nella impressos os vestigios de seus passos, estes são os que sinaláráo, & propriamente fizeraõ, o mesmo Caminho, ou Via. E quem he o Sol, & o Filho do Sol, senão Christo? Elle he o Sol, porque he Deos, & elle o Filho do Sol, porque he Filho do mesmo Deos. Pois assim como a Filosofia Pithagórica, dividida em duas opiniões, diz, que o Sol, ou o Filho do Sol com seus passos fez a Via Lactea: assim a Fé Catholica unida em hũa verdade nos ensina, que os passos de Christo Deos, & do mesmo Christo Filho de Deos, são os que formando outra nova Via semelhante àquella, fizeraõ o Rosario. O Circulo da Via Lactea, como diz Manilio, começa na Cassiopéa, & acaba na Cassiopéa: *Orbemque ex illa ceptum, concludit in illa.* E Christo diz, fallando de sy, que o circulo do seu caminho começou no Padre, & acabou no Padre:

Exivi à Patre, & veni in mundum: iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem. Assim pois como o Sol fez aquella Via, deixando nella impressos os vestigios dos seus passos: assim Christo fez a Via do Rosario, & deixando nelle expressos os mesmos passos, & os mesmos vestigios: *Vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia eius.*

517 Tudo disse admiravelmente David debaixo da mesma metáfora do Sol: *In Psalmo Sole posuit tabernaculum suum: & ipse tanquam Sponsus procedens de thalamo suo.* Assim como o Sol saindo do Oriente começa o seu caminho circular; assim Christo encarnando começou o seu: & começou como Esposo: *Tanquam Sponsus*: porque o primeiro passo, com que deu principio ao Circulo do Rosario, foi o Mysterio da Encarnação, em que se despozou com a Natureza Humana. Depois deste primeiro passo foi continuando a sua carreira: & de que modo, & a que fim? O fim foi com notavel propriedade, até no nome, para fazer outra Via, como aquella

bid. aquella do Sol: *Ad currendã viam.* E o modo foi tambem como o do mesmo Sol com
bid. 7 igual correspondencia: *A summo caelo egressio ejus, & occur- sus ejus usque ad summum ejus.* Assim como o Sol fez a Via Lactea caminhando circularmente até tornar ao mesmo lugar, donde sahira: assim Christo fez a Via do Rosario, começandoa quando sahido seyo do Padre, & acabandoa quando se assentou à dextra do mesmo Padre. O Sol passou por differêtes Cõstellações, que são as que se mostraõ na Via Lactea: hũas benignas, & humanas, como Geminis, & Perleõ; outras monstruosas, & feras, como o Escorpiãõ, & o Centauro; outras canõras, & sublimes, como o Cisne, & a Aguia. E nos passos, com que Christo fez a Via do Rosario, tambẽ se vem, & distinguem as mesmas differenças: hũas humanas, & benignas, que são os Mysterios Gozofos; outras monstruosas, & feras, que são os da Paixaõ, & Dolorofos, outras canõras, & sublimes, que são os da Ascençaõ, & Gloriosos. Mas porque po-

dia causar duvida, & estranheza, que sendo os passos, & Mysterios do Rosario sò quinze, bastassem tam poucos passos para fazer hũa Via tam comprida. A esta objecção acodio o mesmo David, advertindo, que os passos, cõ que Christo fez este grande Circulo, & correõ esta grande Via, eraõ passos de Gigante: *Exultavit ut Gigas ad currendam viam.*

518 He Gigante Christo, *Ibid.* 6 porque não só he Homem, senãõ, Homem, & Deos juntamente. Mãs posto que os seus passos, por serem de tam estranha, & agigantada medida, podessem igualar a grandeza do Circulo; comtudo para o sinalarem, & mostrarẽ aos que haviãõ de caminhar por elle, ainda lhe faltava o serem impressos, & estampados, como estaõ no Rosario: porque na mesma Via Lactea assim como foi necessaria a cor para ser Lactea, assim foraõ necessarios os vestigios para ser Via: *Viam, per quam aliquando suum cursum peregit, signatum reliquit.* Diz Sa-
Aristoteles supra: lamaõ, que tres cousas, ou tres vias, lhe são muito difficulto-

tas de entender: a via da Serpente na pedra, a via da Não no mar, a via da Aguia no ar:

Prov *Tria sunt difficilia mihi. Viam*
30.18 Aquilæ in cælo, viam Colubri.
32, super petram, viam Navis in
medio maris. É que difficulda-
 de tem estas tres vias, para q̃
 à sabedoria do mesmo Salamaõ as não entenda? A difficuldade he hũa lã, & a mesma em todas tres; porque todas são via sem rasto, nem vestigio. A via da Serpente na pedra, he via sem rasto, nem vestigio; porque a pedra o não admite, por ser dura, & solida: a via da Não no mar, he via sem rasto, nem vestigio; porque o mar o não conserva, por ser inquieto, & confuso: & a via da Aguia no ar, he via sem rasto, nem vestigio; porque o ar o não demonstra, por ser difano, & invisivel. É tudo isto, que assim havia de succeder naturalmente, se vencêo, & trocou na Via do Rosario.

519 Neste mesmo Texto, como commenta Santo Ambrosio em diferentes lugares, Christo he a Serpente, Christo a Não, & Christo a Aguia. A Serpente: *Sicut*

Moyses exaltavit Serpentem *Joan. 4*
in deserto: a Não: Navis inf- *14.*
tutoris delongè portans panem *Prov.*
suam: a Aguia: Aquila grandis *31.14*
magnarum alarum. *Ezech.*
 nos Mysterios da Encarna- *17. 3.*
 ção, em que Deos se fez vi-
 sivel para nos dar vida: *Qui*
percussus aspexerit Serpētem, *Num.*
vivet. Não nos Mysterios da *2.1. 8.*
 Paixão, em que a tempestade
 dos tormentos o meteo no
 fundo do mar: *Veni in altitu-* *Psal.*
dinem maris: & tempestas de- *68. 3.*
mersit me. Aguia nos Myste-
 rios da Resurreição, & Ascen-
 ção, em que subindo nos a-
 brio o caminho do Ceo, &
 nolo mostrou voando: *Sicut*
Aquila provocans ad volandū *Dem.*
pultos suos, & super eos vol- *ter. 32.*
tans, expandit alas. E porque *11.*
 ha muitos corações, nem
 Christãos, nem ainda huma-
 nos, huns duros, & rebeldes,
 como as pedras, outros in-
 quietos, & perturbados, co-
 mo o mar, outros leves, &
 inconstantes, como o ar: nos
 quaes os passos da Vida,
 Morte, & Resurreição do
 Filho de Deos não imprimé
 os vestigios, que na passagem,
 que fez por este mundo, dei-
 xou seu exemplo nelle; para

acudir a este descuido, a este esquecimento, & a esta grãde ingraticidão, a Soberana Mãy do mesmo Senhor, os tornou a estampar pela mesma ordem no seu Rosario: abrindo nelle denovo o Caminho do Ceo, & fazendo daquellas tres Vias cerradas huma Via patente, & manifesta:

Ovid. Est via sublimis Cælo manifesta fenero.

Viam Aquilæ in cælo, viam Colubri super petram, viam Navis in medio mari.

IV.

520 **M**AS porque o Apostolo S. Pedro fazendo menção destes mesmos vestigios, infilte mais nas da paciencia, que são os Mysterios Dolorosos, & da Paixão: *Passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus*: ainda que no Rosario temos bẽ finalada, & expressa a Via, parece, que esta não pôde ser Lactea. Via sim, mas Lactea não, se não sanguinea; porque os vestigios, que a finaláráo, foraõ estampados em sangue. Se Christo remira o mundo

Petr 221.

morrendo a mãos de Herodes, quando pendente dos braços, & peitos da Virgem Mãy, se alimentava de seu leite; no tal caso a Via, que juntamente começava, & acabava com a vida, bem se podia chamar Lactea. Mas isto, nem foi, nem havia de ser; porque já estava vedado na Ley, em que Deos mandava, que o Cordeiro senão cozesse no leite de sua mãy: *Non coques agnum in lacte matris sue*. No qual preceito, como notáraõ S. Chrysofomo, & Santo Agustinho, se declarou o decreto divino, de q̃ Christo não morresse na Infancia, senão na idade de Varaõ perfeito. Logo os vestigios, que o mesmo Senhor nos deixou de sua Paixão, ainda que nesta parte finaláõ, & demonstrãõ bem a Via, como estampados em sangue, com a corporeidade do mesmo sangue, parece, que lhe tiraõ o nome de Lactea.

Exod. 23. 19 LXX legunt Agnum Aug. 9. 90. Chry. s. 11.

Homil de Innocentio.

521 Assim parece, mas não he assim. Ainda na parte, em que o Rosario se compoem dos Mysterios Dolorosos, & da Paixão, & Sangue de Christo, digo, que propriissimamente he Via Lactea: &

porque? Porque assim como todo o leite he sangue branco, por ser sangue convertido em leite: assim o Sangue da Paixão de Christo, por ser Sangue tambem convertido em leite, he propriissimamente sangue branco. Vio S. João no seu Apocalypse hũa grande multidão de todas as Nações, & Gentes do mundo, todos vestidos de estolas, ou roupas brancas: *Amicti stolis albis*: & a razão desta brancura dos vestidos lhe disse hũ dos Viote & quatro Anciaõs, que era, porque todos tinhaõ lavado as suas estolas no Sangue do Cordeiro, & as tinhaõ branqueado nelle: *Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in Sanguine Agni*. A duvida, que traz consigo a palavra *Dealbaverunt*, até os olhos a estaõ vendo. Os vestidos de branco, que S. João vio, saõ todos os Bemaventurados, dos quaes se diz com grande propriedade, que laváraõ as suas estolas no Sangue do Cordeiro: porque o Sangue de Christo nos lavou, & lava das manchas do peccado, com as quaes não pôde haver Graça, nem Glo-

ria: mas que se diga, que o mesmo Sangue, sendo vermelho, as branqueou: *Dealbaverunt eas in Sanguine Agni*? Sim. Porque o Sangue, cõ que Christo nos reatou na Cruz, he Sangue convertido em leite. Assim responde Alberto Magno commentando o mesmo Texto: & dá a razão desta sua filosofia: *Quia sanguis per multam decoctionem fit lac, ut patet in naturalibus generatione lactis, quando generatur ex sanguine in mammillis: & quia Sanguis Christi maximè fuit decoctus in Passione, ideo dicitur habere naturam lactis*. O sangue (diz o Grande Alberto) converte-se em leite pela muita decocção, como se vé na geração natural do mesmo leite: & porque o Sangue de Christo teve esta muita, & ultima decocção na Cruz; porisso nella adquirio a natureza, & cor de leite, com que se pôde fazer branco. O mesmo pensamento tinha já declarado S. Bernardo (que foi o primeiro Autor desta futeleza) dizendo em mais breves palavras, que aquellas estolas se fizeraõ brancas no Sangue do

Apo-
cal. 7.
9.Ibid.
14.Albert
Magn.

Bernard.
Serm.
1. de
Die
Pas-
cha.

Cordeiro, porque he Sangue lacteo: *Candidas in sanguine lacteo.* É se o Sangue de Christo por virtude do leite, que recebeo dos peitos de sua Mãe, quando recém nascido (que a isso allude o aditamento de *Agni novelli*) foi sangue convertido em leite, & sangue lacteo: os vestigios, que nelle imprimiraõ os Mysterios da Payxaõ de nenhũ modo impedem a cor, nem o nome de Lactea à Via do Rosario; antes tambem nesta parte a fazem Lactea.

V.

521

REmovido pois este impedimento, & vindo a occasiã, & origẽ, porque a Antiquidade deu à Via Lactea hum tal sobrenome, derivado mais do leite, que da neve, ou açucena, ou de alguma outra especie igualmente branca; mais parece o caso inventado, & fingido por Mim, que referido pelos Autores da mesma Antiquidade, entre os quaes o já allegado Manilio o conta desta sorte:

*Nec mihi celanda est fama vulgata vetustas
Mollior, & niveo lactis fluxisse licore
Pectore Reginae Divum, Calumque colore
Infecisse suo: quapropter Lacteus Orbis
Dicitur, & nomen causa descendit ab ista.*

Torno a repetir, que mais parece a propriedade do cáso, & as mesmas palavras, cõ que se refere, fingidas, & inventadas para o presente Assumpto, que escritas, como foraõ, Mil & quinhentos annos antes. Querem dizer: q̃ a origem da Via Lactea, & occasiã de se chamar assim

o Circulo Celeste, de que fallamos, foi, porque a Rainha do Ceo, & dos Santos, a fez, & finalou com o leite dos seus peitos:

----- *Lactis fluxisse licore
Pectore Reginae Divum:*

& que este mesmo leite lhe deu o nome de Lactea:

----- *Quapropter Lacteus*

Ma-
nil.
cap. 9.
Astro-
nomia.

Etius Orbis

Dicitur, & nomen causa descendit ab ista.

Quem he pois a Rainha do Ceo, & dos Santos, senão a Virgem Maria Senhora nossa? E qual he o Circulo da Via Lactea, senão o do seu Rosario? E qual he, ou foi o leite, com que deu principio a esta Via, senão o que manando de seus bemdicitissimos peitos sustentou o Filho de Deos nos gozados rudimentos de sua infancia, que forão os primeiros Mysterios do mesmo Rosario? Porisso disse judiciosamente Tertulliano, que na crença dos acontecimentos fabulosos dispoz Deos a Gentilidade para a Fé dos Mysterios verdadeiros.

523 E para que se veja, quam propriamete se correspondem no mesmo Rosario a falsa crença com a Fé, o fingimento com a verdade, & a pintura fabulosa com a realidade do caso: ouçamos o que fez a mesma Senhora do Rosario para o tornar a introduzir no mundo, quando o vio quasi esquecido, & apagada da memoria dos

mesmos homés, que com tanta devação, & applauso, o tinha abraçado em seus principios. Elego por Restaurador d'elle ao Beato Alano, Religioso da Sagrada Familia dos Prégadores, natural da Baixa Alemanha: & constituindo por sua propria Pessoa naquella grande dignidade, cuja soberania só conhecia quem a dava: quaes vos parece, que seriaõ as ceremonias de hum acto tam solenne? Primeiramente tirando a Senhora hum collar, de que vinha adornada, em que as joyas precia sssimas, & o numero dellas, firmavaõ hum Rosario de inestimavel valor, o lançou ao peçoço de Alano, o qual mais postrado, que de juelhos, o recebeu com profundissima humildade. Então abrindo a Rainha dos Anjos, como faher o Sol de entre as nuvens, hum, & outro peito sacratissimo, com o mesmo leite, cõ que tinha criado o Criador, copiosamete estillado de ambos, melhor que o Serafim de Haías, lhe purificou a boca, & lingua, com que havia de prégar o Rosario. Por fim

com

*Ter.
tul.*

*Isai. 6.
7.*

com breves palavras, & de grande magistade, lhe declarou, como aquella era o Caminho do Ceo, & lhe encarregou, que assim o ensinasse a todo mundo. Com isto desappareceu a visãõ, & se acabou o acto. De maneira, que quando a Virgem, Senhora nossa, manda prégar, & apregoar o Rosario em todo mundo, como Via, & Caminho certo do Ceo: & só dá ao Prégador de sua mão o mesmo Rosario, senão tambem o leite de seus peitos: para q̃ elle, & todos, entendamos, que aquella Via, não só tem

da mesma Senhora o ser Via sua, senão tambem o ser Via Lactea.

524. E quanto a ser Caminho do Ceo, tambem esta observação não faltou à Antiguidade, tam fabulosa, como credula. Crião os Antigos, que aquella Deidade entre todas as femininas suprema, a quem elles chamavaõ Rainha dos Deoses, tinha feito a Via Lactea, para que por ella subissem os que fossem dignos do Ceo. Assim o diz o mesmo Manilio, acrescentados, aos Versos que recitey, estes:

*Hæc fortes animæ, dignataque nomina Cælo:
Corporibus resoluta suis, terraqueremissa.
Huc migrant ex Orbe.*

*Manil:
ubi su-
pr.*

He o que disse com a mesma crença Ovidio:

*Hæc iter est Superis ad magni
tecta Tonantis.*

*Ovid.
supr.*

Mas antes delles o tinha já ditto, & profetizado David cõ o proprio sentido, & quasi com as proprias palavras: *Ecce illic iter, quo ostendam illi salutare Dei.* Elles fallaraõ do Caminho, & Via fabulosa, & David, da verdade yra, & cer-

*Psalms
49.
23.*

ta: pela qual sem duvida se sóbe ao Ceo, se consegue a salvaçaõ, & se vay ver a Deos. Mas qual he este Caminho, & Via certa? Ouçamos todo o Texto, & ella nos dirá, que he o Rosario: *Intelligite hæc qui obliviscimini Deum: ne quando rapiat, & non sit qui eripiat. Sacrificium laudis honorificabit me: & illic iter, quo ostendam illi salutare Dei.*

*Ibid.
22.*

En-

Entendey (diz) este grande segredo, vós, que tam esquecidos andais de Deos : para que vos não aconteça ir ao Inferno, donde não haverá quem vos livre. Honray a Deos cō o Sacrificio de seus louvores; porque este he o Caminho, que vos levará ao Ceo. Já no mesmo Psalmo tinha Deos renunciado os Sacrificios de sangue, que eraõ bezeros, & cordeiros mortos, os quaes não tinhaõ virtude de levar ao Ceo. Porém agora que ensina o verdadeiro Caminho do mesmo Ceo: *Et illic iter, quo ostendam illi salutare Dei*: cõmuta o mesmo Deos todos aquelles Sacrificios em hum só Sacrificio, que chama Sacrificio de louvor: *Sacrificium laudis honorificabit me*: o qual Sacrificio consistia: em que consistia na memoria de Deos, & dos beneficios divinos (que por isso se queixa do esquecimento: *Qui obliviscimini Deum*:) & no louvor, & açãõ de graças, com que reconhecemos, veneramos, & louvamos a Deos, como Autor dos mesmos beneficios: que são os dous actos de Re-

ligiaõ, em que se contém o proprio, & total instituto, assim Vocal, como Mental, do Rosario.

525 Depois de perdido o genero humano, os beneficios inefaveis, com q̄ Deos o restaurou, & restituio ao fim altissimo para que o tinha criado, foraõ tres: Fazerle Homem como nós, morrer por nós, & franquearnos p̄ este meyo o Caminho, & portas do Ceo, onde o gozassemos E na consideraçaõ, & agradecimento destes tres beneficios, se empregãõ, & dividem as ttes partes de todo o Rosario. A primeira nos Mysterios Gozolos, que são os da Encarnaçaõ: a segunda nos Dolorosos, que são os da Paixaõ: a terceira nos Gloriosos, que são os da Resurreiçaõ, & Ascençaõ. A cada hum destes beneficios divinos levantou o Rosario cinco Altares, em que se vem historiados os cinco principaes Mysterios, & passos delles. E em cada hum offerece o mesmo Rosario o Sacrificio, que Deos antepoz, & estima sobre todos: mentalmente na memoria, & consideraçaõ

deração de cada Myſterio: & vocalmente no louvor, & acção de graças por cada hum em particular. E porque não pareça, que ao menos na parte Vocal, & exterior das palavras, & vozes, com que em hũa, & outra oração do Rosario louvamos a Deos, se não verifica com propriedade o nome de Sacrificio: a estas mesmas palavras chamou o Profeta Oſeas com ſingular energia, & maior do que cabe na noſſa lingua: *Vitulos labiorum*: Victimas da boca. Levay com voſco aos Altares (diz o Profeta) não bezerras, ou cordeiros, ſenaõ palavras ſõmente: *Tollite vobiscum verba*: & estas palavras, nas quaes vos offereceis a vòs mesmos (que por iſſo diz, *Tollite vobiscum*) ſeraõ as Victimas, & Sacrificios, cõ que melhor pagareis a Deos todo o bem, que receberdes de ſua divina mãõ: *Accipe bonum: & reddemus vitulos labiorum noſtrorum*. A ração deſta differença, & ventagem, he manifesta. Porque nos outros Sacrificios derramaſe o ſangue de animaes ſem alma; & nestes (ſegundo o Texto,

Effundite coram illo corda veſtra) derramaſe os corações, & as Almas, em aff. & de goſto, de dor, de jubilo, de louvor, & acção de graças, que ſaõ os que mais honrãõ a Deos, & de que Deos mais ſe honra: *Sacrificium laudis honorificabit me*. Affim declara a preferença deſte Sacrificio o Doutor Maximo S. Jeronimo: mas Eu ainda tenho outro Doutor maior que o Maximo, que he S. Paulo, o qual eõ o mesmo Texto de Oſeas declarou o noſſo de David: *Per ipſum ergo offeramus hoſtiam laudis ſemper Deo, ideſt, fructum labiorum*. O *Hoſtiam laudis* he o *Sacrificium laudis* de David: o *Fructum labiorum* he o *Vitulos labiorum* de Oſeas: & hum, & outro, juntos com S. Paulo, nos aſſeguraõ na Via Lactea do Rosario o Caminho certo do Ceo: *Et illic iter, quo oſtendam illi ſalutare Dei*.

Hebr.
13.15

VI.

526 **T**Emos moſtrado como o Rosario trazendo ſua origem dos peitos, & leite puriſſimo da ſem-

pre Virgem, he a verdadeira Via Lactea, em que a Rainha dos Anjos nos abriu hum novo Caminho, ou Estrada real, por onde todos, os que quizerem, podem ir ao Ceo. Mas porque o mesmo Ceo, em q̄ S. João viu muitas portas, pôde ter outros Caminhos: agora entra aqui o preceito, ou conselho de Jeremias, em que a todos os que fazem conta de ir ao Ceo, exhorta desta maneira: *State super vias, & videte, & interrogate de semitis antiquis, quæ sit Via bona, & ambulate in ea: & inuenietis refrigerium animabus vestris.* Homens Christãos, que tendes Fé, & Esperança, que sabeis, que haveis de morrer, & que depois da morte pôdeis ir, ou não ir, ao Ceo: vede o Caminho, que levais, & antes que façais eleição do q̄ deveis seguir: *State super Vias, & videte*: paray à vista dos Caminhos, que se vos offerecem, & vede bem quaes são *Interrogate de semitis antiquis*: perguntay quaes foram os Caminhos; que seguirão os antigos, que viverão antes de vós, & qual foi també a sua vida, & a sua morte. Pergun-

Jerem.
6. 16.

ray (diz) *Interrogate: & pôde ser*, que não seja necessario perguntar, porque as nossas experiencias, & os nossos olhos nos podem bem informar dos que vimos: se acaso não fomos tam cegos como elles. Finalmente examinay bem, *Quæ sit Via bona*; qual he a boa, & melhor Via: *Et ambulate in ea*: & caminhay por ella: & ella vos levará ao bom fim, & descanso de vossas Almas: *Et inuenietis refrigerium animabus vestris.*

527 Isto he o que Jeremias acõselha a todos os que tem Fé, se tem juizo; & este he o ponto, em que estamos à vista da Via Lactea do Rosario da Virgem, Senhora nossa, Caminho muito menos antigo, & muito diverso dos que nos mostrou o proprio Filho de Deos, & seu, Mil & duzentos annos antes. Christo, Redemptor, & Mestre do Mundo, distinguindo os varios Caminhos, por onde todo elle vay, ou he levado, reduziõs a duas Estradas geraes, ou Vias. *Lata porta, & spatiosa Via est, quæ ducit ad Mat. perditionem: & multi sunt, qui ib. 7. intrant per eam. Quàm angust. 13. 14.*

ta porta, & arcta Via est, quæ ducit ad vitam: & pauci sunt, qui inveniunt eam! Neste mûdo, diz o Senhor, ha duas portas, & duas Vias: hũa Via muito larga, & espaçosa, que leva à perdição: & são muitos os que entraõ por ella: outra Via muito estreita, & muito apertada, que guia à Vida Eterna: & são poucos, os que a achão! Notay, que da Via larga, & da perdição, que he a de muitos, diz o Senhor, q̄ entraõ por ella: *Et multi sunt, qui intrant per eam*: & da Via estreita, & da salvação, que he a de poucos, diz, que a achão: *Et pauci sunt, qui inveniunt eam*; porque o achar he ventura: & estes são os vètu-rosos; os outros desventurados. Sendo pois tam grande, & tam clara a differença destes dous Caminhos, & sendo forçoso fazer eleição de hum delles; nenhum homem ha, nem pôde haver, se tem uso de razão, que não haja de escolher o da Via estreita. Se he Christão; porque assim o revelou Christo neste mesmo lugar, dizendo: *Contento intrate per angustam por-*

Luc. 13:24 tam. Se he Gentio; porque ab-

sim o entendéraõ, & ensináraõ os Filósofos, em que he famoso o Bivio de Pitagoras: & se se ama, & não se tem odio a sy mêsmo; porque a Via estreita tem por fim a salvação, & a larga a perdição. Pois se os motivos, & razões desta eleição, são tam evidentes, & manifestos: como ha tantos, que caminhem pela Via larga, & tam poucos pela estreita? Porque tanto pôde, & tanta he a força, que tem contra a fraqueza humana o presente, & o delectavel. A Fé olha para o futuro, os sentidos para o presente: o delectavel da Fé representase ao longe, o dos sentidos gozase de perto: & como estes na Via larga se gozão, & na estreita se mortificação (postoque na Via larga não faltem pesares, como na estreita consolações) são poucos aquelles, em que com prudencia, & valor prevaleça o Espirito contra a Carne, & a fojeite aos rigores da Via estreita: & muitos pelo contrario, os fracos, & cegos, em que a Carne prevalece contra o Espirito, & não já cativo, & violento, mas voluntario, & contente, o leva aos falsos gostos

goltos da Via larga.

528 Tudo isto significa aquella grande palavra de Christo, *Contēdite intrare per angustam portam.* Não diz, Entray pela Via estreita; mas, Contendey a entrar por ella. E onde se faz esta contenda, & entre quem? Dentro em nós mesmos, & entre a Carne, & o Espirito. Como os Caminhos são somente dous, sobre a eleição de qual se ha de seguir, he que se arma esta contenda; estando o Espirito com o Anjo da Guarda por parte da Via estreita, & a Carne com o Demonio por parte da larga. Mas aqui entrou a Virgem Senhora nossa a partir a contēda com o seu Rosario. Compadecida a Virgem Maria como Mãe de piedade, & misericordia, dos poucos que caminham à salvação pela Via estreita, & dos muitos, que se precipitam à perdição pela Via larga; fez outra terceira Via, que he a Lactea do seu Rosario, da qual se pôde fazer nova eleição sem os receyos de huma, & outra. Como se dissera a Senhora: *Adhuc excellentior*

1. Co.
rinh.

12.31

rem Viam vobis demonstro. He

o Rosario huma Via meya entre a larga, & a estreita, a qual abraçando as conveniências de ambas, não padece os inconvenientes de cada hũa. Na Via larga receale o perigo na estreita receale o trabalho: & a Via do Rosario tem o util da estreita sem o trabalho, & o facil da larga sem o perigo. O util da estreita, que he a salvação, sem o trabalho; porque he muito facil: & o facil da larga sem o perigo, que he a perdição, porque não he trabalhosa, senão suave, & por isso mesmo Lactea.

529 Para aceitar esta terceira Via, & entrar por ella, não são necessarias cōtendas, nem disputas, entre a Carne; & o Espirito; porque cessão as razões da Via estreita, & as da larga: & sem discurso, nem ainda uso da razão, a podem abraçar até os mais fracos, & mais mimosos. Notaveis são os termos, com que o Principe dos Apostolos S. Pedro exhorta aos novos Christãos, do Ponto, Galacia, & Capadocia, a abraçar o jugo suave da Ley de Christo, & crescer na perfeição della: *Sicut modò*

1. Pet.

2.2.3

ge:

geniti infantes, rationabile sine dolo lac concupiscite; ut in eo crescatis in salutem: si tamen gustatis quoniam dulcis est Dominus. Como infantes recém nascidos appetitey o leite racional da Ley, & Doutrina de Christo, para que cõ ella cresçais, se he que tendes gosto para perceber quam suave he o Senhor. Em duas couzas reparo aqui: a primeira, em chamar ao leite racional, *Rationabile lac*: a segunda, em dizer que o appetiteção sendo homẽs adultos, como mininos recém nascidos: *Sicut modò geniti infantes.* Os mininos recém nascidos não tem uso de ração: pois se quer que elles appetiteção o leite sem uso de ração, porq̃ chama ao leite racional? Porque he tam racional o mesmo leite em sy mesmo, que não he necessario uso de ração para o appetecer. O mesmo digo da Via Lactea do Rosario. As outras duas Vias, larga, & estreita, cada hũa tem suas razões para serem, ou não serem appetecidas; porém o Rosario he tam racional em sy mesmo, por abraçar as utilidades, & conve-

niencias de ambas, que não he necessario discurso, nem uso de ração, para se appetecer, & para se antepor na eleição a cada hũa das outras. Não he necessario o discurso, basta o gosto: *Si tamen gustastis.* S. *Uvan* Pedro diz: *Quoniam dulcis* ^{dingus} *est Dominus:* & nós digamos: ^{in An-} *Quoniam dulcis est Domina.* ^{nal ib.} ^{ad an.} 530 E para que isto se ^{1132.} ^{Plati} julgue com a experiencia dos ^{de Sta-} olhos, sendo a Via, que Christo ^{tu Re-} antepoem à estreita, com- ^{ligioso} paremos a Via estreita de ^{lib. 1.} Christo com a Lactea de sua ^{cap. 14} Mãe, & vejamos, qual se deve mais seguramente seguir. O Beato Leão, que foi hum dos Companheiros de S. Frãcisco, teve hũa visão, a que assistio o mesmo Patriarcha Serafico, desta maneira. Representouelhe o grãde Theatro do dia do Juizo, & que de hũa, & outra parte, estavaõ arrimadas desde a terra ao Ceo duas escadas, hũa vermelha, no alto da qual se via inclinado Christo, & outra branca, & nella do mesmo mo'õ a Virgem Maria: *Alter im purpuream, cui Christus incumbebat, alteram candido colore, cui Maria Virgo Chris-*

ti Mater muitebatur. Vendo pois S. Francisco estas duas escadas, como elle sempre fora o mais exacto seguidor da aspereza, & da Cruz, exhortou a todos seus Religiosos, que subissem pela escada vermelha: que elles tambem fizeraõ com grande retolucaõ. Mas com que successo? *Alius ex tertio, alius è quarto gradu, alius ex alto miserè decidebant.* Turbados com o aspecto terrivel do Supremo Juiz, que no fim da escada os esperava: huns cahiaõ logo ao terceiro degrao, outros ao quarto, outros tendo subido mais alto tambem cahiaõ, todos miseravelmente. E que fez entaõ a charidade & prudencia de Francisco à vista desta ruina de seus filhos? Mudou com a experiencia de parecer, disselhes, que todos se passassem a escada branca: & foi com tanta felicidade, que recebendoos por ella com grande benignidade a Virgem Santissima; todos, sem nenhum cair, subiraõ ao Ceo: *Qua clade commotus Franciscus eos ad candidam revocat: ubi blandissimè à Virgine suscepti ad u-*

num omnes in caelum evaserunt. Aqui não temos necessidade de entrepor o nosso juizo, pois temos, & tam declarado, o do maior Serafim da terra. A escada vermelha he a Via estreita de Christo, a branca he a Via Lactea de sua Mãy: & na comparação de hũa, & outra, depois de S. Francisco escolher a estreita, convencido da experiencia, o mesmo S. Francisco escolheo a Lactea.

531 O tempo, em que succedeo esta visãõ, foi o mesmo, em que S. Domingos, Irmão, & Companheiro de S. Francisco, começava a publicar o Rosario. E que esta fosse a Via Lactea da Senhora, se prova por dous argumentos. O primeiro a cor branca da escada: *Alteram candido colore*: que he a que deu o nome de Lactea à mesma Via:

Lactea nomen habet, candore Ovid. notabilis ipso.

A segunda, & mais propria, & sem metaphora, o modo, cõ que a mesma Senhora encaminhou para o Ceo por outra semelhante escada a Beata Paula Florentina. Era muito

to devota esta Santa do Minino Jesu aos peitos de sua Santissima Mãy : & pagoulhe a Virgem esta devaçõ com dous notaveis favores. Naõ só lhe deu a goftar a suavidade do leite de seus peitos, senão, que da boca do mesmo Minino o passasse à sua: & logo lhe disse, que Saluctõro Camaldulente lhe mostraria o Caminho do Ceo : o qual Caminho foi, hũa escada, pela qual subião vestidos de branco os Discipulos de S. Romualdo, de que ella tambem se fez Discipula, & subio pela mesma escada. De forte, q̃ o leite da Senhora foi a disposiçã do Caminho do Ceo, & o Caminho do Ceo a consequencia do leite da Senhora: para que ninguem duvide ser esta a verdadeira Via Lactea, & a mais facil, & segura de todas as Vias. Da Via larga nota Santo Ambrosio, q̃ nella, como no mar largo, são grandes as tempestades: na Via estreita, como nos estreitos do mar, se levantãõ tambem muitas ondas, & andãõ os mares cruzados : só pela Via Lactea da Senhora, que he o seu Rosario, se navega

sempre por mar leite, & com marè de rosas.

VII.

532 **M**AS porque estes dous Exemplos, o do Beato Leão entre os homens, & o da Beata Paula entre as mulheres, por serem ambos de Almas justas, & santas, naõ façãõ algum escrupulo, ou causem algũa desconfiança aos peccadores: saybãõ, que se o estado da Graça, & do peccado, são dous, & tam differentes, os peitos da Mãy de misericordia tambem são dous, mas sem differença algũa. *Beata Virgo Ribabet duo ubera geminae charitatis lac fundentia, qui Reus impetrat veniam, & Iustus Gratiam*: diz Ricardo Victorino. Os dous peitos da Virgem purissima são duas fontes de piedade, & amor, q̃ igualmente communicãõ o leite a Justos, & Peccadores: aos Peccadores alcançando-lhe o perdãõ, & aos Justos a Graça. E se alguem me perguntar: Donde tem o leite da Senhora esta grande virtude sobre os peccados, os quaes

só pô le perdoar seu Filho? Respon lo, que he calidade natural, & propria do mesmo leite, o qual quando Christo tomava os peitos de sua Mãy, juntamente bebia com elle o esquecimento de nossos peccados? Grande ditto he este, se se provára; mas a prova não he de outra boca, senão da mesma, que gostou o leite, & do mesmo Filho, que se nutrio com elle.

533 No Capitulo quinto dos Canticos, em que se manifesta os affectos, & os effectos mais interiores do amor de Christo, & sua Mãy (que são o Esposo, & a Esposa daquelle Epitalamio) diz Christo, que no tempo, em que se alimétava dos peitos virginaes, com o seu leite bebia juntamente vinho: *Bibi vinum cum lacte meo*. Estas palavras tam notaveis podem ter dous sentidos: ou q̄ o vinho, & o leite fossem dous licores distintos; ou que o leite por sy só tivesse o sabôr, & effecto de ambos. Esta segunda intelligencia he a mais propria, & natural, & se prova de outros dous Textos dos mesmos Canticos: *Pulchritudo*

Cant.
I. l.

ra sunt ubera tua vino. Memo. *Cant.*
res uberum tuorum super vi- 4. 10.
num. E melhor ainda do ter- *Cant.*
ceiro: *Ubera tua sicut botri-* 1. 4.
Onde os peitos da Senhora *Cant.*
com outra semelhança tam- 7. 8.
bem camponeza, se compá-
raõ a dous racimos de uvas:
para significar, que o leite, &
o vinho, se espremiaõ, & be-
biaõ juntamente das mesmas
fontes. Isto posto, que he o
certo, & literal, saybamos a-
gora, qual he o mysterio, &
porque diz Christo, que os ef-
feitos, que causava nelle o
leite de sua Mãy, não só eraõ
de leite, senão tambem de vi-
nho: *Bibi vinum cū lacte meo?* *Cant.*
Porque o leite tem sô por ef- 5. 1.
feito alimentar, & nutrir, & o
vinho tem de mais, subir a al-
terar o juizo, & fazer perder
a memoria do que dà desgosto,
& pena. Assim o diz, &
receita o melhor Interprete
das calidades nãturaes, Sala-
maõ: *Date vinum his, qui*
amaro sunt animo: bibant, & *Prov.*
obliviscantur egestatis suæ, & 31. 6.
doloris sui non recorentur am- 7.
plius. Aos que tem desgosto,
& pena, daylhe vinho, para q̄
bebendo, se esqueçaõ, & não
se lembrem mais da sua dor.
E.

E como nenhũa cousa póde causar dor, & desgostar, & dar pena a Deos, senão aquella, que só o offende, que são os peccados: porisso diz o mesmo Senhor, que quando tomava os peitos de sua Mãy, o leite, que bebia, tinha para com elle os effeitos da doçura do vinho: *Bibi vinum cum lacte meo*: porque he calidade, & virtude natural daquelle nectar purissimo, causar em Deos hum como esquecimento total dos peccados dos homês, & trocarhe de tal modo o juizo, que os não haja de castigar, como se nunca foraõ. Não he o commento, & declaração minha, senão do Cardeal Hailgrino por estas excellentes palavras: *Potentioris, & uberioris efficacie sunt ubera Mariæ Virginis, quàm vinum. Nam vinum inebriare potest hominem, ut præteritarum immemor sit; injuriarum, & si facilius ad condonandum, largus ad dandum. Ubera verò Virginis, Deum quasi inebriare potuerunt; nam postquam de Matris uberibus lac suxit, ac si cum lactis dulcedine dulcedinem bibisset misericordie, præjecit ab oculis suis*

peccata nostra post tergum, & factus est largus ad dandam peccatorum veniam, largus ad dandam gratiam, & operum justitiam. He o que dos dous peitos da Senhora tinha ditto Ricardo em duas palavras: *Peccatoribus veniam, justis gratiam.*

534 Assim que não só os Justos, senão igualmente os Peccadores, subindo pela Via Lactea, que com seu leite começou, & com seu leite aperfeçoou a verdadeira Rainha do Ceo; seguros podem estar de que por graça, & merecimento do mesmo leite, & purificados nelle, chegarão a Ver, & gozar no mesmo Ceo, a clara, & bemaventurada vista, que só se concede aos olhos puros. Destes olhos (fallando do corpo mystico de Christo, que são todos os Fieis) diz assim o Espirito Santo: *Oculi ejus sicut columbæ super rivulos aquarum, quæ lacte sunt lotæ.* Os seus olhos são como as pombas, que sobre as correntes das aguas se laváraõ em leite. Desorte, q̄ estes olhos, semelhantes na brancura, & pureza, às pombas, não só se laváraõ huma
Hh 3 vez,

Ibid.

Hailgrinus
ibi.Cant.
5. 12.

vez, fenaõ duas: hũa vez nas correntes das aguas, & outra vez sobre esta, em leite. E que dous lavatorios saõ estes, hum depois do outro? O primeiro; & de agua, he o do Bautismo, o qual basta para os olhos verem a Deos, mas sòmente os dos Justos, que depois de bautizados conserváraõ a Graça: o segundo, & de leite, he o dos peitos, & piedade da Virgem Santissima: o qual, como segundo Bautismo, he necessario aos olhos dos Peccadores, para q̃ outra vez purificados, & perdoados, possaõ tambem gozar da mesma vista. Mas ainda resta saber, porque meyo se consegue esta segunda purificaçaõ, ou segundo Bautismo de leite da Senhora? Digo, que caminhando pela Via Lactea do seu Rosario. Assim o disse, sem querer, ou sem saber o que dizia, commentando este lugar, o Doutissimo Cornelio. Diz, que o Texto se entende de qualquer Alma: *Quæ Uni Deo, orando, &*

*Cerne-
lins ab.* *meditando, intendit.* E que Almas saõ estas, que attendem, & se occupaõ em meditar, & orat a Deos, fenaõ as

dos devotos do Rosario: cujo exercicio propria, & totalmente consiste em orar a Deos, & meditar seus Mystérios? Estes olhos pois, que orando se levantaõ, & meditando se fixaõ em Deos, posto que tenhaõ sido Peccadores, saõ os que purificados no leite da Senhora, & caminhãdo pela sua Via Lactea, sobem ao ver no Cco.

VIII.

535 **E**U bem sey, que os primeiros Interpretes da Via Lactea só cõcederaõ o privilegio desta Estrada aos Heroes, & Varões famosos, que por ella subiaõ a ser Semideoses, como Hercules, os dous Attidas, algũs dos Cesares por lizonja, & os Scipiões por façanhas. Mas a allegoria desta fabula (da qual fallou mais sifizadamente Marco Tullio) muito melhor se vé cumprida, nos que por virtude do Rosario obrãraõ heroicamente maiores maravilhas. He admiravel a este proposito a vitoria de Barac contra Sifara por todas suas circumstancias. O nome de

de Barac, Capitaõ do Exer-
cito Israelitano, quer dizer
Rayo, no sentido em que dis-
se o Poeta :

Virg 6 ————— *Duo fulmina belli,*
Æ- *Scipiadas.*
neid.

Mas não lhe bastaria ser
Rayo na guerra para alcan-
çar hũa tam prodigiosa vito-
ria; senão fosse soccorrido,
& ajudado do Ceo, & mais da
terra, como conta, & canta a
Escritura no Epinicio do seu
triunfo. Do Ceo diz que pe-
lejáraõ contra os inimigos, as
Estrellas postas todas por sua
ordem: *De cælo dimicatum est*

Judic. *contra eos: Stellæ manentes in*
5-10. *ordine suo.* Da terra diz que
fugindo da batalha Sisara vi-
vo, Jael com o leite, que lhe
deu a beber, o matou a seu

Ibid. salvo: *Aquam petenti lac de-*
25 26 *dit. Percussitque Sisaram.* A-
gora saybamos, que Estrellas
foraõ aquellas, & quem he
esta Jael? Jael, que por meyo
do leite acabou de consum-
mar a vitoria, he a Virgem,
Senhora nossa, diz S. Bernar-
do. E antes d'elle, & com ma-
ior elegancia o tinha já ditto
o mesmo Texto, o qual cha-
ma a Jael Bemditta entre to-
das as mulheres: *Benedicta*

inter mulieres Iael. Donde o
Anjo tomou as palavras, cõ
que laudou a Senhora no pri-
meiro Mysterio do Rosario:
& nõs a laudamos em todos.
E as Estrellas, que pelejáraõ
postas em sua ordem, *Stellæ*
manentes in ordine suo, saõ as
Contas, & orações maiores,
& menores, enfiadas, & cr-
denadas no Circulo do mel-
mo Rosario, com que elle
admiravelmente representa a
Via Lactea, & se vé na mais
certa, & recebida sentença de
S. Joaõ Damasceno: *Lacteus* ^{Da}
Circulus magnarum, & splen- ^{masc.}
didarum copia abundant, atque ^{Physi}
idcirco tum ob situm, tum ob ^{cap. 4.}
Stellarum eorum, quæ in ipso
sunt, multitudinem, & magni-
tudinem, lac in ipso effici dic-
titarunt.

536 Esta he pois a ver-
dadeira Via Lactea, por on-
de os mais insignes Heroes da
Igreja Catholica, tam famo-
sos pelos exemplos de suas
virtudes, como admiraveis
pelos prodigios de seus mila-
gres, carregados de glorio-
sos despojos, não sõ subíraõ
ao Ceo, mas nos ensináraõ o
facil, & mais seguro Cami-
nho. Quando na morte de al-

*Sueton
in Julio
Caesar.
cap.
88.*

gũa n^o tavel personagem, como se vio na de Julio Cesar, apparecia no Ceo algum novo Methôro, daquelles sinas inferia a Gentilidade, que estava elle tresladado às Estrellas, & collocado entre os Deos. E que diremos nós, se advertirmos, como notou o doutissimo Ricciôlo, que todas as Estrellas novas, que neste Seculo, & no passado, apparecêrao no Ceo, forão vistas, & nolas mostrou Deos dentro do Circulo da Via Lactea? *Perinde* (diz elle) *ac si Galaxia promptuarium esset, unde lucida hæc protenta Deus in inferiora hujus mundi, cum voluerit, destinet.* Como se a mesma Via Lactea fosse o promptuario, ou thesouro, onde Deos tem depositados estes protentos de luz, para os mostrar ao mundo, quando he servido. Isto diz este grande Mathematico, felice Reformador do antigo Almagesto. Mas nós digamos, allegorizando com grande fundamento estas mesmas novidades, que nellas, & com ellas nos quiz significar o Autor da Natureza, & da Graça, que o Rosario de sua

*Ricciolus
in Metho-
theoris*

Santissima Mãy he a verdadeira Via Lactea; pois todos os Santos, que a Igreja pelos infalliveis decretos da Canonização collocou no Ceo, & nos mandou venerar, neste mesmo Seculo, & no passado, todos, sem exceptuar nenhũ, forão particulares devotos do Rosario. Meu Santo Patriarcha Ignacio, tendo sete horas de Oraçãõ cada dia, o Rosario era a primeira, por onde começava. S. Francisco Xavier, quando mandava a saude aos enfermos ausentes, com o seu Rosario lha mandava. S. Francisco de Borja com tres novos actos de confusaõ, de admiraçãõ, & de acçãõ de graças, o meditava, & offerecia. Em S. Luis Beltraõ, & Santa Rosa, naõ só era devaçãõ o Rosario, mas profissaõ. A Santa Madre Theresa, como Mestra do mais elevado Espirito, o illustrou com seus Commentarios. S. Felipe Neri, que todo era Oraçãõ, & vivia della, Santo Thomás de Villa Nova, S. Caietano, S. Francisco de Sales, S. Felipe Benisi, devotissimos todos da Santissima Virgem, & seus Mysterios,

rios,

rios, todo pregavaõ o Rosario com a voz, todos o ensinavaõ com a penna, todos o persuadiaõ com o exemplo. Mas assim como na Via Lactea hũas Estrellas sãõ grandes, & notaveis, que se vem, outras pequenas, & innumeraveis, que se nãõ podem ver, nem contar: assim no Ceo, alẽm destes grandes Astros Canonizados, que conhecemos, & veneramos, ha infinitas outras Almas Bemaven-

turadas, que lá subiraõ pela Via Lactea do Rosario: as quaes postradas diante do Throno da Soberana Rainha dos Anjos; & nãõ esquecidas dos que ainda militamos neste Valle de lagrimas, a nõs nos dizem: *Hac est Via, Ijai: ambulate in ea: & à mesma* ^{3o. 2o. 1o.} *Senhora, & a seu Bemdito Filho, cantaõ, & cantarãõ eternamente: Beata ubera, quæ susti.*

FINIS.



SER.



S E R M A M

X X X.

COM O SANTISSIMO SACRAMENTO EXPOSTO.

*Iacob autem genuit Ioseph virum Mariae: de qua
natus est Iesus. Matth. I.*

I.

537



O principio deste fermoso mez, em que a terra ostentandô suas gala, nos montes se mostra vestida, & nos valles calçada de flores, com razão se dedica tambem a Deos a Rainha de todas, a Rosa. De Rosas vemos alcatifados os Templos, de Rosas adornados os Altares, de Rosas coroadas as Imagens dos Santos, & até entre

a fragrancia das Rosas subit ao Ceo o cheiro dos Sacrificios. E quem deo tanto lugar nos lugares sagrados à que só tinha seu imperio, & dignidade nos campos? Tudo isto merecêo a Rosa natural, por servir à Rosa Mystica. A Rosa natural, que he a que deu o nome ao Rosario, por servir à Rosa Mystica, que he a Virgem Senhora nossa, que do mesmo Rosario tomou o sobrenome. Assim vem a servir hũa Rainha a outra Rainha, & hũa Rosa a outra Rosa:

fa: & não só a servir, senão a receber mercês. Vêse hoje a Rosa natural levantada sobre sua propria natureza; porque se a natureza a tinha dotado de muitas virtudes naturaes, a liberalidade, & poder soberano da Rosa Mystica lhas communica, não só novas, mas sobrenaturaes, & milagrosas. Vede, que bom pagador he o Rosario. Porque se a Rosa deu ao Rosario o seu nome, communica o Rosario à Rosa os seus poderes. Antes de benta, ou abendiçoada a Rosa natural, era fermosa para a vista, cheirosa para o olfato, & sabórosa para o gosto: mas hoje depois de receber a Benção, com que a santifica o Rosario, levantando-se sobre a esfera de todos os sentidos, para as enfermidades he a mesma Rosa saude, para os venenos antidoto, para as dores refrigerio, para os corações tristes alivio, & até para os Espiritos Infernaes terror, & assombro. Estas, & outras grandes maravilhas, de cujos exemplos está cheas as Historias Ecclesiasticas, são as q' obra a Rosa, depois que neste fer-

moso dia, a que tambem deu o nome, se benze. Mas porq' o Assumpto deste ultimo Sermão (em que he bem declaremos por fim o Titulo de todos) pertence principalmēte à Rosa Mystica, & o mystico se funda no natural: o que só posso prometter nesta breve Proposta, he, que de tal maneira fallarey de ambas as Rosas, comparandoas entre sy, que tudo o que differ da Rosa Mystica, será o que nos ditarem as palavras do Thema. *Ave Maria, &c.*

II.

Ioseph virum Mariae: de qua natus est Iesus. *Mat. 1. 6.*

538 **A**SSIM como a fórma suppoem a materia, assim como o retrato imita o original; assim como o edificio se levanta sobre os fundamentos: assim tudo aquillo, que se chama mystico, suppoem, imita, & se fūda sobre o natural. Christo neste mundo foi o David mystico; porque a vitoria, com que sem armas triunfou do mesmo mundo, foi representada

1. Reg. tentada no desafio, & vitoria,
 17.50 com que David triunfou do
 GIGANTE. Christo na Cruz he
 a Serpente de Moylés mysti-
 ca; porque assim como os
 mordidos das Serpentes, o-
 lhando para a de Moylés lá-
 ravao; assim são do vene-
 no da Serpente Infernal, os q̃
 com Fé, & contrição, poem
 os olhos em Christo cruci-
 ficado. Christo no Sacramen-
 to he o Manná mystico; por-
 que assim como com o Man-
 ná descido do Ceo se susten-
 tavao no Deserto, os que ca-
 minhavao para a Terra de
 Promissaõ: assim com o ver-
 dadeiro Paõ do Ceo, Christo
 Sacramentado, se sustentaõ
 na peregrinaçaõ desta vida, os
 que caminhaõ para a Gloria,
 de que o mesmo Sacramen-
 to he penhor. Daqui se segue,
 que sendo a Virgem Maria,
 Senhora nossa, a Rosa Mysti-
 ca, como lhe chama a Escri-
 tura, & canta a Igreja: pela
 correspondencia, que tem a
 Rosa Mystica com a Rosa
 natural, se deviaõ conhecer
 as excellencias da mesma Se-
 nhora, em quanto Senhora do
 Rosario. Assim o fizeraõ a-
 tégora todos os que tratáraõ

esta grande materia, conside-
 rando na fermolura, na fra-
 gancia, nas virtudes medici-
 naes, & na mesma Magestade
 natural, com que a Rosa me-
 recéo o Imperio & Coroa de
 todas as flores, não só a emi-
 nencia suprema, com que a
 Mãy do Criador se levanta
 inacessivelmente sobre to-
 das as criaturas; mas os bene-
 ficios; & graças, em todo o
 genero singulares, com que
 por meyo do seu Rosario soc-
 corre, favorece, empara, & li-
 vra, assim nos trabalhos; &
 enfermidades do corpo, co-
 mo principalmente nas espi-
 rituaes, & da Alma, a todos
 seus devotos A este fim se tra-
 zem hoje em louvor da Ro-
 sa, os versos de Anacreonte,
 as Descrições de Plinjo, os
 Exemplos de Cleopatra, os
 Aforismos de Galeno, as E-
 legancias Gregas, & Latinas,
 de S. Basilio, & Santo Ambro-
 sio; & até as Fabulas de Ve-
 nus, & Adonis feridos, que
 sobre a Coroa Real lhe de-
 raõ à Rosa a Purpura.

539 Eu comtudo de-
 baixo desta superficie géral,
 & commum, examinando
 mais interiormente qual seja
 o mystico,

o mystico, ou mysterioso da nossa Rosa Mystica; acho, q̄ não consiste tanto na proporção, & semelhança, com que he parecida à Rosa natural, quanto na dífemelhança, & differença, com que se distingue della, & a excede. Naquella serie juntamente panegirica, & oratoria, com que a Igreja invoca a intercessão da Virgem Maria allegando diversos titulos de suas excellencias, & louvores, & pedindo por cada hum delles à mesma Senhora se digne de rogar por nós: he advertencia digna de todo repáro, que sendo todos aquelles titulos verdadeiramente mysticos; só à Rosa unicamente se dá o nome de Mystica. Chama-se alli a Senhora, Estrella da Alva: *Stella matutina*: chama-se Arca do Testamento: *Arca fœderis*: chama-se Torre de David: *Turris Davidica*: chama-se Porta do Ceo: *Ianua Cœli*: chama-se finalmente, & he invocada com tantos outros titulos: & sendo a Virgem mysticamente Estrella da Alva; porque ella nascendo como Precursora do Sol nos annunciou o Nascimento

de Christo: sendo mysticamente Arca do Testamento; porque ella só como Arca do Testamento encerrou a Deos em sy, & o trouxe em suas entranhas: sendo mysticamente Torre de David; porque nella como de Torre de David estão pendentos todos os seculos, & armas de nossa defenta: sendo mysticamente Porta do Ceo; porque por ella entraõ a gozar a Bemaventurança, todos os Predestinados: & sendo finalmente mysticos todos os outros titulos, que naquella larga Ladainha se allegaõ; porque razaõ nenhum delles se chama mystico, senaõ só, & unicamente a Rosa, dizendo a Igreja: *Rosa Mystica: Ora pro nobis?* A razao sem duvida he, porque nos outros titulos considera-se sómente a semelhança, que tem o mystico com o natural: na Rosa Mystica ha-se de considerar, não só a semelhança, que tem com a Rosa natural, senaõ tambem a differença, & ventagês, com que a excede. Ha mystico commum, & mystico por excellencia. O mystico commum consiste por modo geral nas

pro-

propriedades da semelhança: o mystico por excellencia sobre as propriedades da semelhança acrescenta por modo particular, & mais sublime, as ventagões da differença. E como entre todos os outros titulos da Senhora só o da Rosa he mystico por excellencia; porisso só nelle singular, & unicamente se lhe dà o nome de *Mystica Rosa Mystica*. *Mystica*, porque imita a Rosa natural, no que he; & *mystica*, ou *sobremystica*, porque a excede, no que não he.

540 No Divinissimo Sacramento (que só a este fim era bem que honrasse a Festa da Rosa com sua presença) no Divinissimo Sacramento, digo, temos maravilhosamente expressa esta distincção, ou excellencia de mystico a mystico. Pouco ha dissemos, que Christo no Sacramento he o Manná mystico: & declarando o mesmo Senhor esta famosa figura do Sacramento, diz assim: *Hic est Panis, qui de caelo descendit. Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna: & mortui sunt. Qui manducat hunc Panem, vivet in æ-*

Joan 6
59.

ternum. Não sey, se reparais, & dividis bem estas palavras. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná: nas segundas, sem delidizer o que tinha ditto, liz que não he como o Manná. Nas primeiras diz, que o Sacramento he como o Manná; porque diz, que o Sacramento he o Pão, que descéo do Ceo, assim como o Manná descia do Ceo: *Hic est Panis, qui de caelo descendit*. Nas segundas diz, que o mesmo Sacramento não he como o Manná: *Non sicut manducaverunt Patres vestri Manna*; porque os q̄ comiaõ o Manná, morriaõ: *Et mortui sunt*: & os que commem o Pão do Sacramento, vivem eternamente: *Qui manducat hunc Panem, vivet in æternum*. Pois se Christo quer declarar a virtude do Sacramento como Manná mystico, pelo mesmo Manná natural: porque diz o que era o Manná, & o que não era? Porque o Sacramento não he Manná mystico pelo modo commú, senão Manná mystico por excellencia. E o mystico por excellencia, não só cõsiste na se-

femelhança, que tem com o natural, ſenaõ nas ventagões. com que o excede. A primeira propriedade, & ordinaria, he ſer como elle; a ſegunda, & excellente, he não ſer como elle: *Non ſicut*.

541 No meſmo Sacramento, & neste meſmo lugar diſtinguiõ maravihoſamente o meſmo Senhor eſte como, & não como: o como da ſemelhança, & o não como da differença. E para que hũ, & outro ſe diſtinguiſſem, & entendefſem melhor divididos em duas comparações, à comparaçõ do Manná acrescentou outra muito mais excellente, & mais alta. E qual he? *Sicut miſit me vivens Pater, & ego vivo propter Patrem: & qui manducat me, & ipſe vivet propter me*. Affim como Eu recebi a vida do Padre, & vivo por elle: affim quem me come ao Sacramẽto, recebe a vida de mim, & vive por mim. Combinemos agora eſtas duas cõparações, & na primeira veremos claramente o como, & na ſegunda o não como: na primeira o como: *Sicut miſit me vivens Pater*: & na ſegunda o

não como: *Non ſicut Patres veſtri mortui ſunt*. Deſorte, que toda a ſemelhança, & differença do Sacramento com o Manná ſe reduz a hum *Sicut*, & a hum *Non ſicut*: a hũ Affim como, & hum Não affim como. E iſto meſmo, que Chriſto declarou no Sacramento com duas comparações, temos nõs em hũa ſõ, comparando a Roſa Myſtica com a Roſa natural. Porque a Roſa Myſtica em muitas propriedades he como a Roſa natural: *Sicut*: mas em outras mais altas, & ſublimes, excede muito a Roſa natural, & não he como ella: *Non ſicut*.

III.

542 **S**Uppõſta pois eſta ſemelhança, & eſta differença da meſma Roſa duas vezes, & por dous modos Myſtica, não determino tratar hoje do myſtico commum, que conſiſte nas propriedades da ſemelhança; ſenaõ do myſtico por excellência, que conſiſte nas ventagões da differença. O *Sicut*, & a ſemelhança, que tem a Roſa Myſtica

Myſtica com a Roſa natural, como materia muitas vezes tratada, deixo-a, porque a ſupponho ſubida: o *Non ſicut*, & a differença, com que a meſma Roſa natural he excedida da Roſa Myſtica, eſſe ſerá o emprego do Diſcurſo preſente, & a ração mais alta, & mais ſublime, porque a Virgem Senhora noſſa ſe chama Roſa Myſtica. Digo pois, que excede muito a Roſa Myſtica à Roſa natural: Em que? Em dous defeitos, que tem a Roſa natural, & em duas perfeições, que ſó ſe achão na Roſa Myſtica: em dous defeitos da Rainha das flores, & em duas perfeições da Rainha dos Anjos. E quaes ſão? São tam viſtas pelos olhos, q̄ quaſi não era neceſſario que ſe diſſeſſem. A Roſa natural he hũa flor, que não dá fruto, & produz eſpinhas: a Roſa Myſtica he Roſa ſem eſpinhas, & Roſa com fruto. Não he o Aſſumpto meu, ſenaõ do meſmo Thema, que propuz.

Mat. 543 *Iacob autem genuit*
 ib. 1. *Ioseph virum Mariæ: de qua*
 16. *natus est Iesus.* Nesta clauſu-
 ra do Evãgelho tantas vezes,
 & por tantos modos batida,

& debatida, o que ſempre ſe notou, & ſempre ſe deve notar, he, o que diz o Evangelista, & o que não diz. Diz, q̄ de Maria nascéo Jeſu; mas não diz de quem nascéo Maria: diz de quem he Mãy, mas não diz de quem he filha. E não ſõ o titulo do meſmo Evangelho, mas todas as grandes perſonagens, que nelle ſe nomeaõ com quarêta & duas vozes, eſtaõ brádando contra eſte ſilencio. O titulo do Evangelho he, *Liber generationis Iesu Christi*: & ſe he Livro da geração de Chriſto, & tudo quanto neste Livro ſe contém, & deve contér, não he mais que hũa continuada deſcendência de pays a filhos, porque no fim, o ade era mais neceſſaria eſta clareza, o que ſó ſe refere, he a geração do Filho, & ſe calla a geração da Mãy? Deſde o primeiro aſcendente, que he Abraham, até o ultimo, que he Joſeph, todas eſtas gerações vaõ encadeadas com aquelle: *Genuit: Abraham genuit Isaac: Isaac autem genuit Iacob: Iacob autem genuit Iudam*: até q̄ chegando a outro Jacob, diz do meſmo modo o Evangelista:

Mat.
 ib. 1. 2.

lista:

Ubi supra. lista : *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ.* Pois se desde Abraham até Joseph chega o continuado, & repetido *Genuit*; porque razão em chegando, & antes de chegar a Maria, se calla totalmente esse *Genuit*, & só se diz, *De qua natus est?* Porque no *Genuit* estava o as espinhas, & no *Natus est* está o fruto: & como a Rosa Mystica Maria he Rosa com fruto, & Rosa sem espinhas; porisso em se nomeando Maria se calla o *Genuit*, & só se diz, & apregoa, o *Natus est*.

544 A origem das espinhas he quasi tam antiga como o Homem, & tem a mesma antiguidade, que o Peccado Original. Assim o pronunciou Deos na sentença, q̄ fulminou contra Adam: *Malédita terra in opere tuo. Spinas, & tribulos germinabit tibi.* Eva colheo o fruto, & Adam as espinhas. E como passaraõ estas espinhas do Peccado Original desde o primeiro Homem a todos os outros, & se continuaõ nelles? Por meyo da geraçãõ. Este he aquelle *Autem*, ou aquelle Mas, que em toda a serie das

Tom.6.

gerações do nosso Evangelho anda sempre, como espinha, pegado ao *Genuit*. Não ha *Genuit* nos filhos de Adam, que não traga consigo o seu Mas, & a sua espinha *Isaac autem genuit Iacob*: Isaac gerou a Jacob; mas ainda q̄ Isaac foi Santo, de seu pay Abraham trouxe a espinha do Peccado Original: *Isaac autem: Iacob autem genuit Iudam*: Jacob gerou a Judas; mas ainda que Jacob foi Santo, de seu pay Isaac trouxe a espinha do Peccado Original: *Iacob autem. Jesse autem genuit David*: Jesse gerou a David; mas ainda que Jesse foi Santo, de Obed seu pay trouxe a espinha do Peccado Original: *Jesse autem. David autem genuit Salomonem*: David gerou a Salamaõ; mas ainda que David foi Santo, de seu pay Jesse trouxe a espinha do Peccado Original: *David autem*. Assim o confessou em nome de todos o mesmo David: *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis concepit me mater mea.* E como entre todos os filhos de Adam só a Virgem Maria por graça, & privilegio

Psalm
50.7.

gio singular, foi izenta do Peccado Original; porisso o Evangelista tendo continua- do com o mesmo *Genuit*, com o mesmo *Mas*, & com a mesma espinha, até Jacob, q̄ gerou a Joseph, Esposo da Virgem : *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ*: em chegando, ou antes de chegar a nomear Maria, calhou total- mente o *Genuit*, & o *Autem*; porque sò Maria como Rosa por excellencia Mystica, foi Rosa sem espinha.

IV.

545 **E**STA foi a primei- ra differença, & sin- gularmente sua, com que a Soberana Rosa Mystica ex- cedéo gloriosamente a Ro- sa natural. Fallando da mes- ma Rosa natural S. Basilio, & reconhecendo nella todos os dotes, com que sobre as outras flores a enriquecéo a Natureza; diz, que todas as vezes que a via, lhe causava tristeza, & dor : *Florida qui- filius dem est Rosa, sed mihi tristi- in Exa tiam infligit : quoties florem meron. hunc video, peccati mei admo- neor, propter quod terra, ut*

spinas, ac tribulos proferret, conternata est. A Rosa (diz Basilio) que com a sua fer- matura para todos he alegre, para mim he triste. E por- que? Porque todas as vezes que vejo esta flor, me está tra- zendo à memoria o peccado, pelo qual a terra foi conden- nada a produzir espinhas. E como as espinhas foraõ pe- na, & effeito do primeiro pec- cado; sò aquel a Soberana Senhora, que unicamente foi izenta delle, he Rosa sem es- pinhas. Nas sentenças da cõ- dennação do mesmo peccado temos a prova. Para o pri- meiro peccado do mundo, q̄ foi o do Paraíso, concorréaõ tres compleces, a Serpente; Eva; Adam. Pela mesma or- dem os condemnou Deos a todos tres: & nesta ordẽ tem grandé mysterio a primeira sentença, & a ultima. Na pri- meira sentença foi conden- nada a Serpente, a que a mo- lher lhe quebrasse a cabeça: *Inimicitias ponam inter te, & Genes. mulierem : ipsa conteret caput 3. 15. tuum.* Na ultima foi conden- nado Adam, a que a terra lhe produzisse espinhas: *Maledi- Ibid. Esta terra in opere tuo. Spinas, 17. 18*

Et tribulos germinabit tibi. A Molher, que quebrou a cabeça à Serpente, todos sabemos, que foi a Virgem Maria no instante de sua Conceição, que he o ponto preciso, em que a Serpente morde a todos os filhos de Adam, concebidos por geração natural. Porisso o Texto com os termos admiravelmente trocados, primeiro diz, que a molher quebraria a cabeça à Serpente, & depois que ella a quebraria morder: *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus.* Vindo pois à ordem das sentenças, qual foi a razão, & mysterio, porque na primeira quebrou a Molher a cabeça à Serpente, & na ultima produzio a terra as espinhas a Adam? O Peccado Original não foi o da Serpente, senão o de Adam: pois porque não foi o primeiro condemnado Adam, senão a Serpente? Porque na condemnacão, & sentença da Serpente vencéo a Molher o peccado: na cõdenacão, & sentença de Adam produzio a terra as espinhas: & como a Molher, que vencéo a Serpente, foi a Rosa Mystica, Rosa

sem espinhas; porisso as espinhas vieraõ tanto depois da Molher, que quando a terra produzio as espinhas, já a Molher tinha quebrado a cabeça à Serpente. Antes da ultima sentença, ainda na terra não havia espinhas: *Spinas, & tribulos germinabit tibi: &* quando o peccado produzio as espinhas na ultima sentença, já a Rosa Mystica na primeira tinha quebrado a cabeça ao mesmo peccado: *Ipsa conteret caput tuum: &* porisso Rosa sem espinhas.

546 Desta anticipada victoria, com que a Molher vencéo o peccado, & a Serpente, não depois de mordida, senão antes de a poder morder, se entêderá o altissimo, & occulto mysterio, com q̄ Christo no dia da Redempção se corøou de espinha. A Virgem, Senhora nossa, ainda que izenta de todo peccado, tambem foi remida por meyo da Paixaõ de seu Filho. Não remida, como curada depois de ferida; nem remida, como levantada depois de cahida; nem remida, como resgatada depois de cativa: mas remida, como preservada da

Ibid.
15.

ferida, como preservada da queda, & como preservada do cativoiro, que he o mais nobre; & o mais excellente modo de remir, & livrar. No principio deste Evangelho, q̄ he o Livro da geração de Christo, emquanto Redemptor (q̄ isso quer dizer, *Liber generationis Iesu*) chama-se o mesmo Senhor, Filho de David, & Filho de Abraham, os quaes tambem foraõ Redemptores. Porque David livrou a Saul do Gigante, & dos Exercitos dos Filistéos: & Abraham livrou a Loth dos quatro Reys Babylonios, q̄ fizeram guerra ao da sua Cidade, & outros. Mas se Abraham, & esta sua vittoria, foi muito primeiro q̄ a de David, porq̄ se dá neste Livro do Redemptor o primeiro lugar a David, & o segundo de Abraham: *Filius David, filij Abraham*: Porque Abraham livrou a Loth do cativoiro, David livrou a Saul do perigo: Abraham livrou a Loth depois de estar vencido, & cativo dos Babylonios, David livrou a Saul de que o vencessem, nem cativasssem os Filistéos. Ambos remiraõ, & ambos foraõ Redempto-

res; mas sô David anticipada-mente, & preservando. *Metu Regem liberavit, & an: equam servitium contribules experientur, depulsi*: diz S. Basilio de Seleucia. E porque este modo de redempção anticipada he muito mais nobre, & glorioso, por isso no Livro do Redemptor, sendo Abraham primeiro que David, se dá o primeiro lugar a David, & o segundo a Abraham. Na mesma terra, que produzio as espinhas, temos a primeira parte desta differença com allusão à segunda. A terra, que produzio as espinhas, foi a terra maldita pelo peccado: *Ubi Maledicta terra in opere tuo. Spinæ, & tribulos germinabit tibi*; & a terra, que sem espinhas produzio o fructo, foi a terra bemditta, & sem peccado, na qual, & da qual nascéo o mesmo Deos: *Benedixisti, Domine, terram tuam*. Assim o cantou o Real Profeta: & logo acrescenta a differença das duas redempções, ou dos dous modos de remir, hum por resgate depois do cativoiro, & outro por preservação antes d'elle: *Benedixisti, Domine, terram tuam: 3. averisisti*.

1. Reg
17. 50.
Genes.
14. 15.
6. seq.

Mat.
23. 1. 1.

Ubi
supr.

Psal.
34. 23.

ibid.

avertisti captivitatem Iacob. Remisisti iniquitatem plebis tue. Notay a diversidade dos termos. No primeiro diz: Desviaftes o cativoiro: *Avertisti captivitatem*: no segundo diz: Remittiftes, & perdoaftes o peccado: *Remisisti iniquitatem*. O desviar, he por preservaçõ do perigo: o remittir, he por remedio, & perdsõ do peccado. Mas o desviar o perigo, & o remir por preservaçõ, foi privilegio singular concedido a hũa só Pessoa: *Avertisti captivitatem Iacob*. E o perdsõ do peccado, depois de encorrido, foi indulgencia universal, que se estendéo a todos: *Remisisti iniquitatem plebis tue*.

547 E como o modo de remir por preservaçõ he muito mais nobre, & glorioso, & a maior gloria de Christo Redemptor foi preservar a sua Mãy, de que não fosse tocada das espinhas do peccado; porisso no dia da Redempçaõ formou dellas a sua Coroa, & se coroeu das mesmas espinhas, de que a tinha preservado. Clemente Alexandrino dando a raziõ, por-

que Christo no dia da Redempçaõ se coroeu de espinhas, diz, que assim como tinha apparecido entre espinhas, quando remio o Povo de Israel do cativoiro do Egypto; assim se quiz tambem coroar de espinhas, quando remio o genero humano: para mostrar, que hũa, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder: *Quòd primum per rubum visam fuerat Verbum: per spinam rursus assumptam ostendit se ejusdem potentie*. Não me atrevo a censurar hum tam grande, & antiquissimo Mestre da Igreja de que não disse bem: mas digo, que disse pouco, & menos do que devera, em afirmar, que hũa, & outra Redempçaõ fora obra do mesmo poder. Porque na Redempçaõ do Egypto remio Deos os que estavaõ cativos, & feridos das espinhas, que porisso apparecéo na Çarça; porém na Redempçaõ do genero humano, não só remio os feridos das espinhas, que eraõ todos os filhos de Adam; mas preservou a sua Mãy, de que ellas a não ferissem: & esta obra não foi do

mesmo poder; senão de muito maior. Curar as feridas, he remedio da arte, & obrar como Medico: preservar dellas, he privilegio do poder, & obrar como Senhor. Porisso quando remio o Povo não appareceo coroadado de espinhas, & agora, que preservou dellas a sua Mãy, sim. Ha que o digi? Não menos que Salamao, figura do mesmo Christo: *Egredimini, & videte, filia Sion, Regem Salomonem in Diademate, quo coronavit illum mater sua.* Sahi, sahi, filhas de Jerutalem, & vede a Coroa,

Cantic
3. 11.

D. A.
thanas
tract.
de Pas
hon. &
Cruce.
Isidor.
Pelus.
Nota.
lib. 1.
Epist.
95.

com que Maria, Mãy de Jesu, coronou a seu Filho, assim como Bersabé, mãy de Salamao, coronou o seu. Da Coroa de espinhas entendem o passo Santo Athanasio, Santo Isidoro Pelusiota, & outros. Pois Maria Mãy de Jesu, Maria Mãy do Redemptor, he a que coronou a seu Filho com a Coroa de espinhas? Sim. Porque quando elle prefer-

Textor.
in Of-
fic. tom.
1. verb.
Coto.
nae D.
vici.

vou, & livrou a sua Mãy das espinhas, entao he que mereceo esta gloriosa Coroa. Quando o Soldado na guerra preservava da morte, & livrava algum Cidadão Romano, de

que o não matastem, recebia hua Coroa, que porisso se chamava Civica. Assim Christo, porque livrou, & preservou do peccado a sua Mãy, mereceo a Coroa, que porisso se deve chamar Materna: *Coronavit illum mater sua.* E não tem menor alluzao, nem menor energia, o nome do Diadema: *In diademate.* Vendo Alexandre Magno ferido a Lyfimacho, valente Soldado, tirou da cabeça a Diadema, que naquelle tempo era hua faixa, para que cõ ella lhe atassem na ferida. Eouca a Coroa de Alexandre esteve mais gloriosa, que nella famosa açao, tirada da cabeça do Rey para atar as feridas do Soldado. Se Christo tirára a Diadema para atar as feridas de sua Mãy, nẽ obrára como Rey, nem como Filho; mas porque obrou como Filho, não atandohe as feridas, senão preservandoa dellas: porisso com as mesmas espinhas, de que foi preservada, lhe teceo a Mãy a Diadema, com que o coronou como Rey: *In Diademate, quo coronavit illum mater sua.*

Insim
lib. 15
cap. 3.
in sim

548. Finalmente, para q se

se veja sem replica, que esta Coroa de espinhas lhe foi devida a Christo, & Christo se coroou com ella, porque remio, & preservou a sua Mãy das espinhas do peccado de Adam: ponhamos no monte Moria, onde a primeira vez se representou este mesmo acto com as figuras mais vivas, & todas as acções mais proprias. Foi Abraham por mandado de Deos sacrificar seu filho naquella monte, & quando levantada já a espada, não faltava mais que a execução do golpe, teve elle mão no braço hum Anjo: & para que ficasse o sacrificio perfeito, foi substituido em lugar de Isaac hum grande Cordeiro, o qual alli appareceu atado, & coroado de espinhas. Digo coroado, porque para o atarem as espinhas, bastava, que lhe enlaçassem os pés, & ellas não o prendêrao senão pela cabeça, rodeandoa como coroa. Assim o diz expressamente São Agostinho: acrescentando, que o mesmo Cordeiro foi figura de Christo coroado de espinhas na sua Paixão: *Itto ariete, qui cornibus ex frutice tenebatur, Iesus*

Christus significabatur, antequam immolaretur, spinis Iudaicus coronatus. Mas vamos ao Texto, & acharemos nelle todas as circunstancias, & propriedades do caso: na idade, na coroa, na redempção & no modo de remir. *Leva. G. nef. vii Abraham oculos suos, vi. 22. 13* *Atque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus, quem assumens obtulit holocaustum pro filio.* Foi o Cordeiro semelhante a Christo na idade: *Arietem*; porque Christo padecêo em idade de varaõ perfeito: foi semelhante na coroa: *Inter vepres hærentem cornibus*; porque Christo foi coroado de espinhas: foi semelhante na redempção: *Quem assumens obtulit holocaustum pro filio*; porque o Cordeiro remio o filho, como Christo a Mãy: sobre tudo foi semelhante no modo de remir, porque Isaac foi remido por preservação. O pay, como diz S. Paulo, imaginou, que Deos o havia de resuscitar: *Arbitrans quia & à mortuis suscitare potens est Deus.* Mas elle não foi resuscitado depois de morto, senão preservado da morte, parçõ não

Hebr.
11.19

Ang.
lib 16
de Civitat.

morresse. Agora pergunto: E a quem remio Christo por modo de preservação entre todos os nascidos? Não ha duvida, que sò, & unicamente, a sua Mãy; porque sò ella foi preservada do peccado de Adam, & da maldição das espinhas, a que por elle foi cõdennada a terra. Logo na preservação de Isaac foi representada a preservação de Maria. No sacrificio do Cordeiro, o de Christo: & nas espinhas da Coroa, as espinhas, com que o Filho se quiz coroar por ter preservado dellas a sua Mãy. E porque a Virgem, Senhora nossa, por este privilegio singular, & sò ella concedido, foi preservada das espinhas do peccado: por isso sò a Rosa Mystica he Rosa sem espinhas: nem teve lugar nella o *Genuit* espinhado, & espinhoso de todos os filhos de Adam: *Iacob autem genuit Ioseph virum Mariæ.*

V.

549 **A** Segunda excellencia, não só igual, mas ain la maior, com que a Rosa Mystica excede

gloriosamente a natural; he ter Rosa com fruto. A Rosa natural he fermosa, mas estéril, como Rachel: a Rosa Mystica he fermosa, como Rachel, & fecunda, como Lia. A Rosa natural he Rainha das flores, mas sómente flor: a Rosa Mystica, sobre ser a Rainha das Rainhas, he flor com fruto, Mãy com Filho, & Maria com Jesu nos braços: *Mariæ: de qua natus est Iesus.*

550 Nesta differença de dar fruto, ou não dar fruto, vay tanto de flor a flor, como de ser a não ser. Quando Deos lançou a benção de fecundidade à terra, dandolhe virtude de produzir, & criar, as palavras da benção foraõ estas: *Genes. 1. 11.* *Germinet terra herbam virentem, & lignum pomiferum faciens fructum:* Bõte a terra aservas verdes, & as arvores, que produzem fruto. De forte, que na benção de Deos entráraõ nomeadamente aservas, as arvores, & os frutos: & sò das flores, parece, q se não fez menção; mas sim fez. As flores, que produzem fruto, foraõ comprehendidas nos mesmos frutos, que produzem:

Duzem: as que não produzem fruto, ficarem contadas entre aservas. O Cravo, o Lirio, o Jasmin, a Rosa, & todas as outras flores, que não dão fruto, por mais pintadas, por mais fermosas, por mais mimosas, & afdalgadas que sejam, todas pertencem ao predicamento daservas. Este he o lugar, que lhe finalou David tem outra maior dignidade: *Manè sicut herba transeat, manè floreat, & transeat: vespere decidat, induet, & areseat.* Pelo contrario as flores, que dão fruto, estas são as de que faz todo caso o Soberano Agricultor da natureza. Assim o entendeo a Lavradora das Eglogas de Salamao, tam entendida como elle. Exhortava-nao a outrem, senao ao mesmo Agricultor Divino, a que madrugassem:

Manè surgamus: & a que salhissem ao campo: Egrediamur in agrum. E para que com tanto cuidado, & delvello: Não para ver se os prados se vestiaõ de flores, senao para saber, se as flores produziaõ frutos: *Videamus, si flores fructus parturiunt.* Os frutos são os partos das flores, & as flo-

res, q̃ não chegaõ a este parto, são abortos. São geradas, como diz Plinio, *in diem*: porque no mesmo dia, em que a vida lhe dá a cor, a fragrançia lhe exhala a vida. Pela manhaã nascem, ao Meio dia adoecem, à tarde morrem: & nem permanecem em sy, nem no fruto, porque o não produzem. Logo não bastava sò à Rosa Mystica para exceder cabalmente a Rosa natural a primeira excellencia de ser Rosa sem espinhas, senao tivesse tambem a segunda de ser Rosa com fruaõ. Já muito antes de isto ser, estava pintado assim nas idéas do Testamento Velho.

551 Querendo Moysés nomear o Tribu, & a Pessoa, a que havia de pertêcer o Estato Ecclesiastico, & a Theatral do Summo Sacerdocio, para evitar os ciumes da emulação, tam perigosa entre iguaes, ordenou, que todos os Principes, & Cabeças de cada Tribu, trouxessem a sua vara ao Tabernaculo, para q̃ postas no Sancta Sanctorum, & na presença da Arca, aquella, que milagrosamente florescesse, declarasse, qual era a

elei-

Elin.

Psalm
89. 6Cant.
7. 12.
Ibid.
11.Ibid.
12.

eleição de Deos, & a confirmasse. Fezle assi n: & na manhã seguinte vindo Moysés, & os demais, a reconhecer as suas varas, achátao, que a de Aram reverdecida, não só tinha produzido flores, mas

Nam. 17. 8. flores, & frutos: *Invenit germen in virga Aron: & eruptibus geminis eruperunt flores, qui, folijs dilatatis, in amygdalas deformati sunt.* Este milagre teve duas partes, a primeira necessaria, & a segunda parece que não. Que a vara florescesse, era necessario, porque este era o final da eleição divina, em q todos se tinham cõprometido: que além das flores d'elle tambem frutos, não era necessario; porque né Moysés tinha proposto esta condição, nem os demais a esperavao. Pois se Deos não faz, nem multiplica milagres sem necessidade, porq acrescentou o segundo milagre ao primeiro, & não só fez, que a vara de Aram florescesse, mas que juntamente com as flores produzisse tambem fruto? S. Bernardo, & Ruperto, seguindo a Santo Agostinho, respondem, q aquella vara era hũa, & representava outra: era a

vara de Aram, & representava a vara de Jessé, a Virgem Maria Senhora nossa. É para significar Deos, que escolhia a Aram entre todos os homês parã o Summo Sacerdocio, bastava, que a vara, emquanto vara de Aram, florescesse: porê m para significar, que o mesmo Deos havia de escolher a Virgem Maria entre todas as moheres para Mãe de seu Filho, era necessario, que a mesma vara, emquanto representava a vara de Jessé, não só produzisse flores, senão flores, & frutos juntamente. He o que a Igreja canta da mesma Virgem, & da mesma vara: *Virga Jesse floruit: Virgo Deum, & Homine genuit*: A vara de Jesse floresceu: & a Virgem gerou a Deos Homem. *Virga Jesse floruit: Eis ahi a flor: Virgo Deum, & Hominem genuit*: Eis ahi o fruto.

552 No mesmo mysterio temos tudo, & não cõ hũa só, senão com dobrada confirmação. O Anjo, que trouxe ao mundo a embaixada, de que Deos se queria fazer Homem, não só veyo dirigido à Mãe, senão tambem à

Luc 1.
26.

Patria, de que havia de nascer. Veyo dirigido (diz o Texto) à Patria, que era Nazareth: *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatem Galilææ, cui nomen Nazareth: & veyo dirigido à Mãy, que era Maria: Ad Virginem desponsatam viro, &c. & nomen Virginis Maria.* É porque razão, ou com que mysterio, não só se encaminhou o Embaixador, & a embaixada nomeadamente à Mãy, senão também nomeadamente à Patria? Porq̃ o Filho, que havia de nascer, sendo hum, havia de ser fruto de duas flores: hũa flor, q̃ era a Patria, & outra flor, que era a Mãy. Ora vede. Nazareth quer dizer flor: & assim a Cidade de Nazareth, como a Virgem de Nazareth, ambas erão flores sem esperança de fruto. A Virgem de Nazareth era flor sem esperança de fruto, pelo voto com que se tinha consagrado a Deos da Virgindade perpetua, no qual renunciou voluntariamente toda a esperança de haver de ter filho: sacrificio em que a Senhora foi a primeira entre todas as mulheres, & a unica entre todas as

daquelle tempo, as quaes anciosamente pelo fruto de sua fecundidade esperavaõ ter parte na geraçãõ do Messias. A Cidade de Nazareth também era flor sem esperãça de fruto, & com nota bem particular, ou particularidade bẽ notavel; porque era proverbio antiquissimo em toda Galilæa, que de Nazareth se não podia esperar cousa boa. Esta he a razão, porque dizendo o Apostolo S. Felippe a Nathanael, que tinha achado o Messias, & que era de Jesu de Nazareth; Nathanael, como Letrado tam douto em todas as tradições Hebréas, lhe respondéo: *A Nazareth pot' est aliquid boni esse?* Por ventura, de Nazareth pôde sair algũa ^{Ioan. 1.} ^{46.} cousa boa? Tal era o estado, em que se achavaõ, a Cidade de Nazareth, & a Virgem de Nazareth, cada huma dellas flor, & ambas sem esperança de fruto: quando a Cidade, & à Virgem chegou a embaixada celestial, de que na mesma Cidade, & da mesma Virgem havia de nascer o Filho de Deos. É q̃ se l'guio daqui? Que a Virgem, como Mãy, deu a Christo o nome de Je-

su: *Vocabis nomen ejus Iesu n*:
 & a Cidade, como Patria,
 Luc. 1 & deu ao mesmo Christo o sobrenome de Nazareno: *Quoniam Nazareus vocabitur*. E
 31. por este modo, sendo Jeshu
 Mat. Nazareno hum só fruto, foi
 th 2. fruto juntamente de hũa, &
 23. outra flor: fruto da flor Nazareth, em quanto Nazareno; & fruto da flor Maria, em quanto Jeshu: *De qua natus est Iesus*.

553 Mas se bem a Virgem de Nazareth (como a mesma Nazareth) foi flor cõ fruto; nesta grande prerogativa teve a Rosa Mystica, hũa tam singular excellencia, que não só excedeo a Rosa natural, estéril, & infructifera; mas a todas as flores, que daõ fruto, fez perder a cor de corridas. As flores, que produzem fruto, todas morrem de parto. Custalhes o parto a vida, & o chegar a dar fruto o deixar de ser flor. He o que disse elegantemente em duas palavras Plinio: *Pereunt, ut pariant*. São as flores, como Rachel, que morreo de parto de Benjamim. Vivèo o filho, & morreo a mãy, nascéo o fruto, & percéo a flor. O principio do

Plin.

fructificar foi o fim do florescer: & esta he a triste pensão, com que todos os filhos das flores nascẽ Posthumos; porque nem o fruto vio a flor, de que nascéo, nem a flor o fruto, que produzio. Na vara flor recente de Aram he notavel a palavra, com que o Texto Sagrado declara, que as flores deraõ fruto: *Flores in amygdalis deformati sunt*. Não diz, que as flores produziraõ, ou se transformaraõ, senão que se deformaraõ em frutos: *Deformati sunt*. O de formar-se he deformidade, porq̃ he perder a propria fôrma. Havemos pois de dizer, que he deformidade das flores o produzir frutos? Sim. Porque quando o fruto recebe a fôrma, perde a flor a sua. Por mais fermosas que fossem as flores, em chegando a produzir fruto, já o que era fermosura, fica deformidade, perdida a gala, perdida a cor, perdida a fôrma, & cahido, & perdido tudo o que lhe dava o nome, & ser de flor.

554 Não assim a flor de Nazareth Maria, como fallando com a mesma Senhora argue discretamente S. Pedro Chry:

Chry- Chrylologo: *In tuo conceptu,*
 fol. *in tuo partu crevit pudor, auēta*
 Serm. *est castitas, integritas roborata*
 142. *est, est solidata virginitas.*
Virgo, si tibi salva sunt omnia,
quid dedisti? Na v. ssa Con-
ceição, & no vosso parto, Sen-
hora, crecēo a pureza, aug-
mentouse a castidade, forti-
ficouse a inteireza, & confir-
mouse a virgindade. Pois,
Virgem, se nada perdestes, q̄
he o que dēstes: Si tibi salva
sunt omnia, quid dedisti? Bem
perguntado, & bem arguido,
se a obra fora da natureza. A
natureza não sabe dar sem ti-
rar: tira, & destrue hũa fôr-
ma, para dar, & introduzir
outra. Mas não assim na Chea
de graça, em que as Leys da
Natureza não tiverão parte.
Deu a graça, & recebēo o Fi-
lho a fôrma de fruto, sem ti-
rar, nem perder a Mãy a fôr-
ma de flor. Se a Rosa natural
tivera entendimento, & lhe
perguntassem, porque era flor
sem fruto: responderia sem
dúvida com magestade de
Rainha, que antes não que-
ria ter fruto, que perder a ho-
nestidade, & a honra. O mel-
mo respondēo a Rosa Myl-
tica, não em outro, se não no

mesmo caso. Quando o An-
 jo disse à Senhora: *Ecce concipi-*
es, & paries Filium: respon- *Luc. 1*
 deo a Virgem conforme o *31.*
 voto, & preclupposto, em que *Ibid.*
 estava firma: *Quomodo fiet is*
tud, quoniam virum non cog-
nosco? E porque antepoz a
honra, & a honestidade ao fru-
to; porisso foi flor com fru-
to, sem perder a honra, & ho-
nestidade de flor. Assim o diz
a mesma Virgem, & pelas
mesmas palavras: Flores mei
fructus honoris, & honestatis: *Eccleij*
24. 23
 as minhas flores são frutos de
 honra, & de honestidade. *Ete*
Corne-
num in arboribus (commenta *lius ibi*
 Cornelio) *flores simul cū fru-*
ctibus existerē non possunt, sed
erumpente fructu, decidit flos:
at verò in sola Despara (super
 omnem naturae cursum haec duo
 conjuncta reperiuntur. Diz
 pois a Virgem, que as tuas
 flores são frutos da honra, &
 da honestidade; porque se os
 frutos não fossem da honra,
 & da honestidade, quando na-
 cesssem os frutos, cahiriaõ as
 flores. E como sō o fruto
 bem ditto da bem ditto entre
 todas as mulheres se i. fruto
 da honra, & da honestidade:
 sō, & unicamente nella se acha
 o fruto

o fruto junto com a flor, & a flor junta com o fruto: o fruto Jesu, & a flor Maria: *Maria: de qua natus est Iesus.*

IV.

555 **T**emos visto como a Soberana Rosa Mystica he Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. De hum fruto parece que se não podem colher outros frutos: & muito menos das espinhas, das quaes disse Christo: *Nunquid colligunt de spinis uvas, aut de tribulis ficus?* Comtudo assim das espinhas, de que carecéo a mesma Rosa Mystica, como do fruto, q̄ produzio, havemos nós de colher, não só copiosos, mas preciosos frutos. *Veniat dilectus meus in hortum suum, & comedat fructū promorum suorum.* Venha o meu Amado (diz a Virgem Senhora nossa) ao seu Jardim, & colha os frutos de seus frutos, que são os mesmos, de que tinha ditoe: *Cum pomorum fructibus.* E já temos fruto de frutos, que era a primeira cousa, que parecia nova, difficiliosa, ou impropria. O Amado

todos sabemos que he por antonomasia Christo: o seu Jardim tambem temos ditto muitas vezes, que he o Rosario. E quaes são os frutos, de que se haõ de colher, ou de q̄ se colhem outros frutos? São os Mysterios do mesmo Rosario, nos quaes está repartido o bemditto fruto do Ventre Sacratissimo; & porisso, sendo hum só fruto, se chama frutos. Para colher p̄ is agora, ou para recolher estes frutos, & para saber, & comprehender, quaes, quantos, quam grandes, quam uteis, & maravilhosos sejaõ; basta só a memoria do que temos tam largamente historiado, & discorrido nestes trinta Sermons, nos quaes reduzidos ao epilogo de hũa só palavra, mostramos, que no Rosario da Virgem, Senhora nossa, tem seguros seus devotos todos os bens. Todos os bens, ou são da Natureza, ou da Fortuna, ou da Graça, ou da Gloria. Os da Natureza são a vida, & a saude: os da Fortuna, a riqueza, & a honra: os da Graça, o perdaõ dos peccados, & augmento das virtudes: os da Gloria, a Vista de

de

Mat.
th. 7.
16.

Cant.
5.1.

Cant.
4.13.

de Deos, & Bemaventurança Eterna. E quantos vimos, que desconfiados de todos os remedios humanos por virtude do Rosario recuperárao a saude: & estando para morrer, ou condemnados à morte, & ainda depois de mortos, tornárao à vida? Quantos, q̃ perdida a fazenda, ou não tendo que perder, da miseria da extrema pobreza surgiraõ subitamente à opulencia de ricos: & abatida na opiniaõ dos homens a honra, se virãõ mais honrados do que dantes eraõ? Quantos, que pela continuacão, & enormidade dos peccados, quasi desesperados do perdaõ, se restituiraõ á Graça? Ou tibios, & imperfeitos nas virtudes, subiraõ ao grão mais alto da perfeicão? E quantos finalmente, que morrendo impenitentes, & segundo a presente justiça, ou dignos de condemnacão, ou já condemnados, aos quaes arrancados das unhas do Demonio, & das gargantas do Inferno, se lhe cê cedéo nova vida, com que merecêraõ a eterna? Estes saõ os frutos, que se colhem do fruto da Rosa Mystica, em-

quanto Rosa com fruto.

556 E emquanto Rosa sem espinhas, livranos tambem dellas? Sim. E pelo mesmo modo, & privilegio singular, com que seu Filho a livrou, que he o da preservaçãõ. Todos os males, trabalhos, desgraças, & misérias desta vida, saõ feridas, mais, ou menos penetrantes; com que nos picaõ, ou trespassaõ as espinhas de Adam. Assim o confessou David: *Conver-* *Psal.*
Jus sum in arumna mea, dum ^{31. 4.}
configitur spina: Convertime nos meus trabalhos, quando nelles, & com elles, se pregavãõ em mim as espinhas, que nascêraõ do primeiro peccado. Para evitar estas espinhas, nenhũa prudencia, nenhũa cautella basta; porque os casos subitos, & as desgraças, se levantaõ debaixo dos pés, & não estaõ na mão do homem. Que Lavrador ha de imaginar, que semeando trigo, & plantando vides, da terra, & da vinha lhe haõ de nascer espinhas? Pois isto he o q̃ succede aos homens, que donde tinhaõ razaõ de esperar a conveniencia, lhe nasce a desgraça, & em vez de colher fru-

frutos , cõlhem espinhas. Jeremias fallando da sementeira do trigo : *Seminaverunt triticum, & spinas messuerunt.* Semeáraõ trigo, & colhéraõ espinhas : & Isaías fallando da planta das vides: *Expectata est ut faceret uvas, fecit autem spinas*: Esperava, que da minha vinha houvesse de colher uvas, & colhi espinhas. Destas espinhas pois nascidas donde menos se podiaõ esperar, ou temer, & destes cafos inopinados, que nenhuma providencia pôde prevenir, & de q̃ nenhuma cautella nos pôde livrar, nos livra a Mãy de Deos por meyo do seu Rosario, preservandonos das mesmas desgraças, & dos mesmos trabalhos, sem nõs o sabermos, nem advertirmos.

557 Muitos annos havia, que hum devoto bem intencionado rezava o Rosario; quando o Demonio o tentou com pretexto de maior serviço de Deos, não a que deixasse a devação, mas a que trocasse esta por outra. Ha tantos annos (dizia com si-go) que rezo o Rosario, sem que por este serviço receba

nenhũa mercê, õu favor da Virgem Maria; final certo; q̃ lhe não agrada: & assim parece, que será mais conveniente, que eu sirva a mesma Senhora, & lhe offereça outto tributo, que lhe seja mais agradavel, cõ que mereça alguma remuneração, que em tanto tempo não tenho merecido. Assim estava este homem, não dileberado, mas inclinado, & vacilante; quando ouviõ huma voz, que o chamou por seu nome. Quem me chama? disse espantado. Chama-te (continuou a voz) quem quer saber de ti, porque te queixas da Senhora do Rosario. Não me queixo, respondeu, mas descontentame esta devação; porque havêdo tantos annos, que a continuo, nenhum favor tenho alcançado por ella. Oh ingrato, & desconhecido (replicou entãõ a mesma voz, & com maior aspereza:) Já que dizes, q̃ nenhum favor alcançaste pela tua devação: responde-me ao que te quero perguntar, Dizeme: Onde estão teus irmãos? Não morrerãõ todos, & tu estás vivo, & saõ? Tal, & tal casa de teus visinhos, não

arderaõ, & a tua está em pé? Tantos outros não padecerão tantas desgraças, & infortunios, na fazenda, na honra, na vida, na mulher, nos filhos; Pois se a Virgem Maria, como Senhora do Rosario, pelo que tu lhe rezavas, te preservou de tantos trabalhos, desastres, & perigos: como dizes, que te não tem aproveitado esta devaçãõ, nem a Senhora por ella te tem feito mercês, sendo estas tam grandes? Ouvindo isto, ficou corrido, & confuso o bem intencionado, mas mal entendido devoto do Rosario. Conheceo, que querer trocar esta devaçãõ por outra, era tentaçãõ do Demonio: & vio claramente, que as mercês, q̃ sem reparar, nem advertir, tinha recebido, eraõ mais, & maiores, & muito mais singulares, que quantas ella podia dezejar, nem pedir. De forte, que os bens, que nos faz, & os males, de que nos livra a Virgem Santissima do Rosario, respondem às duas propriedades da Rosa Mystica, Rosa sem espinhas, & Rosa com fruto. Rosa sem espinhas, de que foi preservada,

Tom.6.

preservandonos dos males: & Rosa com fruto; de que foi fecundissima, communicandonos os bens: & em hũa, & outra excellencia como Mãy do Autor de todos os bens, & Redemptor de todos os males, que he Jesu: *Maria: de qua natus est Iesus.*

VII.

558 **T**Enho provado o que prometti, & mostrado em huma, & outra Rosa, não tanto a semelhança da natural, quanto a differença, & ventagens da Mystica. E pois este ultimo Sermão he o fim dos demais, justo será, que tambem nelle, & com elle demos o fim a todos. Mas que direy Eu aos devotos, & não devotos do Rosario, por conclusãõ, & remate de quanto lhes tenho ditto? Sejaõ por despedida dous desenganos: hum, com que nos amoeita a Rosa natural a brevidade desta vida, & outro, com que nos lembra a Rosa Mystica os riscos, & Eternidade da outra,

559 Estava callado o mais Eloquentre de todos os

Kk

Pro-

Mat.
40. 6
7.

Profetas, Isaias, quando ouviu hũa voz do Ceo, a qual lhe mandava que brádasse: *Vox dicentis, Clama.* E como o Profeta perguntasse o que havia de brádar: *Et dixi, Quid clamabo? respondéo a voz: Omnis caro fanum, & omnis gloria ejus quasi flos a gri. Exsiccatum est fanum, & cecidit flos.* O que has de brádar com taes vozes, que todos te ouçaõ, he, que a vida do homem he, como o feno verde, & toda a sua gloria, como a flor do campo: sec-

couse a verdura; cahio a flor. Tal he a brevidade da nossa vida: & não ha flor, que não esteja brádando: Homens, aprendey de mim. Porisso dizia o mais defenganado de todos: *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore; &c.* *Qui quasi flos egreditur, & conteritur.* E se qualquer flor he espelho para a vida humana, & defngano para a brevidade della, quanto mais a que mais florece, & menos dura que todas, & a que he a flor das flores, a Rosa? Iob. 14
1. 2.

*Quàm longa una dies, etas tam longa Rosarum:
Una dies aperit, conficit una dies.*

Aus-
tinus.

Toda a idade, ou idades da Rosa, não tem mais duraçaõ que de hum só dia, em que nasce, vive, & morre. O mesmo Sol, que a vò de manhã fresca, & fermosa, de tarde a deixou murcha, & secca. Com tam apressado voo passa a Rosa a carreira da vida, sendo nova prégadora cadadia da brevidade da nossa. Tal he o documento, & defngano, que nella cõsideraõ, Poetas, Oradores, & Santos: moralidade que algum dia me

parecéo demaziadamente encarecida, & estreita; mas hoja vejo, que ainda he larga. Neste mesmo Mayo de Mil seiscientos, & oitenta & seis, em que escrevo esta regra, & não sey se chegarey a acaballa, mais larga vida he a da Rosa na Europa, que a dos homens na America. Là toda a Rosa tem de vida hum dia inteiro, cã muitos horês (que tal he a força do mal presente) não chegaõ a ter a metade do dia, nem duas horas, nem hũa, arrebatados

rebatados da saude à morte, sem passar pela enfermidade. Este he o Clima mais benigno, estes os Ares mais puros, esta a Terra mais sadia, esta he hoje a Bahia. Mas que importa, que a Terra, o Ar, & as Influencias dos Astros se mu lem, ou não mu lem, se todos trazemos dentro em nós o veneno da propria mortalidade. As treguas da vida sempre duvidosa, & incerta, poderão durar mais, ou menos; mas finalmente se ha de morrer. Finalmẽte (torno a dizer) se ha de morrer. E se a disposiçãõ mais robusta, & a vida te mais florẽte, não tem hum dia, nem hũa hora, nem hum momento seguro: que deve fazer cada hum neste universal defengano da vida, senão tratar da eterna.

560 Este he o fruto, & de summa importancia, que da Rosa natural, que não dá fruto, devem colher os que tem Fé, & Juizo. E porque dos riscos da Eternidade só nos póde livrar a Rosa Mystica, seja a segunda conclusãõ, & ultimo defengano, que só debaixo do patrocínio da Virgem Maria, Senhora nos-

ta, se póde esperar, & conseguir a Vida Eterna com firme, & segura confiança. Nella, & por ella se salvaõ, todos os que se salvaõ: & sem ella, & porque sem ella, porisso se perdem, quantos se perdẽ. Ouvi concordẽs na mesma, & admiravel sentença, a dous insignes Interpretes dos Arcanos Divinos, Santo Anselmo, & S. Boaventura: *Sicut, D. Anselm de B. atissima, orans à te aver-* ^{selm de}
sus, & à te respectus, nec esse ^{landib}
est ut intereat: ita omnes ad te ^{Virg.}
conversus, & ad te respectus, ^{D. Bo.}
impossibile est ut pereat. Al. ^{in Pha-}
sim como, ò Virgem Beatif- ^{retr.}
si na, todo aquelle, que se a- ^{cap. 5ª}
parta de vòs, & vòs apartais delle vossos misericordiosos olhos, necessariamente se perde: assim aquelle, que se converte a vòs, & vòs ponde nelle os olhos de vossa misericordia, & piedade, impossivel he, que se não salve. As palavras, *Necesse est, & Impossibile est*, são as mais apertadas, que se podem dizer, nem imaginar. E estes são os termos, porque fallaõ, com approvaçãõ geral dos Theologos, aquelles grandes Doutores, & tam alumiados do

Joan.
19,
26.

Mat.
th 27.
46.

Geo. Quanto à primeira parte, he notavel a consequencia da terceira, & quarta palavra de Christo na Cruz: a terceira foi: *Mulier: ecce Filix tuus*: na qual Christo deixou a S. Joã sua Mãy: a quarta foi: *Deus meus, Deus meus, et quid dereliquisti me?* na qual se queixou de se ver deixado de Deos. Pois quando Christo deixa sua Mãy; então se vé deixado de Deos? Sim. Porq̃ Christo na Cruz, como tinha tomado sobre sy nossos peccados, fazia figura de peccador: & següdo a propriedade desta figura, que representava (neita representação digo, & segundo a propriedade desta figura, que representava) foi consequencia natural, que se visse deixado de Deos, quando acabava de deixar a sua Mãy: porque todo o peccador, que deixar a Mãy de Deos, necessariamente se verá tambem deixado de Deos: *Necesse est ut pereat*. Pelo côtrario (quanto à segunda parte). S. Joã no mesmo Theatro do Galvario fazia figura dos Predestinaos, que porisso nomeadamente se chama alli o A-

made: *Discipulum, quem diligebat*: & aquella, a que Deos da a Virgem Maria por Mãy: *Ecce Mater tua*: & elle a aceita, & serve como tal: *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua*: assim como os Predestinaos não podem deixar de se salvar; assim he impossivel, que elle se perca: *Impossibile est ut pereat*.

561 Suppostos estes dous defengãos, hum do fim desta vida, que não pôde tardar muito: & outro da vida sem fim, que só se pôde assegurar, ou perder, no patrocínio da Mãy de Deos, ou falta delle: o que resta, he, que todos servindo com verdadeira devação á mesma Senhora, procuremos merecer, & alcançar o patrocínio, & amparo de sua poderosissima Graça. Oh que me dera nesta ultima despedida poder persuadir, & meter na Alma de todos esta resolução! Mas porque não fio tanto da fraqueza do meu Espirito: ouvi ao devotissimo, & espiritualissimo Thomás de Kempis, exhortando a todos ouvintes em semelhante caso: *Elegite hanc benignissimam Matrem Iesu in Matrem special.*

Joan.
19.26

Ibid.
27.

Thom.
a Kempis
p. 3. p.
Serm.
2.

cial. m.

eialem, & advocatam ante mortem: & salutate eam Angelica Salutatione frequenter, quia hanc vocem audit valdè libenter. Elegy a benignissima Mãy de Jesu por especial Mãy vossa, & avogada antes da morte, & fudaya frequentemente cõ a Oração da Ave-Maria, & Saudação do Anjo, cuja voz sempre ouve com grande vontade, & lhe agrada muito, por mais que se repita muitas vezes, como fazemos no Rosário. *Mariam salutate*: Sauday a Maria: *Mariam invocate*: Invocay a Maria: *Mariam cogitate*: Meditay em Maria: *Mariam nometate*: Nomeay a Maria: *Mariam honorate*: Honray a Maria: *Mariam semper glorificate*: Glorificay sempre a Maria. E porque não bastaõ só as vozes, & louvores da boca; acompanhay a Maria em todos os Passos de sua vida, & de seu Filho: *Cum Maria ambulate*: que he a segunda, & mais interior parte do mesmo Rosário. *Cum Maria Iesum querite*: Com Maria busca y a Jesu: *Cum Maria Iesum in ulnis portate*: Cõ Maria trazey a Jesu nos bra-

ços: *Cum Maria, & Iesu in Nazareth habitate*: E cõ Maria, & Jesu moray em Nazareth: que saõ o Mysterios Gozolos *Cum Maria in Ierusalem ite*: Com Maria ide a Jerutalem: *Cum Maria juxta Crucem Iesu stete*: Com Maria estay junto da Cruz de Jesu: *Cum Maria Iesum plorate*: Com Maria lamentay a morte de Jesu: *Cum Maria Iesum sepelite*: E com Maria o sepultay: que saõ os Mysterios Dolorosos. *Cum Maria, & Iesu resurgite*: Com Maria, & Jesu resuscitay: *Cum Maria, & Iesu Cælos ascendite*: Com Maria, & Jesu subí ao Cco: *Cum Maria, & Iesu vivere, & mori desiderate*: E cõ Maria, & Jesu dezejay viver, & morrer nesta vida, para os gozar na outra: que saõ os Mysterios Gloriosos.

562 Assim deu fim à sua exhortação o Espirito extático de Thomàs, sem nomear o Rosário, nem cuidar nelle; porque o Espirito, & Alma desta devação, não consiste no nome, que lhe deu a Rosa natural, tenaõ no mystico dos Mysterios, de que ha

composto. Esta foi, & he a razão, porque no principio offereci, & agora torno a offerecer à Soberana sempre Virgem, minha Libertadora, & Senhora, estes dous pe- quenos, & mudos tributos da já cançada penna, debaixo do nome sem voz de Rosa My- tica.

VIII.

563 **T**Res defeitos gran- des reconheço, & confesso nelles, os quaes, pos- to que tarde, como contri- ção na hora da morte, me ha de ensinar a emendar a mes- ma Senhora, & Mestre do Rosario. O primeiro defeito heja Largueza dos Sermões: o segundo a Eleição dos Assumptos: o terceiro a Indig- nidade do Prégador. A Lar- gueza dos Sermões, que fen- do no numero trinta, na ex- tenção são mais de sessenta, & porisso molestos a quem os ler. A Eleição dos Assump- tos, que para os doutos po- deriaõ ser mais levantados, para o vulgar mais claros, & para todos mais uteis. A In- dignidade do Prégador, que

tanto diminue o credito na doutrina, como a Fé em que a ouve. Mas todos estes de- feitos suprirá hum só Sermão summamente breve, summa- mente util, & de summa au- thoridade, & dignidade. As- sim como Deos tendo falla- do primeiro pelos Profetas, depois como notou S. Pau- lo, fallou por seu proprio Filho: *Olim Deus loquens in Hebr. Prophetis: novissimè locutus est nobis in Filio: allinã també tendo muitas vezes prégado o Rosario por S. Domingos, & seus Filhos, ultimamente o prégou, & ensinou a prégar por sua propria Mãy: Novis- simè locutus est nobis in Ma- tre.* Quando S. Domingos na Festa de S. João Evangelista, tendo estudado hum doutri- simo Sermão para prégar na Cathedral de Nofra Dama a toda a Corte, & Universida- de de Pariz, lhe mandou a Soberana Virgem, que pré- gasse do Rosario, como já re- feri: me éolhe na mão a Se- nhora hum Livro, dizendo, que alli estava escrito hũ Ser- mão do Rosario, & q̄ assim lhe mandava, que o pré-gasse, & se devia prégar. Este Ser- mão

maõ pois brevissimo , utilissimo, & dignissimo, reſervey, & poupey para este ultimo lugar, naõ como coroa, mas como retractacção, & emenda dos meus, dezejando, quando menos, acabar bem.

564 O modo de pregar de Christo, Sabedoria infinita, todo era para parabolasy, & este Sermaõ da Mãy da mesma Sabedoria todo he por supposições, & perguntas, para que nõs tiremos as consequencias. Fortissimo modo de persuadir, & evidẽtissimo. Diz pois, ou pergunta assim a Soberana Pégadora do Rosario. Diz yme: Se hum Reyno estivesse falto de successão, por ser a Rainha esteril, & lhe cõferecsem huma Bedra preciosa, por virtude da qual ficasse fecunda, naõ a aceitaria com muito gosto? Nesta pergunta alludia a Senhora à Rainha Dona Branca de França, q̃ por virtude do Rosario, naõ tendo Succesor o Reyno, alcançou hum filho, & tal filho, como S. Luis. Agora falla em geral cõ todos, fazendo pelo mesmo modo diferentes perguntas.

565 Diz yme: Quem

ha de passar por terra de inimigos, naõ procura levar hũ Salvo conduto, com que lhe dem a passagem livre? E se o caminho he escuro, & de noite, naõ estima muito huma Luz, que va diante, & o guie? E se he deserto, & despovoado, naõ deve prevenir, & levar comsigo o Viatico? E se cansado de caminhar achar hũa Arvore sombria, & huma Fonte fresca, naõ tem este por hum grande alivio, & regalo?

566 Mais: Se na terra, em que viveis, fõssẽ todos tam pobres, ou tam avarentos, que pedindo vós elemosade porta em porta, ninguem vola dẽsse, & tivessẽs noticia de hum Principe muito rico, & muito misericordioso, naõ vos chegarieis a elle? E se a mesma terra se abrazasse em peste, & vos incurcassẽ hum Antidoto, contra o qual naõ tivesse forza o contagio, naõ o comprarieis logo, & trarieis junto ao coração? E se as Sentinellas dẽssem rebate, & chegassem a bater a Cidade Exercitos inimigos, naõ vos recolherieis ao Castello mais forte?

567 Finalmente: Se tivésseis metido, & aterrorizado em hum carcere sem esperança de liberdade, & vos offerecessem hũa Chave, cõ que abrir as portas, & sair delle, não beijareis a mão de quem vola dêsse, & vos poríeis em salvo? Ou se tivésseis offendido o Rey com graves crimes de Lesa Magestade, estando já para ouvir a sentença de morte com confiscação de todos os bens, & perpetua infamia: não sollicitaríeis por todas as vias, & a todo o preço, a graça, & patrocinio da Rainha, para que vos valesse naquelle perigo, & vos alcançasse perdão?

568 Isto he o que préga, & estas sãõ as perguntas, que faz a Virgê do Rosario, suppondo, que o mesmo Rosario he o Salvo conduto para os inimigos, a Luz para as trevas, o Viatico para o deserto, a Arvore lombria para o Calor, a Fonte fresca para a sede, o Rico misericordioso para a esmola, o Antidoto

para a peste, o Castello forte para a guerra, a Chave para o carcere: & sobre tudo a mesma Senhora, a Rainha sãõ poderosa, para aplacar, & alcançar perdãõ do Rey offendido, & irado. O que agora resta, he, que cadahum respõda a estas perguntas, & sobre estas supposições tire as consequencias. Haverá algum, tam mal entendido, & tam inimigo de sy mesmo, & da sua salvaçãõ, que não infira daqui, & se persuada, & resolva, a procurar o patrocinio, & amparo da Senhora do Rosario, & por meyo do mesmo Rosario a se introduzir na sua Graça? Ouçãõ todos, & considerem, & meditem devagar, as forças deste fortissimo Sermão, & as evidencias deste invencivel Discorso. Eos que responderem, como devem, às perguntas, bem podem ajuntar às supposições, que sem duvida sãõ do numero dos Predestinados para a Gloria: *Quam mihi, & vobis: &c.*

FINIS. LAUS DEO.

INDEX

I N D E X

Dos Lugares da Sagrada Escriura.

Os Numeros significão as Paginas , & as Collunas.

Ex Libr. Genes.

Cap. 1. v. 1. **I**n principio creavit
Deus Cælum, & ter-
ram. Pag. 368. col. 1.

v. 2. Spiritus Dei ferebatur su-
per aquas. pag. 436 col. 1.

v. 3. Fiat lux. Et facta est lux.
pag. 367. col. 2.

v. 5. Appellavitque lucem diem.
pag. 367. col. 2.

Ibid. Factum est vespere, & ma-
nè, dies unus. pag. 151. col. 2. in
fin.

v. 10. Congregationes aquarum
appellavit maria. pag. 436. col.
1.

v. 11. Germinet terra herbam
virentem, & lignum pomiferum
faciens fructum pag. 502. col. 2.

v. 25. Vidit Deus quòd esset bo-
num. pag. 202. col. 1. in fin. &
seqq.

v. 27. Creavit Deus hominem ad
imaginem, & similitudinem
suam. pag. 340. col. 1.

v. 31. Vidit Deus cuncta, quæ fe-
cerat: & erant valde bona. pag.
202. col. 2 in med. & seqq.

Cap. 2. v. 2. Requievit die septimo.
pag. 286. col. 2. in med.

v. 8. Plantaverat autem Domi-
nus Deus Paradisum volupta-
tus :::: in quo posuit hominem.
pag. 121. col. 1. in princip.

v. 10. Et fluvius egrediebatur de
loco voluptatis ad irrigandum
Paradisum. pag. 121. col. 1. in
med. & seqq.

Ibid. Inde dividitur in quatuor
capita. pag. 123. col. 1. in princip.

v. 16. Præcepitque eis, dicens: Ex
omni ligno Paradisi comede:
& c. pag. 400. col. 2.

v. 21. Replevit carnem pro ea.

- 2
- pag. 367. col. 2.
- v. 22. *Edificavit Dominus Deus costam, quam tulerat de Adam, in mulierem: & adduxit eam ad Adam.* pag. 63. col. 1. in princip. & in fin.
- Cap. 3. v. 1. & seqq. *Sed & serpens erat callidior: &c.* pag. 334. col. 1. & pag. 400. col. 2.
- v. 8. *De ambulantis in Paradiso ad auram post meridiem.* pag. 334. col. 1. in fin.
- v. 15. *Inimicitias ponam inter te, & mulierem.* pag. 24. col. 1. in med. & pag. 496. col. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. *Ipsa conteret caput tuum, & tu insidiaberis calcaneo ejus.* pag. 24. col. 2. in med. & pag. 496. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 17. *Maledicta terra in opere tuo.* pag. 495. col. 1. & seqq.
- v. 18. *Spinæ, & tribulos germinabit tibi.* pag. 495. col. 1. & seqq.
- Cap. 4. v. 25. *Posuit mihi Deus semen aliud pro Abel.* pag. 367. col. 2.
- Cap. 6. v. 6. *Tactus dolore cordis intrinsecus.* pag. 195. col. 1. in princip.
- Cap. 7. v. 18. *Porrò Arca ferebatur super aquas,* pag. 28. col. 2. in princ.
- v. 20. *Quindecim cubitus altior*
- fuit aqua: &c.* pag. 28. col. 1. in fin. & pag. 322. col. 1. in fin.
- v. 22. *Cuncta, in quibus spiraculum vitæ est in terra, mortua sunt* pag. 28. col. 2. in med.
- v. 23. *Remansit autem solus Noe, & qui cum eo erant in Arca.* pag. 28. col. 2. in med.
- v. 24. *Obtinuerunt aquæ terram centum quinquaginta diebus.* pag. 28. col. 1. in fin.
- Cap. 12. v. 1. *Egredere de terra tua, & de cognatione tua.* pag. 454. col. 2.
- v. 4. *Egressus est itaque Abram, sicut præceperat ei Dominus.* pag. 455. col. 1.
- Cap. 14. v. 1. & cap. 15. & seqq. *Factum est in illo tempore: &c.* pag. 498. col. 1. in med.
- Cap. 16. v. 1. *Ancillam Aegyptiam nomine Agar.* pag. 154. col. 1.
- v. 15. *Peperitque Agar Abræ filium.* pag. 154. col. 1. in fin.
- Cap. 18. v. 24. *Si fuerint quinquaginta iusti in Civitate.* pag. 312. col. 1.
- v. 32. *Non delebo propter decem.* pag. 312. col. 1.
- v. 33. *Abijtque Dominus.* pag. 312. col. 1.
- Cap. 19. v. 21. *Ecce etiam in hoc suscepi preces tuas: &c.* pag. 346. col. 1.
- Cap. 21. v. 10. *Ejice ancillam hanc,*
- &

- & filium ejus. pag. 154. col. 2. in med.
- Cap. 22. v. 2. Tolle filium tuum Isaac, & offeres eum in holocaustum super unum montium. pag. 454. col. 2.
- v. 13. Levavit Abraham oculos suos, viditque post tergum arietem inter vepres hærentem cornibus: &c. pag. 501. col. 2.
- Cap. 27. v. 1. & seqq. Senuit autem Isaac, &c. pag. 442. col. 2. in fin. & seqq.
- Cap. 28. v. 12. Vidit scalam stantem super terram, & cacumen illius tangens cælum. pag. 291. col. 1. & pag. 454. col. 2.
- Ibid. Angelos ascendentes, & descendentes. pag. 292. col. 1. & pag. 320. col. 2.
- v. 12. Terram, in qua dormis, tibi dabo, & semini tuo. pag. 292. col. 1.
- v. 17. Non est hic aliud, nisi domus Dei, & porta cæli. pag. 291. col. 1. in med.
- Cap. 29. v. 32. Vocavit nomen ejus Ruben, dicens: Vidit Dominus humilitatem meam. pag. 224. col. 1. in princip.
- v. 33. Quoniam audivit me Dominus, vocavitque nomen ejus Simeon pag. 224. col. 1. in med.
- Cap. 30. v. 6. Et appellavit nomen ejus Dan. pag. 175. col. 2. in princip.
- v. 8. Comparavit me Dominus cum sorore mea, & invaluí. pag. 163. col. 1. in fin.
- v. 11. Dixit: Feliciter. pag. 175. col. 2. in princip.
- v. 13. Dixit: Hæc pro beatitudine mea: Beatam quippe me dicent mulieres. Propterea appellavit eum Aser. pag. 175. col. 2. & seqq.
- v. 35. Separavit varios, atque maculosos: cum etiam gregem unicolore; &c. pag. 152. col. 2. in med.
- Cap. 32. v. 10. Cum duabus turmis. pag. 54. col. 2. in fin.
- v. 23. Traductis omnibus, quæ ad se pertinebant, mansit solus. pag. 54. col. 2. in fin. & pag. 55. & pag. 56. col. 1. in med.
- v. 24. Et ecce vir luctabatur cum eo pag. 55. col. 1. in med. & col. 2.
- Ibid. Usque mane. pag. 55. col. 2. in med.
- v. 26. Dimitte me. pag. 55. col. 2. in fin.
- Ibid. Non dimittam te, nisi benedixeris mihi. pag. 55. col. 2. in fin.
- v. 28. Si contra Deum fortis fuisti, quanto magis contra homines prævalebis? pag. 56. col. 1. & pag. 448. col. 2. in med.
- v. 29. Et benedixit ei in eodem loco. pag. 56. col. 1. in princip.

- 4
 Cap. 34. v. 1. *Egressa est autem Di-
 na, & c. pag. 65. col. 1. in med. & col. 2*
 Cap. 38. v. 29. *Illo vero retrahente
 manum. pag. 451. col. 1.*
 Cap. 41. v. 25. *Somnium Regis unū
 est. pag. 129. col. 2. in med.*
 Cap. 43. v. 11. *Si sic. necesse est, faci-
 te quod vultis. pag. 255. col. 2. in
 fin.*
 v. 34. *Maior pars venit Benja-
 min, ita ut quinque partibus ex-
 cederet. pag. 117. col. 2. in fin.*
 Cap. 49. v. 16. *Dan iudicabit. pag.
 181. col. 2. in fin.*
 v. 19. *Gad accinctus præliabitur.
 pag. 182. col. 1. in princip.*
 v. 20. *Aser pinguis panis ejus.
 pag. 182. col. 1. in princip.*
 v. 21. *Nephtthali cervus emissus,
 & dans eloquia pulchritudinis.
 pag. 181. col. 2. in fin.*
 Ex Libr. Exod.
 Cap. 1. v. 10. *Venite, sapienter oppri-
 mamus eum: & c. pag. 406. col. 1.*
 Cap. 2. v. 3. & seqq. *Cumque jam ce-
 lare non posset: & c. pag. 361.
 col. 1.*
 Cap. 3. v. 2. *Apparuitq. ei Dominus
 in flamma ignis de medio rubi:
 & c. pag. 415. col. 1. & pag. 499.
 col. 2.*
 v. 7. *Vidi afflictionem populi mei
 in Agypto, & clamorem ejus
 audivi propter duritiam eorum,
 qui præsumunt operibus. pag. 428.
 col. 1. & 2.*
 Cap. 4. v. 16. *Ipselocuetur pro te ad
 populum, & erit os tuum. pag.
 367. col. 2.*
 Cap. 7. v. 12. *Sed devoravit virga
 Aaron virgas eorum, & c. pag.
 328. col. 1. in fin. & pag. 330. col. 2*
 Cap. 8. v. 18. & 19. *Feceruntque si-
 militer malefici incantationibus
 suis: & c. pag. 328. col. 1. in fin. &
 pag. 330. col. 2.*
 Cap. 9. v. 29. *Cum egressus fuero de
 urbe extendam palmas meas ad
 Dominum, & c. pag. 61. col. 1.*
 Cap. 16. v. 3. *Cur induxistis nos in
 desertum istud, ut occideretis
 omnem multitudinem fame? pag.
 367. col. 2. in fin.*
 v. 15. *Manhu? Quid est hoc? pag.
 234. col. 1. & pag. 367. col. 2. in
 fin.*
 Cap. 19. v. 6. *Vos eritis mihi in Reg-
 num Sacerdotale. pag. 88. col. 1.
 in princip.*
 Cap. 20. v. 5. *Visitans iniquitatē pa-
 triū in filios, in tertiā & quartam
 generationē: & c. pag. 282. col. 2.*
 Cap. 23. v. 19. *secundum Septua-
 ginta. Non coques agnum in la-
 cte matris suæ. pag. 469. col. 2.*
 Cap. 26. v. 37. *Quinque columnas
 de aurabis: & c. pag. 303. col. 2.*
 Cap. 32. v. 10. *Dimitte me, ut iras-
 catur furor meus contra eos, &
 deleam eos. pag. 348. col. 1. & pag.
 454. col. 1.*

v. 13. Recordare Abraham, Isaac,
& Iacob: &c. pag. 454. col. 1.

v. 14. Placatusque est Dominus, ne
faceret malum: &c. pag. 455. col. 2.

Cap. 34. v. 23. Tribus temporibus
anni apparebit omne masculi-
num tuum in conspectu Omni-
potentis Domini Dei Israel. pag.
66. col. 2. in med.

Ex Libr. Levitici.

Cap. 11. v. 18. Et cygnum: &c. pag.
174. col. 1. in med.

Cap. 25. v. 1. & seqq. Locutusque est
Dominus ad Moysen: &c. pag.
307. col. 2.

v. 10. Sanctificabis annum quin-
quagesimum: &c. pag. 311. col. 1.

Cap. 27. v. 6. Pro masculo dabantur
quinque sicli. pag. 303. col. 1.

Ex Libr. Numeri. col. 2.

Cap. 10. v. 33. Arca fœderis. p. 349

Cap. 11. v. 13. Unde mihi carnes, ut
dero tantæ multitudini? &c.
pag. 368. col. 1. in princip.

v. 31. & 32. Vinus autem egre-
diens à Domino arreptas trans
mare coturnices detulit: &c.
pag. 368. col. 1. in princip.

Cap. 12. v. 10. Et ecce Maria appa-
ruit candens leprâ, quasi nix. p.
167. col. 2. in med.

Cap. 16. v. 30. Sim autem novam
rem fecerit Dominus, ut ape-
riens terra os suum, deglutiat
eos: &c. pag. 14. col. 2. in med.

Cap. 17. v. 8. Invenit germinasse
Virgam Aaron: & turgentibus
gemmis eruperant flores, quæ,
filius dilatatus in amygdalas de-
formati sunt. pag. 504. col. 1. &
pag. 506. col. 2.

Cap. 20. v. 1. Veneruntque filij Is-
rael, &c. pag. 77. col. 1. in fin.

v. 2. Cumque indigeret aquâ popu-
lus. &c. pag. 368. col. 1. in princ.

v. 11. Cumque elevasset Moyses ma-
nû, &c. pag. 368. col. 1. in princ.

v. 12. Dixitque Dominus ad Moy-
sen, & Aaron; &c. pag. 77. col. 2.
in princip.

Cap. 21. v. 8. Qui percussus aspe-
xit Serpētē, vivet. pag. 468. col. 2

Cap. 22. v. 5. Balaam filium Beor
ariolum. pag. 332. col. 2.

Cap. 23. v. 29. Edifica mihi hic
septem aras, & para totidem
vitulos, ejusdemque numeri
arictes. pag. 332. col. 2.

Cap. 28. v. 3. Hæc sunt sacrificia,
quæ offerre debetis, Agnos an-
niculos immaculatos: &c. pag.
167. col. 1.

Ex Libr. Deuteronomij.

Cap. 6. v. 4. & 5. Audi Israhel: Do-
minus Deus noster, Dominus
unus est. Diliges Dominum Deum
tuum ex toto corde tuo: &c. pag.
290. col. 2. in fin.

Cap. 32. v. 11. Sicut Aquila provo-
cans ad volandum pullas suas, &

- super eos volitans, expandit alas.* pag. 468. col. 2.
- v. 23. *Sagittas meas complebo in eis.* pag. 278. col. 2. in med.
- v. 35. *Mex est ultio.* pag. 324. col. 1.
- Cap. 33. v. 17. *Cornua Rhinocerotis, cornua illius.* pag. 449. col. 1.
Ex Libr. Josue.
- Cap. 1. v. 1 & 2. *Et factum est post mortem Moysi: &c.* pag. 368. col. 1. in princip.
- Cap. 3 v. 37. *Populus autem incedebat contra Iericho: & Sacerdotes, qui portabant Arcam, ::: stabant super siccam humum in medio Iordanis.* pag. 87. col. 1. in princip.
- Cap. 10. v. 5. *Quinque Reges Amorithæorum.* pag. 302. col. 2.
- v. 14. *Obediente Domino voci hominis.* pag. 348. col. 1.
- Cap. 21. v. 37 *Civitates refugij, Bosfor in solitudine; &c.* pag. 303. col. 1. in fin.
- Ex Libr. Judicum.
- Cap. 3. v. 3. *Quinque Satrapas Philistinorum.* pag. 302. col. 2.
- v. 8. *Iratusque contra Israel Dominus; &c.* pag. 406. col. 1.
- v. 9. *Qui suscitavit eis Salvatorem; &c.* pag. 406. col. 1.
- v. 14. *Servieruntque filij Israel, &c.* pag. 406. col. 1.
- v. 15. *Qui suscitavit eis Salva-*
- tozem, vocabulo Aod.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 4. v. 2. *Tradidit illos Dominus in manus Iabin Regis Chanæan.* pag. 406. col. 1.
- v. 6. & seqq. *Quæ misit, & vocavit Barac: &c.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 5. v. 20. *De Cælo dimicatum est contra eos: Stellæ manentes in ordine suo.* pag. 485. col. 1.
- v. 24. *Benedicta inter mulieres Iael.* pag. 485. col. 1. in fin.
- v. 25. & 26: *Aquam petentilac dedit. &c. Percussitque Sisaram.* pag. 485. col. 1.
- Cap. 6. v. 1. *Qui tradidit illos in manus Median.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 7. v. 20. & seqq. *Cumque pergyrum castrorum; &c.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 10. v. 7. *Tradidit eos in manus Philisthym.* pag. 406. col. 1.
- Cap. 11. v. 37. & seqq. *Transivitque Iephthæ ad filios Ammon: &c.* pag. 406. col. 1.
- Ex Libro Ruth.
- Cap. 1. v. 21. *Egressa sum plena, & vacuam reduxit me Dominus.* pag. 250. col. 1. in princip.
- Cap. 2. v. 1. *Homo potens, & magnarum opum, nomine Booz.* pag. 270. col. 1.
- v. 2. *Et colligam spicas, quæ suserint manus metentium.* pag. 263. col. 1. in fin.

- v. 16. *De castris quoque manipu-
pulis proficite de industria, ut abs-
que rubore colligat.* pag. 265.
col. 1. in princip.
- v. 17. *Collegit ergo usque ad ves-
peram: & invenit tres modios.*
pag. 265. col. 1. in fin.
- v. 18. *Insuper protulit, & dedit,
ei de reliquijs cibi sui, quo satu-
rata fuerat.* pag. 279. col. 1. in
fin.
- v. 23. *Donec hordea, & triticum
in horreis conderentur.* pag. 271.
col. 1.
- Cap. 3. v. 10. *Benedicta es à Domi-
no, filia.* pag. 271. col. 1.
- Ibid. *Quia non es secuta juve-
nes pauperes, sive divites.* pag.
271. col. 1.
- v. 11. *Scit enim omnis populus,
qui habitat intra portas urbis
meæ, mulierem te esse virtutis.*
pag. 271. col. 1.
- Ex Libr. 1. Reg.
- Cap. 1. v. 5. *Annæ autem dedit par-
tem unam tristis, quia Annam di-
ligebat.* pag. 117. col. 2.
- Cap. 16. v. 1. & seqq. *Usquequo tu
luges Saul? &c.* pag. 346. col. 1.
- v. 7. *Homo videt ea, quæ patent.
Dominus autem intuetur cor-
pag. 174. col. 2. in fin.*
- v. 23. *Igitur quancumque spi-
ritus Domini: &c.* pag. 329. col.
2.
- Cap. 17. v. 47. *Elegit sibi quinque
limpidissimos lapides.* pag. 303.
col. 1.
- v. 50. *Prævaluitque David ad-
versus Philisthæum: &c.* pag.
490. col. 1. & pag. 498. col. 1.
- Cap. 25. v. 22. *Hæc faciat Deus: &c.*
pag. 260. col. 1. in fin.
- Cap. 27. v. 8. & seqq. *Et ascendit
David, & viri ejus, & agebant
prædas: &c.* pag. 260. col. 1.
- Cap. 28. v. 11. & seqq. *Samuelem
mibi suscita: &c.* pag. 340. col. 2.
in fin. & seqq. & pag. 348. col.
2.
- Ex Libr. 2. Reg.
- Cap. 6. v. 14. *Et David saltabat to-
tis viribus ante Dominum.* pag.
218. col. 1. in med.
- v. 16. *Despexit eum in corde suo.*
pag. 218. col. 1. in fin.
- v. 20. *Quam gloriosus fuit hodie
Rex Israel, discooperiens se,
quasi unus de scurris.* pag. 218.
col. 2. in princip.
- v. 23. *Igitur Michol non est na-
tus filius usque in diem mortis
sue.* pag. 221. col. 1. in fin.
- Cap. 16. v. 1. & seq. *Cumque David
transisset: &c.* pag. 260. col. 2.
- Cap. 19. v. 27. & seqq. *Insuper, &
accusavit me: &c.* pag. 260. col.
2.

Ex Libr. 3. Reg.

- Cap. 2. v. 19. *Surrexit Rex in occur-
sum*

- sum ejus, adoravitque eam :
 &c. pag. 25. col. 1. in med.
 v. 2. Pete, mater mea: &c. pag.
 25. col. 1. in fin. & pag. 447. col.
 1. in med.
- Cap. 15. v. 11. Fecit Asa rectum an-
 te conspectum Domini, sicut Da-
 vid pater ejus. pag. 282. col. 2.
 in princip.
- Cap. 17. v. 14. Hydria farinae non
 deficiet : &c. pag. 270. col. 1. in
 princip.
- v. 16. Et ex illa die hydria fari-
 nae non defecit: &c. pag. 270. col.
 1. in princip.
- Cap. 21 v. 19. Occidisti, insuper, &
 possedisti: &c. pag. 401. col. 2.
- v. 20. Num invenisti me inimi-
 cum tibi? pag. 401. col. 1.
- Ibid Inveni, eo quod venunda-
 tus sis, ut faceres malum in
 conspectu Domini pag. 401. col. 2.
- v. 22. & seqq. Et dabo domum
 tuam: &c. pag. 282. col. 2. in
 med.
- v. 25. Non fuit alter talis sicut
 Achab, qui venundatus est, ut
 faceret malum. pag. 401. col. 1.
- v. 26 Abominabilis factus est, in
 tantum ut sequeretur idola: &c.
 pag. 401. col. 2.
- Ex Lib. 4. Reg.
- Cap. 1. v. 10. Si Homo Dei sum, des-
 cendat ignis de Caelo, & devo-
 ret te, & quinquaginta tuos.
- pag. 214. col. 2. in princip. ❖
- Cap. 5. v. 11. & seqq. Iratus Na-
 aman recedebat : &c. pag. 248.
 col. 2. in med.
- Cap 6. v. 25. & seqq. Factaque est
 fames magna in Samaria: &c.
 pag 256. col. 1. in fin.
- Cap. 10. v. 30. Filij tui usque ad
 quartam generationem sede-
 bunt : &c. pag. 282. col. 2.
- Cap. 19. v. 35. Factum est igitur in
 nocte illa : &c. pag. 12. col. 1. in
 med.
- Ex Libr. 1. Paralipom.
- Cap 3. v. 11. & seqq. Qui Ioram
 genuit Ochoziam: &c. pag. 281.
 col. 2. in fin.
- Ex Libr. 2. Paralipom.
- Cap. 22 v. 1. & seqq. Constituerunt
 autem: &c. pag. 281. col. 2. in
 fin.
- Ex Libr. 3. Eldrae.
- Cap. 4. v. 35. Veritas magna, & for-
 tior prae omnibus. pag. 252. col. 2.
 2. in med.
- v. 41. Et omnes populi clamave-
 runt, & dixerunt : Magna est
 Veritas, & praevalet. pag. 252.
 col. 2 in med.
- Ex Libro Tobiae.
- Cap. 1. v. 2. In captivitate tamen po-
 situs, viam veritatis non de-
 seruit. pag. 399. col. 2.
- Ex Libr. Judith.
- Cap. 8. v. 5. In superioribus domus
 sua

sua fecit sibi secretum cubiculum pag. 67. col. 2. circa fin.

Cap. 9. v. 16. *Nec superbi ab initio placuerunt tibi : sed humilium, & mansuetorum semper tibi placuit deprecatio. pag. 223. col. 2. in med.*

Ex Libr. Job.

Cap. 14. v. 1. & 2. *Homo natus de muliere, brevi vivens tempore; &c. Qui quasi flos egreditur, & conteritur. pag. 512. col. 2.*

Cap. 41. v. 3. *Non parcam ei, & verbis potentibus, & ad deprecandum compositis. pag. 47. col. 2. in med.*

v. 24. *Non est super terram potestas, quæ comparetur ei. pag. 12. col. 1. in fin.*

Ex Libr. Psalmorum.!

Psalm. 2. v. 7. *Filius meus es tu : ego hodie genui te pag. 193. col. 1. in fin.*

Psalm. 4. v. 2. secundum Psellum. *Invocantem exaudivit me Deus justitiæ meæ. pag. 350. col. 1. in fin.*

Psalm. 5. v. 2. *Verba mea auribus percipe, Domine : intellige clamorem meum. pag. 240. col. 2. in med.*

Psalm. 11. v. 6. *Propter miseriam inopum, & gemitum pauperum, nunc exurgam, dicit Dominus.*

pag. 179 col. 1. in princip.

Psalm. 18. v. 3. *Dies diei eructat verbum. pag. 153. col. 1. in fin.*

Ibid. *Et nox nocti indicat scientiam pag. 153. col. 1. in fin.*

v. 6 *In Sole posuit tabernaculum suum. pag. 198. col. 2. & pag. 466. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Et ipsum tanquam sponsus procedens de thalamo suo. pag. 466. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Exultavit ut Gigas ad currentiam viam. pag. 467. col. 1. & 2.*

Ibid. *A summo cælo egressus ejus. pag. 198. col. 1. in fin. & pag. 467 col. 1.*

v. 7. *Et occursum ejus usque ad summum ejus. pag. 198. col. 2. in princip. & pag. 467. col. 1.*

Ibid. *Nec est, qui se abscondat à calore ejus. pag. 102. col. 1. in med.*

v. 11. *Et dulciora super mel, & favum. pag. 232. col. 2. in med.*

Psalm. 21. v. 10. *Tu es, qui extraxisti me de ventre matris meæ. pag. 122. col. 1. in fin.*

v. 27. *Edent pauperes, & saturabuntur. pag. 267. col. 1.*

v. 30. *Manducaverunt, & adoraverunt omnes pingues terræ. pag. 267. col. 1.*

b

Psalm!

- Psalm. 22. v. 1.** Dominus pascis me,
& nihil mihi deerit. pag. 269.
col. 2.
- Psalm. 24. v. 17.** De necessitatibus
meis erue me. pag. 259. col. 2.
- Psalm. 30. v. 11** Infirmata est in pau-
pertate virtus mea, & ossa mea
conturbata sunt. pag. 259. col. 1.
& seqq.
- Psalm. 31. v. 1.** Beati quorum remis-
sæ sunt iniquitates, & quorum
tecta sunt peccata. pag. 314.
col. 1. & pag. 316. col. 1.
- v. 4. *Conuersus sum in arumna
mea, dum configitur spina.* pag.
509. col. 2.
- v. 11. *Letamini in Domino, & ex-
ultate iusti, & gloriamini om-
nes recti corde.* pag. 314. col. 2.
- Psalm. 32. v. 1. 2. & 3** Exultate ju-
sti in Domino: rectos decet col-
laudatio. & c. pag. 315. col. 1. &
seqq.
- Psalm. 33. v. 11.** Divites eguerunt,
& esurierunt: inquirentes au-
tem Dominum non minuentur
omni bono. pag. 269. col. 2.
- Psalm. 35. v. 7 & 8** Homines, & ju-
mēta salvabis. Domine. Quem-
admodum multiplicasti. & c. pag.
27. col. 2.
- Psalm. 38 v. 4. & 5.** Concaluit cor
meum intra me: & in medita-
tione mea exardescet ignis. Lo-
cutus sum in lingua mea. pag.
236. col. 2. *in med.*
- Psalm. 43. v. 5.** Tu es ipse Rex meus,
& Deus meus. pag. 80. col. 1. *in
princip.* & pag. 229. col. 2.
- Ibid.* *Qui mandas salutes Jacob.*
pag. 229. col. 2. *circa med.*
- Psalm. 44. v. 8.** Unxit te Deus,
Deus tuus oleo lætitiæ præ con-
fortibus tuis. pag. 70. col. 1. *in
med.*
- v. 10. *Astitit Regina à dextris
tuis.* pag. 25. col. 1. & pag. 352.
col. 1. *in fin.* & pag. 447. col. 2. *in
med.*
- Psalm. 46. v. 6.** Ascendit Deus in
jubilo, Dominus in voce tubæ.
pag. 229. col. 1. *in fin.*
- v. 7. & 8. *Et salutate Deo nostro,
psallite: psallite Regi nostro,
psallite. Quoniam Rex; & c.
pag. 229. col. 1. in princip. &
seqq.*
- v. 9. *Deus sedet super sedem sanc-
tum suam.* pag. 229. col. 2. *in*
- Psalm. 48. v. 13.** Homo cum in ho-
nore esset; & c. pag. 337. col. 1. *in
fin.*
- in id.*
- Psalm. 49. v. 22.** Intelligite hæc quæ
obliviscimini Deum: & c. pag.
473. col. 2. & seqq.
- v. 23. *Sacrificium laudis honori-
ficabit me: & illic iter, quo dis-
tendam illi salutare Dei.* pag.
473. col. 1. & 2. & seqq.

- Pfalm. 50. v. 3.** *Secundum magnam misericordiam tuam: & secundum multitudinem miserationum tuarum.* pag. 51. col. 2.
- v. 7.** *Ecce enim in iniquitatibus conceptus sum: & in peccatis concepit me mater mea.* pag. 495. col. 2. in fin.
- Pfalm. 54. v. 1.** *In carminibus intellectus David* pag. 230. col. 1. in med.
- v. 18.** *Vesperè, manè, & meridie narrabo, & annuntiabo, & exaudiet vocem meam.* pag. 37. col. 1. in med.
- Pfalm. 53 v. 10.** *In quacumque die invocavero te: ecce cognovi quoniam Deus meus es.* pag. 132. col. 2. in fin.
- v. 11.** *In Deo laudabo verbum, in Domino laudabo sermonem.* pag. 132. col. 2. in fin & seqq.
- Pfalm. 57. v. 5. & 6.** *Sicut aspidis surdæ, & obturatis aures suas, quæ non exaudiet vocem incantantium, & venefici incantantis sapienter.* pag. 335. col. 1. in fin. & seqq.
- Pfalm. 61. v. 9.** *Effundite coram illo corda vestra* pag. 475. col. 2.
- Pfalm. 62. v. 6.** *Sicut adipe, & pinguedine repleatur anima mea: & labijs exultationis laudabit os meum* pag. 246. col. 2. in med.
- Pfalm. 64. v. 12.** *Benedices Coronæ*
- anni benignitatis tuæ: & campi tui replebuntur ubertate.* pag. 250. col. 2 in princip. & seqq.
- Pfalm. 67. v. 19.** *Ascendisti in altum, cepisti captivitatem.* pag. 413. col. 1.
- v. 32.** *Æthiopia præveniet manus ejus Deo.* pag. 170. col. 1. in med.
- Pfalm. 68 v. 3.** *Veni in altitudinem maris: & tempestas demersit me.* pag. 468. col. 2.
- v. 29.** *Deleantur de Libro viventium: & cum justis non scribantur.* pag. 318. col. 2.
- Pfalm. 76. v. 21.** *Deduxisti sicut oves populū tuū in manu Moysi, & Aaron.* pag. 406. col. 1.
- Pfalm. 83. v. 8.** *Videbitur Deus Deorum in Sion.* pag. 437. col. 1.
- Pfalm. 84. v. 2.** *Benedixisti, Domine, terram tuam: avertisti captivitatem Jacob.* pag. 498. col. 2. & seqq.
- v. 3.** *Remisisti iniquitatem plebis tuæ* pag. 499. col. 1. in princip.
- Pfalm. 87. v. 3.** *Intret in conspectu tuo oratio mea.* pag. 50. col. 1. in princ.
- Pfalm. 88. v. 5. 2.** *Quod exprobraverunt inimici tui, Domine, quod exprobraverunt, commutationem Christi tui.* pag. 37. col. 2.
- Pfalm. 89. v. 6.** *Mane sicut herba transeat, manè floreat, & tran-*

- seat: *vespere decidat, induet, & arefcut.* pag. 503. col. 1. in med.
- Psalm. 90. v. 10. *Non accedet ad te malum.* pag. 134. col. 1. in med.
- Psalm. 93. v. 1. *Deus ultionum Dominus; Deus ultionum liberè egit.* pag. 324 col. 1. & pag. 449. col. 1.
- Psalm. 108. v. 7. *Oratio ejus fiat in peccatū.* pag. 222. col. 1. in med. & pag. 223. col. 1. in fin.
- Psalm. 115. v. 12. & 13. *Quid retribuam Domino pro omnibus, quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipia: &c.* pag. 297. col. 1.
- Psalm. 117. v. 19. *Aperite mihi portas justitiæ, ingressus in eas confitebor Domino.* pag. 295. col. 1. v. 20. *Hæc porta Domini, justi intrabunt in eam.* pag. 295. col. 1.
- Psalm. 118. v. 103. *Quam dulcia faucibus meis eloquia tua, super melori meo!* pag. 232. col. 2. in med.
- v. 164. *Septies in die laudem dixi tibi.* pag. 228. col. 2.
- v. 170. *Intræt postulatio mea in conspectu tuo.* pag. 50. col. 1. in princip.
- Ibid. *Secundùm eloquium tuum eripe me* pag. 349. col. 2.
- v. 173. *Fiat manus tua, ut salvet me.* pag. 450. col. 2. in fin. & seqq.
- Psalm. 135. v. 8. *Solem in potestate dicit.* pag. 101. col. 2. in fin.
- Psalm. 138. v. 6. *Mirabilis facta est scientia tua ex me.* pag. 1364. col. 2.
- Psalm. 145. v. 7. *Qui dat escam esuruntibus.* pag. 267. col. 2.
- Psalm. 146. v. 7. *Præcunite Domino.* pag. 345. col. 2. & seqq.
- v. 9. *Qui dat jumentis escam ipsorum: & pullis corvorum invocantibus eum.* pag. 277. col. 1. in fin.
- Psalm. 150. v. 3. 4. & 5. *Laudate eum in sono tubæ &c.* pag. 240. col. 1. in med. & pag. 244. col. 1. in princip.
- Ex Libr. Proverbiorum.
- Cap 6 v. 11. *Veniet tibi quasi viator cæstas, & pauperies quasi vir armatus.* pag. 272. col. 2.
- Cap. 7. v. 11. *Quietus inpatientis, nec valens in domo consistere pedibus suis.* pag. 65. vers. col. 2. in princip.
- v. 14. & 15. *Victimas pro salutè devovi, hodie reddidi vota mea.* &c. pag. 65. vers. col. 2. in med. & pag. seqq.
- Cap. 8. v. 12. *Ego eruditus inter sum cogitationibus.* pag. 301. col. 1.
- v. 30. *Cum eo erant cuncta componens* pag. 320. col. 1.
- v. 34. *Qui vigilat ad fores meæ quotidie, & observat ad postes ostij*

- ostij mei: pag. 453. col. 1. in med.*
- Cap. 30. v. 18. & 19. Tria sunt difficilia mihi: &c. Viam Aquilæ in Cælo: &c. pag. 468 col. 1.
- Cap. 31. v. 6. & 7. Date vinum his, qui amaro sunt animo: bibant, & obliviscantur egestatis suæ, & doloris sui non recordentur amplius. pag. 482 col. 2.
- v. 14. Navis institutoris de longè portans panem suum. pag. 468. col. 2.
- Ex Libr. Ecclesiastes.
- Cap. 1. v. 5. & 6 Oritur Sol, & occidit, & ad locum suum revertitur: inique renascens gyrat per Meridiam. pag. 126. col. 1. circa fin. & col. 2. in med. & seqq.
- Cap. 11. v. 2. Da partem septem, nec non & octo: &c. pag. 296. col. 1. & seqq.
- Ex Libr. Cantic. Cantico.
- Cap. 1. v. 3. Oleam effusum nomen tuum. pag. 450. col. 1.
- Ibid. Trahe me: post te curremus in odorem unguentorum tuorum. pag. 338. col. 2. & seqq.
- v. 4. Memores uberum tuorum super vinum. pag. 482. col. 2. in prima.
- v. 5. Nigra sum, sed fermissa, Filia Ierusalem, sicut tabernacula Cedar, sicut pelles Salomonis.
- pag. 172. col. 2. in princ. & seqq.
- v. 6. Noli me considerare, quod fusca sum, quia decoloravit me Sol. pag. 173. col. 1.
- v. 7. Indica mihi, quem diligit anima mea, ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam post greges fœdaliu. pag. 199. col. 2. in princ. & pag. 438. col. 1. & seqq.
- v. 8. Signoras te, ab ipso vestigia gregum tuorum. pag. 438. col. 2. & seqq.
- v. 13. Fasciculus myrrhæ Dilectus meus mihi, inter ubera mea commorabitur. pag. 207. col. 1. in fin. & seqq.
- Cap. 2. v. 1. Ego flos campi, & lilium convallium. pag. 205. col. 2. in princip.
- v. 9. En ipse stat post parietem nostrum respiciens per fenestras. pag. 144. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 3. v. 2. Per vicus, & plateas quæram illum. pag. 51. col. 2. in med.
- v. 6. Quæ est ista, quæ ascendit per desertum, sicut virgula summi; &c. pag. 60 col. 2. in med.
- v. 9. & 10. Perculum sicut sibi Rex Salomon de lignis Libani; &c. pag. 432. col. 2. in fin. & seqq.
- v. 11. Egredimini, & videte, filia

- plis Sion, Regem Salomonem
in Diademate, quo coronavit il-
lum mater sua. pag. 50. col. 1.
in med. & seqq.
- Cap. 4. v. 4. Mille clypei pendent
ex ca. pag. 32 col. 1. in med.
- v. 5. Duo ubera tua, sicut duo bin-
nucaprae gemelli. pag. 460.
col. 2. & pag. 481. col. 2.
- v. 6. Donec affiret dies, & incli-
nabitur umbra. pag. 36. col. 1. in
med.
- v. 8. Veni de Libano, Sponsa mea,
veni de Libano, veni: coronabe-
ris. pag. 90. col. 2. in fin. & seqq.
- Ibid. De capite Amara, de ver-
tice Saur, & Hermon. pag. 91.
col. 2. in princ.
- v. 9. Vulnus est cor meum, Soror
mea. Sponsa, vulnerasti cor meum.
pag. 441. col. 2. & seqq.
- v. 10. Pulchriora sunt ubera tua
vino. pag. 482. col. 1. in fin.
- v. 11. Favus distillans labia tua,
Sponsa: mel, & lac sub lingua
tua. pag. 233 col. 2. in princip.
- v. 12. Fons signatus. pag. 461 c. l.
2.
- v. 13. Cum pomorum fructibus.
pag. 508. col. 1.
- v. 16. Surge Aquilo, & veni Aus-
ter, perfrange hortum meum, &
fluant aromata. pag. 183. col. 1.
in princip.
- Cap. 5. v. 1. Veniat dilectus meus in
hortum suum, & comedat fruc-
tum pomorum suorum. pag. 508
col. 1.
- Ibid. Bibi vinum meum cum lacte
meo pag. 459. col. 1. & pag. 482.
col. 1. & seqq.
- v. 12. Oculi ejus sicut columbae
super rivulos aquarum. quae lac-
te sunt lotae. pag. 483. col. 2.
- Cap. 6. v. 1. Dilectus meus descen-
dit in hortum suum ad areolam
aromatam, ut pascatur in hor-
tis, & lilia colligat. pag. 211. col.
1. in med.
- v. 3. Decora sicut Ierusalem. pag.
212. col. 1. in med.
- Ibid. Terribilis ut castrorum
acies ordinata. pag. 212. col. 1. in
med.
- v. 8. Una. & c. Electa. pag. 72. col.
2. in med. & seqq.
- Ibid. Viderunt eam filiae, & Bea-
tissimam praedicaverunt eam.
pag. 73. col. 2. in princ.
- v. 9. Quae est ista, quae progredi-
tur quasi Aurora, consurgens,
pulchra ut Luna, electa ut Sol?
pag. 73. col. 1. in med. & pag. 151
col. 1. in fin. & pag. 213. col. 1. in
med. & seqq.
- Ibid. Terribilis ut castrorum
acies ordinata? pag. 213. col. 1.
in med.
- Cap. 7. v. 2. ex Text. Hebr. Venter
tuus sicut cervus trinitus. val-
latus

- latum rosis. pag. 375. col. 1. & seqq. & pag. 452. col. 2.*
 Ibid. *Vallatus lilijs. pag. 452 col. 2.*
- v. 3. *ex Text. Hebr. Ubera tua sicut duo hinnuli gemilli capreae, qui pascuntur in rosis. pag. 375. col. 1. & seqq.*
- v. 8. *Ubera tua sicut botri. pag. 482 col. 2. in princ.*
- v. 11. *Egrediamur in agrū. pag. 503. col. 1.*
- v. 12. *Manē surgamus. pag. 503. col. 1.*
- Ibid. *Videamus, si flores fructus parturiunt. pag. 503. col. 1.*
- Cap. 8. v. 6. *Pone me ut signaculum super cor tuum, ut signaculum super brachium tuum. pag. 414. col. 2.*
- Ex Libr. Sapientiae.
- Cap. 7. v. 25. *Nihil inquinatum in eam incurrit. pag. 305. col. 1.*
- Cap. 18. v. 14. & 15. *Cum quietum silentium contineret omnia, & nox in suo cursu medium iter haberet: &c. pag. 60. col. 2. in fin.*
- Ex Libr. Ecclesiastici.
- Cap. 24. v. 8. *Gyrum terrae circūvi sola. pag. 198. col. 2. in fin.*
- v. 13. *In electis meis mitte radices. pag. 321. col. 1.*
- v. 17. *Quasi Cedrus exaltata sum in Libano; &c. pag. 433. col. 2. in med. & seqq.*
- v. 18. *Et quasi Cypressus in monte Sion: quasi Palma exaltata sum in Cades. pag. 433. col. 2. & seqq.*
- Ibid. *Et quasi plantatio Rosae in Iericho. pag. 87. col. 1. in med. & pag. 273. col. 2. in fin. & pag. 321. col. 1 & pag. 433. col. 2. & seqq. & pag. 490. col. 1.*
- v. 19. *Quasi Oliva speciosa in campis. pag. 433 col. 2. & seqq.*
- Ibid. *Et quasi Platanus exaltata sum juxta aquam in plateis. pag. 31. col. 2. in princ. & pag. 433. col. 2. & seqq.*
- v. 23. *Flores mei, fructus honoris, & honestatis. pag. 277. col. 2. & seqq. & pag. 507. col. 2. in med.*
- v. 26. *Transite ad me omnes, qui concupiscitis me. pag. 273. col. 2. in fin. & seqq.*
- Ibid. *Et à generationibus meis implemini. pag. 274. col. 1.*
- Cap. 31. v. 9. & 10 *Qui est hic, & laudabimus eum? Fecit in me mirabilia in vita sua. Qui potuit transgredi: &c. pag. 19. col. 2. in fin.*
- Cap. 39. v. 17. & seqq. *O baudite me Divini fructus: & quasi Rosa plantata super rivos aquarum fructificavit &c. pag. 204. col. 2. in fin. & seqq.*

Ex Prophet. Isaiaë.

Cap. 3. v. 3. *Prudentem eloquij mystici.* pag. 346. col. 2. & seqq.

Cap. 5. v. 2. *secundum Septuaginta. Expediata est ut faceret uvas, fecit autem spinas.* pag. 510. col. 1.

Cap. 6. v. 5. *Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus labijs ego sum.* pag. 17. col. 1. in fin.

v. 7. *Et tetigit os meum: &c.* pag. 472. col. 2. in fin.

Cap. 7. v. 14. *Propter hoc dabit Dominus ipse vobis signum.* pag. 196. col. 1. in med.

Ibid. *Ecce, Virgo concipiet, & pariet filium.* pag. 109. col. 1. in med. & pag. 196. col. 1. in princ. & pag. 197. col. 2. in med. & seqq. & pag. 457. col. 2.

Ibid. *Et vocabitur nomen ejus Emmanuel.* pag. 169. col. 1. in princip.

v. 16. *Antequam sciat puer reprobare malum, & eligere bonum.* pag. 197. col. 1.

Cap. 9. v. 6. *Parvulus natus est nobis, & Filius datus est nobis.* pag. 297. col. 1. in med.

Cap. 11. v. 1. *Egredietur virga de radice Jesse.* pag. 335. col. 1.

v. 8. *Delectabitur Insans ab ubere super foramine aspidis.* pag. 334. col. 2. in fin. & seqq.

Cap. 16. v. 1. *Emitte aguum, Domi-*

ne, dominatorem terræ, de Petra deserti. pag. 389. col. 2. in fin.

Cap. 29. v. 11. & 12. *Et erit vobis visio omnium sicut verba libri signati. &c.* pag. 239. col. 1. in med.

Cap. 30. v. 20. *Dabit vobis Dominus panem ac etum.* pag. 266. col. 1.

v. 21. *Hæc est via, ambulate in ea.* pag. 487. col. 2.

v. 13. *Et panis frugum terræ erit uberrimus, & pinguis.* pag. 266. col. 1.

Cap. 40. v. 6. & 7. *Vox dicentis, Clama. Et dixi, Quid clamo: Omnis caro fœnum, & omnis gloria ejus quasi flos agri. Exsiccatum est fœnum, & cecidit flos.* pag. 512. col. 1.

Cap. 45. v. 15. *Verè tu es Deus absconditus, Deus Israel Salvator,* pag. 406. col. 2.

Cap. 49. v. 2. *Posuit me sicut sagittam electam: in pharetra sua abscondit me.* pag. 208. col. 1. in fin.

Cap. 51. v. 2. *Attendite ad Abraham patrem vestrum, & ad Saram, quæ peperit vos.* pag. 282. col. 1. in med.

Cap. 55. v. 7. *Quoniam multus est ad ignoscendum.* pag. 51. col. 2. in med.

- Cap. 60. v. 4. *Filij tui de longè ve-*
ment, & filia tuæ de latere
surgent. pag. 154. col. 2. in
principio.
- Cap. 61. v. 1. *Spiritus Domini su-*
per me, eò quòd unxerit Do-
minus me. pag. 179. col. 1. circa
med.
- Ibid. *Ut mederer contritis cor-*
de, & prædicarem captivis in-
dulgentiã pag. 179. col. 1. in med
v. 3. Ut consolater omnes lugen-
tes. pag. 179. col. 1. in med.
- Ex Prophet. Jeremiæ.
- Cap. 6. v. 16. *State super vias, &*
videte, & interrogate de semi-
tis antiquis: &c. pag. 476. col.
1. & 2.
- Cap. 12. v. 13. *Seminaverunt triti-*
cum, & spinas messuerunt. pag.
510. col. 2. in princip.
- Cap. 14. v. 11. *Noli oxare pro populo*
isto. pag. 346. col. 1.
- Cap. 27. v. 2. & 3. *Hæc dicit Domi-*
nus ad me: Fac tibi vincula,
& catenas: &c. pag. 425. col.
1. in med.
- Cap. 31. v. 22. *Usquequò delicijs dis-*
solveris, filia vaga? pag. 109.
col. 1. in fin. & seqq.
- Ibid. *Quia creavit. Dominus*
novum super terram: Fæmina
circundabit virum. pag. 197.
col. 1. in med. & seqq. & pag.
199. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 37. v. 2. *Et non obediuit ipse:*
&c. pag. 429. col. 2.
- v. 18. *Ubi sunt Prophetæ vestri?*
&c. pag. 429. col. 2.
- Cap. 51. v. 56. *Quia fortis ultor Do-*
minus. pag. 324. col. 2.
- Threnor. Cap. 2. v. 20. *Ergone co-*
medent mulieres fructum suum?
&c. pag. 256. col. 1. in fin.
- Threnor. Cap. 3. v. 28. *Sedebit soli-*
tarius, & tacebit: quia levavit
se super se. pag. 61. col. 1. in
princip.
- v. 65. *Scutum cordis. pag. 146.*
col. 1. in med.
- Ex Prophet. Ezechielis.
- Cap. 3. v. 1. *Comede volumen istud.*
pag. 233. col. 2. in med.
- v. 3. *Comedi: & factum est in ore*
meo sicut mel dulce. pag. 233.
col. 2. in med.
- v. 5. *Non enim ad populum ig-*
notæ linguæ tu mitteris. pag.
233. col. 2. in fin.
- Cap. 17. v. 3. *Aquila grandis mag-*
narum alarum. pag. 468. col. 2.
- Cap. 37. v. 5. *Ecce, ego intromittam*
in vos spiritum, & vivetis.
pag. 365. col. 2.
- v. 7. & 8. *Accesserunt ossa ad os-*
sa, ununquodque ad juncturam
suam. &c. pag. 366. col. 1.
- v. 9. & 10. *Vaticinare ad spiri-*
tum, & dices: Hæc dicit Do-
minus Deus: A quatuor ven-

- tis, &c. pag. 366. col. 1.
 Cap. 40. v. 22. Et septem graduum
 erat ascensus ejus. pag. 299.
 col. 2.
 v. 37. Et in octo gradibus ascen-
 sus ejus. pag. 299. col. 2.
 Ex Prophet. Daniel.
 Cap. 3. v. 47. Et effundebatur flam-
 ma super fornacem cubitus qua-
 draginta novem. pag. 310. col. 1.
 v. 50. Quasi ventum roris flan-
 tem. pag. 310. col. 1.
 v. 51. Hi tres quasi ex uno ore
 laudabant, & glorificabant, &
 benedicebant Deum. pag. 310.
 col. 1.
 Ibid. Benedictus es, Domine
 Deus Patrum nostrorum. pag.
 310. col. 1.
 v. 71. Benedicite noctes, & dies
 Domino. pag. 153. col. 1. in princ.
 v. 88. Quia eruit nos de inferno.
 pag. 310. col. 2.
 v. 92. Et species quarti similis
 Filio Dei. pag. 310. col. 1.
 Cap. 1. v. 30. & seqq. Eâdem hora
 sermo completus est, &c. pag.
 337. col. 2.
 Cap. 10. v. 8. Ego autem relictus so-
 lus vidi visionem gradem hanc.
 pag. 57. col. 1. in med.
 Ex Prophet. Olee.
 Cap. 2. v. 14. Ecce ego lactabo
 eam, & ducam eam in solitudi-
 nem: & loquar ad cor ejus. pag.
 61. col. 1. in med.
 Cap. 14. v. 3. Tolute vobiscum ver-
 ba. pag. 475. col. 1. & 2.
 Ibid. Accipe benum: & redde-
 mus vitulos labiorum nostroru
 pag. 475. col. 1. & 2.
 Ex Prophet. Michææ.
 Cap. 6. v. 4. Quia eduxi te de Terra
 Egypti :: & misi antefa-
 ciem tuam Moysen, & Aaron,
 & Mariam. pag. 77. col. 1. prope
 fin & pag. 78. col. 1. in fin.
 Ex Prophetia Habacuc.
 Cap. 3. v. 11. ex Text. Græc. Ele-
 vatus est Sol, & Luna stetit.
 pag. 352. col. 1. in fin.
 Ex Prophetia Aggæi.
 Cap. 1. v. 6. Seminastis multum, &
 intulistis parum. pag. 247. col. 1.
 in med.
 Ex Prophetia Zachariæ.
 Cap. 6. v. 12. Vir oriens nomen ejus.
 pag. 451. col. 2.
 Cap. 11. v. 8. Succida tres Pastores in
 mense uno. pag. 77. col. 1. in
 princ. & seqq.
 Ex Libr. 1. Machabæorum.
 Cap. 1. v. 11. Et exijt ex eis radix
 peccatrix, Antiochus Illustris,
 &c. pag. 402. col. 2.
 v. 16. Et juncti sunt Nationibus,
 & venundati sunt, ut facerent
 malum. pag. 403. col. 1.
 Ex Libr. 2. Machabæorum.
 Cap. 6. v. 7. Cogebantur Hederâ co-
 ronati

- ronati. *Liberò circuire. pag. 414. col. 1.*
 Ex D. Matthæo.
- Cap. 1. v. 1. *Liber generationis Iesu Christi pag. 150. col. 1. & pag. 169. col. 2. in med. & pag. 286. col. 1. & pag. 494. col. 2. & pag. 498. col. 1.*
 Ibid. *Filij David, filij Abraham. pag. 169. col. 2. in med. & pag. 498. col. 1.*
 v. 2. *Abraham genuit Isaac. Isaac autem genuit Iacob : &c. pag. 494. col. 2. in fin. & seqq.*
 Ibid. *Iacob autem genuit Iudam, & fratres ejus. pag. 149. & seqq. & pag. 494. col. 2. in fin. & seqq.*
 v. 5. *Booz autem genuit Obed ex Ruth. pag. 249. & seqq.*
 Ibid. *Obed autem genuit Iesse. Iesse autem genuit David Regem. pag. 251. col. 2. & seqq. & pag. 495. col. 2.*
 v. 6. *David autem Rex genuit Salomonem. pag. 394. col. 1. & pag. 495. col. 2.*
 v. 8. *Ioram autem genuit Oziam pag. 281. & seqq.*
 v. 11. & 12. *Iosias autem genuit Iechoniam, & fratres ejus in transmigracione Babylonis. Et post transmigracionem : &c. pag. 391. & seqq.*
 v. 16. *Iacob autem genuit Ioseph*
- virum Mariæ: de qua natus est Iesus; qui vocatur Christus. pag. 69. in princip. & seqq. & pag. 488. & seqq.*
 v. 17. *Omnes itaque generationes; ab Abraham usque ad David, generationes quatuordecim: &c. pag. 283. col. 2.*
 v. 20. *Quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. pag. 108. col. 1. in princ.*
- Cap. 2. v. 1. *Ecce Magi; &c. pag. 366. col. 1.*
 v. 11. *Invenerunt puerum cum Maria Matre ejus. pag. 171. col. 2. in princ.*
 v. 23. *Quoniam Nazareus vocabitur pag. 506. col. 1. in princ.*
- Cap. 3. v. 16. *Aperti sunt cæli. pag. 292. col. 2. in fin.*
 v. 17. *Hic est Filius meus dilectus. pag. 34. col. 1.*
- Cap. 4. v. 1. *Ductus est Iesus in desertum: &c. pag. 32. col. 2. in fin. & pag. 33. col. 2. in fin.*
 v. 2. *Postea esurijt. pag. 257. col. 2*
 v. 3. *Et accedens tantator. pag. 257. col. 2.*
- Ibid. *Si Filius Dei es. pag. 34. col. 1. in princip. & pag. 258. col. 1. in med.*
 Ibid. *Dic, ut lapides isti panes fiant pag. 258. col. 1. in med.*
- Cap. 6. v. 6. *Tu autem cum oraveris, intra in cubiculum tuum,*

- & clauso ostio, ora Patrem tuum
 in abscondito. pag. 52. col. 2. in
 princ. & pag. 56. col. 2. in fin.
 v. 9. Pater. pag. 308. col. 2.
 Ibid. Sanctificetur nomen tuum.
 pag. 133. col. 2. in med. & pag.
 134. col. 2. in princ.
 v. 10. Adveniat Regnum tuum.
 pag. 133. col. 2. in fin.
 v. 12. Dimitte nobis debita nostra.
 pag. 308. col. 1.
 v. 13. Sed libera nos à malo. pag.
 308. col. 1.
 Ibid. Amen. pag. 308. col. 2.
 v. 25. Ne solliciti sitis quid man-
 ducetis. pag. 268. col. 2.
 v. 34. Nolite ergo solliciti esse in
 crastinum. pag. 268. col. 2.
 Cap. 7. v. 13. Lata porta, & spatio-
 sa via est quæ ducit ad perditionem:
 & c. pag. 31. col. 2. in med.
 & pag. 476. col. 2. in fin. & seqq.
 v. 14. Arcta via est quæ ducit ad
 vitam: & c. pag. 31. col. 2. in med.
 & pag. 294. col. 2. & pag. 476.
 col. 2. in fin. & seqq.
 v. 16. Nunquid colligunt de spi-
 nis uvas, aut de tribulis ficus?
 pag. 508. col. 1.
 v. 21. Qui facit voluntatem Pa-
 tris mei, qui in Cælis est. pag.
 134. col. 1. in princ.
 Cap. 8. v. 8. Domine, non sum dig-
 nus, ut intres sub tectum meum:
 sed tantum dic verbo, & sa-
 nabitur puer meus. pag. 131. col.,
 2. in med.
 Cap. 9. v. 12. Non est opus valenti-
 bus Medicus, sed malè haberi-
 tibus. pag. 141. col. 1. propè fin.
 Cap. 11. v. 19. Homo vorax, & po-
 tator vini. pag. 325. col. 2.
 v. 28. Venite ad me omnes qui la-
 borati. pag. 286. col. 2. in fin.
 v. 29. Et invenietis requiem ani-
 mabus vestris. pag. 286. col. 2.
 in fin.
 Cap. 12. v. 42. Regina Austri pag.
 183. col. 1. circa fin.
 Cap. 13. v. 55. Fabri filius pag. 21.
 col. 1. in fin.
 Cap. 14. v. 23. Dimissa turbâ as-
 cendit in montem solus orare.
 pag. 53. col. 1. in med.
 Cap. 16. v. 19. Tibi dabo claves Reg-
 ni Cælorum. Et quodcumque
 ligaveris super terram, erit li-
 gatum, & in Cælis: & c. pag. 92.
 col. 2. in fin. & seqq. & pag. 101.
 col. 2. in med.
 Cap. 17. v. 5. Hic est Filius meus di-
 lectus, in quo mihi bene com-
 placui. pag. 204. col. 2. in princ.
 Cap. 18. v. 10. Semper videns faciẽ
 Patris. pag. 54. col. 1. in princ.
 v. 20. Ubi sunt duo, vel tres. pag.
 349. col. 2.
 Ibid. Ibi sum in medio eorum.
 pag. 59. col. 1. in med.
 v. 22. Non dico tibi usque septies:
 sed

sed usque sicut uagres species.
288.col.2.in med.

Cap. 20. v. 1. & seqq. *Simile est Regnum Cælorum homini patri familias: &c.* pag. 313.col.1.

v. 22. *Nescitis quid petatis.* pag. 132.col.1.in med.

Cap. 23.v. 27. *Vae vobis. Scribæ, & Pharisei hypocritæ: quia similes estis sepulchris dealbatis.* pag. 174.col.2.in princ.

Ibid. *Quæ à foris parent hominibus speciosa, intus verò plena sunt ossibus mortuorum, & omni spurcitiâ.* pag. 174.col.2.in med.

Cap. 24. v. 15. *Qui legit, intelligat.* pag. 227.col.1.in princ.

Cap. 25.v. 2. *Quinque autem ex eis erant fatuæ, & quinque prudentes.* pag. 302.col.1.

v. 15 *Quinque talenta.* pag. 302.col.1.in fin.

Cap. 26. v. 15. *Constituerunt e triginta argenteos.* pag. 158.col.2.in med.

v. 26. *Accipite, & comedite: Hoc est Corpus meum.* pag. 114.col.2.in med.

v. 38. *Sustinete hic, & vigilate mecum.* pag. 45.col.2.in fin.

v. 39. *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* pag. 46.col.1.in med.

v. 40. *Sic non potuistis unâ horâ*

vigilare mecum? pag. 46.col.2.in fin.

v. 41. *Vigilate, & orate.* pag. 47.col.1.in princ.

v. 43. *Inuenit eos dormientes.* pag. 46.col.2.circa fin.

Ibid. *Erant enim oculi eorū gravati.* pag. 47.col.1.in med.

v. 45. *Ecce appropinqua vii hora, & Filius hominis tradetur in manus peccatorum.* pag. 123.col.2.in fin.

v. 49 *Ave Rabbi.* pag. 222.col.1.in med.

v. 50. *Ei manus injecerunt in Iesum.* pag. 264.col.1.in med.

v. 53. *An putas, quia non possumus rogare Patrem meum? &c.* pag. 13.col.2.in princ.

Cap. 27. v. 45. *A sexta autem hora &c.* pag. 336.col.2.

v. 46. *Deus meus. Deus meus, us quid dereliquisti me?* pag. 514.col.1.

v. 51. 52. & 53 *Ei ecce velum Templi: &c.* pag. 336.col.2.

Cap. 28. v. 9. *Illæ autem accesserunt, & tenuerunt pedes ejus.* pag. 45.col.1.

v. 18. *Data est mihi omnis potestas in Cælo, & in terra.* pag. 93.col.1.in med.

v. 20. *Ecce ego vobiscum sum, usque ad consummationem sæculi.* pag. 119.col.2.in fin.

Ex D. Marco.

- Cap. 1. v. 35. *Egressus abiit in desertum locum; ibique orabat.* pag. 53. col. 1. in med.
- Cap. 5. v. 9. *Legio mihi nomen est, quia multi sumus.* pag. 48. col. 1. in med. col. 2.
- v. 10. *Et deprecabatur eum.* pag. 48. col. 1. in med.
- Cap. 11. v. 24. *Quaecumque orantes petitis, credite quia accipietis.* pag. 239. col. 2. in med.
- Cap. 14. v. 48. *Tanquam ad latronem existis, &c. comprehendere me? quotidie eram apud vos: &c.* pag. 158. col. 2.
- Cap. 15. v. 15. *Flagellis caesum* pag. 158. col. 2. in med.
- Cap. 16. v. 15. *Euntes in mundum unumversum, praedicate omni creaturae.* pag. 229. col. 2. in med.

Ex D. Luca.

- Cap. 1. v. 26. *Missus est Angelus Gabriel à Deo in Civitatem Galilae, cui nomen Nazareth.* pag. 505. col. 1.
- v. 27. *Ad Virginem desponsatam viro: &c. & nomen Virginis Maria.* pag. 505. col. 1.
- v. 28. *Ave gratia plena, Dominus tecum.* pag. 2. col. 1. in med. & pag. 11. col. 1. & pag. 321. col. 1.
- Ibid. *Benedicta tu in mulieribus.* pag. 10. col. 2. in fin. & pag. 189.

col. 2. prope fin. & seqq.

- v. 31. *Ecce concipies in utero, & paries Filium: & vocabis nomen ejus Iesum.* pag. 109. col. 1. in med. & pag. 189. col. 2. in med. & pag. 190. col. 1. & pag. 506. col. 1. in princ. & pag. 507. col. 2. in princ.
- v. 32. *Et regnabit in domo Jacob.* pag. 157. col. 1. in princ.
- v. 34. *Quomodo fiet istud? pag. 190. col. 2. in fin. & pag. 507. col. 2.*
- Ibid. *Quoniam virum non cognosco? pag. 507. col. 2.*
- v. 35. *Spiritus Sanctus super veniet in te.* pag. 436. col. 2.
- Ibid. *Virtus Altissimi obumbrabit tibi.* pag. 193. col. 2.
- v. 38. *Ecce ancilla Domini.* pag. 155. col. 2. in princ. & seqq.
- Ibid. *Fiat mihi secundum verbum tuum.* pag. 156. col. 1. in med. & pag. 191. col. 1. in med.
- v. 39. *Abiit in montana cum festinatione.* pag. 456. col. 1.
- v. 44. *Exultavit in gaudio infans in utero meo.* pag. 221. col. 1. in med.
- v. 45. *Beata quae credidisti.* pag. 110. col. 1. in princ.
- v. 46. & 47. *Magnificat anima mea Dominum: & exultavit spiritus meus in Deo salutari meo.* pag. 235. col. 1. in princ. & pag.

- pag. 456. col. 1.
 v. 48. Quia respexit humilitatem ancillæ suæ : ecce enim ex hoc Beatam me dicent omnes generationes. pag. 73. col. 2. in princ. & pag. 110. col. 1. in princ. & pag. 160. col. 2. in med. & seqq.
- v. 49. Fecit mihi magna qui potens est pag. 445. col. 2.
- v. 51. Fecit potentiam in brachio suo pag. 451. col. 2.
- v. 51. 52. & 53. Dispersit superbos mente cordis sui. Deposuit potentes de sede, & exaltavit humiles. &c. pag. 178. col. 1. in fin. & pag. 249. col. 1. & seqq.
- Cap. 2. v. 14. Gloria in altissimis Deo & in terra pax hominibus. pag. 456. col. 1.
- Cap. 3. v. 5. Omnis vallis implebitur: & omnis mons, & collis humiliabitur. pag. 22. col. 1. & 2.
- Cap. 5. v. 4. & 5. Ut cessavit autem loqui: &c. pag. 305. col. 1.
- Cap. 6. v. 12. Erat pernoctas in oratione Dei. pag. 59. col. 2. in med.
- v. 37. Domittite, & dimittimini. pag. 134. col. 1. post princip.
- Cap. 7. v. 4. & 5. At illi cum venissent ad Iesum, rogabant eum sollicite; dicentes ei: Quia dignus est, ut hoc illi præstes: &c. pag. 131. col. 2. ante fin.
- Cap. 8. v. 30. Intraverunt Dæmonia multa in eum. pag. 48. col. 2. in med.
- v. 31. Rogabant illum, ne imperaret illis, ut in abyssum irent. pag. 47. col. 2. in fin. & pag. 48. col. 2. in med.
- v. 32. Et rogabant eum, ut permitteret eis in illos ingredi. pag. 48. col. 1. in princip.
- Ibid. Et permisit illis. Ibidem.
- Cap. 9. v. 18. Et factum est, cum solus esset orans. pag. 53. col. 1.
- v. 28. Ascendit in montem, ut oraret pag. 53. col. 1. in fin.
- Cap. 11. v. 1. Domine, doce nos orare. pag. 2. col. 1. in princip.
- v. 2. Et ait illis: Cum oratis, dicitis: Pater, sanctificetur nomen tuum: Adveniat Regnum tuum. &c. pag. 2. col. 1.
- v. 3. Panem nostrum quotidianum da nobis. pag. 268. col. 1.
- v. 14. Erat Iesus ejiciens Dæmonium, & illud erat mutuum. pag. 2. col. 2. in med. & pag. 4. col. 1. in fin. & pag. 30. col. 1. in princ.
- Ibid. Locutus est mutus, & admiratæ sunt turba pag. 4. col. 2. in med. & pag. 8. col. 2. in princ. & pag. 21. col. 2.
- v. 15. In Beelzebub Principe Dæmoniorum eiecit Dæmonia. pag. 225. col. 2. & pag. 327. col. 1. & pag. 356. col. 2.
- v. 23. Qui non est mecum, contra-

- me est. pag. 16. col. 1. in fin.
- v. 27 Extollans vicem quædam mulier de turba, dixit illi. pag. 8. col. 2 & pag. 21. col. 2. & pag. 40 & seqq & pag. 106. & seqq. & pag. 217. & seqq.
- Ibid. Beatus venter, qui te portavit, & ubera, quæ suxisti. pag. 1. in princip. & seqq. & pag. 40. & seqq. & pag. 185. & seqq. & pag. 217. & seqq. & pag. 324 & seqq. & pag. 358. & seqq. & pag. 430. & seqq. & pag. 459. & seqq.
- v. 28 Quinimo Beati, qui audiunt verbū Dei, & custodiunt illud. pag. 187. col. 2. in fin. & pag. 188 col. 1. in fin.
- Cap. 12. v. 37. Beati serui illi, quos, cum venerit Dominus, inuenerit vigilantes. pag. 421. col. 1. & seqq.
- Ibid. Amen dico vobis, quod præcinget se, & faciet illos discumbere, & transiens ministrabit illis. pag. 421. col. 2. in princip. & seqq.
- Cap. 13. v. 24. Contendite intrare per angustam portam. pag. 477. col. 1. in fin.
- Cap. 14. v. 19 Iuga bouum emi quinque. pag. 302. col. 2.
- Cap. 16. v. 24 Ut intingat extremū digiti sui in aquam. pag. 139. col. 1. in fin.
- v. 25. Fili, recordare, quia recepisti bona in vita tua, & Lazarus similiter mala: &c pag. 177 col. 1. in med.
- v. 28. Habeo enim quinque fratres. pag. 302.
- Cap. 17. v. 21. Regnū Dei intra vos est. pag. 133. col. 2. in fin.
- v. 35. Duo erunt in agro: unus assumetur, & alter relinquetur. pag. 370. col. 2.
- v. 37. Ubicumque fuerit corpus. pag. 120. col. 1. in princip.
- Cap. 18. v. 11. Deus, gratias ago tibi, quia non sum sicut cæteri hominum. pag. 222. col. 2. in med.
- Cap. 22. v. 17. Accipite, & droidite inter vos. pag. 118. col. 1. in med.
- Cap. 23. v. 34. Pater, dimitte illū. pag. 142. col. 1. in med.
- v. 42 Domine, memento mei, cum veneris in Regnum tuum. pag. 370. col. 2.
- v. 43. Hodie mecum eris in Paradiso. pag. 303. col. 2.
- Cap. 24. v. 21. Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel. pag. 407. col. 2.
- v. 25. O stulti, & tardi corde,

Ex D. Joanne.

Cap. 1. v. 1. In principio erat Verbū
pagi

- pag. 133. col. 1. post princip. &
pag. 185. col. 2. in fin.
- Ibid. *Et Verbum erat apud eum,*
& *Deus erat Verbum.* pag.
185. col. 2. in fin.
- vers. 2. *Hoc erat in principio*
apud Deum. pag. 186. col. 1. in
princ.
- vers. 9. *Quæ illuminat om-*
nem hominem venientem in
hunc mundum. pag. 126. col. 1.
in fin.
- vers. 14. *Verbum caro factum*
est. pag. 186. col. 1. in med.
- Ibid. *Et vidimus gloriam ejus*
quasi Unigeniti à Patre. pag.
186. col. 1. in med.
- vers. 46. *A Nazareth potest*
aliquid boni esse? pag. 505. col.
2. in med.
- Cap. 2. vers. 1. *Et erat Mater*
Iesu ibi. pag. 302. col. 2.
- vers. 2. *Vocatus est Iesus,* &
Discipuli ejus. pag. 363. col.
1.
- vers. 3. *Deficiente vino.* pag.
363. col. 1.
- Ibid. *Vinum non habent.* pag.
363. col. 1.
- vers. 4. *Quid mihi,* & *tibi?*
pag. 363. col. 1.
- Ibid. *Nondum venit hora mea.*
pag. 363. col. 1.
- Cap. 3. vers. 14. *Sicut Moyses*
exaltavit Serpentem in de-
- serto.* pag. 468. col. 1. in fin.
& pag. 490. col. 1. in princip.
- Cap. 4. vers. 18. *Quinque vi-*
ros habuisti. pag. 302. col. 2.
- Cap. 5. vers. 2. *Quinque portus*
habens. pag. 303. col. 1.
- vers. 7. *Hominem non habeo.*
pag. 303. col. 1.
- Cap. 6. vers. 15. *Fugit iterum*
in montem ipse solus. pag. 54.
col. 1. in fin.
- vers. 57. *Qui manducat meam*
carnem, & *bibit meum san-*
guinem. pag. 120. col. 1. in
fin.
- Ibid. *In me manet,* & *ego in*
illo. pag. 120. col. 1. in med.
& pag. 140. col. 1. in med.
- vers. 58. *Sicut misit me vi-*
vens Pater, & *ego vivo prop-*
ter Patrem: &c. pag. 493.
col. 1.
- vers. 59. *Hic est panis, qui de*
Cælo descendit. pag. 120.
col. 2. in princip. & pag. 490.
col. 1.
- Ibid. *Non sicut manducave-*
runt Patres vestri Manna:
&c. pag. 492. col. 1.
- Ibid. *Qui manducat hunc pa-*
nem, vivet in æternum. pag.
120. col. 2. post princip. &
pag. 492. col. 1.
- Cap. 7. vers. 15. *Quomodo hic*
litteras scit, cum non didi-
cerit?

- cerit ? pag. 227. col. 2. in med. & pag. 382 col. 2.
- vers. 46. Quare non adduxistis illum ? pag. 20. col. 1.
- Ibid. Responderunt ministri : Nunquam sic locutus est homo. pag. 20. col. 1.
- vers. 47. & 48. Nunquid & vos seducti estis ? Nunquid ex Principibus ? &c. pag. 20. col. 2. in princip.
- Cap. 8. vers. 9. Remansit solus Iesus, & mulier in medio stans, pag. 67. col. 1. in med.
- vers. 11. Vade, & jam amplius noli peccare. pag. 67. col. 1. in med.
- Cap. 10. vers. 9. Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur. pag. 294. col. 2.
- Cap. 11. vers. 4. Infirmas hæc non est ad mortem, sed ut glorificetur Filius Dei per eam. pag. 172. col. 2.
- vers. 37. Non poterat hic, qui aperuit oculos cæci nati, facere, ut hic non moreretur ? pag. 372. col. 1.
- Cap. 12. vers. 32. Si exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum. pag. 336 col. 2.
- Cap. 13. vers. 5. Misit aquam in pelvim, & cepit lavare pedes. pag. 158. col. 2. in princip.
- Cap. 14. vers. 22. Opera quæ ego
- facio, & ipse faciet : & maiora horum faciet. pag. 5. col. 1. ante fin. & pag. 29. col. 2. in fin.
- Ibid. Quia ego ad Patrem vado. pag. 5. col. 2. in med. & pag. 6 col. 1. & 2. & pag. 7. col. 1. & 2.
- vers. 13. Et quodcunque petieritis Patrem : &c. pag. 7. col. 1. & 2.
- Cap. 15. vers. 7. Si manseritis in me, & verba mea in vobis manserint. pag. 140. col. 1. in med.
- Ibid. Quodcunque volueritis, petetis, & fiet vobis. pag. 140. col. 1. in med.
- Cap. 16. vers. 28. Exivi à Patre, & veni in mundum : iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem. pag. 466. col. 2. in princip.
- Cap. 18. vers. 5. Ego sum. pag. 264. col. 1. in med.
- vers. 24. Misit eum ligatum ad Caipham. pag. 158. col. 2. in med.
- Cap. 19. vers. 17. Bajulans sibi Crucem. pag. 158. col. 2. in fin.
- vers. 20. Erat scriptum Hebraicè, Græcè, & Latine. pag. 227. col. 1.
- vers. 22. Quod scripsi, scripsit pag. 379. col. 2.

vers. 23. *Acceperunt vestimenta ejus. pag. 158. col. 2. in fin.*

vers. 25. *Stabat juxta Crucem Iesu. Mater ejus. pag. 362. col. 2.*

vers. 26. *Discipulum, quem diligebat. pag. 514. col. 2. in princip.*

Ibid. *Mulier, ecce filius tuus. pag. 76. col. 2. circa fin. & pag. 514. col. 1.*

vers. 27. *Ecce Mater tua. pag. 514. col. 2. in princip.*

Ibid. *Et ex illa hora accepit eam Discipulus in sua. pag. 514. col. 2. in princip.*

Cap. 20. vers. 17. *Noli me tangere, nondum enim ascendi ad Patrem meum. pag. 44. col. 2. in fin. & pag. 45. col. 1.*

vers. 27. *Affer manum tuam & mitte in latus meum. pag. 373. col. 1.*

Cap. 21. vers. 11. *Ascendit Simon Petrus, & traxit rete in terram: &c. pag. 305. col. 1. & seqq. & pag. 322. col. 2. in fin.*
vers. 15. *Diligis me plus his? pag. 94. col. 1. in med. & seqq.*

Ex Libro Actuum Apostolorum.

Cap. 3. vers. 6. *Argentum, & aurum non est mihi: quod autem habeo, hoc tibi do. pag. 278. col. 2. in fin.*

Cap. 8. vers. 27. *Et ecce, vir Aethiops, &c. pag. 170. col. 1. in med.*

Cap. 13. v. 48 *Et crediderunt, quotquot erant praedesignati ad vitam aeternam. pag. 20. col. 2.*

Cap. 17. vers. 28. *In ipso enim vivimus, & movemur, & sumus. pag. 431. col. 2.*

Cap. 22 vers. 9 *Et qui mecum erant, lumen quidem viderunt, vocem autem non audierunt ejus, qui loquebatur mecum. pag. 57. col. 1. circa fin.*

Ex Epistol. D. Pauli ad Romanos.

Cap. 6. vers. 22. *Liberati à peccato, servi autem facti Deo. pag. 413. col. 2.*

Cap. 7. vers. 15. *Lex spiritualis est: ego autem carnalis sum, venundatus sub peccato. pag. 400. col. 1. & seqq.*

Cap. 8 vers. 29. *Quos praescivit, & praedestinavit conformes fieri imaginis Filij sui. pag. 21. col. 1. & pag. 319. col. 2. & pag. 343. col. 1. & pag. 345. col. 1.*

vers. 32. *Qui proprio Filio suo non peperit. pag. 342. col. 2.*

Cap. 10. vers. 19. *Ego ad emulationem vos adducam in non gentem. pag. 184. col. 1. in med.*

Cap. 12. vers. 15 *Gaudete cum gaudentibus*

- dentibus, flere cum flentibus. pag. 125. col. 2. in fin.
 vers. 19. *Mibi vindicta: Ego retribuam.* pag. 324. col. 2.
- Cap. 13. vers. 9. *Nam: Non adult-rabis: Non occides: Non fura-beris: &c.* pag. 134. col. 2. in med.
- Cap. 15. vers. 30. *Obsecro vos, fra-tres, per Dominum nostrum Iesum Christum, & per chari-tatem Sancti Spiritus: &c.* pag. 43. col. 1. in med.
- Ex Epist. 1. ad Corinth.
- Cap. 1. vers. 26. *Videte vocatio-nem vestram, fratres, quia non multi sapientes secundum car-nem: &c.* pag. 18. col. 2. in princ. & seqq.
- Cap. 5. vers. 3. & seqq. *Iudicavi, congregatis vobis, & meo spiri-tu, cum virtute Domini in stri Iesu, tradere huiusmodi Sata-næ.* pag. 15. col. 1. in fin.
- Cap. 10. vers. 4. *Consequente eos Petra.* pag. 368. col. 1. in prin-cip.
- vers. 13. *Sed faciet etiam cum tentatione proventum.* pag. 134. col. 1. in med.
- Cap. 11. vers. 23. & 24. *In qua no-cte tradebatur, accepit panem: & gratias agens, fregit, & di-xit: Accipite, & manducate: Hoc est Corpus meum.* pag. 263. col. 2. in med.
- Ibid. *Quod pro vobis tradetur.* pag. 263. col. 2.
- vers. 25. & 26. *Hoc facite::: in meam commemorationē? Quo-tiescunque enim manducabitis panem hunc: &c.* pag. 142. col. 2. in fin. & pag. 143. col. 1. in fin.
- vers. 29. *Iudicium sibi mandu-cat, & bibit.* pag. 141. col. 2. post princip.
- Cap. 12. vers. 31. *Amulamini, charismata meliora.* pag. 246. col. 1. in med.
- Ibid. *Adhuc excellentiorē viam vobis demonstro* pag. 478. col. 1. in fin.
- Cap. 14. vers. 6. *Nunc autem, fra-tres, si venero ad vos lingua loquens: Quid vobis prodero?* pag. 235. col. 2. in med.
- vers. 7. *Quæ sine anima sunt vocem dantia; &c.* pag. 243. col. 1.
- vers. 8. *Etenim si incertam vo-cem det tuba: quis parabit se ad bellum?* pag. 243. col. 2.
- vers. 14. *Si orem lingua, spiritus meus orat, mens autem mea si-ne fructu est.* pag. 234. col. 2. in princ. & seqq.
- vers. 19. *In Ecclesia volo quin-*
 que

que verba sensu meo loqui :
quàm decem millia verbo-
rum in lingua. pag. 231. col. 1.

Cap. 15 vers. 6. *Visus est plus quàm
quingentes fratribus.* pag. 19.
col. 1.

vers. 28. *Ut sit Deus omnia in
omnibus.* pag. 374. col. 1.

Ex Epistol. 2. ad Corinth.

Cap. 1. vers. 10. & 11 *Qui de tan-
tis periculis nos eripuit, &
eruit: in quem speramus: &c.*
pag. 43. col. 1.

Ibid. *Ut ex multorum personis,
ejus quæ in nobis est donatio-
nis, per multos gratiæ agantur
pro nobis.* pag. 44. col. 2.

Cap. 4. v. 4. *Qui est imago Dei.* pag. 342: col. 1.

Cap. 5. v. 21. *Eum, qui non noverat
peccatum, pro nobis peccatum
fecit.* pag. 340. col. 2.

Cap. 12. vers. 8. *Propter quod ter
Dominum rogavi.* pag. 43 col. 2.
in fin.

Ex Epistol. ad Galat.

Cap. 4. vers. 30. *Ejice ancillam, &
filium ejus.* pag. 3. col. 2. prope
fin.

Ex Epistol. ad Ephesios.

Cap. 4. vers. 8. *Ascendens in altum,*

captivam duxit captivitatem.
pag. 413. col. 1.

vers. 13. *In mensuram ætatis
plenitudinis Christi.* pag. 120.
col. 1 in med.

vers. 14. *Ut non circumfere-
mur omni vento doctrinæ.* pag.
199 col. 2. in fin.

Cap. 5. vers. 19. *Loquentes vobis
metipsis in Psalmis, & Hym-
nis: &c.* pag. 236. col. 1. in
med.

Cap. 6. vers. 5. & seqq. *Servi obe-
dite Dominis carnalibus: &c.*
pag. 397. col. 1. & pag. 416.
col. 1. & seqq. & pag. 419. col.
1. & seqq.

vers. 12. *Quoniam non est nobis
colluctatio adversus carnem,
& sanguinem: &c.* pag. 30.
col. 2.

Ex Epistol. ad Philippens.

Cap. 1. vers. 19. *Scio quia hac mi-
hi proveniet ad salutem, per
vestram orationem.* pag. 42. col.
2. in fin.

Cap. 2. vers. 6. & 7. *Qui cum
in forma Dei esset, non ra-
pinam arbitratus est esse se
æqualem Deo: &c.* pag. 158.
col. 1. in princip. & pag. 159.
col. 1. & 2.

Cap. 4. vers. 6. *In omni oratio-
ne, & obsecratione cum gra-
tiarum*

tiarum aetione petitiones vestrae innotescant apud Deum. pag. 241. col. 2. in med.

Ex Epistol. ad Coloffenses.

Cap. 2. vers. 9. In ipso inhabitat omnis plenitudo Divinitatis corporaliter. pag. 113. col. 1. & 2.

vers. 14. & 15. Delens quod adversus nos erat, chirographum decreti: &c. pag. 409. col. 2. & seqq.

Cap. 3. vers. 3. Mortui estis, & vita vestra est abscondita cum Christo in Deo. pag. 339. col. 2. vers. 9. 10. & 11. Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis, & induentes novum; &c. pagin. 150. col. 1. in fin.

vers. 22. & seqq. Servi, obedite per omnia Dominis carnalibus: &c. pag. 416. col. 1. & seqq.

Ex Epistol. 1. ad Timoth.

Cap. 2. vers. 12. Docere autem mulieri non permitto. pag. 228. col. 2. in med.

Ex Epistola ad Hebraeos.

Cap. 1. vers. 1. & 2. Olim Deus loquens in Prophetis: novissime

locutus est nobis in Filio. pag. 516. col. 2. in med.

vers. 3. Figura substantiae ejus. pag. 342. col. 1.

Ibid. Purgationem peccatorum faciens, sedet ad dexteram maiestatis in excelsis. pag. 141. col. 2. in fin.

Cap. 2. vers. 14. & seqq. Quia ergo pueri communicaverunt carni, & sanguini, & ipse similiter participavit iisdem: &c. pag. 79. col. 1. in fin. & seqq.

Cap. 5. vers. 1. Omnis nanque Pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur: &c. pag. 72. col. 1. in med. & seqq. & pag. 75. col. 2. in princ.

vers. 4. Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur à Deo, tanquam Aaron pag. 74. col. 2. in princ.

vers. 5. Christus non semetipsum clarificavit, ut Pontifex fieret: &c. pag. 74. col. 2. post princ.

vers. 7. Qui in diebus carnis suae, preces, supplicationesq. ad eum :: offerens; &c. pag. 74. col. 2. in med.

Cap. 6. v. 6. Rursum crucifigentes sibi metamorphosis Filium Dei, & ostentui habentis. pag. 123. col. 1. in med. & col. 2.

Cap. 7. v. 3. Melchisedech sine patre,

tre, sine matre, sine genealogia.

pag. 284. col. 1. in princ.

vers. 26 *Talis enim decebat, ut nobis esset Pontifex, sanctus, innocens, &c.* pag. 76. col. 1. in princ.

vers. 27. *Qui non habet necessitatem: quemadmodum Sacerdotes, prius pro suis delictis hostias offerre, deinde pro populi.* pag. 75. col. 2. in med.

Cap. 10. v. 38. *Iustus meus ex Fide vivit.* pag. 261. col. 2. in med.

Cap. 11. v. 19. *Arbitrans quia & à mortuis suscitare potens est Deus.* pag. 501. col. 2. in fin.

Cap. 13. v. 15. *Per ipsum ergo offeramus hostiam laudis semper Deo, id est, fructum laborum.* 475. col. 2.

Ex Epist. 1. D. Petri.

Cap. 1. v. 18. & 19. *Scientes quòd non corruptilibus; auro, vel argento redempti estis: &c.* pag. 408. col. 1.

Cap. 2. v. 2 & 3. *Sicut modò geniti infantes, rationabile sine dolo lac concupiscite: &c.* pag. 478. col. 2. in fin. & seqq.

vers. 9. *Vos autem genus electum, Regale Sacerdotium.* pag. 88. col. 1.

vers. 18. *Servi, subditi stote in omni timore Dominis, non tan-*

tum bonis, & modestis, sed etiam dyscolis. pag. 417. col. 2.

vers. 20. *Quæ enim est gloria: si peccantes, & colaphizati suffertis? pag. 417. col. 2. & seqq.*

Ibid. *Sed si bene facientes patienter sustinetis: hæc gratia apud Deum.* pag. 417. col. 2. in fin. & seqq.

vers. 21. *In hoc exim vocati estis: quia & Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum, ut sequamini vestigia ejus.* pag. 418. col. 1. & seqq. & pag. 446. col. 2. & pag. 469. col. 1.

Ex Epistol. 2. D. Petri.

Cap. 1. v. 10. *Satagite, ut per bona opéra certam vestram vocationem faciatis.* pag. 317. col. 1.

Ex Epistol. 1. D. Joannis.

Cap. 2. v. 16. *Quoniam omne, quod est in mundo, &c.* pag. 410. col. 1.

Ex Libr. Apocalypsis.

Cap. 1. v. 18. & 19. *Ego sum primus, & novissimus, & vivus, & fui mortuus. &c.* pag. 93. col. 2. ante med. & pag. 96. col. 1. & 2.

Cap. 7. v. 2. *Quibus datum est nocere terræ, & mari.* pag. 12. col. 2.

vers. 9. *Amicti stolis albis* pag. 470. col. 1. vers. 4.

- vers. 14. Qui laverunt stolas suas, & dealbaverunt eas in sanguine Agni. pag. 470. col. 1.
- Cap. 12. v. 1. Signum magnum apparuit in Cælo: Mulier amicta Sole. pag. 194. col. 1. in princip. & seqq. & pag. 439. col. 2. & seqq.
- Ibid. Et in capite ejus corona stellarum duodecim. pag. 285. col. 1. in fin.
- vers. 1. Et in utero habens, clamabat parturiens, & cruciatur ut pariat. pag. 194. col. 1. in med. & seqq.
- vers. 5. Et peperit filium masculinum, qui relicturus erat omnes Gentes. pag. 194. col. 1. in med. & seqq.
- Cap. 13. v. 9. Siquis habet aurem, audiat. pag. 426. col. 2. in fin.
- vers. 10. Qui in captivitatem duxerit, in captivitatem vadet. pag. 427. col. 1.
- Cap. 14. v. 4. Virgines enim sunt. Hi sequuntur Agnum quocumque ierit. pag. 437. col. 2. & seqq.
- Cap. 20. v. 1. & 2. Et vidi Angelum descendentem de cælo, habentem: satenam magnam: &c. pag. 9. col. 2.
- Cap. 21. v. 13. Ab Oriente porta tres: & ab Aquilone, porta tres: &c. pag. 29. col. 2. in fin.

FINIS



INDEX



INDEX

DAS COVSAS NOTAVEIS.

OS NUMEROS, SIGNIFICAM
as Paginas.

A

Abraham.



BRAHAM na morte, q̄ queria dar a Isaac, elle mesmo era

Sacrificio, & o Sacerdote, a Victima, & o Pontifice. pag. 76.

Adam. Adam quer dizer vermelho, *Ruber.* E porque razão poz Deos a Adam este nome. pag. 165. Se havia de encarnar, ou não, o Filho de Deos, no caso que Adam não peccára. pag. 360. Assim como Adam, & Eva vendêrão as suas Almas, nós vêdemos as nossas. pag. 401.

Alma. De seu sacratissimo Corpo fez Christo hum espelho para a Alma. pag. 97. Não he adequada a seme-

lhança, que se considera entre os modos de estar a Alma no corpo, & Christo no Sacramento. pag. 116. Como fica a Alma sem fructo, quando se ora a lingua, que se não entende. pag. 234. O fructo da Oraçãõ consiste nos affectos da Alma: & se se não entendem as palavras, cõ que se ora, não podem excitar estes affectos. pag. 236. De que modo se cativaõ as Almas. pag. 399. 400. Porque razão veyo Christo to remir aos homens do cativoiro das Almas, & não do cativoiro dos corpos. pag. 405.

Amor. Que mal correspondem os homens aos grandes beneficios do Amor de Deos. pag. 37. 38. E como provaõ isto os mesmos Demonios. *Ibid.* Exame do Amor de Maria cõ o de todos os Santos, & Anjos. pag.

Index das

94. 95. A maior inclinação do Amor he dar-se todo: & a sua maior mortificação he dar sómente parte. pag. 117. 118. Mais toleraveis são os apertos do Amor, que os da fome. pag. 255. Sojeitase Deos por Amor a ser levado da Senhora, para onde ella quer. Pag. 441. 442.
- Anjos.** São Domingos he o Anjo do Apocalypse, que com o Rosario prendeo ao Demonio. pag. 9. Demônios, & não Anjos quiz Deos em hũa occasião, que fosse em defensão do Rosario: & porque. pag. 14. Porque razão o Filho de Deos se fez Homem, & não Anjo. pag. 79. E porque razão remio os homêes, & os Anjos não. pag. 178. Admirações dos Anjos sobre o Rosario. pag. 213. *usque ad* 215.
- Appetite.** O maior appetite da mulher, he andar, & sair. pag. 63.
- Arca.** Propria representação da Virgem Maria na Arca de Noè. pag. 27. O Rosario propriamente representado na Arca de Noè, & no diluvio. pag. 28. Nenhum pezo sentiaõ os Levitas, que levavaõ a Arca do Testamento. pag. 430.
- Arte.** Qual he a materia, assim em sustentancia, como no modo, de que se val a Arte Magica, para os encantos, & feitiços: & quaes são os me-yos contrarios a esta Arte, & a estes encantos. pag. 331. 332. Quam proprio effeito seja da Arte Magica encantar, & amantar serpentes. pag. 335.
- Aram.** Notavel differença entre o Pontificado de Christo, & o de Aram. pag. 87.
- Atenção.** Quãtas, & quaes são as Attenções da Oração perfeita. pag. 58. Se saltar qualquer dellas na Oração, he injuria, que fazemos a Deos. pag. 58. 59.
- Audiencia.** São mais bem ouvidos de Deos, os que em Oração retirada trataõ só por só com elle. pag. 56. *usque ad* 61.
- Ave-Maria.** Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Orações differentes, são hũa só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Assim a Oração do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, está toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 132. *usque ad* 140. Que ardentissimos affectos excita a Oração da Ave-Maria. pag. 237. Porq̃ são cento & cincoenta as Ave-Marias do Rosario da Senhora. pag. 303. *usque ad* 310. Quando rezamos a Ave Maria, dizemos à Senhora, que dezeja por nós. pag. 457.

B

Bemaventurança. **Q**UAES são os que mais haõ de ir gozar a Bemaventurança. pag. 18. 19. Porque não disse a Mulher do Evangelho, quando quiz louvar a Senhora: Bemaventurada a Mãe; senão, Bemaventurado o Ventre. pag. 109. Tres vezes foy chamada neste mundo Bemaventurada a Virgem Maria: & em qual dellas se fallou com maior encarecimento. pag. 110. Conceber a Virgem Ma-
ria.

ria a Deos na Mente, foi maior Bê-aventurança, que concebello no Ventre. pag. 188. No número dos quinze Mysterios do Rosario se nos promete a Bemaventurança. pag. 296.

Beneficios. São tres os Beneficios inefaveis, com que Deos restaurou ao mundo, depois de perdido o genero humano. pag. 474.

Bens. Não quiz o Autor da natureza, que a Mulher se contasse entre os bens moveis: & porque. pag. 63.

Blasfemias. Com quinze mil Demônios castigou Deos as blasfemias ditas contra o Rosario. pag. 11. & *ulterius*. E porque. *Ibid.*

Bondade. Não ha communidade tão boa, em que se não ache hũ mão: nê tão má, em q̄ se não ache algũ bô. pag. 40. Quando a escolha he entre o mal, & o bem; ha se de escolher o bem, & deixar o mal. Mas quando he entre o bom, & o melhor; ha se de escolher o melhor, & deixar o bom. pag. 246.

Breviario. As mulheres devem preferir a reza do Rosario à do Breviario. pag. 221. Qual deve ser preferido, se o Rosario, ou o Breviario. pag. 226. & *ulterius* Tambem he reza sem sabôr a do Breviario para os homêes ignorâtes da Lingua Latina. pag. 233.

Braço. O Filho de Deos tem por mais gloriosas as açcoês de seu Braço, quando tambem he levado pelos impulsos de sua. pag. Mã. 451.

C

Cadea. O ROSARIO he Cadea para se prender ao De-

monio. pag. 10.

Castigo. Com quinze mil Demônios castigou Deos a hum Blasfemo do Rosario: & porque. pag. 11. & *ulterius*. Notavel castigo de Deos na Irmãa de Moyses, porque murmurou de elle se ter catado com hũa molher preta. pag. 107. Como castigou Deos a altiveza de Michol desprezadora dos obsequios de David ao mesmo Deos, por serem vulgares. pag. 221. Quando a justiça de Deos decreta absolutamente algum castigo, antes de proceder à execução prohibe primeiro a nossa Oração. pag. 346.

Cativos. Como se cativão os corpos, & as Almas. pag. 404. Porque razão na genealogia de Christo se faz menção do Cativoiro de Babilonia, & não do Cativoiro do Egipto. pag. 405. Quantas vezes forão cativos os filhos de Israel. pag. 406. O primor de todos os que Deos libertou do cativoiro do peccado, deve ser fazerem se cativos de quem os libertou. pag. 412. & *ulterius*. O estado dos Cativos he como o da Religião: & essa a mais apertada. pag. 418. *usque ad* 420. Para passar da liberdade ao cativoiro, não he necessaria a Transmigração de Babilonia. pag. 427.

Chaves. Qual he a Potestade das Cha-

Index das

ves da Senhora do Rosario. pag. 93 & *ulterius*. Esta Potestade das Chaves de Maria, medida pelo amor, he maior que a de Pedro. pag. 94. 95

Ceo. As ruas estreitas, & apertadas, são as por onde andão os que vão pelo caminho do Ceo. pag. 31. Se a Oraçãõ vai acompanhada de muitos, tem francas as portas do Ceo. pag. 49. Ainda que somos peregrinos na terra; nem por isso as nossas caulas são desamparadas no Ceo. pag. 74. Christo não só deu a sua Mãe as chaves do Ceo, como a S. Pedro, senão tambem as da morte, & as do Inferno, que elle só refervou para sy pag. 96 *usque ad* 102. A Virgem Senhora Nossa ainda no Ceo gera a seu Filho. pag. 192. O Paõ do Ceo he estreito, & apertado; & o Paõ da terra largo, & abundante; & porque. pag. 226. Porque não prometéo Deos o Ceo aos observadores da Ley Escrita. pag. 290. 291. Os quinze Mysterios do Rosario são as coufas, que havemos de offerrecer a Deos, calculados os numeros de sete, & oito, com a Bemaventurança do Ceo. pag. 296. Hoje no Ceo se deixa levar Deos da Senhora, para onde ella quer. pag. 432. Não faltou à Antiguidade ser a Via Lactea caminho do Ceo. pag. 473. Consideraçãõ importante dos caminhos do Ceo. pag. 476.

Christo. A maior promessa de Christo foi, que os que o seguião, havião fazer maiores maravilhas do que elle. pag. 5. E com que condiçõs.

pag. 6 7. Não tentou o Demonhão a Christo, senão depois que o vio separado da presença de sua Santissima Mãe: & porque. pag. 32. 33. 34. Christo ensinou a orar só, & isso fazia sêpre. pag. 52. 53. E para que. *ibid.* O que faz Christo, quando quer converter mulheres. pag. 67. Que differença ha de Christo Pontifice aos outros Pontifices. pag. 74. Se Christo não fosse Filho da Virgem Maria, não seria Pontifice. pag. 80. Como comprehende o Sacramento do Altar o Corpo de Christo: pag. 114. & *ulterius*. Christo Sacramento, ainda que glorioso, & impassivel, tambem padece: & como. pag. 123. Assim na parte Mental, como na Vocal do Rosario, está todo Christo. pag. 128. 129. Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento: assim a Senhora se deixou como sacramentada conosco na Ave-Maria. pag. 139. Muito mais damos a Christo no Rosario, do que elle nos pediu no Sacramento. pag. 142. Quanto estima Christo aos Pretos. pag. 168 & *ulterius*. Christo na mesma noite se entregou a seus inimigos, & fugio d'elles. pag. 264. Como diz Christo, sendo Pay, que lhe pegão os filhos o paõ, dizendo em outra parte, que não tenhaõ elles cuidado do que haõ de comer? pag. 268. Como he Christo Encantador. pag. 328. & *ulterius*. Com que Mysterios Christo no dia da Redençãõ se coroou de espinhas. pag. 497. & *deinceps*.

Christãos. A Virgem Maria he Pontefigura

segura dos Christãos. pag. 82.

Circulo. Toda a vida de Christo foi hum circulo. pag. 198. Os que têm o Rozario fazem circulos. pag. 200.

Congregação. Concorrem os Christãos a orar juntos em congregação, porque assim poem a Deos de cerco, para lhes não negar o que lhe pedem. pag. 50.

Condennados. Quaes são os q̄ mais, ou menos se condennão. pag. 16. 17. Nenhum devoto da Virgem, se per severa na sua devação, se condenna. pag. 26.

Contas. Quanto importa saber os mysterios dos numeros nas contas de Deos. pag. 284. A que fim se dividem nas Contas do Rozario os Mysterios de cinco em cinco. pag. 302. E porque são cento, & cincoenta as Ave-Marias. pag. 303. As cincoenta Ave-Marias do Rozario dividido em tres Terços nos negociações o delcanço do Ceo. pag. 308. O numero de dez he o mais perfeito de todos. pag. 311. Todas as Contas do Rozario se resumem aos maiores dous sinais da Predestinação, pag. 319.

Coroa. A Tiara, que he insignia dos Summos Pontifices, compoemse de tres Coroas: & porque pag. 87. 88. Os Imperadores coroaõse tres vezes, & com tres Coroas: & quaes são estas Coroas. pag. 88. De outras tantas Coroas se compoem a Tiara Pontificia, que compete à Virgem Senhora Nossa por Senhora do Rozario. pag. 88. *usque ad* 92. Porque

chama David à fertilidade dos campos, Coroa do Anno. pag. 250. A Coroa de espinhos, com que Christo se corou, tolhe a elle devida, porque preservou a sua Mãe das espinhas do peccado de Adam. pag. 501.

Coração. Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãe, cada hum he filho de seu coração. pag. 174. Se com o coração, que a Espola tirou a Deos, tivesse Deos querido alguma cousa contra a vontade da Espola, sempre se ha de fazer o que a Espola quizer, ainda que parecesse, q̄ o Espolo o não quizesse. pag. 442.

Cores. A Senhora do Rozario igualmente abraça as tres cores, Branco, Preto, & Pardo. pag. 151. Tanto os Pretos, como os Brancos, devião igualmente unir se na mesma Irmãdade do Rozario. pag. 152. Excellências da cor preta preferida à branca. pag. 104. *& ulterius*

Cruz. Mais padece Christo no Sacramento, quando o recebem em peccado, do que padeceo na Cruz. pag. 122. Como Christo foy na Cruz verdadeiro Encantador. pag. 336. 337. Como enteeitiga a Imagem de Deos, ou no Presépio, ou na Cruz. 343. 344.

Culto. Nas materias do Culto Divino, o mais authorizado, he o mais vulgar, & humilde. pag. 218.

D
NENHUMA Oração
 Demonios. **N**enhum
 periguo tanto o De-
 monio

monio, como o Rosario. pag. 3. O pacto, cõ que o Demonio serve aos que delle se valem, he odio contra o Rosario. pag. 3. Empenhase o demonio em emudecer oshomês na Oração do Rosario. pag. 4. Prêgação do Demonio feita pela boca de hum endemoninhado. pag. 5. & *ulterius*. O Rosario he cadeia, com que se prende ao Demonio. pag. 10. Confessãõ os Demonios, que nenhum devoto do Rosario se condemnaria. pag. 23. Confirma-se esta confissão dos demonios: & como se ha de entender. pag. 26. 27. Os Demonios, por serem inimigos invisiveis, são os que mais devemos temer. pag. 30. Quanto fogem os Demonios da preleção da Virgem Maria. pag. 32. 33. 34. Quaes são as tres Gerarchias, em que se reparem os Demonios. pag. 35. Até os mesmos Demonios, quando pedem muitos juntamente, alcanção mais, do que quando pede hum só. pag. 47. 48. Na tentação do Deserto, a primeira cousa, que o Demonio disse a Christo, foi a primeira, q̃ havia de callar. pag. 258. Para o demonio se vingar de Deos, intentou enfeitigalo. pag. 340.

Deos. Chegou Deos a fazer em defesa da hõra do Rosario, o q̃ não fez, nê faria para defender a sua. pag. 13. Porque razão quiz Deos, que Demonios, & não Anjos fossem em huã occasião defensores do Rosario? p. 14. Não fora Deos Filho da Virgem Maria, se não fizesse prõtamente quanto ella quer. pag. 25.

Como calunniãõ os Demonios a Deos pelos beneficios, que fez aos homens. pag. 37. 38. A Oração de muitos juntamente he a que mais agrada a Deos. pag. 42. *usque ad* 52. Mostre o contrario em diversas, & singulares razões. p. 52. *usque ad* 61. Tudo o que no Escravo pòde causar desprezo, coube em Deos. p. 157. 158. Porque motivos elcoi: lhéo Deos Padre a Virgem Maria para Mãe de seu Filho. p. 159. De que maneira acodio Deos a differença, que podia causar nos homês a differença das cores. pag. 66. Quiz Deos que a Mãe de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. pag. 191. Deos no Sacramento dáse aos ricos debaixo dos accidêtes de pão sômête: & aos pobres tambem lhe dá a substancia: & como. pag. 276. Excellente representaçõ dos que louvaõ a Deos com o Rosario. pag. 310. Permittio Deos em sy mesmo tudo o que a Magia do Demonio havia de obrar, se pudera. pag. 240. 341. O mesmo Deos quer enfeitigar aos homês com a sua Imagem Divina. pag. 342. Como com o Rosario se encanta a Deos. pag. 346. 347. Em que consiste o encantamento de Deos. pag. 348. Donde té o Rosario virtude, para encantar a Deos. pag. 349. Como supre Deos a falta de huãs cousas com outras. pag. 367. Mais maravilhoso he Deos na conservaçaõ das cousas, do que foi na criaçõ dellas. pag. 368. Para libertar do cativoiro dos homens, bastaõ homens: mas para libertar

do cativêiro do peccado he neceſſario Deos. pag. 406. 407. Deos ha de ſervir como Eſcravo no Ceo aos Eſcravos, que o ſervirão na terra. pag. 422. *uſque ad* 424.

Devação. Muita vezes as que ſe chamão devações, ſão devaſſidoês. pag. 65. 66.

Deſerto. Quanto ſão agradaveis a Deos as Orações do Deſerto. pag. 53. *uſque ad* 61.

Dezejo Quando rezamos a Ave Maria, dizemos à Senhora, que dezeje por nos. pag. 457.

Dias. Porque razão ao eſpaço, que ſe compoem da noite, & do dia, ſe chama dia, & não noite. pag. 152.

Diferença. Admiraveis diferenças entre os modos de eſtar o Corpo de Chriſto no Sacramento do Altar, & no Vêtre Sacratiffimo da Virgê. pag. 115. *& ulterius.* Qual he a maior deſtaſ diferenças pag. 120. Como caſtigou Deos o deſprezo da diferença das cores dos homês. pag. 167.

Dignidade. A dignidade Pontifical da Senhora do Rosario não he como a de São Pedro, ſenão como a de Chriſto pag. 96.

Diſcurſo. Diſcorre ſobre qual ſeja a mais poderôſa coula do mundo. 252. 253.

E

Eleição. **A** EXCELLENCIA da Eleição da Mãy de Deos, não eſtá em ſer eſcolhida, ſenão

em ſer eſcolhida como huã. pag. 73. *Encarnação.* O parto do Verbo na Encarnação ſoy parto de Maria chea de graça: & o parto do meſmo Verbo no Rosario foi parto de Maria chea de gloria. pag. 192. O Myſterio da Encarnação, tendo hum ſó, não podia ter a diviſão, & ordem, que no Rosario tem os Myſterios de Chriſto multiplicados. pag. 211.

Encantos. Como encanta Chriſto aos homês com o Rosario. pag. 326. *& ulterius.* E quaes ſão os instrumentos, com que encanta pag. 330. 331. E iſto tanto em ſuſtancia, como no modo. pag. 332. Tãbem o Rosario com o numero deſigual de ſuas Contas, & Orações deſfaz os Encantos da Arte Magica. pag. 333. Como foi Chriſto na Cruz verdadeiro Encantador. pag. 336. 337. Chriſto, como Encantador, também tem unguentos na ſua Magia. pag. 339. Não he coula nova, poſto que grande, que as Orações dos homês tenhaõ força de encantar a Deos. pag. 345. Como com o Rosario ſe encanta a Deos. pag. 346. 347. Em que conſiſte o encantamento de Deos. pag. 348. Donde tem o Rosario virtude para encantar a Deos. pag. 449. Como ſe vé encantada pelo meſmo modo a Mãy de Deos. pag. 350. *& ulterius.*

Entendimento. Hum ſó entendimento ha, que comprehenda o eſte comprehendêo o Ventre de Maria: & qual he. pag. 112. 113. Qual foi a perfeição da Virgem Maria, que mais encheo o Entêdimento Divi-

no, para Deus Padre a escolher por Mãe de seu Filho. p. 160. He mais grata a Deus a reza do Rosario na Lingua Portuguesa, q̃ todos entendem, do que a do Breviario na Latina, rezado pelas mulheres, que não sabem o que dizem. pag. 228. Como exhorta David a rezar com entendimento, & intelligencia do q̃ se reza. pag. 229. *usque ad* 231. Se se entende o que se pede, o pedir he orar: & se se não entende, nem o pedir he orar, nem o orar he pedir. pag. 240. He falto dizerse, q̃ Deus entende o que rezamos, quando nós o não entendemos. *Ibid.*

Espeho. Em cada hum dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hum espeho. pag. 97.

Esposo. Por andar, & sair deixão as mulheres a Deos, & aos Espolos peor que deixados. pag. 63.

Escravos. Quanto a Virgem Maria ama, & estima os Escravos. pag. 155. *& ulterius.* Porque não quiz o Filho de Deos fazerse do predicamento dos Senhores, senão dos Escravos. pag. 159. A baixeza, & vileza propria da condigão dos Escravos, he a que levou apoz si os olhos de Deos. pag. 162. Que lugar tem na estimagão da Senhora os Escravos. pag. 163. Porque razão quiz Lia tendo já quatro filhos legitimos, ter tambem filhos de sua Escrava Ralpha. pag. 175. Maior fortuna he a vil, & desprezada dos Escravos, do que a nobre, & honrada dos Senhores. pag. 176. *& ulterius.* Nos Escravos não he cativo tudo o que são. pag.

396 *usque ad* 398. Tambem a Alma dos Escravos pô se ser cativa: & como. *Ibi, & ulterius.* Duas cousas inauditas promete Deos aos Escravos pelo serviço, que fazem a seus Senhores. pag. 416. *usq. ad* 418. O que está aparelhado nos Escravos na putrida vida. pag. 420. *& ulterius.* Entre os Genticos havia hum Deos dos Escravos: & qual era. pag. 420.

Estradas. Porque se compara a Virgê Maria ao Platano plantado nas ruas largas, cu estradas. pag. 3132.

Espiritos. Os espiritos internaes, por serem inimigos invisiveis, são os que mais devemos temer. pag. 30.

Evangelho. Porque he comparado o Evangelho ao Thesouro no campo. pag. 1. Em que Evangelho está toda a historia do Rosario literalmente escrita. pag. 12. Porque razão a primeira pagina de todos os Evangelhos se compoem dos Varrões mais illustres da Prosapia de Christo. pag. 70. No Evangelho de São Mattheos se contém huã das maiores difficuldades de toda a Escritura Sagrada. pag. 281.

Eva. Mostrou Eva na sua criaçãõ, que o maior appetite da molher, he andar, & sair. pag. 63. Como foi possivel a Eva fallar com a Serpente. pag. 64.

Exercito. Que semelhança tem como exercito o Rosario. pag. 212. Dizem isto mesmo, & o provaõ os Anjos pag. 213. *usque ad* 215.

F

Falta. **S**EMPRE Deos ſuprio a falta de huma couſa com outra. pag. 367 368. Supra a Senhora do Roſario tudo o que nos pòde faltar nesta vida, & para a outra. pag. 376. & *ulterius.*

Fé. Não he a falta do remedio, ſenaõ da Fé, a desculpa, que homens, & molheres daõ de ſuas traquezas. pag. 261. Na crença dos acontecimentos fabuloſos diſpõz Deos a Gentilidade para a Fé dos Myſterios verdadeiros. pag. 472.

Feiticeiro. He Feiticeiro, ou Encantador com mais poder, que todos os Anjos, & que todos os Demonios: & qual he? pag. 327. & *ulterius* Este Encantador he Chriſto. pag. 328. *uſque ad* 330. Equaes ſaõ os intruſmentos deſte ſoberano Encantador pag. 330. 331. Os feiticeiros, quãdo querem voar, untaõle com unguentos. p. 338. Para o demonio ſe vingar de Deos, intentou enfeitiçar ao meſmo Deos. pag. 340 Como Deos enfeitiça aos homẽs. pag. 342. *uſque ad* 344. Ha feitiços, que aquelles a quem tocaõ, não ſõ ficaõ enfeitiçados, ſmas tambem feiticeiros. pag. 345. Até a propriedade de ſe valerẽm os feiticeiros dos deſpojos dos enforcados, não falta aos feitiços do Roſario. pag. 354 & *ulterius.*

Filho. Não fora Deos Filho da Virgem

Maria, ſe não fizera prontamente, quanto ella quer. pag. 25. Mais ſe atrevéo o Demonio a tentar a Chriſto, em quãto Filho de Deos, do que em quanto Filho de Maria: & porque. pag. 34. Chriſto em quanto Summo Pontifice, por ſer Filho da Virgem Maria, lhe communicou tambem a dignidade Pontifical: & porque. p. 76. & *ulterius.* O Filho de Deos não podia ſer Pontifice tendo Anjo: & porque. pag. 79. Chriſto veyo ao mundo, para reformar os erros de Adam, & ſeus filhos, reſtituindo-os à igualdade, em que os tinha criado. pag. 150 O Filho de Deos, mil annos antes de tomar o noſſo ſangue, deu aos Pretos o ſeu. pag. 168. Porque razaõ quiz Lia ter filhos de ſua eſcrava Reſpha, tendo já quatro filhos legitimos. pag. 175. Deſcrevendo o Evangeliſta a geraçaõ do Filho de Deos, tres vezes lhe chamou Verbo, & nunca Filho: & ao Padre tres vezes lhe chamou Deos, & nunca Padre: & porque. pag. 185 A Virgem Senhora Noſta ainda no Ceo gera a ſeu Filho. pag. 192.

Fogo. As Orações dos Chriſtaõs ſaõ para o Demonio mior fogo que o do Inferno: & porque. pag. 10.

Fome. He mais inſofrivel o aperto da fome, que o do amor. pag. 255. Não ha maldade, que a fome não perſuada. pag. 257. Porque tentou o Demonio a Chriſto, depois que o vio ter fome? pag. 258. O primeiro remedio contra a fome, he o Sacramento. pag. 262. Para eſte Divi-

no Paõ nos matar a fome, não elpe-
ra o nosso trabalho. pag. 255. Os ri-
cos comem a Christo no Sacramen-
to com huã fome: & os pobres com
duas. pag. 267.

Força. Até por força, como mais po-
derosa, parece q̃ obriga a Senhora a
vontade de Deos a fazer o que ella
quer. pag. 448. & *ulterius.* As for-
ças comparadas as do Rhinocroto.
pag. 449.

Fortuna. Qual fortuna haja de ter ma-
is da sua parte o favor da Virgem
Senhora Nossa: se a dos Escravos, se
a dos Senhores. pag. 178 & *ulterius.*

Fraqueza. A quantos entraquece a ne-
cessidade. pag. 254. Até aos melmos
Reys entraquece: & como. pag. 255.

Fruto. Quam grande defeito he orar
sem fruto. pag. 234. & *ulterius.*

G

Gerarchias. **Q**UAES, & quãtas são
as Gerarchias dos de-
monios. pag. 35.

Gloria. Assim como ao Decalogo dos
preceitos se promete o Denario da
Gloria; assim está prometido o mes-
mo Denario da Gloria às Decadas
do Rosario. pag. 314.

Gosto. Quem reza com intelligencia,
reza com maior gosto. pag. 231. *usq.*
ad 234.

Grandes. Quem em tudo quer parecer
maior, não he grande. pag. 5. Os
grandes vão ao Inferno, porque po-
dem: & os pequenos vão ao Ceo, a
mais não poder. pag. 19. Fazem se os

pequenos grandes, quando se ajun-
tão muitos a orar a Deos. pag. 50.

Graça. Poder fazer mal, & não o fazer,
he milagre da Graça. pag. 19. O que
o numero sincoenta prometia na
Ley Velha, cumprio na Ley da Gra-
ça a Vinda do Espírito Santo. pag.
308.

H

Hercules. **O** GRANDE Patriarca
S. Domingos pareceo
verdadeiro Hercules em hum ad-
miravel milagre, que fez com o Ro-
tario. pag. 29.

Homês. Como se ha de entender a
promessa de Christo, de haverem os
homês de fazer maiores obras do
que elle. pag. 5. 6. 7. Enganou se São
João Baptista com o que cuidou
dos homês. p. 21. Não só os homês
justos, mas tambem os maiores pec-
cadores se salvaõ pela protecção
da Mãe de Deos. pag. 27. E mais
certamente os devotos do Rosario,
pag. 28. A Christo Senhor Nosso,
considerado como Homem, não se
atrevéo a tentar o Demonio, senão
vende-o separado de sua Mãe: &
porque. pag. 32. 33. 34. Como ca-
lumniaõ os Demonios a Deos pe-
los beneficios, que fez aos homês.
p. 37. 38. A Oração de muitos jun-
tamente he a que mais convem aos
homês. pag. 42 *usque ad* 52. *Afinça,*
com que Christo no Sacramento
se fogeita a estar no peito dos ho-
mês, consiste no entrar. pag. 121.
Depois

Depois que o Verbo ſe fez Homê, entã Deos ſe chamou Pay, & o Verbo Filho. pag. 186. Não coſtuma Deos communicar infulões de lettras a molheres, ſenaõ aos homês. pag. 227. Tambem he reza ſem la bõr a do Breviario para os homens ignorantes da Lingua Latina. pag. 233. Como faz Deos verdadeiros os teſtimunhos, que os homens levantãrãõ contra elle pag. 325. Como enſeitiça Deos aos homês. pag. 342. *uſque ad* 344. Para libertar do cativeiro dos homês, baſtaõ homês: mas para libertar do caiveiro do Demonio, he neceſſario Deos. pag. 406 407. Os peccados, pelos quaes os homês ſe vendem ao Demonio, ſãõ tres. pag. 410.

Horto. Singulariſſima razaõ, porque ordenou Chriſto no Horto a ſeus Diſcipulos, que o acompanhãſem na Oraçaõ, & vigiaſſem com elle. pag. 45. 46 47.

Humildade. Os que eſtimaõ menos o Roſario, por ſer reza vulgar, fazem hum erro taõ contrario à virtude da Oraçaõ, como o he a Soberba à Humildade. pag. 223.

I

Imagem. **T**UDO o que o Demonio executou na Imagé de Deos, experimêtu Deos em ſua Pelloa. pag. 340. O meſmo Deos quer enſeitiçar aos homens com a ſua Imagem Divina. pag. 342. Que imagem fez a Maga pa-

ra enſeitiçar a Daphnis. pag. 343. *Inferno.* De que ſorte de gente vaõ mais, ou menos, ao Inferno. pag. 16 17 Os grandes vaõ ao Inferno, porque podem: & os pequenos vaõ ao Ceo, a mais não poder. pag. 19. As ruas largas, ſãõ as que levaõ ao Inferno. pag. 31. A Virgem Noſſa Senhora foraõ tambem dadas as Chaves da Mo te, & do Inferno, como a Senhora do Roſario. pag. 96. *uſque ad* 102.

Inimigos. Como caſtiga Deos os inimigos do Roſario. pag. 11. & *ulteriorius.* Não ſõ he inimigo do Roſario, quem o blaſfema, ſenaõ tambẽ quem o não reza. pag. 16.

Injurias. Faz huã grave injuria a Deos quem ora ſem attençaõ devida. pag. 59.

Inſtrumentos. Até nos inſtrumentos inanimados he neceſſaria a ſignificaçaõ do que ſãõ, & a intelligencia do que ſignificaõ. pag. 243.

Intelligencia. Como exhorta David a rezar, & ſalmear com intelligência. pag. 229. Sinco palavras do Roſario rezadas com intelligencia baſtaõ para ſerem preferidas a todo o Officio Eccleſiaſtico ſem ella. pag. 230. Quanto importa a intelligencia da Lingua propria em quem reza. pag. 231. & *ulteriorius.*

Irmãdade. A Irmãdade dos Eſcravos he mais grata, & mais favorecida da Mãe de Deos, que a dos Senhores. pag. 53. & *ulteriorius.* Quanto ſe deve temer, q̃ a Virgẽ Senhora Noſſa em caſtigo do aggravo da ſeparaçaõ das Irmãdades dos Brãcos, & Pre-

cos, approvandó a mesma separação, fi quem de peor condigão os Brancos. pag. 182.

Justiça. Queres faõ as portas da justiça de Deos. pag. 295.

Jubiléo. Que coula era Jubiléo no Testamento Velho. pag. 307.

L

Ley. **N**EM as maiores Magestades estaõ izentas da Ley Natural. pag. 25. Só com os homêds, & nsõ com as molheres fallava a Ley, em que Deos mandava, que todos fossem ao Templo tres vezes no anno: & porque. pag. 66. No numero de dez se entende a observancia da Ley. pag. 312. E porque razão. pag. 313.

Leyte. O leyte, com que a Virgem Maria sustentou ao Filho de Deos, nsõ fõmente he seu, mas tambem nosso: por razãõ, por Escritura, por experiencia. pag. 459. *usque ad 462.* Qual he a origem, porque a Antiguidade deu o nome à Via Lactea derivado mais do leyte, que da neve, ou açucena. pag. 471. Os dous peitos da Virgem purissima saõ duas fontes de piedade, & amor, que igualmente communica o leyte a justos, & peccadores. pag. 481. *usque ad 484.*

Liberdade. A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vicios. pag. 19. De que modo a Virgem Maria parece, que tira a liberdade a Deos. pag. 440.

Lingua. Porquẽ razãõ a Igreja Catholica nsõ usa das linguas vulgares, senãõ da Latina, no Officio Ecclesiastico, Escrituras Divinas Misas, & Formas dos Sacramentos. pag. 243.

Louvores. Se os louvores saõ das turbas, ticaõ defautorizados, & suspeitosos. pag. 40. He o Rolario, modo, & cantico novo de louvar a Deos. pag. 315.

Lugar. Nos casos de neccessidade orale em qualquer lugar, & tempo. pag. 61.

Lutas. Por tres grandes razões he peõ rigoõssima a luta com os Demonios. pag. 30. Que se ha de fazer para destas lutas sairmos vencedores. pag. 31. Na Luta de Jacob com Deos no deserto se vê quanto o apertaõ as orações de hum sõ. pag. 55.

M

Mã. **P**ORQUE razãõ he admiravelo titulo de Mãy na Virgem Maria. pag. 185. 186. A Mãy de Deos, se he admiravel, porque concebéo o Verbo, nsõ foi menos admiravel, ou ainda foi mais admiravel, porq̃ concebéo o Rolario. pag. 177. *& ulterius.* Que Mãy no mundo se pudera parecer com a Mãy de Deos. pag. 147.

Maria. Confessãõ os Demonios, q̃ a mais poderosa inimiga, que tinhaõ no Ceo, era Maria a Mãy de Deos. p. 23. 24. 25. Quanto pò se o scy

seu nome só pronunciado. pag. 29.
 30. Porque se compára a Virgem Maria ao Platano plantado nas ruas. pag. 31. 32. Quão fogem os Demonios da presença de Maria. pag. 32. 33. Mais se atrevéo o Demonio a tentar a Christo, em quanto Filho de Deos, do que em quanto Filho de Maria: & porque. pag. 34. Por ser Christo Filho da Virgem Maria em quanto Summo Pontifice, lhe communicou a dignidade Pontifical: & como pag. 72. & *ulterius*. A excellencia da Eleição da Virgem Maria, não está em ser escolhida, senão em ser escolhida como huma. pag. 73. Não se oppoem na Virgem Maria o nome de molher, q̄ Christo lhe deu na Cruz, à dignidade Pontifical que lhe communica, por ser seu Filho. pag. 76. 77. 78. A sentença, que Maria der em nosso favor, não pôde ser revogada. pag. 81. A Virgem Maria he Ponte segura dos Christãos. pag. 82. Exame do Amor de Maria com o de todos os Santos, & Anjos. pag. 94. 95. Sò o Entendimento do Eterno Padre comprehende o que comprehendéo o Ventre de Maria. pag. 112. 113. Por quãtas differenças excede o Sacramento do Altar ao Sacramento do Ventre Virginal de Maria. pag. 115. & *ulterius*. Qual destas differenças he a maior. pag. 120. O mesmo, que se pede no Padre-nosso, he o que se pede na Ave-Maria. pag. 130. Assim a Oração do Padre-nosso, como a da Ave-Maria está todo em toda, & toda em qualquer

parte pag. 132. *usque* 140 Quanto a Virgem Maria ama, & estima aos Escravos. pag. 155. & *ulterius* Que estimaçõ faz da cor preta a Virgẽ Maria. pag. 172 & *ulterius*. O Rosario he o segundo parto da Virgem Maria. pag. 187 & *ulterius*. As flores da Virgem Maria são juntamente flores, & fruto. pag. 277. Só a Virgem Maria he Rosa sem espinhas. p. 496. *usque ad* 502. Em ser a Virgem Maria Rosa cõ fruto, excede a Rosa natural, por não dar fruto. p. 502. & *deinceps*. Não só a Rosa, mas tambem as mais flores excede a Rosa Mystica, a Virgem Maria. pag. 506. 507. Assim como todo aquelle, que se aparta da Virgẽ Maria, & ella aparta delle teus olhos, necessariamente se perde: assim aquelle, que se converte à Virgem Maria, & ella poem nelle seus olhos de misericordia, impossivel he que se não salve. pag. 513.

Materia. Nas Materias do Culto Divino, o exercicio mais authorizado, he mais vulgar, & humilde. pag. 218. Com que providencia ordenou Christo, que a materia dos Sacramentos fosse certa, & determinada. pag. 219.

Memoria. Maior memoria damos a Christo no Rosario, do que elle nos pedio no Sacramento. pag. 143.

Metaes. As tres Coroas dos Emperadores, huã he de ferro, outra de prata, outra de ouro. E as da Senhora do Rosario tambem pudéã ser formadas dos mesmos metaes. pag. 88.

Milagres. Maior foi o milagre de São Domingos, que o de Christo, em hum Demonio mudo: & porque. pag. 8. Neste milagre mostrou Deos, como deve ser reverenciado o Rosario. pag. 11. *& ulterius.* Em hum grande milagre do Rosario se vê como a Virgem Maria he a Portte segura dos Christãos: & isto cõ todas as circunstancias, & propriedades do Rosario. pag. 82 *usque ad* 87. Protentoso milagre do Rosario. pag. 96. Em que consiste o milagre, q̄ profetizou Jeremias, quando disse: *Creavit Dominus novũ super terrã.* p. 197. Milagres da Senhora do Rosario, que mostrão como nos su pre tudo, o que nos pòde faltar. p. 258. *& ulterius.*

Mysterios. Em cada hum dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hum espelho pag. 97 Qual he o maior Mysterio da natureza. pag. 118. No circulo, que faz o Sol, se desobrem os Mysterios do circulo do Rosario. pag. 126. Succede aos Mysterios do Rosario unidos, o q̄ às partes do fogo tambem unidas. pag. 207. A Espõsa Santa ajuntou todos os Mysterios da Vida de Christo no Rosario. pag. 209 Como sãõ os Mysterios do Rosario Exercito bem ordenado. pag. 212. *& ulterius.* Quam admiraveis sãõ os Mysterios dos numeros. pag. 298. 299. 300. Porque repartio a Senhora os Mysterios do seu Rosario de sinco em sinco. pag. 303 Os Mysterios do Rosario representados em Abraham, Isaac, & Jacob. pag. 454. Tam;

bem se representaõ as primeiras tres jornadas, q̄ fez a Senhora cõ o Filho de Deos em suas entranhas! pag. 455. Em tres beneficios infaveis, com que Deos restaurou o mudo, estaõ representados os Mysterios do Rosario. pag. 474. Os Mysterios do Rosario sãõ fruto, de que se colhem outros frutos. pag. 508. *& ulterius.*

Misericordia. A figura mais propria da Misericordia da Virgem Maria, he a do Templo, que os Athenientes dedicãõ à mesma Misericordia. pag. 179. Os Escravos, por miseraveis, tem sempre abertas as portas da Misericordia da Mãe de Deos. pag. 180.

Morte. O Sacramẽto do Altar he morte para os máos, & vida para os bõs: immortaliza os sãõs, & mata os enfermos. pag. 140. 141.

Molher. A molher deve rezar o Rosario em casa, & não fõra della: & porque. pag. 62 *& ulterius.* Se a molher não periga no ver, periga no ser vista. pag. 65. O que faz Christo quando quer converter molheres! pag. 67. O Rosario de sy mesmo, & por sy mesmo obriga as molheres ao retiro. pag. 68. He mais proprio das molheres, atẽ nas materias da Religiaõ, não se quererem parecer com o vulgo pag. 217. *usque ad* 219. As molheres sempre devem preferir a reza do Rosario à do Breviario. pag. 221. *& ulterius.* Porque ordenou Deos ab æterno, q̄ seu Filho nascesse de molher com predestinaçãõ livre. pag. 360. *& ulterius.*

Multidãõ,

Multidão. Para a multidão das mil-
recordias de Deos se render às nos-
sas Oraç ões, he necessario, que tam-
bê as nossas Oraç ões sejaõ da mul-
tidão. pag. 51.

Mundo. Este mundo he hum rio : &
como. pag. 104 Qual foi a occasiõ,
& modo, com que sahio a Senhora
com o seu Rosario ao mundo. pag.
194. A mentira he a mais poderosa
couza do mundo. pag. 253. Huã
das grandes couzas, que vemos no
mundo, & nos não admiramos
dellas. pag. 391. São duas as estra-
das geraes, por onde todo o mundo
he levado. pag. 476.

N

Natural. **T**UDO aquillo, que se
chama mystico, suppo:
em, imita, & se funda sobre o natu-
ral. pag. 489.

Necessidade. A mais poderosa couza do
mundo he a necessidade. pag. 253 &
ulterius. O primeiro effeito da neces-
sidade he o desprezo da honra : o
segundo, a destruição da virtude.
pag. 256. Não ha torpeza, ou infam-
ia, que a necessidade não facilite.
pag. 257. Não he mais pobre quem
tem menos, senão, quem necessita
de mais. pag. 259. O Sacramento he
o primeiro remedio da necessidade.
pag. 262.

Noé. Propria representaçõ da Virgẽ
Maria na Arca de Noé. pag. 27. O
Rosario propriamente representa-
do na Arca de Noé, & no diluyio.
pag. 28.

Nome. Porque se declara a dignidad:
do Filho de Deos, & da Virgen,
com o nome de Ungido. pag. 69.
Etimologia do nome Pontifice.
pag. 81. Entre duas partes iguaes
o nome; & a preferencia deve ser da
mais nobre. pag. 151. Porque se cõ-
para a Senhora às Arvores, & Plan-
tas mais insignes com as circun-
tancias dos nomes das terras das
mesmas Arvores, & Plantas. pag.
433. 434.

Nobreza. Os Nobres são os que menos
se salvaõ. pag. 19. Maior fortuna he
a vil, & desprezada dos Escravos, do
que a nobre, & honrada dos Se-
nhores. pag. 176 & *ulterius.*

Noticia. Ha Oraç ões, que não chegaõ
à noticia de Deos: & quaes são. pag.
241.

Numeros. Quanto importa saber os
mysterios dos numeros nas contas
de Deos. pag. 284. Porque razão re-
duzio a Senhora a numero certo as
innumeraveis Estrellas do seu Ro-
sario. p. 283. Que significaçõ os nu-
meros de seis, & de sete. pag. 86.
Na Republica Hebréa, assim como
nas enfermidades agudas, foi criti-
co o numero Quatorzeno. pag. 287.
O numero setenta & sete significa
o perdaõ universal dos peccados p.
288. Porque sendo o Rosario hum,
se divide em tres Terços. pag. 290.
usque ad 295. Porque são os Mytte-
rios do Rosario quinze, & dividi-
dos de cinco em cinco. p. 295 *usq ad*
303. E porque são cento & cinco e-
tas Ave Marias do Rosario. pag.
303 *usq. ad 310* Quam perfeito se-
†† iij ja

ja o numero de dez. pag. 311 & *ulterius*. He preceito da Arte Magica, que quanto fazem, ou dizem em seus Encantos, seja sempre em numero de igual. pag. 332 Isto mesmo observavao antigamente os Pastores, & os Soldados. pag. 333.

O

Obras. COM que condiçoẽs se entẽde, que os que seguião a Christo, haviõ de fazer maiores obras, do que elle. pag. 6. 7. No Patriarcha São Domingos se praticou esta prerogativa. p. 9. Porque chamou Deos às obras da Criação do mudo - *Valde bona* - depois de acabada: havendolhe parecido dantes sómente - *bonum* - cada huã de per-
fy. pag. 202. *usque ad* 206. O remir por religate, de pois do cativeiro, & o remir por preservaçõ antes del-
le, não sãõ obras do mesmo poder. pag. 469 500.

Obediencia. Deixate Deos levar no Cco da Senhora para onde ella quer, por obediencia de Mãy. pag. 445. 446.

Olhos. Quando a Mãy de Deos poem os olhos, cõha pelos olhos de seu Filho. pag. 161. A baxeza propria da condiçãõ dos Escravos, he a que levou apoz sy os olhos de Deos. pag. 161. Tanto nos olhos de Deos, como nos de sua Mãy, cada hum he filho de seu coraçõ. pag. 174 Para nossas Oraçoẽs chegarem aos ou;

vidos de Deos, primeiro haõ de ser registados no Tribunal de seus celhos. pag. 224.

Oraçoẽs. As Oraçoẽs dos Christãos sãõ para o Demonio maior fogo que o do Inferno. pag. 10. A Oraçãõ de muitos juntamente he a que mais agrada a Deos. pag. 42. *usque ad* 52. Mstrale com razões contrarias, que mais lhe agrada a Oraçãõ de hum sãõ. pag. 52 *usque ad* 61. Nos casos de necessidade ora se em qualquer tempo, & em qualquer lugar. pag. 62. Ainda que o Padre-nosso, & a Ave-Maria sejaõ duas Oraçoẽs diferentes pelo que soãõ: sãõ cõtudo huã só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Quando o que se pede he o mesmo, ainda q as palavras sejaõ diverlas, a Oraçãõ he a mesma. *Ibi*, & pag. 131. Assim a Oraçãõ do Padre-nosso, como a da Ave-Maria, estã toda em toda, & toda em qualquer parte. pag. 152. *usque ad* 140. Oraçãõ feita com presunçãõ, & authoridade propria, não pòde ser sem peccado. pag. 222. Não ha Oraçoẽs mais sublimes, assim nas palavras, como no sentido, que as do Rotario. pag. 224. O labor da Oraçãõ não estã no que se pronuncia, senãõ no sentido, & significaçãõ do que se pronuncia. pag. 233. Os defeitos da Oraçãõ sem fruto. pag. 234. & *ulterius*. Como se distingue o pedir orando, do pedir não orando. pag. 239. Não he cousa nova, que as Oraçoẽs dos homens tenhaõ força para encantar a Deos. pag. 345.

P

Paõ. O PAM do Ceo he estreito, & apertado; & o da terra, largo, & abundante: & porque. pag. 266. Deos no Sacramento dá-se aos ricos debaixo dos accidentes de paõ sòmente, & aos pobres dá tambem a substancia: & como. pag. 267. A Providencia Divina tem differente paõ para differentes fomes. pag. 268.

Padre nosso. Ainda que o Padre nosso, & Ave Maria sejaõ duas Orações differentes, são huã só, & a mesma, pelo que significaõ. pag. 130. Assim a Oração do Padre nosso, como a da Ave Maria, está toda em toda, & toda em qualquar parte. pag. 132. *usque ad* 140. He a Oração do Padre nosso como seu Autor, que até os mininos o conhecem, mas nem os Serafims o comprehendem. p. 225. Que ardentissimos affectos excita a Oração do Padre nosso. pag. 236.

Pay. Quiz Deos, que a Mãy de seu Filho fosse semelhante a seu proprio Pay. pag. 191.

Paraiso. A Serpente não fallou, nem tentou a Eva dentro no Paraiso, se não fora. pag. 64. O lugar das delicias do Paraiso da terra he o Ventre purissimo da Virgem Maria. p. 121. No Paraiso do Ceo sahio o Filho de Deos do Ventre do Pay: & como: & no Paraiso da terra sahio do Ventre da Mãy. pag. 122.

Palavras. Battaõ só cinco palavras das

Orações do Rosario rezadas com intelligencia do que significaõ, para serem preferidas a todo o officio Ecclesiastico sem ella. pag. 230. A Oração não tem o sabôr na boca, em que pronunciaõ as palavras, tenaõ no entendimento, com que se diz a Deos o que ellas dizem. pag. 232. Quem pouco valem as palavras, quando quem as pronuncia, não entende o sentido dellas. pag. 235. Porque pede David a Deos, que lhe entenda as suas palavras. pag. 240.

Parto. Quanto excede no Ventre da Virgem Maria o parto do Rosario ao parto do Verbo. pag. 189. Dous partos reconhece a Fé em Deos: & os mesmos partos podemos considerar na Virgem Maria. pag. 191. Como foi mais admiravel o parto do Rosario que o do Verbo. pag. 194 *usque ad* 200. Mais tres admiraveis razões, que provaõ o mesmo, considerado o Rosario téra de ty. pag. 201. Outras razões diversas para o mesmo assumpto. *Ibi, & ulterius.*

Pés. Porq̃ razão não consentio Christo, que a Magdalena lhe tocasse os pés na manhã da Resurreição, quando se quiz lançar a elles: & dahi a poucas horas lhe concedéo, q̃ com as outras Marias lhes abraçasse. pag. 44.

Petiçõ. Quando Deos despacha as petições dos Santos, he graça: quando despacha as de sua Mãy, he justiça. pag. 25. Não se atreve Deos a negar coula alguma, quando são

- muitos os que lha pedem. pag. 49.
 Desfaz no que pede, quem tem a
 devila attenção pede a Deos. pag.
 59. Quando o q se pede he o mes-
 mo, ain la que as palavras sejaõ di-
 versas, a Oração he a mesma. pag.
 130. Todas as sete petições do Pa-
 dri-nosso se contém em cada huã:
 & cada huã contém todas sete. pag.
 133. Muito mais damos a Christo
 no Rosario, do que elle nos pede
 no Sacramento. pag. 142. Como es-
 pera Christo, que lhe peçamos o
 pão de cada dia, dizendo em outra
 parte, que não tenhamos cuidado
 do que havemos de comer. pag.
 268.
- Peccados.** Os que recebem a Christo
 no Sacramento em peccado, cru-
 cificação em sy mesmos: & nelles
 padece mais, do que padeceo na
 Cruz. pag. 123. Que proporção té
 o numero setenta & sete com o per-
 daõ universal dos peccados. pag.
 288. A origem das espinhas tem a
 mesma antiguidade que o Pecca-
 do Original. pag. 495. Para o pri-
 meiro peccado do mundo concor-
 reraõ tres compleces. pag. 496.
- Platano.** Quaes são as virtudes, &
 propriedades do Platano: & como
 he representação da Virgem Ma-
 ria. pag. 32.
- Ponte.** A Virgem Maria he Ponte se-
 gura dos Christãos: he Ponte, que
 alcança de polo a polo: he Ponte,
 pela qual Deos descéo aos homê-
 s. pag. 82.
- Pontifice.** Que propriedades, ou ex-
 cellencias constituem o verdadei-
 ro Pontifice. pag. 72. *usque ad 73.*
 Por ser Christo Filho da Virgem
 Maria, em quanto Summo Ponti-
 fice, lhe communicou a dignidade
 Pontifical. pag. 72. *& ulterius.* O Fi-
 lho de Deos não podia ter Pontifi-
 ce, sendo Anjo: & porque. pag. 79.
 Etimologia do nome Pontifice.
 pag. 81. E porque se chamaõ os Pa-
 pas Pontifices. *Ibi.* Notavel diffe-
 çã entre o Pontificado de Christo,
 & o de Aram. pag. 87.
- Pobreza.** Todos os pobres podem re-
 mediar a tua pobreza pela devação
 do Rosario. pag. 251. *& ulterius.*
- Pretos.** Dominarem os Homê-
 cos aos Pretos, he força, & não ra-
 zaõ. pag. 164. Que distincão faz a
 Virgem Maria entre Brancos, &
 Pretos. pag. 165. Como castigou
 Deos a Irmãa de Moyés, por se ter
 elle casado com huã molher preta.
 pag. 167. Quanto estima Christo
 aos pretos. pag. 168. *& ulterius.* Nun-
 ca a Virgem Senhora Nossa se cha-
 mou fermosa, senão depois de se
 chamar preta. pag. 173. He confu-
 saõ para os Brancos, que o são por
 fóra, & fõrem pretos por dentro.
 pag. 174. Os Pretos são os Irmãos
 da Preparação de Deos. pag. 395.
 Tem os Pretos Carta de Alforria
 pela devação do Rosario: & como.
 pag. 409. *usque ad 412.*
- Predestinação.** A impotência dos pe-
 quenos, he effeito de sua Predesti-
 nação. p. 20. 21. Como he possível
 a resolução de sermos do numero
 dos Predestinados. pag. 316. *& ulter-
 rius.* Quaes são os maiores, & mais
 calificaçõs,

calificados sinões da Predestinação. pag. 319 320. A Virgem Maria del-
de a sua Predestinação foi escolhi-
da para suprimimento universal, & re-
medio de todas as nossas faltas. pag.
360.

Prégador. Prêgação do Demonio fei-
ta pela boca de hum endemoninha-
do pag. 5. & *ulterius.*

Prizaõ. Mais fortemente apertãõ a
Deos as Orações de hum só. pag.
54 55.

Profeta. Isaías encontrado com São
João Evangelista Profeta da Ley
da Graça, & com Jeremias Profeta
da Ley Escrita: & explicados os
seus lugares. pag. 197 *usque ad* 199.

Q

Questões. **Q**UAES foraõ as quel-
tões, que São Domin-
gos poz ao Demonio em huã occa-
siao: & quaes as repostas do De-
monio. pag. 11. & *ulterius.* Questão
do Rosario rezado por huã só pes-
soa, ou por muitas juntamente. pag.
42. & *ulterius usque ad* 61 Resolve-
se esta questão. pag. 62. & *ulterius.*
Perguntase, & resolve-se em huma
questão antiga: Se por Christo Fi-
lho da Virgem Maria ser Rey, per-
tenço tambem à Senhora o mesmo
titulo, & dignidade Real? pag 70.
Perguntase, & resolve-se em outra
questão nova: Se podemos dizer,
que Christo, por ser tambem Sum-
mo Pontifice, communicou à me-
sma Mãy a dignidade Pontifical?

pag. 71. Questão de qual das duas
Irmadades de Senhora do Ros-
ario, a dos Brancos, ou a dos Pretos,
he mais tua favorecida. pag. 152. &
ulterius. Provale a questão, de poder
haver outro parto mais admiravel
que o do Verbo. p. 187. & *ulterius.*
Questão de qual deve ser preferido
se o Rosario se o Breviario. p. 226.
& *ulterius.* Questão, que excitaraõ
os Vassallos de Dario, sobre qual
fosse a mais poderosa conta do mû-
do pag. 252.

Quarenta. O numero quarenta, &
Quarenta & nove, são significati-
vos de afflicção. pag. 309.

Quaresma. No principio da Quares-
ma nos exhorta a Igreja à peniten-
cia com huã Oraçãõ, que nos mos-
tra, como nos podemos fazer do
numero dos Predestinados. p. 317.

R

Rede. **P**ORQUE razaõ mandou
Christo, depois de resusci-
tado, aos Apóstolos, que lançassem
a rede à mão direita. p. 305. Quan-
do se lançou ao mar a rede do Ro-
sario pag. 306.

Redençaõ. O mais excellente modo
de remir, he preservando. pag. 498.
& *ulterius.*

Rey. A dignidade Real não a teve
Christo só de sua Mãy: a Pontifical
sim. pag. 80. De que terra era o Rey
Preto, que do Oriente veyo a Belé
com os outros dous Reys a adorar
ao Filho de Deos. pag. 171. Mais

pobres são os Reys, que os Vassal-
los. pag. 259. Porque razão o Evan-
gelista não chamou Reys, temo
Magos, aos tres Reys do Oriente.
pag. 336. Os Cetros, & o Reys tâ-
bem citaõ sojeitos a cativeiros.
pag. 425.

Recolhimento. O que mais agrada à Se-
nhora do Rosario, he o recolhimẽ;
to. pag. 66. 67.

Remedio. Pela devaçõ do Rosario
podem todos os pobres remediar a
sua pobreza. pag. 251 & *ulterius*. E
ainda sobejarem lhe bens. pag. 278.

Rio. Qual he o rio, que no Paraiso sa-
hia do lugar das delicias. pag. 121.
Dividete esse rio como em cruz.
pag. 123.

Riquezas. Quanto devem temer os ri-
cos os bẽs de suas riquezas. p. 176.
& *ulterius*.

Rosa. Porque se compara a Virgem
Maria à Rosa. pag. 87. Coroa a Se-
nhora com Rosas, a quem com grã-
de necessidade se valéo da devaçõ
do Rosario. pag. 271. A Rosa he a fi-
gura da marca do Rosario. pag. 414.
O mysteriolo da Rosa Mystica, a
Virgem Maria, não consiste tanto
na proporçã com que he parecida
à Rosa natural, quanto na dessemel-
hança, com que se distingue della.
& a excede. pag. 491. *usque ad* 493.
A Rosa Mystica excede a Rosa na-
tural em dous defeitos, q̃ tẽ a Rosa
natural, & em duas perfeições, que
sõ se achaõ na Rosa Mystica. pag.
494. & *ulterius*. Sõ a Virgem Maria
foi Rosa sem espinhas. pag. 496. *us-
que ad* 502. Em ser a Virgem Maria

Rosa com fruto excede a Rosa na-
tural, por não dar fruto. pag. 502.
& *deinceps* Não sã a Rosa, mas tam-
bem as mais flores excede a Rosa
Mystica, a Virgem Maria. pag. 506.

507

Rosario. Em que Evangelho está toda
a Historia do Rosario literalmente
escrita. pag. 1. 2. Nenhũa Oraçõ
persegue tanto o Demonio, como o
Rosario. pag. 3. Nella se empenha-
em em mudecer aos homẽs. pag. 4.
A prerogativa de haverem de fazer
os homẽs maiores obras de q̃ Chri-
sto, cõforme tua promessa, foi con-
cedida em virtude do Rosario. pag.
5. 6. 7. O Rosario he para os Demo-
nios fogo mais penetrãte que o do
Inferno. pag. 10. Chegou Deos a fa-
zer em defesa da honra do Rosa-
rio, o que não fez, nem faria para
defender a sua. pag. 13. Confestãõ
os Demonios, que nenhum devoto
do Rosario se condenaria. pag. 23.
Entre todos os devotos da Senho-
ra, os q̃ sã do Rosario, estes mais
certamente se salvaõ. pag. 28. Pro-
pria representaçã do Rosario na
Arca de Noé, & no diluvio. *Ibi*. Co-
mo se contrapõem os tres Terços
do Rosario às tres Gerarchias dos
Demonios. pag. 35. 36. Como se ha-
de entender, ser melhor rezar o Ro-
sario huã pessoa sã, ou muitas jun-
tamente. pag. 62 & *ulterius*. Depois
de a Mãe de Deos, ser Senhora do
Rosario, se pôde provar, que Chri-
sto lhe communicou a dignidade
Pontifical. E como: ou porque. pag.
72. & *ulterius*. A Virgẽ Maria, quã-
do

dô instituiu o seu Rosario, fez nelle huã Ponte. pag. 82 *usque ad* 87. Representaçõ dos Mysterios do Rosario nas tres Coroas, de que se cõpoem a Tiara Pontificia, q̃ compete à Virgem Senhora Nossa, por Senhora do Rosario. pag. 88. *usque ad* 92. Qual he a Potestade das Chaves da Senhora do Rosario. pag. 83. *& ulterius*. Em cada hũ dos Mysterios do Rosario nos deixou Christo hũ Espelho. pag. 97. O Rosario he Sacramento parecido, & semelhante, ao Sacramento do Altar. pag. 124. *& ulterius*. A Virgẽ Maria não foi menos Máy admiravel, ou ainda foi mais admiravel em conceber o Rosario, que em cõceber ao Verbo. pag. 187. *& ulterius*. O Rosario rezado pelas mulheres na lingua vulgar será mais bẽ ouvido de Deos, q̃ o Officio Ecclesiastico rezado por ellas na Latina. pag. 220. Os Mysterios das Contas do Rosario. pag. 281. *& ulterius*. Quando começou a devaçãõ do Rosario. pag. 326. He o Rosario Via Lactea. pag. 463. *& ulterius*.

Ruas. Porq̃ se cõpara a Virgem Maria ao Platano plantado nas ruas. p. 31.

32.

Sacramento.

S Rosario da Senhora he hum Sacramento. pag. 106. Tambem he Sacramẽto, o Ventre virginal da mesma Senhora. pag. 107. O Sacramento do Rosario encerra em sy tudo o que encerra o Sacramento do Altar: & encerra tudo o que encerrou o

Sacramento do Ventre virginal da Senhora: & ainda mais. pag. 108. Como encerra o Sacramento do Altar o Corpo de Christo. pag. 114. *& ulterius*. Quantas, & quaes são as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar se avanteja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora. p. 115 *usque ad* 124. O Sacramento do Rosario he semelhante ao Sacramento do Altar. *Ibi*, *& ulterius*. Qual he a razãõ, porq̃ a Hostia, & o Calix compoem hum tãto Sacramento. pag. 129. *& ulterius*. Essa mesma he a razãõ, porq̃ ue a Oraçãõ do Padre nosso, & a da Ave Maria compoem o Sacramento do Rosario. pag. 130. E tanto no Sacramento do Altar, como no do Rosario, succede isto ex vi verborum. *Ibi* Assim como Christo nos deixou seu Corpo no Sacramento: assim a Senhora se deixou, como o facian: cõtada, com nosco na Ave-Maria. pag. 139. Que ventagẽs faz o Sacramento do Rosario ao Sacramento do Altar. pag. 140. *& ulterius*. Descubre o Rosario o que no Sacramento he invisivel. pag. 144. O Sacramento, & o Rosario são os remedios contra a pobreza, & necessidade. p. 262. *& ulterius*. Como o Sacramento he paõ apertado. pag. 266. E como dá Christo nelle a substancia de paõ aos pobres. pag. 267.

Santos. São Domingos obrigou ao Demonio a responder a tres questões de summa importancia. pag. 116. 22. Quando Deos despacha as pct. çõens dos Santos, he graças:

††† †††

Quanto

quando despicha as de sua Mãe, he
justiça. pag. 25. Os Santos depois da
morte, tanta virtude tem em seus
corpos todos, & inteirps., como em
qu l quer parte delles. pag. 139.

Salamaõ. As tres difficuldades de Sa-
lamaõ representadas, & vécidas no
Rosario. pag. 468.

Salvação. Grandes, & poderosos, são
os que menos se salvaõ. pag. 18. 19.
Confessáraõ os Demonios, que to-
dos os devotos do Rosario se salva-
rião. pag. 23. Confirma-se esta con-
fissão dos Demonios. pag. 26. Assim
como o merecimento consiste no
numero dez; assim o premio, que he
a salvação, se concede no mesmo
numero. pag. 313. Para tratarmos
com vigilância da salvação de nossas
Almas, o maior motivo he a consi-
deração do preço, com que Deos
as resgatou. pag. 408.

Semelhança. Que semelhança tem cõ
o exercicio o Rosario. pag. 212.

Sentença. A sentença, que a Virgem
Maria der em nosso favor, não pô-
de ser revogada. pag. 81.

Sentidos. Os Cinco Sentidos Corpora-
es, ou nos levão à Gloria, ou nos
impedê a subida para ella. pag. 302.

Serpente. Como foi possível a Eva fal-
lar com a Serpente. pag. 64.

Sermão. Pela boca de hum demoni-
nhado faz o Demonio hũ Sermão:
& como. pag. 5 & *ulterius* Sermão,
que a Virgem Nossa Senhora mã-
dou prégar, para persuadir a deva-
ção do teu Rosario. pag. 516. 517.

Sol. O Zodiaco do Sol natural com-
poemte de doze Signos: & o do Sol

Divino no Rosario se reparte em
quinze. pag. 127.

Soledade. São mais tã ouvidos de Deos,
os que em Oraçãõ secreta trataõ só
por só com elle. pag. 56 *usque ad* 61.

T

Templo. **S**õ com os homens, & não
com as mulheres, fallava a
Ley, em que Deos mandava, que
todos fossem ao Templo tres vezes
no anno: & porque. p. 66. Primei-
ro levantáraõ Templo a Virgem
Maria os Pretos, do que os Apосто-
los. pag. 171. A figura mais propria
da Misericordia da Virgem Maria,
he a do Templo, que os Athenien-
ses dedicáraõ à mesma Misericor-
dia. pag. 179. Como são proporcio-
nadas a architectura do Rosario, &
a do Templo de Ezechiel. pag. 300.

Tenção. Tentou a Serpente a Eva, porq̃
ella teve appetite de ver qual era o
mũdo cá por fóra, tem se cõtetar de
estar dentro do Paraiso. pag. 64.
Muitas vezes começa com boa tẽ-
ção, o q̃ acaba em tentação. pag. 65.
Porq̃ tentou o Demonio a Christo,
depois q̃ o vio ter fome? pag. 258.

Terços. Como se contrapoem os tres
Terços do Rosario às tres G. rarchias
dos Demonios. pag. 35. 36. E
como os seus tres Terços do Rosa-
rio se oppoem aos tres Inimigos da
Alma. pag. 214. As Indulgencias, q̃
se concedem aos que rezaõ o Ro-
sario, tambem as lucraõ, os que re-
zaõ só o Terço. pag. 309.

Thefouro. Porque he o Evangelho cõ-
parado

parado ao Theſouro eſcondido no campo. pag. 1.

Tiara. A Tiara, que he inſignia dos Sũmos Pontifices, compoem ſe de tres Coroas: & porque. pag. 87. 88. De outras tantas ſe compoem a Tiara Pontificia, q̄ compete à Virgem Senhora Noſſa, por Senhora do Roſario, & quaes ſaõ. pag. 87. *uſque ad* 92.

Titulo. O titulo de que mais ſe gloria a Virgem Maria, he o de Mãy admiravel: & por q̄. pag. 185. Por q̄ foi eſcrito o titulo da Cruz de Chriſto em tres Linguas. pag. 227.

Trindade. De que maneira he o Roſario Hum, & Trino: & porque. pag. 290. A abertura das portas do Ceo ettava reſervada para a Fé da Santiffima Trindade. p. 291. Em quanto Deos era tãõ conhecido, como Hũ, & naõ como Trino, ſõ podia dar os bens da terra, & naõ os do Ceo. pag. 292. Affim como em Deos ha Unidade na ſuſtancia, & Trindade nas Peſſoas: affim em Chriſto ha Unidade na Peſſoa, & Trindade nas ſuſtancias. pag. 293. A Trindade, q̄ a Mãy de Deos fez no ſeu Roſario, ainda he mais admiravel, q̄ a que Deos fez na Encarnação do Verbo. *Ibi.* & pag. 294.

Trono. O Trono portatil de Salamaõ, chamado Ferculo, era figura da Virgẽ Maria. pag. 432. *uſque ad* 434. E porque razãõ ſe chamou aquelle Throno, Ferculo. pag. 435.

V

Ventre. O VENTRE virginal da Senhora he Sacramento:

& como. pag. 107. O Ventre puriffimo da Senhora comprehende a Deos incomprehenſivel. pag. 111. Sõ o Entendimento do Padre Eterno he o que comprehende o que comprehendeo o Ventre de Maria. pag. 112. 113. Quantas, & quaes ſaõ as admiraveis differenças, com que o Sacramento do Altar ſe aventaja ao Sacramento do Ventre virginal da Senhora. pag. 115. *uſque ad* 124. O Ventre da Virgem Maria canonizado pela virtude, & Milagres do Roſario. pag. 358. *uſque ad* 360. Excellencias do Ventre da Virgem em quanto trouxe em ſy ao Filho de Deos. pag. 431.

Verbo. Na Encarnação concebeo a Virgem o Verbo na terra: no Roſario concebeo-o no Ceo. pag. 192.

Ventagẽs. O Sacramento do Roſario faz ventagẽs do Sacramento do Altar: & quaes ſaõ. pag. 140. & *ulterius.*

Verdade. Verdades confeſſadas publicamente pelo Dẽmonio. pag. 23 & *ulterius.* Naõ ha mentira taõ falſa, que ſe a quere m fazer apparente, ſe naõ funde em alguma ſuppoſição verdadeira. pag. 327.

Via. O que dizem da Via Lactea, Peccatas, & Filoſofos. pag. 463. Via Lactea he o Roſario. *Ibi.* & pag. 464. E porque cauſas he Via, & he Lactea. pag. 465. E como em ambas ſe vẽ retratado o Roſario. *Ibi.* & *ulterius.* Ainda na parte, em q̄ o Roſario ſe compoem dos Myſterios Doloroſos, he propriiffimamente Via Lactea: & porque. pag. 469. *uſque ad* 471. Por q̄ razãõ deu a Antiquidade a Via La-

Esta o nome derivado mais do leite, que da neve, ou da agüicena. *Ibi usque ad pag. 473.* He o Rosario terceira Via, & segura para a salvação. pag. 478. *usque ad 481.* Pela Via Láctea do Rosario subiraõ ao Ceo os mais insignes Varões da Igreja Catholica. pag. 484. & *ulterius.*

Vícios. A quantos leva ao Inferno a liberdade dos vícios. pag. 19.

Vinganças O titulo de Deos das Vinganças he o com que nas Sagradas Letras se celebra a Magistade Divina. pag. 324. E qual he a razão, & outro nove titulo, porque Deos se quiz assim chamar. pag. 325.

Virgem. A protecçõ da Virgê Maria he hum dos mais certos sinaes da Predestinaçõ. pag. 320. 321. No Ceo não só segue a Virgê Maria a Deos, para onde elle vay: mas do mesmo modo Deos segue a Virgem Maria. pag. 437 *usque ad 440.* E isto por tres razoes, ou tres modos. pag. 441. & *ulterius.* A Virgem Maria por nós faz de Deos o que quer: & ainda, quando, a nosso parecer, Deos não quizesse. pag. 450. 451.

Virtude. A virtude da Ave Maria toda, está toda em qualquer parte da Ave Maria. pag. 135 & *ulterius.* O Santos depois da morte, tanta virtude têm os seus corpos todos, & enteiros, como em qualquer parte delles. pag. 139. Nenhua virtude ha, que se não possa achar nos Mysterios da Vida de Christo, não divididos, mas juntos. pag. 209.

Voz. Ainda naturalmente ouve Deos mais as vozes, & Oações de mui-

tos, que a voz de hum só. pag. 40. As vozes, que o homem pronuncia, & não entende, rigorosamente não são humanas. pag. 242.

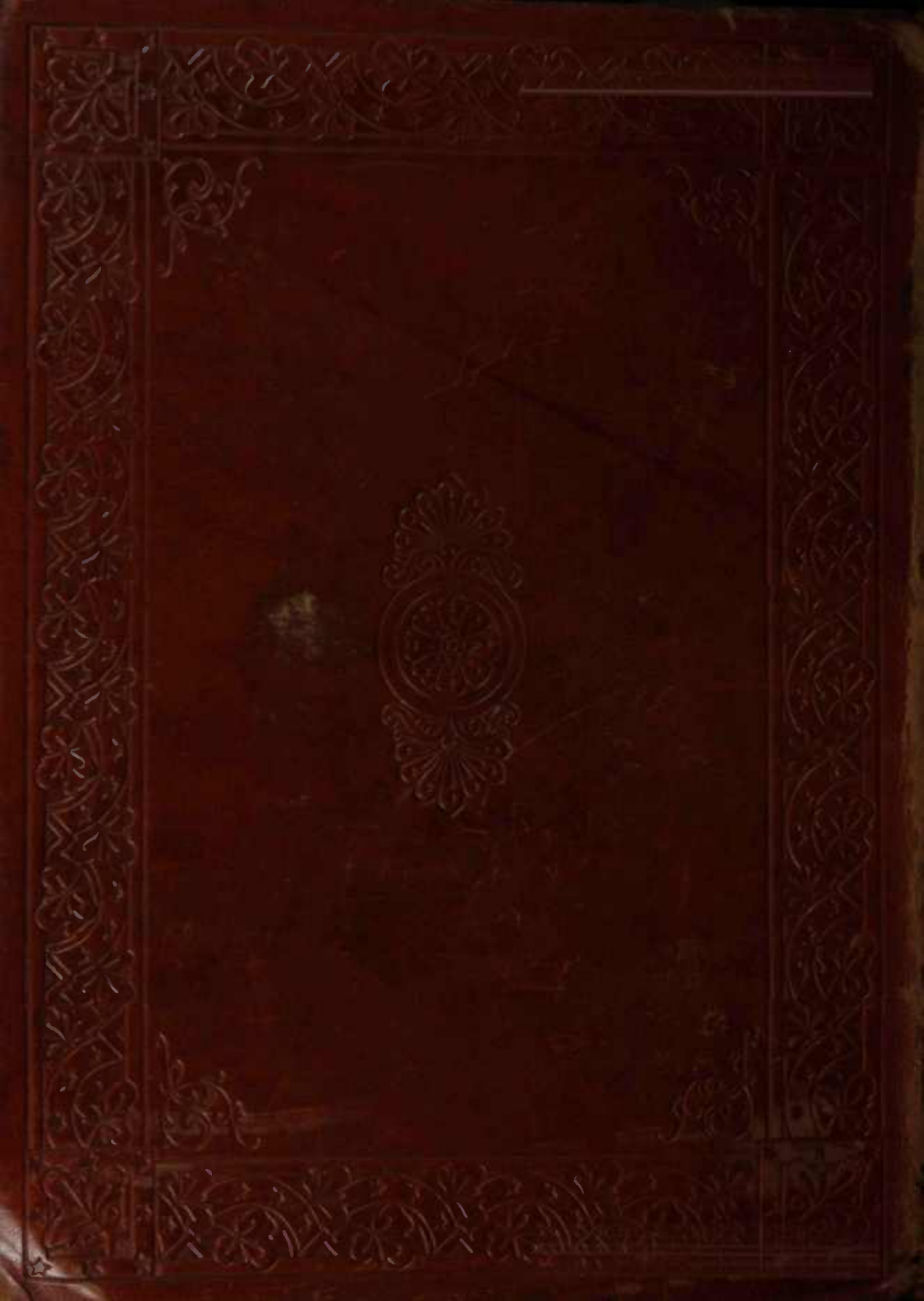
Vontade. Quanto só de para com Deos qualquer significação da vontade de sua Santissima Mãe. pag. 25. Não só por vontade de Deos, quando elle quer, tenõ tambem, quando pareceffe q não quer, leva no Ceo a Virgem Maria a Deos, & Deos se deixa levar da mesma Senhora para onde ella quer: & isso por tres razões. pag. 441. & *ulterius.* Ainda q Deos está em todos os Santos por concordia da vontade, he superior sobre todos a uniõ da vontade de Deos com a vontade da Virgê. pag. 444. Pelo Rosario levamos a Mãe de Deos, & a seu Filho, para onde queremos, fazendo nossa vontade. pag. 452. E ainda, no caso que Deos não quizesse. pag. 453. *usque ad 455.*

União. He tal a virtude da uniõ, que as mesmas cousas, que dividida são boas, se se ajuntão, & unem entre si para compor algum todo, fica muito melhor esse todo unido, que cada huã dellas. p. 203. *usque ad 210.*

Zombarias. **N**AM só zomba de Deos, mas ainda o despreza, quem obutca na Oração sem ter as atreções devidas. pag. 59. **Zodiaco** Christo, como Sol Divino, té no Rosario hu Zodiaco de quinze Signos pag. 127.

F I N I S.





BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).